

BRASILIANA

6.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 2.ª edição (aumentada).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionais do Brasil — 1.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefácio de Honorio Firsiroti). Profundamente ilustrado — 2.ª edição.
- 22 — E. Riquette-Pontor: Estudos de Antropologia Brasileira.
- 27 — Alfredo Ellis Júnior: Populações Paulistas.
- 59 — Alfredo Ellis Júnior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.

ARQUEOLOGIA E PRÉHISTÓRIA

- 34 — Angelo Cozza: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.
- 157 — Aníbal Moisés: Préhistória Brasileira — Vários Estudos — Ed. Il.
- 118 — Aníbal Moisés: Peter Wilhelms Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira. Ed. Ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Pandá Colágeras: O Marquês de Pombal — 2.ª edição.
- 11 — Luis da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. Ilustrado.
- 101 — Luis da Câmara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1753-1810) — Edição Ilustrada.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II, 2.ª edição.
- 20 — Alberto de Faria Mauá (com três ilustrações fora do texto).
- 54 — Antônio Goulão de Carvalho — Colôgeras.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 73 — Lúcia Miguel Pereira: Machado de Assis — (Estudo Crítico Histórico) — Edição Ilustrada.
- 79 — Cravinho Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1859.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Sotahua do Primeiro Império — Fret. Cancea — Edição Ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. Ilustrada.
- 89 — Heli Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 114 — Carlos Sussekind de Mendonça: Sílvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1911-1918 — Com uma Introdução bibliográfica — Ed. Ilustr.
- 119 — Sal Menacuel: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Ed. Ilustrada.

- 120 — Pedro Calmon: O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II — Edição Ilustrada.
- 123 — Heitor Lyra: História de Dom Pedro II — 1825-1891. Vol. 1.º: "A renção" — 1875-1876 — Ed. Il.
- 133-A — Heitor Lyra: História de Dom Pedro II — 1876-1891. 2.º Volume "Fúlgido" (1870-1880) Ed. Ilustrada.
- 135 — Alberto Pizarro Jacobina: Dias Carnelo (O Consecrador) — Ed. Il.
- 136 — Carlos Pontes: Tavares Bastos (Abreolano Cândido) 1830-1874.
- 140 — Hermes Lima: Tobias Barreto — A Poesia e o Homem — Ed. Ilustr.
- 143 — Bruno de Almeida Magalhães: O Visconde de Abaeté — Ed. Ilustr.
- 141 — V. Corrêa Filho: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro. — Ed. Ilustrada.
- 153 — Mário Mattos: Machado de Assis (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). Ed. Ilustr.
- 157 — Otávio Tarquínio de Souza: Evaristo da Veiga — 1.º vol. da série "Homens da Bênção". Edição Ilustrada.

BOTANICA E ZOOLOGIA

- 74 — F. C. Hoeber: Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI — (Pesquisa e conclusões).
- 75 — C. de Melo-Lencina: Zoologia do Brasil — Edição Ilustrada.
- 93 — C. de Melo-Lencina: A Biologia no Brasil.

CARTAS

- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Ed. Ilustrada.
- 75 — Rui Barbosa: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas. Prefacadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. Ilustrada.
- 61 — Corde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, rememradas por Max Fleuss) — Edição Ilustrada.
- 103 — Georges Rodgers: D. Pedro II e o Conde de Gohseon (Correspondência inédita).
- 142 — Francisco Venâncio Filho: Euclides da Cunha e seus Amigos — Edição Ilustrada.

DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: *Evolução da Economia Paulista e suas Casas* — Edição Ilustrada.
- 100 e 100-A — Roberto Simonsen: *História Econômica do Brasil* — Ed. Ilustrada em 2 tomos.
- 162 — J. F. Norman: *Evolução Econômica do Brasil* — Tradução de T. Quatim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
- 165 — Leonis Brito: *Pontos de partida para a História Econômica do Brasil*.
- 160 — Luis Amaral: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 1.º volume.
- 162 — Bernartina José de Souza: *O Pau-Brasil na História Nacional* — Com um capítulo de Atlas Nôta e parecer de Oliveira Vianna. Edição Ilustrada.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moneir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a história da Educação no Brasil) — 1.º volume — 1873-1883.
- 87 — Primitivo Moneir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1883.
- 98 — Fernando de Azevedo: *A Educação Pública em São Paulo* — Problemas e discussões (Inscrito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 121 — Primitivo Moneir: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1884-1889.
- 147 — Primitivo Moneir: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1839 — 1.º vol. Das Amazonas às Alagoas.
- 147-A — Primitivo Moneir: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1839 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.

ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição
- 6 — Batista Pereira: *Valores e episódios do Brasil* — 2.ª edição.
- 26 — Alberto Rangel: *Ramos e Perspectives*.
- 41 — José Maria Belo: *A inteligência do Brasil* — 3.ª edição
- 43 — A. Saboia Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
- 56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penha.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: *Conceito de Civilização Brasileira*.

- 82 — C. de Melo-Leitão: *O Brasil Visto Pelos Ingleses*.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: *A Província* — 2.ª edição.
- 161 — A. C. Tavares Bastos: *Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro* — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: *Estudos Paulista* — Edição Ilustrada.
- 150 — Roy Nash: *A Conquista do Brasil* — Tradução de Moisés N. Vasconcelos — Edição Ilustrada.

ETNOLOGIA

- 20 — E. Roubette Pinto: *Itandônia* — 1.ª Edição (numerada e ilustrada).
- 41 — Estevão Pinto: *Os Indígenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mapas) — 1.ª Tôm.
- 112 — Estevão Pinto: *Os Indígenas do Nordeste* — 2.ª Tôm (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 50 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guaraní.
- 60 — Emílio Riccazeau: *A vida dos índios Goacurus* — Edição ilustrada.
- 76 — Afonso A. de Freitas: *Vocabulário Nheengatú (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guaraní* (com 3 ilustrações fora do texto).
- 82 — Almirante Antonio Alves Câmara: *Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas da Brasil* — 2.ª edição Ilustrada.
- 161 — Herbert Baldi: *Ensaio de Etnologia Brasileira* — Prefácio do Afonso de E. Tannay — Edição Ilustrada.
- 139 — Antônio Costa: *Migrações e Cultura Indígena* — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. Il.
- 151 — Carlos Fe. Phil. Von Martius: *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros* (1841) Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva. Ed. Ilustrada.
- 163 — Major Lima Figueiredo: *Índios do Brasil* — Prefácio do General Rondon — Edição Ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 — Mário Marroquim: *A língua do Nordeste*.
- 46 — Renato Mendonça: *A influência africana no português do Brasil* — Ed. Ilustrada.
- 164 — Bernardino José de Souza: *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil* — 1.ª edição do "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".

FOLCLORE

- 87 — Flávia Rodrigues Vale: *Elementos do Folclore Musical Brasileiro*.
- 103 — Sousa Carneiro: *Mitos Africanos no Brasil* — Edição Ilustrada.

GEOGRAFIA

- 50 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. Ilustrada, 2.^a edição.
- 55 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 55 — A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. Ilustrada — 2.^a edição.
- 55 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinâmica.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 63 — Raimundo Moraes: Na Planície Amazônica — 1.^a edição.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição Ilustrada.
- 66 — Aurelio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. Ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco — Edição Ilustrada.
- 97 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 104 — Acácio Lima: Anatómia — A Terra e o Homem — Introdução à Antropogeografia).
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.^a edição.
- 108 — Gustavo Dodi: Descrição dos Rios Paraíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. Il.

GEOLOGIA

- 102 — S. Fróes Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 134 — Pandiá Calógeras: Geologia Econômica do Brasil — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.^o. Distribuição geográfica dos depósitos minerais. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.^a edição (Ilustrada).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da História do Brasil, 2.^a Ed.
- 14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.^a edição.
- 40 — Pedro Calmon: História do Brasil — 1.^o Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.^a edição. Ilustrada (com 13 gravuras).
- 83 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 2.^o Tomo — Espírito da Sociedade Imperial. Ed. Ilustrada.
- 15 — Pandiá Calógeras: Da Recôncavo à queda de Bezas — 3.^a volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandiá Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 3.^a edição (com 3 mapas fora do texto).
- 23 — Evêncio de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 85 — Alfredo Ellis Júnior: O Bandeirismo Paulista e o Recôncavo Meridional — 2.^a edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. Ilustrada), 2.^a edição.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Mauil.

- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas baianos.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar do Brasil — Ed. Ilustrada, (com 60 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: História secreta do Brasil — 1.^a parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição Ilustrada, 1.^a edição.
- 61 — Gilberto Freyre: Sobrados e Marmellos — Desvendando patriarcal e rural no Brasil — Edição Ilustrada.
- 69 — Paulo Nunes: Através da História Naval Brasileira.
- 89 — Comend. A. Loureiro de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 93 — Serafim Leite: Páginas da História do Brasil.
- 94 — Silvério de Vasconcelos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Ilustrada.
- 103 — Pedro Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Serões pronunciados por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Luiz: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.^a edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil em 1587 — Comentários de Francisco Adalberto Vranhagen — 3.^a edição.
- 123 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição Ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padreado e a Igreja Brasileira.
- 127 — Ernasto Lopes: As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua história) 1.^o Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Três Negras" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Afrânio Coutinho José de Melo: O Governo Provisório e a Revolução de 1593 — 1.^o Vol. em 2 tomos.
- 132 — Sebastião Pagano: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1517 — Edição Ilustrada.
- 146 — Aurélio Paro: Homens e fatos de meu tempo.
- 149 — Alfredo Valadão: Da arremação à materialidade, 1522-1810 — 2.^a edição.
- 155 — Walter Spalding: A Revolução Farrapoilha (História popular de grande decênio — 1835-1845 — Edição Ilustrada.
- 159 — Carlos Schiller: História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1835 — Trad. de Alfredo de Carvalho. Prefácio de Sílvio Cravo.

MEDICINA E HIGIENE

- 23 — Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.^a edição.
 51 — Otávio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
 129 — Afrônio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geográfica a civilização brasileira.

POLITICA

- 3 — Alcides Gentil: As idéias de Alberto Torres — (Análise com índice remissivo) — 2.^a edição.
 7 — Batista Pereira: Diretrizes do Rui Barbosa — (Segundo textos esboçados).
 21 — Batista Pereira: Pelo Brasil Maior.
 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro. 2.^a edição.
 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional. 2.^a edição.
 24 — Pandá Cológeras: Problemas de Administração. 2.^a edição.
 67 — Pandá Cológeras: Problemas de Governo — 2.^a edição.
 71 — Pandá Cológeras: Estudos Históricos e Políticos — (Res Nostra...) — 2.^a edição.
 81 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise atual.
 50 — Mário Traversos: Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandá Cológeras — 3.^a edição ampliada.
 65 — Hildebrando Accoly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.
 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Município — Ed. ilustrada.
 96 — Ovídio da Rocha Diniz: A Política que contém ao Brasil.
 116 — A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitário 3.^a edição.
 122 — Fernando Sabola de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
 131 — Hildebrando Accoly: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
 141 — Oliveira Vianna: O Idealismo da Constituição — 2.^a edição aumentada.

VIAGENS

- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. de prof. de Afonso de E. Taunay. — 2.^a edição.

- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem à Província de Santa-Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
 65 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens nas nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.^o tomo Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lencastre.
 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens nas nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.^o tomo Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lencastre.
 12 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
 128 e 129-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lencastre.
 19 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII), 2.^a edição.
 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 4.^a edição.
 32 — C. de Melo-Letão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada (com 19 figuras).
 62 — Agostinho Augustão de Miranda: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.
 75 — Luiz Aguiar e Elizabeth Cary Aguiar: Viagem ao Brasil — 1853-1857 — Trad. de Edgard Guarnier de Mendonça. Edição ilustrada.
 113 — Castro Cruz: A Amazônia que eu Vi — Óbidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.^a edição.
 118 — Von Spix e Von Martius: Através da Bacia — Excerpts de "Relatório Brasileiro" — Tradução e notas de Pinanga do Silveira e Paulo Wolf.
 120 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Oriental — Ed. Ilustrada.
 145 — Sileira Neto: Do Ceará aos Saltos de Iguaçu — Ed. Ilustrada.
 166 — Alfred Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Ruyillo Magalhães.
 161 — Rev. de Rubim: Reservas de Brasilidade — Edição Ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 119/120 — São Paulo

Dicionário da Terra e
da Gente do Brasil

2081

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA

Ministro do Tribunal de Contas — ex-Catedrático da Faculdade de Direito e de Ciências da Bahia — Secretário Perpétuo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia — Da Academia de Letras da Bahia.

Dicionário da Terra e da Gente do Brasil

4.^a EDIÇÃO

DA

"ONOMÁSTICA GERAL DA GEOGRAFIA BRASILEIRA"



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1939

PUBLICAÇÕES DO AUTOR

(Em Volume)

- I — DISCURSO DE FORMATURA. Na solenidade da colação do grau dos Bacharelados de 1904. Bahia. 1904.
- II — LIMITES DO BRASIL. Bahia. 1911.
- III — BARRIO DO RIO BRANCO. Elogio histórico pronunciado na festa do Solene do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em 3 de Maio de 1912. Bahia — 1912.
- IV — COGNOGRAFIA DO PIAUÍ. Parnaíba. 1913.
- V — A CIENCIA GEOGRAFICA. Seu conceito e suas divisões. Bahia. 1913.
- VI — POR MARES E TERRAS. Com prefacio de Theodoro Sampaio. Bahia. 1913.
- VII — NOMENCLATURA GEOGRAFICA PECULIAR AO BRASIL. 1.ª edição. Bahia. 1910. 2.ª edição. Bahia. 1917.
- VIII — O MUNICIPIO DE ABADIA. Bahia. 1922.
- IX — JOANNA ANGELICA. A primeira heroína da Independencia do Brasil. Bahia. 1922.
- X — ONOMASTICA GERAL DA GEOGRAFIA BRASILEIRA. Com Prefacio de Afranio Peixoto. 1 volume de 319 paginas. Bahia. 1927.
- XI — A BAHIA. Conferencia feita pelo autor em Belo Horizonte e S. Paulo a respeito das condições geográficas da Bahia. Bahia. 1928.
- XII — A MARGEM DA DACTILOGRAFIA. Discurso proferido na colação do grau dos diplomados da "Escola Remington Official" da Bahia, em 1929. Bahia. 1929.
- XIII — A FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA EM 1932. Bahia. 1932.
- XIV — HEROINAS BAHIANAS. Joanna Angelica, Maria Quitéria e Anna Nery. Livraria José Olympio. Editora - - Rio de Janeiro. 1936.

Dedico respeitosa e afetuosamente este livro a duas grandes saudades

meu pai e meu sôgro,

e a duas vidas caríssimas

minha mãe e minha mulher.

PREFACIO

Depois de consagrado por tres edições anteriores, algumas cem vezes augmentado ao primitivo numero de averbações, podendo dar-se ao luxo de um novo nome, como os heroes que os titulos nobiliarquicos transfiguram, este livro, ontem "*Nomenclatura Geografica Peculiar ao Brasil*", ha pouco "*Onomastica Geral da Geografia Brasileira*", agora, como deve ser pelo seu grande conteúdo de ciencia e informação — "*Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*", bem dispensa uma apresentação. O livro cresceu e se aperfeçoou, como da larva modesta vem a borboleta maravilhosa de hoje: tambem de 63 chega a 1.916 verbetes, e quanto acerto, reparo, perfeição, aqui e ali, não lhe deu a sabedoria e a experiencia do autor! Portanto, é livro mestre que se impõe sem apresentações. O autor, que esta desejou, e, portanto, a exigiu da amizade, tem consciencia disso. Não lhe cabe, pois, aquela pécha de Santo Ambrosio, a certa especie de modestia que, maliciosamente, chamou "*de anzol*" porque, si não era vaidosa, seria habil, pescava louvores, como os ingleses dizem agora, numa expressão corrente: "*fishing compliments*". Nada disso. Ao contrario. Esta apresentação condecora o apresentador, é uma indulgencia do apresentado. Não ha senão inclinar-se e obedecer.

* * *

Não corre, por isso, o livro o risco dos prologos, "*achaque antecipado*", que lhes achava o bom Frei Heitor Pinto, porque muita força terá aquilo, de um outro grande autor, o delicioso Bernardim Ribeiro, quando diz que "*o livro ha de ser o que vas escripto nelle*".

Neste, de geografia, vai uma grande história. A aparência modesta, a quem o abre, e lê umas paginas, obrigado pelo interesse e amario, dissuade logo que não é apenas, como diz, um rol de nomes. De geografia sim, com efeito, mas no seu mais amplo sentido, desde a expressão física até a applicação humana. Compendia amavelmente, com a brevidade informativa do bom gosto, erudito, exato, sóbrio, toda uma livreria, sinão uma literatura. Com efeito, nessas notas directas que dele fazem raro livro, dicionario precioso que se lê, pagina a pagina, com prazer de conhecimento e descuido de variedade, passam todos os nomes, grandes e pequenos, todas as obras, de ciencia e de arte, todas as lições de mestres, informações de viajantes, historiadores, geógrafos, antropologistas, sociólogos, políticos, poetas, que têm falado ou escrito do Brasil. E' uma revista de "Brasilidade", um compendio de estudos brasileiros.



Escrere-o o autor numa lingua culta, estudada, pura, elegante. E' isso talvez que me sugere aqui lembranças classicas. Ha um livro substancial, do santo Manoel Bernardes, de titulo convidativo: "pão partido em pequeninos". Pois é isso, tambem aqui. Pequeninos os artigos, que se lêem de pressa e, ajuda o gosto não se satisfaz, já foi tudo, e já acabou. Tanto, que se passa a outro, e mais outro. Mas, pão, substancia, de trabalho, pesquisa, erudição, comentario, com que se têm, em pouca espago, muitas noções, as melhores, as mais sisudas e acabadas. E, de pagina a pagina, se vem, de um cronista colonial que romaneia a historia, a um romancista actual, historiedor de costumes, que todos anotam, coisas da terra e da gente; e se vai do litoral ao sertão, da praia à chapada, do debruço costeiro às matas, pantanais e coxilhas fronteiriças... por essas Brasias afora, e a dentro no tempo e no espago... "Brasias" que não são apenas os antigos brasileiros, os aborigenes, como lhes chamavam os Padres da catequese, mas scrão tambem os brasileiros de hoje e scrá a mesma terra, tão grande, que o plural lhe scrá cabido, si não é ela descabida a qualquer termo.

E as trescentas paginas se ajuntam, lidas, agradaveis, distraindo e informando, corrigindo e ensinando, até volver-se a ultima, sem pressa nem fadiga. E', então que sobreveem o melhor. Traço a traço, linha de contorno delimitante, esfumado de sombra para perspectiva, resalto ou depressão, membros que se desprendem e alongam, feições que avultam e tomam expressão, tudo isto, palavras, frases, notas, verbetes, sinonimias regionais, abonações de autores, discussões filológicas, reparos geograficos, observações de costumes, vocabulos que riscam desenhos, paginas que evocam figura... tudo isto somado, fechado o livro, nos aparece com uma grande imagem, um retrato mesmo do Brasil...

Foi o que quis o autor? Foi o que fez, além do que quis. E se não o viu, na sua modestia, pensando ter apenas feito um sabio dicionario de brasileirismos geograficos, dou-me por feliz em lh'o mostrar, e aos que nos leem. Não é pouco, nem vulgar, um retrato, parecido, do Brasil. E que belo retrato!

AFRANIO PEINOTO

Advertencia preliminar

"Nomenclatura Geografica Peculiar no Brasil" em 1910 e 1917; "Onomastica Geral da Geografia Brasileira" em 1927; hoje, Dicionário da Terra e da Gente do Brasil: tres nomes diferentes para o mesmo trabalho. Não se nos censure a variação consequente da busca de um titulo mais comprehensivo dos assuntos versados: o primeiro tornou-se demasiado restrito; o segundo afigurou-se a muita gente precioso, quiçá *improprio*. Afrario Peixoto, que continúa parainfo, suggeria-nos o erisma com que sã a lume esta nova Edição das nossas pesquisas vocabolares; nas provincias da Geografia em seu mais amplo significado.

* * *

Aqui se põe por obra o compromisso assumido na "Advertencia" que precedeu à 3.^a edição, isto é, o de que continuariamos, com perseverança, a pesquisa, encorpando a coletânea de termos peculiares à geografia brasileira. Demoustra o o balancear das edições: a 1.^a Edição (1910) compendiava 63 denominações; a 2.^a (1917) registou 173, em meio das quais se alinhorani algumas de natureza antropica, não ocorrentes na primeira, a 3.^a catalogou 1.230 vocabulos ou expressões, uns de uso corrente na larga amplitude nacional, outros de trato e ouvida limitados a certas regiões, vezes até restritos a uma só das circunserições territoriais da nossa Patria. Esta 4.^a Edição abrange a definição ou explicação de 1.916 termos.

Explica-se a progressão ascendente.

A continua e persistente colheita, em leituras de livros brasileiros, das dições especiais da nossa terminologia geográ-

fica, junte-se o alto numero de vocabulos que nos foram lembrados e explicados por quantos estudiosos do Brasil generosamente apregaram a obra que realizamos.

Estimulo a mais para a jornada que empreendemos foram os gabos que mereceu a "Onomastica" de mestres consagrados nas letras nacionais: livro que nenhuma biblioteca brasileira deve dispensar (João Ribeiro); excellente livro que desperta profundo interesse (Pandiá Calogeras); trabalho utilissimo para os estudiosos da vida nacional (Oliveira Vianna); belo livro repassado de fortissimo brasileiro (Affonso de E. Taunay); livro notavel (Rodolpho Garcia); uma revista de brasilidade, um retrato, parecido, do Brasil (Afraio Peixoto).

Em verdade, já o dissemos, o campo destas investigações é muito mais vasto do que a primeira analyse se pode supor e a sua relevancia se afere pelo quadruplo interesse didatico, linguistico, social e patriotico. Em muitos vocabulos e expressões surpreende-se, não raro, a síntese dos sentimentos e da intuição, a propria alma dos varios grupos de população que se dispersara na imensidade da nossa grande Pátria; neles se retratam frequentemente as vicissitudes da história e da vida, a mentalidade de uma época e de um povo, a propria natureza em suas multiplas feições singulares e caracteristicas.

Todos os que se desvelam por tais estudos sabem, de sobrejo, que a Geografia tem a latitude de um sistema de ciências, como diria o professor castelhano Emilio del Villar, o que fez antes o profundo Karl Ritter denomina-la "Erdwissenschaft" — ciência da Terra, e, ao depois, crisma-la "Geosofia" o sabio professor de Göttingen—Herman Wagner.

O leitor verificará facilmente, num laço d'olhos pelo ról dos termos registados, ao fim do volume, a extensão que demos à lavragem que aspira a ser apenas instrumento de estudo das cousas brasileiras e que contamos chegue a produzir sápidos frutos para os seus amantes e investigadores.

Na leitura do texto, ver-se-á que foi magna preocupação nossa allora-os com trechos de autores brasileiros que os empregaram. Para tanto, não nos poupamos labores nos raras ocios que nos sobravam e davam escasso tempo e lazer para tão momentosa tarefa, em verdade encantadora para o nosso espirito profundamente brasileiro, essencialmente nacionalista.

A margem do estudo costumeiro dos livros sobre a Geografia e a História do Brasil e de seus Estados, lemos grande parte da sua literatura regional, em cujos volumes, de espaço a espaço, encontramos abundante messe de giros próprios do linguajar patrio no que tange às cousas e aos fatos geográficos, desde os estreitamente físicos até os demográficos, economicos, politicos e históricos. Nisso atendemos aos conselhos do saudoso e festejado mestre prof. João Ribeiro.

Si alguns estão desacompanhados de passos que lhes aforem a legitimidade, a razão é o serem, ora bastantemente conhecidos, ora sabidos por informações particulares, que asseguramos dignas de inteiro credito, ainda não registados, entretanto, em obras scientificas ou literarias.

Muito se fez no que tange à area geografica onde corre o uso de cada termo: para tanto foram incalçaveis os informes que recebemos nestes dez anos escaudos. Entretanto ha de haver falhas que poderão ser, de futuro, eliminadas, porque havemos de continuar a procura.



Não descabe aqui a repetição de alguns trechos da nota explicativa que fizemos preceder à 2.^a edição deste trabalho.

“A fisionomia de um país, não raro, traduz-se por certos nomes que a terminologia local, vencendo e desterrando a terminologia geral, umas vezes a supre, subsidiando-a, outras a relega ao desprezo para a substituir avantajada.

Tão evidente isto se nos revela, que todo país possui um vocabulário geográfico, que se lhe acomoda e une como attributo essencial e individualizador. É-lhe proprio, exclusivo. Delinea-se rasgadamente patriótico, de fruição quasi exclusivista, dir-se-ia até egoista. A constante estacada ante o enlço das denominações locais e termos essencialmente brasileiros no batismo de accidentes ou cousas geográficas, fez brotar em nosso espirito a idéa de trazer-las a lume numa coordenação facilitadora e sintética. O quadro, por mais que se lhe estirasse o formato, não está acabado: faltam-lhe varios toques, que oportunamente se lhe aditarão. Não é labor de enlevar olhos e deslumbrar intelligencias, por bem versado e de todo o ponto

discreto. Não lhe acode a mercê de um estilo limado; es-
quiva-lhe o favor, o aviso do saber, praticado alheio de quem
desenhou o que se segue. Ao revés, ajustam-se-lhe na defesa
e excusa o esforço e a sinceridade do desejo de um antigo Pro-
fessor que timbra em colocar uma pequena pedra no edificio
da Geografia Nacional. De original apenas o pensamento de
coligir os têrmos esparsos nos diversos trabalhos sobre o Brasil,
além de alguns, por dizê-lo inéditos, dando-lhes a verdadeira
e usual acceção. E por isto, julgamos, não se lhe poderá
retirar o preço, por pequeno que seja, sobretudo à claridade
de alguma justiça e generosidade para com o mais desvalido
cultor da Geografia Patria”.

* * *

Segue-se agora o registo e assento dos trabalhos que, mais
à mão, nos serviram de mananciais para a messe dos têrmos
registados: assim também, com os nossos mais vivos agradece-
mentos, dos nomes daqueles que de qualquer sorte, nos auxi-
liaram no elaborar e conectar esta modesta contribuição.

AFFONSO DE E. TAUNAY — Lexico de Lacunas (1914) Voca-
bulário de Omissões (1924) Collectanea de Falhas (1927).

AFRANIO PEIXOTO — Brasilismos. (Collectanea publicada na
Revista de Filologia Portuguesa, ns. 6, 7 e 8).

ALFREDO MOREIRA PINTO — Apontamentos para o Diccionario
Geographico do Brasil (1899).

AMADEU AMARAL — O Dialecto Caipira (1920).

ANTONIO ALVES PEREIRA CORUJA — Collecção de Vocabulos
e Frases usados na Provincia de São Pedro do Rio Grande do
Sul. (Publicada na Rev. do Instituto Historico e Geographico
Brasileiro — Tomo XV (1852).

ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES — Diccionario
Brasileiro de Lingua Portuguesa, publicado nos Annaes da
Bibliotheca Nacional Vol. XIII (1888).

ANTENOR NASCENTES — O Linguajar Carioca em 1922.

BAPTISTA CAETANO — Vocabulario das palavras guaranis.

BAPTISTA DE CASTRO — Vocabulario Tupy-Guarany (1936).

BARÃO DE ANGRA — Diccionario Maritimo Brasileiro (1877).

- BARBOSA RODRIGUES — Vocabulario indigena comparado.
- BEAUREPAIRE-ROHAN — (Visconde de) — Diccionario de Vocabulos *Brasileiros* (1889).
- BRAZ DA COSTA RUBIM — Vocabulos Indigenas e outros introduzidos no uso vulgar.
- CARLOS TESCHAUER — Novo Diccionario Nacional (1928).
- E. STRADELLI — Vocabularios da Lingua Geral Portuguez-Nheéngatú e Nheéngatú-Portuguez (1929).
- FERNANDO SÃO PAULO — Linguagem Medica Popular do Brasil (1936).
- JACQUES RAIMUNDO — O Elemento Afro-Negro na Lingua Portugueza (1933) e Vocabularios indigenas da Venezuela (1934).
- J. ROMAGUERA CORRÉA — Vocabulario Sul Rio-Grandense (1898).
- JOÃO BORGES FORTES — O Tupi na Chorographia do Rio Grande do Sul (1936).
- JOSÉ VERISSIMO — As populações indigenas da Amazonia (Na Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro).
- LUIZ CARLOS DE MORAES — Vocabulario Sul- Rio-Grandense (1935).
- NELSON DE SENNA — Toponymia Geographica Brasileira (Na Revista de Lingua Portugueza).
- OSVALDO ORICO — Vocabulario de Crendices Amazonicas (1937).
- PAULINO NOGUEIRA — Vocabulario indigena em uso na Provincia do Ceará (Na Rev. do Inst. do Ceará — 1887).
- PLÍNIO AYROSA — Diccionario Portuguez-Brasileiro e Brasileiro-Portuguez (Reimpressão — 1936). O Caderno da Lingua ou Vocabulario Portuguez-Tupi de Frei João de Arronches.
- RAYMUNDO MAGALHÃES — Vocabulario Popular (1911).
- RAYMUNDO MORAES — O meu Diccionario de Cousas da Amazonia (1931).
- RODOLPHO GARÇA — Diccionario de Brasileirismos (Peculiaridades pernambucanas — 1915) Nomes Geographicos Brasileiros (Na Revista da Lingua Portugueza).
- ROQUE CALLAGE — Vocabulario Gaúcho (2.^a ed. 1928).
- SOUZA DOCCA — Vocabulos Indigenas na Geographia Rio Grandense (1925).

THEODORO SAMPAIO — O Tupi na Geographia Nacional (3.^a ed. 1928).

VICENTE CHERMONT DE MIRANDA — Glossario Paraense (1905).

Para o estudo comparativo dos vocabulos registados recorreremos às luzes de sabidos e sabios vocabularistas da America do Sul e da peninsula Iberica, dentre os quais assinalamos os nomes de Daniel Granada, Lisandro Segovia, Zorobabel Rodrigues, Ricardo Palma, Gustavo Lemos, Lisandro Alvarado, Lafonc Quevedo, Vicente Rossi, Gabriel Vergara Martin e tantos outros .

Muito respigamos nos vocabulários anexos às obras literarias de Cornelio Pires, Valdomiro Silveira, Leonardo Vota, Catullo Cearense, Gastão Cruz, Vieira Pires, Darcy Azanbuja e outros. Foram-nos ainda de inestimavel preço as achegas que encontramos nas coleções das Revistas dos Institutos Historicos e Geográficos do Brasil e dos Estados, nos Anais da Biblioteca Nacional, nos Arquivos do Museu Nacional, na Revista da Academia Brasileira de Letras, na Revista de Philologia Portuguesa, na Revista de Lingua Portuguesa, admiravel repositório de fatos da lingua, e em muitas outras publicações periodicas .

Do professor Dr. Eruesto Carneiro Ribeiro Filho, designado continuador de maior tradição filologica nacional, devemos muitos avisos e conselhos a respeito de varios fatos linguisticos aqui esboçados.

Quando foi pela publicação da 3.^a Edição desta Coletânea registamos, ao fim da "Advertencia", os nomes dos illustres confrades que nos deram larga copia de informes: Barão de Studart, Marechal Gabriel Botafogo, Gustavo Barroso, Padre Geraldo José Pauwells S. J., Vicente Licio Cardoso, Affonso Costa, Arnaldo Vianna, Arnaldo Pimenta da Cunha, Epaminondas Berbert de Castro, Manoel Affonso da Cruz, Themistocles Amor, Macambyra Monte-Flores, Ruy Penalva, Magalhães Netto, Hermano de Sant'Anna, Deraldo Dias de Moraes e Sebastião de Queiroz Couto.

Publicada a "Onomastica", alistaram-se na coorte dos colaboradores, brasileiros illustres de todos os quadrantes, dentre

os quais citaremos os nomes laureados de Pandiá Calogeras, Pires do Rio, Arthur Neiva, Sud Mennucci, Plínio Ayrosa, José Americo de Almeida, Alcide Jubé, José de Mesquita, Mario Melo, Paulo Eleuterio, Henrique Jorge Hurley, Antonio Lopes, General Borges Fortes, Carlos Chiacchio, e tantos, tantissimos outros. De todos e de cada um recebemos achegas, informações, reparos e corrigendas que, nesta Edição, foram incorporados ou atendidos. Dezenas de cartas constituem excelente documentário deste livro que é, sem duvida, opimo fruto de cooperação intelectual.

E nisso, certamente, está o seu maior valor. a sua grande estima.

Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1939.

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA

A

Abacaxi: segundo lemos no "Vocabulario Pernambucano" de Pereira da Costa, assim eram denominados os negros escravos que, no periodo da campanha abolicionista, fugiam ou eram mandados para o Ceará, onde a abolição se fizera em 1884.

Abaixador: termo empregado pelo Almirante Alves Camara em seu livro — "Pescas e Peixes da Bahia", pag. 20, registado por A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas", designativo dos homens que mergulham para verificar se nas rêdes de pescaria ha bastante peixe preso. E' corrente no linguajar dos pescadores.

Aberta: termo usado na Amazônia que apelida, segundo V. Chermont, o lugar em que o campo, rompendo o mato marginal, vem até a beira do rio. Na Bahia e no sul do Brasil, usa-se o nome *abertião* para designar uma grande clareira na mata. Nelson de Senna em sua "Toponymia Geographica Brasileira" (Revista de Língua Portuguesa, n.º 26, pag. 165) informa que, em Minas Gerais, "pode tambem designar um rasgão de mato, intervalado, formando uma abertura ou passagem, renteando uma serra": com o mesmo sentido já ouvimos empregado na Bahia, em Sergipe e em S. Paulo segundo Sud Mennucci. No sul da Bahia também se diz *aberta* a parte cultivada da floresta, para pasto ou lavouras.

Abicadouro: registado por Teschauer, que o colhe: nas "Ideas de Jeca Tatú" de Monteiro Lobato, com o significado de "lugar da margem onde a embarcação pôde ou costuma tocar ou tomar terra".

Abrilada: assim se denominam na História do Brasil os motins políticos de 12, 13 e 14 de Abril de 1832 que aconteceram em Pernambuco. Segundo faz notar Pereira da Costa já anteriormente a essas ocorrencias tiveram o nome de *abrilada* as prisões noturnas em a noite de 6 de Abril de 1818, que fizeram debulhar em lagrimas mais de sessenta familias pernambucanas.

Acceiro: além de empregarmos este vocabulo no sentido genuinamente português do terreno capinado ao redor da roçada que vai

ser queimada, "faixa de terra arroteada dentro ou em volta das herdades, para evitar a comunicação do fogo ou facilitar o transito de carros" (C. Figueiredo — 1.^a ed.). No sertão septentrional de Goiás assim se diz de uma pequena queimada que os viajantes fazem no campo, em pontos indeterminados da sua travessia, para descanso proprio ou da cavallada. Foi a informação que nos deu o Dr. Otto Philoereon, orgão do ministerio publico baiano em comarcas lindadeiras com o Estado de Goiás (Artigo no "Diario de Noticias" de 15-10-1937). Em carta de 26 de Outubro de 1929 o Dr. Alcide Jubé, Professor do Liceu de Goiás, nos enviou o seguinte informe a respeito do sentido desta palavra no seu Estado: limpeza feita em volta de uma cerca de arame, medindo mais ou menos um metro de distancia para cada lado, tendo em vista protege-la contra o fogo por occasião das queimadas. O mesmo sentido no Estado do Rio de Janeiro.

Achadouro: denominação adotada pelo "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", criado no Brasil pelo Decreto-Lei n.º 25 de 30 de Novembro de 1937, para designar os sitios onde são encontrados vestígios do passado prehistórico. Em exposição feita ao Ministro da Educação e Saude Publica a respeito dos trabalhos que deviam ser executados, no cerrar do ano de 1938, diz o seu Director, Dr. Rodrigo M. F. de Andrade: "Levantamento topografico dos "achadouros" de material arqueologico e etnografico existentes no país e execução de obras de proteção aos mesmos", particularmente no Estado do Pará".

Acciolyismo: registado por Affonso Taunay em seu "Lexico de Lacunas", onde se lê: "Pittoresco neologismo da imprensa brasileira, que designa a monopolização de cargos publicos por uma familia dominante na politica (De Accioly, nome proprio)". Este Accioly não é outro senão o Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly, que por três vezes exerceu a Presidencia do Estado do Ceará (1896-1900, 1904-1908, 1908-1912) e por longos anos chefou a politica desse Estado.

Açoite de rio: expressão usada pelos *garimpeiros* das Lavras Diamantinas da Bahia para designar a parte do rio correspondente ao fim de uma curva ou volta; é o trecho do curso da agua, onde se efectua maior sedimentação das terras erodidas em virtude da diminuição da correnteza. A origem deste dizer se prende, provavelmente, à impressão que os *garimpeiros* têm de que o rio *açoita* (erosa) o lado côncavo da margem, depositando os materiais que desgasta, na margem convexa, fenómeno este proprio de todos os rios. A riba côncava, em geral abrupta, é chamada *de crosão*; a convexa, em regra alongada, chama-se *de deposito*.

Açude: termo que, no nordeste, tem uma accepção própria, diferente da em que geralmente se emprega, isto é, significa vazante onde o sertanejo faz a sua cultura, à medida que o nível da agua

represada vai baixando. E' o que nos ensina o Dr. Arrojado Lisboa em sua "Conferencia — O Problema das Seccas — "realizada na Biblioteca Nacional a 23 de Agosto de 1913, no seguinte passo: "E' conveniente lembrar aqui que nós de outros Estados difficilmente comprehendemos as coisas do Nordeste. Independentemente de outras razões, a isso se oppõe, por vezes, a variabilidade da significação dos proprios termos. Quando, aqui no Sul, pronunciamos a palavra *açude*, a imagem que se forma em nossa mente é a de um lago artificial, cheio d'agua, de nivel constante todo o anno e de onde invariavelmente se desvia o liquido para tecar uma roda ou moíno. Para o homem do Nordeste a palavra tem significação muito differente que, sem explicação, ninguém no Sul, será capaz de comprehender. Para o sertanejo a imagem que vem á mente ao enunciar a palavra é muito outra. E' justamente a opposta, a da vazante onde faz a sua cultura". (Annuaire da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1913, Vol. XXXV Pag. 140). José Luiz de Castro, em artigo publicado na "Revista Trimestral do Instituto do Ceará" Tomo XLII-1928, faz judiciosa ponderação a respeito do que escreveu Arrojado Lisboa: "Com effeito, aqui facilmente se distingue *açude* de *vazante*: uma barragem com alguns milhões de metros cubicos d'agua a montante, — o *açude*; e, além da agua ou ás suas margens, o terreno humido e humoso deixado pelo recuo della — a *vazante*. Penso, entretanto, que o Dr. A. Lisboa quiz dar a suggestão, a visão psychologica, mental, que nos occorre á simples enunciação da palavra". Vem de molde lembrar que *açude* é palavra de origem arabe — *assode*, já usada por João de Barros — "Decada III, fol. 244 ("Vestigios da Língua Arabica em Portugal etc." por João de Souza e José de Santo Antonio Moura — Lisboa — 1830). Usa-se no nordeste o diminutivo — *açudeco* — (José Americo de Abreia — "A Bagaceira" — Glossario).

Acurisal: bosque de acuris, especie de palmeira basta, de pequena altura e grandes folhas, peculiar das terras de Mato Grosso. A pag. 134 das "Viagens e Caçadas em Mato Grosso" do Comandante Pereira da Cunha, encontramos o seguinte trecho: "Eu e o Nelson nos apenmos, e o Gomes, montado num burro, acompanhou-nos pelo *acurisal* a dentro para assistirmos a acuação, cujo barulho era grande".

Adjunto: termo usado em Pernambuco, Ceará e sul da Bahia, para designar a reunião de vizinhos para um trabalho comum. A pag. 67 da "Terra de Sol", de Gustavo Barroso, lemos o seguinte trecho: "Nos trabalhos dos roçados, brocas, quebras, queimas, e limpas; na apanha do feijão, na quebra do milho, no desmancho da mandioca, fazem-se os *adjuntos*. Reunem-se todos os vizinhos em casa daquele que precisa fazer qualquer desses serviços... E, assim, auxiliando-se mutuamente, vencem todas

as dificuldades". Extensa sinonímia tem esta palavra: vide em *Muzirão*.

Agarrado: espaço angusto, apertado estreito entre pedras das grutas ou grotas. Empregou-o Afranio Peixoto, à pag. 204 da "Bugrinha" (2.^a ed.): "...Nessa faina, entre miseria e esplendor, a epopéa sobrehumana do rompedor das grutas, que rasteja pela solapa das grotas, entre pedras apertadas, espaços angustos, através dos quaes um corpo esguio já não pode passar, que tem antepostos a agua que sangra das profundezas da lapa, os jaracussús ou lacráias acoitadas nos ninhos da rocha, e os tem de vencer, como puder, a unha, a dente, a faca, prosseguindo sempre além dos agarrados, pois que lhe não é mais licito volver atrás, de onde vem vindo os outros, que, se elle para, o rompedor, impelem-no por diante, furando-lhe os pés, a agulhão, queimando-os a candeia ou resina arêta, para que, sempre em frente, contra tudo, contra a mesma impossibilidade da natureza das pedras, que de si recusam ser violadas, as viole e vença finalmente conquistadas..."

Agregado: na Bahia e Estados vizinhos para o norte assim se chama ao trabalhador dos engenhos de açúcar e fazendas, que mora nas terras do proprietario, cultivando-as mediante certas condições, dentre as quais a de dar alguns dias de trabalho remunerado ao dono da terra. Em Pernambuco, segundo Pereira da Costa, denomina-se *morador* ou *morador de engenho*, do qual deu uma exacta descrição L. F. de Tollenare, em 1817. Alfredo Brandão, à pag. 218 da sua "Viçosa de Alagôas", ao fazer a descrição perfeita da vida de um engenho, esereve: "... com elle, o trabalhador, pode o senhor de engenho contar nas differentes épocas do anno. Apesar de trabalhar alugado e prestar o seu concurso ao engenho, ainda dispõe de algum tempo para lavar o seu roçado e plantar os cereaes mais necessarios. Possui um cavallo, cria o seu porco e as suas gallinhas e tem ainda uma cabra que lhe fornece o leite para alimentar as creanças". No Rio Grande do Sul, informa Callage que é pessoa pobre que, em falta de campo proprio, se estabelece em estancia alheia, com licença do respectivo proprietario e mediante certas condições. Tratando do dominio rural nos tempos coloniais (Populações Meridionaes do Brasil), Oliveira Vianna traça o perfil dos *agregados*, "differentes dos escravos pela sua origem ethnica, pela sua situação social, pela condição economica e pela sua residencia fóra da casa senhorial". "São uma sorte de colonos livres". "Habitam fóra do perimetro das senzalas, em pequenos lotes aforados, em toscas choupanas, circundantes ao casario senhorial, que, do alto de sua colina, os centraliza e domina. Da terra fértil extraem quasi sem nenhum trabalho, o bastante em caça, frutos, cereaes, para viverem vida frugal e indolente. Representam o tipo do pequeno produtor consumi-

dor, vegetando ao lado do grande produtor fazendeiro". Teschauer, citando Saint-Hilaire e Alberto Rangel, informa que, em Minas Gerais, "*agregados* eram os homens que o rei queria favorecer, e que andavam no exercito pagos como os officiaes, sem pertencerem a um regimento". Ainda hoje, na linguagem militar, é comum o uso do termo *agregados* para designar officiaes que excedem do quadro normal das diferentes armas de que se compõe o exercito (Infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia). No sertão de Ituaçu e Brumado (Bahia) *agregado* é chamado *camarada* — trabalhador de roça.

Agreste: nome de uma das zonas geográficas em que se dividem os Estados brasileiros do nordeste, entre a costa e o sertão, em geral de solo pedregoso e de vegetação baixa, de pequeno porte. Cândido de Figueiredo registra o termo como brasileiro e, segundo o parecer de M. Soares, significa litoral, por opposição ao sertão, o que é evidentemente engano. Em quasi todos os trabalhos geograficos a respeito do nordeste encontramos a palavra *agreste* designativa da região que, para o interior, succede à da costa. Tavares de Lyra, em seu minudente estudo sobre o Rio Grande do Norte (no Dicc. Hist. Geog. e Ethnog. do Brasil, comemorativo de Primeiro Centenario da Independencia), ao fazer o resumo do aspecto fisico do Estado, diz: "Em resumo: ha a zona do litoral, baixa e arenosa; a do *agreste* cheia de valles frescos, essencialmente agricola; a dos taboalheiros aridos que a separam das catingas já agricultaveis e creadoras, e que se estendem ao alto sertão accidentado, recortado de serras..." E o grande Euclides da Cunha, tracejando o quadro empolgante do interior da Bahia, escreveu: "Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquelle ultimo rio (o rio Jacuicy) está-se em pleno *agreste*, no dizer expressivo dos matutos: arbuseulos quasi sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, isolados, cereus rigidos e silentes, dando ao conjuncto a apparencia de uma margem de deserto". (Os Sertões. 2.^o ed. 1903. Pag. 13). Philipp von Luetzelburg, tratando da vegetação xerófila do Nordeste, estuda minudentemente os *agrestes* e diz: "A expansão no Nordeste é geral; a maior area acha-se no norte do Estado do Piauhy. Os *agrestes* differem das vegetações restantes do Nordeste semi-arido pelo seu habito e o seu *habitat*. Cobertos no solo de relva e palmeiras rasteiras, raramente se encontram arbustos xerophilos e caetaceas, e permitem facil transitio. O solo é geralmente pedregoso, duro ou arenoso. Humus não existe de especie alguma". Este eminente botanico apresenta tambem, no vol. III do seu trabalho uma lista dos "componentes dos *agrestes*, typicos, da vegetação semi-arida do Nordeste" (Estudo Botanico do Nordeste. Vol. 3.^o Pag. 25).

Já Alfredo de Carvalho havia mostrado o erro de Macedo Soares à pag. 71 das suas "Phrasas e Palavras". Não raro, ainda encontramos o nome de *agreste* para designar a zona de campos gerais e também a gramínea que medra nessas terras.

Agua-branca: expressão usada na Amazônia para designar as agüas dos rios ricas em sedimentos. Vimo-la empregada por Adolpho Ducke no seguinte passo: "Descendo os riachos até o ponto onde as marés levam, de subida, alguma *agua branca* (rica em sedimentos) do Rio Amazonas, a vegetação ribeirinha modifica-se por completo e a mata assume o aspecto da de certos rios menores do estuário amazonico..." (Relatorios das comissões desempenhadas pelo Chefe da Secção de Botanica, Adolpho Ducke, na região amazonica, durante os anos de 1919 a 1928. "Rodriguecia" Revista do Instituto de Biologia Vegetal etc. Anno 1.º n.º 1).

Aguaçal: a'gadiço temporario que se forma nos terrenos baixos, após grandes aguaceiros ou chuvas abundantes. Diz Rodolpho Garcia que se usa em Pernambuco. Empregado por Francisco Pereira nos "Poemas Amazonicos", à pag. 85:

*"Sobre as folhas bizarras, esquisitas,
Que no extenso aguaçal boiam, dispersas..."*

Neste sentido, porém, é também usado em Portugal.

Aguaceirada: successão de grandes aguaceiros. É termo corrente no recôncavo da Bahia (Informação de Arthur Neiva).

Aguada: Rodolpho Garcia diz significar "lugar em que se provêm d'agua os viajantes; em geral pequenas construções à beira dos caminhos", e afirma ser termo geral. Na Bahia, porém, o termo *aguada* designa, nos sertões do Nordeste, os sitios em que se cavam as *cacimbas* ou se encontram poços e fontes que servem de bebedouro para o gado. É frequente ouvir-se a expressão: "fazenda de boas aguadas". Callage ensina que, no Rio Grande do Sul, é o lugar em que se levam os animais para beber; bebedouro; aquellos campos são de boas aguadas - diz-se em relação ás *estancias* que possuem boas vertentes e arrosos".

*"Nos meus puges há cochilhas
E campinas ajornadas
Cheias de gado e tropilhas,
Bom pasto e boas aguadas".*

(Piá do Sul. "Gaúchadas e Gaúchismos" — Pag. 132).

Agua-emendada: nascente ou *desaguadouro* comum de dois ou mais rios pertencentes a bacias diferentes. É termo muito usado em Goiás e no pante da Bahia, onde se desenha a mais soberba feitura dessa natureza, que importa a indeterminação da linha

do divisor das águas entre duas vertentes. Exemplo frisante deste acidente é a lagoa do Varedão, antiga Varzea Bonita, situada no Município de Santa Rita do Rio Preto, na zona chamada de Jalapão a Noroeste da Bahia, nas chapadas que se desentolam nas extremas da Bahia, Goioz e Piauí; ali nascem os rios Novo e Formoso, afluentes do rio do Sono, que fenece no Tocantins, e o Sapão, tributário do Preto e confluyente do S. Francisco. Aham-se destarte unidas duas das maiores cinturas fluviaes da America do Sul, formando outra Guiana gigantesca, a qual abrange terras de nove Estados do Brasil. Foi o engenheiro inglês James Wells quem primeiro revelou as nascentes comuns das duas grandes bacias mediterraneas do Brasil em sua obra "Three thousand miles through Brasil"; estudou-as posteriormente o engenheiro francês Apolinario Prot por ordem do Governo da Bahia em 1907. A denominação de *agua encudada* é admiravelmente suggestiva. Bem o affirmara de uma feita o saudoso geografo e grande mestre francês Paul Vidal de la Blache, que, não raro, a terminologia popular, formada directamente em contacto com a natureza, era muito mais propria que a dos gabinetes e das escolas. *Águas encudadas*, ensina Calogeras, são brejos, ou lagoas muito razas, que têm dois desaguedouros para bacias diferentes (As Minas do Brasil e sua Legislação — Nota 10 à pag. 97).

Agnapé: além de denominar uma planta aquatica frequente em rios e lagos do Brasil, tem este termo o sentido de trama e tecido vegetal composto de plantas aquaticas que medram à superficie das águas dos rios, lagos e pantanais e que, unindo-se e aprezilhando-se, formam seguro estendal, capaz de sustentar às vezes um homem deitado sobre o mesmo. Em aspecto exterior, assemelha-se ao *sodd* do rio Nilo, consoante a descrição que nos dá o celebrado explorador Schweinfurth. E' termo principalmente usado na região sulcada pelos rios da bacia platina, mais especialmente o Paraguai e seus tributarios, bem como no *hinterland* brasileiro. As lagoas do Goiaz, especialmente a lagoa Feia, uma das maiores do Estado, apresentam a mesma formação, que ocorre também na Bahia e noutros Estados do norte. Na Bahia chama-se *goio* ou *golfão*. E' termo de origem tupi, segundo notam Theodoro Sampaio, Hucedo Soares, Beaurepaire-Rohan, Souza Docca, Alfredo de Carvalho, Rodolpho Garcia, Nelson de Senna e outros mestres nessas provincias do saber linguistico. A respeito de *agnapé*, escreveu o notavel General Couto de Magalhães: "... e não se distingue o rio dos pantanais, senão porque as águas destes ultimos são litteralmente cobertas de plantas aquaticas, e tão completamente, que, a quem não tem experiencia, se afigura que toda aquella verdura brota de um solo firme e fica muito longe de pensar que aquella tapete de hervas tem por baixo de si às vezes cem palmos de agua". "Os pantanais não são mais do que as fontes em que

a água está coberta pelas plantas aquáticas de que acima falei, em um tecido tão vasto e compacto que um homem deitado em cima se sustenta: e tanto é assim que, quando nas primeiras enchentes o rio destaca algum pedaço deste immenso tapete para arrastá-lo em sua serena e vagarosa corrente, os tigres costumam embarecar em cima, e assim viajam dias: a planta que forma este tecido é uma espécie de lyrio aquático de flores brancas em cachos, com o calice da corolla às vezes roxo, às vezes cor de rosa; é conhecida pelo nome guarany de *aguapé*". Em alguns rios brasileiros, diz o botânico Hochne, é tão abundante que "deslocada e desenraizada dos remansos onde vive, é levada pela corrente das águas, formando verdadeiras ilhas flutuantes e oferecendo obstaculos ás pequenas embarcações". São estas ilhas, diz Nelson de Senna, formadas pela vegetação de *aguapé*, que tomam o nome de *camalotes*, nos rios da bacia platina, segundo crevem os exploradores e viajantes dessa região (Revista de Língua Port. N. 31, pag. 188). Da Bahia a Pernambuco, chamam-se *baronezas* ás pentederiacas que cobrem largos trechos dos rios e lagôas.

Aguapezal: Luiz Carlos de Moraes, em seu "Vocabulario Sul-Rio-Grandense", apparecido em 1935, informa que se diz *aguapesal* no Rio Grande do Sul o local onde ha grande extensão de água coberta de *aguapés*.

Água-redonda: termo da Amazônia, usado pelos caboclos no sentido de lago. É o que informa Agassiz em sua "Viagem ao Brasil (1865-1866) (Tradução de E. Sussekind de Mendonça. Pag. 291. Vol. 95 da "Brasiliana"). Encontramo-lo também referido na "A Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruls, no seguinte passo, à pag. 290: "A natureza parecia magnetizada aos effluvios do plenilunio e aquella *água redonda*, dormindo no *quiriri* (*calada da noite*), entre a fragrnacia dos *uapés* em flor, era bem o lago *Yacyuaruá* ou *Espelho da Lua*".

Águas: no Brasil sertanejo este vocabulo, usado no plural, é empregado no sentido de chuvas. Frequentes são as seguintes expressões fabarôas: "no tempo das águas"; "as primeiras águas"; "após-as-águas" (esta registada por Cornelio Pires n' "As Estramboticas Aventuras do Joaquim Bentinho", à pag. 114). Em Portugal, segundo informa Candido de Figueiredo, ha na Beira o provincialismo - *águas novas* - primeiras chuvas depois do estio.

Águas iguaes: assim denominam os pescadores da região do *Salgado*, no Estado do Pará, às marés do quarto dia depois da lua nova e da lua cheia, em virtude de nesse dia não crescerem nem diminuirer (Informação de Henrique Jorge Hurley).

Aguas pegadas: nome que os praieiros do Pará, de Visou ao Oiapoque, dão às marés do quarto dia depois do quarto crescente e do quarto minguante (*Informação de Henrique Jorge Hurely*).

Aguas puladeiras: denominação que, em Minas Gerais, segundo nos ensina Nelson de Senna (pag. 88 da Revista de Língua Port. Num. 37), se dá ás *corredoiras* fortes, trechos dos rios em que as águas correm violentas e escaçoantes, também chamadas *pararacas*. São cachoeiras pouco impetuosas, menos vertiginosas que os *tombos*, os *cachões*, os *saltos*. A acidente semelhante os cubanos chamam *saltadero*.

Agulha: regionalismo brasileiro, próprio das zonas de *garimpos*, designativo do rutilio (óxido de titânio), a que os garimpeiros também chamam *ruivas*. Registraram-no o professor Everardo Backheuser no seu "Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos", e Affonso Taunay em seu "Lexico de Lacunas".

Aibi: termo usado no sul da Bahia, região costeira, que designa riachinho que desemboca no Oceano, inflando-se-lhe as águas no fluxo do mar. Soubemo-lo por informação local. A respeito deste termo falaram o eminente tupinologo de S. Paulo Plinio Ayrosa e Juan Francisco Recalde, este na Revista do Arquivo Municipal (S. Paulo), numero de Dezembro de 1937.

Ajuri: termo do Amazonas, o mesmo que *adjunto*, *muzirão*, etc. (*Vide estes termos*). Na sua empolgante conferencia sobre os "Sertões Brasileiros" (pag. 37 dos "Rumos e Perspectivas"), diz Alberto Rangel: "O *ajuri*, o nascimento, a farinha, o rodeio, o casamento, a queimada, o baptismo, a feira e a moagem passam-se entre festas".

Ajutorio: o mesmo que *adjunto*, *ajuri*, *muzirão*. Beaurepaire-Rohan faz sentir que, se o serviço para o qual se fazem os ajuntamentos dos vizinhos dura mais de um dia, toma então a reunião o nome de ajutorio. (*adjutorio*)... Rodolpho Theophilo, na "Historia da Secca do Ceará", à pag. 78, escreve: "Parentes, amigos e vizinhos, no mais cordial *adjutorio*, com elle arrancam, raspam, cevam a bendita raiz". Este termo é empregado no norte e centro do Brasil.

Alabama: registado por A. Taunay e depois por Candido de Figueiredo como brasileirismo designativo de caixeiro viajante. O mesmo que *cometa* (*Vide este vocabulo*).

Aladeirado: registado por A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas" com o sentido de terreno montuoso ou successão de ladeiras. Abona-o com o seguinte trecho: "Entre a fazenda e a villa ha um aladeirado comprido e penoso para os animaes". E' termo muito usado no interior de S. Paulo. Regista-o também, como brasileirismo, Candido de Figueiredo (4.^a edição), dando-lhe o significado de caminho ingreme.

Alagação de Outubro: expressão usada no arquipélago da baía de Todos os Santos para designar um período de chuvas que, de 4 a 6 dias, ocorre no mez de Outubro, como sinal de verão firme e sem sêcas, porque as fontes foram abastecidas. Quando não ocorre *alagação de Outubro*, dizem os pescadores, é seguro sinal de sêca (Informação de Arthur Neiva).

Alagoinha: regista-o Nelson de Senna, que escreve: "É *Alagoinha* — um diminutivo brasileiro de *Alagôa*; e este ultimo nome representa um caso de metaplasmão (por prothese), quanto ao termo vernaculo — *lagôa*. Mas no sentido corografico da linguagem do país, e que chamamos — *alagoinha* — vem a ser uma lagôa pequena e rasa, alimentada mais pelos passageiros depositos fluviaes do que mesmo por cursos d'agua que nella venham ter; ao passo que a uma pequenina lagôa, permanente, corresponde a palavra — *lagoinha*. Já, propriamente, — *Lagôa* — é o nome que se reserva, entre nós, para designar os maiores e mais profundos lagos de agua doce, occupando extensa superficie, e que muitas vezes são alimentados por outros cursos d'agua, tendo não raro comunicação subterranea com rios proximos, por meio de canais ocultos (sumidouros ou *itararés*). De feito, na Corografia do Brasil, o termo — *lagôa* — quer dizer lago pequeno. Entretanto, ás maiores formações linograficas do Brasil damos o nome de *lagôa*, como por exemplo a Lagôa dos Patos (9.000 quilômetros quadrados), maior do que os conhecidos lagos Titicaca (8.330 k²), entre a Bolívia e o Perú, Leopoldo II (8.200 k²) no Congo Belga, Nicaragua (7.500 k²) no Republica do mesmo nome, Atabasca, 7.400 k²) no Canadá e tantos outros. Ao outro grande lago do Rio Grande do Sul chamamos Lagôa Mirim que, com os seus 3.580 quilômetros quadrados, é maior do que os sabidos lagos Tana (3.100 k²), na Abissínia, Poopo (3.000 k²) na Bolívia, Tengrinor (2.420 k²) no Tibet, Vetter (1.960 k²) na Suecia e outros menores como sejam os seguintes: Saima, Maclar, Enara, Managua, Ilmen, Stephanía, Mar Morto ou Tiberiade, Balaton, Lemano, Constança, Guarda e dezenas de outros.

Albarilão: usado no Rio Grande do Sul, designando uma cadeia de cêrros alternados de baixadas ou lombada que se alteia à margem dos rios e lagunas. Rodolpho Garcia apresenta ainda como significação *corilha* pequena. Em Severiano da Fonseca encontramos o seguinte passo: "Do outro lado, o rio Paraguai, internando-se entre as montanhas ou *requenios albarilões*, sobre as terras da sua margem direita desde o Jaurú, por entre as serranias..." etc. (Viagem ao redor do Brasil. Vol. I pag. 48). "Note-se que Garibaldi quando atravessou a Lagôa dos Patos, subiu pelo rio Palmar até onde ponde e depois é que botou os lanchões em cima das rodas, atravessando albar-

dões e lagoas até chegar a Tramandaí. (Mancel Alves da Silva Caldeira "Anotamentos para a História da Revolução de 1835-1845" in: "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. III Trimestre. 1927. Pag. 376). No Rio Grande do Sul, a lagoa Mangueira ou do Albardão é separada do Oceano por uma estreita faixa de terra chamada Albardão, a qual forma a costa do mesmo nome, tão famigerada nos anais da navegação veleira do sul do Brasil. É vocabulo rioplatense.

Aldeia: além da significação vernacula de povoação que não tem categoria de vila ou cidade, de povoado rustico (de uso pouco frequente no Brasil), emprega-se este termo no sentido especial de povoação dos gentios, já sob o mando de um maioral, *morubixaba*, cacique, em Goiás *capitão*, já sob a direção de um chefe civilizado, frade, missionario, militar ou civil. Beaupaire-Rohan, registando o termo, diz: "nome especial das povoações compostas exclusivamente de aborígenes, quer vivam submissos ao regimen civilizado, quer vivam independentes nos sertões. É a taba dos caboclos a que, no Paraná, se chama *toldo* e *toldaria*, e, na Amazônia, *maloca*. O a que em Portugal se chama *aldeia*, nós denominamos correntemente *povoação*, *povoado*, *arraial*, e no interior do Brasil, às vezes, *comércio* e *comercinho*, segundo refere Nelson de Senna, *rua* como ouvimos na Bahia. Algo de semelhante ao que em Marrocos se chama *Ksar* ou *Ksur*. — Segundo nos informou o General Borges Fortes, filho do Rio Grande do Sul, em sua terra, é de uso frequente chamar-se *aldeia* ao casario junto aos quartéis de tropa, geralmente ranchos de pau a pique, onde habitam as mulheres e os filhos dos soldados: assim se diz a *aldeia da artilharia*, a *aldeia do terceiro*: confirma-o Luiz Carlos de Moraes em seu "Vocabulario". Também assim se chama ao abarracamento das mulheres de soldados, a pequena distancia dos alinhamentos de tropas: nestes se denomina *comércio* o lugar onde estacionam os mercadores que as acompanham (General Borges Fortes, em Carta de 26 de Janeiro de 1933).

Aldeamento: o mesmo sentido brasileiro de *aldeia*. Desde os primeiros tempos da colonização, encontramos frequentemente nos cronistas as expressões *aldeamentos* dos gentios, gentios *aldeados*, *aldeia* de indios. Gastão Penalva, em artigo de impressões sobre a ilha de Fernando de Noronha, diz chamar-se lá *aldeamentos* aos alojamentos dos presidiarios que ali são recolhidos no cumprimento de sentenças que lhes foram impostas.

Alfafa: termo usado, principalmente no Rio Grande do Sul, para designar o terreno em que se mostra grande plantação de alfafa, planta forrageira importada do Rio da Prata. Tschauer, que o registra, cita um trecho da "Mensagem" do Presidente do Rio Grande do Sul em 1919: "Nesse sentido é pos-

sivel aproveitar melhor as pastagens naturais e crear prados ou campos de *alfafacs* ou de outras plantas forrageiras". E o Dr. Nilo Cairo, no seu "Guia Pratico do Pequeno Lavrador", à pag. 394, escreve: "Um hectare de *alfafal* produz por corte 2 mil kilos de *alfafa* fenada..."

Alfaque: termo que, na zona do Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, designa um lugar profundo do mar, proximo à praia e cujo fundo se não alcança a não ser com sondas. Macedo Soares diz que, em Cabo Frio, significa pégo, coisa funda, com ou sem redemoinho, formado pela deslocação da areia, nas paragens onde se toma banho. Este é o sentido português do termo (Candido de Figueiredo) e também castelhano segundo se lê no "Diccionario de Voces y Términos Geográficos de Vergara Martin — "banco de arena que se forma en las costas maritimas y principalmente en la desembocadura de los rios". Entretanto, o Marechal Dr. Gabriel Botafogo, em notas que nos presentou após a leitura da 2.^a edição desta "Nomenclatura", diz significar, no Rio Grande do Sul, bancos de areia ou pedra que se formam nas aguas profundas dos lugos, dos rios, e, principalmente, dos canais. Também o illustre official da marinha brasileira Alfredo Cordovil Petit em suas importantes "Notas para um Diccionario Technico", publicadas na "Revista Maritima Brasileira", numero de Setembro de 1921, diz que *alfaques* são bancos moveiços de areia, que se formam na costa riograndense do sul, tornando difficultosa a navegação. Henrique Jorge Hurley, eminente poligráfico paraense, informa que *alfaque* equivale ao *unipeú* amazônico: "banco de areia moveiça, que difficulta a navegação da costa ao sul de Belem, nas barras de Vigia, São Caetano, Curuçá, Marapanim, Maracanã, Bragança e Viseu, no Pará".

Alicalí: registado no "Lexico de Lacunas" de A. Taunay, como designativo do diretor espirital entre os malês — negros mulçumanos existentes na Bahia e no Rio de Janeiro. Encontram-se as grafias *alikalí* e *alicalí*.

Alqueire de Minas Gerais: também do Rio de Janeiro e de Goiaz, medida agraria equivalente a 10.000 braças quadradas, isto é, 4^a,84 ou ainda 48.400 metros quadrados. O alqueire (do arabe *al-queil* — Adolpho Coelho) era uma antiga medida portuguesa, de capacidade, para sêcos e molhados (em Goiaz e noutros Estados ainda se usa como medida de capacidade, equivalente a 80 litros); posteriormente, usaram-na como medida agraria e então correspondia à extensão de terra que levava um alqueire (36, 27 litros) de sementeira. Transportado o alqueire para o Brasil, passou a ter, nos Estados referidos, a extensão que agora registamos, diferente da de S. Paulo e de alguns Estados do Norte.

Alqueire de S. Paulo: medida agraria equivalente a 5.000 braças quadradas, isto é, 2^a,42 ou ainda 24.200 metros quadrados.

O alqueire de terra de S. Paulo é a metade do de Minas e Rio. A quarta parte do alqueire chama-se *quartel paulista*, equivalente a 6.050 metros quadrados.

Alqueire do Norte: medida agrária às vezes usada nos Estados septentrionais, equivalente a 27.225 metros quadrados.

Alqueire do Pará: segundo Henrique Jorge Hurley, o *alqueire*, no Pará, corresponde ao pêso de 30 quilos e serve para medir a farinha d'agua (*tirãna*) ou a de tapioca (*têpiáco-ya*). Um alqueire é representado por dois paneiros de farinha, regulando cada um 15 quilos. Paneiro é um *panacú* ou *aturá* de cipó ou de talas de *uarumã*, forrado com folhas de *uarumã* ou *cantão*.

Alto: termo geral, empregado para designar, ora, um monte isolado, de pequena elevação sobre os terrenos circunjaentes, ora, um *teso*, ou parte superior de um serrote, de um morro; ora a cabeça, o proprio cimo ou "cabeço" de uma colina, segundo diz Nelson Senna. V. Chermont diz: "teso, parte mais elevada nos campos baixos e mondongos, a qual pouco alaga ou nada atola no inverno. O *alto*, quando rodeado de *pirizal* ou de *auíngal*, toma o nome de *escalvado*".

Amarrader: registado por A. Taunny no "Lexico de Lacunas", que o encontrou no volume "Pescas e Peixes da Bahia" do Almirante Alves Camara. Designa, no litoral da Bahia, os mestres das jangadas grandes.

Amerába: neologismo proposto por Henrique Jorge Hurley para designar os selvagens americanos, autóctones, na sua douta opinião. O vocabulo é um hibridismo formado de *amer* — América — e *ába* — homem em tupi (Vide *amerindio*).

Amerigena: denominação proposta por Saladino de Gusmão na reunião do "Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil", reunido no Rio de Janeiro em 1936, para designar o autóctone americano. Em sua tese o autor procura demonstrar que o termo *amerindio* é erroneo e escreve: "A inovação é infeliz e o erro simples tornou-se duplo, ao invéz de retificar a denominação simples de *indio*, incorre em absurdo maior criando a de *indio americano*. Evidentemente ha confusão entre qualidade e nacionalidade". Para o autor o termo *amerigena* particulariza e limita ao continente americano o seu autóctone; *amerigena*, conclue, precisa a *origem americana*.

Amerindio: neologismo sugerido pelo Dr. Charles Scott ao notavel geologo e etnologo americano John Wesley Powell, para designar os indigenas da América. Como é sabido os descobridores e conquistadores da América denominaram impropriamente indios os naturais do Novo Mundo, nome este proveniente do erro inevitavel dos primeiros quando supuseram, ao avis-

tar as terras americanas, terem chegado a regiões próximas das Índias, que tanto buscavam. Desde o século XVI vulgarizou-se a errônea denominação que passou os anos dominante. Por isso mesmo é lapidar e que escreveu à pag. 240 do "Descobrimento do Brasil" (1929), o sábio mestre Capistrano de Abreu, de referencia aos selvagens do Brasil: "Nem uma designação geral os compreendia: os estrangeiros chamaram-lhes Negros, Brasis, *Brasilienses* e por fim *Índios*, ultimo residuo de uma illusão millenar, reverdecida por Colombo". O vocabulo *amerindio* foi logo adotado por J. W. Powell que, à qualidade de Director do "Bureau of Ethnology" dos Estados Unidos (1879-1902), juntava a nomeada que lhe conferia a ousada exploração do "Great Canyon" do Rio Colorado, em 1869. O neologismo foi aceito por varios etnologos em 1898, em Washington e, dia a dia, o seu uso se vai espalhando em toda a America. Já o registaram o "Novo Dicionario Nacional" de Carlos Teschauer e o "Novo Dicionário da Lingua Portuguesa" de Candido de Figueiredo (4.ª edição). João Ribeiro, filologo e historiador, à pag. 1 do "Índice de Coisas", apenso ao seu volume "A Lingua Nacional", escreveu que os etnografos o propuzeram para evitar o equívoco dos indios da India com os da America. E no seu "Registro Literario", publicado no "Jornal do Brasil", de 17 de Fevereiro de 1932, fazendo a critica de certo livro, escreveu: "Não ha leitura mais interessante que a dessa monographia acerca dos ameríndios, segundo a expressão condemnada já, mas muito expressiva, de selvagem da America". Afigura-se-nos bem achada a palavra, cuja formação é analoga às seguintes: eurasiatico, eurasiatico, eurafriano. Entretanto, Henrique Hurley, competente indiano-brasileiro, afirma que os vocabulos *indio* e *amerindio* não tem expressão gloto-etnologica com referencia aos selvagens americanos, propondo a palavra *amerába* para designa-los. Também já foi proposto o vocabulo — *amerícola* — habitante da America. Oliveira Vianna adota largamente o vocabulo *amerindio* em seu livro "Raça e Assimilação", Rio, 1932. (Vide *ameraba*, *amerígena*).

Andares: ha rios da Amazônia, o Purús por exemplo, que, na estiagem, baixam 10, 20 e mais metros do nivel da enchente, deixando a descoberto nas margens extensos areais ou praias em forma de anfiteatro, verdadeiros *andares*, onde vão desovar as tartarugas. Soubemo-lo através de informação do Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, auxiliar técnico da "Commissão" que, sob a chefia de Eulydes da Cunha, explorou o rio Purús até as cabeceiras. A formação é mais um dos caprichos da hidrologia amazônica.

Andirobal: termo muito de uso no norte do Brasil, designativo de bosque de andirobeiras ou andirobas. A pag. 268 do 2.º vol. do "Dicionario Historico, Geographico e Ethnographico do

Brasil", lemos: "Os andirobaes, que temos, acham-se situados, principalmente, no Munim e Anixá, Districto de Icatú" (Munir-nhão). "Em outras zonas do Estado tambem ha andirobaes nativos, mas os de Anixá são os mais faveis de explorar". A andiroba (*Carapa guianensis*) é uma árvore da familia das meliaceas, cuja madeira é bastante apreciada, e de cujas castanhas se extrai um oleo de grande valor.

Angustura: termo usado no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para nomear um lugar estreito, uma passagem apertada entre ribanceiras íngremes. E' o a que no norte do país se chama *boqueirão*. Neste sentido é termo muito de uso nas republicas hispano-americanas, maxime em se tratando de toponomia. Mais abaixo, escreve Vergara y Velasco na sua trabalhada "Geografia da Colombia", pag. 322, ainda apresenta o rio Magdalena outro obstaculo: a *angostura* de Carare, não longe de Nare, onde os aguas passam comprimidas num canal de 125 metros de largura e 30 de profundidade, perigoso no inverno..." etc.

Aningal: registado por V. Chermont, Macedo Soares e Rodolpho Garcia com a significação de espaço de terreno occupado por aningas, plantas da familia das traceas.

Anjical: bosque de anjeicos (*Piptadenia moniliformis*, Benth.) "O grande anjical por nós atravessado no Piaulí, representa seguramente exceção digna de registro..." (Arthur Neiva — "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz". Tomo VIII. Pag. 81).

Apaga-pó: nome que os sertanejos baianos da zona do S. Francisco e Caitité dão à chuva miúda e fina. Na "A Penna", jornal que se edita em Caitité, em seu numero de 20 de Fevereiro de 1930, lemos: "Desde muitos dias avistamos relampagos e ouvimos trovões fora da Cidade e tivemos noticia certa de boas quedas d'agua em grande parte do Municipio do Riacho de S. Anna, vindo a chover tambem por esse lado neste Municipio. Aqui mesmo cahiram horrifos — *Apaga-pó* — como dizem os nossos lavradores". Não raro, ouve-se, na linguagem dos roceiros, simplesmente — *paga-pó* —.

Aparados: registado por Carlos Teschauer no seu "Novo Diccionario Nacional", com o sentido de contrafortes da Serra Geral, no Rio Grande do Sul, abonando-o com o seguinte trecho de Alfredo Varella na "Revol. cisplat. O Continente"... "paredões a prumo, entremeados de longe em longe de contrafortes... que amparam a massa colossal daquelles, e a que os filhos do paiz deram o nome de *aparados*."

Apertado: sinónimo de desfiladeiro, *angustura*, *encanado*, *estrecito*, lugar estreito onde correm mais velozes as aguas de um rio. "Dormi em um apertado que faz o rio" — Itinerario feito pelo Te. Cel. V. Ayres da Silva, na Revista do Instituto Historico e

Geographico Brasileiro — 1857). Registado por Teschauer em seu "Novo Dicionario Nacional". — 1928.

Apicum: também *apiciú*, *apeciú*, *apicum*, termo do norte do Brasil, que designa brejo de agua salgada, à borda do mar. O ilustrado historiógrafo F. A. Pereira da Costa diz o seguinte: "Terreno composto de areia fina de mistura com pouca argila, imprestavel, para o plantio da cana de assucar". E diz mais que, em Alagoas, se chama *apicum* ao alagadiço que se forma nos brejos. No nordeste da Bahia e também no Maranhão, segundo nos informa Antonio Lopes, proecto conhecedor da terra e da gente maranhenses, designa elevação muito íngreme. Do municipio baiano de Valença para o sul a palavra tem o sentido local de extrema da terra firme com o mangue, limite da preamar. Theodoro Sampaio, que deriva este termo do tupi (*ape-cú* — caminho longo), diz que designava entre os caboclos a vereda arenosa entre banhados ou alagadiços. O sabio Rodolpho Garcia, citando Antonil — "Cultura e Opulencia do Brasil" — Ed. de 1837, pag. 46, diz: coróas que faz o mar entre si e a terra firme, e as cobre a maré. Destarte *apicú* tem vários sentidos na geografia nacional.

Apurada: registado pelo padre Carlos Teschauer, designando em S. Paulo certas terras róxas de grande fertilidade, e cita a frase seguinte de Alfredo Esmeragnelle Taunay: "Tenho dez alqueires de *apurada* e o resto de massapé branco".

Araeatú: nome usado pelos indigenas e hoje pelos sertanejos do Ceará, de referencia a um vento que sopra de nordeste para sudoeste, derramando-se pelo interior do Estado, refrescante e ameno. E' palavra tupica — de *ara* — vento — e *catú* — bom. Esta etimologia é contestada por H. Jorge Hurley que nos escreveu que *araeatú* não traduz bom vento, porém sim lugar suportavel, regular, em que se pode viver; de *ara* — luz, tempo, dia, etc. e *cati*, forma diminutiva de bom — *catú*, ou seja, regular, sofrivel. Alguns escritores dizem significar vento forte ou rajada e Pompeu assemelha-o ao *scirocco* italiano, sendo prejudicial e nocivo. Também no interior da Paraíba se conhece uma corrente aerea com este nome, segundo lemos na "A Parahyba e seus Problemas", de José Americo de Almeida. 1.^a ed. pag. 97.

Araparizal: bosque de araparis. "O arapari, disse-me um canoero, é pau ôco que serve para tambor ou tamboril" (A. J. de Sampaio. A Flora do Rio Cuminá — pag. 140).

Araribal: bosque de araribas (*Sickingia tinctoria*), plantas que vicejam nas terras da Amazônia e da mesopotâmia maranhense. "Após cortar uma ponta de palmeira], que a terra firme ahi manda ao valle, saio no campo e vejo afinal o Tury, largo e tranquilo, e uma fila de ranchos ao longo do *araribal*. — Só o rythmo dos remos corta a serenidade da manhã. Os coqueiros

e *araribae* desfilam" (Trechos de um artigo de Raynundo Lopes, publicado no "O Jornal" do Rio de Janeiro, de 27 de Novembro de 1927, a respeito da riqueza dos palmares maranhenses).

Araruama: ouvido pelo Prof. Honorio Silvestre na baixada fluminense no sentido de *caipira*, *tabarchu*, *babaquá*. Citado pelo mesmo geógrafo em seu trabalho "Cousas de Negros", publicado no Jornal do Commercio (1936).

Araxá: alto chapadão ou planalto. Couto de Magalhães refere-se à página 167 do seu "O Selvagem", ao plateau ou araxá central do Brasil. Theodoro Sampaio diz ser um planalto ou chapadão no mais alto de um sistema montanhoso, onde se está em posição de ser o primeiro a ver e o último a deixar de ver os raios do sol. Segundo Couto de Magalhães, é vocabulo tupi-guarani; Theodoro Sampaio julga-o vocabulo tapuia. Hoje em dia é frequente nas publicações geográficas sobre o Brasil a adoção deste termo substituindo o francez: plateau ou platô, como escreveram alguns. De Araxá foi que H. von Yhering e depois Delgado de Carvalho formaram o nome de *Araxana* para designar uma das regiões zoogeograficas do Brasil, a que abrange todo o nordeste brasileiro e o nosso interior sertanejo, subdividida em Araxana Septentrional e Meridional.

Araxana: nome proposto por Hermann von Yhering, sabio naturalista que, por 20 anos (1895-1915), foi Director do Museu Paulista, para designar uma das tres provincias zoogeograficas em que dividiu o Brasil, isto é, a que abrange todo o nordeste brasileiro e o interior sertanejo, alcançando e ultrapassando até a linha Paraguai-Pavaná. Esta provincia compreende por sua vez duas sub-provincias: *Araxana septentrional* — o nordeste e bacia do S. Francisco e *Araxana meridional* — a região dos campos ou bacia do Prata. A classificação zoogeografica de Hermann von Yhering, que foi apresentada no vol. 1.º dos "Catalogos da Fauna Brasileira", editorados pelo "Museu Paulista", trabalho meritorio de colaboração entre os Drs. Hermann e Rodolpho von Yhering, foi vulgarizada pelo Dr. Delgado de Carvalho em sua "Geographia do Brasil" — Tomo I — pag. 69.

Ar de dia: expressão muito correnteia em todo o nordeste brasileiro, da Bahia ao Piauí, designativa de crepúsculo matutino ou vespertino. No nordeste da Bahia frequentes vezes ouvimos: *cheguei com ar de dia, saí com ar de dia* — para designar a madrugada ou as avemarias, a tardinha. Registou-a Leonardo Motta à pag. 240 do seu "Sertão Alegre".

Arcião: larga extensão de terrenos coberta de areia; grande arcial. Registrado por Macedo Soares, Amadeu Amara, Valdomiro Silveira e outros. "O arcião do S. José, lá em baixo, fiseou, e a espaços voltas e aneis do rio, batidos de chapa, pareciam uma serpente do luz..." Afranio Peixoto. "Bugrinha". Pag. 10

da 2.^a edição). "Logo depois de Assis até Indianna encontra-se uma zona arenosa, na qual não ha estradas para automoveis. O terreno é formado por extensos *arcões*, semeados de tocos, e os caminhos não passam, em geral, de velhos trilhos, de ha muito usados para o transito de boiadas e de carros de bois" (Do Jornal "Boas Estradas" da "Associação Paulista Boas Estradas", n. 3, Ano VIII, pag. 7).

Areias gordas: nome que, segundo informações do venerando e erudito Dr. Filinto Bastos, em certos sitios do recôncavo da Bahia, se dá ao terreno arenoso no qual, sem adubo especial, se desenvolvem plantações de cereais e de fumo.

Areias gulosas: denominação da bacia tocantina, designativa de certa areia argilosa, muito fina, onde se entranha facilmente tudo que por ella passa. Ignacio Baptista de Moura a ellas se refere na descrição da viagem que fez de Belém a S. João do Araguaia. "As terras de ambos os lados são altas e com ondulações para o centro; o proprio leito do rio está ahí atravancado de corças de areia argilosa, especialmente de umas a que chamam *gulosas*, por serem tão finas que fazem enterrar, como em abysmo occulto, ns pernas dos que por ellas transitam" (Opus cit. pag. 141). No "Vocabulario" anexo ao seu livro "Pussanga". Peregrino Junior escreve que *areia gulosa* é o solo da beira de certos rios, coberto de areia, onde os animais se atolam facilmente: os ribeirinhos chamam tambem *areia cuguladeira*. H. Jorge Hurley escreveu nos: "*areias gulosas* são as das praias novas, ainda não consolidadas, que difficultam a marcha do mariscador de tamarús, eutêas e seryboias, excellentes iscas para o espinhel. Os *mapênas*, as *corças* e as *restingas* dispoem de muitos trechos de areias gulosas". Descrevendo o *tijuco* dos rios da região do Baixo Amazonas Friedrich Katzer, eminente geologo austriaco, que por muito tempo dirigiu a Secção de Geologia do Museu Paraense, fala de tais areias, segundo nota da Comissão de revisão de seu trabalho — "Geologia do Estado do Pará" (Vide Boletim do Museu Paraense" Vol. LX, 1933, pag. 60).

Areusea: assim chamam, em S. Paulo e também na Bahia, à terra misturada de areia, analoga aos terrenos que, no nordeste, se denominam *ariscos* ou *areiscas*. Deveno-lo à informação de A. Taunay (Carta de 3-11-927).

Arenga de mulher: nome que, em Pernambuco, se dá à chuva miúda, constante, prolongada, segundo refere F. A. Pereira da Costa. Também usado no interior de Piauí.

Ariseo: também *areisco*, termo do Nordeste brasileiro, especialmente usado na Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, que designa terreno areno-humoso, de grande fertilidade e cuja formação se encontra na região paraibana denominada *Brejo* (que se estende sobre toda a serra de Borborema, ocupando um planalto

ondulado e acidentado, com a altitude maxima de 700 metros e onde ficam as localidades de Campina Grande, Lagoa de Remigio, Esperança, Araras, Bananeiras, Guaribas e Alagôa Grande, todas florestes. Segundo lemos em Philipp von Luetzelburg, sabio botanico da "Inspectoria Federal de Obras contra as Secas", em seu profundo estudo botanico do Nordeste (Publicação n. 57, Serie I, A), o povo, em geral, chama a região do Brejo de arisco. Luetzelburg diz que é a parte mais fertil e cultivavel de toda a região do Brejo e à pag. 20 do 2.º vol. de seu trabalho nos dá uma lista das componentes principais da vegetação dos ariscos ou "vegetação típica da zona do Brejo da Serra de Borborema". Na "Terra de Sol", de Gustavo Barroso, se lê à pag. 63: "As lombadas dos cêrros são preferidas para algodão, os ariscos para mandioca, as baixas planas para milho e os encharcados para arroz".

Armação: Affonso Taunay em sua preciosa "Collectanea de Faltas" dicionarizou o vocabulo *armação* no sentido de empresa bandeirante para a caçada de índies, encontrando-o nos "Inventarios e Testamentos", publicação do Arquivo do Estado de S. Paulo. Vicente Chermont já o havia feito no Pará com o sentido de madeiramento de uma *barreca*, já fincado e pregado ou amarrado no lugar, mas ainda por cobrir e por emparedoar com palmas de certas palmeiras ou por *taipas*. No Norte do Brasil, da Bahia ao Amazonas, ao meu conhecimento, se diz *armação* o estado carregado da atmosfera ou seja a acumulação de nuvens grossas nas baixas camadas da atmosfera, preaggiando chuvas iminentes ou perturbações como trovões, raios e relâmpagos. Preparativos de chuvas ou tempestades. O dizer é frequente. No "Marupiana" de Lauro Palliano, à pag. 11, lemos: "O nordeste caiu brando; o mar escamou-se levemente. Mudou de rumo, refrescou e o pescador embevecido não se apercebia das *armações* preparados no firmamento sem sol".

Arraial: no Brasil assim se denomina a pequena povoação, não raro temporaria. Sinônimo de *povoado*, *comércio*, *rua* no Brasil e *lugarejo* e *aldeia* em Portugal. A respeito deste vocabulo transcrevemos os seguintes trechos da lavra de Diogo de Vasconcellos em sua "Historia Antiga de Minas Geraes", à pag. 19: "Os bandeirantes alojavam-se á maneira de milicias em marcha e por isso chamavam *arraial* o sitio do acampamento. Alguns convertiam-se em povoados e conservavam o titulo para os distinguir das *aldeias*. Um *arraial* considerava-se orgulhoso desse titulo, porque as *aldeias* pertenciam a indios, governadas por leis excepcionais e humilhantes. O *arraial* gozava dos direitos comuns e entrava no regimen civil geral do Reino".

Arnaieiro: termo baiano, designativo do pescador que se dedica à pesca da arraia. Empregou-o Xavier Marques nos "Praieiros", registrando-o A. Taunay no "Lexico de Laenas".

Arrampadouro: encosta, ladeira, terreno declivoso. Rodolpho Garcia registra *arrampado*, no sentido de talude, declive, nas estradas de ferro. O primeiro é registado por Carlos Teschauer.

Arrancador: também *arrancadouro*, termo usado ao meu conhecimento na Bahia e Sergipe, e que denomina um sítio para pastoreio do gado, onde anteriormente se fez plantação de mandioca e legumies. Feita a colheita dos produtos e abandonada a roça pelo lavrador, aí crescem gramíneas e plantas rasteiras que constituem ótima forragem para os animais.

Arranchamento; registado por A. Taunay e Candido de Figueiredo como brasileiroismo que designa reunião de ranchos, casebres, moradias no campo. Derivado de *ranchão*, nomein casebres rústicos feitos de barro e palha, com a feição primitiva dos aldeamentos de índios; também moradia de pebre no campo ou mesmo nos arredores das cidades e povoações (Callage e Luiz Carlos de Moraes).

Arrastador: também *arrastadouro* — termo do nordeste da Bahia e de outros Estados do norte, que significa picada tosca que os sertanejos abrem através do mato para a condução de madeiras do amago das florestas para as estradas comuns, ou atalhos para comunicação, com as reças feitas no interior das ditas florestas. Também designa trilhos estreitos nos matos que os vaqueiros atravessam em demanda dos pastios costumeiros do gado, que se eria na amplitude indeterminada dos logradouros das catingas. Neste sentido é sinônimo de *vaquejador*. Em Euclides da Cunha encontramos varias vezes este vocabulo quando nos dá a frugorosa descrição da vida do vaqueiro que passa "da rede preguiçosa e comoda para o lombilho duro, que o arrebatá, como um rain, pelos *arrastadores* estreitos em busca das malhadas", que nasce, vive e morre "perdido nos *arrastadores* e *mocambos*" e "restringe a atividade ás corridas desabaladas pelos *arrastadores*". No nordeste da Bahia diz-se também *arrasto*, que aliás tem outra significação nas Lavras Diamantinas do mesmo Estado.

Arrasto: na região das Lavras Diamantinas (Bahia) assim chamam os garimpeiros a passagem estreita que comunica as partes amplas de uma mesma gruna. "A um canto começava o *arrasto*. Era estreito e comprido. Foi necessario abrir a *bateia* em duas bandas para depois *galcar*. *Rompe* você que é mais *sêcco*, disse Quirino; eu que sou mais grosso vou no fim para não entupir o *arrasto*" (Alberto Rabello "Contos do Norte" Pag. 51). No nordeste da Bahia, *arrasto* é o mesmo que *arrastador* (Vide esta palavra).

Arrolhador: termo da zona erva-ceira do Brasil, designativo do individuo que desfolha a erva-mate. Registou-o A. Taunay no "Lexico de Lacunas".

Arrombado: termo amazônico, de uso frequente na região do *Salgado* do Estado do Pará. Devemo-lo à informação do Dr. H. Jorge Hurley, que nos escreveu: "Os furos recentes na região do *Salgado*, de Bragança a Viseu, que ligam dois rios através dos manguesacs, são denominados *arrombados*. Ha vinte anos, mais ou menos, as marés arrombaram o talúde que se interpõe entre os rios Curuçá e Cajátuba, abrindo franca passagem às canoas, ficando esse canal denominado - - *juro do arrombado* - - . Como este ha muitos em toda a região marítima do Pará".

Arrôto de gruna: expressão usada pelos *garimpeiros* das Lavras Diamantinas da Bahia, designativa do ponto em que o curso da agua subterraneo, que atravessa as *grunas* ou grutas escavadas no sub-solo, aflora à superfície. As aguas ao chegarem à flor da terra produzem, não raro, um gargarejamento, semelhante ao ruído que fazem os grãos que saem do estomago, donde se originou o suggestivo dizer da gente dos *garimpos*. Foi a informação que nos deu o Engenheiro Maximo Macambyra Monte-Flores. À pag. 47 dos "Contos do Norte", de Alberto Rabello, lemos o seguinte passo: "E um instante lhe foi de delirio, quando vinda do fundo da caverna, uma torrente de luz flamejante escorria a seus pés, como se um rio de ouro vertiginoso e fantastico descesse até o *arrôto da gruna*".

Arumbava: o mesmo que *mumbava*, segundo A. Tannay, que assim ouviu no sul de S. Paulo. O mesmo autor regista também o significado de parasito.

Assaizal: denominação corrente no vale do Amazonas, designativa de terreno, em geral à beira dos rios, onde vicejam frondosas e numerosas as palmeiras chamadas assai (*Euterpe oleracea*. Mart.). O assai chama-se *jussara* no Maranhão, donde *jussaral* (vide este termo). O assai, além de um esplendido oleo, presta-se também a uma bebida magnifica, muito comum na Amazônia, preparada esta e extraído aquele da polpa que circunda os coquilhos (Estado do Amazonas no "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil" — 2.º vol. pag. 30). A famosa bebida se refere a lenda popular, que lhe canta a excellencia:

*Quem vai ao Pará, parou;
Quem bebe assahi, ficou.*

"Entre os dois barrancos não ha espaço para cem metros e este fundo é coberto por *assahizal* ou *jussaral*, em meio do qual corre um riachinho de cristalina agua algum tanto azulada" (Carlota Carvalho — "O Sertão" Pag. 9). Adolpho Ducke escreve a respeito de *assaizal* — "logares pantanosos onde, na submata, abundam as palmeiras assai".

Assentada: termo que, em alguns dos Estados do Brasil, na Bahia e Goiaz por exemplo, designa um terreno plano no alto de

um morro ou de uma serra. Os sertanejos da Bahia chamam indiferentemente *assentada*, *assentado* e *sentada*. Em Goiaz também se diz *chato* (Informação do Professor Alcide Jubé). O termo *assentada*, com o significado de terra plana no cimo de uma montanha, é também usado em Portugal; é o que vemos nos "Elementos de Geographia Geral" de Ferreira-Deusdado, à pag. 69. Em Portugal *assentada* é mais frequentemente usado como termo forense. Valdemiro Silveira, no "Os Caboclos", regista e emprega o termo *assente*, de uso em S. Paulo, na significação de "lugar mais alto e plano do monte; chapada, linha de aguas vertentes. Na "Amazonia que eu vi" de Gastão Cruis vemos que assim se chama na Amazônia o alto de praia onde as tartarugas preferem desovar, visto que aí o terreno é sempre seco (Glucidario anexo à pag. 130 da 1.^a Edição).

Assento: registado por A. Taunay e Candido de Figueiredo, como brasileiro designativo da parte mais plana e mais alta de um monte; planalto; chapada. Em Portugal, segundo informa Ferreira-Deusdado, à pag. 69 dos seus "Elementos de Geographia Geral", usa-se o termo *assentadas* no sentido de planícies no cimo duma montanha. E Saïd Ali, no seu "Compendio de Geographia Elementar", a pags. 16 e 17, tratando das varias formas que pode ter o cimo de um monte, escreve: "o cume arredondado ou *cabeço*; o cume pontudo ou *pico-dente*, *agulha*, *ponta*; o cume plano ou *assentada*, *mesa* (em abexim *ambas*), e o cume *conico*, que é *proprio* dos vulcões. Tal significação não vem consignada nos Dicionários de Caldas Aulete, Domingos Vieira, Constancio, Faria, Mornis, Lacerda, Figueiredo, etc.

Atalaia: segundo informações de Antonio Lopes, do Instituto de História e de Geografia do Maranhão, assim se chama ali ao morro mais alto de uma serra, o seu visco mais elevado.

Atascal: lamaçal, atolcero. Regista-o Carlos Teschauer com uma cita de Monteiro Lobato. Em Portugal se diz *atascadoiro*, *atasqueiro*.

Aterrado: terra firme no meio do pantanal. Rodolpho Garcia atribue a sua formação à carga de sedimentos que a corrente do rio, volteando pelo seu antigo curso, deposita em certos lugares, ao esbarrar com as aguas mortas do *pantanal inundado*. É termo muito usado em Mato Grosso. Affonso Taunay no seu "Lexico de Lacunas" regista *aterrado* com o significado, em S. Paulo, de lugar alagado, que foi enxuto graças a um movimento de terras. E dá o seguinte exemplo — "O aterrado da eidade Nova". Segundo nos informou em carta de 18 de Março de 1928 o illustre Secretario do Instituto de História e Geografia do Maranhão, Antonio Lopes, "nos lagos e pantanaes do Maranhão *aterrado* é terreno esponjoso das margens, formado pela colmatagem. Nestes *aterrados* brotam buritizeiros raquíticos. As vezes, com as enchentes ou ventanias, se destacam dos ater-

vados pedaços que formam verdadeiras ilhas flutuantes, com vegetação das mencionadas palmeiras, e ficam a boiar sobre as aguas, à mercê do vento". Pereira do Lago no "Itinerario da Provincia do Maranhão" (1820) refere-se a estas ilhas flutuantes e assim outros escritores.

Aterroada: também *torroada, terroada*; termo da Amazônia, que apóida pequenas elevações nos campos alios produzidas pelas minhocas, por cupins ou formigas. Também designa depressões amudadas nos terrenos baixos e atolentos, impressas pelas patas do gado durante o começo e fim do inverno. Regista-o V. Chermont. A. J. de Sampaio em seu trabalho "Nomes vulgares de Plantas da Amazonia" (1934) define: "baixada com monticulos de terra; *minhocal* em Mato Grosso. E à pag. 46 da 2.^a Ed. de "Pussanga" de Peregrino Junior, lemos: "O burrinho esquipando devorava a estrada encalombada de *terroadas* que ia do *barracão* "Boa Esperança" á casa humilde de Antonio Cardoso".

Atoledo: brasileirismo do sul, já registado por Candido de Figueiredo (4.^a edição). O mesmo que atoleiro. "Passamos um *atoledo* murcho, esboroando os bordos dos rastros, estorroados e rijos" (Raul Bopp — "Como se via de S. Paulo a Curitiba" — Na "Feira Literaria" de Março de 1928 — Pag. 26).

Atravessadeiro: vimo-lo registado por A. Taunay num artigo publicando no "Correio Paulistano" de 30-11-928, com a significação de atalho de caminho. E' usado em Sta. Catarina.

Atravessador: citado por Araujo Lima no seu notavel livro "Amazonia. A terra e o homem", pags. 120 e 121, com a significação de intermediario a quem o pequeno agricultor da Amazonia vende o produto do seu trabalho, sendo explorado.

Aturiazal: dicionarizado por V. Chermont, como termo de uso no Pará, que designa terreno onde abundam os *aturias* (*Drepanocarpus lunatus*), arbusto espinhoso dos terrenos aluviais, algo atolentos e meio alagados.

Aviado: na Amazônia, informa Mario Guedes (Os Seringaes), "é um homem que trabalha com pessoal seu, em um seringal que lhe não pertence. Acontece isso quando um *patrão* ou proprietario possui um seringal bastante grande. Nesse caso concede uma fração do mesmo a outrem, que trabalha por conta propria: é o que se chama *aviado*. Chama-se *aviado*, porque o *patrão* é quem lhe fornece a mercadoria necessaria ao *fabrico*, tirando de semelhante transacção a sua boa percentagem. E', como se vê, uma especie de feudatario. O *patrão* diz-se tambem *aviado* pela casa *aviadora*, de onde se suppre de mercadorias". Candido de Figueiredo (Novo Dicc. 4.^a ed.) diz que *aviado* é negociante por conta alheia, mascate, que, por conta dos negociantes da costa viae fazer negocio no sertão, informan-

do ainda que o termo é também usado na Africa com o mesmo sentido.

Aviador: termo da Amazônia, registado por Teschauer, com a significação de individuo que contrata e encaminha *seringueiros*. À pag. 198 do "Brasil. A Terra e o Homem" de Arthur Orlando, lemos: "É preciso não confundir a Amazonia do tapuio com a Amazonia do *paraára*. . . A segunda é a Amazonia mestiçada, mas cruel para os violadores de suas mattas virgens, para aquelles que alvoroçam e conturbam suas florestas em busca do ouro negro, a Amazonia do *gaiola*, do *aviador*, a Amazonia da *Hevea Brasiliensis* ou *Synhonia elastica*. . ." E Miguel Calmon em seus "Factos Economicos" à pag. 238, escreve: "Sob promessa de avultados beneficios e presentes, eram os tapuios seduzidos e abandonavam terras e lavouras para o acompanhar. Adiantava-lhes o *aviador* roupas, comedoria, machinas de costura, armas, munições, caixas de musica e bugi-gangas outras, lançadas á sua conta para ser tudo pago em borracha". Neste mesmo trabalho vemos que a palavra *aviador* também designa o intermediario entre o *patrão*, dono de *seringal* e o comprador nas praças de Manáos e Belém. "Mas, o *aviador* que adiantou ao *patrão* as provisões e os varios objectos que este vende ao *seringueiro*, leva-lhe á conta taes juros, que o *patrão* mesmo fica, communmente, endividado" (Factos Economicos, pag. 242 e 243).

Azulinho: termo usado pelos garimpeiros de diamantes em Mato Grosso e Minas Gerais, para designar a claptotita e outras pedras coradas, indicadoras de boa *formação*.



Babacuara: também escrito *babaquára*, registado por Beuerepai-re-Rohan e Teschauer, com a significação de *caipira, tabaréu*. Segundo Teschauer vem de *mbaebé-nada* e *cuáá-saber* e suff. *ara* agente do part. act. - nada sabedor, ignorante.

Babassusal: também *babassual*; bosque de babassús, utilíssimas palmeiras que vicejam principalmente no nordeste até o Maranhão (Babassú, diz o Padre C. Teschauer é um nome vulgar indígena — baba-assú — que significa coco grande). Lemos *babassusal* em "A Informação Goiana" de Outubro de 1930, a qual apresenta um cliché sob o título — "Babassusal á margem do lendario Rio do Sono, em Pedro Afonso, Goyaz". Em conferencia pronunciada na "Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro", em 13 de Abril de 1938, ouvimos do Interventor Paula Ramos o termo *babassual*.

Babecos: á pag. 33 do vol. 6 (1929) da "Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano", lemos o seguinte trecho do trabalho de Pedro Batista, sob o titulo "Athenas dos Cantadores": "Os emburanenses, são, no Teixeira, (localidade paraibana) tratados por Babecos; pejorativo equivalente a *tabaréu* e que se origina do nome de uma familia incola dalli cujo tronco menos remoto era a *Babeca*, proprietaria de *Caramucui*, local de antigo aldeamento a oeste do actual povoado. São os *babecos* de estatura avantajada, côr branca, olhos azues e cabellos negros".

Baboca: vide *bíboca*. Registado por Candido de Figueiredo (4.^a edição).

Bubugem: termo do nordeste, da Bahia ao Piauí, que apellida a vegetação herbacea que brota exuberante após as longas *sealheirás*, com os primeiros aguaceiros. O sertanejo também diz *bubuge*. O sertão que estava preto, na singela expressão do matuto, cobre-se com as primeiras chuvas de um tapete verde. Na "Terra de Sol" de Gustavo Barroso, á pag. 38, lemos: "O capim, quando timidamente nasce, cobrindo o chão de um leve tapete verde claro, chama-se *bubugem*. E Hedefonso

Albano, no seu vingador "Mané Chique-Chique", à pag. 23, escreve: "Com as primeiras pancadas d'água, brota por todos os sertões a *babuge*, que é com avidez devorada pelos animaes famintos. Se continuam as chuvas vem a rama, em seguida o pasto".

Bacabal: sitio onde crescem bacabas ou bacabeiras, palmeiras da Amazônia, rivais da assaí, no dizer do saudoso Padre Carlos Teschauer. "Fomos almoçar na chamada *Ponta do Bacabal*. Ai predominam, de fato, do lado oposto do Rio, elegantes exemplares dessa palmeira, agora justamente com cachos, mas ainda vermelhos e, portanto, maduros" (Gastão Cruis — "A Amazônia que eu vi" pag. 162). A utilidade e frequencia da bacaba (*Acocarpus bacaba-Marl*) refere-se A. J. Sampaio à pag. 72 da sua "A Flora do rio Cumini" (Arquivos do Museu Nacional, vol. XXXV).

Bacucú: termo usado no litoral do norte de Santa Catarina (Município de S. Francisco), designativo de praieiro pescador. In formação de Affonso Tauay.

Bacuráú: alcunha dada no Rio de Janeiro aos negros. Registrada por A. Tauay.

Baétas: alcunha com que os habitantes do litoral denominavam os primeiros habitantes de Minas Gerais, porque estes andavam encapotados, envolvidos no tradicional capotão de baéta azul, nas viagens, durante o tempo frio, nublado ou chuvoso, através das estradas montanhosas de sua terra natal (Nelson de Senna).

Bafuge: nome que os pescadores do recôncavo bahiano dão ao vento muito brando e intermitente. É, certamente, corruptela de bafagem, vocabulo portuguez que significa aragem, sopra brando e interrompido, viração (Aulete). Entretanto é de ouvida comum no recôncavo: "Levei horas navegando, pois não havia nenhuma refrega; de vez em quando apatecia uma *bafuge* (informação de Arthur Neiva).

Bagaccira: lugar ao lado dos engenhos de açúcar, onde são depositados os detritos da cara moída, o bagoço, não só para que séque ao sol a fim de ser utilizado como combustível, mas também para alimentação dos gados. Por extensão, escreve José Americo de Almeida no "Glossario" anexo ao seu belissimo livro "A Bagaccira", designa o ambiente moral dos engenhos. Daí o ter assim denominado o seu admiravel romance.

Bagageiras: registrado por Everardo Backhuser no seu "Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos", com a significação de favas cinzento-azuladas, satellites do diamante. A. Tauay no "Lexico de Lacunas" registra *bagageiro* como nome que, nas lavras diamantinas, dão ao epidoto.

Bagerê: termo usado na região diamantina do Rio das Garças, em Mato Grosso, no sentido de *informação* de diamantes. Registrado por Affonso Taunay na sua "Collectanea de Falhas", publicada na "Revista de Lingua Portuguesa", N. 45., Janeiro de 1927.

Baia: tem esta palavra uma dupla significação especial em Mato Grosso, designando primeiro qualquer lago ou lagôa que é formada pelos rios ao longo de suas margens, e que, por meio de um canal chamado *corixa*, entretém com eles efetiva comunicação. São, de facto, diz Fernando Raja Gabaglia, nas "Fronteiras do Brasil", pag. 317, *baías* do antigo mediterraneo sul-americano. Citaremos, como exemplos, as *baías* (lagôas) Negra, Mandioré, Cáceres, etc. Augusto Leverger (Roteiro da Navegação do Rio Paraguai, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Vol. 25, 1862), informa que o nome de *baías* designa "canaes naturais que servem de escoantes aos campos e pantanos, e por onde as vezes se derramam pelos mesmos campos as entumecidas aguas do rio; segundo as depressões do terreno, formam lagos mais ou menos consideraveis ou encaenam-se como rios, dos quaes se distinguem por não terem correnteza, senão occasionalmente".

Baiano: além de nomear os filhos do Estado da Bahia, o mesmo que baiano, hoje pouco usado, mas frequente no tempo da Independencia, o substantivo *baiano* tem, no Brasil, acepção varia. No Piauí, diz Beaurepaire-Rohan, é sinônimo de *cuijira*, *tabaréu*, e acrescenta: "E' provavel que se dê esse nome aos habitantes do campo, por serem considerados descendentes daquelles naturaes da Bahia, que, depois da descoberta do territorio do Piahy, primeiro se estabeleceram nelle, e alli fundaram fazendas de criação". Abdias Neves, à pag. 29 de seu livro "Aspectos do Piahy", escreve: "No sul, todo nortista é bahiano; no Piahy, até pouco tempo, era bahiano todo sertanejo estranho á terra". No Rio Grande do Sul, segundo lemos em Callage e Romaguera, designa o individuo que monta mal o cavallo, porque os filhos do norte, especialmente os da Bahia, não sabem montar à gaúcha. E Afranio Peixoto escreve à pag. 152 do seu livro "Razões do Coração" - - "bahianos são todos os brasileiros, todos os homens da terra que não montam o cavallo, como o gaúcho". Romaguera ainda regista outra acepção em que, no Rio Grande do Sul, é empregada a palavra *baiano*: a de soldado de infantaria, embora seja rio-grandense, isso porque houve tempo em que a maioria dos batalhões de infantaria eram constituídos de filhos da Bahia. Ainda mais: escreveu Antonio Toledo, em seu volume, "Sombras que vivem" (S. Paulo-1923), que por muito tempo o nome *baiano* significou o habitante do norte, lembrando o caso paralelo de nos dias que correm, na Amazônia, chamar-se *caerense* todo o individuo do centro-norte que para lá vai. Antonio Lopes, do Maranhão, escreveu-nos: "Nas feiras de gado do Maranhão — *bahiano* é todo o

sertanejo, vindo da Bahia, do Piauí ou Goyaz, conduzindo gado. *Bahiano* é o gado que vem do sertão. *Bahiano* é também a dança cabocla que, em outros Estados, se chama *baião* e aqui também se denomina *chorado*" (Como dança disse o mestre Sylvio Romero que o *baiano* é um produto do mestiço, é uma transformação do *maracatú* africano, das danças selvagens e do fado português).

Baiquara: registado por Luiz Carlos de Moraes em seu "Vocabulário Sul-Rio-Grandense" com a significação de *matuto, graca, caipiva*.

Bairro: nome que, na zona da mata do Estado de Minas Gerais, se dá aos pequenos povoados ou arraiais dos municípios. Tem a mesma significação de *comércio, comereinho, rua*, etc. Informação do Dr. Mário Campos, prefeito de Araxá (1928).

Baixa: empregamos este vocabulo no mesmo sentido que em Portugal; todavia, V. Chermont regista-o com o significado peculiar na ilha de Marajó de parte do campo que fica submersa durante o inverno. E à pag. 148 d' "O Torrão Maranhense" de Raymundo Lopes, lemos que baixas são entradas de campo inundáveis.

Baixada: depressão de terreno entre lombadas mais ou menos elevadas, equivalente ao que, no sul do país, se chama *canhada*. À pag. 6 das "Tropas e Boiadas" de Hugo Carvalho Ramoz, lemos: "A tarde morria nuns visos de crepusculo pelas bandas da *baixada*".

Baixadão: baixada grande. À pag. 5 da 2.^a Edição da "Onda Verde" de Monteiro Lobato, lemos: "Transpoz o *baixadão* genito e foi espriar-se em Campinas".

Baixão: o mesmo que *baixadão*. O termo é muito usado no este da Bahia e no Piauí. À pag. 33 do 4.^o vol. do livro "O Piauí no Centenario da Independencia", encontramos os seguintes passos: "Os imigrantes lá (em Miguel Alves, á margem do Parnaíba, 26 leguas abaixo de Therezina) chegavam de todas as paragens, atchidos pelas noticias da fertilidade das terras, dos logares circumvisinhos, com especialidade dos extensos *baixões* que lhe ficam ao sul e ao norte e que, durante o verão, se prestam admiravelmente para a cultura do fumo, do algodão, do milho, do feijão, da abobora, do melão, da melancia, da batata e toda sorte de hortaliças, verduras e tuberculos. Nesses *baixões*, numa extensão de muito mais de legua quando fertilizados pelo humus das cheias do rio, formam-se as *razantes*, que trabalhadas durante quasi meio seculo, são realmente a maior riqueza do Município, sobredito pelo cultivo do fumo que nelas se faz em avultada escala".

Baixio: termo da Amazônia, que designa uma especie de enseada que os rios formam nas margens, onde a agua se emp-

ça, por ocasião das vazantes. Como exemplo, citaremos o *baixio* ou enseada do Tatuquara, no rio Tapajaz. Vicente Chermont registra o termo no sentido de *baixo* onde ha arrebentação (Vide *baixo*). No nordeste brasileiro o nome *baixio* tem o sentido peculiar de uma sub-especie de *vazantes* (vide este termo). Philipp von Luetzelburg, à pag. 32 do 3.º vol. do seu "Estudo Botânico do Nordeste", escreve: "Emquanto as vazantes acompanham sempre rios ou lagoas, dos quaes recebem agua, os *baixios*, ao contrario, estão situados entre as cadeias de serras, formando alli bacias sem escoadouro, de forma que as aguas nos tempos das chuvas, correndo das serras, armazenando-se alli, formando açudes, na falta de sangradouro ficam represadas e infiltram-se no solo, originando maior viçosidade da vegetação existente. Deste modo os *baixios* são vazantes cercadas de serras e, no tempo das chuvas, reservatorios de aguas naturais. Existem destes *baixios* entre as serranias na Bahia central (região das serras das Almas, Tromba e Itubira), na Parahyba (proximos ás serras dos Prazeres e do Pau Feurado)".

Baixo: termo da Amazônia, que designa corôa de lama ou areia, a qual, na baixamar, quasi fica à superficie, ou se descobre completamente. Registrado por Vicente Chermont que acrescenta: "Nos rios de aguas tranquillas e nos *igarapés*, os lugares de pouca profundidade ou que descobrem à baixamar são *baixos*; *baixios*, que de longe denotam a sua situação pela mareta ou pela arrebentação, só se encontram nas bahias e amplos estuários".

Balaçada: nome que, na História do Brasil, se dá à guerra civil que abrasou a Provincia do Maranhão de 1838 a 1841, determinando milhares de mortes e prejuizos sem conta. A denominação proveiu da alcunha que tinha um dos cabeças da rebelião, Manoel dos Anjos Ferreira, cognominado o "balaio", pelo fato de fazer e vender balaços. Outros chefes da rebeldia ostentavam também cognomes expressivos como fossem: Dom Cosme, Gítrana, Ruivo, Mulunguêta, Violette, Coque, etc., etc. Após quasi três annos de terrivel luta, foi pacificada a provincia pelo Coronel Luiz Alves de Lima e Silva, logo agraciado com o titulo de Barão de Caxias (18 de Julho de 1841), ao depois o nosso imortal Duque de Caxias.

Balatal: reunião de arvores que dão a balata, que é a seiva da massarandubeira, da familia das sapotaceas. Numa carta dirigida a 15 de Novembro de 1928 ao Presidente da Republica pelo General Candido Rondon, chefe de uma expedição brasileira na região fronteira das Guianas europeias, lemos o seguinte: "Descobrimos neste rio (S. João) grande balatal desconhecido até hoje do governo do Pará, riqueza extractiva de grande alcance commercial e que facilitará o povoamento do Cumimá, acima do Salgado. Além do balatal e castanhal, o rio conta com a riqueza dos seus grandes campos..."

Balateiro: assim se designam na Amazônia os que se entregam à extracção da balata. É a balata um produto relativamente novo no comércio do Amazonas, como diz o Prof. Agnello Bittencourt em sua "Chorographia do Estado do Amazonas", publicada em 1925, da qual extrainos os seguintes informes: "A arvore da balata pertence á familia das sapotaceas, de muitas especies, conhecida tambem pelo nome de massaranduba (*Mimusops excelsa*). Attinge e cerca de 25 metros de altura e um de diametro. Seu habitat é nos terrenos enxutos e pedregosos, tratando-se da especie que fornece a guta da melhor qualidade. É dessa arvore gigantesca que se extrae o latex de que se fabrica a balata. O extractor golpeia-lhe o tronco, até a altura dos galhos, empregando para isso um processo especial. Geralmente, depois desse trabalho, a arvore, esgotada, morre. É um processo danoso para o futuro da região. A balata é uma riqueza que tende a desaparecer, se os poderes publicos não intervierem, para o evitar". A pag. 196 da "Amazônia que eu vi" de Gastão Cruis, lemos o seguinte trecho: "Cenobilino, antigo balateiro, foi chamado á prova e, sangrando uma das arvores, immediatamente attestou a excellencia do latex que porjava á superficie dos cortes, como um leite muito branco e grosso. Qual coquerana nada! Esta é da boa, da mausa, — dizia elle, ensaiando entre os dedos a consistencia de latex. A brava, vermelha (referia-se á massaranduba) tambem não fica assim. E, depois de conseguir uma pequena bolu com a seiva já coagulada, levou a á boca e partiu a entre os dentes, outro signal distinctivo da *Mimusops*, pois que a massaranduba, quando soffre a mesma operação, sem jamais quebrar-se, conserva apenas, á sua superficie, a marca dos dentes, tal como acontece com os *chiclets*".

Balcêdo: termo da Amazônia, naturalmente derivado de balça, vocabulo portuguez que significa matagal ou terreno inculto, onde crescem arbustos espinhosos (Candido de Figueiredo 4.^a ed.). *Balcêdo* é, no Pará, segundo Visconde Chermont, terreno alagadiço nos campos matajoáras, onde as plantas altas e sarmentosas difficultam o transito. Dele deriva o adjetivo *balcêdoso*, no sentido de apaulado, atoladiço. Alguns escrevem *bal-sedo*:

*"Por traz das franjas veludosas do balcêdo,
As meigas algas
Amorosas,
Langorosas,
Fazem crer
Que são virgens encantudas
Por bruxêdo
Dos payés"*

(Francisco Pereira "Poemas Amazonicos" Pag. 110).

Balceiro: na Amazônia assim se denominam os indivíduos que viajam sobre as *balças* de borracha que descem os rios de *húbvua* (flutuando), ao sabor da correnteza ou impelidas a varejão, até onde a navegação é franca. De tal transporte fala minuciosamente Marin Guedes, da pag. 151 a 153 dos ser's "Seringaes". Transcrevamos alguns trechos: "Uma certa parte da borracha é enviada também a esse tempo em *balças* para as praças de Manáos ou Belem, antes da subida das aguas. Isso, bem entendido, nos rios onde a navegação não se offerece franca aos *gaiolas* e lanchas". "O rio estando secco ou no *casco*, com diminuta profundidade, a borracha se transporta para baixo em *balças*. A *balça* não é outra coisa mais que uma porção de *pelles* de borracha, em numero de cem mais ou menos, pesando cada pelle de sessenta a dez kilos". "Ligadas umas ás outras seguem rio abaixo, muito morosamente, ao sabor da corrente, ou de *húbvua*. Impulsionando-lhes a marcha a varejão, dois ou tres homens que, vistos de alguma barranco, em cima daquelles pães de borracha, lá no meio do rio, parecem uns espectros humanos, uma coisa phantastica. E assim seguem, vagarosamente, andando em muitos e muitos casos apenas dois ou tres *estivões* por dia. Em cima da *balça* vivem, comem, afinal, passam semanas e semanas". "Quando os *balceiros* attingem ao ponto onde a navegação já é franca aos vapores, então a borracha é baldeada para elles e transportada até Manáos ou Belem".

Baldo: registado no "Vocabulario Pernambueno" de Pereira da Costa no sentido de dique, ou barragem de terra, barro ou alvenaria, que forma as paredes dos açudes para represar as aguas e evitar o seu espiamento nas epochas em que aumentam o volume. Abona-o com o seguinte trecho extraído de um Relatório das Obras Publicas de 1869. "O açude do Limociro ficou com o *baldo* destruido, de modo a tornar necessaria a sua reconstrução". "Um *baldo* ou represa de terra, com cerca de 300 metros de extensão, sustenta as aguas do açude de Villa Bella (Idem-1880). Ocorre também a variante *balde*. O mesmo que barragem, segundo se lê no Anexo ao Relatório das Obras Publicas de 1880, citado por Pereira da Costa: "O *baldo* ou *barragem* do açude será de barro, assentado em terreno solido que ali se encontra pouco abaixo do nivel do solo".

Balisa: palavra que, em Mato Grosso e Goiaz, segundo informa Hermano R. da Silva em seu livro "Garimpos de Matto Grosso" pag. 133, designa alta coluna ou morrote de granito, "que se vai perpetuando insensivel á força destruidora das erosões seculares, e a que a inabalavel superstição dos mineradores empresta o poder miraculoso de indicar e orientar a direção infalivel de excelentes pontos para o seu trabalho".

Balceiro: escrito também por alguns *balceiro*, nome usado em varias partes do Brasil para significar um emaranhado de vegetais. Tratando da bacia amazônica, diz F. Raja Gabaglia,

em seu já citado livro, à pag. 119, que *balseiros* são pequenas ilhas flutuantes, em via de regra formados por muturés e outras plantas semelhantes. No valioso trabalho que, em homenagem à Comissão Rondon, publicou o Major Amílcar Botelho de Magalhães, sob o título "Impressões da Comissão Rondon", à pag. 131, encontramos: "Os *camalotes* ou balseiros, tristemente célebres desde o tempo da guerra com o Paraguay, porque o inimigo bastas vezes os utilizaram para a surpresa da abordagem nos navios brasileiros, atravessavam o pantanal como ilhas fluctuantes, ás vezes de dimensões enormes e vinham bater na cabeça dos postes". Alguns escrevem *balsêdo*, como Raymundo Lopes n' "O Torrão Maranhense", onde se lê à pag. 158: "Vemol-o formar *balsêdos*. — bancos ás vezes enormes, compactos, que, pelo entrelaçamento das raízes, se tornam verdadeiras plataformas fluctuantes, nas quaes, não raro, se pôde andar como se fosse num firme tablado. Estes bancos geralmente fixam-se a uma das margens, quando não barram totalmente um rio ou encham o pantano que lhes serviu de habitat. Ao grado da corrente fraca formam-se, disjuntam-se, recompoem-se, atravessam os lagos, descem aos grandes cursos d'água, e lá vão, rio abaixo, até se dissolverem nos estuários, na zona de conflicto das aguas, onde a agitação das marés e a salgação lhes desagregam o conjunto e matam os individuos".

Bambê: registado por Beaurepaire-Rohan como termo usado no Rio de Janeiro, para designar matto estreito que à guiza de cêrca se deixa entre uma roça e outra, como linha divisoria. Jaques Raimundo em seu precioso livro "O Elemento Afro-Negro na Lingua Portuguesa" demonstra a sua procedencia do quimbundo — *mbambe* — marco, divisa.

Bamburral: vocabulo que é empregado em varios sentidos, variantes de região a região. Primeiramente é sinônimo de *bambual*, *bambusal* — bosque de bambús (Vide esta palavra). V. Chermont dá-lhe a accepção paraense, usada também em outros Estados (Mato Grosso), de lugar à margem dos rios, de densa vegetação arbustiva ou arborea pouco alta, e entrelaçamento de cipós tal, que se torna quasi impenetravel. *Bamburral*, diz Nelson de Senna, em Minas e no Brasil central, é o lugar alagadiço e espessamente coberto de uma vegetação emaranhada, enfozada e imprestavel, onde o gado ás vezes se esconde para pastar a apetecida forragem de cambaúba, ali nativa. Neste mesmo sentido se emprega no Rio Grande do Sul. Na Bahia é sinônimo de *balseira* e *tremedal*. No Ceará, segundo lemos à pag. 24 da "Terra de Sol" de Gustavo Barroso, designa arbustos pequenos que não servem para alimentar o gado.

Bambuzal: bosque de bambús. Os portuguezes têm a forma *bambual*, segundo registam Fr. Domingos Vieira, Aulete e Candido de Figueiredo. Este regista *bambuzal* como brasileirismo (4.^a edição) e assim também A. Taunay. No Brasil, tanto se

diz de uma forma como de outra. "O comboio parecia rodar por caminhos suspensos, á beira de abysmos profundos, donde subiam, rampa acima, em tufos verde-claros, folhagens de bambuzues e altas ximbaúvas cujas copas se abriam em forma de rosaceas" (J. A. Nogueira — "Paiz de Ouro e Esmeralda" — Pag. 251). "Dispondo nós de um bom bambusal junto ao laboratorio de entomologia do Horto Florestal do Rio Claro, pudemos fazer observações amiudadas e repetir grande numero de experiencias muito interessantes (Ed. Navarro de Andrade. Chefe do Serviço Florestal da Companhia Paulista — "Praga dos Bambús" — nos Archivos do Instituto Biologico de S. Paulo" 1.º vol. — 1918), Xavier Marques, dentre os maiores escritores do Brasil, empregou a forma *bambual*: "Em alguns trechos o bambual inclinava-se; o seu sussurro onomatopaico pedia silencio" ("As Voltas da Estrada" — Pag. 192).

Bamburro: termo mato-grossense, designativo de um emaranhado de mato muito fechado e baixo, geralmente entremeadado de espinho, cipó e macega. É a definição do Comandante Pereira da Cunha em seu empolgante volume "Viagens e Caçadas em Mato Grosso", á pag. 87, onde acrescenta: "dentro do bamburro não é possível enxergar a onça, ainda que se esteja, ás vezes, a tres metros de distancia". Rodolpho Garcia, que o regista, define: "vegetação arbustiva, com aspecto de *chavascal* por sua densidade: *chavascal* muito sujo".

Banco: além do significado bem sabido, tem esta palavra no sul do Brasil o de ilha formada por aluvião no leito dos rios, ás vezes coberta de arvoredos. No sul da Bahia é usado para designar o trecho de um rio muito declivoso, cheio de pedras e encachoeirado. O Dr. Ruy Pualva, proprietario no Municipio de Ilhéos, que nos deu a informação supra, exemplifica-a com os chamados *bancos* da Victoria, da Pedra, dos Cachorros e do Alto, existentes no rio da Cachocira, que banha o mesmo Municipio e o de Itabuna (Bahia).

Banco d'agua: segundo refere Gastão Cruz em sua "A Amazonia que eu vi" assim chamam na Guiana Brasileira a uma pequena queda d'agua (Elucidario).

Banda-fôrra: assim se chamavam no Brasil aos filhos de brancos com negras escravas. A pags. 55-56 do livro de Limeira Tejo — "Brejos e Carrasacas do Nordeste" lemos o seguinte: "A differença é que as escravas, mães de filhos dos brancos, gosavam de alguma honra da maternidade. Os *banda-fôrra*s que resultavam desses coitos, adquiriam, na maior parte dos casos, certa situação social". Entretanto Rodrigues de Carvalho em seu vigoroso trabalho "Aspectos da Influencia Africana na Formação Social do Brasil" publicado nos "Novos Estudos Afro-Brasileiros" escreve á pag. 29: "O negro de *banda-fôrra*, isto é, aquelle escravo que houvesse adquirido uma esportula, uma quantia em dinheiro, que tivesse comprado ao senhor a metade de sua

liberdade, tinha a *banda-fôrta*. Este poderia trabalhar para si nos domingos. Fazia um *espojeiro*, uma pequenissima cultura de roça ou de milho”.

Bandeira: (1) nome que, na Paraíba e Estados vizinhos, tem o a que noutros lugares do país se chama *ajuri*, *ajutorio*, *auxirão*, *nutirão* etc. (Vide estes termos). Outra acepção deste vocabulo na Paraíba é a que Leonardo Motta regista a pag. 127 de seu “Sertão Alegre”, ou sejam passeatas religiosas em honra de um santo, das quais é parte obrigatoria um banho no rio ou em lagôa. Assim descreve o illustre folclorista compatriocio o ceremonial de tais *bandeiras*: “Quasi ás dez horas da noite do Santo em cuja honra é organizada, a *bandeira* se forma, seguindo o pessoal pelo meio da rua principal da povoação e indo á frente do cortejo uma senhorinha com a bandeira do Santo. A orquestra consta apenas de dois tocadores de zabumba que acompanham como podem os cantiecos desferidos por muitas vozes e cuja musica é sempre alegre, lembrando *baião*. Assim segue a passeata até a borda da lagôa. Ahi todos matam o bicho. Depois os homens se afastam, guardando conveniente distancia, e as mulheres se lançam á agua. Terminado o banho das mulheres, deixam estas a lagôa e vão ficar á espera de que os homens se banhem e se lhes reünam. Reconstitue-se então o cortejo, retornando os pandegos devotos pelo mesmo caminho e sempre cantando, ao patamar da Igreja, onde se dissolve a passeata”. Em Canavieiras, municipio do Sul da Bahia, e terras convizinhas, denomina-se *bandeira* a reunião de canôas da mesma procedencia do interior que conduzem o cacau das fazendas para o porto de embarque. Vimo-lo assim registado no Artigo de Deolindo Amorim — “Canavieiras”, publicado no “Jornal do Commercio” de 15 de Novembro de 1936.

Bandeira: (2) termo conluccidissimo na História do Brasil, designativo das expedições que, nos tempos coloniais, entravam no imenso sertão brasileiro, à cata de indios para escravizar, à procura de minas de que corriam noticias fabulosas, para o combate aos *quilombos*, para a exploração e posse permanente das terras percorridas. Se, hoje em dia, a tendencia da historiografia nacional é estender o nome de *bandeira* a todas as expedições que se rumavam para o interior com aqueles objetivos, restrita e verdadeiramente êle só se deve aplicar ás turmas expedicionarias que se organizavam em S. Paulo, caracterizadas principalmente pelo cunho espontaneo de sua formação (Basilio de Magalhães). As expedições organizadas pelos governadores ou prepostos da Corôa, de cunho official, chamam-se *entradas*. As verdadeiras *bandeiras*, de guerra ou de colonização, da caça ao indio ou dos ciclos do ouro ou das minas, das levas de sertanistas que varam o deserto cubiçado na “mais extraordinaria marcha colonizadora que se conhece”, conquistando para a Patria Brasileira milhões de quilômetros quadrados, e de cuja organização nos deu tão bela imagem o insigne mestre João Ribeiro

(Historia do Brasil. Pags. 227 e 229 — 3.^a ed.), estas são um fenómeno eminentemente paulista. Todavia, já fizemos sentir a extensão que os nossos historiadores vão dando à palavra, tornando-a sinônima de *entradas*, *jornadas* (nome peculiar às *entradas do nordeste*), com a variante *monção* (expedição que de Porto Feliz sulcava o Tieté aguas abaixo), e correspondente ao que os espanhóis denominavam *maloca*. O nome de *bandeira* começou a ser usado com tal sentido no Brasil no seculo XVII, a centuria das grandes e atrevidas expedições do Brasil a dentro: é o que ensina o seu magno historiador Affonso de Taunay, (Historia Geral das Bandeiras, Tomo I, pag. 132). E qual a razão de ser desta denominação? Divergem os autores brasileiros. Afranio Peixoto (Minha Terra e Minha Gente), Capistrano de Abreu (citado por Delgado de Carvalho em sua *Chorographia*), Gentil Moura (As Bandeiras Paulistas) e outros, a maioria, dizem provir do facto de terem as *bandeiras* uma insígnia, um estandarte, uma bandeira, em torno dos quais se reuniam os expedicionarios, que os conduziam como symbolos de guerra; Arthur Orlando (Brasil, A Terra e o Homem) e Osorio Duque Estrada (Historia do Brasil) derivam-na de bando capitaneado por um caudilho; Rocha Pombo (Historia do Brasil, VI vol.), invocando a autoridade de J. Miraes (Historia Militar do Brasil, publicada nos *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 22), indica, a nosso aviso, a verdadeira origem do termo. *Bandeiras*, diz o mestre, "chamavam-se pequenos grupos de assalto que se destacavam de um corpo de tropas ou de uma guarnição, com alguma incumbencia arriscada e dependente mais da rapidez do ataque do que de combate leal". De feito, além de J. Miraes, no livro classico de Latino Coelho — *Historia Militar de Portugal* —, à pag. 6, encontramos o nome de *bandeiras* ou *companhias*, como frações de tropa que combatiam dispersas e isoladas, antes do seculo XVII. Segundo lemos na *Encyclopedia Hispano-Americana*, dava-se o nome de *bandeira*, primitivamente, ao tropel de gente armada, e depois, às companhias das *terças* de infantaria. Por outro lado, o insigne mestre Theodoro Sampaio, em notas que nos forneceu, afirma não ser a bandeira sinal que appareça nos bandos sertanistas, o que concorda com a opinião de Francisco de Paula Ribeiro, numa "Memoria sobre as Nações Genticas" (Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, Tomo III, pag. 143), na qual lemos: "Eis-aqui pois formada uma *bandeira*, nome que desde muito tempo dão os moradores a estes ajuntamentos, e dão-lhe tanto sem motivo, quanto porque é insígnia esta ou signal, que não apparece alli, como porque primeiro se lhes deveria chamar bandos de homens tumultuosos, do que batalhão concertado..." Julgamos assim, muito mais plausivel, que o nome de *bandeira*, dado às caravanas em marcha pelos sertões, seja uma revivescencia, no Brasil, das companhias de assalto que outrora, na metropole, eram incumbidas de reconhecimentos ariscados e empresas temerarias: na prêa do indio solerte, na procura do ouro, da prata, das *esmeraldas* e outras

pedras preciosas, no combate aos traçoceiros *quilombólas*, na penetração e colonização de uma terra ignota e virgem, tudo era uma cilada, uma insidia, um perigo instante, e aquela gente *abandeirada*, que se confessava e fazia testamento antes de partir, revelava inédita coragem e audácia sem par.

Bandeirante: individuo que fazia parte de uma *bandeira*, que marchava para o sertão, também chamado *sertanista*, equivalente ao *maloquero* dos hispano-americanos, algo de parecido com o *pioneer* dos americanos do norte. Contemporaneamente vemos-lo empregado como designativo dos filhos de S. Paulo, paulistas ou piratiniganos. De Menotti del Picchia, em seu maravilhoso livro "A Revolução Paulista", são os seguintes trechos: "A capacidade de idealismo dos *bandeirantes*, de que deram provas formidáveis nos movimentos de Maio e a partir de 9 de Julho (1932) residia na força da sua imaginação, no seu espirito creador, na sua inclinação espontanea para todas as formas de belleza" (Pag. 25). "O trabalho da mulher *bandeirante* foi uma cousa silenciosa, mas prodigiosa" (Pag. 137) "O espirito *bandeirante* velava até junto das trincheiras, a heroica bravura dos *bandeirantes* (Pag. 148).

Bandeirantismo: o mesmo que *bandeirismo*. Empregado por Afonso Taunay no titulo da Primeira Parte de seu trabalho — "Historia Geral das Bandeiras Paulistas", o maior e melhor dos livros ainda publicados sobre o assunto.

Bandeireiro: o mesmo que *bandeirante*. Registrado por Teschauer que o abona com o seguinte passo de B. Guimarães: "...mas onde, segundo as informações dos *bandeirantes*, lhe sorria a expectativa de uma assombrosa riqueza..."

Bandeirismo: fenômeno histórico da penetração pelo Brasil a dentro das *bandeiras e entradas*, protagonistas do "episodio culminante dos annos brasileiros", pelo realizarem a expansão geográfica do Brasil, dilatando-lhe as raias, povoando-lhe o sertão, ocupando-o e colonizando-o, incorporando, em suma, ao patrimonio nacional cerca de dois terços do seu territorio actual. "E' a interrogação para sempre ligada ao estudo e critica do chamado *bandeirismo paulista*" (Paulo Prado — "Paulistica" — pag. 45). Justo é, num preito a mais, consignar-se aqui a maior figura do *bandeirismo* — Antonio Raposo Tavares — expoente maximo dos *cabos de tropa*.

Bandeirista: o mesmo que *bandeirante*, *bandeireiro*, individuo que anda a *bandeirar* (caçar indios ou pesquisar metais e pedras preciosas) nas terras do sertão. Teschauer regista ainda o nome *bandeirista* com o significado, em Pernambuco, de empregado de estradas de ferro que, por meio de sinais feitos com uma bandeirola, permite ou proibe a passagem em agulhas, cruzamentos etc. Com este sentido se emprega também em outros Estados do norte.

Bandoleiro: Callage regista o termo em seu "Vocabulário" como regionalismo gaúcho de uso recente, pois foi o nome que as tropas legalistas deram aos revoltosos que, em 1923, se insurgiram contra o governo legal. Assim também eram expressamente denominados os rebeldes do "Contestado", segundo refere o Coronel Castello Branco em seu "Vocabulário Militar".

Banga: registado por Teschauer como regionalismo de Santa Catarina, na significação de especie de moradia, de casa mal construída. Na "Campanha do Contestado" de Herculano Teixeira de Assumpção, encontramos o seguinte trecho, à pag. 170 do 2.º vol.: "Vedes por alli, dissymmetricamente dispostas, umas *bangas* muito mal construidas? Neellas residem as familias dos bundidos que fazem guarda permanente no alto do desfiladeiro".

Banguê: termo geral do Brasil, que tem varias accepções, variantes de região a região, interessando-nos agora a de engenho de açúcar do antigo sistema, movido em geral à força animal ou à agua. Em alguns engenhos assim chamam ao conjunto das tachas que servem para o cozimento do caldo e noutros ao ladrilho das mesmas tachas, por onde corre a espuma que transborda com a fervura. Segundo Macedo Soares, o vocabulo é de origem africana, o que é contestado por Alfredo de Carvalho que, baseado em Richard Burton, opina ser de origem asiatica, da palavra industarica *banghi* (Phrases e Palavras — pags. 34 a 38). De *banguê* se formam os substantivos *banguexeiro*, e *banguexista*-proprietarios de engenho *banguê* e *bangueiro* — operario que limpa o caldo (ajuda e caldeira) na tacha maior, que retira do caldo as impurezas. (Os sertanejos do nordeste corromperam o termo em *banguexiro*, usando também o termo *pan-teiro*). Do apreciado trabalho do Dr. Nilo Cairo — "O Livro da Cana de Assucar" (1924), extrainos as seguintes notas a respeito dos *banguês*: "Os engenhos atualmente existentes no Brasil são de duas classes: os modernos ou usinas e os antigos, também chamados engenhos *banguês* ou de tipo colonial. Os primeiros são os que se utilizam de todos os mecanismos modernos inventados para se obter o maximo de rendimento da cana e a maior pureza possível dos produtos... Os engenhos *banguês*, os dos lavradores de poucos ou medios recursos, são os mais numerosos nas zonas assucareiras do Brasil... O engenho *banguê* caracteriza-se por evaporar a garapa em caldeiras ou tachas submetidas a *fogo directo* ou a *fogo nu*." Os *banguês* de agua em Pernambuco, desde os tempos coloniais, ofereciam três variantes: *copcero* — engenho cuja roda se move com agua que lhe cãe de cima em seus cubos mais altos (Rodolpho Garcia); *covilhêto* — o que recebe a agua em meio da roda, também dito — *ncio copcero* (Pereira da Costa); *rascero* — o que recebe a agua de um nível muito baixo (Pereira da Costa).

Banguzeiro: também *banguezista*; assim se chama, sobretudo no norte, ao proprietário de engenho *banguê*. "Ora, nunca é tarde para se defender o *banguzeiro* e a exportação para o exterior virá ainda beneficiar bastante o nosso agricultor, de forma que com preços do assucar que ainda lhe falta produzir, elle possa tirar uma media bastante compensadora de toda a sua safra (*Jornal do Commercio*, de Recife, ed. de 29 de Novembro de 1927, no artigo "A Quota de banguês").

Banhadal: segundo Darcy Azambuja (No Galpão), Roque Callage (*Vocabulario*) e Pedro Vergara (artigo de critica à Onomastica" no "*Correio do Povo*" de 15 de Dezembro de 1927), é banhado grande ou terreno alagadiço; varios banhados proximos. Alcides Maya em "*Ruinãs Vivas*", pag. 57, escreveu: "Era por essa mancha de campos, inicio dos *banhadais* de Santa Maria, recanto perdido da fazenda..."

Banhado: terreno baixo, embrejado, alagadiço, não raro coberto de ervas que escondem a agua subjacente. É derivado do castelhano *bañado*, usado com o mesmo sentido na Argentina, no Uruguai e no Paraguai. É termo do sul do Brasil. A pag. 5, do "*Quero-Quero*" de Roque Callage, temos: "não mudou ainda (o quero-quero) a sua vida, não mudaram ainda os seus habitos de atalaia intempestivo dos banhados e dos plainos desertos".

Banqueiro: regionalismo nordestino que designa o operario que, nas engenhocas de fabrico de rapadura, (também nos *banguês*) se encarrega do trato da garapa nos diferentes tachos, onde a mesma é limpa e se reduz a mel. Encontramo-lo num artigo de cearense João Serra, publicado no "*Boletim Agricola*" da Sociedade Amazonense de Agricultura (*Manaos*, 15 de Junho de 1927): "O *banqueiro*, nome pelo qual se designa o encarregado de todo esse labor, deve estar sempre attento, de espumadeira em punho, limpando frequentemente o mel para perfeição do producto e aticando a fornalha até aquelle apurar ou dar o ponto no ultimo tacho".

Banzeiro: termo que, na Amazônia, significa a agitação tumultuaria das aguas dos rios que se embatem nas margens, quando passa a soberba *pororoca*. Registam-no Moreira Pinto e Rodolpho Garcia com este sentido. Definindo este vocabulo no "*Glossario*" anexo ao seu "*O Gororoba*", Lauro Palhano escreve: "agitação causada pelos ventos ou pela passagem dos vapores nas aguas quietas dos rios ou dos lagos. Neste ultimo caso formam-se vagalhões tanto maiores quanto mais veloz é a embareação". Em Alagôas e outros Estados do Nordeste, assim se designam as ondas impetuosas, também chamadas *caralheiros* e *marolas*, segundo nos informa Octavio Brandão (*Canaes e Lagôas* — Pag. 85); neste sentido é justamente o contrario do em que se usa em Portugal — mar que se agita brandamente. Informou-nos o Dr. Pandiá Calogeras que, em Minas Gerais, também se usa

com o sentido português — “aguas benzeiras corresponde a aguas calmas e á feição”. Ainda no Norte se usa o vocabulo *banzeiro* para designar vento forte.

Baqucano: vide *vaqucano*.

Barbaquá: também grafado *barbacuá*, nome que, na região ervateira do sul, se dá ao secador da erva mate colhida. É construção ligeira, em geral coberta de palha — (Vide *herval*). Francisco Leite Alves Costa, em seu trabalho sobre o “Mate”, publicado pelo Ministerio da Agricultura em 1935, escreve: “a herva depois de sapçada pode ser conservada facilmente á espera da operação seguinte que é feita no *barbaquá*, onde se completa a secagem da folha. Os *carijos* e *furmas* já quasi não são mais usados para a secagem da herva. Estão em uso os *barbaquás*, dos quais existem dois typos - o *barbaquá paraguai* ou *latu-apê* e o *barbaquá brasileiro*, que nada mais é do que o primeiro melhorado. O *barbaquá* tem a forma esférica ou oval, conforme a sua capacidade. É construido de ripas ou de varas, formando um arcabouço ligeiramente arqueado. Nesse *barbaquá* é dispensado o *urú*, operario que acompanha a operação, distribuindo a herva para que o dessecamento seja uniforme e para evitar a queima nos pontos de maior concentração de calor”. Vide a completa descrição que da preparação do Mate faz não só este escritor, mas também Romário Martins em seu precioso trabalho — “*Ilex-Mate — Chá Sul-Americano*” (Curitiba-1926). Vale dizer que neste volume o illustre Director do Museu Paranaense estuda em 309 paginas, abundantemente, a história da erva mate, a sua descrição botânica, os hervaes, o preparo de mate, os engenhos, o comércio, a legislação, a bibliografia, etc, etc.

Barbeiro: nome que, segundo Horacio Nogueira (“*Na Trilha do Grillo*”), designa, nos sertões de S. Paulo, o picadeiro que occupa o segundo lugar na pinda.

Bariri: têrmo de S. Paulo, registado nos trabalhos da sua illustre e profieua Comissão Geographica e Geologica”, designativo de corrente veloz e precipitada das aguas dos rios em trechos de sensível desnivelamento. É sinônimo de *corredeira*, *corrida*, etc.

Baroneza: nome que, em varios Estados do norte, designa plantas flutuantes da familia das pontederiacas, as quais cobrem as aguas dos rios mansos e das lagôas. Na Bahia, o sertanejo indica o inicio da enchente dos rios dizendo que as baronezas estão descendo. Em Alagôas, a lagôa Manguaba é cheia dessa vegetação que toma, em certas regiões, o nome de *dama* ou *rainha do lago*. A pag. 156 dos “*Contos do Norte*” de Alberto Rabello, lemos o seguinte trecho: “Para deante e para além, as ilhotas debruadas de *baronezas* e *oningas*, a vela panda dalgum saveiro que descia o rio, o fumo das olarias

á beira d'agua, a mancha parda do casarão da Victoria, as primeiras cinzas do entardecer sobre o recorte das montanhas afastadas...".

Baronista: alcunha do partido conservador em Pernambuco, no meado do Seculo XIX, oriundo do seu Chefe — o Barão da Boa Vista — Em 1846 teve o partido a denominação de *sacramento* e depois de *guabirú* (Vide estes termos).

Barra: em Portugal, além de outros sentidos, diz-se *barra* a entrada de um porto, maxime se é estreita (Candido de Figueiredo e Caldas Aulete). No Brasil, além desta accepção, se emprega em outras, a saber: na de bancos ou corôas de arcia e de outros sedimentos trazidos pelos rios e depositados nas suas bocas e nas dos estuarios, resultantes da ação conjugada das correntes fluviaes e das vagas e correntes marinhas (Raja Gabaglia — Liv. cit. Pag. 158); na de foz de um rio ou riacho; na de primeira claridade do dia, alta madrugada, ou de côres avermelhadas do poente ao cair da tarde, como se vê no seguinte passo de Gustavo Barroso à pag. 27 do "Tição do Inferno": "Levamos nisso até de madrugada. Quando já as barras iam quebrar, os gallos cantavam e aquella visagem virou fumaça". E ainda em Rodolpho Theophilo na "A Fome — Scenas da Secca do Ceará": "Ao quebrar das barras já todos estavam nos terreiros, com o olhar fito no levante". Neste sentido, segundo informam o General Borges Fortes e Luiz Carlos de Moraes, é de uso no Rio Grande do Sul. Mais ainda: segundo Irineu Joffily, no sertão paraibano, dão o nome de *barra* a uma nuvem carregada que se fórma no poente ao cair do sol. "Nessas criticas circumstancias (as da secca), o creator, o agricultor sertanejo todos os dias consulta o céu no ocaso do sol. Se vceem uma nuvem carregada que occupa o horizonte, a que chamam *barra*, fitam-na com o maior interesse; e dahi nasce uma esperança, muitas vezes vã, se della apparece o sulco de fogo de qualquer longinquo relampago (Revista do Instituto Historico e Geografico Paraibano — Vol. III — Pag. 401).

Barracão: na Amazônia, esta palavra tem o sentido peculiar de moradia do *patrão* ou dono do *seringal*, a sua casa matriz, equivalente mais ou menos à *casa grande*, residencia dos fazendeiros e senhores de engenho do centro-norte. E' ao mesmo tempo habitação do proprietario do seringal ou do seu administrador e deposito de mercadorias indispensaveis e da *borracha* colhida nos centros; vivenda e armazem. Os *barracões* são colocados á beira dos rios, na orla das matas, na *margem*, como lá dizem. São construidos de madeira: assentam-se sobre barrotes de madeira de lei, isto é, resistente e duradoura, que o elevam do solo alguns palmos, afim de evitar a humidade ou mesmo a *agua* no inverno se o terreno circunstante alaga (Vide a descrição completa do *barracão* no livro de Mario

Guedes — "Os Seringaes" — Entre pags. 92 e 96). Em geral no Norte, na Bahia por exemplo, ao longo das estradas em construção, o termo *barracão* designa o lugar onde se abastecem os trabalhadores chamados *garimpeiros*. E segundo informação do Professor Alcide Jubé, do Liceu de Goiaz, o termo *barracão*, em Goiaz, nomeia pequenos quartos feitos ao pé do mercado, onde ficam armazenados generos do país comprados pelos *barraconistas* que prontamente aendem a quaisquer pessoas que tenham necessidade de tais generos, com lucros compensadores. Os proprietarios desses cubiculos chamam-se *barraconistas* e o povo lhes dá o apelido de *uçambarcadores*.

Barraco: pequena habitação de madeira com palha ou ramos, zinco ou telha. Citado por J. Ignez Béjar, em artigo publicado na edição do "Correio da Manhã" (Rio de Janeiro) de 11 de Agosto de 1935. E' termo usado no Distrito Federal para designar as casinholas de madeira que os construtores improvisam junto às obras que executam e onde dormem os vigias da construção. Alteração de *barraca*.

Barraconista: assim se chama em Goiaz ao individuo que possui um *barracão* (vide o sentido desta palavra no Estado referido). Informação do Dr. Alcide Jubé, professor do Liceu de Goiaz.

Barranca: o mesmo que barranco. Usado pelos castelhanos no mesmo sentido, segundo regista Vergara Martín em seu "Diccionario de Voces y Términos Geográficos". A pag. 51 da "A. na Sertaneja" de Gustavo Barroso, encontramos: "A casa era pequena e velha, a taipa toda esburacada e o telhado em petição de miséria; porém, naquella êrma *barranca* do rio Quixeramobim, entre o Egypto e o Cruxati, não havia outra". No Rio Grande do Sul é empregado comumente no sentido de baira de rio, quando cortada a pique (General Borges Fortes e Luiz Carlos de Moraes).

Barranceira: alteração de ribanceira, empregada no sentido de continuação de *barrancas*, segundo Mace'do Soares, ou *barranco* de certa extensão, consoante Rodolpho Garcia. Entretanto Luiz Carlos de Moraes regista o termo no Rio Grande do Sul como *barroca*, serie de *barrancos*. Callage regista *barranqueira* com o mesmo sentido de *barranceira*.

Barranco: em quasi todo o Brasil assim se chama à ribanceira ou riba de um rio, quando é alta ou ingreme a margem. Na ilha de Marajó, segundo informa V. Chermont, designa ilhas flutuantes de capim, que descem os rios nas fortes correntezas do inverno: como tal é sinônimo de *balseiro*, *camalote*, *matupá*, *murké*, *periantau*. Everardo Backheuser, em seu precioso "Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos", escreve a respeito de *barranco*: "Lugar cavado por effeito erosivo especialmente da agua sobre rochas que tenham pouca resistencia por se acharem já em estado de decomposição ou por serem de mate-

rial de si pouco consistente. Os barrancos podem apresentar-se como penedias e serem confundidos com falhas por observadores menos atentos". "Luzente, serena, ao luar, a lagôa parecia dormir na varzea adormecida, entre os baixos *barrancos* maceros das margens ..." (Alcides Maya. "Alma Barbara" — Pag. 29).

Barranqueira: vide *barranqueira*. Segundo o Dr. Arthur Neiva é um grande *desbarrancado*. Na Espanha se diz *barranquera*. A pag. 123 do "O Rio da Unidade Nacional" de Orlando Carvalho, lê-se: "Um marinheiro velho contou que desde criança vive na *barranqueira* e que tem ouvido falar que o Caboclo da água costuma aparecer nos remansos..."

Barranqueiro: nome dado em Minas Gerais ao habitante ribeirinho do S. Francisco: o mesmo que *beiradeiro* ou *beirado*, mais de uso na Bahia. É o individuo pobre que habita o *barranco* do S. Francisco. Vimo-lo registrado no livro de Orlando Carvalho — "O Rio da Unidade Nacional — O S. Francisco", nos seguintes passos: "Se as possibilidades são infinitas e se a terra aguenta tres colheitas de arroz por anno, entretanto os *barranqueiros*, os *barqueiros* e os demais ribeirinhos comem apenas farinha de mandioca, carne seca, às vezes feijão, e rapadura..." (Pag. 41). "À margem do rio S. Francisco apparecem aqui e acolá as casinhas dos moradores ribeirinhos, empoleiradas nos barrancos pittorescos em Minas e rodeadas de plantações de vasante no territorio da Bahia: são os *barranqueiros*, typo de ribeirinho da região cujo padrão de vida é modelado pelas condições especiais do rio..." (Pag. 90).

Barraquista: nome que, no nordeste, têm os donos dos *manicobais* que os exploram por intermedio dos *manicobeiros*, resistentes sertanejos que tanto se assemelham aos seringueiros da Amazônia. O apelido procede do fato de morarem tais senhores em *barracões* ou grandes *barracas*, construidas em meio das bravias catingas nordestinas.

Barreira: (1) tem este vocabulo varios sentidos peculiares a diferentes zonas do Brasil. Na costa do norte do país assim se chamam aos côrtes que as correntes, marés e ondas produzem no sopé das colinas que marginam o oceano, talhando-as a pique, sendo destarte o resultado da *abrasão*, nome que, em Geografia Geral, se dá à força erosiva do mar. Barreiras, diz o eminente professor Delgado de Carvalho em sua "Geographia do Brasil", 1.º vol. Pag. 44 da 3.ª Edição, em o nosso litoral septentrional e oriental, são os barrancos que terminam o taboleiro litoraneo cujas camadas horisontais e terciarias apresentam um talude, mais ou menos a pique, ao contacto das praias. São falesias de 50 a 60 metros de altura, abruptas e desnudadas, formando uma faixa continua, apenas interrompida pelos estuarios dos rios. Ao longo dos rios prolongam-se também as *barreiras* sob forma de *barrocas*. As barreiras são formadas

de arenites friáveis em folhelhos mais ou menos decompostos, dahi a variedade de côres que apresentam, desde o vermelho e amareilo até o branco". Em alguns municípios de Minas Gerais, refere Moreira Pinto, assim se denominam as fontes perenes de aguas minerais. Segundo Rufino Theotônio Segurado (Roteiro de uma viagem de Goiaz no Pará, publicado na Rev. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — vol. 10), na bacia do Araguaia, designa o lugar escarpado na margem de um rio com extensao até meia légua, onde não ha mata, registando-o neste sentido Macedo Soares e Teschauer, e assim sendo usado em todo o Brasil central, na zona do S. Francisco da Bahia e Pernambuco, por exemplo. Em alguns municípios da Bahia significa lura, toca ou loca, no *barranco*, cavada principalmente pelas aguas e que serve de moradia aos peixes. Usa-se também no augmentativo — *barreirão*.

Barreira: (2) assim se designava em Goiaz o posto fiscal, onde se fazia a cobrança do imposto de viação para se poder entrar na cidade. O imposto era pago para a conserva da estrada. Entretanto, como nos informa o Prof. Alcide Jubé, hoje não se cobra pedagio nas estradas publicas do mesmo Estado. Nas proximidades da velha capital goiana existiam dois postos denominados — Barreira do Bacalhão ao Sul e Barreira do Norte no septentrião. Em alguns Estados do Brasil, no Rio de Janeiro por exemplo, se emprega a palavra *barreira* no sentido de posto de fiscalização policial nas estradas de rodagem.

Barreiro: vocabulo de varios sentidos na nomenclatura geográfica brasileira. O Visconde de Taunay diz que assim se chamam as baixadas salino-salitreas, de côr acizentada, tirante a branco, muito procurada pelos animais. Usa-se principalmente em Goiaz, Paraná, S. Paulo e Mato Grosso. Henrique Silva, em artigo sobre a pecuaria, publicado na "Informação Goyana", de 15 de fevereiro de 1917, informa que os animais buscam com sofreguidão esses lugares, não só os ruminantes, mas também as aves e os reptis, e que o gado lambe o chão, e, atolando-se nas pças, bebe com delicia a agua e come o barro. Em Mato Grosso, a palavra *barreiro* também designa pantanos no interior das matas que se tornam intransitaveis nas invernadas. Everardo Backheuser diz em seu "Glossario": "aflorescimento de rochas com efflorescencias salinas, frequentes em grande parte no valle do S. Francisco, e das quais se extrae sal de cosinha chamado então *sal da terra*" e mais que esses "*barreiros* são muito procurados pelos animais domesticos ou selvagens para serem por elles lambidos afim de se proverem de sal necessário à sua economia". Amadeu Amaral regista *barreiro* — lugar onde ha barro salgado, muito procurado pelos veados e outros animais do mato. Este vocabulo não tem, porém, a área limitada que indicam os vocabularistas nacionais. Assim é que o sabemos empregado até a Amazônia, como se depreende do seguinte passo do bellissimo livro de Raymundo Moraes — "Na

Planície Amazonica" (Manaos — 1926 — pags. 15 e 16): "Fructos e tuberculos pobres de sal, os desses logares, forçam os animaes a procurarem o chloreto de sodio no solo. Acham-no. Abrem, então, enormes covas na superficie da terra, excavadas a garras, a bicos, a patas, a unhas, a focinhos e abarrotam-se da materia cristallisada e apelerida. São os *barreiros*, onde os bichos todos, desde os volaters aos quadrupedes, vão comer cantando, grasnando, uivando, fungando, chiando, numa confraternização que reflecte a abundancia daquelle alimento mineral". São para registar-se mais dois sentidos deste termo: em Pernambuco, diz Rodolpho Garcia, designa fôssco escavado em terreno argiloso para reter e conservar por algum tempo a agua das chuvas, principalmente na região da catinga, onde ela escasseia; na Bahia, sabemos de ouvida propria, *barreiro* é o local onde se amassa o barro para tapagem das casas chamadas de taipa.

Barrigas-verdes: termo de Geografia Humana, que designa os naturais do Estado de Santa Catarina ou catarinenses, ou ainda *catarinetas*. Registado por J. Romaguera, Roque Callage, C. Teschauer e outros. Teschauer escreve: "Assim foram alcunhados os legionarios catarinenses, que, com uma faixa verde à cinta, á guisa de distintivo, marcharam para a Cisplatina com o mesmo denodo com que mais tarde seguiram para o Paraguai os seus descendentes". Enganou-se Candido de Figueiredo quando, ao registar o termo, diz que é designação depreciativa do catarinense. Nunca, jamais. Já o haviam notado Romaguera, Callage e Teschauer, pois que os nossos irmãos de Santa Catarina só têm motivo de orgulho patriótico por tão heroica ascendencia. E' para eles denominação tão honrosa quanto a de *farrapos* para os rio-grandenses do sul, como pondera Teschauer. Leiam-se na "Revista de Lingua Portuguesa — n.º 43, entre pags. 91 e 93, as palavras patrióticas e ponderosas de Affonso Taunay em vantajosa contradita a Candido de Figueiredo. E por fim aqui transcrevemos o seguinte trecho do Almirante Boiteux: "Se ha porcm apelido que tanto honre pelo de glorioso que encerra e com o qual muito se desvanecem os filhos de Santa Catarina, é sem duvida alguma o de *Barriga-Verde*" (Jornal do Commercio de 21 de Junho de 1936). A respeito de *barrigas-verdes* escreveu-nos o Padre Geraldo Pauwells, grande conhecedor dos fastos catarinenses: "Barriga-Verde foi primitivamente apelido só do regimento de linha de Santa Catarina, criado em 1739, como batalhão de artilheiros-fuzilheiros de quatro companhias. O nome não proveiu duma faixa, peça indumentaria que naquelle tempo não existia como parte do uniforme, senão do coléte verde usado por aquella unidade militar". Segundo lemos no "Lexico de Lacunas" de Affonso Taunay, também se chama *barriga-verde* ao individuo apaixonado pela pesca — *pirangueiro*.

Barriquinha: termo usado no oeste paranaense designativo de fonte perene. Encontramo-lo no livro do Cel. Raul Bandeira de Mello — “Ensaio de Geobélica Brasileira” — 1938, à pag. 67: “O grosso da população (de Guatapuava) serve-se de fontes perenes, chamadas *barriquinhas*, porque são poços revestidos de um tonel ou barrica de madeira, sem tampa nem fundo”.

Barróca: vocabulo lusitano que tem, no Brasil, sentido diferente do de Portugal. Aqui significa barraco, rasgão praticado na terra pelas águas selvagens ou das enxurradas, ora circular, ora comprido, interceptando geralmente a passagem de veículos. As *barrocas* são muito frequentes nas estradas comuns do sertão, maxime nas ladeiras. À pag. 69 de “Luzia Homem” de Domingos Olympio, lemos: “...as festas, os S. Gonçalos, os Bumba-nou-boi, as vaquejadas, as caçadas de avoantes nos bebedeiros, a colheita dos ovos, que elas zbatendo-se em nuvens sobre as varzeas, parham aos milhões, junto dos seixos, das toicçiras de capim, ou nas *barrocas* feitas pelas patas do gado...”. Não raro dá-se-lhe o sentido mais lato de despenhadeiro, gruta, vale, usando-se também o aumentativo *barroco*. No Rio Grande do Sul, segundo o General Borges Fortes, emprega-se no sentido de *barranca*, riba ingreme de um rio.

Barreocal: lugar cheio de *barrocas*, ocorrendo também, segundo A. Taunay — *barrocada*. No Rio Grande do Sul, informa o General Borges Fortes, assim se chama ao desmoronamento das terras em pleno maciço das Coxilhas pela erosão das águas, apelidando-se também estes locais — *paredão*.

Barroqueira: registado com a grafia *barroqueira* no vocabulário de Horacio Nogueira, à pag. 283 do seu volume “Na Trilha do Grillo”, com a significação de “garganta funda, situada ordinariamente no centro dos valles”.

Batalhão: na Bahia e em Sergipe assim se chama ao que em outros Estados se denomina *adjunto*, *ajutorio*, *muxirão*, *mutirão*, *putirom* etc. “S. João na porta, na quebra do milho, Rosa não consentiu no convite aos *batalhões* da redondeza para, como nos anos idos, correrem os eitos, té a barra do dia limpar os pés da serra de Tabanga” (Alberto Deodato. Cannaviaes. Pag. 47).

Batalheira: em S. Paulo, segundo nos informa A. Taunay, assim chamam à terra seca, pouco fértil. É do mesmo polígrafo o seguinte exemplo: “F... tem na fazenda de Ibicatú cem alqueires de apurada de conto de reis para cima, no lado de duzentos alqueires de *batalheira* que não valem cem mil réis. O termo *batalheira* vem de batalha, nome de uma nectandra que cresce muito em certas zonas do Estado de terrenos ordinarios. Todavia chamam *batalheira*, generalizando, terras onde ela não existe. O apelido de batalha para a árvore vem da excessiva rigidez do seu lenho tão duro que embota os machados.

Batedor: termo usado no interior da Bahia para designar o campo onde se põe o gado a pastar constantemente, por isso mesmo,

de forragem escassa. O mesmo que *rapador* ou *rapadouro*: Cândido de Figueiredo regista-o como *brasileirismo* do norte, apelidando o lugar, onde se reúne o gado, acossado pelas moscas. Nunca o ouvimos em tal sentido. Alcides Jubé informa que, em Goiaz, é o lugar onde o gado está sempre passando, rumo à aguada.

Bateiro: trabalhador das *leiras* auríferas e diamantíferas, que maneja a bateia, "utensilio de madeira, conico, com a bocca muito larga e pouca altura, de que se servem os exploradores para separar pelo peso os diversos minerais constitutivos de uma areia". Everardo Backheuser, de cujo "Glossario" tiramos a citação supra, regista o verbo *bateiar* com o significado de operação pela qual se faz a separação, usando a *bateia*; consiste em separar, por meio de movimentos, um tanto descontraídos, o diamante, o ouro, ou outros mineraes pesados das areias, que os acompanham. A operação é um tanto analoga à de peneirar milho, para separar a palha, não se o jogando, porém, para o ar. Á areia aurífera ou diamantífera adiciona-se um pouco de agua, e quando se imprime á bateia um movimento de avanço, a areia se separa e pode-se então colher a substancia preciosa". Alberto Rabello nos seus "Contos do Norte", onde se encontram tantos localismos da região diamantífera da Bahia, escreveu à pag. 36: "Por que deixas as catas douradas de sol, onde a cantiga dos *bateiros* se ouve languida, e o barulho das enxadas desengronando o cascalho nas *corridas*, é mais sonoro que o gotejar da agua das fendas do granito?"

Bate-pão: termo goiano que designa os individuos que, nos lugares onde não ha força regular, fazem as suas vezes, mediante certa remuneração pecuniária. (Informação do Prof. Alcide Jubé, do Liceu de Goiaz).

Batoqueira: termo nordestino que significa trilha através da *catimba*. "Ao romper d'alva, retomava o rastejador Bellarmino Morais, da nesea volante (nome de uma tropa), a *batoqueira* sinistra, através de espessa caatinga, caracterizada pela flora dos mororós, sipaúbas e unhas de gato, quando divisa um roçado, a poucas braças de uma casa de tijolos em preto". (Erico de Almeida. — "Lampeão. Sua Historia". Pag. 35).

Batida: termo muito usado no nordeste e registado por Leonardo Motta, com a significação de rastro aberto na mata, trilho estreito na mata e empregado por Olavo Bilac no seguinte passo do seu "Através do Brasil", pag. 71: "Carlos e Alfredo attentaram, e viram que o que elle chama uma *batida*, era um trilho estreitissimo, quasi invisivel como um caminho de formigas". V. Chermont regista-o como termo de Marajó, no sentido de vestigio que deixa no solo um animal que passa, rasto, pegada. Entretanto, é frequente, na Bahia e no nordeste, o emprego desta palavra com tal sentido: "*a batida* do gado, *a batida* da caça".

Beatos: nome que tem uma significação peculiar na região do Cariri, sul do Ceará, onde fica a lendaria Juazeiro do Padre Cícero. A população desta cidade, cerca de 45.000 habitantes, 16.000 permanentes e 30.000 flutuantes,romeiros e arribados, comporta diversos grupos religiosos: *penitenciaristas, fiéis e beatos*. Os *beatos* são os que se consideram santos, vivem ao jeito de monges e como estes se vestem constantemente. Xavier de Oliveira em seu livro "Beatos e Cangaceiros" define o *beato*: "É um sujeito celibatário, que faz votos de castidade (real ou aparentemente), que não tem profissão, porque deixou de trabalhar, e que vive da caridade dos bons e das explorações aos crentes. Passa o dia a rezar nas igrejas, a visitar os enfermos, a enterrar os mortos, a ensinar orações aos credulos, tudo de acordo com os preceitos do catecismo".

Bebedouro: nome que, em Minas Gerais, se dá às fontes perenes de águas minerais salinas, predominando o carbonato de soda, diferentes das chamadas *barreiras* por serem mais abundantes, segundo informa Moreira Pinto. "As caças surgem, mansas, dos carreiros rumo dos *bebedouros* em que curimbatás, pira-canjuba e dourados laiscam, tabanando á tona" (Amando Canby — "Sapezais e Tigueras" — Pag. 262). Vicente Chermont regista o termo como regionalismo paraense, significando lago, rego, *igarapé*, rampa ou praia, onde o gado bebe, chamando-se *bebedouro* real aquelle que nunca secca, *bebedouro de enchente* ou *de vasante* ao que é quinzenalmente alimentado pelas marés de águas vivas. Na Bahia dá-se o nome de *bebedouro* aos lugares em que o gado costuma beber, nos rios, nas lagoas, nas fontes ou nas *cacimbas*. No Ceará diz-se também *bebedor*, sinónimo de *cacimba*, segundo lemos em "Luzia Homem", de Domingos Olympio a pags. 53 e 219: "Os raros bebedouros subsistentes ficavam longe da estrada real..." "Pastorava o gado; cavava bebedores e cacimbas; vaquejava a cavallo como o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foiea e machado na derrubada dos roçados". É sinónimo de *bebida*.

Bebida: nome que, no norte do Brasil, se dá a depósitos ou mananciais de água pluvial, onde costumam beber os animais, quer domesticos, quer silvestres. Na estação da secca, diz Beaulrepaire-Rohan, quando é geral a falta d'agua, são as *bebidas* lugares idóneos para as caçadas, pela multidão de aves e outros animais que aí se reúnem.

Beijú: registado por A. Taunay no "Lexico de Lacunas" como regionalismo das lavras diamantinas de Bagagem, sinónimo de *placer*. Esta palavra é inglesa, porém adotada na tecnica universal, correspondendo àquilo que no Brasil se tem denominado de diferentes modos, como seja, casealho aurifero. Os *placer* são depósitos aluvionais que contêm, além da areia, substancias metalicas exploraveis industrialmente. Vide a res-

peito o que ensina Everardo Backheuser em seu "Glossario", tantas vezes citado.

Beira-campo: registado por Macedo Soares no sentido de terreno comprehendido entre o limite de um campo com um mato e o ponto em que, a começar daquele, prefizer 600 braças. Usado no Paraná.

Beirada: vocabulo portuguez, usado no norte do Brasil com o sentido peculiar de arredores, cercanias, como registaram Candido de Figueiredo (4.^a edição) e Pereira da Costa. Todavia, é também empregado pelo povo do centro do país na accepção portuguesa de margem, beira. Como exemplo, citaremos a seguinte estrofe registada no "Cancioneiro de Trovas do Brasil Central" de A. Americano do Brasil, à pag. 119:

*O povo do Rio Branco
Está deixando Conceição,
Na beirada do Araguaia
Fica esta povoação,
E nas matas tem seringa,
Bem no meio do sertão.*

Segundo nos informou o Dr. Filinto Bastos é frequente na zona de Maraú, Camanú e terras convizinhas (Bahia).

Beiradeiro: também *beradero* e *beradeiro* no linguajar dos sertanejos; nome que, na Bahia, tanto no sul do Estado, como na região do S. Francisco, designa o habitante das beiras ou margens dos rios. "Eu sou *beradeiro*. Nasci nas margens paludosas do S. Francisco colossal" (J. Mattos Guinaud. "Adus Juazeiro" publicado no "O Echo" de 17 de Junho de 1933). Joaquim Alves na Ed. do "Jornal do Commercio" (Rio), de 24 de Outubro de 1934, escreveu: "Assistimos em Bodocó, sertão pernambucano, a vinda de comboeiros da Bahia, *beradeiros* do S. Francisco, para as feiras da farinha". Segundo informa Coriolano de Medeiros em seu livro "O Barracão" (Recife-1930-pag. 105) assim se designam na Paraíba "os rusticos moradores nas proximidades das vilas sertanejas".

Belendengues: registado por Callage e Teschauer, termo usado no Rio Grande do Sul com a significação de cavalaria de veteranos para defender a fronteira. Segundo Teschauer é corruptela de *blandengues*, especie de milicia de fronteiras.

Bemteví: nome dado a um partido politico que, no periodo regencial, se formou na Provincia do Maranhão. Este nome teve origem no titulo do jornal que era o seu orgão de publicidade fundado pelo ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho e contava entre os seus entusiastas o notavel João Francisco Lisboa.

Beriva: Alteração de *biriba*. por sua vez corruptela de *mbirib* - curto, breve - alcunha, no Rio Grande do Sul, dos habitantes da região serrana e dos paulistas. Também no Rio Grande do Sul,

segundo Souza Docca, significa homem desconfiado, matuto; pessoa exagerada em seus melindres (Souza Docca — "Vocabulos Indigenas na Geographia Rio-Grandense"). Em Minas Gerais, diz-se *biribas* (Vide esta palavra). Carlos Teschauer regista *beriva*, *berivada* — "grande numero de berivas ou beribas" e também *beribás* ou *berivás* — "es homens providos de S. Paulo e Paraná para comprar muares". Roque Callage escreve a respeito, citando Romaguera: "*Beriva* ou *beriba*, nome com que são designados os filhos ou moradores de Cima da Serra, os quaes geralmente andam em mulas e têm um sotaque especial, que não se nota nos habitantes da campanha ou da região baixa do Estado".

Bêta: termo muito usado em S. João d'El-Rei e Morro Velho (Minas Gerais), citado por Barbosa Rodrigues, para significar excavações profundas feitas nas rochas de onde extraem ouro. Em carta que me dirigiu a respeito da "Onomastica", escreveu o sabio Pandiá Calogeras: "Não me consta que em Minas se trate por este nome as excavações mineraes, e sim a propria mina. Vieiros ou bêtas dizia a velha ordenação e nesse sentido ficou. Só vi, tomando a parte pelo todo, tal figura se applicar á lavrança, mas eu o ignoro". Everardo Baetheuser em seu "Glossario" diz: "pequeno filão ou vieiro em regra de origem hidrotermal, contendo minerais preciosos, mas especialmente minerais metallicos".

Biangó: casinholo simples. É a significação que lhe dá Valdomiro Silveira, que emprega este termo, á pag. 14 do seu livro "Nas Serras e nas Furnas", no seguinte trecho: "O Neca possuia um sitio de cana, com engenhoca e benfeitorias respectivas, uma propriedade de criação e uma chacara no pé do arraial, não contando a casa grande da povoação e dois ou tres *biangos* sem serventia".

Biboca: termo que ocorre com varios sentidos. No Rio Grande do Sul, significa barranco, ou excavação formada ordinariamente por enxurradas ou movimento de aguas subterraneas, de sorte que torna o transito não só incomodo, mas também perigoso, sobretudo ás escuras, sendo frequente dizer-se — ficou a estrada cheia de *bibocas* depois das chuvas (Beaurepaire-Rohan). Ainda no Rio Grande do Sul, segundo informa o General Borges Fortes, emprega-se no sentido de terreno de difficil acesso, lugar remoto. Elpidio Pimentel, lexicógrafo capixaba, informa que, no Espirito Santo, *biboca* tem o significado de habitação longínqua, sertaneja, *grateiro* ("Vida Capixaba" — N.º 245-1930). Romaguera e Callage dão como significando *barrancos*, *barranqueiras*, precipicios formados de terrenos fendidos. Beaurepaire-Rohan diz ainda que se chama *biboca* a qualquer terreno brenhoso, de difficil transito. Macedo Soares refere que, em S. Paulo, assim se denomina uma casinha de palha e A. Taunay um casebre. Na Bahia e Estados

do norte designa qualquer casa pequenina, coberta em geral de palha: "Um bruxuleio barato no fundo da biboca dos retirantes que, perdida na amplidão do latifúndio, ficava menor, semelhando um ninho cahido, modifica-lhe a impressão da vida" (José Americo — "A Bagaceira" — Pag. 70). Ainda na Bahia se chama *biboca* a uma pequena casa de negocio, uma vez-dóla, taverna, sinónimo de *taboca* (Vide este termo). Ocorrem também as formas *baboca*, *boboca* e o augmentativo *bibocão*.

Biboqueira: lugar cheio de *bibocas*, segundo Catulo Cearense, nos "Poemas Bravios"; serie de precipicios como regista A. Taunay no seu "Lexico de Lacunas". "A estrada é uma *biboqueira* quasi intransitavel".

Bicudo: (1) alcunha que, nos tempos da Independencia, davam aos portuguezes em Mato Grosso (Affonso Taunay — Lexico de Lacunas"). Antes de Mato Grosso, assim se denominavam os portuguezes no vale Amazonico. E' o que se depreende de trabalho do historiografo amazonense Arthur Cesar Ferreira Reis, "A Explosão Civica de 1832", no passo em que fala das atividades civicas de Frei José dos Inocentes, escrevendo: "Começou por espalhar (em Cuiabá) o apelido de *Bicudos*, por que no valle denominavam os d'alem mar". (Pag. 23). José Mesquita no seu opusculo — "João Poupino Caldas", à pag. 23, escreve: "Poupino encarnou, na phase que se seguiu á chacina dos *bicudos*, o espirito eminentemente conservador da nossa gente...".

Bicudo: (2) Refere Pereira da Costa em seu "Vocabulario Pernambucano" que assim se denominava o escravo clandestinamente importado da Africa depois da repressão do trafico pela Lei de 7 de Novembro de 1831, regulamentada pelo Dec. de 12 de Abril de 1832. Em abono eita a seguinte passagem: "Chegou ao norte de Goyana um lanchão da costa d'África, trazendo uns cem *bicudos* que foram apprehendidos pelas autoridades policiaes daquela cidade". (O Clamor Publico n.º 42 de 1845). "Ai dos trezentos *bicudos* que tenho lá na Bahia" (O Patulca n.º 18 de 1850).

Biriba: alcunha que os habitantes do litoral davam aos mineiros, chamados também *geralistas* e *baetas*. *Biribas* porque no fisico se mostravam pesados e robustos, no dizer de Nelson do Senna. Em Cornelio Pires lemos que, de primeiro, eram os paulistas denominados *biribas* ou comedores de formigas ("Meu samburá". Pag. 22). No Rio Grande do Sul, segundo o General Borges Fortes, é o apelido dos habitantes do planalto acima da serra, em opposição ao *guasca* — morador da campanha.

Bôca da serra: expressão usada no sul do Brasil, especialmente no Paraná e em Santa Catarina, para designar a garganta pela qual se sobe ao planalto. Encontramo-la duas vezes

empregada pelo Pe. Geraldo Pauwells, a pags. 32 e 35 do "Guia do Estado de S. Catharina" (Florianopolis - 1927), nos seguintes passos: "Geramente o planalto termina por *taimbés*, isto é, paredões formidáveis, cortados a prumo, de altura diferente, desde poucas dezenas até varias centenas de metros, seguindo para baixo uma rampa ainda de declive elevadissimo, de modo que a subida para o planalto se torna possível apenas em pouquissimos pontos, nas chamadas *bocas da serra*". "Somente quem já esteve ao pé ou em cima dos *taimbés* e já subiu alguma dessas famosas *bocas da serra*, comprehenderá de algum modo o que isso quer dizer". As *bocas da serra* acompanham em geral o leito de um riacho.

Bocaina: depressão, colo, garganta, *boqueirão* das serras, termo mais comum no sul do Brasil. Vicente Chermont informa que na Amazônia designa a foz de um rio ou a entrada de um lago que comunica por um desaguadouro com o rio. Rodolpho Garcia escreve: "termo do Pará, *bôca* ou entrada de um rio, menos consideravel que a barra principal". Peregrino Junior em suas "Historias da Amazonia" diz que *bocaina* é braço d'agua, ou furo que liga um lago a um *igarapé*, lugar onde em geral se instalam as *feitorias* no tempo da salga. *Bocaina* tem ainda no norte do Brasil significação peculiar: os barqueiros da costa entre a foz do Amazonas e S. Luiz do Maranhão assim designam as bacias que se rasgam no litoral. São do Professor Ruben Almeida as seguintes palavras: "Parallelamente entretanto a essa feição deltaica, rasgam-se enormes bacias (*bocainas* chamam-nas os barqueiros), perfeitamente abrigadas, e de tal modo amplas e profundas, que ahí se podem perfeitamente refugiar navios de grande calado. Exemplo: as de Turry-assú, Tromahy, Iriri-assú, Iriri-mirin, e Gurupy. As bacias destes rios são espantosamente vastas, bastando dizer que a do Gurupy tem oito kilometros de largura". Na Espanha segundo Vergara Martin, em seu livro citado, designa a entrada que por algumas paragens têm as barras dos rios, com fundo sufficiente para dar passagem a certas embarcações.

Bocal: registado por Pereira da Costa, que escreve: "assim se chamava ao negro novo, que chegava da Africa escravizado, emquanto não aprendia alguma coisa do portuguez, dos primeiros preceitos da religião, e ficava pratico no serviço que lhe era destinado, conseguido o que decorrido certo tempo de aprendizagem e pratica, dava-se-lhe o nome de *ladino*. Do grande mestre Canistrano de Abreu é o seguinte trecho dos "Capitulos da Historia Colonial", à pag. 99: "O negro *ladino* e creoulo olhava com desdem o parecido *bocal*, alheio á lingua do Senhor". Nota ainda Pereira da Costa que este qualificativo concorrentemente com o de *negro novo*, já vinha da segunda metade do seculo XVII, por isso que a ele se refere Gregorio de Mattos, dizendo em uma das suas satiras:

"Negro ladino é crioulo...
Porque todos entendais,
Os ladinos e os boçais"

Sinónimo: *caramutange*.

Boi: tenda selvagem construída nas corôas do rio S. Francisco pelos *barraqueiros* (vide esta palavra). Vimo-la referida por Orlando M. Carvalho em seu livro "O Rio da Unidade Nacional — o São Francisco", à pag. 95. Eis o trecho: "Por outro lado, o rio enche o espirito do barriqueiro da idéa de instabilidade. Demole-lhe as casas bruscamente. Baixa depressa e larga inumeras *corôas* descobertas, na areia das quaes o barriqueiro pescador se instala dias inteiros com a familia. Para isso constroe uma tenda selvagem, coberta de "pelle de gado" e a essa habitação chamam de *boi*". Afranio Peixoto regista o vocabulo *boi* no sul da Bahia com o sentido de armação de arcos e encerado, sob a qual se viaja nas canôas, nos rios Pardo e Jequitinhonha.

Boiadeiro: os lexicos portuguezes em geral não registam este vocabulo com o sentido que lhe damos no Brasil. Frei Domingos Vieira apenas diz: boieiro, condutor de boiada. Teschauer em seu "Novo Dicionario Nacional" regista duas accepções: "locador de boiadas, comprador de gado para revendel-o em pé: matchante, o que compra o gado para vendel-o depois de abatido". É mais comum e generalizada no Brasil a primeira. O Prof. Alcide Jubé, do Liceu de Goiaz, escreveu-nos o seguinte: "O individuo que ruua para o centio do paiz, acompanhado de grande camaradagem, comprando bois para os matadouros do Rio e de S. Paulo, geralmente por conta de estabelecimentos bancarios". E Pereira da Costa escreve: tangerino, condutor ou tocador de boiada.

Boiador: também *boiadoro*. Refere Gastão Cruls, em sua "A Amazonia que eu vi", que assim se nomeia na grande planicie o ponto do rio onde emergem e boiam as tartarugas, geralmente sitios remansosos ou então encontros de agua (Elucidario à pag. 130). A pag. 141 da monografia de Anisio Jobim sobre o Municipio de Coari, do Estado do Amazonas, lemos os seguintes trechos: "quando o rio está sêco ou á meia enchente, os peixes-bois costumam boiar em determinados pontos e a estes pontos dá-se o nome de *boiadoros*". E mais: "Ha diversos modos de pescar o peixe-boi, condicionados aos logares e oscilações das aguas — conhecidos por pesca do *boiadoro*, pesca da *comedia* e pesca do *pará*".

Boiuna: termo amazônico que designa assombração noturna dos rios; navio mal assombrado (Peregrino Junior — "Pussanga". Vocabulario) e na pag. 131: "Então, tu nunca ouviste falar na boiuna, Severino? — Besteira, mulher! — Disque... Mas ha por esse mundão do Furo de Breves navio mal assombrado. Para.

Pede combustível. A gente leva. E o bicho desaparece que nem por artes do Tinhoso”.

Boiussú: vide *repique*. A. J. Sampaio escreve boiussú (“Nomes vulgares de plantas da Amazonia”).

Bolandeira: Rodolpho Garcia registra-o no seu “Diccionario de Brasileirismos”, no sentido de aparelho proprio para descaroçar algodão e, como tal, a sua área geografica é a zona algodoeira do norte. Carlos Teschner, citando “O Sertanejo” de José de Alencar, informa que, no Ceará, *bolandeira* é a roda que move o ralador da mandioca. Nos engenhos de moer cana com agua, chama-se *bolandeira* ou *rolandeira* a uma roda dentada que gira sobre a moenda, movida pelo rodete, assim chamada, escreveu Antonil, “por que o seu modo de andar circularmente no ar sobre a moenda se parece com o voar de hum nassaró, quando dá no ar seus rodeios” (Vide a descrição da *rolandeira* à pag. 119, da “Cultura e Opulencia do Brasil” de Antonil -- Ed. Taunay).

Bolapé: termo empregado no Rio Grande do Sul e Paraná para designar o vau de um rio ou arroio que, embora com aguas crescidas, estas são ainda insufficientes para que façam nadar o cavallo. Assim se diz que o *rio está de bolapé*: é o mesmo que no norte se exprime na frase — *o rio já dá vau*, mas o cavallo passa *balauçando*, isto é quasi nadando. Beaurepaire-Rohan, que deriva o vocabulo do castelhano *volapié*, acrescenta: “Segundo Valdez, *volapié* é uma locução adverbial, significando a meio vôo, parte andando, parte voando, sem poder assentar o pé com firmeza. E’ analogamente o que acontece ao animal que atravessa um rio, cujo vau não é bem pronunciado, e no qual, se não ha nado completo ha, todavia, agua bastante para que o pé do cavallo não assente com firmeza no fundo do rio”. Parece haver engano na significação dada ao termo pelo eminente vocabularista Rodolpho Garcia. No livro do Visconde de Taunay -- “A Campanha da Cordilheira”, 1.º vol. pag. 115, encontramos grafado — *bola-a-pé*, e em nota, a seguinte explicação: “Chama-se *bola-a-pé*, quando o rio nem dá vau facil, nem tão pouco se acha de nado continuo”.

Bolicho: termo usado no Rio Grande do Sul para nomear, na zona da campanha, uma pequena casa de negocio, onde geralmente se vende bebida; taverna, bodega. E’ vocabulo de origem castelhana, usado com o mesmo sentido em algumas Republicas sul-americanas. Dele deriva *bolichero* — o proprietario de bolicho ou ainda o seu frequentador. Também se escreve — *bolicho*. Nos “Garimpos de Mato Grosso” de Hermann R. da Silva, à pag. 97 — encontramos a seguinte passagem: “De leguas em leguas apparecem os pousos, compostos do rancho do habitante e do galpão para os viajeros, onde geralmente o industrioso sertanejo instala uma pequena venda, a que, na linguagem regional, se denomina *bolicho*”.

Bomba: registado no "Dicionário de Brasileirismos" de Rodolpho Garcia, no sentido peculiar de "cano subterraneo construido nas estradas para passagem das aguas através dellas". "As pontes, as bombas, os pontilhões — construidos de bom material — resistem galhardamente à furia do regimen torrencial nas, em compensação, a agua lava seus cabeços e chega a causar dô o espectáculo da fuixa de eimento abalastrada, completamente solta em cima dos seus pilares". (Limeira Tejo "Brejos e Carrascaes do Nordeste" pag. 145. *Bomba* é o mesmo que bueiro. No Rio Grande do Sul, segundo os vocabularistas gaúchos, é canudo de prata ou de qualquer metal, que se introduz na cuia para se tomar mate, o amargo, tendo na extremidade que se imerge um ralo para impedir a sahida do pô da crva (R. Callage).

Bomba d'agua: dição geral e correnteia no Brasil que designa a queda volumosa e subitanea da agua em chuvas de trovoadá; forte aguaceiro que se precipita fragoroso e repentino. Em portugûs é frequente a expressião figurada — cair como uma bomba, isto é, vir, chegar de repente e inesperadamente. Daí, certamente, o nosso dizer regional.

Bombeiro: termo usado no extremo sul do Brasil, designativo de espião ou explorador do campo ou da força inimiga. Segundo F. de Paula Cidade este vocabulo servia para designar um patrulheiro encarregado de trazer o inimigo sob as vistas e figura em uma das antigas tabelas de vencimentos (Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul. Ano X — 1930. Pag. 63, em nota). Na zona rural do Distrito Federal significa vendedor ambulante. Já registado por Candido de Figueiredo (4.ª edição), que julga ser alteração de *pombeiro*. No noroeste e nordeste da Bahia assim designam o pratico nos trilhos e enersilhadas dos gerais, que se distendem por léguas e léguas. "A viagem dessa travessia (a dos gerais) por falta de estradas, é feita e guiada por praticos a que chamam *bombeiros*, que seguem ora por veredas e arrastadores, ora pelo simples runio tirado a facção, em golpes que fazem nas espaçadas arvores dos taboleiros (Duryal de Aguiar. "Descrições praticas da Provincia da Bahia". Pag. 43). A mesma accepção em Minas Gerais: "Bombeiros os mais ousados, pelas deshoras, perseguiam os vultos suspeitos, que iam pelas estradas, cosendo-se ás sombras" (Aldo Delfino. "Terras sem dono" — Pag. 108).

Boqueirão: termo que, no nordeste do Brasil, nomeia a abertura ou gurganta nas serras por onde passam rios. É o resultado da erosão das aguas. São muito citados nos livros de geografia nacional o *boqueirão* do Poti que rasga a serra de Ibiapaba, entre Ceará e Piauí, e o que é atravessado pelo rio Pacaíba do Norte, na serra de Carnaú, à beira do qual fica a povoação de mesmo nome. Na zona de Ilhéos (Bahia), significa embocadura

de um rio. No vale do Jequitinhonha (Bahia), segundo informação do Sr. Arnaldo Vanna, morador na região e estudioso do seu linguajar, *boqueirão* é empregado para designar terreno humido, fértil, apropriado à cultura do caeaveiro. No Maranhão, segundo informe de Antonio Lopes, é braço de mar entre uma ilha e costa esbarrancada. No Rio Grande do Sul, informa o General Borges Fortes, é um grande vale entre duas linhas de cumiadas convergentes; a depressão entre duas conilhas.

Boquete: termo usado no nordeste da Bahia para designar o início de uma zona apertada entre terrenos altos: soubeino-lo por informação local. No "Diccionario de Voces y Términos Geográficos" de Vergara Martin, lemos: "Boquete — passo entre duas montanhas ou serras. Entrada angusta de um lugar cu montanha — como por exemplo o *Boquete de Anghera*, na zona ocidental do protetorado espanhol em Marrocos.

Borholeta: "nome que se dá à peça colocada nas entradas das estações ou nas cercas das estradas de ferro, constituída de uma cruz girando horizontalmente sobre um perno e que só permite a passagem de uma unica pessoa a cada vez. No Rio de Janeiro a peça é usada para a contagem das pessoas que tomam a barca da Cartareira" (informação de Sud Mennucci, de S. Paulo, em carta de 2 de Fevereiro de 1930). Na Bahia, também se emprega o mesmo termo para designar as peças que dão entrada às pessoas que sobem ou descem os elevadores e o plano inclinado que comunicam a Cidade Baixa com a Cidade Alta.

Borda do campo: o mesmo que *beira-campo*, limite do campo com a mata, lugar onde acaba a mata e principia o campo. À pag. 149 da "Paulística" de Paulo Prado, lemos: "Paizagem d'alem da borda do campo, das varzeas de Piratininga, rodeando a cidadela primitiva..." Neste livro de Paulo Prado encontramos uma carta de Anchieta, escrita em 15 de Novembro de 1579, de Piratininga, a Jeronymo Leitão, onde diz: "mas não pude acabar com elles que fossem serão para o caminho velho da borda do campo e lá hão de esperar por canoas". Daí se vê que a expressão já era usada pelos portugueses. A expressão *beira-campo* é mais frequente na Amazônia (Vide guapáua).

Boró: no "Cancioneiro do Norte" de Rodrigues de Carvalho (2.^a edição — 1928) encontramos este vocabulo com duplo sentido: à pag. 200 significando *moanba*, furto disfarçado; à pag. 269 traduzindo vale, isto é, moeda divisionaria emitida por particulares no Ceará.

Borocoló: também *brocoló*, terreno desigual, escabroso, cheio de altos e baixos. Beaurepaire-Rokan informa que é usado na Bahia, em Pernambuco, no Piauí e Mato Grosso, e o deriva do tupi. Rodolpho Garcia, seguindo a lição de M. Soares, diz provir de *mboró*, contrato de *pororó* — transtornado, atormentado, revoltado, que imerge e emerge, entra e sai e *cotoy* — vacilante, vaivem, que sacode e balança, mexe e remexe, levanta e baixa,

puxa e empurra. Na Bahia é frequente ouvir-se — estrada cheia de *brocotós*, isto é, de sulcos irregulares, de *barrocas*. O mesmo que *minhocal* no Amazonas (A. J. de Sampaio — "A Flora do Rio Cuminá" — Pag. 135).

Borracheiro: assim se designam em Minas Gerais os individuos que vivem de extrair o leite da mangabeira (*Hancornia speciosa*, Muell. Arg) que é, como se sabe, uma das arvores produtoras de borracha no Brasil. Apelidam-n'os também *mangabeiros*, que andam a *mangabar*, isto é, a tirar o precioso latex. Moram estes caboclos *capiaus* em *ranchos* ou *retiros*, construções toscas, cobertas de palha de buriti, que também lhes servem de paredes, onde fazem as *peles* ou *mantas* de borracha que vão vender nos mercados. (Alvaro da Silveira. Memorias Chorographicas. Vol. I. Entre pags. 305 e 310). (Vide *mangabeiros*).

Bossoroca: o mesmo que *vossoroca*, que é mais comum (Vide esta palavra). Vimo-lo empregado por Monteiro Lobato (A Onda Verde - Pag. 187) e por Amando Caiuby no seguinte passo de seus "Sapezaes e Tiguéras", à pag. 93: "O boiadeiro, revoluto, seguiu para frente e logo adiante percebeu uma antiga *bossoroca*, com uma velha ponte a transp-la e um matagal rasteiro a encobrir-lhe os chanfrados lateraes".

Botáda: assim se diz, na Bahia e em todo o nordeste, do inicio da moagem da cana nos engenhos. Em Alagoás, escreve Alfredo Brandão, em seu livro "Viçosa de Alagoás", à pag. 222, "denomina-se *botada* do engenho (que se pronuncia *butada*) o inicio da moagem. A *peja* é o término dos trabalhos da safra. Diz-se — o engenho já *botou*, o engenho já *pejou*". "Iniciava-se então a moagem da canna — era a *botáda* do engenho. Havia regosijo e viukam convidados, — relações de parentes e amigos, vizinhos de outros engenhos e gente da cidade" (Aurelio Domingues "O Ultimo Tyndárida" — Pag. 12).

Botão: designação garimpeira (Mato Grosso) de conereções de silica com óxidos de ferro, que anunciam a presença do diamante.

Botéco: também grafado *butéco*, regionalismo do nordeste baiano, designativo de vendôla, baiuca, *bodéga* e, às vezes, de toscas barracas volantes que se aijam em torno dos barracões das feiras nos dias em que estas se realizam. Encontramo-lo empregado por Durval de Aguiar nas suas "Descrições Praticas da Provincia da Bahia", às pags. 69, 87, etc.

Brabo: corrupção de *bravo*, nome que, na Amazônia, designa os trabalhadores dos *scringais*, recentemente chegados de outras terras (principalmente do nordeste), e que por isso não têm pratica bastante dos varios serviços relativos — no *tivar da scringa*. "E' um individuo que ignora aquelle meio e lhe desconhece o systema de vida. Os outros companheiros (os que já estão habituados o troçam gritando — *brabo*, por qualquer impericia, insegurança que elle mostre no trabalho)". À pag. 322 do "O

Paroara" de Rodolpho Theophile ha o seguinte passo: "Chegou a vez do Pedro das Marrecas. Um pouco enfiado pegou no machadinho e fez as arreações muito devagar e mal feitas. Joaquim dos Côcos, depois que elle pregou a derradeira tigelinha, deu um muxôo e disse: — a mode que você ha ser sempre brabo, seu Pedro. Pedro das Marrecas não respondeu, porém pelo rosto delle via-se que não tinha ficado muito gostoso com o prognostico".

Bracatingal: À pag. 54 do "Guia do Estado de Sta. Catharina (1.^a parte), encontramos o seguinte período relativo à natureza agricola das terras do Estado: "A vegetação dominante é representada por pinheiraes, vassouras, *bracatingues*, taquaraes, etc. Dominam os campos sobre as mattas". Consultamos a respeito desta vegetação ao eminente prof. de Geographia de Florianopolis, Pe. Geraldo Pauwells S. J., que nos respondeu em carta de 4-3 928, o seguinte: "Os *bracatingacs* representam realmente uma forma vegetal muito curiosa. E' um matto quasi sem vegetação arbustiva nem sub-arbustiva, com os troncos das bracatingas, excessivamente finos para a altura consideravel, em distancia minima um do outro (nem em muitissimas vezes), e a copa pouco desenvolvida: a casca em si clara quasi sempre coberta dum fungo preto, do qual saem fiozinhos que em certo tempo têm na ponta uma gotazinha de mel, por ex., no tempo da minha ultima viagem. O *bracatingal* causa em mim sempre a impressão dum matto phantastico e assombrado. A arvore cresce ainda mais depressa que o eucalypto e fornece uma lenha boa; a folhagem assemelha-se com a do Maracá. Não é avisado pousar num *bracatingal*; pois estando muitas vezes ressequida boa parte dos troncos em consequencia duma queimada, basta um vento mediocre para derrubar um exemplar na vizinhança do incauto. São coisas que apprendi na ultima viagem".

Beça quadrada: medida agraria de uso corrente em Mato Grosso, igual à tarefa de Sergipe e Alagôas, isto é, 3.052 metros quadrados.

Branco: Pereira da Costa registou este termo com a significação regional de senhor do escravo; tratamento de respeito e submissão que os negros davam aos homens brancos. Frequente era e ainda é no norte a expressão — *meu branco*. Pereira da Costa cita em abono a seguinte quadra popular:

"Branco liz que negro bebe,
Negro bebe agoniado;
Quando negro vai na venda,
Acha copo já muiado."

Branco-da-Bahia: designação dada aos mulatos no Pará, segundo lemos no livro de Peregrino Junior — "Pussanga".

Brasilidade: vocabulo de ha poucos annos criado (Candido de Figueiredo não o registou na 4.^a Edição de seu Dicionario) para

nomear o sentimento de fidelidade e amor à grande Patria Brasileira. Teschauer que o regista parece indicar que o primeiro que usou este vocabulo foi o Arcebispo de Porto Alegre D. João Becker em 1920, citando em seguida a frase de Affonso Celso publicada no "Jornal do Brasil" de 27 de Fevereiro de 1921: "Propugnamos... o que chamamos a *brasilidade*, isto é a preservação, a defesa, o exalçamento integreaes dos supremos direitos e interesses materiaes e moraes do Brasil". O vocabulo generalizou se depois: talvez não haja exemplo de palavra que mais rapidamente se impuzesse ao vocabulario de todos os brasileiros. Não nos furtamos ao prazer de transcrever aqui as seguintes palavras do saudoso professor Vicente Licínio Cardoso, ao tomar posse de sua Cadeira na Escola Politecnica do Rio de Janeiro em 1927: "Formadores de almas, apelidarana os gregos, illustres e serenos nas suas glorias de espirito, aos professores. No Brasil, embora fortes as esperanças, mas traiçoeiros os impellhos e desabalados os desenganos, creio antes, em reacção aos proprios trechos veneidos da nos: a evolução historica, os professores deviam ser, muito especialmente, *professores de brasilidade*, formadores em summa da consciencia brasilica da propria mocidade". A respeito deste vocabulo Adnaeto Castello Branco publicou interessantes artigos no "Correio Paulistano", nos quais allude ás formas por outros recomendadas, ou sejam *brasilidade*, *brasilianidade*.

Brasilita: nome dado por Francisco Eugenio Hussak, sabio petrografo austriaco, que tanto trabalhou pelo conhecimento mineralogico do Brasil, no primeiro nineteo que descobriu em nossa Patria, isto é, o óxido de zirconio ($Zr O_2$), monoclinico, por outros também chamado badeleyta. Ocorre, no Brasil, na região de Caldas.

Brasis: nome pelo qual os jesuitas denominavam os selvagens do Brasil e que nao vingou, prevaleccendo a errada denominação de indios. Em abono, para aqui transcrevemos as seguintes palavras do Padre Antonio Vieira, tiradas de uma das suas celebradas cartas (Cartas — 1.º vol. Carta XI — Pag. 31 da Ed. de 1855): "Dou infinitas graças a Deus pelo grande zelo da justiça e salvação das almas que tem posto na de vossa magestade, para que assim como tem sido restaurador da liberdade dos portugueses, o seja também da destes pobres *brasis*, que ha trinta e oito annos padecem tão injustos captiveiros, e tyrannias tão indignas do nome christão". Releva recordar que Capistrano de Abreu usa constantemente do nome *brasis* em seus magnificos trabalhos sobre a história do Brasil colonial; assim também o insigne Martius. Tal denominação chegou a figurar em documentos officiaes do Reino, como seja na "Carta de Foral" das Capitánias da Bahia, (item 12), de Porto Seguro e outras, onde temos a expressão *Brasis da terra*, de referencia aos indios.

Brechão: trecho do curso de um rio apertado entre montanhas, correndo numa garganta. Termo usado em S. Paulo e Paraná, em cuja raiz linceira se nomeia o *brechão* do Paranapanema. E' alguma coisa semelhante ao que hoje a nomenclatura geral crisma de *cañon* e ao que, em outras partes do Brasil, se denomina *apertado*, *boqueirão*, *fundão*, *grotão*, *vascão*.

Brejal: brejo extenso, larga faixa de terra embrejada, apaulada, empantanada. "E' geralmente um *brejal*, uma depressão, entre as grandes terras e chapadas centrais. Dos flancos dessas elevações dimanam numerosos riachos, que se vêm reunir no fundo dessa especie de cuba, onde se adunam para formar o rio". (Raymundo Lopes. O Torrão Maranhense. Pag. 361).

Brejão: o mesmo que *brejal*. A pag. 211 do livro do Comandante Pereira da Cunha — "Viagens e Caçadas em Matto Grosso", lemos: "Atravessamos um coricho muito profundo e uma quantidade de banhados, pois que esse trecho da fazenda já estava bastante alagado, quando, talvez pelas 8 e meia, á beira de um acuryral circundado de agua, os cães, de repente, pegaram rasto dentro do *brejão* e sahiram numa das mais bellas batidas que tenho visto . . ."

Brejeiro: denominação paraibana que apellida os habitantes da região do brejo (Vide esta palavra). Emprega-o frequentes vezes José Americo de Alencida em seu precioso livro — "A Bagaceira", considerado por Tristão de Athayde — "um dos maiores romances brasileiros". Assim é que, além de outros passos, encontramos no seguintes. "E lá se foram os dois, de enxadadas, não no ombro, á maneira dos *brejeiros*, mas sobraçados, como quem leva a vara de ferrão" (Pag. 32). "E Pirunga, descrente da coragem dos *brejeiros*, viu, estupefacto, de repente, homens e mulheres, ás ordens do senhor de engenho, como que formando com os proprios corpos uma barragem nova, atalhando o perigo" (Pag. 202). De *brejeiro*, forma-se o vocabulo — *brejeirada*, reunião de *brejeiros*, tambem empregado pelo mesmo autor á pag. 231 do citado volume. Em Aldo Delfino, á pag. 128 do seu livro "Terras sem dono", encontramos empregada a palavra *brejeiro* no sentido de brejo, registado por Candido de Figueiredo como termo antiquado. Eis o trecho: "E no *brejeiro* que não se enxergava agora, o limo esverdeado scintillava vivamente, coberto todo de vagalunes".

Brejo: além da sua significação vernacula, informa Rodolpho Garcia que, nos Estados do Nordeste, esta palavra designa terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, geralmente fertil, devido aos transbordamentos annuaes, por occasião das chuvas. Ha, na Paraíba, a chamada região do *Brejo* que se estende entre a região da catinã e a zona dos Cariris: é uma faixa agricola por excellencia, que tem, segundo Coriolano de Medeiros, 100 quilômetros de comprimento sobre 50 de largura e

onde se acham situados terrenos de oito municípios do Estado. Distendido na chapada da Borburema, o *Brejo* é o emporio do Estado pela fertilidade de seu solo e variedade dos produtos agrícolas: dele fazem parte as terras que os matutos denominam *catinga brejada* e *capucira brejada*. E' o "oasis de graça e de fartura para prover ás crises que nos salteiam" escreveu José Americo de Almeida. Sabemos por informação local que, no município de Valença, do Estado da Bahia, chamam *brejo* ás plantações de arroz, isto, provavelmente, porque procuram os lavradores as terras húmidas e frescas (de *brejos*) para a referida cultura. No Maranhão, segundo informe de Antonio Lopes, o nome *brejo* se estende a todo o lugar baixo onde ha nascentes, *olhos d'agua*, *cacimbas*, *pôças*.

Bréte: têrmo gaúcho, de origem castelhana, definido por Callage como sendo uma especie de corredor que comunica com o curral ou mangueira e que serve para castrar ou marcar os animaes sem derruba-las. Emprega-o o mesmo escritor à pag. 58 do seu "Quéro-Quéro": "Annos de vida assim foram mais do que suficientes para projectar na estrada ou no balcão perigoso das pulperias o mesmo profissional a lidar entre a cancha e o bréte."

Brisa da pororoca: expressão que designa a corrente de ar marinho produzida pelo deslocamento da massa atmosferica, em virtude do movimento das aguas da *pororoca*. E' uma das primeiras consequencias da passagem dos *cataclizos* successivos que constituem o soberbo fenómeno dos rios amazônicos e do Maranhão (Raymundo Lopes. O Torrão Maranhense. Pag. 24).

Broca: também *brocagem*; têrmo usado no norte, maxime no nordeste, para designar a primeira operação do arroteamento do terreno, afim de que se possa fazer a semeadura. E' o ato de roçar ou desembaraçar o terreno do mato fino e baixo e dos cipós que crescem entre as arvores maiores. A limpeza do terreno para a plantação, se o mato é denso e alto, comprehende quatro operações: *broca* ou *roçada*, *derrubada*, *queimada* e *coivara*. (Vide estes têrmos). Juvenal Galeno, "nas Notas" ás suas "Lendas e Canções Populares", 2.^a ed. pag. 602, escreve: "*Brocar* — cortar o mato fino com a foice; é o primeiro trabalho no roçado. O segundo — *derrubar*, cortar os troncos mais grossos com o machado. O terceiro — *picar*, rolar o derrubado para facilitar o incendio. O quarto — *queimar*. O quinto — *encoitarar* — queimar em fogueiras (coivaras) os ramos que escaparam ao incendio geral. O sexto — *cercar*. O setimo — *plantar*. O oitavo — *limpar*, *capinar*. E o ultimo — *apanhar*, *colher*". Na região cacaveira da Bahia, diz-se em vez de *brocar* — *cabruçar*. Informa Alfredo Brandão que, no centro de Alagôas, a palavra *broca* significa derrubada de matas ou *capuciras* para fazer roçados.

Bromado: vide *Brumado*.

Brongo: termo que, nas matas de Mundo Novo, município da Bahia, designa gruta profunda, cujas encostas têm a forma de funil. Soubemo-lo através da informação do Dr. Nelson de Assis, advogado na referida zona.

Brota: olho d'água, nascente, lugar em que a água surge, o orifício ou fôrcha por onde corre a água. Nos arredores de S. Paulo, capital, diz-se "vem da brota, é fresquinha (a água)"; "no meu sítio havia duas brotas, uma de água muito boa" (Plínio Ayrosa). À pag. 59 da "Geographia de S. Paulo" de Afonso A. de Freitas, lemos: "Brotas — desmembrado de Araraquara e criado município pela lei prov. n.º 1 de 14 de Fevereiro de 1859. Sede — Brotas, cidade, de cuja colocação entre as duas cabeceiras ou brotas do rio Jacaré-Pipira-Mirim teve o nome".

Bruaqueiro: brasileiro que significa aquele que conduz gêneros alimentícios, das fazendas para os mercados das vilas ou povoações. Deriva de *bruaca*, mala de couro que serve para conduzir objectos que devem estar ao abrigo das chuvas (Beaurepaire-Rohan). Couto de Magalhães à pag. 114 do "O Selvagem", emprega-o no sentido de *caipira*, *tabaréu*: "Ainda hoje, não ha talvez um só caipira de S. Paulo, ou um bruaqueiro de Minas, a quem se possa dizer que é um ente imaginario o Saci Perê, que ele julgou encontrar por deshoras junto a alguma porteira, que lhe saltou na garupa, ou que lhe fez alguma outra tropelia". A respeito escreve Nelson de Senna (Revista do Archivo Público Mineiro — Anno XX — 1924): "A *bruaca* ou *surrão* de couro cru é destinada principalmente á condução do sal e gêneros alimentícios; e ainda é usada quer pelos canoeiros daquele rio, quer pelos pequenos tropeiros, conhecidos por *bruaqueiros*, que fazem, no sertão norte-mineiro, o commercio de transportes, de um mercado para outro, conduzindo sal, queijos, farinha, rapaduras, requeijões, ferragens, etc. A *bruaca* faz alli o papel do sacco de aniagem, usado na região cafeeira de Minas, ou dos *balaios* e *jacas* tecidos de taquára, empregados no Centro (região de Pechuá, S. João Evangelista, Guanhaes, Ferros, Conceição, Serro e outras) para condução de toucinho e cereaes". E' também muito de use na Bahia.

Bruca: encontramos esta palavra no conto de Valdomiro Silveira, "Perto do Fogo", publicado no "Almanach d'O Sacy" de 1927: "Como a noite fosse fria, depois de um teimoso peneirar de *bruca* pela tarde inteira, rodeavam todos o fogo, aticando-o de vez em vez e com as mãos abertas voltadas para elle".

Brugalheira: termo de Itú, S. Paulo, designativo de terra de cultivo difficil pelo fato de conter muitas pedras grandes e soltas, *brughalhas*. Informação de A. Taunay, em carta de 13 de Abril de 1928.

Bruguêia: termo usado no interior da Paraíba, no sentido de cova nas serras e nos outeiros; locais, lugares de difícil acesso. Informação de Erico d'Almeida, redator do "O Norte", jornal que se edita na Capital do Estado

Brumado: nome que, no oeste de S. Paulo, se dá às moitas cerradas e baixas. Affonso Taunay registra o termo e dá o seguinte exemplo: "Vou caçar naquelle *brumado* de taquarys." Valdomiro Silveira e C. Teschauer registam-no, escrevendo *bromado*, com a significação de "matto ou capoeira, basto, fechado, cheio de espinhos e de cipós."

Buava: registado por Amadeu Amaral, com a significação de "individuo português, nem sempre com intuito depreciativo" Ha também *imbuava*, no norte de S. Paulo. A forma literaria *emboaba*, acrescenta o autor citado, grafia antiga do vocabulo indigena, é ignorada do vulgo." Candido de Figueiredo registra *boava*.

Bubuia (De): locução que significa, no norte do Brasil, principalmente na Amazônia, o ato de boiar, flutuar, ficar à superficie d'agua, à tona. E' corrente o dizer — descer o rio de *bubuia*, isto é, flutuando, boiando. A pag. 93 da "Na Planicie Amazonica" de Raymundo de Moraes, lemos este trecho: "Ao largo, no fio crespo da corrente, descem de *bubuia*, rumo da foz, os troncos de paus povoados de aves, as ilhas fluctuantes de canarana agasalhando cobras, as canoas arrastadas nos portos, as bolas de borrachia arrebatadas aos terreiros e as sementes vegetaes das cordilheiras, que fazem numa transplantação de selvas oppostas, a flora do estuario, em alagadiços, ter semelhanças com a flora das nascentes, nos altiplanos, demonstrando assim que as correntes das secções superiores dos rios excavam; as intermediarias transportam; e as inferiores depositam." José Verissimo, em seu estudo sobre "As Populações Indigenas e Mestiças da Amazonia" (Tomo 50 da Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro), diz: "Bubuia, vir de—, estar de—, andar de—, ficar de—, fluctuando, sobrenadando, boiando. Acção de fluctuar, acto de boiar. O cedro não vai ao fundo, fica de *bubuia*. De *bobui* — fluctuar, nadar... Bubuinar, fluctuar, boiar. Pouco usado em suas formas verbaes, geralmente substituidas por *bubuia* e um auxiliar."

Bugi: termo usado no Ceará com a significação de *capinzal*. Vi-mo-lo empregado por Gustavo Barroso, no seguinte trecho da "Terra de Sol", à pag. 39: "O tertão resflorido muda de physionomia. Fica verde, todo verde, de um verde lindo, novo e forte, que alegra a vista e o orvalho borrija pela madrugada clara. O *bugi* cresce velozmente sob as arvores, ao pé das cercas altas..."

Bugio: nome que, além de crismar uma especie de macaco (barbado), designa também, no Brasil, engenhoca de fabricação do açucar, pelo fato de produzir sons na moagem iguais ao roncocar

do referido simio. Regista-o em tal sentido Cornelio Pires n "As Estranboticas Aventuras do Joaquim Bentinho", à pag. 119.

Bugrada: conjunto, porção de caboclos ou índios. É termo muito usado no Paraná para exprimir multidão de bugres (índios bravos) e também no sentido de "ação de bugre", traição, perfídia, embuste, segundo lemos em Macedo Soares ("Estudos Lexicograficos do Dialecto Brasileiro" — Revista Brasileira — Tomo IV).

Bugraria: é o mesmo que *bugrada*, usado por Oliveira Vianna no seguinte passo das "Populações Meridionaes do Brasil", pag. 281: Ameaçados pelas hordas da *bugraria* exasperada ou pelos quadri-lheiros negros, voltam-se para a casa solarenga... Valdomiro Silveira emprega este vocabulo no sentido de região habitada por *bugres*, segundo escreve no "Vocabulario" apenso ao seu livro "Nas Serras e nas Furnas". À pag. 14 deste volume, lemos: "Elle Justiniano era senhor de duas fazendas de café, duas invernadas de legua e tanto, terras e terras na *bugraria* e mais de cem escravos, não andava balanceoso, não devia nada a ninguém".

Bugre: nome que se applica hoje em dia, indistintamente, aos selvagens do Brasil, aos ameríndios bravos, aos caboclos que ainda erram nas selvas e campos do Brasil interior, qualquer que seja a sua familia ou lingua. É um desses termos gerais que, não raro, na America, os civilizados applicam aos povos mais diferentes entre si. No Perú e na Bolivia, com a mesma significação, dizem *jiwaros* ou *chunchos*. A respeito da origem e das transformações semanticas do vocabulo *bugre*, leiam-se no "Vocabulario" de Macedo Soares, as opiniões de Augusto Saint-Hilaire, Varnhagen, Machado de Oliveira, von Martius e Accioli. Amadeu Amaral regista o termo como applicado indiferentemente a qualquer indigena e de uso muito comum em S. Paulo, embora não seja desusado em outras regiões do país. No sul do Brasil usa-se o feminino *bugra*, que Teschauer regista como localismo gaúcho. Entretanto vemos empregado por Amando Caiuby, à pag. 272, de "Sapezaes e Tiguéras": "Ao contrario do que supunham a *bugra* foi ficando, não largando por um instante o seu protector, parecendo dedicar-lhe viva simpatia".

Bugreiro: termo corrente no sul do Brasil, para designar o caçador de índios, o *batedor* (perseguidor) que entra nas florestas para a *batida* (ataque) e perseguição nos pobres selvagens. Não nos furtamos ao prazer de transcrever a vibrante pagina de Alberto Rangel, escrita nos seus "Rumos e Perspectivas", de referencia ao infortunio do ameríndio. "É no Brasil central que se encontra ainda acotida a maioria das tribus indigenas, de tanta importancia na physionomia ethnica e geographica do Brasil. O seu numero não deve ser grande. Quatrocentos annos de luctas e de penuria eliminaram quasi tudo e rechassaram o resto. Mais que fossem, não poderiam resistir a tanta perseguição o a

tanto olvido. Hordas miseráveis de selvícolas erram ainda nas cabeceiras dos rios, nomadas degradados e degradados, com vislumbres de theogonia e trapos de linguagem, catados pelos eruditos para cobrir lacunas e explicar origens e modalidades de religiões, costumes e glotticas mais perfectas. A incorporação do índio fez surgir os processos violentos da escravização, das "entradas de resgate" aos "bugreiros" de hoje, e encorajou a outros meios de extremos compassivos, infantis, dispendiosos e aleatórios, do missionário ao catequista leigo. O consenso e a legislação nada resolveram de proficuo e de completo em tal assumpto. O philantropismo inglez, ainda actualmente a esse respeito, só explora sentimentos de benignidade geral e incommoda de tempo em tempo as chancellarias sul americanas. As pobres raças de-finham, no entretanto, acudadas nos ritos ineptos, nas roças e ranchadas de communistas, á espera do criterio novo e definitivo, que afinal os salve para a absorpção de suas derradeiras raizes na Sociedade e no Direito de hoje".

Bulinêto: registado no "Lexico de Lacunas" de A. Taunay, com a significação de bicame onde se lança o casealno diamantino para o lavor.

Bundões: apelido de certo grupo de *garimpeiros*, *jagunços* e *criminosos* do sertão baiano que se alistavam nas fileiras de uma parcialidade politica e praticavam toda a sorte de desatinos. Pandiá Calogeras, numa "Conferencia" pronunciada no "Instituto Historico e Geographico de São Paulo, a 6 de Setembro de 1928, a eles se refere no seguinte passo: "Do foudo entre Camargos e Pires, em S. Paulo do seculo XVII, aos conflictos consideráveis de Chique-Chique e Pilão-Arcado de que tanto se preoccupavam os politicos dos ultimos dias do Imperio; do exterminio reciproco de *bundões* e *marrões* no sertão bahiano ás proezas do bacharel Santa-Cruz no Nordeste; das revoltas dos *balaios* e dos *bantevis* nas regencias, aos excessos dos *muckers*, dos *quebrakilos*, dos famosos fanaticos de Canudos ou do Contestado; a cadeia é ininterrupta". "Dessas parcialidades á que melhor paga se aggrega um outro grupo de *garimpeiros*, de Santo Ignacio e do Assuruá denominados *Bundões*, apelido de uma familia, mas que hoje significa *jagunços* e *criminosos* de toda a especie, cada qual com seu extravagante apelido. (Durval Aguiar — Descripções praticas da Provincia da Bahia — Pag. 61).

Buraba: o mesmo que *burara*. Usado no sul, sobretudo em Santa Catarina.

Buraco-soturno: assim se denominam em Mato Grosso as grutas ou cavernas, excavações naturais das camadas superficiais da terra, lapas, furnas. Vimo-lo assignalado na valiosa monografia do Eng.^o Antonio Olyntho dos Santos Pires, — "Speleologia", escrita especialmente para a grande "Geographia do Brasil" comemorativa do primeiro centenario da Independencia, á pag.

3. E à pag. 48, lemos: "A mais afamada de todas as grutas de Matto Grosso é a *Gruta do Inferno*, conhecida pela denominação de *buraco saturno* pelos primeiros habitantes que se fixaram nas margens do rio Paraguay, nas proximidades do antigo forte de Coimbra, a cerca de 90 kilometros ao sul de Corumbá".

Buraquara: termo amazônico que devemos à sábia colaboração de H. Jorge Hurley. "é o nome da pesca feita no Pará aos acarys, "chaves" e anujás, vulgarmente conhecido por "cachorrinho de padre." O pescador ausculta na tronco d'arvore morta mergulhado ou meio submerso e quando percebe que nêle *curriorucam* (resmungam) os peixes acima indicados o cortam, a machado, e conduzem-n'o á praia, onde o despescam, alargando os *piráquárus*, onde o peixe se encontra amalôcado".

Buraqueira: termo mais ou menos geral (S. Paulo e nordeste), que designa terreno muito alcantilado e cheio de depressões, ou uma successão de caldeirões. "Varojaram a mattaria do outro lado, que era n'um sítio accidentado cheio de rochas abruptas, de *buraqueiras*" (Gustavo Barreto. *Mula sem Cabeça*. Pag. 71). Em Mato Grosso, nomeia um lugar afastado das cidades e povoações, ermo, selvagem; com este sentido empregou-o o Visconde de Taunay no seu famoso romance "Inocência".

Burara: palavra muito de uso no sul da Bahia para indicar o emaranhado ou cerrado que formam os ramos das arvores que caem em meio da mata, dificultando a travessia. Neste sentido, já foi usada por Coelho Neto no seguinte passo d'"O Rei Negro": "Por-se a caminho serapantado e, na incerteza das horas, receioso de perder aquella occasião, precipitou-se por veredas tortuosas, saltando *buraras*, varando a mattaria cerrada..." C. Teschauer regista também o termo *buraba* com o mesmo sentido e empregado à pag. 196 do 2.º vol. da "Campanha do Contestado" de Crive'ário Marcial. Na zona cacauieira do sul da Bahia, não raro se emprega este termo no sentido de pequena fazenda ou roça de cacauieiros, ouvindo-se frequentemente a frase: "Sou possuidor de uma *burara*, isto é, de uma pequena plantação de cacau, sem grande valor." Deu-nos esta informação o illustre Dr. Epaminondas Berbert de Castro, filho da zona e devotado cultor da lingua. Arnaldo Vianna informa que, no vale do Jequitinhonha, *burara* é pequena fazenda sem hofeitorias, e também lamaçal, tremedal no interior das plantações cacauieiras.

Burateúa: também *amburateúa*, *embivateúa*. -- termos amazonicos a respeito dos quais nos informou Henrique Jorge Hurley: "São vocabulos usados pelos pescadores de Curuçá e de toda a região do *Salgado* no Pará, para qualificar e nominar o lugar que tem mangueiros, cirubeiras e tinteiras cahidos á beira d'agua dos braços do mar, submersos, em que prendem á gar-rancharia as tarrafas, obrigando o pescador ao mergulho para os desenrascar. Os *burateúas* são sempre muito piccósos e

lembram os abatises submersos de Euclides da Cunha, postos em relevo no "Seixos Rolados" de Roquete Pinto.

Burgalhau: também *brugalhau*, seixo rolado, pedras soltas. Registado por Afranio Peixoto, que empregou este termo à pag. 37 da sua "Maria Bonita", e por Afforso Taunay, que diz ser muito usado em Itú, exemplificando com a seguinte frase: "O cafésal de X... tem innumerables *brugalhans* que lhe tornam penoso o trato". Candido de Figueiredo, como Aulete e outros dicionaristas portugueses, registam *burgallão*, monte de cascalho, conchas e areia, debaixo de agua.

Buritizal: registado por Macedo Soares, com a significação de formação de buritis, em terreno em geral humido. Rodolpho Garcia diz que, no Maranhão, se escreve *muritizal* e isto porque a essa providencial palmeira lá chamam *muritini*. F. C. Hoehne, botânico do Instituto Biológico de S. Paulo ("Boletim de Agricultura" -- Setembro e Outubro de 1930, pag. 380) escreve que o buriti e o miriti são duas espécies diferentes. A primeira é a *Mauritia vinifera*, Mart; a segunda é a *Mauritia flexuosa*, Mart. Azevedo Pimentel escreveu de uma feita que "o *buritysal* era um dos mais bellos ornamentos com que a natureza dotou as terras altas do Brasil central"... "O solo pantanoso do *buritysal*, extremamente compressivel e movediço, apresenta-se como perigoso atoleiro lamacento, meio liquido, sob os enfeites graciosos de exquisita combinação dos *buritys* de diferentes alturas e idades, ora em grupos magnificos de verdura fresca, ora indistintamente isolados, ora arruados e indicando pela sua direcção a do curso d'agua ahí originado, sempre em grande abundancia. O *burity*, a arvore da vida do Padre José Gumilla, a *Mauritia vinifera* dos botanicos, é uma bella palmeira dos sitios humidos, de cerca de 25 a 40 centimetros de grossura e nove a dez metros de altura, com folhas grandes em forma de leque coberto na extremidade livre de longo e resistente peciolo" (Azevedo Pimentel. "A nova Capital Federal e o Planalto Central do Brasil" — Rio de Janeiro. 1924. — Pags. 75 e 76). A. J. Sampaio em seu precioso trabalho "Nomes Vulgares de Plantas da Amazônia" escreve que, na Amazônia, em geral se diz *miritizal*. E Raymundo Lopes (Boletim do Ministerio do Trabalho, Industria e Comercio — Vol. 42) diz que aos *buritizais* quando recobrem brejais dão o nome, não raro, de *lagos cobertos*.

Burras: termo com que os *garimpeiros* das Lavras Diamantinas da Bahia designam grandes bloeos rochosos. Informação do Eng. M. Macambyra Monte-Flores.

Butiatuba: o mesmo que *butiazal*.

Butiazal: vocabulo muito usado no Rio Grande do Sul, designativo de campo cheio de *butiazeiros*, palmeiras do genero *côco*, conhecidas em Mato Grosso e no vale de Amazonas pelo nome

de batauá ou patauá, crismada por Von Martius — *oenocarpus* batauá. A respeito é proveitosa a leitura das observações de Augusto Daisson no seu livro "A margem de alguns brasileirismos" entre as pags. 27 e 33. Numa sucinta descrição do Município de Dores de Camaquã, publicada em o n.º 26 da "Terra Gaúcha" (Janeiro de 1928), lemos o seguinte: "A zona baixa, em suas proximidades com a lagoa dos Patos, apresenta vastas extensões completamente perdidas devido aos inúmeros comoros de areia e grandes *butiacais*, o que torna o terreno inútil".

C

Caa-eté: nome de uma das duas secções da mata amazônica, a mata verdadeira das planícies, só inundada nas grandes enchentes; à outra secção chama-se *caa-igapó*. Distinguem-se as duas não só pela situação, mas também pelas diferentes espécies de árvores, pelo esgalho e casca das mesmas. Palavra derivada do tupi, *caa-mato* e *eté-verdadeiro*, legitimo. Na "Geographia Physica do Brasil" de J. E. Wappaeus vem a distinção entre a natureza de uma e de outra. Foi o Dr. J. Huber que fez talvez a mais segura distinção entre o *cauété* e a *caaigapó*, no seu magnifico estudo "Mattas e Madeiras Amazonicas", à pag. 225 do vol. VI do "Boletim do Museu Goeldi" — Pará. Para ele, no Pará, a floresta densa, alta, virgem, respeitada pelo transbordar dos rios, se chama *caété* (*caácié*), verdadeiro mato, floresta, a *hylca* de Humboldt. O *caété* é o tipo de mata que vegeta sobre a orla da terra firme que margina a depressão amazônica, emoldurando a planície nos seus extremos. O *caété* não alaga, mas pode conter *igapós* nas baixas de seus terrenos, os quais conservam as aguas fluviais com vegetação típica. No numero dos *caétés* do Pará cita o Dr. Huber a mata que cobre a região delimitada pela Estrada de Ferro de Bragança ao rio Gurupi; as das mesopotâmias formadas pelos rios Tocantins e Tapajós e a Mata central do antigo contestado, que se vai limitar com a Guiana franceza. Habitam os *caétés* árvores gigantes que atingem 20, 30 e até 85 metros de altura, formando a abóbada geral da mata em que dominam as leguminosas, sapotaceas, lecitidiaceas, moraceas, lauraceas, rosaceas, humiriaceas, euforbiaceas, gutíferas e bigonineas (H. Jorge Hurley).

Caa-igapó: *vide igapó*.

Caaobi: também *caubi*, como escreveu José de Alencar, termo usado na Amazônia para designar mato verde. De *caa-mato* e *obi-verde*. "A vida da cidade lhe despertava fundas saudades, que lhes vinham da floresta, em que livre respirava o oxygenio iodado da liberdade e usufruia a alegria fôrra das horas felizes, nos catêretês dos inocambos longinquos, naquelle convívio

simples e franco dos desherdados seus irmãos de escravatura, fugidos ao rêlho e ao "troieco" doutros senhores e lhe fizeram desertar da casa grande e internar-se, outra vez, no *canaby*, incorporando-se ao povo do mocambo do Limoeiro..." (Jorge Hurley — "Nos Sertões do Gurupy" — Pags. 46 e 47).

Caatinga: vide *cattinga*.

Cabanada: nome pelo qual se designou a revolta que irrompeu em 1832 nas matas de Jacuipé e Panelas de Miranda, em Pernambuco, alastrando-se por Alagôas, e que pugnava pela restauração de Pedro I que abdicara a corôa no ano anterior, revolta esta que só terminou quatro anos depois, graças sobretudo à intervenção pastoral do bispo diocesano D. João da Purificação Marques Perdigão. Os sectarios da revolta da *Cabanada* designavam-se *cabanos* (Vide este termo).

Cabanagem: nome também dado à sedição, à guerra civil que houve na Amazônia (Pará sobretudo) de 1834 a 1836. Em brilhante Conferencia feita a 17 de Maio de 1936 no "Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Basilio de Magalhães, depois de falar das alcunhas dos rebeldes de Alagôas, Pernambuco e Pará, escreve: "A verdade é que *cabanada* e *cabanagem* tomaram a mesma accepção politica, servindo, todavia, a primeira para designar o movimento de Panelas, estendido immediatamente a uma vasta região das Provincias de Pernambuco e Alagôas, e applicando-se a segunda á longa luta civil que ensanguentou a Amazônia". E, diz o mestre citado, uma distincção meramente empirica, mas de inegavel valia pedagogica para a nossa história.

Cabano: alcunha pela qual se designavam, no tempo da Regencia, em Alagôas e Pernambuco (1832-1835), no Pará (1834-1836), e no Maranhão em 1836, os sectarios de um partido politico que se revoltou contra o governo legal. Daí os termos *cabanada*, *cabanagem*, *cabaneira* e *cabanal*. Segundo Gonzaga Duque ("Revoluções Brasileiras" — Pag. 167), esta denominação proveu dos bandos de indios, moradores em palhoças e cabanas que se rebelaram. De referencia aos *cabanos* do Maranhão diz o mesmo escritor. "A denominação do outro partido (o dos *cabanos*) proveio do sarcasmo de seus adversarios (os *beutevis*), que assim o tratavam para confundi-lo com o bando fanatico e ignobil que, em Pernambuco e no Pará, assolaram suas matas". Segundo Gonçalves de Magalhães o nome *cabanos* vem do Pará, onde, de 1834 a 1835, os sertanejos, habitantes das cabanas (es cabanceiros, uma gente rustica e feroz) se levantaram contra as autoridades e cometeram horribes delitos (Rev. do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, Tomo X, pag. 270, nota 7). A respeito deste vocabulo escreveu-nos Henrique Jorge Hurley: "Parece vocabulo português, mas absolutamente não é. Este vocabulo foi creado pelos caboclos rebeldes do

Pará contra os portuguezes, e surtiu nas lutas da Independencia, rotulando depois a revolução paraense, que terminou a 13 de Maio de 1836, com a chegada do General Soares Andréa. *Cabano* provem de *caa-nato*, *aba-homem* e *na* ou *no* — semelhante e se traduz — semelhante ao homem do mato, bravo, feroz, resistente. Ha um exemplo palpitante em Copacabana-roça acabada do homem do mato".

Cabeça: termo usado pe'os pescadores da ilha de Bom Jesus, na baía de Todos os Santos, designativo de corôa submersa formada de pedras calcareas. Entre a mesma gente Arthur Neiva ouviu a expressão *Cabeça de carneiro* para designar pedra calcarea tirada das corôas marinhas e utilizada na exploração da cal. Chamam *cabeço* à parte da corôa que fica fóra dagua quando a maré baixa (Inf. de Arthur Neiva).

Cabeça-chata: designação de ha muito tempo usada para alcuinhar os cearenses. Como pondera Gustavo Barroso, no seu atraente e erudito "Através dos Folk-Lores", "entre os filhos do nosso paiz, o cearense, como o piauiense, o rio-grandense do norte e certos maranhenses, se fazem notar peio achatamento da cabeça, nas partes de cima e trazeira". Entretanto, só ao cearense se deu tal apelido. Versando a origem do mesmo, o illustre folclorista escreve 9 paginas do volume referido, das quaes transcrevemos os seguintes periodos: "No Ceará é opinião geral que esse achatamento (da cabeça) provém da mania de dormir em rêde, o que explicaria o dos outros, tambem uscuros e vezeiros em tipoias, macas e fiangos. Mas, quanto á razão por que só ao cearense se applica o termo, ninguem sabe nada". "Ha quem attribua á designação origem patriotica. Durante as lutas que se travaram entre lusos e brasileiros, após o grito do Ypiyanga, as milicias do Ceará tiveram de marchar para o Piauí e combater a tropa da linha do coronel portuguez Fidié que se não queria ir embora, fez medo a muita gente, varreu a metralha os pobres matutos no campo do Retiro do Genipapo; mas acabou perdendo homens e canhões, e vencido. Enquanto os soldados lusitanos usavam um gurtão de couro, alto e afinado no topo, os milicianos sertanejos traziam á cabeça uma barretina de sola lustrosa mais baixa e alargada na copa. Dahi, então, a alcunha de *cabeças chatas* e a razão por que não é dada tambem áquelles outros que a possuem da mesma forma". Como se vê, ha duas interpretações relativas á genese da alcunha: a da forma da cabeça e a da indumentaria guerreira de 1822-1823. Com esta está de acordo o incansavel folclorista Leonardo Motta à pag. 198 do seu "Sertão Alegre". Transcrevemos o seguinte trecho de um jornal pernambucano "O Barco dos Patoteiros" n. 17 de 1864, citado por Pereira da Costa em seu "Vocabulario Pernambucano": "Essa gente cearense, conhecida por *cabeça-chata*, é toda escommungada..."

Cabeça d'agua: assim se designa no nordeste, da Bahia ao Piauí, o descer das primeiras aguas, logo em seguida ás grandes chuvas da entrada do inverno, pelo leito exsicado dos rios, estendendo-se de uma a outra margem, com uma altura de um a dois metros e até mais. No sertão da Bahia também se chama *cabeça d'agua* aos crescimentos repentinos das aguas dos rios quando já estão correntes ou cheios, analogos ao que, na Amazônia, se denomina *repique*: são novas camadas d'agua que fazem oscilar o nivel fluvial. No primeiro sentido, é flagrante a descrição que faz Herman Lima, entre pags. 36 e 38 do seu "Tigipió" e do qual extraímos os seguintes passos: "Mas, de cima, já chegavam noticias de que o Salgado descera (o sertanejo não diz que o rio corre, mas que ele desce), em pouco o Jaguaribe descera também. Durante varios dias foi mesmo voz corrente que a cabeça da agua já passara em Morada Nova, com um metro de altura..." "O rio era o telegramma das aguas de cima". "Quando chegou ás margens altas, com o nascer do sol, o Jaguaribe vinha ao longe, rolando, lento, azul, colicante, como uma grande, infinita serpente argentea e vagarosa. Rasteiro, sem violencia, o rio avançava, assim, coroado de espumas, arrastando ramadas secas, folhas secas, talos de carnaúba em profusão. Um grande marulho subia das aguas rolantes, como o rumor da chuva no oceano." Segundo nos informou Jorge Hurley *cabeça d'agua* — *igacanga*, no Pará, na região banhada pelo Atlantico que, ao sul, vai de Vigia a Viseu e, ao norte, do Amapá ao Oyapoque (primitivo Oyapoca), chama-se *cabeça d'agua* quando as marés crescentes lançam e também quando minguando quebram, gerando as "aguas vivas" e as "aguas mortas".

Cabeça-de-campo: nome que, no sertão nordestino, se dá ao vaqueiro que dirige a vaquejada, o vaqueiro chefe.

Cabeça-sêca: (1) registado por Valdomiro Silveira com a significação de soldado de policia. (Nas Serras e nas Furnas — Pag. 228).

Cabeça-sêca: (2) alcunha depreciativa dos negros cativos, registada por Pereira da Costa que a abona com o seguinte trecho: "É noite, e o sino da matriz de Santo Antonio está dobrando; isto quer dizer que são horas dos *cabeças-sêcas* recolherem-se ás casas de seus senhores. (O Campeão n. 104 de 1862)".

Cabeceiras: nascentes de rio ou riacho. No seu "Itinerario da Viagem de Cuiabá a S. Paulo", escreve F. Moutinho que, em Mato Grosso, *cabeceira* designa peculiarmente os logares de nascentes de aguas que formam os brejais, quasi sempre revestidos de formosos buritis. Em notas á "Onomastica" Pandiú Calogeras ensina que se encontra o termo nos velhos cronistas dos séculos XVI e XVII e referente a varias zonas do Brasil. Em geral designa as vertentes ou nascentes de um rio em opposição

à foz. "A bacia do S. Francisco perto das suas cabeceiras, tornou-se a região de preferencia dos mais antigos dentre esses intrepidos exploradores" (Oliveira Lima).

Cabeludos: nome popular de uma das duas agremiações partidárias que se formaram em Alagôas, logo após a maioridade. Refere-o Craveiro Costa em seu trabalho "Cem anos de Jornalismo", publicado no vol. XV da "Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano".

Cabiúna: nome dado aos negros desembarcados clandestinamente no litoral brasileiro, após a lei de repressão do tráfico de africanos. Registrado por C. Teschauer que diz ser talvez oriundo do tupi-guarani *caa-piúna* — folha ou madeira escura.

Caboclo: (1) segundo Theodoro Sampaio, vem do tupi *caç-boç* — tirado ou procedente do mato. É' vocabulo muito corrente no Brasil, hoje empregado em varios sentidos: ora, para apellidar os aborígenes, tanto mansos como bravios, donde as variantes caboclos mansos e caboclos bravos; ora, no sentido do descendente dos indígenas mestiçados com a raça branca; ora com a significação de sertanejo, *caipira*, homem da roça, do mato, de cor morena carregada, semelhante à dos primitivos habitantes do Brasil; ora, até, no sentido de pessoa querida, como na frase — meu cabloco. Vale referir que nada mais arbitrario no linguajar brasileiro do que o uso dos nomes que designam os mestiços das três raças que entraram na formação do nosso povo. Nelson de Senna, nas suas "Contribuições para a Ethnologia Brasileira", escreve: "*Cabôcos*, como é a rude pronuncia vulgar, ou *caboclos*, segundo a prosodia erudita, representam o elemento indígena amansado e que das selvas viera cohabitar com a gente civilizada; mas o legitimo *cabôco* é tambem o mestiço de indio, e, no sentido figurado, o tipo do homem valente e bom disposto; além de indicar o gentio que veio bravo do mato e, depois de manso, passa a viver no meio dos brancos". Capistrano de Abreu, entretanto, escreveu no seu "O Descobrimento do Brasil" (Ed. da Soc. Capist. de Abreu, 1929, pag. 123), que o *caboclo* era o filho de indio e africano, tambem chamado *caciboca*. Amadeu Amaral registou *cabôcro* — mestiço de branco e indio. Teschauer registra as formas *caboco*, *cabocro*, *cabocolo*, esta ultima referida na "Informação Geral da Capitania de Pernambuco", publicada nos "Anaes da Biblioteca Nacional (Vol. 28 — pag. 483), nos seguintes termos: "*Cabocollos* são os indios que moram na Costa e fallão lingua geral" em contraposição aos *tapuyas* que são "os naturaes da terra, que vivem no sertão e não fallão uma lingua geral, senão cada naçam a sua particular". Ocorrem ainda as formas *cabouco*, *cabouculo* e as palavras *cabocismo*, *caboclista*, *caboclada*, *cabocrada*, *caboclote*, etc, etc.

Caboclo: (2) termo da mineralogia indígena, registado por Everardo Backheuser, em seu "Glossario", designativo, na lin-

guanga dos garimpeiros, de qualquer seixo tinto por óxido de ferro.

Cabo de tropa: era o nome dado nos tempos coloniais ao chefe das *bandeiras*, ao *bandeirante* que comançava a expedição no interior do país, extraordinário dominador de gentes e de terras. Deste tipo singularíssimo da nossa história, traça completo perfil o insigne sociólogo Oliveira Vianna, à pag. 84 das "*Populações Meridionaes do Brasil*": "É a bandeira uma pequena nação de nomadas, organizada solidamente sobre uma base autocrática e guerreira, mesmo as de colonização. O bandeirante lhe é, ao mesmo tempo, o patriarcha, o legislador, o juiz e o chefe militar. Do Estado recebe um regimento, que lhe outorga attribuições magestáticas. Elle exerce funcções judiciais; decide sobre a partilha dos indios escravizados e dos descobertos; faz a arrecadação e o inventario dos bens deixados pelos bandeirantes mortos no sertão; julga dos casos crimes até a pena de morte. Tem para estes fins os seus escriptores, os seus meirinhos, os seus ritos processuaes. Faz-se tambem acompanhar de sacerdotes para o serviço religioso. Seguem-no os seus socios, homens da sua igualta, também nobres; um grupo de moradores, gente pobre, a cata de collocação e classificação nas terras a conquistar; e mais a turba heteroclita dos mamelucos, dos cascos, dos pardos, dos negros, dos indios domesticados; algumas dezenas, algumas centenas, mesino alguns milhares; armados todos de trabucos, de mosquetes, de clavinas, de clavinotes, de espadas e de flechas; uns de pé, outros de cavallo: — de pé, a miçalga esfervilhante dos latifundios; de cavallo, o bandeirante chefe, os seus dois capitães ajudantes, os sacerdotes e outras pessoas de qualificação. Todas as classes. Todas as raças. Todas as armas. Tudo prussianamente enquadrado e disciplinado pelo pulso de ferro do *cabo da tropa*, um Affonso Sardinha, um Pascoal de Araujo, um Bartholomeu Bueno, um Mathias Cardoso, um Antonio Raposo, um Manoel Preto, um Berba Gato, um Fernão Dias, um Domingos Jorge".

Caboré: registado por Macedo Soares e Beaurepaire-Rohan, no sentido de mestiço de negro com indio, o mesmo a que nas regiões do norte se chama *cafús*, *cafuso*, *carafús*. Em Minas, afirma Nelson de Senna, é, às vezes, empregado, para designar os indios, e em outros Estados do Brasil é, não raro, empregado para designar *caipira*, gente de côr trigueira, *sertanejo*, *matuto*. Com o nome de *caboré*, diz Pereira da Costa, houve uma tribu de indios tapuios que habitavam no interior do Rio Grande do Norte, como consta de documentos officiaes de 1713 e 1714 do Governo de Pernambuco.

Caborgeiro: registado por Affonso Taunay no seu "*Lexico de Lacunas*", sinónimo de feiticeiro, mandingueiro, *mandraqueiro*. "O negro velho é um caborgeiro temido". De *caborge*, feitico, registado por Teschauer.

Caboroca: termo usado no norte do Espírito Santo, município de S. Matheus e vizinhos, designativo do acto de desbravar a mata, cortando-se-lhe os arbustos e plantas sarmentosas (cipós), para o plantio do cacau. Encontramo-lo num artigo da "A Folha do Norte", de S. Matheus (ed. de 10 de Novembro de 1929), em artigo sob o titulo — "Secção Agricola". — Assim diz o agronomo que o escreveu: "Escolhido o terreno com todas as cautelas, não se descurando a sondagem, em Junho desbrava-se a mata, fazendo-se o que é conhecido pelo nome de *caboroca*, cortes de arbustos e plantas sarmentosas (cipós), deixa-se secar, trinta ou quarenta dias depois torna-se a *caboroca* mais clara, cortando-se as arvores susceptíveis de dois a quatro golpes de machado..." E' provavelmente uma alteração do que, no sul da Bahia, se denomina *cabrucar*: a mata e noutros sitios, *brocar* (Vide estes termos). Elpidio Pimentel em seus "Subsidios Lexicographicos" escreve: "O nosso povo (o do Espírito Santo) no seu curioso verbalismo, usa as palavras *caboroca* e *caborocar*, cortar a floresta ou a facção, os matos ralos, os arbustos, os cipós de qualquer trecho da floresta virgem, para, em seguida, os machadeiros procederem á fragorosa derrubada dos vetustos troncos. O povo, aliás no seu vezo do minimo esforço, diz — *brocar*".

Caboto: termo do Sul da Bahia que designa esteiro marinho, fi-que ou não em seco na baixamar (Informação local).

Cabo-verde: (1) mestiço de indio com o negro. E' nome muito usado na Bahia. Registaram-no Macedo Soares, Beaurepaire-Rohan e Teschauer. O mesmo que *caboré*, *cafús*, *pardavasco*.

Cabo-verde: (2) tem este vocabulo, em Minas Gerais, outra significação: segundo lemos em Nelson de Senna, o povo dá este nome ás rochas eruptivas constituidas pela diabase negra, a qual em grande extensão recobre o territorio mineiro. E' o mesmo a que o povo ainda denomina *pedra de bronze* e *pedra de juda*. E mais: "A localidade mineira de Cabo Verde deve o seu nome á presença dos numerosos rochedos diabasicos conhecidos por *cabo-verde*, verdadeiros blocos isolados que se encontram nas encostas dos montes, por todo o vale do rio Muzambo e do seu afluente Cabo-Verde, que banham esse Municipio da região meridional de Minas". A rocha *cabo-verde* é elemento característico da formação geologica denominada por Gonzaga de Campos de *botucati*.

Cabra: dição de uso frequente no norte do Brasil, designativa de mestiço de negro e mulato, sendo este por seu turno um produto euro-africano. Entretanto não ha concordancia de opiniões a respeito desse tipo de mestiço. Macedo Soares diz que o *cabra* é quarteirão de mulato com negro, mulato escuro, caboclo escuro. V. Chermont diz que é mestiço de branco e negro, logo o mesmo que mulato. Rodolpho Theophilo no seu grande

livro "Os Brilhantes", à pag. 72, ensina que é o mestiço produto de cruzamento de indio e do africano, inferior aos elementos que o formam. E acrescenta: "O *cabra* é peor do que o caboclo e de que o negro. E' geralmente um individuo forte, de maos instinctos, petulante, sanguinario, muito diferente do mulato por lhe faltarem as mancinhas e a intelligencia deste. E tão conhecida é a indole perversa do *cabra* que o povo diz: *não ha doce ruim, nem cabra bom*". Isso é confirmado em um Officio de José Felix de Azevedo Sá ao Ministro do Imperio em 23 de Abril de 1825 no qual expunha as providências tomadas para manter a ordem no Ceará e onde lenios o seguinte trecho: "Resta agora, Exmo. Sr. conter o furor dos *cabras*, e indios, que tanto occuparão o cuidadodos antigos Governadores, os quaes ainda não ha forças que os tenham podido refrear". (Publicações do Arquivo Nacional — Vol. XXIX-1929). Ao *cabra*, não raro, se chama também *pardo*, *juda* ou *fudo*, *bodo* e *cabrito* (Pereira da Costa), todos, em suma, mestiços nos quais a dosagem dos sangues inferiores é maior. Figuradamente, esta palavra significa homem valente, audacioso, atrevido, sinônimo de *cangaceiro* e *bandoleiro*, ocorrendo neste sentido as expressões *cabra-macho*, *cabra-feio*, *cabra-onça*, *cabra-sêco*, *cabra-topetudo*, *cabra de chifre* (Aere), *cabra arranca-touco*, sinônimas de quantas outras, no Brasil, designam homem valente, valentão, ou sejam, por exemplo, *sarrungunga* (S. Paulo), *curruseuba*, *capuaba*, *negro-sujo* (Norte de Minas), *bam-bam-bam*, (gíria carioca registrada por A. Taunay), *corado*, *bala*, *cumba* etc. etc. Na época das lutas pela nossa Independencia quando se chocavam veementemente os epitetos injuriosos entre brasileiros e portuguezes, foram os brasileiros alcunhados pela gente lusitana de *cabritos* e *cabras*, chegando até a aparecer uma parodia do Hino da Independencia, cujo estribilho repisava:

*"Cabra gente brasileira
Do gentio de Guiné
Que deixou as cinco chayas
Pelos ramos de café"*.

Pensa Beaurepaire-Rohan que *cabra* é uma corruptela ou alteração de *caboré*.

Cabrobó: nome com que, no nordeste bahiano, designam o individuo da raça, atôa, de pé no chão. Ouvimo-lo a um sertanejo do municipio de Gloria, ex-Santo Antonio da Gloria. Sinônimo de *cabideté*, também muito de uso na Bahia.

Cabrocha: talvez variante ou diminutivo de *cabra*, nome dado a um dos muitos tipos de mestiços do Brasil, filho de mulato e negra ou vice-versa. Na Bahia elama-se indistintamente *cabrocha* a todo o mestiço escuro, de côr tiznada, cabelos encarpinhados, labios grossos. Entretanto, V. Chernont diz que é o mestiço resultante do cruzamento do tapuia com o mulato.

Valdomiro Silveira distingue *cabrocha* (feminino) de *cabroche* (masculino).

Cabroeira: troço de *jagunços*, mais propriamente, malta de indivíduos chamados *cabras*. Registam-no Beurepaire-Rohan, Meira, Candido de Figueiredo e outros. Araripe Junior informa que também dizem *cabrocero* no Ceará.

Cabrucado: termo usado em alguns lugares da Bahia na acepção de *roça*, *roçado*, sítio onde se derruba o mato para as plantações. Na região cacauieira *cabrucado* é equivalente à *broca*.

Cabundá: termo de origem tupi-guarani — de *caá emundá* — pelo qual se designavam os negros escravos fugitivos e ladrões. Registrado por Candido de Figueiredo (4.^a edição) e por Carlos Teschauer (Novo Dicionário Nacional).

Caçambreiro: regista-o Valdomiro Silveira no "Vocabulário" apenas no seu livro "Nas Serras e nas Furnas", com o significado de *canavada*, empregado como *companheiro de viagem*. "E eu já tive cada caçambreiro de se lhe tirar o chapéu!" (Opus. cit. pag. 185).

Cachão: nome que, em Minas Gerais, segundo Nelson de Senna, designa uma *cachoeira* alta e volumosa, citando como exemplo a do Rio S. João, perto da cidade de Itaúna. Tem lá a mesma significação de *tombo*.

Cachimbo: (1) em Pernambuco, segundo Rodolpho Garcia, designa uma porção de terra, de forma prismática, destacada de uma barranca vertical por dois profundos talhes laterais e que nos desaterros se faz abater, solapando-a. Nelson de Senna escreve que, no sul do país, este vocabulo é usado na mesma acepção nos cortes das estradas de ferro, e isto na gíria dos tarefeiros e trabalhadores. Assim também informa o padre Geraldo Pauwells, de referência a Santa Catarina.

Cachimbo: (2) alcunha que, em algumas zonas do nordeste, dão aos soldados das polícias estaduais. A pags. 92 e 93 dos "Cangaceiros do Nordeste" de Pedro Baptista (Parahyba, 1929), temos as seguintes quadras:

*E diz á tropa formada
Como um batalhão na guerra:
— Ainda se enganam comigo
Os cachimboz dessa terra!.*

*Como afoito Gumbiraba
Mal lhe pode responder
Arreda, cachimbo, arreda
So tu não queres morrer.*

Pedindo ao ilustre autor me informasse o sentido exato do termo, respondeu-me em carta de 5 de Abril de 1929: "Pessoa notificada

pelo inspector de quartelirão ou outra auctoridade policial para servir na emergência como se fosse soldado regular. E' denominação pejorativa". Segundo lemos no artigo "Jogador de Espada" de Rodrigues de Carvalho, publicado no Fasc. 4.º da "Revista Nacional (Rio-1933), *cachimbo* significa, no interior da Paraíba "guarda á paisana que se incorpora a uma diligencia policial".

Cachoeira: queda d'agua, catadupa. — Esta é a significação geral. Entretanto, em alguns Estados, se emprega a palavra *cachocira* para designar o trecho de um rio em que as aguas, por força de declives mais acentuados, correm, aceleradamente; neste sentido, é sinónimo de *corredoiras*, *corridas*, *aguas puladouras*, *pararacas*. No sentido comum e geral, as *cachociras* são o que tão belamente definiu, em 1819, Paula Ribeiro, citado por Nelson de Senna: "aquelles resaltos ou giros que a força da correnteza dos rios forma, logo que de imprevisto se despeña de maior altura, ou acha opposição em algumas pedras e elevações que se sobressaem do plano do seu leito e lhe tiram a igualdade". No Estado do Espirito Santo, usa-se o termo no masculino — *cachociro*. Os sertanejos distinguem na *cachocira* o a que elles chamam — *rabo da cachocira*, que são os lugares onde acabam e principiam as grandes correntezas. De *cachoeira* se forma, na Amazônia, o nome *ca-chocirista* que designa o individuo que tem pratica de viajar nos rios enchocirados: viu-no empregado por Gastão Cruls no seguinte trecho da "A Amazônia Misteriosa", pag. 32: "Conheci hoje a verdade do seguinte proverbio, muito em voga por aqui. — Não ha inferno para os cachoeiristas, pois elles já fizeram o seu purgatorio". Sinonimia regional: *tombo*, *cachão*, *salto*, etc.

Cachocirista: individuo que tem pratica de viajar nos rios enchocirados, que é pratico na navegação das corredoiras e cachoeiras. Viu-no empregado por Gastão Cruls no trecho acima citado. Martins da Silva, em narrativa da "Expedição ao Alto Maracá", publicada na revista "Vida Domestica" de Maio de 1930, escreveu: "O cachoeirista é sempre um homem másculo, de conformação muscular perfeita e educada, conquistada no próprio mistér. Nas cachoeiras mais altas e perigosas — como a de Caraná, pula n'agua completamente nú e aguenta nos dentes quando não pode faze-lo na cintura — o grosso cabo do batelão, para que ele vá escorregando, lentamente, pedra abaixo, em trambolhos desordenados. O menor descuido, a mais pequenina falta de equilibrio, tudo ficará perdido. A gente vê bem o retesamento dos musculos do valente preto ou do caboelo *cachocirista*, até ao limite da sua maxima força, para amparar o brutal e violento choque da embareação, quando a corda estica no arranco final da velocidade extraordinária da queda d'agua". Aos enchociris-

tas se refere A. J. de Sampaio em sua "A Flora do rio Cumirá", pag. 48.

Cacimba: dição que, em varios Estados do Brasil, principalmente no nordeste, designa escavações feitas no solo das varzeas ou nos leitos sêcos dos rios temporarios (torrentes) para deles tirarem os sertanejos a agua necessaria, não só nos usos domesticos, mas também à bebida dos gados. É um africanismo angolense derivado do termo quimbundo *quixima* — poço. Na Africa, este vocabulo designa em certas regiões nevocero humido, chuva miúda, e noutras — poço que recebe aguas pluviais. É o que nos informa Fr. Francisco de S. Luiz no seu "Glossario de Vocabulos Portuguezes derivados das Linguas Orientais e Africanas (Lisbôa — 1873): "na lingua ambunda significa certo tempo, em que caem orvalhos continuados, de *quixibo* — orvalho. Nos nossos Dicionarios vem *Cacimba* — cova, que se faz nas praias, e lenteiros para recolher a agua que requeira; do ambundo — *quixima* — poço". No Brasil, em regra, a agua das cacimbas é proveniente do leaço subterraneo, e no nordeste é o "ultimo recurso da luta contra a sêca". Vale transcrever aqui a descrição dessas escavações no nordeste, feita por Gustavo Barroso na "Terra de Sol", à pag. 28. "A cacimba é profundamente cavada no solo, toda cercada em torno para que, das ribanceiras, os animaes não tomem. A entrada é cavada em ladeira de suave declividade, para que o gado já fraco, ao ir beber, não escorregue e caia de quando em quando, ferindo-se e cançando-se. A agua é sempre feia, sempre suja, sempre má. Uma cerca leve divide-a quasi ao meio, tendo, ao pé das estaes, estendido uma longa carnaúba, de maneira que o gado sómente pode beber num pequeno espaço de dois a tres palmos, o que o impede de sujar a agua e de torda-la. Onde o gado bebe chama-se — *bebedouro*, e à carnaúba — *pao do bebedouro*. A proporção que a agua vai faltando, vai-se recuando a carnaúba — e quanto mais frequente for esse recuo, mais feroz lavra a secca, mais ardente anda o sol a chupar com eriminosa avides as ultimas gottas d'agua". Na Paralba ouvi a denominação de *cacimba de pedra*, segundo o testemunho do Prof. Coriclano de Medeiros, numa Conferencia sobre o "Sertão", publicada no vol. 3.º da "Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano", entre pags. 399 e 412: "Usam uns poços que chamam *cacimba de pedra*, que dá uma agua mediocre. Escava-se o solo em logares que ha *piçarra* que é o granito em decomposição, até poucos metros e sem vertigio d'agua; depois as paredes como começam a star, a porejar, e a agua vai filtrando muito de leve, mas com alguma abundancia, de modo que não é raro ficar a meio. Também escavam *cacimbas* nos rios..." O termo *cacimba* é também usado no sul do Brasil: o Padre Geraldo Pauwells ouviu este vocabulo em Santa Catarina, designando mananciais em baraquinhos tão pequenos que a agua somente pode ser sorvida por meio de canudos e o General Borges

Fortes informa que, no Rio Grande do Sul, o vocabulo é empregado no sentido de escavação profunda junto às habitações para colher filotes das aguas subterraneas. E mais que às escavações destinadas a recolher as aguas pluviais para uso domestico se dá o nome de *aljibes*, velho vocabulo portuguez, em desuso em Portugal, segundo refere Candido de Figueiredo. A *cacimba*, acrescenta o illustre informante, recebe uma parede circular de tijolos para evitar o desmoronamento, ao passo que o *aljibe* é de paredes estancas para impedir a perda da agua. O a que se chama no Rio Grande do Sul *cacimba* é denominado no norte cisterna, de uso em Portugal. A palavra *cacimba* é usada em quasi toda a America do Sul e até em Cuba e no Mexico, grafada *cacimba*, *casimba*, *cachimba*: é o que nos informa Daniel Granada — "Vocabulario Rioplatense Razonado", Lisandro Segovia — "Diccionario de Argentinismos", Paz-Soldan e outros. Usa-se, no Brasil, o augmentativo *cacimbão*: ha também a expressão *terreno cacimbado*, no sentido de terreno onde as aguas empoçam, enchendo nuns logares e noutros não, onde se formam pequenas *pôças*, razas como *cacimbas*.

Cacimbão: além de ser usado no sentido de *cacimba grande*, C. Teschauer regista este termo na accepção de buraco fundo num despenhadeiro, encontrando-o no vocabulário do admirado genio agreste do nado dos sertões Catullo Cearense, anexo ao seu "Sertão em Flor"

Cacique: chefe de indios, sinônimo de *morubichaba*, *tupichaba*, *tuchaua*, o maioral da tribo, mais usado no sul do que no norte. É termo antilhano-espanholado, segundo Zorobabel Rodrigues no seu "Diccionario de Chilenismos". Candido Mendes, o maior geografo nacional de seu tempo, diz que é aquele chefe indio hereditario, de quem os da sua nação se consideram vassallos. De *cacique* se formou a palavra *cacicado*, indicadora do regimen despótico dominante entre as tribus. Figuradamente, no Brasil, se chama *cacique* ao chefe politico de um lugar, o mesmo que *mandachuva* e *mandão*. Daí *caciquismo*. H. Jorge Hurly dá a seguinte origem tupi: *cau-cy-ki* que, ao pé da letra, exprime: aqui está ou eis aqui, a mãe do mato ou com este vive a mãe do mato. *Cacique*, numa palavra, diz o citado indianologo, é o chefe selvagem que se supõe protegido, assistido da *caacy* — mãe do mato.

Cacoal: corruptela de cacual, sitio onde cresem cacaueiros. Muito frequente no sul da Bahia e foi registado por José Verissimo nas "Scenas da Vida Amazonica" e por Peregrino Junior em "Pussanga".

Caco de telha: expressão peculiar à gente mineradora de diamantes, designativa de uma especie de mineral ferruginoso que se encontra nos cascalhos. Vimo-la referida à pag. 374 das "Memorias do Districto Diamantino da Comarca de Sorro Frio", do Dr. Joaquim Felicio dos Santos. Segundo informa Everardo

Backheuser em seu "Glossario", assim chamam os trabalhadores das minas de ouro e de manganez às laminas de itabirito.

Cacundeiro: registado por Nelson de Senna, que informa ser na gíria caipira o guarda-costas, o *capanga* ou *jagunço* mercenario, encarregado de defender a pessoa de quem lhe paga para tal fim. Vem de *cacunda* vocabulo africano, filiado à *caconda* e *caconde*.

Cacuri: termo da Amazônia, designativo de curral de madeira para pesca nos rios. Registado no "Vocabulario" anexo à "Pussanga" de Peregrino Junior.

Cacuruto: corruptela prosodica de *cocuruto*, usada em Minas e na Bahia, no sentido de ponta mais elevado de uma colina, de um morro, *outeiro* ou *lançante*. Regista-a Nelson de Senna.

Cafôfo: terreno embrejado onde a decomposição de materias organicas provoca exhalações proprias das aguas apodrecidas em charco. E' termo mineiro.

Cafundô: brasileirismo que tem uma dupla significação. As vezes se emprega no sentido de baixada estreita entre lombadas muito ingremes e bastantemente altas; outras vezes, e principalmente, no sul da Bahia, no Nordeste, em S. Paulo até Santa Catarina, na accepção de lugar ermo, longinquo, aonde se vai com dificuldade, longe das estradas batidas e trilhadas pelos viajantes. Registado por Afranio Peixoto, Valdomiro Silveira, Benurepaire-Rohan, M. Soares, Teschauer e Amadeu Amaral que refere a opinião de Gonçalves Vianna quanto à etimologia que pensa ser *banti*. Macedo Soares ainda regista o termo *cafundorio*, como corruptela erudita de *cafundô*. "Gastara cincoenta e muitos anos de vida naquelles *cafundôs*, a mourejar na lavoura e na criação, de enxada em punho, ao sol quente da baixada, encourado e a cavalo no recesso espinhento dos carrascaes, e de viola na mão, ao luar maravilhoso, nos terreitos poentos em que fervilham os sambas" (Gustavo Barroso — "Alma Sertaneja", pag. 93). Na Bahia e em outros Estados, é corrente a expressão *cafundô de Judas* para designar com mais ênfase o sitio inacessivel, longinquo, ermo. A pag. 22 de "Macunaima" de Mario de Andrade, lemos: "Atravessou o mato e chegou no capoeirão chamado — *cafundô de Judas*". No Maranhão, segundo informe de Antonio Lopes, se diz *cafundoca*. E no mesmo sentido, diz Pereira da Costa, se emprega *cafarnaú*.

Cafús: ocorrem também as formas *cafuso*, *cafusa*, *cafusio*, *carafuso*; mestiço de negro e indio, produto afro-americano, em geral de cor muito escura, bruno-café, cabelos grossos e "alto: como se a cabeleira fosse artificialmente levantada" (Martius). Chamam-lhe também *caboré*, *calaré*, *caburé* e ainda *taioca* (voz do norte). Prova a mais da variedade e incerteza reinantes na nomenclatura dos nossos mestiços é o seguinte passo de José

Veríssimo, que lemos à pag. 131 do 2.º vol. do "Dicionário Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil": "os productos da mestiçagem resultantes dos cruzamentos entre raças e variedades diversas, são: o *mulato*, por cruzamento de branco e negro; o *mameluco*, por cruzamento de branco e indio; o *curiboca*, por negro e indio; o *cafús*, ou *cafuso*, por mameluco e negro, por mulato e indio, por curiboca e indio, ou curiboca e negro, ou ainda curiboca e branco...". "Do *cafús*, parece, o que se pode afirmar com certeza é que ha sempre nelle sangue indio e negro, em sub-cruzamento, podendo tambem haver, pelo do mulato ou do mameluco, sangue branco". Toda a razão tinha Pandiá Calogeras quando, em Carta que nos dirigiu, escreveu: "de referencia aos tipos de mestiçagem ha uma revisão a fazer, completa, *ab-initio*, total. Pereira da Costa faz sentir que o termo *cafús* apelidava os indios alforreados, "que são aqueles que os senhores em seus testamentos, deram por livres, e os que precedem destes, os quaes são livres (Provisão regia de 6 de Outubro de 1790). *Indias cafusos* a que chamam alforreados (Provisão de 22 de Novembro de 1721). "Taes provisões, acrescenta Pereira da Costa, foram dirigidas ao Governador do Maranhão e constam do Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense. T. I. Fags. 123-124". Os hispano-americanos chamam ao *cafús* — *sembolôro*; tambem dizem *zambo*.

Cabatinga: registado por Beaurepaire Rohan como regionalismo peculiar à Amazônia e a respeito do qual escreve: "terra alagadiça ou meio alagadiça, na qual cresce a palmeira *piassabeira*. Este vocabulo, já pelo modo por que se acha orthographado, já pela sua definição, não pode ter a mesma etymologia que a *caatinga* ou *atinga* dos sertões entre Minas Geraes e o Maranhão". Na "A Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruis, encontramos os termos *caatinga* e não *cabatinga*, designando região de mato ralo e arvores de pequeno porte, quasi sempre fronteira a zonas de campos, e *caatinga do igapó*, muito de uso na região do rio Negro, como espaço de terras inundadas durante a cheia e coberto de vegetação mofova. Estas definições estão no vocabulário apenso ao mesmo livro. Corresponderá esta ultima à *cabatinga* de Beaurepaire-Rohan?

Caicara (1): substantivo do genero feminino, empregado pelos primeiros cronistas do Brasil, como Frei Vicente do Salvador, no sentido de "cerca de rama", feita de forquilhas e garranços. Nas aldeias ou *tabas* dos indigenas era a estacada que envolvia externamente a povoação, especie de trincheira feita de paus retirados das queimadas. Gabriel Soares fala em cerca de *caicá*, que os selvagens construian para se guardarem dos inimigos. Segundo Theodoro Sampaio *caicá* é contração de *caicara*. É palavra de origem tupi: *caa* — mato e *ica* — estaca, pau. Peregrino Junior no "Vocabulario" anexo à "Pussanga" diz que *caicara* ou *caissara* é cercado de madeira, á margem de um rio, para embarque de gado. "Compõe-se de duas partes: a *nanga*

e a *sala*. A *mangu* é o corredor da caieira por onde passam os bois da *sala* para a *gambarra* que é uma embarcação à vela, de dois mastros, para transporte de gado. A *sala* é a parte da caieira onde permanece o gado". Segundo informa A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas", em Goiaz, *caieira* é um recesso onde se embosca o caçador. No "Cancioneiro do Norte" de Rodrigues de Carvalho, encontramos esta palavra com a significação de *palhoça* (Pag. 20).

Caieira (2): modernamente se emprega este termo como substantivo masculino, com outro sentido: *caieira*, diz Baptista Coelho (João Foca), autor do livro de contos — "Os Caieiras" — "é o nome por que são conhecidos em Santos, Estado de São Paulo, os pescadores que vivem nas praias do mar grosso, até S. Sebastião". Cornelio Pires, à pag. 43 de "Mixórdia", escreve: O caieira, caipira de beira mar do Estado de S. Paulo, é inteiramente diferente do caipira de Serra acima. Diferente nas feições, nas maneiras, na educação". Valdomiro Silveira dá-lhe o significado de individuo de baixa qualidade e acrescenta: "no litoral o praiano, o que nasce á beira mar". A Taunay informa que no oeste de S. Paulo é epíteto injurioso, cabendo aqui a justa ponderação de P. A. Pinto, à pag. 219 do n.º 15 da "Revista de Língua Portuguesa": "todos os termos como *caipira*, *caboco*, *maluco*, *jeca*, *capiau*, *muíato*, *negro*, etc. são às vezes tidos como injuriosos, maxime se ditos por pessoas de classe ou de côr diferente".

Caieirada: registado por Affonso Taunay no "Lexico de Lacunas", reunião de *caieiras*, caipiras asselvejados. "Naquelle sertão só ha uma *caieirada* bronca".

Caidor: termo do sul do Brasil, designativo de lugar onde desce o gado no rio para passa-lo a nado. Encontramo-lo na "Campanha do Contestado", 1.º vol. pag. 193. Registou-o A. Taunay que o abona com a seguinte frase. "Perto da fazenda ha um *caidor* excelente sobre o Paranahiba, que é quasi um váu". No livro citado de Gastão Grals ha a expressão *caidor de anta*, no sentido de caminho de anta, ou "trilha que conduz ao rio e pela qual se entra mais facilmente na mata".

Caímbezal: termo que designa largos tratos de campo na bacia do Rio Branco, norte do Amazonas, onde o *caímbe* constitue a vegetação exclusiva arborecente. Vimo-lo empregado por Syvio Torres do "Instituto de Biologia Animal" em seu trabalho sobre "A Região do Rio Branco", publicado na "Revista do Departamento Nacional da Produção Animal", Ano I, Números 2, 3 e 4, pag. 246.

Caipira: nome com que se designa em S. Paulo e noutros Estados o habitante dos campos ou dos sertões. Valdomiro Silveira define-o muito bem: "o homem ou mulher que não mora na po-

voação; que não tem instrução ou trato social: que não sabe vestir-se ou apresentar-se em publico". Equivale a *aldeião*, *camponez*, *camponio*, *peludo* em Portugal. No Brasil, ha uma grande variedade de termos para designar o individuo que mora no interior, fóra dos centros urbanos, mais ou menos equivalentes a *caipira*, uns generalizados por todo o país, outros restritos a certas regiões. E' o caso mais abundante de polionímia que possui a nomenclatura geográfica peculiar ao Brasil. Taes são os seguintes, com a indicação das áreas geograficas onde são de uso mais corrente: *babaquara*, *muzungo* (Campos de Goitacazes), *caboré* (Mato Grosso e Goiaz), *chapadeiro*, *bruaqueiro*, *mandioqueiro*, *pioca* (Minas Gerais), *canguassú*, *caçara* (São Paulo), *mandi* (sul de S. Paulo e oeste de Minas), *queijeiro* (Minas e Goiaz), *tapiocano* (Minas e Rio de Janeiro), *capiau* (Minas e Bahia), *capuava* (Bahia), *casaca* (Piauí), *corumba* (Sergipe e Pernambuco), *curau* (Sergipe), *matuto* (Minas, Rio, Bahia, Alagôas, Pernambuco até Rio Grande do Norte), *piraçuara* (margens do Paraíba), *rocciro* (Rio de Janeiro, Mato Grosso, Pará, Bahia), *restinguieiro*, *sertanejo*, *tabaréu* (Bahia, Sergipe, Distrito Federal), *casacudo* (Sertão da Bahia), *guasca*, *mano-juca*, *jéca*, *numbira* (Rio Grande do Sul). Cornelio Pires, que tanto tem estudado os usos e costumes dos nossos *caipiras*, em seu recente livro "Selecta Caipira", define-os, dizendo que "são os filhos das nossas brenhas, de nossos campos, de nossas montanhas e dos uberrimos valles de nossos piscosos, caudalosos, encachoeirados e innumeraveis rios, *acostellados* de milhares de ribeiros e riachos". Em seguida, o citado escritor divide-os em quatro classes: o *caipira branco*, descendente de estrangeiros brancos; o *caipira caboclo*, direto descendente dos bugres catequizados pelos primeiros povoadores do sertão; o *caipira preto*, descendente dos africanos já desaparecidos do Brasil; o *caipira mulato*, oriundo do cruzamento de africanos ou brasileiros pretos com portugueses, e brasileiros brancos, raramente com o caboclo. "o mais vigoroso, altivo, o mais independente e o mais patriota dos brasileiros". "Apparece agora no nosso Estado (S. Paulo) um novo typo de *caipira mulato*, robusto e talentoso, destacando-se, após ligeiros estudos, nos grandes centros, tratavel e sympathico: é o mestiço do italiano com a mulata ou do preto tão estimada por algumas italianas" (Cornelio Pires. Livro citado. Pag. 27). Quanto à origem etimologica do vocabulo *caipira* ha varias opiniões. Baptista Caetano traduz *caipira* por pele tostada, de *cái-queimada* e *pir* pele; Couto de Magalhães pensa que é uma ligeira alteração de *caapira*-mondador do mato; outros o derivam de *caipora*, alteração de *caa-y-pora*, literalmente o que mora ou habita a mata; outros de *corapira*, genio da mitologia americana nacional; Jacques Raymundo, em sua "These", apresentada à Congregação do Colegio Pedro II, no Rio de Janeiro, diz que vem de *caipira*, participio passado de *cái* — o envergonhado. Diante disto, vê-se bem que teve razão Amadeu Amaral, quando es-

creveu: "Como todas as palavras de aspecto indígena, real ou apparente, tem o vocabulo *caipira* fornecido largo pasto á imaginação dos etimologistas". De *caipira* derivam os termos muito usuais: *caipirada* — ato de *caipira* ou grupo de *caipiras*, *caipirico* e *caipirismo* — ação de *caipira*, e mais *caipiragem*, *encaipirar-se*, *encaipiração*, *encaipirado*. Em Portugal, *caipira* era a alcunha depreciativa dada aos constitucionaes durante as lutas civis de 1828-1843, usando-se também no sentido de avaro e sovina na provincia do Minho, segundo informa Candido de Figueiredo.

Caíva: termo do sul do Brasil, designativo de terreno pobre em humus e improprio para a cultura, onde a vegetação é constituida por arvores esguias e entremada de pasties. No norte de Santa Catarina, diz o Pe. Geraldo Pauwells, ouve-se *caliba*. É termo de origem tupica: de *caa-nato* e *aiba-raim*, *imprestavel*.

Caixão: termo da Amazônia, que apellida o leito menor do rio. Mario Guedes, em cujo livro — "Os Seringaes" — o colhemos, assim se expressa á pag. 151: "O rio acha-se, segundo a expressão local, no *caixão*, ou *está no casco*. Geralmente a sua profundidade é assás reduzida, o que não impede que, a trechos, se abram excepções a essa regra — nos *poças* — que são certos logares profundos no seio da corrente".

Cajtilha: termo gaúcho, que designa, na campanha, o rapaz da cidade. É o que diz Darcy Azambuja ("No Galpão"). Roque Calhaz registra-o no seu "Vocabulario" com a significação de individuo presumido, pe'intra.

Cajila: termo amazonense, empregado no mesmo sentido em que usamos o vocabulo francez *Mascote*, oriundo da conhecida opereta musicada por Edmond Auckan (1880), ou seja o que traz boa ventura, boa sina, o que dá felicidade. "O *Tajá* (planta) preparado, cultivado com o seu rito especial, serve para o que chamamos *mascote* e elles chamam *cajila*, do pescador. Os pescadores, na maioria, andam com o seu *tajá* na canoa; é elle que lhes dá felicidade na pesca (José Carvalho — "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará" — Belém. 1930 — Pag. 28). A mais famosa *cajila* da Amazônia é o *uirapurú* (passaro da familia Trogloditidae).

Cajual: bosque de cajueiros, registado por Affonso Taunay no seu "Vocabulario de Omissões" (Rev. de Ling. Port. N. 30, pag. 182), abonando-o com a seguinte frase: "A praia de Copacabana era outr'ora um *cajual* silvestre". Diz-se também *cajueiral*.

Cajueiral: o mesmo que cajual. "O Pedro José entrou sob um *cajueiral*" — (Gustavo Barroso — "Praias e Varzeas" — Pag. 51) "O casal de negros tinha por occupação tratar dos *cajueiros* existentes e plantar novos, afim de que se não extinguissem os *cajueirais* (Franklin Tavora). Em tupi *cajutuba* ou *acaicutuba*.

Calada: palavra portuguesa bastante conhecida com o significado de silencio profundo, muito comum na expressão — na calada da noite. Entretanto, à margem do rio S. Francisco, segundo informação local (Juazeiro), assim chamam os sertanejos à cessação do vento, à calmaria que sempre anuncia proximo temporal.

Calafate: registado por Teschauer, que assim escreve: “No Cabo Frio e em Araruama chamam assim o vento leste pelos danos que causa ás embarcações, obrigando-as n concerto de calafate (em port. o que calafata as embarcações)”. Eugenio de Castro, em excelente artigo publicado no “Jornal do Commercio” de 12 de Setembro de 1937 sob o titulo “Espírito marítimo brasileiro e sua influencia na nossa Geographia Linguistica”, escreve: “na altura de Cabo Frio até a Ponta Negra se levanta em lufadas do leste o *calafate* — assim chamado pelo damno que causa ao calafete dos barcos”.

Calangro: alcunha aplicada em Pernambuco aos partidarios do regimen constitucional, no tempo de Pedro I, quando se fundou em Recife a sociedade secreta — Coluna do Trono e do Altar — cujos membros receberam o apelido de *colunas* ou *corcundas*.

Caldasito: monte brasileiro de uma rocha típica da região de Caldas, em Minas Gerais, não longe da fronteira paulista, composta de zircopita e hidrosilicatos (Ev. Backheuser; Ruy de Lima e Waldemiro Potech).

Caldeirão: varias são as accepções deste termo. Na Amazônia significa remoinhos dos rios, isto é, lugares nos leitos dos rios onde se formam vortices e turbilhões resultantes de correntes circulares, perigosas à navegação: referido por A. J. de Sampaio. No “Roteiro Corographico da viagem que se costuma fazer da cidade de Belém do Pará à Villa Bella de Matto Grosso” de João Vasco Manoel Braun que, em 1781, andou em serviços de demarcação de limites, encontra-se a seguinte descrição dos *caldeirões*: “Largando do porto da cidade costa acima, se atravessará na distancia de tres quartos de legua a hõca do rio Guajará, e entra-se logo pelo rio Mojú, o que necessita de pratica e cautela, quando a maré sobe ou desce na sua força, por causa de uma ilha, que divide a bocca delle, aonde confluindo as aguas destes dois rios fazem um tal rebojo e precipitação, que varias canoas têm perigado, por se afoutarem a passar por eima. Este phenomeno é o que os naturaes chamam *caldeirões*” (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, Tomo 23 pag. 441). Na Bahia e região das Lavras Diamantinas assim se denominam buracos redondos cheios de cascalho, na piçarra das catas: ao caldeirão pequeno chamam *casco de burro*. No Rio Grande do Sul, chamam *caldeirão* a uma grande escavação no meio do campo, ou das estradas feitas pelas chuvas ou pisadas dos animais. Assim também em S. Paulo: nos “Sapezaes e Tiguéras” de Amando Caiuby, le-

nos à pag. 77: "A chuva empocava nos *caldeirões*, as águas estagnavam nos recondavos das pedras e a febre entrou a assolar os moradores das planícies". Em outras zonas, assim se nomeiam tanques naturais nos lagedos, onde se armazenam águas pluviais. Em Euclides da Cunha temos à pag. 13 dos "Sertões": "Associadas às cacimbas e *caldeirões*, em que se abre a pedra, fêz-lhe recurso unico na viagem perigosissima". Narrando as peripécias de sua viagem ao sertão brasileiro, Benedicto Profeta, no seu "Índigena Brasileiro", fala dos *caldeirões* da zona entestante de Goiaz e Bahia, no Jalapão: "Nessas travessias que se desatam em descampados imensos, dentro da media de sessenta a cento e vinte quilometros, a água, que é de chuva, só é encontrada em certas quadras do ano, em depositos de pedras, cujas cavidades os sertanejos denominam *caldeirões*, que são fontes realmente efemeras". Na "Geologia" de J. C. Branner, à pag. 28, primeira edição, encontramos *caldeirão* no sentido de cova lisa e arredondada, de varias dimensões, que se forma no leito dos rios, devida ao desgastamento produzido pelos remoinhos nas correntes, onde as pedras soltas são revolvidas em um circulo de pequeno diametro. Do mesmo sentir é Everardo Backheuser, em seu "Glossario": "Furos causados nos leitos dos rios pelo redomoinho de pedras soltas quando estas encontram uma depressão natural onde possuem exercitar a sua ação corrosiva. Os *caldeirões* apresentam paredes lisas e brilhantes de tão polidas que ficam. São mais frequentes junto a cascatas e quedas d'água e alguns os denominam *marmitas de gigante*, principalmente quando a profundidade é muito maior de que a largura. Ficaram celebras na historia da exploração dos diamantes os *caldeirões* onde se tinham accumulado as preciosas pedras e que, descobertos, faziam a riqueza de quem os tinha achado". Beaurepaire-Rohan, registando o termo *caldeirão*, dá-lhe o sentido de covas atoladiças, que se formam transversal e paralelamente, nas estradas frequentadas por tropas de animais no tempo das chuvas e aerecenta que, em Pernambuco e Alagoás, chamam a isso *camalhões*.

Calhambôla: termo muito usado no Brasil nos tempos coloniais e que significa — o negro fugido, o negro do mato, que vivia homiziado nos *quilombos* e *mocambos*. Nelson de Senna diz que é corruptela de *canhembora* ou *canhumbora* (literalmente *canhumbora* — o que tem por habito fugir) e que o nome foi completamente estropiado na linguagem dos colonos e dos cronistas. Daí as variantes *canhambôro*, *calhambôla*, *canhembôra*, *caiambôla*, *caiambôra*, *carambôla*. Prevalece aliás na denominação de tais negros o nome *quilombôla* (Vide esta dição). Não nos furtamos ao prazer de referir o que escreveu Euclides da Cunha, à pag. 102 de seu livro magno: "Quilombola, negro foragido nos quilombos. Canhembora (cãnybora) indio fugido. É singular a identidade da forma, significação e som destas palavras que

surgindo, a primeira na Africa e a segunda no Brasil, destinam-se a caracterizar a mesma desdita de duas raças de origens tão afastadas!"

California: Romaguera Corrêa, Roque Callage e Luiz Carlos de Moraes em seus "Vocabulários" do Rio Grande do Sul, registam este termo designativo das invasões guerreiras feitas por brasileiros nas terras do Uruguai entre 1849 e 1850, das quais foi chefe destemido Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro), depois Barão de Jacuá. Callage procura explicar a origem desta denominação na cobiça de lucro que concorria para semelhantes correrias.

Calipal: termo usado em São Paulo pelo povo para designar plantação de eucaliptos (calipa). Informação do eminente agrônomo Dr. Edmundo Navarro de Andrade, a cuja tenacidade deve São Paulo para mais de dez milhões de pés da utilíssima mirtacea australiana. Sinônimo de *eucaliptal*, de uso frequente no Brasil e em Portugal.

Calombos: registado por Beaurepaire-Rohan, Candido de Figueiredo, Jayme de Séguier e outros vocabularistas como brasileirismo com a significação de tumor, inchaço duro em qualquer parte do corpo. No Ceará e em todo o nordeste emprega-se também no sentido de ondulações das aguas. Abona-o a seguinte estrofe do cantador Caninana do Ceará, recolhida pelo illustre folclorista Rodrigues de Carvalho, no seu "Cancioneiro do Norte", 2.^a edição, 1928, pag. 91:

"A maré cheia do mais,
Pegou o dia a ventar,
O mar se encheu de calombos,
Começou bote a virar.
Isto é contrariedade
De quem dispõe-se a embarcar".

Caluge: registado por Macedo Soares, com a significação de rancho, casinha de palha. Beaurepaire-Rohan regista *caloji*, termo de Pernambuco e Pará, sinônimo de *zungú*, casa dividida em pequenos compartimentos, que serve de couro a vagabundos e desordeiros. E Pereira da Costa regista *calugi* com o sentido de casa ordinária, situada em lugares escuros, onde se acoita gente da mais baixa condição ou serve de ponto de reunião ou parada de desordeiros e vagabundos.

Calunga: designativo de negro em Santa Catarina, segundo refere Lucas Boiteux, e em Goiás conforme assinala Couto de Magalhães.

Calungueiro: apelido dado na costa do Rio de Janeiro, trecho de Cabo Frio, aos pescadores do pargo, peixe aí chamado calunga. A embarcação em que fazem a referida pesca chama-se *calun-*

gueira, semelhante à *garoupeira* de Porto Seguro da Bahia. É palavra de origem africana, segundo Beaurepaire-Rohan.

Cama: registado por Macedo Soares como designativo de leito fundo de rio. Neste sentido empregou-o o Tenente Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra numa "Memoria geographica do rio Tapajoz" escrita em 1799: "às 2 da tarde chegamos á barra do Corimbathy, rio caudaloso de vinte braças de largura, com cama de lage solida, contendo crystal, pingos d'agua, cornalinas, etc."

Cama-de-varas: expressão que, segundo informe do Dr. Saboya Ribeiro, designa, na zona noroeste de S. Paulo, o trabalhador rural, jornaleiro. Por extensão, assim se chamam também aos homens modestos do campo, cujo mevel de dormida — a sua cama — é geralmente feito de varas, um lastro muito duro. Refere o informante que são frequentes expressões como esta: "A clinica do Dr. F. é uma clinica escolhida; a dos outros é só de *cama-de-varas*".

Camaleões: elevações sucessivas de terreno compreendidas entre sulcos transversais, produzidas nas estradas de leito argiloso pelo pisar dos animais na estação das chuvas. É de uso em Pernambuco, Alagôas e no sul da Bahia. No norte deste Estado, porém, se emprega esta palavra para designar pequenas lombas que aparecem no meio das terras planas. É frequente ouvir-se: "terreno cheio de camaleões". Rodolpho Garcia ensina que o termo vem de *camalhão*, vocabulo vernaculo, por intercurrença de *canalcão*, o lacertilio *Iguana tuberculata*.

Camalote: termo do sul do Brasil, especialmente de Mato Grosso, o qual designa ilhas flutuantes formadas de plantas aquaticas, *aguapés*, que descem os rios, à mercê da corrente, logo que começam a receber as primeiras aguas. É o mesmo que *periantan* na Amazônia.

Camarada: palavra registada por Beaurepaire-Rohan como regionalismo de S. Paulo, Minas, Paraná, Goiaz e Mato Grosso, significando homem assalariado para servir não só de coadutor de animais, mas também em trabalhos curais e domesticos. A área geografica deste brasileirismo é hoje mais extensa para o norte. Augusto Saint-Hilaire em sua "Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco" diz: camarada é o nome que se dá aos homens de classe inferior, que se alugam para, nas viagens, cuidar dos burros ou fazer qualquer outro serviço. No sertão bahiano de Ituaçu, Brumado e vizinhanças é o nome que dão ao trabalhador rural, que mora em terras do lavrador de algodão: soube-mo-lo por informação local, sendo neste sentido o mesmo que *agregado* no nordeste bahiano e em Sergipe.

Camarazal: bosque de camará ou cambará, registado por Pereira da Costa.

- Cambúz:** nome dado aos negros brasileiros na guerra do Paraguai. Registrou-o o Padre Carlos Teschauer no seu "Novo Dicionario Nacional", assinalando-lhe também o significado de *mucama*, *mucamba*, criada de quarto. O sabio jesuita não decide se a palavra *cambá* deriva do tupi-guar. ou do quimbundo *camba* (amigo, amiga). No livro do notavel polígrafo oriental Manuel Galvez "Humelidá", lemos ás paginas 11 e 12: "Unos vivan al Paraguay. Otros dan mueras! a los macaces, o a los cambá, los negros, segun Haman a los brasileiros y aun a todos los aliados".
- Cambarai:** termo paranaense que, segundo Romario Martins, nomeia o varal em forma de mangedoura circundante do arcabouço do *barbaquá*, para conter a cerva sapecada.
- Cambembe:** nome que, em Viçosa de Alagôas, serve para designar o povo baixo que habita o campo ou a roça. Encontramo-lo no livro "Viçosa de Alagôas" de Alfredo Brandão (pag. 13), onde lemos: "Tal designação é recebida quasi como uma affronta, vendo-se portanto que ella pertence a uma raça que se degradou". Nos tempos de colonia e segundo o mesmo escritor, *Cambembe* era o nome de uma sub-tribu dos Caetés, habitante das terras do actual Municipio de Viçosa. Pensa ainda Alfredo Brandão que este termo é uma corruptela de *camemby*, vocabulo indigena que se decompõe em *caa* -- mato e *menby* — flauta, gaita ou buzina.
- Cambiroto:** termo usado no oeste da Amazônia, nas terras entre o Javari e o Acre, que designa monte de argila. Vim-o numa "Memoria apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geographia (Bahia), pelo Capitão do Exercito Nacional Manfredo de Mello, no seguinte passo: "uma capueira tinha a extensão de tres leguas por cima de um cambiroto."
- Cambiteiro:** nome com que se designa, em Alagôas, o carregador de canas, oriundo de *cambitos*, ganchos de madeira colocados nas canchalias e que servem para sustentar os feixes de canas. É a definição de Alfredo Brandão que, á pag. 233 da sua "Viçosa de Alagôas", escreve: "Inicia-se o corte das cannas. Agora, pelas estradas alvacentas, passa o bando alegre dos cambiteiros, cantarolando trovas campezinhas, quadras sentidas ou "emboladas alegres."
- Cambôa:** vocabulo usado no nordeste com a significação de esteiro, que se enche com o fluxo do mar e fica em seco com o refluxo. Thomaz do Bonfim Spindola, em sua "Geographia Alagoana", diz: "lago, esteiro ou lugar cercado de canchada, á beira-mar, em que se apanha peixe". Dizem também *gambôa* (Vide esta palavra).
- Camboeiro:** em alguns pontos do sertão da Bahia assim chamam os sertanejos aos aguaceiros caídos antes das primeiras trovoadas do anno. (Vide *cambueiras*). Eugenio de Castro em seu "O

Espirito Marítimo Brasileiro e sua influencia na nossa Geographia Linguistica diz que *cambuciros* são ventos tempestuosos que sopram do sul.

Cambuciras: termo do sertão da Bahia que nomeia chuvas, grossas, que costumam cair no mês de Setembro, enchendo correios e transbordando açudes e tanques. São chamadas também as chuvas dos *imbús* ou *ombús* — “Estou um tanto molhado, disse o Agente, entrando. Começam as *cambuciras*. O fumo é que está gostando disto. Vi a lavoura toda por ahí chovida” (Xavier Marques “Terras Mortas” — Pag. 72).

Cambuizal: terreno coberto de cambuzeiros ou cambuís, árvore frutífera indígena, do genero “Eugenia” e familia das mirtáceas. No “Os Caboclos” de Valdomiro Silveira, à pag. 85, lemos: “Um gurundy pegava a chinar, muito afflicto, no meio do cambuizal”.

Camelo: alcunha pejorativa com que os farrapos crismavam os legalistas na revolução de 1835, também chamados *caramurís*, *galcos*, etc. (Romaguera Corrêa). Tais alcunhas refletem à justa o ambiente passional do meio, o ardor político da atmosfera partidaria.

Cami-naús: palavra indígena da Amazônia, empregada pelos ameríndios no sentido de lagos ou lagôas à beira dos rios. A pag. 246 do livro de Igracio Baptista de Moura — “De Belém a S. João de Araguaya”, lemos os seguintes trechos: “O Tocantins tem nesse sitio a largura de 2 kilometros. A margem direita é, ao contrario da outra em que está a povoação, baixa, semeada de *cami-naús* ou *camitais* (pequenos lagos), de que já falamos atrás, os quaes sangram no inverno, communicando as suas aguas com o rio, e no verão prendem enorme quantidade de caça nas ilhotas por elles formadas, dentro das matas da terra firme”. Affonso Taunay registou-a em seu “Lexico de Lacunas”.

Caminhamento: registado por Affonso Taunay em seu “Lexico de Lacunas”, designativo de distancia entre duas estações num levantamento topografico.

Camisão: apelativo usado no interior da Parahyba como sinónimo de *camponio*, *tabaréu*, *homem rustico*. Informação de Erico d'Almeida, que o empregou no seu “Conto” — “O Tronço”, publicado no jornal “O Norte” (ed. de 24 de Julho de 1927). “Na sachristia, uma claque de *camisões* (como tratam no sertão os que residem fora das localidades) trocava idéas sobre a alta ininterrupta do ouro branco”. Candido de Figueiredo (4.^a ed.) informa que, nos Açores, *camisão* é o plebeu, que desempenha os serviços mais grosseiros.

Camponha: dupla significação tem este regionalismo. Geralmente é usado no sentido de campo extenso, campo grande que se desenrola a perder de vista. No Rio Grande do Sul, porém, de-

nomina uma das regiões em que se divide o Estado quanto ao aspecto, a parte baixa, formada de campos limpos, com poucos agrupamentos arbustivos, onde se encontram terras negras e férteis, muito plausivelmente derivadas da pedra moura que é uma rocha eruptiva do grupo diabase e diorito, segundo a opinião de A. Gomes Carmo, que acrescenta: "Nesta região os matos são escassos, a configuração do solo pouco atormentada, predominando as campinas onduladas suavemente". É a *campanha* a região do Rio Grande do Sul contrária à que chamam *serrana*, que é mais própria para a agricultura. Tratando do aspecto físico do Rio Grande do Sul, o Dr. F. Rodolpho Simch, na "Revista do Inst. Histórico e Geográfico" do mesmo Estado, anno 1924, III e IV trimestres, escreve à pag. 66: "Ha do lado oriental uma grande planura arenosa, cheia de lagoas e lagunas, arida, esteril em grande parte; o restante consta de duas partes: uma septentrional, relativamente mui alta ao oriente e pendendo gradativamente para W e para S — é a Serra; a outra muito mais baixa que forma o resto do Estado — é a Campanha. A *serra* é o resto do planalto brasileiro com grandes campos ondulados e com muitas matas nas escarpas, nas cabeceiras e bordos de seus numerosos rios; a *campanha* bastante montuosa a E, mas muito mais baixa que a *serra*, especialmente constituída de campinas". Ninguém melhor que este ilustrado geografo caracterizou a forma e o aspecto geral do Estado.

Campão: palavra muito de uso em Mato Grosso no sentido de campo extenso. Registrado por M. Soares e Rodolpho Garcia.

Campeiragem: giro muito corrente no Rio Grande do Sul, registrado por Callage, Candido de Figueiredo e outros dicionaristas, designativo do "acto de fazer serviços no campo; a vida do campeiro". "Era a lembrança das suas tropeçadas, das *campeiragens* diarias, dos afazeres nas mangueiras e brêtes, dos cuidados da *atimalada*, da folga nos galpões, à roda do fogo, no inverno, ou esticado sobre os arceios no verão" (Roque Callage — "Quéro-Quéro" — Pag. 121). Em Goiás se diz *campeio* o ato de olhar se o gado está em boas condições e se não falta nenhuma cabeça no sitio onde está a pastar (Informação de Alcide Jubé).

Campeiro: diz-se assim, no Rio Grande do Sul, o individuo que vive habitualmente no campo ou na *campanha*, campeador, que tem a seu cargo o cuidado do gado. No nordeste, é o vaqueiro que, vestido de couro de capoeiro (vendo da mata), rompe os matos bravios, para trazer ao curral da fazenda o gado tremalhado (Catullo — Poemas Bravios, Pag. 95). Também se diz *campeiro*, em certos Estados, o *caipira*, o *tabarca*. Usa-se ainda a palavra *campista*.

Campestre: encontramos para este termo diversos sentidos, variantes de Estado a Estado. Na ilha de Marajó, entre o Igarapé Grande e o Camará, segundo a informação de V. Chermont, é

um pequeno campo alto, de área diminuta, circundado pela floresta. No oeste da Bahia, conforme ensina Luetzelburg (Livro citado), é denominação especial dada à vegetação xerófila, de árvores baixas, em grandes espaços, sobre relva, com elementos arbóreos do carrasco e dos agrestes e, à pag. 35 do 3.º vol. lê-se: "Os campestres se estendem a oeste de Duro e Santa Maria de Tabatinga, na parte leste do Estado de Goiás, no extremo oeste da Bahia e ao sul do rio das Fêmeas. São certas regiões com vegetação mixta, de árvores altas, de troncos rectos, pertencentes aos agrestes, arbustos oriundos de carrascos,ervas e relva típica das campinas de leste de Goiás". Nas vizinhanças de Araranguá (Santa Catarina), diz Raja Gabaglia, assim se chamam a pequenos campos arenosos. Callage e Romaguera dão-lhe, no Rio Grande do Sul, o sentido de campo no meio do mato, com o que concorda o Padre Geraldo Pauwells de referência à Santa Catarina. Olympio da Fonseca, autor do capítulo "Flora" do "Dicionário Histórico, Geographico e Etnographico do Brasil", comemorativo do primeiro centenario da Independencia, escreve, repetindo a lição de Lindemann: "Uma forma especial de campo paleaceo é o *campestre*, formação encontrada na região florestal do Rio Grande do Sul e constituída por planícies de gramíneas altas...". Afinal *campestre* pode ser dito ilha de campo, como o *capão* é ilha de mato.

Campina: vocabulo português que, no centro do Brasil, entre a Bahia e Goiás, designa especialmente curiosas e extensas planícies cobertas de relva muito dura, capim, quasi desprovida de flora arborea. Nas campinas, léguas e léguas se apresentam sem árvores: nos sitios em que apparecem são grandemente intervaladas, os seus troncos são curtos, a sua folhagem é larga e dura, distinguindo-se a mangabeira, palmeiras de apenas um metro de altura, algumas velozaceas. Tão pobres são as campinas em madeira, diz-nos Luetzelburg, que ao viajante chega a faltar combustivel para as necessidades. A flora é típica xerófila. Desenvolvem-se sobretudo no oriente de Goiás, prolongando-se até a Bahia onde se acham na orla dos *campestres*, além do rio S. Francisco. Luetzelburg atravessou em sua jornada científica do nordeste a *campina* do Duro, de 93 quilômetros de extensão.

Campinarana: registado por Carlos Teschauer como termo da Amazônia, significando "campo onde predominam pequenos arbustos de diversas familias; mais ou menos o campo razo do Rio Grande do Sul". Adolpho Ducke, que estudou especialmente os campos do Estado do Pará (Boletim do Museu Goeldi), descreve com este nome uma formação especial existente nos campos de Ariramba, constituída por campos cobertos de arbustos rasteiros e de matas bravias e cerradas e quasi desprovidas de ervas. O Prof. A. J. de Sampaio na "Phytogeographia do Brasil", pag. 289, (Separata do Boletim do Museu Nacional, Vol. VI, n.º 4)

descreve: falsa campina, de muitos arbustos e algumas arvores, em formação cerrada, como os cerradões de Mato Grosso. Citamos como exemplos a *campinarana* da Serra do Jutai, entre Almeirim e Prainha, a *campinarana* das chapadas da Serra Paranaquára, a *campinarana* da Serra Pontada, etc.

Campo: voz generalizada em todo o Brasil, designativa de extensos tractos de terra onde predominam as gramíneas, cobertos de ervas, desde a cor parda até a verde, ora num horizontalismo golpeante, ora no ondulamento acidentado de planalto desgastado pelos agentes exógenos. Grande parte do territorio nacional é occupado pelos denominados campos, aqui desafortadamente extensos, ali alternando com a mata exuberante. O illustre botânico Philipp von Luetzelburg define: "vegetação de relva silicosa, com ervas ou baixos semi-arbustos em planicies ou ondulações suaves, onde a vegetação lenhosa é separada da herbacea pelos *campões*". E á pag. 41 do 3.^o volume de seu trabalho, distingue os *campos do sul*, os *campos do nordeste* e os *campos do norte*. "Os *campos do sul* conservam a flora basica, porém as arvores não são espalhadas e distanciadas; a vegetação arborea forma mattas separadas, denominadas *campões*. . . Nas minhas viagens ao Nordeste poucas vezes pude encontrar, na vegetação xerophila, formação de campos. Alli os campos constituem superficie reduzida, com flora basica pobre em ervas, formando a relva toços separados, pobre de especies, porém rica em vellozias de porte mediano. . . Huber, do Museu do Parí, estudou a flora dos campos do norte, que alcançam ás vezes grandes dimensões, e que são intercalados, entre a *hyla* do valle do Amazonas e de seus affluentes, constituídos de uma flora que se assemelha muito á dos campos cerrados e cerradões de Matto Grosso e Goyaz". Os *campos* são as regiões brasileiras proprias para a pastoricia e tomam varios apelidos regionais, dos quais falaremos nos paragrafos seguintes. E além desses nomes que traduzem aspectos diferentes da mais ampla região geo-botânica do Brasil, outres ha que não são mais do que variantes, como sejam -- *mimicos*, *mondongos*, *catanduba* ou *catandiba*, *carrascos*, *carrascais*, *cerrados*, *cerradões*, *tabolciros*, *chapadas*, etc., etc., os quais serão definidos em seus devidos lugares.

Campo carrasquento: variedade de campo, onde ha arbustos e espinhos, predominando entre aqueles a guabiroba, o alceirin, a vassoura vermelha, o gravatá, que prejudicam a pastagem propria para o gado (informação do general Rorges Fortes).

Campo coberto: campo de transição entre os campos e as matas, que ocorre na região costeira e do baixo Amazonas (J. Huber); campo que, oferecendo pastagem para o gado, está entretanto entremeadado de arvoredo escasso (Beaurepaire-Rohan); campo arborizado que a Fitogeografia denomina savana (A. J. de Sampaio). A esta especie de campo, acrescenta Beaurepaire-

Rohan se chama no Paraná e Rio Grande do Sul *fachinal* ou *fachina*. Antonio Lopes informa que, no Maranhão, assim se nomeiam os pantanais de grande extensão.

Campo cerrado: Luetzelburg define-o como sendo um campo no qual à flora baixa do solo dos campos se junta uma vegetação lenhosa xerófila, de famílias distintas, em espaço maior ou menor, com árvores baixas, de troncos irregulares e tortos. Essa vegetação cobre extensas superfícies do Estado de Minas Gerais, centro de Goiás e centro e norte de Mato Grosso.

Campo de baixada: expressão maranhense, referida no livro de Raymundo Lopes, à pag. 116, designativa dos campos aluviais, "salpicados de lagos em rozários", que ocupam a baixada maranhense em torno do golfo, "inscriptos numa linha que passa por Santa Helena, Engenho Central, foz do Grajaú, Pombinhas, Vargem Grande e Icatú". A denominação *campos da baixada* é usada em oposição à de *campos do sertão*: ainda Raymundo Lopes os divide em *campos de léso* e *campos baixos*, propriamente ditos, ou inundáveis.

Campo de engorda: expressão geral do Brasil, que designa terreno de pastagem para a engorda do gado, que é destinado à venda para o corte, em certa época do ano.

Campo de lei: assim se diz dos campos de ótima qualidade.

Campo de serra: assim se denominam em certos Estados as pastagens que revestem as abas e as cumeadas das serras, que são denominadas *pladas*.

Campo de selta: segundo o ilustrado Secretario do "Instituto de Historia e Geographia do Maranhão", Antonio Lopes, é "aquelle onde soltam, para se refazerem, as boiadas do Piauí, Goiás ou Bahia, compradas para revenda". Termo maranhense.

Campo do barracão: assim se designa na Amazônia a clareira aberta na mata pela derrubada, para construcção do edificio principal e dos adjacentes de um seringal ("Marupijara" de Lauro Palhano — Pag. 148).

Campo dobrado: certa extensão de campo com altos e baixos, com coxilhas e planícies, como são geralmente os campos de *cima da serra*, no Rio Grande do Sul, onde também se diz *campo repceho*. Os campos de *cima da serra*, escreve-nos o General Borges Fortes, "caracterizaram-se por serem ondulados, isto é, coxilhas arredondadas em curvas suaves separadas por vales também suaves e ausencia de linhas planas. A successão dessas linhas curvas em descidas e subidas dá uma beleza encantadora à paisagem". Falando dos campos de Tumuc-Humac, Gastão Cruis, que acompanhou em 1928-1929 a expedição Rondon à fronteira da Guiana Holandesa, disse em entrevista concedida à "Folha do Norte" (21-1-1929): "A sua topografia aproxima-se

muito dos campos do Triângulo Mineiro, isto é, são *campos dobrados*, com pequenos outeiros e elevações suaves e alguns *cerrados e charrarascais* às margens ds rios".

Campo encovilhado: denominação que, no Rio Grande do Sul, se dá aos campos cruzados de colinas ou covilhas.

Campo falso: designação maranhense que noticia o pequeno campo sem comunicação com os campos gerais. Informação de Antonio Lopes.

Campo feito: diz-se do campo plantado pela mão do homem, quasi sempre de grama ou qualquer especie de forragem. E' o *campo artificial* contrario ao natural.

Campo limpo: é campo que apenas se cobre de ervas baixas e gramíneas; humildes e rasteiras. E' o contrario do *campo sujo*. O eminente cientista Dr. Arrojado Lisboa, numa bellissima monografia intitulada "Oeste de S. Paulo e Sul de Matto Grosso" diz: "*Campo limpo* é o campo não sub-arbustivo, só de gramíneas eervas rasteiras, que formam restingas, isoladas e estreitas, pelas encostas humidas dos regatos; tambem é a campina da borda extrema occidental do planalto (de Matto Grosso); mas, principalmente, assim chamam ao campo arborescente ou cerrado, com tapete graminaceo, cuja vegetação de porte alto, arborea, está sufficientemente espalhada para permittir não somente a livre passagem do gado, mas ainda o galopar do sertanejo no uso do laço".

Campo nativo: é a pastagem natural, o campo que a propria natureza presenteou ao homem.

Campo parêlho: é o que se distende plano, sem ondulações pronunciadas.

Campo sujo: é aquelle que, além das ervas e gramíneas, apresenta arbustos e outras plantas. E', diz Arrojado Lisboa, o *cerrado* de vegetação mais densa ou de formação sub-arbustiva tão desenvolvida que afoga o tapete graminaceo, impedindo ou dificultando a passagem do gado. O sabio botânico Lindemann, em seus estudos sobre o dominio floral no sul do Brasil, chama *campo sujo* ao campo sub-arbustivo. Não raro se emprega a palavra *sujo* como substantivo; assim é que José de Mesquita em seu livro "A cavalhada" (Cuiabá) Pag. 174, escreve: "Com pouco tinha ganho o *campestro* que cercava a sua casinha e entrou por um *sujo* que, atalhando, ia dar á margem do Coxipó".

Campos gerais: M. Soares e Rodolpho Garcia registam esta denominação em paragrafo especial, com o que concordamos inteiramente. E' termo geral do Brasil para designar as desenvolvidas extensões de terreno cobertas de gramíneas e ervas, uniformes e aplainadas. Os dois autores citados dão-lhe como área geográfica o planalto médio entre o de Curitiba e o de Guara-

puava, no Paraná. Ha engano: em quasi todo o Brasil, é muito frequente a denominação — *campos gerais*, ou simplesmente — os *gerais*. Dos do Paraná, talvez os mais característicos, deu-nos uma importante descrição Aug. Saint-Hilaire que, extasiado ante a sua imensidade e beleza, os denominou — paraizo terreal do Brasil. Aos *gerais* se refere Euclides da Cunha n' "Os Sertões", e, quando fala da origem dos sertanejos, escreve este periodo cintilante: "Crearam-se numa sociedade revolta, aventureira e sonhadora, sobre a terra farta; e tiveram, ampliando os seus attributos ancestraes, uma rude escola de força e de coragem naquelles *gerais* amplissimos, onde ainda hoje rugge impune o jaguar e vagueia a ema velocissima...". Ainda sobre os *campos gerais* devemos referir a opinião de J. E. Wappaeus em sua classica "Geographia do Imperio do Brasil", que os define: "grandes extensões, cobertas de relva entre pardo e verde que, embora lembrando pela uniformidade e extensão os *llanos* e *pampas* da America do Sul e as *prairies* da America do Norte, se distinguem delles pela forma ondulosa que muitas vezes se eleva a verdadeiros morros". De referencia ao *campo geral* na Amazônia escreveu Adolpho Ducke: "A raiz da serra estende-se o *campo geral* (campo alto com muitaservas e poucas arvores espalhadas), proprio para criação de gado nos mezes chuvosos, no passo que no verão esse gado é obrigado a procurar pastagem nos campos então já enxutos da *varzea*".

Cancha: segundo informação do Marechal Gabriel Bofafogo, este termo designa, no Rio Grande do Sul, terreno plano natural ou trabalhado, proprio para corridas de cavalos. — Ainda no Rio Grande do Sul se usa para denominar o lugar em que, nas charqueadas, se matam os bois. Registrado por Callage, Beaurepaire-Rohan e Romaguera. No Paraná este vocabulo é usado no sentido de "pequeno girau de fachinas unidas entre duas paredes inclinadas, onde de novo é quebrada a erva mate e reduzida a menores proporções, para ser acondicionada nos *cestos ou jacis*": é, portanto, um dos *aparelhos* para o preparo do mate, o qual no Mato Grosso se chama *moimho*. — No "Vocabulario do Hervateiro" de Romario Martins, que publicou, no Brasil, o melhor livro a respeito do Mate, lê-se: "Cancha: Ha dois sistemas: o primitivo é um simples pedaço de chão capinado e batido, onde a herva cariçada é triturada a bordoadada; o outro, mais generalizado e introduzido com o *barbaquá*, se constitue de um circo de cerca de cinco metros de diametro, assalhado, onde a herva é triturada por malhador mecanico".

Cancheedista: segundo Romario Martins, no livro citado, é assim denominado no Paraná o partidário da exportação da Herva-Mate *cancheada*. (Vide *cancheador*).

Cancheador: termo parnaense, designativo de exportador da *cancheada* (erva secca e fragmentada em *cancha*, pronta para

receber, nos engenhos, o ultimo beneficio industrial), ou commissario incumbido do *canchamento* por conta do terceiro (Romario Martins — "Hex-Mate" — Pag. 132).

Canca: segundo informação de A. Taunay, que ouviu varias vezes este vocabulo na linguagem dos caipiras do oeste paulista, significa chupa grossa, batega violenta, pancada de agua. "Fiquei molhado com a canca d'agua que apabei".

Candieiro: no sul do Brasil e em Minas assim se chama o a que, no norte, se diz *chamador* ou mais completamente *chamador de boi*, isto é, o individuo que, armado de agulhada ou vara de ferrão, segue à frente da junta de bois que puxa o carro. "De *candieiro* passou a tocar quatro juntas de bois pelos caminhos sem fim, baldeando mantimentos ou carregando lenha". (Amando Caiuby — "Sapezas e Tiguéras" — Pag. 191). Amadeu Amaral registra *Caadiéro*, com as seguintes palavras: "individuo, geralmente menino, que vai adiante do carro, com uma agulhada, a servir de guia, e que tambem lida com os bois: "Enquanto o *candieiro* ajouja os bois, o carreiro verifica as arreiatas a vêr se não falta alguma peça" (A. S.) Talvez altr. de *canguicero*. Ou simples metáfora?" Beaurepaire-Rohan registra o termo com outro sentido no Rio Grande do Sul, o de uma das variedades dos bailes campestres, a que chamam, geralmente, *fandango*.

Candomblé: vocabulo de origem africana, registado por Beaurepaire-Rohan e Afranio Peixoto, muito de uso na Bahia, e que nomeia praticas de feitiçaria de negros africanos ou crioulos, em que ha intermedios de batuques e comezainas. É uma das manifestações do culto feiticista dos negros. Beaurepaire-Rohan diz que *candomblé*, como simples folguedo, é semelhante ao *candombé* das provincias meridionais, por seu turno analogo ao *quimbêto*, ao *caxambú*, ao *caujerê*, ao *jongo*, ao *maracatlê* de Pernambuco. *Candomblé*, definia Nina Rodrigues, grande mestre da Faculdade de Medicina da Bahia, consagrado precursor dos estudos sobre o problema do Negro no Brasil, "on nomme les grands fêtes publiques du culte Jurubain, quel qu'en soit le motif" e Jacques Raymundo diz, simplesmente, que *candomblé* ou *candombé* é um batuque de negros. Edison Carneiro, em seu livro "Religiões Negras", à pag. 61, escreve que a palavra *candomblé* (Bahia) significava antigamente as grandes festas anuais da religião negra. Hoje, porém, *candomblé* já é o proprio *terceiro*, sendo mesmo a expressão profevida. As festas anuais chamam-se hoje *obrigações*. Na Bahia, pois, *candomblé* é sinônimo do *terreiro*". Vicente Rossi, em seu precioso livro "Cosas de Negros", publicado em 1926, mostra que o *candombe* na Argentina é semelhante ao *candomblé* na Bahia e põe em luz as relações muito estreitas entre os negros baianos e os do Rio da Prata, desde os tempos coloniais, os quais se comunicavam por via marítima.

Candomblé de caboclo: mistura de práticas dos cultos feiticistas africano e ameríndio em voga na Bahia. Manoel Querino, "pesquisador honesto" e "trabalhador incansável" nas províncias da africanologia, segundo Arthur Ramos, hoje a maior autoridade na matéria, escreveu a respeito: "Da fusão dos elementos supersticiosos do europeu, do africano e do selvícola, originou-se o feiticismo conhecido pelo nome de *candomblé de caboclo*, bastante arraigado entre as classes inferiores da Cidade do Salvador (Bahia). Arthur Ramos demonstrou como os *candomblés de caboclo* provieram da fusão da mitologia bantú, naturalmente já impregnada de elementos estranhos (sudaneses-gêge-nagôs e mulês), com a mitologia dos selvagens brasileiros. Segundo informa Edison Carneiro em seu livro "Religiões Negras", pag. 98, "os *candomblés de caboclo* degradam-se cada vez mais, adaptando-se ao ritual espírita, produzindo as atuais *sessões de caboclo*, bastante conhecidas na Bahia".

Caneludo: registado por Pereira da Costa como apelido depreciativo dado pelo partido pernambucano aos seus adversários, os mascates, no movimento revolucionário de 1710. Abora-o com o seguinte trecho de Franklin Tavora: "O pior de tudo isto, o nosso mal, está em não se ter feito em Pernambuco a justiça, que por seus crimes mereciam os *caneludos*".

Canga: crosta ferruginosa produzida pela oxidação dos minerais de ferro expostos na superfície, ou, como se lê no começo de "Mineralogia" de F. T. D., camada superficial proveniente da decomposição do *itabirito* e composta de fragmentos de *itabirito* e *oligisto*, ligados por um cimento de limonite, chamando-se também *tapanhoacanga*. Na "Publicação N.º 32" da Inspeção Federal de Obras contra as Secas, trabalho do Eng. Horatio L. Small, geólogo, encontramos varias referências à *canga*, das quais citamos a seguinte: "Já foi dito que a *canga*, que frequentemente se encontra nas camadas sedimentarias do Pinuhy, contem, muitas vezes, percentagem consideravel de ferro, porém não em quantidade bastante para permittir a sua exploração, mesmo nos depósitos mais ricos". Rodolpho Garcia, que o regista, dá a seguinte etimologia: do tupi *acanga* — cabeça, pela forma que assume.

Cangaço: termo regional do nordeste, sinônimo hoje de banditismo. Beaurepaire-Rohan, registando este vocabulo, ensina que é o conjunto de armas que costumam conduzir os valentões. Como muito bem observa Gustavo Barroso, o *cangaço* não é somente, na linguagem sertaneja, o armamento do bandoleiro: é, também, o seu modo de vida nômade, desregrado e sanguinario (Terra de Sol, pags. 121 a 165). O nome de *cangaço* vem de *canga*, porque o bandoleiro antigo se enfiava de armas, trazendo o bacamarte passado sobre os ombros como uma *canga*: e, assim, se dizia que andava debaixo do *cangaço*. Ao depois a palavra

tomou a acepção de ato de banditismo; ação do *cangaceiro*. De *cangaço* derivam os apelativos *cangaceiro*, *cangaceirismo*.

Cangaceiro: é o homem que vive debaixo do *cangaço*, por extensão o "guerrilheiro nômade que se desintegrou da sociedade humana, insurgindo-se contra os seus princípios de ordem", na frase de Carlos Dias Fernandes (*Os Cangaceiros*, pag. 50). O nome, hoje em dia, informa Gustavo Barroso, estende-se a todas as modalidades do criminoso nos sertões. "Anda com o chapéu de couro do vaqueiro, calças de riscado arregaçadas, mostrando as ceroulas, camisa ou blusa de algodão, alpercatas. cobre o peito, onde lhe cêem do pescoço os bentos, orações, patuás, escapulários, crucifixos e medalhas, por baixo da blusa, com um lenço vermelho, sinal de valentia e fereza". As suas armas são "o rifle Winchester, às vezes uma garrucha ou uma pistola e a inseparavel faca ou *parnahyba* de um e meio a dois palmos, que serve para tudo". São sagazes, valentes, fanfarrões, sobrios, destemerosos, não raro generosos, produtos de uma sociedade retardada e espeinhada, "muita vez mais bandidos que heroes, porém quasi sempre mais heroes que bandidos". (Gustavo Barroso — *Heroes e Bandidos*. Pags. 94, 95, 97). Descreveu à justa um tipo esmerado de cangaceiro o Dr. Xavier de Oliveira nos seguintes termos: "Grande chapéu de couro quebrado, adiante e atraz, meio a Napoleão, enfeitado com uma rosa encarnada, e de largo barbieacho, especie de cilha na testa, logo acima das sobrancelhas; um lenço encarnado posto do pescoço á cintura, servindo de peitoral, um bernal cheio de balas e um cobertor de lã, postos a tiracollo; um patuá e uma cabaça de collo amarrados á cintura, e onde trazia mantimentos e agua para as grandes travessias; alpercatas de rabicho; cartucheiros de arma longa e de arma curta; um grande punhal de dois gumes, cabo de prata e ouro, posto por traz das cartucheiros, ao nível do abdomen, de cima para baixo, da direita para a esquerda, de molde a ficar o cabo á altura do hypocondrio direito e a ponta para além do quadril esquerdo; uma pistola Colt presa da cintura ali pela região para-umbelical do mesmo lado; um longo facão, modelo de baioneta, pendido da anca; e uma carabina, das do Exercito Nacional, typo 908, sua arma predilecta" ("*Bentos e Cangaceiros*". Pag. 102).

Cangica: giro dos mineradores de Minas Gerais, também usado no Rio de Janeiro, com o sentido de saibro grosso e claro, de envolta com pedras miúdas, abundante no leito de alguns rios e correjos. Segundo o Dr. Felício dos Santos (*Memorias do Districto Diamantino* — Pag. 31), é o mesmo que *pirurica*. *Cangica lustrosa* é o nome que os gatimpeiros dão á *limonita* (Backheuser).

Cangongo: nome dado, no sul do Estado da Bahia, pelos sertanejos aos habitantes de beira mar (Informação local).

Cangurral: vegetação arbustiva, prejudicial ao desenvolvimento das pastagens. Segundo Rodovalho Garcia, que a regista, é dição rio-grandense do sul. Candido de Figueiredo regista a forma *canzurral*, que não encontramos empregada.

Cangussú: termo paulista, sinónimo de *caipira*, *tabaréu*, *capiau*, etc. Regista-o Affonso Taunay.

Canhada: espaço de terreno baixo que medeia entre duas colinas ou serras, mais ou menos banhado d'agua e com a vegetação propria das terras humidas. Também é o vale que corre longitudinalmente entre duas lombadas. Vem do castelhano *cañada*: na Argentina, no Perú, na Bolivia, no Uruguai tem o mesmo sentido. Corresponde à baixada, ao baixão do norte do Brasil. É termo dos Estados do Sul, maxime do Rio Grande. Segundo nos informou o illustrado professor do Ginásio de Santa Catarina Padre Geraldo Pauwells S. J., na campanha rio-grandense, este termo significa vale estreito e fundo e também as va's profundas que as chuvaradas fortes rasgam em ladeiras muito inclinadas.

Canhadão: registado por Callage e Romaguera como *canhada* funda e extensa. Vergara Martin em seu "Diccionario" citado, escreve que, na America Meridional, é artoio formado pelas grandes chuvas nas quebradas do terreno e que, na Argentina, é parte baixa de um campo sem desaguardouro ou de difícil escoamento, que, no tempo das chuvas fortes, apresenta grande profundidade. Sinónimo de *madrejon*".

Canhambóra: escravo fugitivo (Vide *calhambóra*). Variantes: *Canhembóra*, *canhimbóra*, *caimbóra*, *canhanbóra*, *quilombóra*. Empregou-o Cassiano Ricardo nos belos versos seguintes do seu "Martim Cererê (Pag. 25):

*"É cada canhambóra moribundo
de rente larga e pé chato
pingando sangue pelo corpo
era uma noite humana a quem o velho,
do capitão do malto
estrelou de vermelho."*

Caoua: termo garimpeiro das lavras baianas, designativo de canal feito no terreno para atirar o cascalho, e por meio de enxadas, com agua, separa-lo das terras e grumos adherentes. Empregou-o Alberto Rabello à pag. 49 dos seus "Contos do Norte".

Canzurral: vide *cangurral*.

Capa: termo registado por Everardo Backhuser em seu "Glossario", designativo da parte superior de uma mina em exploração, o tecto da mesma. (Vide *lapa*).

Capa-garrote: alcunha dada aos piauienses pelos maranhenses. Vide *papa-arroz* e *espiga* (Leonardo Motta "Sertão Alegre" — Pag. 199).

Capanga: individuo valentão que se põe ao serviço de um chefe, em geral proprietario rural. E' sinônimo de *cacindeiro* (Mina:), *jagunço*, *peito-largo*, *guarda-costas*, regionalismos usados em geral no norte. Afranio Peixoto ensina: "desordeiro, facinoroso, mercenario, a soldo para tropelias, assim chamado porque usa a tiracolo, em capangas (saco ou bolsa) as munições de bôca e de fogo". Paulino Nogueira diz derivar de *caa-mato* e *pianga-inchaço*, topete — o topetudo dos matos ou dos sertões. O nome de capanga tem em Mato Grosso na região diamantifera, sentido inteiramente diferente: é o total das compras de diamantes feitas pelos *capangueiros* (Vide esta palavra). "De volta á Capital da Republica esses intermediarios levam avultadas capangas, nome dado ao total das compras, que ascendem muita vez a duzentos contos de réis (Hermano R. da Silva — Garimpos de Matto-Grosso — Pag. 150).

Capangagem: conjunto de *capangas*, especie de milicia privada dos grandes senhores rurais. Empregado por Oliveira Vianna, dos maiores sociologos do Brasil, neste passo: "E' a violencia que os ataca; só a violencia os pode defender. Dahi a instituição da *capangagem senhorial*" (Populações Meridionaes, 1.º vol. Pags. 185 a 195. Leitura admiravel).

Capangueiro: nas Lavras Diamantinas da Bahia, assim se chamam aos compradores de diamantes, em pequenos lotes, aos mineiros que os extraem. A pag. 185 das "Memorias do Districto Diamantino", encontramos o seguinte periodo: "Entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros* ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o commercio da *capanga*, isto é, os que, com pequenos capitães, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendel-as aos exportadores". O termo é usado em todas as regiões diamantiferas do Brasil: em Minas Gerais como em Goiaz e Mato Grosso (Hermano R. da Silva — "Garimpos de Matto Grosso" — Pag. 141).

Capão: grafado por outros *capão*, vocabulo de origem tupi, que designa porção de mata que surge em meio dos campos. De feito, nos inensos campos brasileiros surgem, de quando em quando, quebrando a monotonia da paisagem, tractos de mata, quasi ilhas verdejantes em meio da terra semelhante ao oceano: estas ilhas de mata são os *capões*. Quasi sempre, diz Beanrepaire-Rohan, para evitar equívocos, se chama *capão de mata* e não simplesmente *capão*. Theodoro Sampaio, versando a etimologia do termo, diz ser oriundo de *caa-paú*, — a ilha de mata em campo limpo. E ensina o mestre: "algumas vezes se diz tambem *capuão*, mas já derivado de outro vocabulo tupi *caa-apon*, mata redonda, o podendo significar um oasis". Encontra-se tambem o diminua-

tivo *capãozinho*. A respeito deste termo lemos no Visconde de Taunay, à pag. 28 do seu vol. "Marcha das Forças": "Ninguém ignora a origem dessa palavra, que hoje está introduzida na lingua do Brasil — *caá-poam* ilha de matto — perfeita denominação applicada a nucleos de vistosa vegetação, que semelha verdadeiros oasis no meio dos campos e nos encontros de outeiros, onde ha sempre humidade. Nestes capões reune-se muita caça, de modo que o viajante, que quer ter essa distracção, deve ir sondal-os, o que na phraseologia do sertanejo chama se *farar*". O contrario de *capão* chamam em Minas — *saco*.

Capébal: grupo de pés de capeba, planta da familia das aróideas. Encontramo-lo à pag. 30 da "Lyra Rustica" de Rodolpho Theophilo, no seguinte passo:

*Além no capébal nos nenuphars,
O riacho a correr
Como um fio de prata, longo, branco
Descendo os alcantis. Em verde manto
O solo a se esconder.*

Capela: em alguns pontos do sertão brasileiro este termo designa a povoação, o arraial. Daí o termo *capelista*, habitante do povoado. Registam-no Valdomiro Silveira e Candido de Figueiredo.

Capelista: assim se designavam, outróra, os viamonenses, intrepidos filhos de Viamao, uma das mais antigas vilas do Rio Grande do Sul, a 30 quilômetros mais ou menos da Capital. Encontramos esta referência na revista "Terra Gaúcha" de Setembro de 1927 n.º 24 Pag. 81. Já havíamos registado na "Onomastica" o vocabulo *capelista*, como derivado de capela, designativo comum para crismar a povoação, o arraial.

Capepena: termo paraense, registado por V. Chernont, designativo de picada feita no mato pelos caçadores afim de se orientarem, para o que quebram com as mãos os finos arbustos ou ramos baixos. Vem do tupi — *caa* — mato e *pepen* — quebrado. "Tactando as capepenas, entre espinheiros acerrados, embirades e sapopemas nodosas, pais e filhos, num monemio sinuoso, atolando os pés nus no *tér-téré* dos brejões da mata, correm sem parar, de carga nas costas, na pressa de botar a linha na ponte antes que a maré afogue tudo" (Peregrino Junior. "Pussanga". Pag. 126. 2.ª ed.). A. J. de Sampaio escreve "*Capepeca*" em seu trabalho "Nomes vulgares de Plantas da Amazonia" e diz: "picada de caçadores no mato, com arbustos quebrados para marcar o caminho de volta".

Capiau: termo mineiro também usado na bacia do S. Francisco baiano, sinônimo de *tabaréu*, *caipira* (Vide esta palavra). "Em compensação, quando a grande figueira sob a qual Lund gostava de repousar, foi derrubada pelas autoridades locais durante a grande guerra para ser transformada em lenha, então muito

cará, os humildes *capiaus* da zona rebelaram-se diante de tão grande atentado ás nossas tradições..." (Arthur Neiva — "Esboço Histórico sobre a Botânica e a Zoologia no Brasil").

Capicongo: apelido dado pelos itabunenses (filhos de Itabuna, cidade da zona cacauicira da Bahia) aos roceiros que não conhecem a cidade (Informação local). Pereira da Costa regista em seu "Vocabulário Pernambucano" o termo *capicongo*, usado em Pernambuco, com o sentido de triste, calado, desconfiado, retraído.

Capichaba: grafado por Cactano de Abreu e Candido de Figueiredo *capixaba*. Primitivamente era o nome do sítio onde se levantaram as primeiras roças de milho e feijão, na ilha de Vitória, hoje compreendido pelo bairro da *Capichaba* (Informação do Dr. Carlos Xavier Paes Barreto). Beaurepaire-Rohan escreve que era a alcunha que, de primeiro, se dava aos habitantes de Vitória, por causa de uma fonte que ali existia e da qual bebiam os moradores. O que é verdade é que a alcunha se ampliou com o tempo, e hoje designa todo filho do Estado do Espírito Santo e tudo que lhe é relativo. Não ha muito lá se fundou uma Revista com o título: "Vida Capichaba". Alberto Rangel empregou o termo no seguinte passo dos seus "Rumos e Perspectivas": "O Porto de Victoria... é o desaguadouro da produção do este mineiro, do norte fluminense e da produção *capixaba*". Nas "Praças e Varzeas" de Gustavo Barroso, encontramos à pag. 104 o seguinte trecho: "Ora, estava armado até os dentes, rodeado de Cariús ou de Capixabas á espreita, na varzea, de um bando inimigo". Em nota, o talentoso escritor diz: "Famílias de mestiços que acompanhavam ás guerras sertanejas as duas importantes famílias brancas dos Montes e Feitosas, que durante annos pelejaram no sertão". No Ceará, portanto, *capichaba* é mais ou menos equivalente a *cangaceiro*, *jagunço*.

Capinal: termo marajoára, que apelida a área de campo coberto de capim alto e cerrado. Regista-o V. Chermont. Usam-no também no Nordeste, o que atesta a seguinte estrofe da poesia "Saudades do Sertão" (Juvencal Galeno. "Lendas e Canções Populares — 2.^a ed. pag. 385):

Que vida, que doces sonhos...
Que noites as do casal
Ouvindo mugir as vacas
De quando em vez no curral;
Urrando pelo terreiro
O novilho mocameiro...
Bezerrinhos no chiqueiro,
Boiotes no capinal
Ai que saudades dos sonhos...
Das noites lá do casal

Capinzal: termo geral que indica terreno coberto de capim de qualquer qualidade. "Na encosta acclive, chamaletando o verde do capinzal, ensinholas de paredes barradas soltam pelos suspiros do telhado tenues colunas de fumo" (Alfonso Arinos, "Pelo sertão". Pag. 104). V. Chetout informa que, no Pará, é o terreno em que se planta capim para o corte; capim de colônia nos encharcados e capim de guiné na terra firme. Na Bahia e Sergipe, nos tractos de terreno plantados de capim, chamam — *capinciros* ou *capineiras*.

Capitão-de-praia: denominação da Amazôla, que designa o funcionario nomeado pelas capitánias de portos para inspecção das chamadas *praças de riração* ou das *taboadeiras* (vide a significação desta palavra na Amazónia), evitando que o povo das vizinhanças pratique desordenadamente a riração dos tartarugas e apanhu de seus ovos. A elle se refere Raymundo Moraes no seguinte passo das suas "Curtas da Floresta", à pag. 99: "O abuso generalizado das rirações e da colheita dos ovos, que ameaça extinguir no valle o precioso chelouio, tem levado os governos a tomarem providencias. Vem dahi o actual capitão de praia, nomeado pelos officinaes que chefiam as capitánias de portos nos Estados amazonicos. Tacs medidas, no entanto, em que pese á bon vontade das autoridades federaes, estão longe de restringir a razzia, pois os encarregados de obstar as investidas aos *taboadeiras*, com uma ou outra excepção, praticam o mesmo vandalismo por conta propria".

Capitão-do-campo: nome que em geral, no norte do Brasil, se dava ao capitão-do-mato (Vide esta expressão). Entretanto lemos em Rodrigues de Carvalho ("Novos Estudos Afro-Brasileiros"), que esta denominação erismava o feitor dos negros nos trabalhos da lavoura — "o algoz maximo da escravidão".

Capitão-do-canto: denominação baiana, que remonta nos primeiros tempos da Provincia, dada ao chefe dos carregadores africanos ou eriolos que se reuniam em determinados pontos da cidade, principalmente no bairro comercial, os quais, por seu turno, se designavam *cantos de pretos*. A proposito escreveu Manoel Querino, profundo conhecedor dos costumes africanos da Bahia, os seguintes periodos: "Os africanos, depois de libertos, não possuindo officio e não querendo entregar-se aos trabalhos da lavoura, que haviam deixado, faziam-se ganhadores. Em diversos pontos da cidade reuniam-se á espera de que fossem chamados para a condução de volumes pesados ou leves, como fossem *cadeirinhas de urruar*, pipas de vinho ou aguardente, pianos, etc. Esses pontos tinham nome de canto... Cada canto de africanos era dirigido por um chefe a que appellidavam *capitão*, restringindo-se as funcções deste a contractar e dirigir os serviços e a receber os salarios" ("A Raça Africana e os seus Costumes na Bahia". Memoria apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geographia, realizado na Bahia em 1916).

Capitão-de-estrada: segundo refere Manoel Querino, em sua "Bahia de Otrora", ao individuo encarregado de escravizar o caboclo se dava o nome de *capitão-de-estrada*. Em alguns documentos antigos encontra-se para tal personagem o nome de *capitão-de-assaltos* (Nota de João Gualberto dos Santos Reis na tradução que fez do poema em latim do lusitano portuense José Rodrigues de Mello, intitulado "De cura Boum in Brasilia").

Capitão-do-mato: assim se chamavam desde os tempos coloniais aos chefes de tropilhas que andavam a caçar e a pegar nos matos ou nos *mocambos* os negros fugidos das senzalas ou das fazendas. Foi uma instituição criada pela metrópole: regulamentos especiais concediam poderes discretionários contra aquelas miseráveis creaturas que fugiam ao grante de ferro da escravidão. O *capitão-do-mato*, que no norte do Brasil, também era chamado *capitão-do-campo*, diz o sábio professor João Ribeiro, "cometia nessa barbara profissão ainda maiores crimes que os negros e matava muito mais do que capturava os fugitivos". Nelson de Senna refere o famoso "Regimento dos Capitães do Mato", vigente na Capitania de Minas, o qual dava aos pegadores de negros o direito de caça-los a tiro e laço, como se fossem feras. "Para a captura dos negros fugidos, diz Lucio dos Santos em sua "Historia de Minas Gerais" havia os *capitães-do-mato*, para os quais, a 17 de Dezembro de 1722, promulgou D. Lourenço de Almeida um "Regimento".

Capitaval: terreno coberto de capitavas (*Rhynchospora aurea*, Vahl). São ervas da familia das ciperaceas, que crescem até a altura de um metro nos terrenos embrejados, às vezes caracterizando a paisagem. Encontra-se a capitava do Amazonas a S. Paulo (M. Pio Corrêa — "Dicionario das Plantas Uteis do Brasil e das Exoticas Cultivadas". Vol. I.) "Até que, enfim, quasi no meio dia, appareceu, na ponta da recta, o vasto campo auri-verde — a cor que faz lembrar o nosso pavilhão — do capitaval de um banhado. Era tal como se vissemos um arrozal cacheando e que, batido de mansinho pelo sopro da brisa, ondulasse halouçando mollemente, a perder-se de vista na distancia illimitada" (Horacio Nogueira — "Na Trilha do Grillo". Pag. 104).

Capinete: diminutivo de *capão*, empregado por Davey Azambuja no "Galpão", à pag. 143: "Do outro lado, a varzea, de quadras e quadras, carrasquenta, onde o capim era praga e os capinetes ralos se succediam".

Caponga: nome que, no Estado do Ceará, significa lagoeiros de agua doce, que se formam naturalmente nos meios litoraneos. Beourepaire-Rohan que o regista, diz que esta mesma formação toma o nome de lago, ao norte da cidade de Fortaleza. E' o mesmo que, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, se denomina *macció* ou *maçaió*. Em S. Paulo, segundo lemos em João Vampré ("Domínio Floral de S. Paulo" no "Jornal do Commercio"

de 25-11-1934), *capongus* se designam as esteiras de areia húmida que se alagam com as chuvas, ocupadas em geral por vegetação herbácea, ligrofíla e baixa. Assim também A. J. de Saunpaio e Gonzaga de Campos.

Capuaba: também *capuava*, registado por Beurepaire-Rohan Teschauer e Amadeu Amaral. Tem um duplo sentido: ora se emprega como sinónimo de choça, cabana, casa de gente pobre, casa mal construída e arruinada (Paraiha e Rio G. do Norte); ora, no sentido de parte de um sítio ou fazenda, onde se fazem anualmente plantações de cereais e outras, como nesta frase de Affonso Taunay: "Este sítio é uma *capuaba* admirável para milho". N.º "Os Sertões" de Euclides da Cunha, na página admirável em que inicia a descrição da "Troia de taipa dos jagunços", temos: "Camudos", velha fazenda de gado á beira do Vasa-Barris, ora, em 1890, uma tapera de cerca de cincoenta *capuabas*".

Capão: vide *capão*.

Capuava: *matuto, tabaréu, caipira*. P. H. Souza Pinto registou-o como regionalismo do norte mineiro, com a significação de valentão destemido ("Abn. Garnier" — 1912. Pag. 416).

Capoeira: vocabulo indigena, de *caa* — mato, mata, floresta e *oera* — que foi, logo, mata que existiu. As capoeiras, ensina A. J. de Saunpaio ("O Problema Florestal no Brasil em 1926" Arquivos do Museu Nacional — Vol. XXVII — Pag. 77), "são formações arbóreas que surgem naturalmente nos terrenos baldios abandonados por cançados, terrenos anteriormente florestais e que após desflorestamento e culturas comuns, foram deixados em pousio. São constituídas de vegetação arborea diversa da mata primitiva e valem como transição entre esta mata e os cerradões ou matas xerofitas das zonas campestres mais secas e do solo mais duro". É esta a lição de Philipp von Luetzelburg, em seu profundo estudo já citado: "As mattas derrubadas a machado ou destruídas pelo fogo acabam por completo os componentes das antigas, porque o solo privado de seu revestimento anterior de mattas legítimas não reforma a agglomeração anterior de paus altos com o seu crescimento denso. Resulta dahi uma vegetação inferior á primeira, c'evêdo á alteração completa chímico-bacteriológica do humus primitivo da matta extincta, que é geralmente conhecida por capoeira". Linhas seguintes, o notavel cientista explica mais detidamente as causas e as transformações que se dão na feitura dessa "inutil e triste ruina de floresta virgem abatida" na imagem feliz de Henri Coudreau. Leoncio de Oliveira diz muito bem que a *capoeira* é o mato renovado em lugar da mata virgem, e Thomaz Pompeu Sobrinho, numa "Memoria" apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, reunido na Bahia, em Setembro de 1916, intitulada "Esboço physiographico do Ceará", escreveu que o terreno devastado pelo

machado inconsciente do agricultor ignorante é "invadido por outra vegetação, que se mistura com os rebentos das arvores e arbustos primitivos que já não podem lutar com esses concorrentes estranhos, mais sobrios, mais resistentes. Tem-se assim a *capoeira*, mata baixo e variado ou, na expressão elegante do indígena — mata que existiu (*caa-mato e coëra-que passou*)". O termo *capoeira* é diferentemente grafado pelos autores: *capueira* que é mais comum, *capocira*, *caapueira*, *cuapocira*, *capuêra*. Paulino Nogueira diz que prefere a ortografia do texto por mais climatológica; mas Amadeu Amaral diz que a forma culta é *capoeira*. Escrevemos *capoeira* com Paulino Nogueira, Theodoro Sampaio, Rodolpho Garcia e Beaurepoire-Rohan. Os nordestinos distinguem tres qualidades de *capoeiras*: *capoeira furada* ou *furados*, *capueirão* e *capoeira grossa* (Vide estes termos, todos eles designativos de formas peculiares da vegetação higrófila e megatérmica dos Estados nordestinos).

Capueirão: antiga *capueira* bastante grossa e alta que, no dizer de Luetzelburg, conserva grande quantidade da sua antiga vegetação epifítica. Em Pernambuco, diz Rodolpho Garcia, quando esse acidente florístico ostenta o porte de verdadeira mata, diferindo apenas pela natureza das essências, dá-se o nome de *capueirão de machado*. Em outros lugares se chama *capueiraçu*, ao qual se antepõe a *capueirinha* ou *capueira fina*. Pr. Francisco dos Prazeres, na "Poranduba Maranhense" (Rev. do Inst. Hist. Geog. Brasileiro. Tomo 54, Parte I — Pag. 141), diz que "a mata que já foi cortada chama-se *capoeira*: tendo esta 12 annos ou dahy para cima chama-se *capoeira-açu* e tendo menos *capoeira-mirim*".

Capueirano: termo usado no recôncavo da Bahia para designar e habitante em terras de *capueiras* (vide esta palavra): Vimo-lo empregado em um artigo de Edgard Rodrigues publicado no "O Conservador" da cidade de Nazareth (Bahia), no seguinte trecho: "Esse homem dinheiroso e rustico teria razão de dizer aquilo: elle fôra *capueirano*, antes de ser *mateiro*" (Ed. de 25 de Agosto de 1929).

Capueira grossa: variante da simples *capueira*, onde crescem arvores altas e grossas, que já exigem para a sua derrubada o machado, donde receber o nome de *capueira de machado*. Em Minas do Rio de Contas se denomina *capueira de pau de machado*, uma *capueira* rica em madeiras de lei, alta, restante das matas antigas.

Capueira furada: define-a Philipp von Luetzelburg como sendo os claros na vegetação lenhosa das *capueiras* ou mesmo das matas virgens, assegurando ter ouvido tal denominação numa viagem pelo interior do Espirito Santo. E' de uso também no nordeste.

Capueira rala: denominação muito frequente no nordeste, da Bahia para o norte, que designa os terrenos onde quasi todos os anos se fazem roçados, pelo que a vegetação quasi não passa de arbustos e ervas. Aí dominam, em geral, as familias das labiadas, das sinantéreas, das malvaceas, das gramineas, das crucíferas e outras plantas anuais.

Capueirugú: o mesmo que *capueirão*. Macedo Soares escreve *capueirussú*, palavra genuinamente guarani. Ocorre também *capueira-assii*.

Caraco: alcunha pitoresca dos castelhanos ou espanhois e também dos platinos, em Minas Gerais. Registado por Affonso Taunay e Nelson de Senna.

Carafús: ou *carafuso*: vide *cafús* e *caboré*.

Caraguatal: touceiras de caraguatás; o mesmo que *caraguatazal*. Regista-o Darcy Azambuja no "Vocabulario" apenso ao seu consagrado "No Galpão" (3.^a edição, 1928).

Caraguatazal: registado por Callage, designativo de touceiras de *caraguatá*, planta filamentosa muito comum em todo o Rio Grande do Sul.

Caramurú: alcunha depreciativa, três vezes usada no Brasil. Assim se designavam os adeptos do partido que, após a abdicação de Pedro I (7-4-1831), pretendia restaura-lo no trono, do qual fazia parte o grande José Bonifácio, originando-se a alcunha do nome do principal jornal que advogava os interesses do referido partido; no Rio Grande do Sul, foi alcunha que os republicanos de Piratinim (efêmera república de 1835 a 1845) apuseram aos legalistas ou imperiais, ainda chamados — *camelos*, *galegos*; em Pernambuco, o nome *caramurú* designou o grupo politico que era contrario à decretação da maioridade de Pedro II, antes da época fixada na Constituição de 1824.

Caramutange: registado por Pereira da Costa, o mesmo que *negro novo*, recentemente chegado da Africa, o *boçal* (Vide esta palavra).

Carandazal: termo mato-grossense, empregado pelo General Rondon nas "Conferencias" que realizou na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no sentido de firmes ou altos, nunca atingidos pelas inundações, ultimo refugio do gado durante as grandes cheias do *pantanal*, e onde cresce o *carandá*, "uma das mais belas palmeiras das nossas florestas". Rodolpho Garcia e Tschauer dão apenas como significado palmar de carandás, que dizem ser a mesma bela e utilissima palmeira conhecida no nordeste do Brasil pelo nome de *carnaúba* — a *copernicia* cerifera de Martius. Em 1907 o botanico Beccari publicou os seus estudos nos quais mostrou as diferenças entre a *carnaúba* e o *carandá*. Nas "Visões do Sertão" do Visconde de Taunay, à pag. 87,

encontramos *carandal*: "Também que diferença ao ouvido o sussurrar do vento n'um *carandal* ou n'um *buritisa*?"

Caranguejo: alcunha dos sequazes do partido contrario ao *chimango* na provincia do Ceará, segundo informa J. Brigido. Era o partido *conservador* que fundou o jornal politico "Pedro II", sob a direção do Dr. José Fernandes Vieira e que, segundo Euzébio de Souza, foi o primeiro órgão de imprensa que sofreu empastelamento em suas oficinas.

Caranguejeiro: alcunha dada aos santistas pelos paulistas (Cornelio Pires — "Meu Samburá" — Pag. 23).

Carauíbal: bosque de carauíbas (Técoma carauha-Mart) "Estavamos diante de um *carauíbal* (paratubal de Mato Grosso)" — "A Flora do Rio Cuminá" de A. J. de Sampaio — pag. 140.

Carazal: lugar ou sitio em que medra em quantidade o cará, *dioscorca* denominada também *inhama*, que produz um tuberculo comestivel e muito apreciado. A pag. 47 do livro de Alcantara Machado "Vida e morte do bandeirante", lemos: "Restingas de mantimentos de raiz, inclusive carazacs e pacovaes, barateiam a vida".

Carcamano: apelido jocoso que se dá em quasi todo o Brasil, aos italianos: o mesmo que *latacho* e *macarrone*. No Maranhão, porém, conforme diz Raymundo Lopes, *carcamano* é alcunha de sirio e, no Ceará, segundo o testemunho de José Luiz de Castro, é apelido do vendedor ambulante de fazendas e objetos de armarinho.

Careta: segundo Gastão Cruls é o nome dado a certos fragmentos de cerâmica indigena, encontrados à margem esquerda do Amazonas, principalmente na região do Trombetas. A pag. 46 do seu "A Amazonia que eu vi", lemos: "E' esta a denominação curiosa que ahí dão aos restos de ceramica indigena, mas que na sua simplicidade traduz bem a principal caracteristica de taes trabalhos, isto é, a sua riqueza na symbolização esculpturada".

Carihá: nome com que os indigenas designavam os estrangeiros. Nelson de Senna, que o regista, diz que para os *bugres* do rio Doce, em Minas, os brancos eram *carantonhas*, corruptela de *chretongs* — os cristãos.

Cariboca: também *curiboca*, mestiço de *caboré* e de indio, ensina Romario Martins num estudo publicado no "Boletim do Inst. Hist. do Paraná". Nelson de Senna, porém, diz que é o mesmo que *cafuso*, produto do indio e do negro ou do mestiço do negro com selvagem, em suma, mescla do sangue indigena e africano. Em Beaurepaire-Rohan lê-se que o *cariboca* é o mestiço de sangue europeu e de aborigene brasileiro. No Ceará, diz Araripe Junior, o *curiboca* é o mestiço de cor avermelhada e escura, com cabelos lustrosos, e anelados, provindo da mistura do sangue

européu, africano e americano. E Euclýdes da Cunha, à pag. 68 d' "Os Sertões", considera o *cariboca* como *mameluco*, isto é, produto do cruzamento do branco e do índio: não é de outro parecer Theodoro Sampaio, quando diz, à pag. 125 do seu "O Tupy na Geographia Nacional", que ao descendente do branco, o caboclo denominava *cariboe*, que quer dizer tirado ou procedente do europeu, donde se originou por corruptela o nome *cariboca*, tão usado no norte do Brasil, para designar o mestiço que traz nas veias o sangue do branco. Diante destas opiniões discordantes, parece que, se a origem etimologica recorda um cruzamento do sangue ariano e amerindio, na linguagem corrente, variavel de região a região, o que se surpreende é a incerteza de seu significado próprio, certo uma resultante da intensidade e complexidade dos caldeamentos étnicos que aqui se deram e se dão ainda.

Carijo: termo usado na região meridional do Brasil para designar um rancho onde se prepara a erva mate (sistema antigo): segundo informa Teschauer é um galpão de trinta e seis a cinquenta metros quadrados, mais ou menos, sobre grossas forquilha, com a competente cumieira. Já temos visto escrito *carijó* (Nilo Cairo. Livro citado. Pag. 202). Callage, registando-o, diz: "giráu, onde se colloca a herva mate e por baixo do qual se atea o fogo que deve crestar-a".

Carijó: outro termo diversamente usado no Brasil. Oliveira Vianna, à pag. 121 da sua notavel monographia "Evolução do Povo Brasileiro", ensina que o *carijó* é o *cafuso* ou *caboré*, "tipo antropologico poliforme, sintese que o é de tres hereditariedades diversissimas", uma vez que é produto do mameluco (cruzamento ariano-americano) e do negro. Em Theodoro Sampaio lemos: "o nome *carijó*, que alguns cronistas hespanhoes escreveram *cario* e que, na verdade, se deve escrever *cary-yo*, forma contracta de *carí-yoc*, quer dizer o que vem do branco ou de um povo superior e tem o mesmo significado de *cariboca*". Na "Informação Geral da Capitania de Pernambuco", publicada nos "Anais da Biblioteca Nacional", vol. 28 à pag. 483, encontramos a grafia *caryoz*, "que são fillos de india com negro que também lhe chamam *mistiços*". Nelson de Senna diz que o apelativo *carijó* serviu, por largo tempo, para designar os indios das florestas mineiras e que os antigos indios escravos que acompanhavam as bandeiras eram, via de regra, enumerados como tantas "peças de *carijós*". Por isso escreveu Cassiano Ricardo em seu "Martin-Gererê:

*"E lá se foi todo um tropel guerreiro
do mamelucos e de carijós para os gcracs
para o sertão goiano
que era o adens do nunca-mais!"*

Capistrano de Abreu refere ainda que o nome de *carijó* era dado pelos paulistas aos guaranis.

Carimbamba: citado por Candido de Figueiredo e Teschauer como brasileirismo de Minas Gerais com a significação de curandeiro. O sábio Carlos Teschauer em seu "Novo Dicionário Nacional", edição de 1928, o abona com o seguinte exemplo tirado das "Histórias Varias" de Carlos Góes (Pag. 133): "Nesta conjuntura só lhe restava... consultar... o carimbamba de mais sustancia..."

Carimbôto: uma das alcunhas pejorativas com que os *farrapos* do Rio Grande, em várias de suas localidades, designavam os legalistas ou imperiais: o mesmo que *galegos*, *caramurís*, *restauradores*, *absolutistas*, *escravos do duque de Bragança*, *corcudos*, *camelos*.

Carioca: nome pelo qual se designam os filhos do Distrito Federal do Rio de Janeiro. Palavra típica que, segundo Theodoro Sampaio, tem a mesma origem que *cariboca* e *carijó*, descendente de branco, o mestiço de procedencia do branco ou de europeu, podendo-se também traduzir a palavra *carioca* — a casa do branco ou do europeu. — A respeito da significação deste vocabulo indígena é util a leitura das Memórias apresentadas por Henrique Oreioli, Saladino de Gusmão e Hermeto Lima ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil, publicada: no Vol. dos Anais, entre pagas. 337 e 363. O apelido *carioca* para os habitantes da Capital da República vem, sem duvida, do rio Carioca, que nasce na serra do mesmo nome, perto do cume do Corcovado, e que, tomando em seguida os nomes de Laranjeiras, Caboclas e Catête, vai desaguar na baía de Guanabara, depois de um curso de mais de quatro quilômetros. Era essa ribeira, no dizer de Beaurepaire-Rohan e Moreira Pinto, que fornecia agua potavel aos habitantes da cidade de S. Sebastião, logo depois de fundada.

Cariri: nome de uma das zonas centrais da Paraíba, às vezes denominada ribeira do *Cariri*, centro da industria pastoril desde o ultimo quartel do seculo XVII. Segundo Theodoro Sampaio, *cariri* é corruptela de *kiriri* — taciturno, calado, nome de uma tribu que se refugiou na região referida. O *cariri* é uma região semi-árida.

Caritô: termo que, em Pernambuco, designa casinhola, cabana, choça, habitação de gente pobre, segundo o registo de Beaurepaire-Rohan. Mario Melo observa que *caritô* em Pernambuco é apenas casa pequena, seja ou não de gente pobre.

Cariúá: Barbosa Rodrigues, no seu vocabulário indígena, complemento da "Poranduba Amazonense", com a ortografia correcta, como diz no frontispicio do mesmo, escreve *kariúá* e ensina que era o nome dado pelos caboclos ao branco, traduzindo literal-

mente — poderoso, conquistador, dando idéa de mau. Nelson de Senna grafa *caryúá* (Rev. de Lingua Portuguesa. N.º 22. Pag. 153) e assim também o fizeram Theodoro Sampaio, E. Stradelli, literatos como Aurelio Pinheiro ("Gleba Tumultuaria") Adauto Fernandes ("Pororoca") e H. Jorge Hurley. Nos "Poemas Amazonicos" de Francisco Pereira encontramos grafado *carayúá*, como dizem os indios *Canamaris* (Pag. 62). Teschauer regista *cariú*, no sertido de brasileiro, homem branco entre os tupis, abonando-o com o seguinte trecho do Relatório do Ministerio da Justiça de 1908: "Tendo Felizardo respondido que eu tambem era *luxava* e *cariú* (brasileiro) o chefe náua mostrou-se contente e, como prova de amizade, ofereceu-me diversos cachos de bananas".

Cariús: nome de um trôço de cangaceiros que, durante algum tempo, flagelou as terras cearenses, mestiços atrevidos que, no dizer de Gustavo Barroso, acompanhavam nas guerrilhas sertanejas as duas familias tiracús dos Montes e Feitosas, juntamente com os *capixabas* (Praias e Varzeas, pag. 194).

Carnaúbal: bosque de carnaúbas (*copernicea cerifera* — Martius), a palmeira providencial do nordeste brasileiro, a "arvore da vida" no dizer de Humboldt. E' a mesma a que chamam na Bahia, em alguns sitios, carnaíba. E' uma bela e utilissima palmeira, de folhas flabeliformes, ornamento de notavel effeito na paisagem, da qual se extrái uma cêra resinosa aproveitada em varias industrias de produçáo de vernizes, tambem como isolante electrico, materia prima em varios aparelhos físicos, discos fonográficos, além de outras applicões. Vegeta em grupos isolados, dentro da *catanga*, nas *veredas* e *varzeas*, nos *baixios* e *rasantes*, formando às vezes densos bosques por elas somente constituídos. Os *carnaúbaes* são encontrados na região do rio S. Francisco, nas barras de seus tributarios da direita e da esquerda, na parte oeste da Paraíba, na região proxima de Souza, no Rio Grande do Norte, não longe das cidades de Assú e Mossoró e na serra do Apodi. Nos sertões nordestinos eles são frequentissimos. "A carnaúba, diz Luetzelburg, existe espalhada no sertão, em grande numero, na vegetação xerophila, onde excede em altura de muitos metros. Cobre em forma de grupos ou em exemplares isolados, frequentemente, o centro e o norte do Piauí, todo o Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, especialmente a parte oeste, Sergipe e Alagoas (metade do ceste)".

Carne de vaca: registado por Nelson de Senna, que diz assim chamarem os lavradores de Minas Gerais da região ocidental (região da Mata da Corda) a uma especie de terra de grés vermelho, a qual, quando cortada, deixa ver uma côr sangrenta descorada.

Carneiros: termo baiano da região do S. Francisco, designativo de terrenos que ficam descobertos, quando o rio, após as enchentes, se recolhe à calha comum.

Caroazal: terreno onde crescem caroás, (*neoglaziovia variegata*), bromeliacea preciosa, que vegeta em abundancia no sertão da Bahia e que fornece uma fibra muito resistente, sucedânea da juta, no dizer do illustre botânico P. Camillo Torrend. S. J. Também se diz, no nordeste, *caruatá*.

Carpinteiro: nome que, na costa meridional do Brasil, tem o vento do alto mar. A pag. 15 das "Recordações de Guerra e de Viagem" do Visconde de Taunay, lê-se: "Nestes mares são frequentes o *pampiro*, vento dos *pampas*, ou terras na direcção de S. SO, o *carpinteiro*, vento do alto mar, assim chamado pelos naufragios que produz, fornecendo t'boas de navios aos carpinteiros, S E e o *rebojo*, vento de SO". Vieira da Rosa, em sua "Chorographia de Santa Catharina", à pag. 39, escreve de referencia a esse vento: "As terríveis 'estadas, o *carpinteiro da praia*, na phrase pittoresca dos habitantes do littoral, que as temporaes mais temidos, tanto pelos navegantes, como pelos habitantes do continente. Soprando do largo oceano para terra, impelle os navios para o littoral onde muitos vêm sossobrar nos arrecifes que bordam as nossas costas. As chuvas tocadas com tal vento vão de encontro á serra, dando lugar a desmoronamentos, cheias de rios e prejuizos de toda a sorte".

Carraboçal: termo gaúcho registado por C. Teschauer, com o significado de ladeira penhascosa.

Carrapatal: registado por A. Taunay como denominação que os *caipiras* dão aos campos em que os carrapatos são muito abundantes. Informa-nos Antonio Lopes que, no Maranhão, é designativo de plantações de mamona ou carrapato.

Carrascal: o mesmo que carrasco, muito usado na Bahia no mesmo sentido em que o paraibano usa a palavra *tabolcivo*, no dizer de Luetzelburg. A pag. 154 dos "Brejos e Carrascaes do Nordeste" de Limeira Tejo, lê-se: "Os retirantes chegam ao canna-vial, mas seu pensamento não se desliga das terras calcinadas. No brejo elles estão sempre inquietos, sempre sentindo a falta de alguma cousa, sempre preparados para refazer, a todo momento, o caminho de volta. E' bastante uma noticia de chuva caída nos *carrascaes*, para que elles abandonem tudo e regressem". No Chile carrascal é pedregal; em Cuba é savana pedregosa e esteril.

Carrascão: o mesmo que carrasco. Lemos à pag. 225 de "Luzia Honem" de Domingos Olympio: "Elle costumava matar o tempo com a narrativa pittoresca das façanhas inverosimeis de anan-sador de animaes bravios, orlhudos que nunca tinham visto gente, as africanas de vaqueiros de fama, temido dos harbatões

mais ferozes das *catingas* e *carrascões* impenetráveis, as proezas de caçador de onças acudadas em furnas sombrias, onde elle as agredia, armado de uma simples azagaia".

Carrasco: vocabulo de origem portugueza, que, no Brasil, designa terrenos, em geral de planaltos, de vegetação arborecente, definida e baixa, de ramos duros e esguios, caules raquíticos, entrelaçados e espinescentes. É uma especie de muta nã no dizer de Saint-Hilaire. O *carrasco* é sempre indicio de terreno esteril, pedregoso, arido. Usa-se também *carrascão*. No sul do Piauí, os sertanejos chamam a certa região de *agreste - carrasco catungal* ou *catunga carrascal* ou ainda *agreste sujo*. Definindo *carrasco*, diz Luetzelburg: "vegetação lenhosa, de folhas duras, xerophila e pobre em eactaceas, vegetando sobre um solo pedregoso e duro nas elevações" (Liv. cit. vol. 3.º, pag. 94). E, à pag. 58 do 1.º vol. escreve: "O sertanejo nordestino comprehende com a denominação geral de *carrasco* uma flora que tem sua existencia, communmente, nas regiões montanhosas, compostas de arvores pequenas e atrophiadas, com folhagem dura, de arbustos rasteiros, com identica folhagem e casca grossa suberosa, que assim tem algum parentesco com o *agreste*, porém diferenciando-se delle, em virtude de escasso e rachitico crescimento da vegetação lenhosa, das folhagens grandes, rigidas e coriaceas, da forte casca, e pela existencia das folhas peludas; qualidades biologicas estas, que dão cunho á flora xerophila dos *carrascos*. Além disso, ainda faz parte do *carrasco*, um solo pedregoso, coberto de uma leve camada de humus".

Carrasqueiro: o mesmo que *carrasco*. Aug. Saint-Hilaire informa que, em Minas Gerais, se dá o nome de *carrasqueiro* (talvez *carrasqueiro*) aos *carrascos* de uma natureza mais vigorosa. À pag. 26 da "Marcha das Forças" do Visc. de Taunay, lemos: "O habito de lançar fogo annualmente aos campos tem modificado singularmente a vegetação dos *cerrados* e *carrasqueiros*, a qual, naturalmente mofina em consequencia da má qualidade de terrenos, vai, com a continuação dos tempos, cada vez mais se acanhando, ficando as arvores reduzidas ao tamanho de pequenos arbustos, com um aspecto tão engorovinhado e feio que causa lastima".

Carrasqueiro: o mesmo que *carrasco* ou *carrasqueiro*. Na Bahia, a uma vegetação secundaria, arbustiforme, mais fechada que o *carrasco*, se dá o nome de *grameal*.

Carreador: também *carreadouro*, designativo ora de pequeno trilho no mato, vereda, picada (Valdomiro Silveira), ora, caminho de carro, no campo (Candido de Figueiredo), ora, caminho aberto nos cafezoes para transporte das colheitas (Dias Martins. A Produçãõ das nossas terras, pag. 20). Quando o *carreador* circunda a plantaçãõ ou a roça serve de aceiro: permite o livre

transito de veículos e evita a propagação de incendios accidentais ou criminosos.

Carreira: termo que, na região denominada Jalapão, no noroeste da Bahia, nordeste de Goiaz e no Alto Tocantins (Carlota Carvalho — "O Sertão" — pag. 263), designa pequenas *cachoeiras*, *corredeiras* ou *corridas*. Vimo-lo referido no citado trabalho de Luetzelburg, vol. I, pag. 35: "As nascentes do rio Preto se iniciam num grande buritysal, que com sua sombra acompanha o rio até a fronteira da Bahia, onde elle recebe as aguas do rio Sapão. Enquanto o rio, no territorio goyano, percorre regiões vastas de brejos cobertos de buritys, e em trajecto saltitante, formando diversas cachoeiras denominadas *carreiras*, elle se modera no seu curso, depois de receber o rio Sapão, mais acentadamente ainda afrouxa depois de se tornar affluente do Rio Grande, que demanda o S. Francisco". A palavra *carreira* tem outro significado no interior do Brasil ou seja o de rua ou alameda que abre espaço regular entre duas fileiras de plantação de milho, café, etc. A pag. 617 das "Lendas e Canções" de Juvenal Galeno, lê-se: "A cada pessoa confia-se uma *carreira* (rua de cafeeiros), e esta se queixa quando a encontra *saltcada*, isto é, colhido adiante o café por outrem".

Carreiro: é o individuo que dirige o *carro de boi* a quem tanto deve o sertão do Brasil e é também o nome que, em alguns Estados, se dá aos atalhos, às veredas, aos caminhos estreitos, ou segundo Valdomiro Silveira, ao caminho habitual da caça. "Assim mesmo, esfalfados, achavam tempo para caças. Os *carreiros* das pacas, cutins, capivaras e antas cruzavam a picada..." (Amando Caiuby — "Sapezas e Tiguéras" — Pag. 243).

Carretão: registado por Affonso Taunay no "Lexico de Lacunas", designativo de maquina primitiva para o beneficiamento do café.

Carretilhas: nome que, em Alagoas, dá o povo às estrellas cadentes. Refere-o Octavio Brandão, à pag. 236 dos seus "Canaes e Lagoas": "No verão, durante as noites calmas, apparecem correndo as estrellas cadentes — as *carretilhas*; diz o povo que ellas vão cair dentro do mar, e para que não caiam em terra, a fim de o mundo não acabar, as boas gentes rezam ave-marias ou então repetem — Deus te guie, Deus te guie..."

Caruára: nome que os pescadores alagoanos dão ao vento de trovoadas que sempre apparece em Janeiro. Refere-o Octavio Brandão à pag. 242 de seu citado vol. No Pará, informa H. Jorge Hurley, "significa duende, ser mitologico dos tupis, que os pagés invocam na applicação de *puasungas* nas suas curas pitorescas. *Caruára* é tambem o vento que faz adormecer os *ze-rimbabos*".

Carúatal: termo usado no nordeste para indicar o terreno coberto em larga extensão da bromélia caruá, caroá ou ainda croatá (neoglaziovia variegata. Mez). Em outras partes do território nacional chama-se *carozal* (Vide este termo).

Carvalhista: registado por Pereira da Costa. Nome dado aos partidários do presidente Marcell de Carvalho Paes de Andrade, chefe do movimento revolucionário de 1824, que proclamou a Confederação do Equador.

Casaca: registando este termo em seu "Vocabulário Pernambucano", Pereira da Costa escreve: "homem de condição civil, assim chamado para distinguir do militar". No Piauí *casaca* significa *tabaréu, matoto*. Pereira da Costa regista *casaca de couro* — o sertanejo, em alusão às suas vestes de serviço feitas de couro.

Casa-de-bagaço: parte do engenho de açúcar onde se guarda o bagaço de cana moída, depois de seco ao sol, na *bagaceira*, afim de ser empregado como combustível no cozer o caldo e feitura do açúcar. A casa de bagaço é, às vezes, no proprio corpo do engenho, era um tanto afastada. Aurelio Domingues, á pag. 116 de seu livro "O Último Tyndárida", diz: "A meia inelinação do terreno está a casa-de-bagaço, já em parte derruída".

Casa-de-purgar: parte da casa do engenho de açúcar onde se deita o mesmo em *fôrmas* (de barro ou de madeira) no *teudal*, para escorrer o mel e limpar de certas impurezas. Fica em grande numero de engenhos na parte que se chama *caixaria*. "... e o edificio do engenho, forte e espaçoso, com as mais oficinas, e casa de purgar, caixaria, alambique, e outras coizas..." (A. J. Antonil — "Cultura e Opulencia do Brasil etc. Pag. 69). Entre as pags. 149 e 158 deste livro (Edição de A. Taunay), encontrará o interessado a minuciosa descrição da casa-de-purgar, dos processos usados nos principios do século XVIII. De Aurelio Domingues ("O Último Tyndarida 1928 — Recife — Pag. 116) são as seguintes palavras: "Enfim, num plano inferior, alguns pilares quadrados, feitos de tijolos vermelhos, esborçando-se e mal sustentando os restos do telhado, de telhas vazias e madeiras pódras, indicam a carcassa, em liquidação, a se desmorenar e abater, do edificio que foi propriamente o engenho e a *casa-de-purgar*".

Casa-grande: nome que, no interior do Brasil, se dava e ainda se applica à habitação dos senhores de engenhos ou proprietários de fazendas, donos das terras em torno, onde se erguem as casas dos *moradores* ou *apregados*, de antes as *senzalas* dos escravos. É o solar fazendeiro. Frequentemente empregado pelos escritores regionalistas, para aqui transcrevemos o periodo com que Mario Sette fecha o seu romance "Senhora de Engenho": "Certando o silencio, lá fóra, num guincho remorado, numa baque surdo, a porteira do engenho deixava entrar um

carro, vindo de longe a rechinar — guincho doloroso e baque decisivo que ella ouviria, com lagrimas nos olhos na manhã bem proxima de sua partida, pelas estradas cheias de sol, cheirosas de mel, deixando para traz, muito para traz a *casa grande* de Aguas Claras, tão branca, tão risonha, plantada no teso verde do outeiro...". Registando este apelativo A. Taunay diz ser a designação da morada do fazendeiro nas propriedades agricolas de S. Paulo, o que evidentemente restringe a área geografica de sua applicação. Na Bahia, principalmente na zona do açúcar, a habitação do senhor de engenho era designada *sobrado*. José Wanderley de Pinho em seu magnifico volume — "Cotezipe e seu tempo" (Primeira Parte — 1937), regista o dizer local à pag. 121, na seguinte nota: "Em Pernambuco a casa de moradia do senhor de engenho chama-se — *Casa Grande*; na Bahia — *sobrado*".

Casacudo: brasileirismo ainda não registado nos Dicionários portuguezes, usado no interior da Bahia, para designar o sertanejo, sinónimo de *tabaréu*, *mututo*. Devemo-lo à informação do Dr. Filinto Bastos, que nos escreveu: "assim chamado pelo habito de trazer sempre, chovesse ou não, um casaco de fazenda pesada, como a baêta, quasi sempre de cor azul, ou uma capa sem mangas, com um atilho de metal amarello, a que se dava o nome de — *gró*".

Cascalhada: termo regional do recôncavo da Bahia com o sentido de vento forte do quadrante leste. Ouvio-o o Dr. Arthur Neiva no linguajar dos pescadores da ilha do Rom Jesus, uma das que compoem o arquipélago da baía de Todos os Santos.

Cascalho: termo que designa aluviões auríferas ou diamantinas; pequenos calhaus ovais, redondos, romboidais, ou de outra figura irregular com a superficie lisa.

Casão: vide *caixão*.

Casão da fazenda: assim se designa, no nordeste brasileiro, o chão da propriedade, o seu terreno com as bemfeitorias que nele se contém, sem os gados. "Foi quando veio o rebentão de 77. Meu mano foi mais sabido: vendo a coisa preta, torrou tudo nos cobres, até o casão da fazenda".

Casão-de-burro: na região baiana das Lavras Diamantinas, emprega-se o termo *caldeirão* para designar um buraco redondo, cheio de cascalho, na piçarra das catas. Ao pequeno *caldeirão* os *garimpeiros* chamam *casão-de-burro*.

Casudo: alcunha que os adeptos do partido liberal e os do republicano de Minas Gerais davam aos do partido conservador nos tempos da monarchia. Revivendo homens e cenas da cidade de Ubá — a rainha da Mata — no dia da proclamação da República, escreveu Dionédes de Figueiredo Moraes um artigo para o "O Jornal" do Rio de Janeiro (numero do Natal de

1927), no qual se lê: "Os conservadores chamavam os liberaes de *chimangos* e aos republicanos de *apostatas*. Por sua vez, os liberaes e republicanos denominavam de *casquados* aos conservadores". *Casquado* era também o nome que recebia em Santa Rita do Rio Preto, no noroeste da Bahia, o partido politico contrario ao Cel. Abilio de Araujo, um dos chefes de jagunços mais temidos na região do S. Francisco. Ao partido local do Cel. Abilio de Araujo se dava o nome de *Minhoca*.

Casqueiro: além da significação peculiar a quasi toda a costa do Brasil como sinônimo de *sambaquí* (vide esta palavra), Arthur Neiva surpreendeu este termo no linguajar dos marujos da ilha do Bom Jesus da baía de Todos os Santos, com a significação de vento forte, em geral do quadrante sul. Valdomiro Silveira refere n' "Os Caboclos" o sentido de parte superior da terra, empregando a expressão *casqueiro prudento*, com a significação de lama indicadora de que a terra é de boa qualidade.

Cassaco: referido por Ildefonso Albano (Mané Chique-Chique) e designativo de "trabalhador de estrada de ferro, que vive com o sacco ás costas, avançando á medida que a estrada avança". "Educado na escola aspera do soffrimento, criado no campo rude da luta, Mané Chique-Chique não broma (não se torna ruim); elle é sempre o mesmo, quer tirando do seio da terra a protuberante mardioea, o louro milho, o variegado feijão ou o onro branco ou feito *cassaco* na construção das estradas de ferro, quer como *taugerino* aboiando o gado para as feiras, criando nos sertões o vermelho *caracá* ou *campando* nas *catingas* o arisco *barbatão*, quer numa fragil *jangada*, *emblema da Esperança*, tangida pelo terral ou batida pelo aliseo, em luta com os *vordes mares bravios de sua terra natal*".

Cata: também grafado *catta* (Pandiá Calogeras), termo usado em Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia, para designar escavações, vezes de grande profundidade, onde se faz a mineração, do alto para baixo, do ouro, do diamante, do carbonado. Nas Lavras Diamantinas da Bahia assim nomeiam os *garimpeiros* as escavações, em regra quadradas, feitas no solo, á procura dos diamantes. Pandiá Calogeras, á pag. 118 do seu trabalho "As Minas do Brasil", 1.º vol., escreve: "Verificada a presença do metal, varios processos se utilizavam em sua extração. O mais simples era remover os terrenos estereis da superficie, abrindo *cattas*, até chegar ao nivel do material aurifero. Esses poços, redondos ou quadrados, tinham na base, em geral, uns vinte palmos em quadro, e abriam-se para o exterior com taludes que impediam o corrimento das terras; a profundidade variava, e citam-se alguns de quasi oitenta palmos de altura". São as *cattas* uma das moradias do Saci endiabrado, que a imaginação do caboclo fantasiou.

Catabil: também *catabi*, registado à pag. 245 do "Sertão Alegre" de Leonardo Motta, com a significação de acidente de terreno que produz o solavanco dos veículos e por metonímia o proprio solavanco. Informa o mesmo folclorista que leu num jornal de Recife, em Outubro de 1927, um apelo ao prefeito para que mandasse concertar os *catabis* da estrada de Olinda.

Catanduva: mato rasteiro, aspero e espinhento; mata de pequeno porte e ruim, em geral de vegetação fechada, diz Navarro de Andrade em sua "Ligeira Contribuição para a Terminologia Florestal", publicada na "Revista do Brasil", n.º 84, Dezembro de 1922. Theodoro Sampaio escreveu que, no interior de S. Paulo, se dá o nome de *catanduva* ao mato rasteiro, espinhento e meio fechado, sendo a palavra oriunda do tupi *caa-atan-diba*, que se traduz matagal rijo, aspero, em abundancia. A *catanduva* é uma formação vegetal semelhante ao *carrasco*. No "Glossario" de Everardo Backheuser encontramos *catanduva* como termo de S. Paulo designativo de argila pouco fértil. Com o mesmo sentido registou A. Taunay no "Lexico de Lacunas", abonando-o com a seguinte frase: "O inexperiente fazendeiro plantou dez mil pés de café numa *catanduva* fraquissima". Diz-se também *catunduva*.

Catanduval: registado por C. Teschauer e A. Taunay como sinónimo de pinheiral no Estado do Paraná.

Catarineta: alcunha amistosa dos filhos de Sta. Catarina, que já vimos também designados pelo cognome honroso de *barrigas-verdes*. Teschauer regista com o mesmo sentido — *caterineto*.

Catatuá: sinónimo de *tabaréu*, *matuto*, *caipira*. Regista-o Candido de Figueiredo (4.ª Edição).

Catimbó: no nordeste é o mesmo que *matuto*, *tabaréu*. Com este nome Ascenso Ferreira, de Pernambuco, publicou, em 1927, um livro de versos. Nelson de Sena, na sua "Toponymia Geographica de Minas Geraes", publicada na "Revista do Archivo Publico Mineiro", refere-se a este termo que nomeia um sitio do este mineiro, derivando-o do tupi *caa-ti-mbora*, que significa o "mato ou planta que exala", transformado por efeito do menor esforço prosodico em *catimbó*, na linguagem vulgar". *Catimbó*, diz Camara Cascudo, em apreciavel ensaio à pag. 86 do livro "Novos Estudos Afro-Brasileiros", é o sinónimo tipico da feitiçaria. *Catimbó* e *catimbozeiro* são immediatamente sabidos e conhecidos em toda a parte. Do Maranhão até o Rio de Janeiro *catimbó* é a mesma feitiçaria. Chamam-no ainda *catimban* e tem a mesma significação no Chile. O termo é mais usado e comum no Nordeste. Usam-se os derivados *catimbozada*, *catimbozeiro*. Sobre a origem do vocabulo leia-se Pereira da Costa — "Vocabulario Pernambucano".

Catimbozeiro: sinónimo de feiticheiro. Emprega-o neste sentido Mario de Andrade em seu "Macunaima", a pags. 28 e 250. "Maanape que era um catimbozeiro de marca maior foi que graciou o epitaphio". "O catimbozeiro possuía uma cabeça encantada feita com a metade de uma casca de gerimum". Rodrigues de Carvalho no seu "Caneioneiro do Norte", fala de uma celebre *catimbozeira* de Sta. Rita, na Paraíba (Pag. 277). Vide *catimbó*.

Catinga: vocabulo indigena, formado de *cua* - mato e *tinga* - branco, esbranquiçado, donde escreverem alguns, atendendo à etimologia — *caatinga*. No linguajar comum se ouve *catinga*. É a região denominada *Haradryades*, na *Tabula Geographica Brasiliae*, de Martius, caracterizada pelas florestas de árvore de pequeno porte, que perde na estação seca quasi todas as folhas, posto que conserve alguns frutos que amadurecem precisamente nessa época. Esta zona abrange o norte do Brasil, a partir do vale superior do S. Francisco, ainda pertencente a Minas Gerais, grande parte da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, a parte norte de Goiás e o sul do Maranhão, com uma área de 800.000 quilômetros quadrados, segundo o calculo do botânico Philipp von Luetzelburg. Este notavel cientista, na sua obra citada e que deve ser lida por todos quantos se interessarem pelo conhecimento verdadeiro do nordeste brasileiro, define *catinga* "uma associação de plantas lenhosas de pouca altura, apinhada, para o maximo proveito da luz e que se contenta com todo e qualquer solo. Forma uma especie de matto desprovido dos dois mais importantes factores: elevação das arvores em procura de luz, e falta de humidade no solo. A *catinga* é, pois, um matto xerophilo, denso, composto de arvores e arbustos, de folhas caducas, pinnatas e multi-pinnatas, rico de espinhos e caetaceas, constituido de elementos munidos de todos os meios protectores contra a demasiada transpiração." O sertanejo distingue varias modalidades de *catingas*, das quais nos dá noticia Luetzelburg: *catinga alta*, *catinga baixa*, *catinga brejada*, *catinga carrascal*, *catinga legitima*, *catinga mestiga*, *catinga nuja*, *catinga verdadeira*, *catingão* (Vide estes nomes). A respeito da etimologia da palavra *catinga*, aqui transcrevemos a opinião de Beaurepaire-Rohan, divergente da maioria dos indianologos: diz elle que a interpretação comum não tem o menor fundamento. "Com effeito, as *catingas* nada apresentam que justifique o emprego do adjectivo branco para as qualificar. O que as torna notaveis, como pude observar nas minhas viagens pelos sertões, é que, passada a estação das chuvas, perdem completamente a folhagem e ficam, durante parte do anno, com o aspecto de mattas secas. Foi desse facto que parti para resolver a questão de um modo razoavel. *Catinga* não é mais do que a contração de *caatinga* — significando mattas

seccas, arvoredo secco". E continua o venerado vocabularista a justificar a sua opinião, invocando o depoimento de Ives d'Evreux, famoso capuchinho que andou pelo norte do país, e acrescenta que, em Goiás, dão indiferentemente a esses accidentes florestais o nome de *catingas* ou *matos secos*, provando isto que a tradição tem ali conservado a primitiva significação do vocabulo tupi.

Catingal: designação nordestina que nomeia larga extensão de *catunga*. Ouvimo-la frequentes vezes no interior da Bahia e a vimos empregada por Paulo Prado na sua vibrante "Paulistica", à pag. 71, no seguinte trecho: "O bandeirante transforma-se no colono e povoador das regiões do sul, da ilha de Sta. Catarina e da antiga capitania de S. Pedro; ao Norte é elle o criador e fazendeiro dos *catingas* baianos, até o Piauí, Ceará e Maranhão..." Entretanto, A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas" regista-a com a significação de largo tracto de terras maninhas. "O. F... comprou um *catungal* que nada produz". No livro de Xavier Marques "Terras Mortas", à pag. 170, lemos: "Durante a travessia, por tubulo-a estrada que era apenas um sulco aberto no macisso do *catungal*, tive pela primeira vez a impressão de fundo de curo".

Catingão: é assim chamada a *catunga* baiana e piauiense, sobretudo rica de arvores e arbustos, pobre de cactaceas e bromélias, excedendo a norma geral e comum da altura nas *catingas*, alcançando as arvores, de vez em quando, sete metros de altura. Encontra-se nas partes mais baixas do ocidente do S. Francisco, no oeste dos rios Gurgueia e Paraíba e nas encostas septentrionais da serra do Sincorá, na Bahia.

Catinga alta: é assim chamada a *catunga* em que a proporção dos elementos arboreos para os arbustivos é de 1:2, occupando especialmente as regiões planas e os vales largos entre serras e colinas; o solo é menos duro, secco e pedregoso que em geral. As arvores que mais contribuem para essa formação são: Aroeira, Baraúnas, Angicos, Mimosas, Pereiros, Matizeiros, Jazeiros e a Carnaúba. A sua área estende-se pelas regiões de Pombul e Piancó no sul da Paraíba, oeste da Bahia, sudoeste do Piauí, norte de Alagoas e no cimo da serra do Araripe, no Ceará.

Catinga baixa: é a *catunga* das regiões elevadas, das chapadas e planaltos (Piauí), pobre de arvores, rica em cactaceas, de vegetação densa, não havendo claros ou espaços entre os individuos. Nesse tipo de *catunga* só existem elementos lenhosos de ramificação espraçada.

Catinga brejada: denominação dada pelos habitantes da região paraibana chamada "Brejo" à *catunga* misturada com elementos das matas verdadeiras. A *catunga brejada*, diz Luetzel-

burg, de quem tiramos estas definições, não é outra coisa senão uma capueira com forte introdução de elementos de catinga e, quanto mais os seus elementos se fazem sentir com pronunciada frequência, tanto mais a vegetação se assemelha ao arisco. A sua área geográfica se resume ao Estado da Paraíba.

Catinga carrascal: é a catinga em que ha elementos da *catínga* e do *carrasco* com mistura, na proporção de 1:3. "A vegetação catingal que se alargava novamente tinha forte dose de *carrasco*, razão por que o sertanejo daquellas paragens o denomina — *catínga carrascal*" (Luetzelburg, 1.º vol. Pag. 72).

Catinga legitima: é a propria *catínga* de vegetação arborea e arbustiva, espinhenta e densa, xerófila, de folhas pequenas e moveiças, rica de cactaceas.

Catinga mestiça: denominação que significa um tipo que não é composto somente de elementos xerófilos da propria *catínga*, mas apresenta também mistura de outros estranhos das regiões vizinhas, de diferentes floras. Diz Luetzelburg que encontrou esta denominação nos limites do Piauí com o Maranhão.

Catinga suja: o mesmo que *catínga mestiça*.

Catinga verdadeira: chamada também pelos sertanejos de Paraíba e do Ceará — *sertão*; é a *catínga* pura, extremamente secca e xerófila, cujo solo é coberto de tapetes extensos de bromélias e cactaceas rasteiras.

Catinga do igapó: assim, diz Gastão Cruz, se designa na Amazônia central o espaço de terras inundadas durante a cheia e cobertas de vegetação mofofa. É nome comum na bacia do rio Negro. ("A Amazonia Misteriosa" — Pag. 322 — "A Amazonia que eu vi" — Pag. 325). *Catinga de igapó* é expressão empregada por R. Spruce no seu livro "Notes of a botanist on the Amazon and Andes".

Catingueiro: designação baiana do habitante da região das catingas, oposta a de *matreiro* — habitante da zona das matas. "Para a pesca fazem toscas cabanas de palha nas corôas ou nas *ipocivas*, assim de salgarem e secarem o peixe, do qual formam pequenas pilhas ou costas proprias para carga, e os vendem nos *catíngueiros* (Durval V. de Aguiar. "Descripções Praticas da Provincia da Bahia" — Pag. 11). Empregou-a também Alberto Rabello nos seus "Contos do Norte", à pag. 86: "Continuando a narrativa, o tropeiro esboçava em sua rude linguagem a scena muitas vezes repetida, quando, nos sabbados, seguindo os *catíngueiros* que passavam, a louca se encaminhava para a villa". Também usado na Paraíba segundo se lê à pag. 124 da "A Bagaceira" de José Americo de Almeida: "Elle acamaradava-se com um *catíngueiro* homiziado no engenho, oriundo dessa faixa de criação e de cultura algodoeira, onde se desfru-

tava um melhor aparelhamento economico em mais precarias condições naturaes". Em "Terras Mortas" de Xavier Marques, à pag. 166: "Durante a estação, porém, a figura mais interessante naquelle cenario desmesurado é a do *catigueiro*, retirante mesquinho, magro e peludo, com a mochila de esteira ás costas, arrastando as alpercatas de sola em busca de trabalho na mata". No Ceará, segundo lemos no "Cancioneiro do Noite" de Rodrigues Carvalho (2.^a edição — 1928), à pag. 215, a palavra *catigueiro* é usada no sentido de vaqueiro que sabe vaquejar na eatinga. Eis a estrophe:

*Nesse tempo tinham ido
A Pujahú ver um vaqueiro;
D'entre muitos que lá tinha,
Viera o mais catigueiro.*

Cativo: brasileiro muito corrente nas lavras diamantinas, que designa os satellites mais frequentes dos diamantes, como o rutilio paramorfosendo em octaedrita, segundo a lição do prof. Everardo Backheuser. A. Taunay escreve: "seixo que aos mineiros de diamantes serve de indice da existencia de pedras preciosas". Ainda no linguajar dos garimpeiros são comuns as expressões *cativo de chumbo* para designar a octaedrita e *cativo de ferro* para denominar a magnetita.

Catrumano: regionalismo do norte mineiro, sobretudo da zona do Paracatú, designativo de caipira, matuto, tabaréu. Vimo-lo empregado por Carlos Chincchio, num seu artigo de critica litteraria, publicado na "A Tarde" de 31 de Janeiro de 1928. Eis o trecho: "em que posem os ceos, selvas e mares, que desbordam das creações artisticas, com a enumeração catalogal das coisas da flora e da fauna, montanhas abruptas acina, valles em flor abaixo, planicies com casinhas de sapé, ou descampados com taperas em funeral, coqueiros dialogando distancias, jequitibás confundenciando grandesas, e caipiras e matutos e tabaréos e parouras e catrumanos e jagunços e todos os typos e todas as paisagens, nada disso, sem a exclusão disso, que as passadas gerações fartamente esgotaram, pôde constituir a caracteristica dominante do Brasil moderno". Ainda o mesmo consagrado escritor no artigo de critica à 3.^a edição da "Onomastica", que publicou na "A Tarde" de 1 de Maio de 1928, diz a respeito deste termo: "Para o centro do paiz, nas zonas franciscanas, ha o termo "catrumano", que o folclore acusa em versos estropendos, como estes, da riquissima colleção Manuel Ambrosio, ainda inedita:

*Chegou Benedicta "catrumana".
Fais café, sacode a cama,
Cond'eu passá, ocê me chama.*

Ou, então, nestes, em que o tipo resalta, nitido, das chufas ri-beirinhas:

*A baiêta do negro é o fogo.
A docuça do pinto é o gôgo.
A gravata do boi é a canga.
E o relajo do "catrumano" é a capanga".*

Já o registou A. Taunay, no seu "Lexico de Lacunas" dizendo ser, talvez, corruptela de quadrumano.

Canaassús: nome de um grupo de bandoleiros dos sertões baianos próximos ao norte de Minas Gerais, que se tornaram célebres no sul da Bahia, zona de Ilhéos, por lutas à mão armada, depredações em povoados e fazendas. Em suas "Impressões de Viagem de Belmonte à Villa Jequitinhonha" Ed. Santos Maia, escreve: "O motivo de tamanha celeuma foi oriundo de haver bandoleiros do sertão baiano, cognominados de *cauassús*, divulgados nos acontecimentos e morticínios de Jequié (1916), séria e energicamente batidos pela policia da Bahia, invadido o sertão-norte de Minas, ameaçando propriedades, saqueando, desrespeitando autoridades..."

Cauchal: *gomal* no Perú, terreno em que vicejam as arvores chamadas *caucho* (castilloa elastica). Termo da Amazônia ocidental.

Cancheiro: assim se chamam na Amazônia aos que se entregam à extração da borracha do *caucho*, algo semelhante aos *seringueiros* extratores do latex da hevea. Traçou-lhes admiravel perfil Euclides da Cunha (A' Margem da Historia. Entre pag. 77 e 99). Dá-se também este nome ao dono do *cauchal*.

Caudilhismo: termo muito corrente na imprensa, designativo de regimen anárquico de sedições e pronunciamentos. Sinônimo de *caciquismo*. Registam-no os modernos vocabularistas. Também *caudilhagem*, empregado pelo grande Ruy Barbosa em alguns de seus discursos.

Cavaleiros: na Amazônia e na Mesopotâmia maranhense designam assim as ondas altas da *pororoca*. A respeito escreve Raja Gabaglia, à pag. 146 do seu livro citado: "Assim o Mearim está sujeito ao phenomeno da *pororoca* que se sente em Arary, 43 kils. acima da confluencia do Pindaré, e em Victoria, 12 kms. acima de Arary. Forma-se no banco de Tijucupana que é uma barragem notavel descoberta na vazante e que represa as aguas do fluxo até a altura e volume sufficientes para vencer a correnteza do rio, o que precisa de tres horas; em seguida ellas se levantam, formam tres ou quatro ondas enormes — os *cavaleiros*, na linguagem popular — e se precipitam rio acima, enchendo em tres horas o que necessitam de nove". Como razão Rodolpho Garcia regista este termo como sendo de uso geral na significação de ondas altas e impetuosas. Em Alagôas chamam — *cavaleiros*, banzeiros, marolas (Octavio Brandão — Canaes e Lagoas. Pag. 85).

Caxeados: nome que tiveram no século XVIII os *cangaceiros*. (Vide esta palavra). Vimo-lo referido por Gustavo Barroso à pag. 48 do seu volume — “Almas de lama e de aço” (1930), num capítulo inteiro, do qual extraímos os seguintes trechos: “Os antigos cangaceiros do Nordeste tinham o habito, que se prolongou até bem pouco tempo, de usar como distintivo profissional, signal de valentia e fereza, uma longa melena sobre a testa, que, natur'amente pela mestiçagem, se enrolava, formando uma trunfa ou topete. E dahi talvez venham as expressões *ter topete* e *ser topetudo*, indicadoras de audacia. Quando o possuidor da méxa estava de chapéo á cabeça, ninguém a via; porem, logo que o tirava ou o derreava para traz, ella apparecia. E nenhuma pessoa se atrevia a tirar o menor *paluzio para as bandas* dum desses typos. Nesse tempo, não se chamavam jagunços nem cangaceiros os *cabras famanazes* e os bandidos: eram os *caxeados*”.

Caxixe: termo do sul da Bahia, muito corrente nos Municipios de Ilhéos e Itabuna, designativo de lôgro e esperteza exercidos na obtenção de terrenos cacueiros, fazendas, etc. Para aqui trasladamos, sem mudar palavra o que a respeito nos escreveu o Dr. Ruy Penalva, brillante espirito, fazendeiro na referida zona. “*Caxixe*: é um roedor das nossas florestas, pequeno, forte e agil. Um demonio de vivacidade. Se não é o esquilo, que nunca vi senão pintado, parece em extremo. Conhecem-no (e talvez já não exista ali) no norte da Bahia com o nome de *cactité*. Aqui, chamam-lhe — cotia de pau, papacôco e, mais comumente, *caxixe*. Sem o intermedio do marsapio, lembra o ultimo estagio do murideo em transição para o pequeno simio inferior (sagui), cuja evolução parece ter-se frustrado. Na gyria local, *caxixe*, equivale a *ratonice*, lôgro, esperteza. Um furto, um roubo não constituem *caxixe*. A traça do negocio tem que revestir apparencias honestas, exterioridades defensaveis para merecer as honras do *caxixe*. Ainda quando a violencia collabere no arranjo da melgueira, o disfarce illude, occultando-a. E' a trapaça: illude a bôa fé dos incautos e joga, por vezes, com a velhacaria da propria victima. A' força de ser roubado, o matuto tem o instincto *furandi* e uma das melhores e frequentes armas do *caxixeiro* é acenar á victima com a possibilidade de prejudicar a outrem. Ligam-se, para logo, o *caxixeiro* e a victima, transigem com a mais absoluta confiança e lá se vai roubado o *trouxa* que se entregara á discreção para prejudicar interesses de terceiros. O vocabulo tem um poder de expressão pinturesca. O *caxixe* escapa á mais consummada maestria do escopeteiro que o não conheça. Tenho visto alguns abrigados em accidentes de arvores, inatingiveis. A curva de um galho bem aproveitada é uma trincheira. Outras vezes cae debaixo da mira e, no momento de comprimir o ntirador o gatilho, quando já não pode suspender o movimento, o vivaz diabinho occupa posição diametralmente opposta. Contornou o tronco e escondeu-se, ou des-

ceu, ou subiu um metro e, de cabeça voltada para nós, passou a ter a cauda voltada para baixo. Esta, muitas vezes, lhe serve de disfarce. Num galho secco, com o pello abundante e relativamente longo, ouriçado, deitado a fio sobre o dorso, dá a impressão perfeita de uma casa pequena do marimbondo a que chamamos *talú*. Afigura-se-me uma intuição genial a do matuto que assim designou a *esperiteza*".

Caxixeiro: assim se denominam no sul do Estado da Bahia, principalmente em Ilhéos e Itabuna, não só os aventureiros e traficantes que enganam o parceiro na realização de qualquer negocio de dinheiro, mas também, e notadamente, aquele que, à custa de fraudes e velhacarias, do *cuxixé*, forjando papeis e documentos, espoliam de seus haveres, de suas roças os agricultores matutos, incautos e ingenuos. "Varios são os casos de propriedades agricolas que se vendem e hypothecam, sem que os possuidores tenham comparecido em cartorio para dar a outorga. Acontece mesmo que jamais tiveram negocio ou entendimento algum com o esperto comprador ou credor. Passam-se procurações para alienação de bens de raiz, simulando comparecimento da parte perante o tabelião, quando esta nem mesmo cogitou de semelhante transacção. Quantias de escripturas de reconhecimento de debito são duplicadas e triplicadas, com o fim de poderem mais facilmente os velhacos apropriar-se dos haveres da victima. Dão-se, a tal respeito, cousas phantasticas... O roceiro analfabeto é o escolhido para a rapinagem e pirataria... Desfazer a embulhada, nao seria difficil, perante a justiça. As condições do meio, porém, são de tal modo precarias, que a fraqueza moral das victimas prefere capitular, apellando para a generosidade dos algozes, afim de ver se conseguem alguma quantia que lhes permita um novo estabelecimento" (Salomão de Souza Dantas. "Aspectos e Contrastes". Pags. 66 e 67).

Ceará-brabo: segundo Adauto Castello Branco, em artigo publicado no "Correio Paulistano" de 18 de Agosto de 1928, assim era comum designar-se no Pará o cearense recém-chegado para a exploração dos seringais.

Cearense: além de ser designativo do filho do Ceará — da Terra de Sol (Gustavo Barroso) —, apelida, na Amazônia, todo o nordestino. Refere-o José Carvalho no seu livro "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará" (1930), pag. 14. E' facto semelhante ao que se dá com o termo *baiano* no sul da República (Vide este termo).

Centro: termo que, na Amazônia, no inferno verde dos seringais, indica o interior do *seringal*, onde a freguezia (os seringueiras) está *colocada* (trabalha), para tirar a borracha nas diferentes *estradas* a rumo (a que segue em direcção para a frente) ou *enroladas* (a que não obedece à diretriz regular). Os seringais comprehendem o *centro* e a *margem* (Vide esta palavra, e,

para mais longas explanações — “Os seringaes” de Mario Guedes). Nos Estados do Nordeste, ou melhor, da Bahia no Maranhão, se diz *centro* o lugar ou conjunto dos lugares distantes de uma povoação principal.

Cercado: registado no “Diccionario de Brasi'eirismos” de Rodolpho Garcia, como termo do Nordeste, designativo de lugar limitado por tapumes naturais, abundantes de pastagem, onde os viajantes guardam seus animais à noite; no começo da estação das chuvas, os cercados são convertidos, às vezes, em campos de plantação de cereais. E' também de uso no Rio Grande do Sul segundo informação do General Borges Fortes que nos escreveu: “junto ás habitações se encontram as mangueiras ou currais, os poteiros e os cercados”. Também se denomina cercado um tracto de terra de cultura isolado por cercas ou tapumes afim de impedir a entrada de animais. Neste sentido é sinónimo de *roça* — um cercado de milho, uma roça de milho que é isolada por cercas.

Cêrco: termo de Itanhaem, S. Paulo, registado por Affonso Tau-nay, que significa cêrca de estacas bem juntas, fincadas no leito dos rios e riachos, apoiadas por varões que atravessam a corrente de um barranco a outro; é, em suma, arnadhilha para apanhar peixe. Sinónimo de *paré*. Nas regiões diamantinas de Minas Gerais, segundo referem Pandiá Calogeras (As Minas do Brasil) e Felício dos Santos (Memorias do Districto Diamantino), o vocabulo *cêrco* designa a tapagem feita com pedras, fachina, terras, tudo o que possa servir de entulho no leito de um rio para que as aguas fiquem só passando num lugar apertado, ficando dest'arte o rio *no tronco*, segundo o dizer dos *garimpeiros*. A respeito escreve Felício dos Santos, livro citado, a pags. 124 e 125: “Mas quando o leito é apertado, ou não permite esta exploração ligeira, *cercar-se* o rio. Para este fim cava-se paralelo ao rio um vallo, ou quando este não é possível, como sempre acontece pela escabrosidade, escarpadura, e declive rapido dos montes lateraes, construe-se um *bicame*. O bicame é um leito artificial, que se faz com taboas unidas com fortes gualthos, calafetadas de embirussú, estopa ou outra materia, de maneira a não deixarem se escoar a agua que tem de receber, e com a segurança possível para conter o seu volume: é de ordinario assentado sobre estacadas firmadas na rocha. Feito o bicame, ou mesmo durante a sua construcção, trata-se de *cercar* o rio. Começa-se o *cercar* ordinariamente de um lado: o que se faz com pedras, fachina, terras, e tudo o que possa servir de entulho, o vai-se successivamente levantando-o, até que as aguas fiquem só passando em um lugar apertado; então se diz que o rio *está no tronco*, porque assim se chama este apertado. Concluidos estes preparativos, resta suspender o rio e fazel-o entrar no bicame: para este fim só basta tapar o tronco, e as aguas represadas itão subindo até á altura do bicame, que, sendo collocado um

pouco mais baixo que o *cerco*, tem de recebê-las para lançá-las em outro ponto, deixando em secco a parte do leito que se quer minerar”.

Ceraulas: cognome aposto aos soldados de uma das companhias do batalhão n.º 8, que muito se distinguiu na Guerra da Independência, travada no recôncavo da Bahia de 1822 a 1823. Eram assim apelidados os bravos combatentes por não vestirem outro fardamento sinão camisa e ceroula, sendo para registar que a tanto sacrificio chegou o heroísmo dos baianos na luta emancipadora. Vide *Couragens*. (J. Teixeira Barros. “Resumo Chronologico e Noticioso da Provincia da Bahia” — Pag. 268). Era Comandante deste bravo Batalhão o Major José de Mattos Ferreira Lucena.

Cerradão: refere A. Taunay que, nos Estados do Sul, este termo designa um extenso tracto de terras estereis. Entretanto Sud Mennucci, em “Carta” que me enviou a 2 de Fevereiro de 1920, informa que, em S. Paulo, *cerradão* não é terreno esteril, designando sim o terreno que se caracteriza pela ausencia de mananciaes e pela vegetação arbusitiva, quasi sempre o angico branco, de que se extrêe o tanino. No Nordeste, conforme a lição de Luetzelburg, assim se chama a um *campo cerrado*, de flora arborca, nconchegada, quasi apertada: é um *cerrado* mais denso, com maior coeficiente de elementos lenhosos.

Cerrado: segundo Macedo Soares é mato emaranhado, basto ou muito enredado de silvas e cipós. Caracterizando-o botanicamente, escreve Luetzelburg: é uma junção de *campos* e *campos cerrados*; o solo é vestido de relva, faltam árvores altas de troncos rectos, existindo apenas as baixas, de troncos curtos e irregulares, sendo a distancia que separa a vegetação lenhosa de 1:10, para a unidade de 100 metros. Tratando da flora amazônica, o Dr. Olympio da Fonseca cita a opinião de Adolfo Ducke que chama *cerrados* aos campos de formação remeta, caracterizados pela existencia de uma vegetação arbusitiva e elementos muito estritamente particulares e que nada tem de semelhante com os *cerrados dos grasses* (“Dic. Hist. Geog. e Ethn. do Brasil” Pag. 217). Beurepaire-Rohan escreve que se distingue o *cerrado-fechado*, quando as arvores estão mais proximas uma das outras, e o *cerrado ralo*, quando distam entre sí, de maneira que facilite o transito dos animais.

Cerrito: registado por Callage, com o significado de pequeno cêrro, ou lugar alto pedregoso.

Certidões: termo usado na região serrana de Mato Grosso, no sentido de alicerces das antigas construções que se vêem ainda nas *taperas*, as quais, em grande numero, avultam na citada região. Vimo-lo empregado à pag. 50 do volume de contos matogrossenses — “A Cavalhada” — do Dr. José de Mesquita, no seguinte passo: “E ao percorrer, sozinho, aquellas ruas tristes e

desertas, de onde parecia exhalar-se um bafo desolador de ruína, ao revêr aquellas antigas construeções, de algumas das quaes só restavam os alicerces de pedra, as *certidões*, como na sua linguagem expressiva os chamam os caipiras, mostrando a ossatura dos esteios de arceira, Juca sentiu-se mais do que nunca ligado áquellas ruínas, preso áquella grande tapera abandonada".

Cereiro: registado por A. Taunay com a significação de lugar onde se põe comiça com o fim de atrair peixes e pesca-los. C. de Figueiredo (4.^a Ed.) dicionariza este tôrmo como *brasileirismo*, dando-lhe a explicação seguinte: "lugar onde se põe ceva para a caça".

Chácara: americanismo registado por Beaurepaire-Rohan e Romaguera que nomeia quinta nas vizinhanças das cidades ou vilas. E' palavra hoje usada em quasi todo o Brasil e corresponde ao que, nos arredores da cidade do Salvador, se denomina *roça*, no Pará *rocinha*, em Pernambuco *sítio*. Diz Beaurepaire-Rohan que é palavra de origem *quichua* ou *Kecúna* como outros escrevem. No Rio Grande do Sul diz-se também *chacra* — pequena propriedade suburbana. Augusto de Saint-Hilaire em sua "Viagem ás Nascentes do rio S. Francisco (Pag. 32 do Vol. II da Ed. da Brasileira) escreveu que o tôrmo *chacara* indicava, entre os índios, as suas mesquinhas plantações, e por uma curiosa extensão, os lusobrasileiros transportaram-na a suas casas de campo mais elegantes. Em Minas, diz Nelson de Senna, designa habitação campestre ou casa em arrabalde de qualquer povoado e junto á qual ha grande quintal com plantação de arvoredos frutíferos e outras culturas de pequena lavoura de café, cana, mandioca, bananas, cereais, etc.

Chan: também grafado *chã*, apelativo que, além do seu sentido comum em portuguez, tem, no Brasil, a significação peculiar de planície elevada, *chapada*, assim usado de Alagôas n Paraíba, onde varias localidades são precedidas desse designativo, como por exemplo, Chan da Aldeia, Chan do Carpina em Pernambuco, Chan de Sapucaia em Alagôas, Chan do Moreno na Paraíba. "A *chã* da serra é um planalto de cerca de 15 kilometros de comprimento por 4 kilometros de largura". (Luciano Jacques de Moraes. "Serras e Montanhas do Nordeste". Rio. 1924. Pag. 17. — Pub. 58 da Insp. de Obras contra as Sêcas).

Chanéco: assim chamam os roceiros de Minas Gerais, segundo informa Nelson de Senna, a um terreno plano, descampado e de má qualidade, improprio para a cultura. Estudando-lhe a origem, o mesmo vocabularista acosta-se ao parecer de Couto de Magalhães para quem o vocabulo é de origem indigena — *chané* — *có* — "a vista esperta e limpa", ou também o "terreno que tem vista ou horizonte aberto, o descampado largo".

Chão parade: dição muito corrente em S. Paulo, designativa de terreno muito plano e extenso, *chaura*. Devemo-la a A. Tau-

nay, que nos deu o seguinte exemplo: "Este cafezal vai a perder de vista num *chão parado* que parece ter sido nivelado." Na nomenclatura regional das terras de S. Paulo é frequente ouvir-se as expressões: terra de *chão parado*, *terras penduradas*, estas menos apreciadas. Ainda é A. Taunay que nos informa que, em S. Paulo, dizia-se, havia quatro terras próprias para café: *massapé*, *roxa*, *salmourão* e *barrenta*. Esta é a menos apreciável por muito *sujo*, no dizer dos fazendeiros paulistas, pelo mato que cresce e insetos nela criados.

Chapada: este termo tem um amplo e vario sentido no Brasil. Nos Estados do nordeste as chapadas são planaltos com diversas vegetações, ora compostos de elementos dos agrestes, ora de carasco, da catinga, ou completamente ocupados por esta em estado puro e sêco de carater xerófilo; o seu solo é duro, coberto de relva, com árvores pequenas de troncos irregulares, com arbustos que aparecem e desaparecem com as estações. Entretanto, segundo Luetzelburg, o sertanejo nordestino compreende por *chapada toda* e qualquer planalto ou terra de elevação mediana, de fraco declive, coberto de vegetação xerófila. Assim "nas serras do Apody e do Araripe, o grande planalto entre as cidades do Bom Jesus do Rio Gurgueia e São Raymundo Nonato, as serras de arenito, completamente planas e chatas no cume, no alto rio Vasa-Barris, todas cobertas de catinga secca e legitima, são conhecidas por chapadas". Refere Rodolpho Garcia que, no Maranhão, significa qualquer planície de vegetação rasa, sem arvoredos. Macedo Soares dá como sentido geral: *esplanada no alto do morro, do monte, da serra*.

Chapadão: *chapada* muito extensa, uma serie de *chapadas*; planuras que se destacam e parecem como que desencastradas por algum cataclismo do planalto geral, no dizer de Rocha Pambo. Macedo Soares, que registou este vocabulo, escreve: *chapadas* extensas e sucessivas.

Chapadeiro: o mesmo que *caipira*, *taharêu*, *matuto*. Tratando deste vocabulo, em sua "Toponymia Geografica de origem brasílico-indígena em Minas Geraes", Nelson de Senna escreve que, em Minas, se diz *chapadeiro* o solo aspero e batido em socalcos de chapadas, frequente nos sertões do Extremo-Oeste e Noroeste mineiros. E mais: "Deste brasileirismo chapada se derivaram além de *chapadão*, mais os termos *chapadeiro* e *chapadinho*: esta vem a ser uma *chapada* pequena, pouco extensa, enquanto aquele, além da accepção já anteriormente dada, ainda constitue um designativo proprio para indicar homens, animais e plantas afeitos ou a viajar nas chapadas ou a suportar as dificuldades que entes vivos sofrem nas chapadas; e, por isso, os sertanejos de Minas qualificam *chapadeiros* o vaqueiro, a vegetação e os animais habituados ás *chapadas*".

Chape-chape: no Rio Grande do Sul, diz Callage, tem o sentido peculiar de chão duro, terreno seco e aspero; vocabulo onomatopáico.

Chapeirões: recifes à flor d'agua, que guarnecem a costa do continente a oeste dos Abrolhos (grupo de ilhas ao sul da Bahia) e deixam entre estes um canal de fácil navegação. São recifes coralinos, de formação bem fragil, que emergem em columnas e, às vezes, se dilatam na parte superior, tomando a forma de grandes chapéus de sol, donde vem o nome de *chapeirões*. Os holandeses chamavam a estes recifes — *jesuitas*. Tratando dos *chapeirões*, diz F. Raja Gabaglia, em seu citado livro: "Recifes isolados ou *chapeirões* (em inglês hat), pequenas ilhas, de forma arredondada, que lembram mais a forma de um cogumelo do que a de um grande chapéu como pareceu aos portugueses, quando os descobriram. Estes recifes apparecem apenas nos Abrolhos e nas Novas Hebridás (Oceania), onde foram recentemente descobertos. Às vezes os *chapeirões* se accumulam de modo a se soldarem, formando um vasto planalto".

Chapinha: epiteto dado pelo povo paulista aos "Guarda-civis" improvisados durante a revolução constitucionalista de S. Paulo a 9 de Julho de 1932. Viuo-lo citado no livro admirável de Menotti del Picchia "A Revolução Paulista", à pag. 161: "chapinha foi o epitheto dado aos guarda-civis compostos por cidadãos abonados na policia. A guarda-civil da capital foi organizada com os elementos melhores da nossa sociedade".

Charanga: segundo informação de Juventim Magalhães, que residiu durante algum tempo em Sena Madureira, territorio do Acre, assim chamam ali a uma navegação pequena.

Charqueada: preferimos esta grafia à de *zarqueada* que vemos frequentemente adotada, segundo a lição de Apollinario Porto Alegre, proficiente mestre gaúcho, referida por Augusto Daisson no seu opuseulo "À Margem de alguns Brasilcismos", em tre pags. 85 e 91. Porto Alegre derivava *charque*, donde *charqueada*, do *quichua* (mais comumente quichua — Candido de Figueiredo) *charki* — carne seca e desse tema diz que fizemos as seguintes palavras: "*charque* — carne secca salgada, *charqueação* — acção de charquear, *charqueada* — fazenda onde se prepara o charque, *charquear* — desfazer a carne em mantas para seccar, *charqueador* — o proprietario de charqueada ou o que desfaz a carne em charque, *charqueiro* — o preparo da carne em charque". A maioria dos dicionaristas escreve, hoje em dia, *charque*. *Charqueada*, também nomeada *saladairo*, é assim o estabelecimento onde é abatido o gado para o fabrico do *charque*, que outra coisa não é senão a carne secca salgada. É uma das mais activas industrias do Rio Grande do Sul, fundada ali por volta de 1870, segundo informa Romaguera, que fala também do *charque de vento* que é o que se pro-

para nas estancias para o consumo e consta de pedaços delgados, com pouco sal e é secado à sombra e pela ação dos ventos: não pode ser exportado por ser de pouca duração. O *charque* é chamado no norte do Brasil *carne seca*, *carne do sertão*, *jabá*. Nas Repúblicas platinas, onde é importantíssima a industria do charque, dão-lhe o nome de *tasejo*.

Charravascal: é o nome dado em Mato Grosso a certas zonas do Estado, onde cresce uma vegetação média, de cerca de três metros, de altura, muito densa e intrincada. O benemerito General Rondon definiu-o: espesso trançado de varas finas, taquarinha, gravatá: é mais fechado do que a *catinga*, de que difere pela vegetação; e é semelhante aos *espínskais* da Argentina e aos *caparraís* do Texas na America do Norte. A. J. de Sampaio, à pag. 119 da "A Flora do rio Cuminá", diz: formação arborea de pequeno porte, arvores esguias, algumas tortuosas, de casca e folhas grossas; arvores pouco distantes umas das outras, mas permitindo transitos. A proposito de *charravascal*, *chavascal*, *bamburro* e *bamburral*, diz com toda a propriedade A. J. de Sampaio, que são termos não bem definidos, a seu ver, termos genericos de formações variaveis e cuja definição terá de resultar de definições particulares das suas diversas modalidades (Livro citado, pag. 120). No Nordeste *charravascal* denomina uma especie de catinga fechada.

Chato: terreno plano, não acidentada, sinónimo de *parelho*, no Rio Grande do Sul. Registando este termo, pondera Macedo Soares: "É notavel a tendencia dos brasileiros para substantivarem os adjetivos que exprimem a qualidade caracteristica da cousa, e particularmente, sejam terrenos, sejam campos, matos, rios, etc.; e tão numerosos formigam os exemplos que podemos classifica-la entre as tendencias dialectaes do português falado no Brasil. Não é o caso certamente do emprego do adjetivo pelo substantivo: esse processo grammatical é commum a todas as linguas de que temos noticia; e nelle o adjectivo faz funcção de *terminante*. O facto que notmos é a propria conversão do adjectivo em substantivo, e sem desaparecer aquelle, vivendo ambos, um ao lado do outro, um e outro, porem, independentes".

Chavascal: o mesmo que *charravascal*, semelhante ao que se denomina em algumas zonas *bamburro* (vide estes termos). "Daguberto tomava gosto aos riscos do pastoreio, ás grandes corridas temerarias pelos taboleiros e chavascais da fazenda" (José Americo de Almeida "A Baraueira" Pag. 291). Segundo Lauro Palhano ("O Gororoba"), no rio Purús, *chavascal* é pantano trançado de raizes, alagadiço com atoleiros, cheio de vegetação. Entretanto, à pag. 41 de "Coary" de Anísio Jobim, lemos: "Poucas horas de navegação, depois de transportada a sua bacia, penetrava-se um enorme *chavascal*, por onde o rio desliza lento. Uma floresta aquatica, formada de

araparis, piranheiras, louro do igapó, munguba, ficus e clusias, agonisa e braceja, em meio a corrente preguiçosa. Os canaes multiplicam-se e subdividem-se em todas as direções, formando um estranho labirinto verde. Só o olhar do pratico, acostumado áquella floresta de frondes, de ramos, de galhos contorcidos, afogada no aguaçal, é capaz de trilhar o canal verdadeiro — a mãe do rio".

Chepe-chepe: vocabulo onomatopaico, designativo, no Maranhão, de terreno encharcado (Informação de Antonio Lopes, em carta de 18 de Março de 1923).

Chimango: alcunha generalizada no Brasil como se vai ver nas linhas abaixo. Em Pernambuco foi applicada ao partido liberal, ao partido que pugnava pela maioridade de Pedro II. partido este que recebeu também de seus adversarios, guabirús ou baronistas, o epíteto de *praieiro*. remoque este que, segundo Alfredo de Carvalho, os liberaes "a exemplo dos famosos *guez* da Neerlandia protestante do seculo XVI, arvoraram em divisa de combate". Na Bahia, por volta de 1833, e anos seguintes, no sul do Estado, o epíteto *chimango* era applicado aos exaltados pelos moderados ou *caranurús* (Braz do Amaral. "Historia da Bahia do Imperio á Republica" — Pag. 91). Em Minas Gerais, diz Nelson de Senra, assim se chamavam os liberaes, em opposição aos conservadores — *cascudos* ou *caranurús*. No Ceará, segundo o testemunho de Théberge e J. Briedo era também usada a alcunha de *chimango* por analogia com os rebeldes do Rio Grande do Sul ("Homens e Factos do Ceará"). Finalmente no Rio Grande do Sul *chimango*, que é propriamente uma ave de rapina muito comum na campanha gaúcha, foi alcunha dada pelos *maranatos* ou *federalistas* aos adeptos do partido republicano do mesmo Estado. Roque Callace *reista chimangada* — muitos *chimangos*, e acrescenta: "figuradamente, expressão pejorativa contra os que militam ao lado do governo do Estado". Ainda em livros recentes vemos a revivescencia do termo: A pag. 104 do livro de Adalberto Castello Branco — "Catandivas" (S. Paulo-1927), encontramos o seguinte periodo: "Mais do que soldados do governo e asceclas da rebelião, campeiros da autoridade constituida e espadachins de qualquer 5 de Julho — estraçalhar-se-iam *chimangos* e *maranatos*, brancos e vermelhos, republicanos e federalistas, duas ideas seculares, duas facções poderosas... numa conflagração de choques brutos".

China: nome que, no Rio Grande do Sul, se dá ás mulheres da raça indiana. Roque Callace em seu "Vocabulario Gaúcho", diz: mulher de indio; mulher de cor morena carregada; mulher pública. "Terminada a tarefa que alli o retivera seis mezes, ia livre, agora, matar saudades da *china* que deixara nos pagos" ("Quéro-Quéro" — Pag. 117). De china derivam: *chinarada*,

grande numero de chinás; *chinaredo*, o mesmo que *chinarada*; *chininha* — filha de china, caboclinha, também dita *chinóca*, *chinaquinha* (Romaguera, Callage).

Chiqueiro: no Brasil tem este vocabulo varias accepções regionais. Aquí é compartimento do curral de peixe, ali é a estacaria com que, nos rios, se detem o peixe, além é o curral para bezerras. Affonso Taunay, registando-o em seu "Lexico de La cunas" informa que, nas lavras diamantinas, designa as enseadeiras. Em certas zonas da Bahia (Municipio de Valença por ex.) significa curral de porcos.

Chirca!: vocabulo de origem araucania e quichua, segundo Romaguera Corrêa; também escrito *chircaí*, usado no Rio Grande do Sul para designar um lugar cheio de *chirca*, isto é, de uma especie de erva brava, que medra em campos de ruim qualidade (Callage). Encontramo-lo na seguinte estrofe de Piá do Sul, à pag. 103 do seu livro "Gauchadas e Gauchismos":

*"Branca estava a natureza,
Toda pintada de cal,
Arvores, pasto, chircaí,
Nanuelia manhã accesa,
Contra o frio e a tristeza.*

....."

Chirú: registado por Callage, designativo de indio, caboclo; pessoa que tem traços de indígena. Este mesmo escritor empregou-o, à pag. 19 do seu livro "Quéro-Quéro", no seguinte trecho: "Herdara do pae, — velho *chirú* meio sangue charrúa — a profissão que seguia..." E mais à pag. 40: "A constante inquietação do velho *chirú* fronteiriço, puro guasca de acção e tempera...". O feminino é *chirúa* (Callage).

Chororó: corruptela de *itororó* (Vide esta palavra).

Chovedouro: termo geral do Brasil para indicar a direção de onde vem a chuva habitualmente. Registado por Teschauer e A. Taunay que cita a seguinte frase: "O nosso chovedouro fica do lado do oeste" — Ouvimo-lo muitas vezes no interior da Bahia. Também se diz nos sertões *chovedor*: "Passamos horas e horas contemplando o *chovedor* e quaesquer pingos de chuva eram motivo de grande alegria" (Lima Figueiredo. "Terras de Matto Grosso e da Amazonia" — 1938 — Pag. 21).

Chumbeiro: designação depreciativa de português na época das lutas pela Independencia. Registado por Pereira da Costa que o abona com as seguintes frases: "Este nefando procedimento não pertence senão aos tramas dos *chumbeiros*" (O Liberal n. 19 de 1824) "Morrám todos os *chumbeiros*" (Conversa Política — 1825).

Chumbinho: alcunha dada em Minas Gerais aos portugueses. Outras alcunhas dos portugueses são registadas por Nelson de Senna, tais como *labrego*, *marôto*, *mondrongo*, *pé de chumbo*, *portuga*, etc.

Chupa: termo popular, ultimamente aparecido no Município de Belmonte (Bahia), designativo de lugar à margem do Jequitinhonha, onde a força erosiva da corrente abre uma espécie de *furo*, penetrando as águas terra a dentro até espalhar-se em brejos e baixadas, longe da margem perfurada. O fenômeno se produzia primeiramente na grande cheia de 1919, junto à fazenda Papagaio que ficou totalmente destruída; reproduziu-se depois em outras enchentes. A denominação é sugestiva pelo fato de nada passar nas proximidades dos *chupas* sem que seja tragado pelo sorvedouro da corrente: madeiros, galliadas e árvores, que vêm descendo o rio de *bubúia*, até embarcações descuidadas, são levados de roldão na impetuosidade da corrente. Os *chupas* atrem-se, em geral, em pontos de menor resistência da margem mais baixa, sobretudo do lado oposto a outeiros ou barrancos mais sólidos. Segundo o Sr. Arnaldo Viana, nosso informante, os *chupas* aparecem principalmente na margem direita.

Chupador: o Revmo. Pe. Geraldo José Pauwells em seu "Atlas Geographico Geral e Especialmente do Brasil" — 1936 — à pag. 54, regista para este termo o sentido peculiar de depressões inclinadas para leste na margem direita do braço ocidental do rio Araguaia, acima da barra do rio das Mortes. Tais depressões se enchem no tempo das cheias do rio. No Ceará o povo chama *chupadô* o remoinho que se forma nos rios. Assim é que no "Jeca-Tatú e Mané Chique-Chique" de Ildelfonso Albano, lê-se à pag. 47 da 2.^a Ed.: "Os rios caudalosos nas cheias do inverno elle transpõe de duas braçadas; contra a corrente elle nada, mesmo nos *chupadô* e no *frevô d'agua* (água espumante)".

Chupador de anta: expressão referida por Gastão Cruls em sua "A Amazônia que eu vi", pag. 327, com a significação de terreno onde ha deposito de sais naturais, sendo por isso muito procurado pelas antas e por outros animais.

Chuvão: é muito frequente este augmentativo no falar dos tabarens do nordeste, para designar a chuva grossa e prolongada. Corresponde, mais ou menos, ao *chuvirão* dos portugueses e à nossa *chuvarrada*. Descrevendo uma cena do interior paraibano, na "A Bagaceira", à pag. 202, escreveu José Americo de Almeida: "Nuvens cheias como balões. E o céu encarvoava-se. Ficava baixo, frisava pelo copado, pesava nas cabeças. Reatavam-se os dias lutosos. Outro chuvão hostil. A luz do relampago molhava-se nas cordas d'agua".

Chuva criadeira: assim designam os sertanejos da Bahia e vizinhos do norte as chuvas finas, continuadas, que molham bem

a terra, ao contrario dos violentos aguaceiros, das chuvaradas fortes que mais escorrem pelas terras do que se filtram pelas camadas permeaveis do solo, favorecendo o crescimento das plantas. A esta especie de chuva se refere Gustavo Barroso, à pag. 177 do "Tição do Inferno", no seguinte passo: "Choveu toda a primeira semana de Janeiro do anno novo. Chuva peneirada, constante, miudinha, *criadeira*". E' o a que na Venezuela chamam a *aguaceiro blanco* (Vergara Martín — Diccionario de Voces y Términos Geograficos); na Espanha *calubobos*; nas provincias de Navarra, Viscaya e Guipuzcoa — *sirimiri*; na provincia de Alava — *urbajo*; em Cuba — *chin-chin*; em Murcia *chipichape*; no Mexico — *chipichipi*.

Chuva das experiencias: termo cearense, designativo das chuvas zenitais do equinoxio (Vide a citada conferencia do Dr. Arrojado Lisboa).

Chuva de cajú: assim se chamam no Ceará às chuvas que caem em Setembro e Outubro e que servem para a maturação dos cajús, donde e seu nome. Na sabida conferencia que o Dr. Arrojado Lisboa fez sobre o "Problema das Seccas", na Biblioteca Nacional, lemos: "nem em Dezembro vêm as primeiras chuvas zenithaes ou de cajú; o matto transformou-se em feixes cinzentos de paus resequilos". A estas chuvas finas os indios chamavam *piroaba* (Rodolpho Theophilo — Historia da Secca do Ceará. Pags. 11 e 26). Segundo lemos em artigos de Honorio Silvestre e V. Corrêa Filho no "Jornal do Commercio" (8 e 15 de Julho de 1928) esta designação é conhecida em Mato Grosso. "Si não laboramos em erro, as chuvas de cajú, phenomeno desconhecido á região sulina de Mato Grosso, constituem particularidade de Cuiabá e seus arredores, onde, em verdade, annunciam o inicio da quadra chuvosa de Agosto a Setembro" (V. Corrêa Filho — Artigo cit.). Em Goiaz usam a expressão "*chuva dos cajuciros*" segundo refere Arthur Neiva à pag. 76 da sua "Vingem científica": "Em Julho ou Agosto, acontece cairem aguaceiros conhecidos sob a denominação de *chuva dos cajuciros*".

Chuva de caroço: é expressão pela qual os sertanejos designam a chuva forte (Pereira da Costa).

Chuva de manga: assim se designam em Goiaz, segundo nos informou o Prof. Alcide Jubé, os primeiros chuviscos que caem por ocasião da entrada das chuvas (Setembro, Outubro). E' nesta epoca que as mangueiras florescem. Também se diz, acrescenta o informante, *chuva de cajú*.

Chuva de rama: designação cearense das chuvas intermitentes e pouco constantes que se produzem antes de comecar a estação pluviosa. A elas se refere Thomaz Pompeu de Sousa Brasil em varios passos de seu apreciado livro "O Ceará no comecço do Seculo XX", como por exemplo, no seguinte, à pag. 121:

"São pois ordinariamente dois os tempos pluviosos no Ceará. O primeiro periodo é de cerca de 6 mezes, e denomina-se lá inverno apesar de ser um verão excessivamente quente e humido. O segundo consiste apenas na queda de algumas aguas pluvias no meio do verão, de Setembro a Novembro ou Dezembro: e são denominadas *chuvvas de rama*, porque então a vida vegetal desperta-se de subito, as arvores abroham, muitas florescem, e enfolham-se; e como seja um recurso para o criador a produção de rama nas arvores forrageiras, por esse tempo em que os prados estão talados, d'ahi tiram o nome, com que designam as chuvvas d'essa quadra".

Chuva de Santa Luzia: nome que dão os cearenses às chuvvas do equinoxio. "As primeiras chuvvas, ditas de *cajú*, são esperadas em Dezembro. Ellas transformam o sertão. Se faltam ainda, ha esperança de chuvvas em Fevereiro ou Março, sao as *chuvvas de Santa Luzia*, de equinoxio. Se faltam estas, não ha mais esperança e são pouco a pouco exgotados os recursos" (Delgado de Carvalho — "Geographia do Brasil" — 2.º vol. Pag. 299).

Chuva dos imbús: vide *cambuciras*.

Chuveiro: termo amazonense que indica chuvvas de inverno, prolongadas e copiosas. Em alguns Estados do Brasil usa-se o brasileirismo *chubarada* para designar as chuvvas fortes, as *chuvadadas* dos portuguezes.

Chuvisqueiro: brasileirismo do sul, registado por Affonso Taunay, designativo de chuvvisco forte. "Este *chuvisqueiro* acaba em *chubarada*". "Chuvviscava. E entristecia, abatia os animos, o tipo nuído e a cõr de chumbo do chuvvisqueiro, a cahir sem ruido, a cahir, pairando sobre as coisas tal qual pennugem de St. Antonio" (Manoel Mendes "Sorumba — Novella Brasileira" Pag. 30).

Cigano: palavra portuguesa, usada em geral no Brasil para designar individuos de varias procedencias e nações, que, aos grupos, pelos sertões brasileiros, de vila em vila, de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, vivem negociando, traficando, trapaceando, tornando-se, não raro, verdadeiro flagelo para as populações do interior. Refere Nelson de Senna que, em Minas Gerais, se designam *ciganos* ou *judens* quaisquer bandos de gente do oriente ou levante.

Cima: (De, em, para): locução adverbial muito em uso na Bahia e no nordeste. Assim dizem os moradores da costa ou zona beira-mar de tudo o que se refere às terras interiores, aos sertões. *Lá de cima*, quer dizer — lá do interior. Gente de cima é gente do sertão. "Ir para cima" é o mesmo que ir para terras afastadas da costa. "Os rios avolumam-se e as aguas corriam barrentas e revôltas das enxurradas de cima, das *catingas* e dos sertões". "Pensava, havia tempos, em deixar o

sertão. Aquillo lá *em cima* era muito ingrato" (Aurelio Domingues — "O Último Tyndarida" — Pags. 11 e 40).

Cincoenta: medida de superfície usada no interior da Paraíba, tendo 50 braças de cada lado, exactamente o meio alqueire paulista, ou sejam 12.100 metros quadrados. "A despesa com a cultura de uma *cincoenta* plantada com o algodoeiro, desde a *broca* ou *roçada* e *derrabada*, até a colheita, *regala* mais ou menos 62\$300" (Dias Martins. A Produção das nossas Terras. Pag. 33).

Cipoal: termo popular usado pelos agricultores da Paraíba, os quais assim designam os terrenos silico-argilosos que circundam os taboleiros do litoral e fazem a transição entre as terras puramente arenosas e as terras argilosas dos vales dos rios próximos. Segundo o agrônomo Diogenes Caldas, que nos forneceu esta informação em Carta de 3 de Fevereiro de 1932, cresce nesses terrenos uma bignoniácea de flores roseas, vulgarmente chamada cipoal, donde o nome de tais terrenos. "Logo após o taboleiro vamos encontrar os nossos preciosos *cipoacs*, superiores às terras arenosas de mais proximo do mar, planas, facilmente aráveis e apropriadas a todas as culturas acima mencionadas e até mesmo á do algodão e do milho" (Diogenes Caldas. Inspector Agricola Federal. Artigo na "A União" de João Pessoa — Parahyba - - Ed. de 13 de Janeiro de 1932).

Clarão: o mesmo que *claraira*: lugar em meio das matas, sem a vegetação exuberante das selvas, quasi sempre atapetado de gramineas e tenros arbustos. Na Bahia, chama-se também *aberta*.

Clavinoteiro: nome que era dado à réua de bandoleiros que, por volta de 1892, infestavam a zona sul do Estado da Bahia, maxime os Municipios de Belmonte e Canavieiras. Aplicava-se de preferencia ao bando de *jagunços* que, à ordem do famigerado José Alves Leão, vulgo Zéca Leão, e fazendo quartel general no arraial da Ilha Grande, a 63 quilômetros da sede do Municipio de Belmonte, espalhava o terror nas terras convizinhas. Armavam-se de clavinotes (donde o seu apelido), punhais e longos facões recurvos, popularmente chamados *rabos de galo*. Eduardo Santos Maia descreve minuciosamente as façanhas dessa malta de desordeiros em seu livro "Contos da minha Terra", Bahia, 1920.

Coaxi: segundo informa Rodolpho Theophilo, à pag. 329 do seu "O Paroara", assim se designa na Amazônia o nateiro que se forma à superfície do aguacal no tempo das enchentes, e que se agarra aos troncos e depois de seco vã e se difunde no ambiente. "Não era o calor asphixiante que mais os torturava, era a fumaça que lhes fustigava os olhos inundando-os de lagrimas; era o suor que lhes escorria de todos os poros do cor-

po assanhando os carrapatos pulgas, que se lhes enterravam na carne, o *coaxy* que lhes queimava a pelle produzindo uma comichão tão impertinente que lhes dava vontade de coçar até arrancar o couro".

Coberta de desmonte: nome que, nas zonas diamantíferas de Minas Gerais, dão á terra inutil que, de ordinario, cobre o cascalho. Referido por Felício dos Santos, á pag. 373 do seu livro citado: "Em uma vasta extensão de campo, no alto do Pagão, o gorgulho alastrava-se superficialmente sem *coberta de desmonte*, na forma de uma camada pouco espessa por cima da picarra".

Coberto: termo usado na Amazônia. Vide *campo coberto*.

Cocá: brasileirismo do norte, já registado como tal por Candido de Figueiredo (4.^a edição), o mesmo que coqueiral. "Taes vilas de palhoças só existem durante a secca; são as phenix da habitação matuta. O rio as cobre, de inverno, com metros de agua, lava todo o igapó, vae lambar os *cocacs*..." (Raymundo Lopes — "A riqueza dos palmares do Maranhão e a obra da civilização brasileira" — Artigo no "O Jornal" de 27 de Novembro de 1927). Registado também por Nelson de Senna em seu trabalho "Toponymia Geographica de Origem brasili-co-indígena em Minas Geraes" publicado na "Revista do Archivo Publico Mineiro", ano 1928, pag. 128, onde se lê: "este brasileirismo, formado popularmente, por agglutinação de *coco* mais *al*, designa o lugar de muito coco, onde são abundantes os coqueiros (o coqueiral)". Num estudo de A. J. de Sampaio, publicado no numero 6 da "Revista Nacional de Educação", a pag. 37 sob o titulo "O Babassú", vemos que no meio norte do Brasil ha florestas imensas da linda "Orbignya Martiana (B. Rodr.), chamadas *cocais*. Segundo o mesmo naturalista esta zona que abrange terras do Maranhão, Norte e Centro do Piauí, norte de Goiás e Mato Grosso, pode ser chamada *Zona dos Cocais*. Nesta zona domina o Babassú, havendo de perneio *carnaúba*s, e outros vegetais uteis.

Cocuruto: saliência de terreno; os altos de uma coxilha diz Calage; o alto da cabeça de um morro, a elevação em forma conica de alguns montes ou colinas, escreve Nelson de Senna. Registrado por Teschauer.

Coio: segundo informação do Dr. Saboya Ribeiro, clinico no sul do Estado da Bahia, assim se designa a choça ou cabana que os trabalhadores constroem no nicio das matas, compreendendo apenas um compartimento; casebre de taipa e palha; mais ou menos choupana, *capuaba*, *tijupá*, *tejupaba*. Em Candido de Figueiredo (4.^a edição) encontramos registado o termo popular *coio* com o sentido de esconderijo, abrigo de malfeteiros ou de gente suspeita, alteração de *coi*: será o *coio* do sul da Bahia uma alteração do vocabulo lusitano? Conhecemos o termo *coio*, mui-

to de uso na gíria das classes populares da Bahia, com o sentido de toleirão, sandeu, namorado infeliz e como tal, sem restringir-lhe a área de uso, registou-o A. Taunay no seu "Lexico de Lacunas".

Coiteiro: termo que, no nordeste brasileiro, tem a significação especial de individuo que dá asilo ou protege bandidos, ladrões e matadores. É vocabulo português registado em todos os Dicionários da lingua com diferente sentido: o de individuo que guarda as coutadas (também coitadas), isto é, as terras defesas, privilegiadas, os coitos. Entretanto, Aulete regista para coito o significado de refugio, asylo, homisio. No sentido nordestino de protetor de bandidos (de Lampeão e seus comparsas), é de uso corrente nos artigos de imprensa e até em notas officiais referentes ao fenómeno do banditismo. No "Comunicado Especial para "A Tarde" (Bahia), publicado na edição de 16 de Março de 1932, assim escreve o correspondente: "Quando aqui se soube que o coronel João Sá, homem influente em Geremoabo, acabava de ser acusado como "coiteiro" (registem o brasileirismo ó grammatico) de Lampeão e sua quadrilha..." E mais "Ha coiteiros, que acobertam na sua fuga os bandidos. Ha desses individuos, cúmplices habéis dos cangaceiros, que lhes fornecem armamento, informações, abrigo, e por medo ou especulação se constituem, na sombra, os intermediarios do crime. Não são dez nem vinte. São centenas, espalhados pelo sertão, na zona do banditismo, e ligados pela solidariedade invisível que sempre reinou entre os filhos de um logar açoitado pela mesma calamidade. São pelo bandido porque não ousam ser contra elle".

Coivara: termo geral do interior do Brasil, que designa amontoado de ramos que se faz nos roçados para queima-los, limpando-se bastante o terreno, afim de receber as sementes. Theodoro Sampaio deriva o vocabulo do tupi *có-y-nara* — roça no ato de queimar-se. Amadeu Amaral diz: paus meio carbonizados que restam de uma queimada e que, acrescentamos nós, se reúnem em montões para que se possam mais facilmente consumir. *Coivara* ou *coivara* a roça é juntar os ramos e gravetos que não foram reduzidos a cinzas na queimada e tornar a queima-los em diferentes fogueiras. Segundo informe de Antonio Lopes, no Maranhão, na bacia do Itapicuru, a palavra *coivara* designa também as galhadas e os troncos de árvores derrubadas pelas cheias: e que dessem rio abaixo, com perigo para a navegação.

Coivaral: derivado de coivara e empregado por Gustavo Barroso no seguinte trecho, "Toda a zona onde o fogo lavrou é um *coivaral*".

Colunar: nome que, em Mato Grosso, se dá a uma velha moeda de prata espanhola cunhada, ainda em tempos coloniais, no Paraguai. Informação de Affonso Taunay.

Colunas: nome que, em Pernambuco, por volta de 1829, denominava os membros da Sociedade Secreta — *Columna do Throno e do Altar* — os quais tinham como ideal que o Imperador governasse "sem trambolho", isto é, sem obedecer às normas constitucionais. Erão os absolutistas, os *corcundas*, que denominavam os antagonistas de *calangros*.

Comboio: além de ser empregado este vocabulo no sentido que lhe dão em Portugal, tem, no Brasil, o significado especial de tropa de cargueiros: "grupo de animais cavallares, que transportam carga" como diz Candido de Figueiredo na 4.^a edição de seu "Dicionario". Registrando-o, escreve Beaurepaire-Robin: "especie de caravana composta de bestas de carga, para o transporte de mercadorias, e a que nas provincias meridionaes chamam *tropa*. Em Mato-Grosso, Minas Geraes e Goiaz, dava-se o nome de *Comboio* a uma leva de africanos becaes". De *comboio* forma-se a palavra *combociro* que, no norte do Brasil, designa o condutor de um *comboio*. *Combociros* se dizem também os camaradas que acompanham o *comboio*.

Comedia: registrado por Teschauer, com o significado de pastagem e como tal foi empregado por Clavo Bilac, à pag. 73 do seu "Atravez do Brasil". V. Chermont informa que, no Pará, é o lugar onde caem frutos silvestres procurados pela caça, o que confirma o seguinte trecho de Ignacio Baptista de Moura, à pag. 240 de seu livro "De Belém a S. João do Araguaia": "As pacas, as cotias, os veados, etc. costumam também aproveitar as noites, sobretudo de luar, para irem á comédia. O caçador que conhece esses logares, levanta alli um giráu ou *mutá*, onde, com a maxima immobilidade, a despeito das mordiduras de insetos, espera a chegada do animal, para lhe dar o tiro certo". No mesmo sentido Gastão Cruls à pag. 327 da "A Amazonia Mysterosa".

Comedor de formiga: alcunha dada pelos santistas (filhos de Santos) aos paulistanos ou filhos da capital do Estado de S. Paulo (Cornelio Pires — "Meu Samburá" — Pag. 23).

Comércio: também *comercinho*, *rua*, termos que, no interior de alguns Estados (Minas, Bahia, Esp. Santo), os sertanejos dão aos pequenos povoados, onde se renizam feiras semanais. "Aquillo era um commercinho de sem vergonhas, dizia com enfado a Luiza" (Nestor Duarte, "Gado Humano". 1936. Pag. 78). Na Amazônia, segundo informa Raymundo Pinheiro, a palavra *comercio* designa um grande barracão localizado sempre no melhor ponto do *estirão* onde se vê um velho trapiche de madeira. "Uma especie de "lojas brasileiras" em artigos de fa-

bricação barata e secções de sêcos e molhados, pharmacia, sapataria, ferragem, etc. etc." (Carioca. N.º 106, 30-10-37).

Cometa: designação popular de caixeiro viajante. Candido de Figueiredo restringe demasiado o sentido deste brasileirismo quando informa ser cobrador viajante. "Da ultima porta sobia um panno de muro em reboco ligando a casa ao barracão de porta e janella servindo de deposito de arreios e quarto de dormir a camaradas de conetas" (João Lucio - "Bom Viver" - Pags. 29-30). Sinónimo de *alabama* (vide esta palavra). "Os cometas, assim chamados porque, de longe a longe, appareciam pela localidade, periodicamente, em tempo quasi rigorosamente determinado, eram recebidos com foguetaria e festas e a sua chegada marcava para as cidades do interior de Minas verdadeiros acontecimentos na sua historia". — (Mario d'Ilveira - "A milho e a carvão — Memórias de um cometa" — Pags. 17 e 18).

Comitiva: nome dado em Mato Grosso no grupo de trabalhadores que acompanham o extrator de poaia nas matas do grande estado. Encontramos o termo com este significado peculiar numa carta anexa ao processo 12927 do "Reajustamento Economico".

Complexo brasileiro: registado por Everardo Backheuser em seu "Glossario", onde escreve: "assim chama Branner, com accção geral, ao conjuncto de rochas e terrenos que constituem o archeano e algonkiano na America do Sul. E' formado esse complexo de granitos, eruptivas diversas, gnais, schistos muito crystalinos, etc. Toda a Serra do Mar e da Mantiqueira, prolongando-se até o Nordeste, e estendendo-se pelo interior de Minas, o planalto das Guyanas e provavelmente o planalto central brasileiro são formados das rochas que constituem esse complexo".

Comprido: termo usado na região diamantifera de Goiaz para designar a *informação* (vide esta palavra) que se alonga no leito do rio, o que torna difficil precisar a localização do diamante (Artigo de Christiano Machado na "A Informação Goyana" de Dezembro de 1928).

Concertadeira: nome que, no Municipio da Barra, à margem do S. Francisco baiano, designa "as mulheres encarregadas de escamar e eliminar dos peixes os intestinos, deixando-os limpos para abrir em manta e receber o sal moído que os conserva para o mercado". E' esta a definição que lhe dá Benedicto Propheta em seu interessante volume "O Indigena Brasileiro", à pag. 129.

Contestado: assim se denomina uma região que foi disputada pelos Estados do Paraná e Santa Catarina, a qual se tornou celebre pela campanha contra os fanaticos e bandoleiros do dito territorio, iniciada em 1912.

Continente: apelativo que desde os tempos coloniais denominava o territorio do actual Estado do Rio Grande do Sul. O Padre Geraldo Pauwells diz que este nome abrangia também os territorios

dos atuais Estados de Santa Catarina e Paraná: do Paranapanema ao Jaguarão ou até o Rio do Prata. Opinam alguns que foram os açorianos, primeiros povoadores da terra gaúcha, que lhe apuzeram este nome, talvez por oposição às ilhas de onde emigraram (Açores). Entretanto Aurelio Porto sustenta que a designação de *continente* foi aposta pelos meradores da ilha de Santa Catarina e bem assim a de *continentistas* para a sua gente (Revista do Inst. Hist. e Geographico do Rio Grande do Sul. 1931 - Pag. 172). Os republicanos rio-grandenses de 1835, diz Romaguera, com ufania, apelidavam sua terra de *continente*, o qual figura até numa quadrinha impressa num grande lenço (então em moda) e que, além das armas da república, trazia a enumeração dos combates gaúchos contra o Imperio. Eis a quadra:

*Nos angulos do continente
O pavilhão tricolor
Se divisa sustentado
Por Liberdade e valor.*

Continente de S. Pedro ou Continente de São Pedro do Sul era, em suma, o nome mais comum do Rio Grande do Sul nos tempos de colonia e primeira metade do seculo XIX.

Continentista: eram assim outrora designados os riograndenses do sul, os *gaúchos* de hoje, também chamados *guasças*: mais particularmente assim eram denominados os republicanos de 1835. A origem desta denominação talvez seja por antítese a *ilhas*, isto é, os açorianos ou colonos da ilha de Santa Catarina, que José da Silva Paes levou para o Rio Grande em 1737 (Luiz Carlos de Moraes). Sugere-nos o General Borges Fortes que o nome *continentista* dado aos gaúchos provém de se chamar primeiramente a terra — Continente de S. Pedro —, mesmo antes da chegada dos açorianos.

Contra-costa: no Brasil é expressão usada pelos marajoíras para designar a costa septentrional da ilha de Marajó. Segundo informe de Jorge Hurley a *contra-costa* vai do cabo Maguari, no Municipio de Soure, até o rio Cajuúna, extrema de Municipio de Chaves com o de Afuá.

Contratista: termo usado no sul da Bahia para designar o empregado de fazenda cacauera, ao qual o patrão entrega alguns hectares de terra, para que plante cacau e o que fôr necessario à subsistencia. Logo que surgem os primeiros frutos, o *contratista* restitue o terreno, recebendo certa importancia por árvore de cacau, que plantou (Inf. local).

Copaibal: bosque de copaibas (*copaifera officinalis*). Frequentemente empregado por Jorge Hurley em sua monografia a respeito do rio Gurupi ("Revista do Instituto Geographico e Historico do Pará — Ano de 1932 — 1.º semestre).

Copaibero: nome que, nas regiões entre Maranhão e Pará, no alto Gurupí, se dá aos extratores de óleo de copaiba — *copaifera officinalis* — *copaifera guianensis*). "As 10 horas fizemos alto numa ranchada abandonada de copalybeiros do Gurupy, á margem de um estreito regato, de aguas clarissimas, onde marcamos o kilometro 74". "As capsulas detonadas de balas de rifle foram postas nas frestas da lata pelos copaybeiros cearenses, para amedrontar os *urubús*" (Jorge Hurley — "Nos Sertões do Gurupy" — Pag. 26). Candido de Figueiredo (4.^o Edição) regista *copaibero* no sentido de "uma das arvores leguminosas, de que se extrai a copaiba".

Copé: registado por Teschauer em seu "Novo Diccionario Nacional" e antes por Macedo Soares em seus "Estudos Lexicographicos do Dialecto Brasileiro" ("Revista Brasileira" 1.^o anno. Tomo III — Rio de Janeiro), significando pequena cabana construida de madeira e palha em que habitam os guaranis. São propriamente, acrescenta este autor, ranchos provisórios, ao lado ou no meio da plantação para o indio morar, ou somente, passar a noite de vigia, enquanto não colhe a roça.

Copiar: na linguagem tabarôa ouve-se *copiá*. Assim se designa o alpendre ou varanila das casas de fazenda da Bahia no Piauí. Registam-no quasi todos os vocabularistas. O Padre C. Teschauer abona-o com citações de Olavo Bilac e Gustavo Barroso. Vicente Clermont de Miranda, em seu "Glossario Paranaense", regista-o com sentido um pouco diferente no Pará: "parte aberta da barraca ou casa rustica, a qual se compõe geralmente de um quarto todo fechado por paredes de palha ou de embarcamento, e do *copiar*; somente cercado de varas ou jussaras do parapeito ao solo. E' o vestibulo, a sala da casa indigena". Afirma ainda o mesmo autor que o vocabulo é de origem tupi, com o que concorda C. Teschauer.

Corcorana: vide *cucurana*.

Corcunda: alcunha que, nos tempos da Independencia, se dava aos partidários dos portuguezes, da monarchia absoluta e da manutenção do Reino Unido; no periodo regencial, assim se apelidavam os sequazes do partido restaurador, também chamado *caramuru*.

Corda: vocabulo usado no interior da Bahia para designar terras proximas, que se estendem na mesma direcção. Diz-se também *cordão*. Informação do venerando Dr. Filinto Bastos. Em Portugal e no Brasil, são conhecidas as expressões — *corda de montes* — *cordilheira*, *corda de ilhas*, o mesmo que enfiada de ilhas (Moraes, Aulete, Constancio).

Cordão de aningas: registado por V. Clermont, como termo marjoára, com o significado de longas faixas de aningas que, por

espaço algumas vezes de quilômetros, serpenteiam no campo baixo e nos *mondongos*, ocupando o leito dos antigos regos obstruídos.

Cordão de mato: expressão muito usada na Amazônia para designar uma longa e estreita faixa de arvoredo no campo.

Cordão de serra: designação tabarôa para a sucessão de serranias ou alturas que se prolongam em varias direções. No conto de Valdomiro Silveira — "Perto do Fogo" — lemos: "E' que eu, quando me alembro daquelles tremedades e daquelles cordões de serra, a nã que não seu mais senhor de si!"

Cordilheira: em Mato Grosso, segundo informa o comandante Pereira da Cunha, assim se designa uma extensão de mato que perlonga a *barreira* dos rios: no seu empolgante livro "Viagens e Caçadas em Matto Grosso" refere-se às *cordilheiras* que bordam as margens dos rios Paraguai e do seu afluente S. Lourenç. Virgilio Corrêa Filho em artigo no "Jornal do Commercio" de 25-3-1928, escreve: "A montante, dilatam-se os campos marginaes, de verde e ouro, como paisagem de presepe, apenas interrompidos por leves cordilheiras de matta".

Corgo: palavra usada na linguagem popular portuguesa no sentido de riacho, correço, regueiro, regueira. Com este significado é usada no Brasil, principalmente no Nordeste e em Minas Gerais segundo informa Aug. Saint-Hilaire. Designa também represa das aguas do rio cheio em estreitos vales marginaes: neste sentido ouvimo-lo no nordeste da Bahia.

Corquinho: diminutivo de *corgo*, registado por Teschauer, que o abona com o seguinte trecho de Afonso Arinos: "Ainda na beira de um corquinho lá adante, eu tirei dos A'orges um embornal com farinha".

Coringa: alcunha dada aos soldados do exercito ou á *tropa de linha*, na provincia do Ceará, meiado o seculo XIX. Referida por J. Brígido, em seus estudos historicos a respeito do Ceará.

Corisco: Candido de Figueiredo, depois de registar esta palavra com o sentido de "faísca electrica, centelha que rasga as nuvens electrizadas, sem que se oiçam trovões", alude ao significado regional — "o mesmo que pedra-de-raio. Neste sentido, é empregado pelos *tabarés* brasileiros. A respeito, escreve Alfredo Brandão, em seu livro "Viçosa de Alagôas", à pag 214: "são tambem dignos de nota os objectos de adorno: ha tempos tive occasião de ver uma linda *tombetá* de quartzo branco raiado de verde. Todos esses objectos sao pelos roceiros denominados *coriscos*, e para elles representam o esqueleto do raio, pois, segundo a creença popular, a faísca electrica é uma lasca de pedra inilamada, que nas occasiões de trovoadas cae do seio ds nuvens, e que enterrando-se no solo, numa profundidade de duas braças, vem lentamente aflorar na superficie, cinco annos depois". E'

a mesma a crendice na Bahia, com a diferença apenas do tempo em que a dita pedra volta à superfície, o qual é de 7 anos.

Corixa: também *corixo*, *coricho* e *coricho*, que Severiano da Fonseca, em sua "Viagem ao redor do Brasil", define como um filete d'agua, mais ou menos extenso de alguns quilômetros, mais ou menos largo de alguns metros, *revelhando-se a rios sem nascedouro, sem corrente, sem foz, servindo de escoadouro dos terrenos mais altos; e cita como exemplos as corixas de Santa Rita e Palmas, na fronteira de Mato Grosso.* A significação mais usual, porém, é a de canal por onde se escoam as aguas das lagoas, brejos ou varzeas, para o rio proximo. O general Rondon, em sua primeira "Conferencia", diz que *corixa* é a depressão do terreno por onde, ao entrar o estio, vasam as ultimas aguas das inundações, recolhendo-se ao leito dos rios. Augusto Leverger chama *corixos* aos escoantes por onde correm encanadas as aguas dos pantanos e vão afluir nas *bahias* ou nos rios, e outras vezes tornam a desaparecer, *dispersando-se ou infiltrando-se pelo chão; são também canais por onde se comunicam as lagoas umas com as outras ou com os rios, e acrescenta que ainda dão este nome a regatos ou ribeiros não perenes, de existência efêmera, criados pelas cheias.*

Corixão: é a *corixa* grande; Rodolpho Garcia exemplifica com o *corixão de S. Mathias* e o *corixão dos Bugres* em Mato Grosso.

Corôa: nssim se chama em geral no Brasil a um baixio, permanente ou temporario, produzido por aluviões nos estuarios e curso inferior do rio. Em alguns Estados do Nordeste, no vale do S. Francisco, os *caipiras* dizem *crôa*, *crôinha*. À pag. 136 do "Marés de Amor" de Hildebrando Lima, lemos este trecho: "Todo para mim fôra nessa viagem de um pittoresco irresistivel — as curvas tortuosas e desnorteantes, os arrozais das margens, a zoinante gritalhada das aves aquaticas nas *crôas*, as cidadellas coloniaes..." E à pag. 125: "Ouvin-se o piar rouco de um sabacú, pra os lados da *crôinha*". No Ceará denomina-se propriamente *corôa de rio*, uma certa elevação no leito, formada pelas correntezas que nrrastam aluviões nas enchentes, onde após a descida das aguas os sertanejos cultivam principalmente o fumo. Afranio Peixoto, porém, define: "Praia exposta á margem ou meio dos rios produzida pela vazante".

Corôa de rio: vide *corôa*.

Corobôca: têrmo usado em Minas e São Paulo para designar lugar deserto. Candido de Figueiredo regista-o na Quarta Edição do seu "Diccionario", dando-lhe também o significado de habitação longinqua. Exemplo do seu emprego no primeiro sentido é o seguinte trecho de Manoel Mendes em seu livro "Sorumba", à pag. 7: "As luctas seriam nas corobôcas, sem o testemunho, nem de herva rasteira, quanto mais de passaros cantores"...

Corredeira: *brasilicismo* que corresponde aos *rapides* dos franceses, aos *pontos das barqueiras* do Rio Douro (Iniciação Geographica de Domingos de Figueiredo — Pag. 51), aos *poroguis* dos russos, às *correntadas* dos hispano-americanos, às *corridas* do Sul da Bahia e às *carroiras* do noroeste da Bahia e leste de Goiaz. Designa o trecho de um rio em que as aguas, per força da maior declividade do seu leito, adquirem grande velocidade, correndo cêleres e dificultando sobremaneira a navegação. É tórmo hoje em dia usado em todo o país. Os remadores indigenas distinguem em cada corredeira três partes, a que chamam cabeça, corpo e rabo. Vale referir que os indigenas do Brasil consideravam as corredeiras entes vivos, bichos fantasticos. Assim é que de uma conferencia co Commandante Lysias Rodrigues, no "Rotary Club" do Rio de Janeiro, sob o titulo "Uma viagem pelo interior do Brasil", lemos o seguinte passo: "Ta' é a furia das aguas, que continuamente grandes embarcações são virtualmente tragadas pelas aguas, justificando a crendice popular do atrozado, mas bravo povo sertanejo, que crê ser a causa, um gigantesco animal chamado *rodeiro*, de aspecto horrivel e formas semelhantes á da *raja gigante*". Fernando Halfeld, em seu relatório sobre a exploração do S. Francisco (1852-1854), fala das suas corredeiras citando, entre outras, a do *Bezerra*, sobre a qual as aguas desenvolvem uma velocidade de seis palmos em um segundo. Já lemos em *geografos argentinos* o tórmo *corredera*.

Corredor: *tríplice accepção regional* tem este vocabulo na nomenclatura geográfica brasileira. No Nordeste, segundo lemos num registo de *brasilicrismos* de Silva Ronceiro (pseudônimo de Eugenio Lima, jornalista de Juazeiro da Bahia), assim se designa uma porção de terreno, estreito e limpo, dentro de um *capão*. Em Sta. Catarina, segundo nos informou o Pe. Geraldo Pauwells, na região do litoral, nomeia fendas nos costões rochosos da costa, de paredes paralelas, provavelmente antigos diques de basalto agora decomposto. Chamam-se *corredores* quando as fendas são muito extensas e ultrapassam a linha dos costões, e *lambôres*, quando menores, terminando no proprio costão". No Rio Grande do Sul e terras convizinhas o vocabulo *corredor* apellida a parte de uma estrada que atravessa um campo de criado, mas separada dele por cêrcas em ambos os lados. O *corredor*, escreveu Crispim Mira, "é formado pelas taipas ou muralhas que correm parallelamente ás margens da estrada, e que os fazendeiros constroem para evitar a *invasão* das suas propriedades, deixando para o viajante e para as tropas um espaço na largura de 20 a 30 metros. No Rio Grande do Sul usa-se o *alambrado*, ou cêrca de arame. Em Sta. Catarina dá-se preferencia á pedra. E tem-se, no meio dessas imensas taipas, a impressão do que seriam as velhas muralhas chinezas". Roque Callege, à pag. 11 do seu "Quéro-Quéro" escrevo: "Fo-

lizmente, o repouso é um doce intervalo aos sacrificios das longas e continuas viajadas por estradas gerzes, por coxilhas e *corredores* sem fim". E Darcy Azambuja, no seu conto "Capivara no milho", publicado no vol. VII da "Feira Literaria (Julho de 1927)": "As casas da estancia ficavam pertinho do *corredor*, um *corredor* daquelles que não se acabam, de mais leguas que voltas tem o Uruguay. Era o que havia de ruim para os tropeiros, porque, com dois ou tres dias de viagem num *corredor*, em tempo de verão, a tropa fica como polvora: por qualquer coisa estoura. E depois de disparar, coitados dos *poteiros*. . . Até a gente mesmo vac-se encosquilhando e ficando de nervos de fóra com uma caminhada assim, dentro desses brétes de arame. Porque o *corredor* não se acaba; é legua atraz de legua, subindo e descendo coxilhas, a soalheira em cima, faiscando das seis ás seis, e quanto mais se caminha, mais o caminho espicha. No primeiro dia, ainda se aguenta; no segundo, ninguem mais conversa, e no terceiro, a vontade que se tem é de picar o aramado a facão e sair campo fóra".

Correio de inverno: nome que os habitantes do centro e norte do Cariri e do litoral dão à primeira enchente do Paraíba, rio que banha o Estado do mesmo nome. Refere esta sugestiva denominação José Américo de Almeida à pag. 94 da "A Parahyba e seus problemas".

Correria: nome que, nas fronteiras brasileiro-peruanas, dão às caçadas systematicamente organizadas pelos civilizados contra os indigenas e suas familias. Vimo-lo empregado pelo Dr. João Braulino de Carvalho, médico da Comissão Brasileira de Demarcação de limites com o Perú, em seu estudo sobre os indigenas dessa região, publicado no Vol. VII, n.º 3, do "Boletim do Museu Nacional (1931)". "Os ataques dos Cachinauas (familia dos morecos) são a manifestação do mais sagrado dever do homem: a defesa da familia e da propriedade contra os cruéis organizadores de *correrias*, que geralmente são caucheiros ou apaniguados dos proprietarios de seringaes".

Corrida: nome que, no sul da Bahia, se dá ás corredeiras, trechos do curso fluvial em que a correnteza é bastante forte. Na zona das Lavras Diamantinas (Bahia), chamam-se *corridas* aos espaços abertos no terreno por onde passam as aguas em que se atira o cascalho e em cujo fundo ou leito, graças ao peso maior que o das outras pedras, vão ficando depositados o diamante e o carbonado. Infermação de Alberto Rabello, que empregou este regionalismo à pag. 36 dos seus "Contos do Norte". "Por que deixas as catas douradas de sol, onde a cantiga dos bateiros se ouve languida, e o barulho das enxadas, descengrunando o cascalho nas *corridas*, é mais sonoro que o gotejar da agua das fendas do granito?"

Corrubiana: termo de Minas Gerais, que designa um fenômeno meteorológico observado em algumas das regiões montanhosas do Estado, e que consiste na baixa demasiada da temperatura, quer no verão, quer no inverno, aparecendo então uma neblina muito densa e soprando um vento frígido da direção de sueste. A respeito da *corrubiana* escreveu Alvaro da Silveira, à pag. 20 do 1.º vol. das suas "Memórias Chorographicas": "Além dos phenomenos meteorologicos que já citei, ha ainda outro que se pode considerar como geral e que é bem conhecido em todas as nossas montanhas. Em qualquer epoca do anno elle se manifesta, apenas sendo mais commum em alguns mezes que em outros. Refiro-me ao nevoeiro denso que invade a parte alta da serra, acarretando grande baixa de temperatura e sendo acompanhado de vento mais ou meaos forte e constante. Essa cerração recebe em varios pontos de Minas o nome de *corrubiana*. Se a serra nos traz alegria quando o tempo é claro e firme, por occasião da *corrubiana* quasi nos asphixiamos em uma tristeza acabruhadora, que nos tira a ultima parcella de paciencia para supportar as vicissitudes do meio que nos cerca. O horizonte se reduz a alguns metros de raio; o ar extremamente frio e humido não nos alimenta de modo conveniente. O nosso organismo logo se resente e tem que lutar com uma especie de defluxo que, evidentemente, não nos agrada". A fenômeno mais ou menos semelhante se chama no sertão da Bahia *crubiana*, provavelmente *corruptela*.

Corruptela: no "O Brasil Tragico" de Sylvio Floreal, em varios trechos, encontramos este termo com uma significação toda peculiar à zona diamantifera do Araguaia, ou seja a de pequeno arraial, formado pelos *garimpeiros* na entrada das terras virgens onde vão em busca das pedras cintilantes. Escreve o autor citado à pag. 198: "E todos, instigados e atrahidos pela fascinação da opulencia que jazia, em bardas, no interior do sólo e no fundo das aguas, — enfebrecidos pelo sonho de felicidade que os accionava, — agruparam-se na borda do ribeirão Cassununga, affluente da margem esquerda do rio das Garças, depois denominado Garimpo Velho ou da Estrella. E ali, consorciados, improvisaram a primeira *corruptela*, o primeiro posto avançado nas entranhas do longinquo sertão, onde os diamantes, nos seus brutos aconchegos, chammejavam no silencio verde, velados pelas rondas dos indios Bororós, Chavantes e Carajás". À pag. 199: Alastradas essas levas, surgiram accleradamente trinta e duas curiosas povoações na margem esquerda e doze na direita, contando algumas dessas soffregas colonias, mais de duas mil almas. E entre os arranchementos que punham uma nota febril de vida azafamada e transitória no ambiente agreste, surgiram as *corruptelas* denominadas Cassununga, Cafelandia, Bandeirópolis e Sagrado... À pag. 205: "A vida garimpeira destes povoados bizarramente appellidados

de *corruptelas*, estrugia em fremitos de entusiasmo...". Na "A Informação Goyana" de Setembro de 1929, num artigo assignado por Wilson Horbylon em torno do Município de Rio Bonito, lemos: "Município agrícola-pastoril, rico em mineraes, inexplorado, fazendo excepção o garimpo da Balisa, ás margens araguayanãs, onde milhares de forasteiros impellidos á illusão da esperançosa sorte, aggregam-se em *corruptelas*, habitações improvisadas, compatíveis com os recursos locais". "*Corruptelas* como se chamam os pequenos *commerciós* surgidos em consequencia de maiores e mais demoradas explorações do cascalho diamantifero" (Hermano R. da Silva, "Garimpos de Matto Grosso", Pag. 125).

Cortado: diz-se de qualquer rio ou torrente que é interrompido durante a estiagem. Nessa accepção empregam o verbo em todos os seus tempos, no nordeste, na Bahia e em Minas Gerais. Os rios *cortados* apresentam apenas, de espaço a espaço, em seu leito dissecado, pequenos poços. Tratando do rio Vasa-Barris, escreveu a pena magistral de Euelydes da Cunha: "As mais das vezes *cortado*, fraccionado em ganglios estagnados, ou secco, á maneira de larga estrada poenta e tortuosa, quando cresce, *empunzinado*, nas cheias, captando as aguas selvagens que estrepitam nos pendores, volve por algumas serenas aguas barentas e revoltas, extinguindo-se logo, em esgotamento completo, vasando, como o indica o dizer portuguez, substituindo-lhe com vantagem a denominação indigena".

Côrte: termo geral que nomeia uma abertura talhada através de um morro ou serrote, afim de dar passagem a uma estrada, diminuindo ou suprimindo a rampa. Diz Rodolpho Garcia que quando ultrapassa de 20 metros é conveniente e de regra substitui-lo por um túnel.

Côrte: registado por A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas", sinónimo de *nuchirão*, *putirão*, etc. "Mandamos chamar a vizinhança toda para uma *côrte*".

Corumba: ocorre também a grafia *curumba*, perfilhada pelo sabio Rodolpho Garcia. *Corumba* é termo nordestino, designativo ora de sertanejo, *tabaréu*, *caipira*; ora de emigrante, retirante, a pessoa que desce do sertão em busca do trabalho nos engenhos, usinas ou estradas de ferro, como diz R. Garcia. Na Paraíba, diz Beaurepaire-Rohan, é o titulo depreciativo dado aos homens de baixa condição, que, a pé ou a cavallo, e maltratados, transitam pelas estradas. Pereira da Costa escreve: "Sertanejo que desce para o serviço de campo das usinas e dos engenhos. No primeiro sentido aqui exposto, empregou-o Plinio Cayalcanti em sua "Chanaan Sertaneja de Pedras", onde retracou a obra maseula de Delmiro Gouveia na *catanga* ocidental de Alagôas. A pag. 32 lemos: "Após dez dias de viagem chegamos a Piranhas, pequenina villa cintada de montanhas nuas, onde a luz

solar se armazena para coser a alma rude daquelles *corumbos indomaveis*". Sob o título de "Corumbas", Amando Fontes, talentoso literato sergipano, publicou um excelente romance, já em 3.ª Edição (1933).

Costa: registado por Beaurepaire-Rohan, que diz significar no Rio Grande (o Sul, margem), não só do mar, mas também de um rio, dando como exemplo a frase: "acampamos na costa do rio Camaquã". Cailhage escreve: qualquer das margens de um rio, arroio, etc., como costa do Santa-Maria, costa do Taquary. Em outros Estados do Sul emprega-se este termo no sentido de zona marginal de qualquer região, mata ou planície. E. de Campos, numa descrição do Município de Tibagi, diz o seguinte: "nessas costas de sertões..."

Costão: registado por Teschauer com o significado de costa desabrigada e sem enseadas, o qual comprova o seu uso com a seguinte frase de Taunay: "O mar é muito agitado no costão de Santa Cruz". A pag. 45 dos "Caiçaras" de João Phoca, lemos: "O mar de um azul puxando para verde, estava crigado. Erguia ondas enormes e vinha quebra-las, desatinado, de encontro ás pedras do costão, negras de marisco, enlambuzando-as de espuma".

Costa-abaiço: ladeira, descida do terreno, contrario a *repêcho*, subida íngreme.

Costa da serra: designação do sul do país que apelida a encosta do planalto e elevações antepostas, occupadas de preferencia pelas colonias alemãs. Informação do Prof. Pe. Geraldo Pauwells, S. J.

Costaneiras: têyno com que se designam, às vezes, no Município de Feira de Sant'Anna e seus limitrofes, as terras dos arredores, das vizinhanças. Informe do Dr. Filinto Bastos.

Costeira: serra à beiramar, tendo às vezes paredões íngremes quasi verticais, outras vezes em rampas a que chamam *itaipicás*, molhadas pelas ondas que sobem à altura de 8 a 10 metros nas ocasiões de ressaca.

Courças: apelido de uma das companhias de que se compunha o celebre Batalhão n.º 8 que pelejou a Guerra da Independencia na Bahia, sob o comando do Major Ferreira Lucena. Esta companhia foi organizada pelo Frade Carmelita José Maria do Sacramento Brayner na parochia do Pedrão (hoje do Município de Irerá — Bahia) como simples guerrilha sob o nome de "Voluntarios do Pedrão". Nos linhas do sitio da Cidade do Salvador passou a guerrilha a formar uma das Companhias do Batalhão acima alludido, recebendo de logo o seu comandante o apelido de Padre dos Couros e a Companhia o de *Courças* ou o de *Encourados do Pedrão*; é que os seus componentes se vestiam de couro, ao jeito dos vaqueiros do sertão. Nos fastos

da guerra ficaram celebres a bravura e a resistencia desses sertanejos.

Cova de anjo: expressão regional do sul da Bahia, maxime nas vizinhanças da Serra da Onça, que designa depressões de 60 a 80 centímetros de profundidade. Cita-a Gregorio Bonard na "A Exploração de Piassava no Estado da Bahia." — (Bahia 1926).

Covanca: termo usado no Rio de Janeiro para designar uma gruta descoberta (Amadeu Amaral), ou terreno cercado de morros com entrada natural de um só lado, ordinariamente o extremo de um vale ou varzea (Beaurepaire-Rohan). *Covanca* diz Nelson de Senna, vem a ser a cova grande, a cova descoberta, o vale ou gruta rasgada, na linguagem rustica dos mineiros. Nas grotas dos roçados, crescem o ilustrado polígrafo, deixam os nossos lavradores, assimada muitas vezes uma *covanca*, nos limites da propriedade plantada ou cultivada. Antigamente escrevia-se *covanqua* (nos velhos documentos coloniais).

Covoada: "Palmilhando as *covoadas* da serra de Cajueiro, em cujo sopé ficava a fazenda, José Brillante, premido pela abertura do momento, achou um ninho e uma fortaleza" escreveu Gustavo Barroso, à pag. 164 de seus "Heróicos e Bandidos". Consultando directamente o vibrante escritor a respeito da significação deste vocabulo, respondeu-nos traduzir no nordeste os restos, as encostas ou ondulações mais ou menos cobertas de vegetação das serranias. "As notas sonoras e tristes do sino subiam preguiçosamente nos ares calmos, erravam pelas grampas solitarias, e morriam nas *covoadas* da serra, áquella hora afundada nas sombras do entardecer" (Alberto Rabello "Contos do Norte" — Pag. 54). É quasi a mesma coisa que *covoás*. "Entretanto Affonso Taunay em seu "Lexico de Lacunas" informa que, em S. Paulo, significa depressão encharcada de terreno e cita a seguinte frase: "Ha muita caça de penna nas *covoadas* que o Mogy alaga quando enche". E o General Borges Fortes diz que, no R. Grande do Sul, é o vale entre duas coxilhas, nome este dado pela gente descendente dos velhos açorianos e que, retardada, ainda se encontra raramente nas proximidades de Viamão e Porto Alegre.

Coroão: termo usado na Bahia, designativo de baixada profunda e estreita. Soubemo-lo por informação local.

Coróas: dição do planalto central do Brasil, usada de preferencia em Goiaz, indicadora de montículos de altitude varia que acidentam os largos plainos. Azevedo Pimentel, que escreveu um bello trabalho a respeito dessas regiões, refere a grande quantidade desses montes originaes do chapadão central, maxime no em que serpeia o rio S. Bartolomeu, afluente do Paranaíba, da bacia platina.

Coroca: registado por Nelson de Senna, designativo, em Minas Gerais, de "terreno desmoronado, formando depressão, grotta ou cova funda, á beira de morros ou montanhas. A covoca é sempre resultante de excavações na base do morro, ou provém de erosões das aguas, chegando a provocar afundamento e depressões do solo" (Brasilianna — Julho 1927. Vol. II. Anno III.).

Covocó: termo usado da Bahia u Pernambuco, indicativo de levada por onde escorre a agua que vái dos cubos das rodas dos engenhos de açúcar movidos por força hidraulica. Na Bahia tambem se diz *cavocó* e *cobocó*; em Alagôas — *cavouco*. Moraes regista *cavocó* e define-o "caneiro ou levada, por onde despeja a agua que sahe dos cubos das rodas dos engenhos de moer as cannas de assucar, e por elle sahe ao rio ou baixa".

Coxia: pequena e pouco elevada colina que corre pelos campos, quebrando a uniformidade da planicie. Ao que sabemos é termo usado na Bahia.

Coxilha: vocabulo de giro frequente e comum no Rio Grande do Sul, que designa uma extensa e prolongada lomba, colina de longo declive e pouca altitude, coberta de vegetação herbacea, em geral rica de plantas forrageiras. Quando correm paralelas se denominam *campos dobrados*. Os colos das coxilhas, que vão ter á *canhada*, quebrada ou vale, chamam-se *descambadas*. Roque Callage define e escreve: "campos com altos e baixos, com pequenas e grandes elevações, extensões onduladas de campinas que formam grande parte do territorio rio-grandense e onde se desenvolve a actividade pastoril. No sentido figurado, *coxilha* é o Rio Grande livre, o Rio Grande tradicional, a sua vida de guerras e a sua vida de *estancias*, o trabalho campestre, em summa". E cita as palavras de Manoel do Carmo nos "Cantares de minha terra". "O termo é evocativo como poucos. Quando se diz -- *coxilhas* -- vem logo á lembrança 35, 93 e 23; as guerrilhas e as escaramuças; o minuano a cortar as carnes com o irio irresistivel; umas carretas num pouso, ao luar; um gaúcho a galopar de pala no vento; baguaes correndo ás soltas..."

Coxilhão: coxilha grande e muito acidentada. A pag. 8 do "Quêro-Quêro" de Roque Callage, lemos: "Quando subi o alto coxilhão de pedra, já proximo da estancia familiar que generosa viria depois me acolher annualmente na minha apressada quinzeza de verancio, ainda eu ouvia as aves lá embaixo, já longe, na *canhada*, gritundo, clamando quero-quero".

Criadeira: termo registado por Affonso Taunay, usado em São Paulo, na accepção de chuva miúda e prolongada. "Com esta *criadeira* as roças de milho vão dar um pulo para deante." Também se usa em outros Estados (Vide *chuva criadeira*).

- Crioulo:** nome que, no Brasil, apellida os negros nascidos no país. É de Fr. Jabotão o seguinte passo: "Era preto, natural de Pernambuco, e não podemos concluir se do país já nascidos na terra, ou vindos de Angola ou Guiné, mas só que era *crioulo*, que assim chamam aos que nascem no país". Já no século XVII se distinguia o preto nascido na Africa e o nascido no Brasil, sendo aquele conhecido por *negro da costa*, ou *mina* e este por *crioulo*. No Rio Grande do Sul, a palavra tem o sentido de natural de um determinado ponto do Estado. Callage refere a frase: "F. é *crioulo* do Município de Bagé". Certo, tal accepção é por influencia platina, pois que, nas Republicas hispano-americanas, crioulos são os descendentes de estrangeiros, não sendo americanos, nascidos na terra (Granada).
- Crissimal:** lugar em que cresce em abundancia a crissiuma que, segundo Lima Figueiredo, em seu livro "Oeste Paranaense", é uma graminca também conhecida pelo nome de taquirinha ou taquarerabó, a qual lasca de tal maneira que constitue afiadissima faca, produzindo perigosos talhos. "O trabalho rendia pouco, já pelo frio intenso que suportavamos, já pelo cerrado *crissimal*".
- Cristaleiro:** assim se designa em Minas Gerais o homem que se occupa com a exploração de cristais: é analogo ao termo *fiscador* que designa o explorador de ouro e *garimpeiro* que procura diamantes. "Estes cristais de quartzo são hoje objeto de uma pequena e unica industria, nas mãos dos fazendeiros e cristaleiros que vendem a produção por 5\$000 a 15\$000 o kilo, aos compradores de cristaes do Rio de Janeiro..." (B. A. Wendenborn — "Algumas Jazidas de Minerios de Chumbo do Estado de Minas Gerais". "Boletim do Ministerio da Agricultura" — Julho-Setembro de 1935).
- Cristão:** alcunha dada ao partido conservador em Santa Catharina em contraposição aos *judens* que eram os liberais. Segundo lemos no livro "Santa Catharina" de Oswaldo R. Cabral entre pags. 210 e 244, ao partido conservador se davam também as alcunhas de *lomeguista*, *matraca*, *alcitrão*, e ao liberal as de *batuca* e *basitico*. Isto entre 1849 e 1863.
- Crossima:** registado por Affonso Taunay, segundo informe do Dr. Edgard Ferreira Leite (de Pernambuco), com o significado de uma das partes componentes dos desvios de caminhos de ferro, em forma de V.
- Cruceira:** o mesmo que *crukiya* (Vide esta palavra). "A canõa abica no tijuco. - Aguenta! Leocicio apara a pancada, agar rando-se nos paos da ponte. — Maré tá enchendo! Ja deu a *cruceira*" (Peregrino Junior — "Pussanga" — Pag. 141 — 2.^a ed. e no Vocabulario").

Crupiara: regista-o Rodolpho Garcia como sendo o mesmo que *grupiara* (Vide este termo).

Cruviana: o mesmo que *corrubiana*, também *curviana*, *graviana*, *curviana*, (M. de Andrade), *corrupiana* (Nelson de Senna), termo usado no interior da Bahia e do Nordeste, designativo do garão, chuvisco. É fenómeno semelhante ao que, em Minas, se nomeia *corrubiana* (Vide esta palavra). O Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, auxiliar-técnico da "Comissão mixta Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do A'to Purús", chefiada por parte do Brasil, pelo imortal Euclides da Cunha, informou-nos que, na Baía do Purús (Acre), se chama também *cruviana*, a um vento frio que sopra de oeste, das bandas do Perú, cuja primeira consequência é o abaixamento brusco e violento da temperatura, algo de semelhante à friagem. Será corruptela de *peruviana*? Mario Melo, do Instituto Arqueologico de Pernambuco, informa que, em seu Estado, *cruviana* é o nome que dão ao terral, ao vento frio das madrugadas. A esse vento chamam no Ceará *garaviana*: todavia Rodolpho Theophilo (Os Brilhantes), escreveu: "Só se a gente fosse cururú para não sentir a *curviana*". No Pará, informa Jorge Hurley, também se diz *cruviana* de um vento frio "que penetra até aos ossos da gente".

Cruzo: registado por Tesebauer, de uso nos Estados do Sul, indicador de passagem, caminho obrigado no sertão. Na "Campanha do Contestado" encontra-se o seguinte passo: "Resolveu organizar quatro piquetes civis... o terceiro pelo lavrador F. L. para a vigilância dos *cruzos* dos campos do Guarda-Mór e dos passos do rio Correntes..."

Cubatões: usado no plural, significa na região oriental de S. Paulo "os pequenos merros nas vertentes, ou melhor, no sobpé das cordilheiras. É o significado popular; talvez o melhor" (Euclides da Cunha — Carta a José Verissimo em 6-9-904, publicada na "Revista da Academia Brasileira de Letras", N.º 108 — Dezembro de 1930).

Cuiabano: natural de Cuiabá, capital de Mato Grosso. Entretanto o nome *cuiabano* segundo informa Heirmano R. da Silva em seu livro "Garimpos de Mato Grosso", a pag. 116, é empregado no mesmo Estado para designar todos os seus habitantes. Ouçamo-lo neste passo: "No sul de Mato Grosso, onde a criação do gado vacum se acha grandemente intensificada, e bem assim na zona garimpeira do nordeste, o numero de naturaes do Estado é sensivelmente inferior ao numero de habitantes originados de outras unidades. Ha, em vista disso, nas citadas regiões, um certo resentimento regional contra os invasores. E estes, por sua vez, appellidaram todos os mato-grossenses de *cuiabanos* (em torno do districto de Cuiabá é que demoram as familias descendentes dos primeiros povoadores), asseverando que são rotineiros e indolentes, porisso que vão sendo assimilados pelos elementos novos das

migrações. Mas, em contraposição, os *cuíabanos* denominam os alienígenas de *pau rodado*, depreciando-os como indivíduos de maus costumes e sem valor, como que as inutilidades que são carregadas pelas enxurradas".

Cuiubira: registado por V. Chermont como sendo dição marajoára, indicativa do fenómeno observado em certos rios como o Camará e relativo à enchente da maré. Mostra-se somente nas aguas mortas. Depois de repontar a maré, enche durante 10 a 15 minutos, e recomeça a vaziar durante igual tempo, para, em seguida, encher de vez. Diz-se também *cruieira* segundo Peregrino Junior.

Cuivara: nome de *coivara* na Amazônia (Vide este termo).

Cunhênema: termo tupi que vimos empregado e definido por Henrique Jorge Hurley, à pag. 125 da "A Amazonia Cyclopica", da maneira seguinte: "aventureiros brancos ou mestiços que faziam fortuna com o braço de autóctone e viviam à custa da honra e do trabalho das mulheres selvagens". E refere o mesmo escritor que Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, quando Capitão General do Pará, baixou um rigoroso bando de repressão à pratica do *cunhênemismo*, estatuinto as seguintes penalidades: aos nobres, pena de degredo por dez annos em Angola e aos "mecanicos" (plebeus), cinco annos de galés, na cidade de Lisboa (Correspondencia dos Governadores do Pará com a Metropole, doc. n. 113, pag. 198 dos An. da Bib. e Arch. Pub. do Pará, vol. III).

Cupés: nome dado aos portuguezes, nos tempos coloniais, na capitania do Maranhão.

Cupichaua: assim denominam os incolas da fronteira brasileiro-peruana os ranchos de palha onde vivem em promiscuidade. Vimo-lo empregado por Lima Figueiredo em seu precioso livro "Limites do Brasil" — Rio, 1936, a pag. 77.

Cupira (1): termo do Brasil meridional e central, designativo de "montes de terra petrificada de varios tamanhos nos campos, com alguns buracos, onde se criam diversos insectos inclusive uma especie de formiga branca, os quaes tambêir servem para esconderijo a muitos bichos, principalmente cobras, morcegos" (Joaquim Gil Pinheiro — "Os costumes da Roça" ou as "Memorias de Mboy" — Pag. 115). Aos *cupiras* se refere o General Malan em seu trabalho "Heroes Esquecidos", publicado na "Revista Militar Brasileira", Julho a Dezembro de 1926, à pag. 376, no seguinte passo: "As rodas do auto encaixam por vezes nos fundos sulcos da velha e abandonada estrada carreteira. Empoleira-se o Ford sobre o *facão* intermedio e a tripulação tem de forcejar em arranca-lo. Precavem-se o habil conductor contra os *cupiras* insidiosamente occultos no *macegão* crescido, demorando mais a lenta marcha". Em outro numero da mesma "Revista" —

1928 — ainda fala o General Malan dos *cupins* nos seguintes termos: "Nos cerrados, nas baixadas, ora isolados, ora agrupados, produzindo de longe a phantastica impressão de ruínas de cidades mortas ou de acampamentos abandonados, erguem-se os cones dos *cupins*, zimbórios de barro, ultrapassando por vezes tres metros de altura". Aos mesmos accidentes ouvimos chamar no interior da Bahia — *cupinzeiro*. Vide este termo e mais *muru-dú* e *tucuruá*.

Cupim: (2): Em comentário a este termo registado à pag. 311 da "Onomastica", escreveu-nos Mario Melo, devotado e illustre Secretário Perpetuo do Instituto Arqueologico de Pernambuco: "No periodo agudo do movimento abolicionista, em Pernambuco, foi organizado o "Club do Cupim", cujos Estatutos tinham apenas um artigo — libertar os escravos por todos os meios. Era uma especie de maçonaria. Os *cupins* se reuniam disfarçadamente, tinham ramificações no Ceará, tinham associados nos veleiros. Furtavam os escravos, disfarçavam-os e os embarcavam para o Ceará, já então terra livre. O palacete de José Mariano era ordinariamente valhaçouto de escravos furtados pelos *cupins* e mais do uma vez foi varejado pela policia. Fulano era *cupim*, isto é, pertencia ao "Club do Cupim", era ladrão de escravos. A séde da reunião era chamada a "Panela do Cupim" e era situada no distrito dos Afflictoes no Recife, tendo hoje uma placa comemorativa com inscriçõo".

Cupinzeiro: registamos à pag. 312 da "Onomastica", o vocabulo *cupim*, definindo-o, abonando-o com duas citações, dando-lhe afinal a sinonímia — *Cupinzeiro*, que haviamos ouvido entre as gentes do sertão bahiano. Verificamos depois, no curso das nossas leituras brasileiras, que também, no sul do país, se emprega o termo *cupinzeiro*. Assim é que na Revista "Chacaras e Quintaes", de Abril de 1927, à pag. 324, lemos: "As formigas poneríneas e dorylíneas invadem habitualmente os *cupinzeiros* e fazem verdadeiras *vazias* nos *cupins*, e ha especies do genero *Camponotus*, que vivem perfeitamente bem em commun com os *cupins*, no mesmo *cupinzeiro*". Dias após encontravamos, à pag. 57 do volume de Antonio Constantino — "Este é o canto da minha terra", o seguinte passo:

*"No chão duro e esteril, sarjado
pelos sulcos das estradas antigas,
Cresceram os calombos escuros dos cupinzeiros."*

Curaca: termo que, nas cabeceiras do Purús, designa o chefe dos indios; corresponde a *tuchana* (vide esta palavra) das outras partes da Amazônia. Vimo-lo referido no "Relatorio" de Euclydes da Cunha a respeito dos serviços da "Commissão Mixta Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purús". Isto foi o que escrevemos na "Onomastica — 3.ª edição. Comentando-a, escreveu-nos H. Jorge Hurley em carta de 25 de Dezembro de

1929: "Não corresponde a *tucháua*, que equivale a *puric*, em quíchua, mas a governador de uma *huananca*, que se compõe de mil familias, pois se forma de dez *pachacas*. Na ordem respectiva, segundo Clements R. Markham, era assim dividida a organização social dos incas. — *Puric* era o pater familia dos romanos. O Rio *Xupury* é o rio do príncipe dos puricunas: de *chá*: príncipe e *puric*: chefe de familia e *cua*: plural; tudo em quíchua. Cem famílias constituíam a *pachaca*, o antigo *ayllu*. *Llacta-camayoc* era o chefe da *pachaca*, ou seja de um povo constituído por cem (100) familias. "Diez *pachacas* formaban una *huananca*, que constaba por lo tanto de mil familias y era gobernada por un jefe elegido entre los *Llacta-camayoc*. El valle o distrito entero abarcaba un numero variable de *huanancas*, llamado *kuno* sobre el cual su antigo cacique hereditario, llamado *curaca* conservaba ciertas funciones judiciales, además de estar exento de tributo". (Los Incas del Piru, "Markham", pagina 140). Quatro *kunos* ficavam sob o poder de um delegado imperial chamado *tucayrioc*: o que tudo vê. Prescott, no "La Conquista del Perú", pagina 70, referindo-se aos peruanos habitantes de Tumbes, informa: "Escucharon con suma curiosidad la delacion de sus compatriotas, y al instante comunicaron la noticia al *curaca* o gobernador del distrito"... Depois da queda dos incas, é possível que o titulo de *curaca* houvesse soffrido tao grande depreciação ao ponto de ser encontrado nas selvas do Alto Purús pelo grande Euclydes da Cunha com a mesma significação de *tucháua*. E' palavra quíchua. Grão senhor, cacique (Benigno Martinez)".

Curáu: citado à pag. 65 da "Onomastica" entre os sinônimos de caipira, tabaréu, etc. E' usado em Sergipe, conforme o registo de Beaurepaire-Rohan. Segundo informação do Dr. José Rodrigues da Costa Doria, eminente Professor das Faculdades de Medicina e de Direito da Bahia, filho do norte de Sergipe, o termo *curáu* é applicado nas margens do baixo S. Francisco aos retirantes, acrescentando: "dizem que tal nome vem dos gritos especiais dos papagaios quando atacam um milharal ou a comida em geral. Eles comem emitindo um som semelhante a *cráu*, *cráu*, e dahi chamarem os retirantes de *curáus*, porque quando chegam famintos e em bandos a uma localidade acabam os alimentos como fazem os papagaios nos milharais". Segundo o mesmo illustre informante o termo *curáu* designa no norte uma comida feita de carne salgada (carne do sertão ou do sol), pilada com farinha de mandioca. Em S. Paulo *curáu* é uma papa de milho verde feita com leite de vaca: regista-o nesta accepção Amadeu Amaral ("O Dialecto Caipira"). A. Taunay, em sua "Collectanea de Falhas" (Rio de Janeiro — 1926), à pag. 83, regista *curáu* como adjetivo empregado na região do rio das Garças (Mato Grosso), com o sentido de pacóvio, in-

dividuo inexperto, novato. O mesmo informa Hermano R. da Silva à pag. 266 de seu volume — "Garimpos de Matto Grosso".

Curcurana: termo usado no litoral da Bahia para designar alagadiços e brejos perto do mar. Soubemo-lo por informação local. Ao mesmo acidente se denomina em Pernambuco — *corcorana*. A este termo se referem Eugenio de Castro e Pereira da Costa, em seus livros citados. Este escreveu no "Vocabulário Pernambucano" o seguinte: "Bernardino de Souza regista este termo como usado no litoral do sul da Bahia, designando alagadiços e brejos perto do mar. Não tem o termo cururo entre nós; entretanto parece que já o teve, vindo dahi, naturalmente, a denominação da Povoação das Curcuranas, nas proximidades do mar, junto á povoação e praia da Boa Viagem, situada em terreno baixo, cheio de alagadiços, o notadamente uma grande lagôa com uns 18 kms. de extensão, que pelo inverno augmentando de volume se communica com o rio Jordão um pouco ao sul da povoação da Boa Viagem. Um documento official publicado no "Diário de Pernambuco" de 2 de Outubro de 1837 fala do lagoal das Curcuranas; e tratando Vital de Oliveira do riacho do Pina, no seu "Roteiro da Costa do Brasil", diz que parece ser sangradouro dos alagados das Curcuranas. O termo, que alguns antigos documentos registram com a variante de *Corcuranas*, vem, segundo Alfredo de Carvalho, mais remotamente, de *caracurana*, *caracuarana*, descobrindo-lhe assim uma origem tupy. Seja como fôr, o termo é antigo entre nós, porquanto a referida povoação já era assim denominada na primeira metade do seculo XVII".

Curi: termo amazonense, que apellida uma especie de argila de cor avermelhada, e que serve para tingir.

Curiboca: também *coriboca*. Vide *cariboca*.

Curimataí: nome de uma das regiões em que se dividem os Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, oposta á da mata ou brejo; é a região da *catinga*, apropriada para a criação do gado e deve o seu nome ao rio Curimataú que a banha. A ella se refere José Americo de Almeida, no seguinte passo: "A segunda secção da serra é a denominada *curimataú* no valle do rio do mesmo nome e *cariry* no planalto central. Já entremostre, na parte physiographica, a aspereza dessa zona de vegetação resistente. E' a ratinga de plantas espinhosas, de chiquechique, macambira, facheiro, palmatoria e corôa de frade" (Livro citado).

Curimbaba: o mesmo que *jaguço*, *capanga*, termo usado em Minas Gerais, o qual, segundo Theodoro Sampaio, é corruptela de *quircy-mbamba* — a valentia, o valor, a coragem. Segundo informa Jorge Hurley no Alto Guamá e no Alto Gurupi chamam os timbés ou timbés de *kerimbáua* ao homem valente, forte, corajoso.

Curixa: vide *corixa*. Na Bolívia se diz *curicho*.

Curizal: variedade de campo do Rio Grande do Sul que aparece na região trapeana. Refere-o o Dr. Rodolpho Simch.

Curro: registado por A. Taunay no seu "Lexico de Lacunas", com o significado de reunião de senzalas, moradia dos escravos, nas fazendas de S. Paulo. Diziam também *quadrado*.

Curso: nome que, em certos pontos do recôncavo da baía de Todos os Santos, como em Iguape (S. Paulo), designa o mesmo que *piracema* (Vide esta palavra). Vim-o registado à pag. 101 da admirável monografia do sábio Arthur Neiva — "Esboço Historico sobre a Botanica e Zoologia do Brasil": "A *piracema*, migrações já observadas pelos nossos indios, ou o *curso*, como vi chamar em Iguape aos cardumes de peixes marinhos que procuravam as proximidades das embocaduras fluviaes para a desova..."

Curumba: vide *coriomba*.

Curupéré: termo de origem tupica, usado na Amazônia, designativa de pequeno riacho ou afluente de *igarapé* central, que seca no verão. Registado por A. J. de Sampaio em "Nomes vulgares de plantas da Amazônia". Segundo informa Jorge Hurley ha no Municipio de Curuçá (Pará) um *igarapé* com esse nome, o qual não seca somente no verão, mas em todas as marés, quando estas refluem. O *curupéré* é um verdadeiro *uçatuba* — viveiro de caranguejos.

Cuseuzeiro: registado no vocabulário de Rodolpho Garcia com a acepção de pico de forma arredondada, destacado de uma *chapada*. Também se chama, segundo J. C. Branner, *morro de chapéu*. Usado nos Estados do Sul.

Cutingal: espaço onde viceja a cutinga. À pag. 52 do "Oeste Paranaense" de Lima Figueiredo, lemos: "Formando um fôfo tapete verde, com altura de cerca de cincoenta centímetros, se desenvolveia extenso *cutingal* onde vicejava a *cutinga*, especie de capim com folhas largas, que são aproveitadas pelos tropeiros para palha de cigarros".



Dada: t ermo de uso no sudoeste de S. Paulo, designativo de assalto,   mão armada, contra os bugres. Sin nimo de *batida*. Para ele, chamou nos a aten o o operosissimo Taunay em carta de 3 de Novembro de 1927. Entretanto, já o registara no seu "Lexico de Lacunas". Vimo-lo depois empregado por Hermann von Yhering, num artigo publicado no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, em que tratava do serio problema do extermnio dos indios, como sendo designativo de expedi o vingativa organizada pelos sertanejos de S. Paulo contra os Caingangas ou Coroados, caboclos bravios que sempre têm repellido qualquer contacto com os civilizados. Deste artigo são as seguintes palavras: "Em S. Paulo os bugreiros, isto  , os caadores que servem de guias na persegui o dos indigenas, são em grande parte criminosos, que muitas vezes obrigam os proprios indios Guaranis a acompanhá-los na *dada*". Registrado por Carlos Teschauer em seu "Novo Diccionario Nacional".

Dama do lago: o mesmo que *baroneza* (Vide este t rmo).

De caj  em caj : expressão muito de uso no interior da Bahia, correspondente   locu o portuguesa — de ano a ano — e oriunda do fato de s  florescerem e frutificarem os cajueiros de doze em doze meses mais ou menos.   idêntica   locu o — *de sêca a verde*, que aqui também registamos como regionalismo sertanejo da bacia do S. Francisco. "Comadre e amiga do peito, Martha s  a via de tempos em tempos, de *caj  em caj *, isto mesmo quando ia visitá-a" (Eurico Alves — "Benta" — Conto publicado na Revista baiana "A Lupa" de 15 de Novembro de 1927). Vem de molde recordar que algumas tribus indigenas contavam os anos pela frutifica o do cajueiro, pondo de cada vez uma castanha de parte.

Deixa: espaço alagado que os rios formam quando voltam ao primitivo leito após a enchente. Em Taunay, encontramos a seguinte frase: "  margem do Juquiá as *deizas* são pequenas, o terreno   em geral muito enxuto". Entretanto, já encontramos

este termo com o sentido de antigo leito do rio, álveo que foi abandonado, conservando-se, porém, claros vestígios de sua existência. Os indígenas chamavam *quera* e juntavam a esta voz o nome do rio, para designar o leito abandonado, como por exemplo — *Tietéquera*, antigo leito do Tieté. Esta informação é do insigne indianologista Theodoro Sampaio. Os giros *deira* e *deixa do rio* são de uso nos Estados do sul.

Dente de cão: nome que os mineiros, nas lavras de Minas Gerais, dão a uma qualidade de *gorgulho* (vide esta palavra) bravo, composto de pedaços de quartzo arenoso, asperos, de formas irregulares, angulosas, envolvidos em um saibro grosso, pesado e com pouca terra (Memórias do Districto Diamantino, pag. 373). A pag. 374 deste livro, escreve o Dr. Felício dos Santos: "O Pagão é uma dessas bizarras anomalias, que algumas vezes apresentam as lavras diamantinas. Nesse *gorgulho* bravo, rude, sempre pobre em outros lugares, chamado *dente de cão*, havia uma riqueza imensa".

Dependurado: termo de Goiás, citado pelo Dr. Virgílio de Mello Franco em suas "Viagens", designativo de encosta ou flanco das serras, mais ou menos desprovido de vegetação.

Derrama: vocabulo de uso no sul do Brasil, com a significação de declividade dos morros, lombada. A. Taunay escreveu: "A *derrama* desta serra se faz por meio de muito suave declive". Amadeu Amaral regista *derrame*, vertente, declive (do morro), forma esta que Mario de Andrade preferiu em seu "Macunaíma": "Varou num atmo o mar de areia do chapadão dos Parecis e por derrames e dependurados entrou na caatinga..." Os espanhóis usam *derrama* no sentido de declive da terra pelo qual corre ou pode correr a agua, applicando-se também às vertentes das montanhas (Vergara Martin).

Derribadinha: à pag. 58 da "Brasiliana" de Julho de 1927, encontramos a seguinte referencia de Nelson de Senna: "O corte, a machado ou foice, de uma pequena porção de matto é o que, em Minas, se costuma chamar de *derribadinha*, feita sempre em área limitada e era matto pobre de arvores para pormar-se um *rocinha*, resultando sempre desta, depois da colheita do milho e quando a roça vira *palhada*, um pequeno pasto ou *pastinho* de animaes. São brasileirismos moentes e correntes na linguagem da classe agricola de Minas..."

Derruba: o mesmo que *derrubada*. Segundo informa o Prof. Alcide Jubé é termo de uso em Goiás no sentido de desbravamento de matas para o plantio de cereais ou de capim, dando-se ao lugar da *derrubada*, depois de queimado e plantado, o nome de *roça*.

Derrubada: termo geral que nomeia a operação agricola que se segue à *broca* ou *roçada* ou ao *cabruçar* da mata (assim se diz

em Ilhéos — Bahia), e que consiste em abater as grandes arvores a machado afim de preparar o terreno para as plantações. Em outro sentido, é a mata cortada a machado como diz Rodolpho Garcia, para aproveitamento do terreno á agricultura. V. Chermont diz: floresta da qual os arbustos e cipós já foram cortados a terçado ou a foice, e as arvores abatidas a machado. Os *caipiras* de Minas, segundo informa Nelson de Senna, dizem *deirribada*.

Desabado: registado por Taunay, no "Lexico de Lacunas", com o significado de declividade de terrenos. "A fazenda ainda tem vinte mil pés de café num grande *desabado* muito ingreme".

Desbarrancado: dição que, em S. Paulo, indica uma cova larga que intercepta o caminho; precipicio, abismo. Em Minas Gerais os *desbarrancados*, comuns nos terrenos argilosos e xistosos, são provenientes da erosão produzida pelos intensos aguaceiros que aí reinam (Ruy de Lima e Waldemiro Potsch. "Elementos de Mineralogia e Geologia. 2.^a edição. Pag. 220). A. Taunay, em seu "Lexico de Lacunas", diz: "despenhadeiro, erosão feita pelas aguas, queda de terras". Isto mesmo verifiquei em Novembro de 1929 em Araxá, testa do Triangulo Mineiro.

Descambada: citado por Callage e Romaguera, no sentido de lugar do cêrro ou *coxilha* que faz descida para a *quebrada* ou vale. "Logo allí na *descambada* da *coxilha* encontramos a comitiva". Beaurepaire-Rohan diz: declive de uma *coxilha* ou lomba por onde se faz a descida para o vale. Também se diz *descambado*.

Descimento: vocabulo que, nos tempos coloniais, anelidava a trazida de selvícolas que eram arrisionados nos sertões brasileiros e conduzidos para o litoral, onde os sujeitavam á escravidão. É termo muito de uso entre os historiadores do Brasil colonia. O insigne mestre João Ribeiro, em sua primorosa "Historia do Brasil" (10.^a ed. Pags. 224-225), escreve: "Organizaram-se então com desusado aparato as grandes caçadas de indios, os *descimentos* a ferro e fogo de centenas e milhares de escravos que, arrancados á liberdade nativa, em grande parte desanareciam pela morte voluntarin ou se manchavam em vinganças sanguinolentas quando escanos aos mercados de S. Paulo e Rio". Ignacio Baptista de Moura, à pag. 50 do seu livro "De Belém a S. João do Aracuaia", escreve: "Os descimentos dos indios nodiam ser de dois modos: o primeiro voluntariamente, indo os missionarios no sertão persuadil-os da conveniencia de viverem com gente civilizada; o segundo, por meio de coacção obrigando-os por força e medo — a acceptarem esta conveniencia que lhes repugnava".

De sêca a verde: expressão que, no falar corrente dos sertanejos do vale do S. Francisco (Bahia), é usada para assinalar o ano

inteiro. É este giro de admirável propriedade, por isso que os filhos dessas paragens não conhecem, por dizê-lo, as estações pelos nomes de verão e inverno, mas tão somente o período da estiagem — a seca e o das águas ou chuvas — o verde. Algo que recorda a divisão do ano entre os egípcios antigos, regulada pelo Nilo sagrado, em tres periodos: inundação, sementeira e colheita. Devemos o registo da sugestiva locução ao informe do Dr. Otto Philocreon.

Descoberto: nos distritos auríferos, refere Rodolpho Garcia, significa lugar onde se descobriu ouro e se estabeleceu serviço de mineração. “O Regimento das Minas” dizia “achada do ouro onde não existisse concessão ou cata aberta”. O Distrito do Descoberto do Município de S. João Nepomuceno recorda a designação do “Regimento”. A pag. 3 das “Memorias do Distrito Diamantino”, lemos: “Corre a noticia do *descoberto*. Chegam outros aventureiros da Condição e circunvisinhanças. O terreno é vasto e promete accomodar a todos; por isso não apparecem dissensões e rivalidades. A população vae se augmentando, levantam-se alguns colmados ou ranchos, e o lugar em breve offerece o aspecto de um pequeno arraial”. Macedo Soares, em seus “Estudos Lexicographicos”, publicades no Tomo VI da “Revista Brasileira”, regista a frase *ir ao descoberto*, isto é, invadir o sertão para descobrir minas de ouro e de esmeraldas, ou captivar indios, ou para uma e outra cousa ao mesmo tempo: a volta do *descoberto* era o *descimento*. E no “Manual do Guarda-Mór”, composto por Manoel José Pires da Silva Pontes, que foi publicado na “Revista do Archivo Publico Mineiro” — (Anno VII — Janeiro a Junho de 1902 — Pag. 360), encontramos o seguinte conceito: “*Descoberto*, segundo alguns juriconsultos, é grande copia de ouro descoberto em terras, que nunca foram possuidas, nem examinadas, nem concedidas, e que de novo se examinam e depois se repartem, como bem inculca o Cap. V do Regimento de 1702 e se depreheende dos Caps. 13, 18 e 20”.

Descobertiero: espanholismo de uso no oeste do Paraná, nas lindas do Paraguai, designativo de sertanejo que se dedica à descoberta das minas (lugares abundantes em erva mate). É, segundo Romario Martins, de quem transcrevemos o conceito supra, um individuo estimado pela sua qualidade intuitiva de farejador de heróis, habilidade pouco comum.

Desperdicio: terra extraida dos cortes das estradas e não aproveitada nos aterros correspondentes. O mesmo que *extravio*: dizem também *esperdicio*.

Despontar cabeceiras: locução brasileira, diz Teschauer, em seu “Novo Diccionario Nacional”, que significa contornar as cabeceiras dos rios, procurando sempre terreno enxuto. O venerando vocabularista abona-o com uma citação do Visconde de

Taunay em seu livro "Céus e Terras". Em Goiás, segundo informe do Prof. Alcide Jubé, também se emprega no sentido de voltear uma mata que não dá passagem pelo centro. Candido de Figueiredo regista-a no primeiro sentido (4.^a edição): "passar além das pontas ou extremidades superiores de um rio". Também a registou o Diccionario de Brasileirismos da Academia Brasileira de Letras.

Dia-santo: termo da Amazônia Ocidental; o mesmo que *manro do rio* (Vide esta expressão).

Dobrada: Valdoniro Silveira informa que assim se chama ao lugar em que, do alto de um morro, monte ou espigão, se começa a descer. Candido de Figueiredo regista o termo como brasileirismo no sentido de ondulação de terreno, quebrada. Jorge Guimarães Dauphís na "Revista de Filologia Portuguesa", N.^o 14, pag. 153, contesta e, em seu abono, cita a seguinte frase de Fr. Luiz de Souza, na "Historia de S. Domingos", Tomo I, pag. 125, Ed. de 1767: — "a catorze léguas de Lisboa, pelo Tejo acima, em cabo de terras dobradas e montuosas..." O exemplo do venerado classico não se ajusta ao termo *dobrada*, no sentido em que o empregamos no Brasil, e sim a *dobrado* (Vide abaixo).

Dobrado: termo mato-grossense, também peculiar aos Estados do sul, com o sentido de terreno acidentado, cheio de altos e baixos, de morros e vales, campo de lombas e baixas. Aqui é que tem todo o cabimento o reparo de Jorge Guimarães Dauphís, com a diferença apenas de que Fr. Luiz de Souza o empregou no feminino e como adjetivo. No sul do Brasil e em Mato-Grosso, usam-no frequentemente como substantivo.

Donz-branca: nome pitoresco que, em S. Paulo, dão à geada. Registando-o, Taunay o abona com a seguinte frase: "Estas terras estão livres de *dona branca*". Provavelmente é esta a geada branca a que se refere Henrique Morize à pag. 47 da sua "Contribuição ao Estudo do Clima do Brasil": "Essa geada é geralmente a denominada *branca*, que se produz mesmo quando o ar se acha numa temperatura superior a zero. Em noites claras e sem vento, o sólo e as plantas de pequena altura, devido a seu grande poder emissivo, se resfriam muito mais que a massa de ar que lhes fica superposta, e chegam a ter temperatura abaixo de zero, donde resulta condensar-se nelles, em estado de gelo crystallino, a humidade do ar. A geada *negra* resulta de fícar a massa de ar, que cerca as plantas em espessura consideravel em temperatura inferior a zero por maior prazo, o que occasiona a congelação da seiva das plantas. A geada *negra*, naturalmente mais rara, não deve existir numa zona destinada á cultura do café; no limite austral das regiões em que este é cultivado, ella pôde surgir em occasião da passagem de uma forte onda de frio, e então ou o café mor-

re, ou pelo menos sua vegetação fica grandemente prejudicada por muito tempo".

Drias: também *driade*, nome adotado por von Martius para designar uma das subdivisões fitogeográficas do Brasil, a que abrange a região das florestas tropicais do Brasil oriental. O Dr. Olympio da Fonseca que escreveu o capítulo relativo à "Flora" para o "Dicionário Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil", comemorativo do primeiro centenario da Independência, mostra, em sua brilhante síntese, as modificações e as criticas que têm sido feitas à classificação de von Martius, sobretudo graças aos trabalhos posteriores de Engler, Drude e Lindmann.

Dunga: vocabulo de origem africana que, no Ceará, segundo Leonardo Motta ("Os Cantadores"), significa maioral, chefe, cabeça. Já em Pernambuco, segundo Beaurepaire-Rohan, tem o sentido de valentão. No Pará diz-se *donga*.

Durasnal: dição rio-grandense do sul, que indica mato composto de pessegueiros, ou, como diz Romaguera, lugar no mato, onde, em estado silvestre, ha muitos pés de pêssegos. Deriva do castelhano — *durasno* — pêssego. Beaurepaire-Rohan diz que é o pomar de pessegueiro abandonado e reduzido ao estado silvestre. A pag. 37 da "Alma Barbara" de Alcides Maya, lemos: "Aquella porteira, aquella peça d'agua, aquelle *durasnal* na volta da Cruz, cujos pecegos, mesmo a cavallo, firmando-se nos estribos, elle, de passagem, colhia, para os saborear estrada fóra".

Duro: designativo de lugar arenoso e submerso que contrasta com o fundo lamacento que o envolve. Exemplo: o duro do Boqueirão. Termo ouvido por Arthur Neiva dos pescadores da ilha do Bom Jesus (Bahia, 1935).

E

Emboaba: também *imbuava* e *boaba*, nome que, nos tempos coloniais, principalmente na região das minas, era dado pelos descendentes dos bandeirantes paulistas, nos portugueses que entravam no sertão em procura de minas de ouro e pedras valiosas. *Emboaba* era uma alcunha nativista, até pejorativa, como outras que apareceram para a designação dos reinóis, no período colonial, em varias partes do Brasil: *capês* no Maranhão, *mascates* em Pernambuco, *pês-de-chumbo* e *marinheiros* de Pernambuco a Bahia, *noratos* no extremo sul, *galegos* em todo o Brasil. A origem etimologica do vocabulo é diferentemente interpretada pelos competentes: Theodoro Sampaio diz que o termo admite varios interpretações, sendo provavel ter vindo de uma simples corruptela de *amboaba* ou *amboaba*. E mais à pag. 134 da 2.ª edição do seu "O Tupy na Geographia Nacional": "Este nome que se tornou celebre na historia do descobrimento das minas, designando com um cunho nativista o elemento estrangeiro que affluia numerozo dos portos do litoral para disputar aos paulistas o ouro por elles descoberto em Minas, não exprime, de facto, senão o despeito do nacional contra o forasteiro. Dizer — *guerra dos emboabas* — vale o mesmo que dizer — *guerra contra o estrangeiro* ou *o intruso*. Outra hypothese admissivel e a que faz derivar o nome *emboaba* do tupi — *mbóaba*, de que se fez por corruptela *boaba* e significa *vestido*, *coberto*, em allusão a se apresentarem os portugueses ou estrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os reptis". Outros dizem que *boaba* quer dizer, na lingua dos indios, galinha ou galo de pernas cobertas de penas, ou calçados; e porque, no tempo da *guerra dos emboabas*, principio do seculo XVIII, os forasteiros usavam calções chamados de rôlo, e descidos estes cobriam a maior parte das pernas, chamavam-nos por este motivo — *boabas*, ou para melhor dizer — pintos calçados. Outra hypothese admissivel, diz Nelson de Senna, seria a de deriva-lo de *m'boy-aba*, literalmente o *homem-cobra* — allusão ao uso dos reinóis andarem vestidos de calções listados ou per-

neiras escamosas de couro crú. Além de imbuava e boaba, encontram-se as grafias *imboaba*, *emboava*, *tuava*.

Emburrado: registado por Afranio Peixoto, com a significação de lugar pedregoso, de muitos e grandes pedrouços rolados e descobertos. Emprega-o o notável escritor em passos da "Bugriinha": "Saltando de pedra em pedra desse emburrado"; "O emburrado da gruta" (Pags. 260 e 266). O Eng.^o Macambyra Monte-Flores, grande conhecedor das "Lavras Diamantinas" (Bahia), define: aglomeração de barras ou blocos rochosos. Com o mesmo sentido emprega em Mato Grosso: "Homens acalentados pelo ideal das riquezas honestas, arrancando de um moirerjar rudíssimo o conforto com que a opulência ameniza as exigências do viver, desmorenam os montes, deslocam os emburrados, removem as pedras, desmontam as serras, deslocam as matas, escavam os vales, e vão buscar sobre a piçarra, nos leitos do cascalho fino, onde dominam, as pedras preciosas que engalanam os senhores da fortuna (Otavio Cunha — "Terras do deslumbramento" — Revista do Centro Mattogrossense de Letras — Janeiro a Junho de 1930 — Pag. 91). A. Taunay regista como *informação* de diamante (Collectanea de Falhas).

Emburizal: terreno cheio da palmeira buri ou emburi (também imburi, guri, guriri), dita coqueiro da praia e que vegeta principalmente de Alagoas até o Rio de Janeiro (Pío Correia — "Diccionario das Plantas uteis do Brasil").

Emparedado: regionalismo baiano, designativo de *talhado*, garganta, entre rochas a pique, em que, nua raro, atravessam rios e se estreitam *grotas*. "Desde o lugar denominado Passagem das Piobas, estrada do Mucugê, sobe-se ás serras, passando-se por talhados gigantescos, denominados — *emparedados*, de onde se descortinam horizontes imensos, paisagens lindíssimas e mappas extraordinarias de mattas longinquas" — (Gonçalo de Athayde Pereira — "Memoria Historica e Descriptiva do Municipio de S. João do Paraguassú" Pag. 9). "O Paraguassú das Lavras é um curso d'agua irregular, tortuoso, que corre em grande parte entre rochas escarpadas, atravessando gargantas ou *emparedados*, no dizer local, com fortes declividades assinaladas na perpendicular dos saltos ou na ladeira das *corridas*". (Bernardino de Souza — "Geografia da Bahia" — Inédita).

Emprestimo: registado no vocabulário de Rodolpho Garcia com o significado de *escavação* praticada à margem das vias-ferreas ou de rodagem, para obtenção da terra necessaria aos atêrros, quando a dos côrtes é insufficiente, isto é, quando não se dá a compensação. O termo técnico inglês é *side-cutting*. É d'ção geral no Brasil.

Encanado: o mesmo que *apertado*, *estrcito*, *angustura*, termos esses com que o povo designa trechos de um rio em que a sua lar-

gura normal se reduz de repente até a um decimo e menos. Vide os sinônimos, principalmente *estrito*.

Encaraçada: empregado por Taunay no sentido de certa qualidade de terra rôxa abundante em conglomerados. Termo do sul do Brasil.

Encerra: registado por Candido de Figueiredo, como brasileirismo que apelida curral ao ar livre; malhada. Acrescenta o douto filólogo que, no sul do Brasil, se diz encerra o acto de recolher o gado ao curral. "Nos asperos invernos, com rajadas de minuanos soprando pelos campos desabrigados, a saudade acordava na alma inquieta do caboclo lembranças da agitação intensa dos dias de morno estio de sealheira, ouvindo o estrepido das tropas tocadas para a encerra e de onde depois sahiam para o golpe certo do desmucador" (Roque Gallege - "Quéro-Quéro". Pag. 67).

Encontro d'agua: expressão do Pará, que significa ponto onde se reúnem, num furo determinado, as correntezas de maré do Amazonas e do estuario do Pará. Rodolpho Garcia, que a regista, acrescenta que são zonas mais ou menos extensas por causa do nível variavel das aguas.

Encosto: segundo Henrique Silva, grande conhecedor do Brasil Central, em artigo publicado na "A Informação Goyana" de 15 de Março de 1918, esta palavra é usada em todo o interior do Brasil no sentido de lingua de campo cercado de matos e brejo, apenas com uma entrada, ou alguma varzea nas mesmas condições. Assim com este significado conhecemos o vocabulo no sertão do nosso nascimento. Usa-se em Mato Grosso com a significação de pedaço de campo conveniente à pastagem dos animais durante alguns dias. À pag. 100 da "Rondonia" de Roquette Pinto, lemos: "Cada vez que se chega ao pouso, mais que depressa, procuram os tropeiros um bom encosto. No livro de Rodolpho von Yhering - "Da Vida dos Peixes" (1929), à pag. 90, encontramos a referencia deste tórmo com outro sentido ou seja, o do lugar onde a agua do rio se empoça nas margens. "À tarde o pescador desce o rio e escolhe os sitios mais favoraveis para armar a rede, da qual uma ponta fica amarrada a um galho de arvore da ribanceira, ao passo que a outra extremidade acompanha o andar das aguas, formando assim um angulo agudo com a margem. Os melhores lugares são os remansos ou encostos principalmente, onde a agua, depois de descrever círculos, se empoça. Encosto é, como se vê, remanso, "tambem criadouro dos ovos dos peixes na rodada de piracema". Sud Mennucci informou-nos que, em Piracicaba (S. Paulo), assim se diz do terreno afastado da parte urbana que servia para o despejo do lixo da cidade - logo montureira.

Encosto de gado: tórmo marnjoára que significa logradouro, pastagem frequentada pelo gado numa estação. V. Obermont ci-

ta a seguinte frase: "O Muruchituba é o encosto do gado dos Tres Irmãos e da Tapera durante o verão".

Enfusca: termo usado no nordeste para designar esconderijo, *cafundó*. Empregou-o Pedro Baptista no seu livro "Cangaceiros do Nordeste" (1929), à pag. 136: "Bem sabe que moça que foge é como rez quando tem *caborgo* (mandinga, artimanha); pode voltar ao curral, mas, deixar de se amocambar, esquecer a *enfusca*, isso não! Não esquece". Em português ha o verbo enfuscar — tornar fusco; tornar escuro; ofuscar.

Engenho: com este nome se designam no Brasil dois estabelecimentos agricolas. (1.º) Nas zonas açucareiras assim se chama, desde os primeiros anos da colonização, a um estabelecimento destinado à cultura da cana e à sua moagem para a fabricação do açúcar, distinguindo-se varias especies, segundo a força motriz, como sejam — engenho dagua, engenho de boi, engenho de cavallo, engenho de bestas, engenho de maquina ou a vapor. Os *engenhos de açúcar* são de duas classes: os modernos, chamados *usinas* e os antigos, de sistema colonial, chamados *bangués*. (Vide este termo). O decreto 24.749 de 14 de Julho de 1934, que estabeleceu normas para o açúcar produzido em engenhos, reza no § unico do Art. 1.º: "Entende-se por engenho toda e qualquer fabrica de açúcar que não possue turbina nem vacuo; e por *usina* a que dispuser de um ou outro desses aparelhos, ou de ambos. Em verdade, a palavra engenho é mais empregada para designar os do sistema antigo, os *bangués*. E vale recordar a preferencia neste grupo dada pelos senhores antigos aos engenhos dagua, dos quais repetia um velho brocardo: "engenho de maquina — de quem dinheiro tem; engenho de animal — de quem geito não tem; engenho dagua — de quem Deus quer bem". Nos tempos coloniais, segundo informa Antonil em sua "Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas e minas (Ed. A. Taunay), dos engenhos uns se chamam *reais* e outros inferiores vulgarmente *engenhocas*, sendo que os primeiros tinham a "realza de moerem com agua", possuindo "todas as partes, de que se compoem e todas as officinas perfectas, cheias de grande numero de escravos, com muitos canaviaes proprios e outros obrigados à moenda". Todos eram, porém, o *doce inferno* a que se refere o grande Vieira. Leia-se a descrição dos quadros e costumes da "Vida do Engenho" no norte do pais, modernamente, no livro de Alfredo Brandão — "Viçosa de Alagoas, entre as pags. 215 e 231. — No linguajar nordestino são comuns as expressões *engenho moente e corrente*, para designar o engenho que mõe; *engenho de fogo morto*, o que se acha parado, que não safreja. (2.º) Nas regiões *cruteiras* chama-se *engenho* ao estabelecimento destinado ao beneficiamento da erva mate. Romario Martins diz apenas: *usina mecanica onde se beneficia a herva mate e engenheiro* se denomina o proprietario da usina. E à pag. 202 de seu "Ilex-

Mate diz: "O beneficiamento do Mate nos engenhos é, pois, um procedimento industrial tão indispensavel como os processos que o precedem nos hervaes. E' elle que dá importancia commercial ao producto, expurgando-o das imperfeições do preparo inicial (nos hervaes), dividindo-o em typos commerciaes distinctos e collocando-o em condições de durabilidade e de apresentação com que entra para o consumo nos centros civilizados. Todo esse trabalho é agora realizado por aparelhos e maquinas, donde vem aos estabelecimentos que o realizam, a denominação de *engenhos*".

Engenho de serra: designação vulgar das serrarias de madeiras no Rio Grande do Sul. Vimo-lo empregado em varios laudos de avaliação de propriedades enviados à Camara de Reajustamento Economico.

Engenhôra: o mesmo que *barazé*, ou melhor *banquê* pequeno, destinado à fabricação de açúcar, sobretudo de rapadura. E' termo usado no norte do país, já referido por Antonio nos tempos coloniais, como applicado aos engenhos que móem com cavalos e bois. A estes se dava o nome de *trapiches* (Dialogos das Grandezas do Brasil. Pag. 137. Ed. Acad. de Letras).

Engrunção: termo usado nos sertões da Bahia para designar o trecho subterraneo de um rio. Informação local.

Engrunado: o mesmo que *gruna* (Vide este termo). Encontramo-lo à pag. 53 dos "Contos do Norte" de Alberto Rabello no seguinte passo: "O correjo do Canabão, empessado, arrastava areias e *brágalhas*, cada vez mais furioso, e levantando o lombo escuro mergulhava pela bocca do *engrunado* como uma enorme gibóia que por alli se escondesse".

Enseada: além da significação commum na lingua portugueza — reintrancia do mar em linha curva — é este vocabulo empregado em sentidos diferentes: os marajoáras assim denominam uma área de campo entre dois *igrapés* ou numa *volta* de rio, quasi naturalmente cercada, orlada de mato e fechada por todos os lados, menos um (V. Chermont e R. Garcia); os goianos do Tocantina dão este nome às margens sombrias dos correjos e rios (Benedicto Propheta, em "Igapitanga", pag. 31); no Maranhão, segundo Raymundo Lopes, é a entrada de campo inundavel (Vol. 42 do Boletim do Ministerio do Trabalho, Industria e Comercio).

Entaipaba: também *entaipava*, o mesmo que *itaipara*. Severiano da Fonseca, que escreve *entaipaba*, informa que, em Mato Grosso, designa uma pequena queda d'agua. O termo *itaipara* é mais comum no Norte. A proposito escreveu-nas Pardiá Calogeras: "Em linguagem de mineração nunca achei o termo como significando queda d'agua. Nos velhos escritores sobre industria diamantina, a *itaipara* se diz de uma loca do rio, abaixo d'agua e geralmente aprofundando-se no terreno, na qual o cascalho se achava acumulado".

Entradas: vide *bandeira*. As *entradas* eram, nos tempos coloniais, as expedições organizadas pelos governadores ou prepostos da coroa portuguesa para a exploração do sertão brasileiro, em busca de riquezas minerais ou na batida dos selvagens para escravizal-os. Na terminologia atual, a tendência é dar-se ao movimento da penetração no interior do Brasil o nome generico de *bandeirismo* e às expedições o de *bandeiras*. Vale, porém, distinguir *entradas* e *bandeiras*, e a lição de Basílio de Magalhães é de todo o ponto recomendavel. Metodizando o assunto de sua "Memoria" apresentada ao "Primeiro Congresso de Historia Nacional", sob o título "Expansão Geographica do Brasil até fins do Seculo XVII", à pag. 32, escreveu o douto professor: "Para que bem se comprehenda e methodize o assumpto complexo da nossa these, vamos desenvolvê-lo em cinco capitulos: — no primeiro, estudaremos o *cyclo das entradas*, isto é, o cyclo official da expansão geographica operada quasi toda dentro da linha de Tordesillas, nas tentativas de descobrimento de riquezas mineraes e de conquista da terra aos selvagens, seus dynos primitivos e legitimos, cyclo esse que teve por theatro a zona littoranea e por epoca a que se estende de 1504 a 1696; no segundo, examinaremos o *cyclo das bandeiras* — isto é, o cyclo espontaneo da expansão geographica, realizada quasi toda a'ém da linha de Tordesillas, o qual teve por origem e scenario o interior, desbravando-o, revelando-lhe as portentosas opulencias e, finalmente, occupando-o, no espaço de tempo que vae de meados do seculo XVI até o seculo XVIII...". No Capitulo V da mesma "Memoria" ainda insiste o ilustrado historiador na distincção supra.

Entreveiro: escrito por alguns *entreveiro*, registado por Beaupaire-Rohan, Romaguera Corrêa. Candido de Figueiredo (4.^a edição). Romaguera escreve: "mistura, desordem, confusão de pessoas, animaes ou objectos. Diz-se que em combate houve *entreveiro*, quando dois ou mais corpos ou quaesquer forças beligerantes de um lado, no ardor do combate, se misturaram, se confundiram, pelejando sem ordem ou disciplina, com outras do lado inimigo. Geralmente o *entreveiro* se dá entre forças de cavallaria; porém, tambem se applica em referencia á infantaria. E' este vocabulo castelhano tão significativo, com tanta propriedade para indicar esse tremendo choque de corpos beligerantes, que não temos mesmo em portuguez uma palavra que possa substitui-lo ou que lhe sirva de correspondente". No "Quêro-Quêro" de Roque Callage, à pag. 65, lemos o seguinte passo: "Era seu prazer e, mais do que isso, era o seu destino, estar ao lado da pauchoda sacudida, sentindo o relincho da cavallada, o péga-péga das correrias, as façanhas perigosas dos *entreveiros*..." "Não podia ser emboscada: só estupidos prefeririam um *entreveiro* dentro de casa a uma descarga protegida, abrangendo em massa os assaltantes" (Alcides Maya — "Alma Barbara" — Pag. 54).

Enxadaíro: termo usado em S. Paulo e Minas Gerais, e também no Nordeste, designativo de trabalhador de enxada nas roças e plantios. Dele usou Affonso Arinos no seguinte passo do "Pelo Sertão", à pag. 105: "Uma mancha de um verde tenro denuncia as terras cultivadas e as plantações. Vamo-nos acercando e descobrimos lá, curvados sobre a terra fecunda, uma fila de *enxadaíros*".

Esbarrancado: termo goiano, o qual segundo Rodolpho Garcia que o registou, nomeia vale ou quebrada, produzido pela erosão das aguas pluviais. Também se diz em Minas Gerais e no proprio Goiás — *esbarrancada* e *desbarrancado*, como vemos usado por Virgilio de Mello Franco em suas "Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz".

Escalvado: pastagem entre dois aningais ou pirizais, coberta de bom capim e constituindo excelente pascigo. Seu solo quasi não atola, nem durante a cheia fica submerso a mais de 15 a 20 centímetros. E' nas grandes baixas das *marédoes* que se encontram os *escalvados*. V. Chermont, de quem transcrevemos as linhas acima, diz ainda que o *escalvado* do Jutahy, que fica ao sul do *teso* do mesmo nome, é o mais extenso que existe na ilha de Marajó e só quasi coberto de *andrequicé* (variedade de graminea).

Escondido: no sul da Bahia é empregado no mesmo sentido de *itararé*, termo paulista, de *sumidouro*, dição mineira e de *grunado*, giro bahiano da zona das Lavras Diamantinas, isto é, de curso subterraneo das aguas de um rio através de rochas calcareas.

Escuroão: brasileirismo dos sertões, designativo de fim de crepusculo da tarde. "Então que tem? perguntou Pereira adiantando-se e alcançando a vez. Deixou algum trem? Daqui a pouco é *escuroão*" (Visconde de Taunay — "Innocencia". Pag. 166 da 15.^a Edição Brasileira).

Esmeril: brasileirismo mais de uso no sul do país, empregado por Taunay e constante da coletânea de nomes geográficos de Rodolpho Garcia, o qual significa: óxido de ferro proveniente da decomposição das terras rãs e que tem a apparencia de uma areia negra. O *esmeril* em abundancia é um ótimo sinal de fertilidade (Taunay). A. Taunay ainda regista o termo como designativo de um minerio de ferro nas lavras de diamantes, e Antonio Lopes informa que, no Maranhão, designa a lama ou vasa que cobre a beira dos mangais e *igarapés* da costa e os bancos dos estuários.

Espera: sitio remansado de um rio ou baía, onde se abrigam as canoas à espera de monção propria para proseguimento da viagem. Assim é de uso na Amazônia e no Mato Grosso. No Pará é mais propriamente o lugar abrigado do vento ou resguardado, pela sua profundidade, da *pororóca*, onde se espera a

maré seguinte para a continuação da viagem. Segundo o velho e venerado Ayres de Casal, em sua "Chorographia Brasílica" — Vol. II — Pag. 260 da Ed. de 1817, ha nos rios de pororóca, *sítios denominados espéras*, onde as canoas esperam a decisão do combate (das aguas) e continuam a viagem sem perigo. Informa-nos H. Jorge Hurley, grande conhecedor de sua terra e de sua gente que, no Pará, diz-se particularmente *espera da pororóca*, o lugar profundo, onde os *igarúbas* (canceivos) aguardam a passagem violenta das *pororócas* nos rios Guamá e Araguari. Diz-se *espera* do Mocajúba o ponto, no rio Mocajuba, em que ficam as canoas e barcoas que vêm de Belém, aguardando a vazante para descerem o rio Muriá, no Municipio de Curuçá. Nas *espéras*, diz Raja Gabaglia, observa-se aumento de agua, porém não pororóca. Na Bahia e no nordeste, em S. Paulo e até no Rio Grande do Sul, chama-se *espera* ao lugar em que os caçadores de certos animais aguardam a passagem dos mesmos para mata-los.

Esperdício: *vide desperdício.*

Espiga: alcunha zombeteira aposta aos filhos do Piauí pelos maranhenses, que ainda lhes chamam de *capa-garrota*. Citado por Leonardo Motta à pag. 199 do seu "Sertão Alegre".

Espigão: palavra portuguesa que designa, segundo Domingos Vieira, a parte superior do monte, do rochedo, terminada em ponta: é o mesmo sentido da palavra castelhana *espigón*, usada pelos espanhóis no sentido de cêrro alto, pelado e pontagudo (Vergara Martín) - No Brasil, empregamo-la no sentido de divisor de aguas, quando assinalado por uma serie de montes ou morros. "O automovel corria pela avenida de Jabaquara, rasgada num espigão, de cujas lombas se descortinavam campinas azuladas pelo sol das tardes frias (Baptista Pereira. "As nascentes do Ypiranga" — Chronica publicada no "Correio Paulistano" de 26-8-1929). Cornelio Pires, nas "Scenas e paisagens", dá-lhe o sentido de lombo de serra, rechã, planalto. Mario Guedes ("Os Seringaes" — Pag. 110) dá noticia de outro sentido do vocabulo *espigão* na Amazônia, nos seguintes trechos: "A estrada (de seringueiras) tem duas pernas. Às vezes a sua *bocca* fica distante da *barraca* do seringueiro: dez, quinze minutos de caminho. Quando durante este percurso, antes de entrar propriamente na *estrada*, ha um certo numero de seringueiras, dão a isso o nome de *espigão*. Em geral, porém, a *bocca* da *estrada* começa proximo á *barraca*". No vale do Itapicuru, no nordeste da Bahia, ouvimos empregado o termo *espigão* para designar a lomba que se alteia entre duas grotas.

Espigão-mestre: assim se designa o maior espigão dos que formam uma serra, cordilheira ou maciço (Valdomiro Silveira. "Os Caboclos"). Regista-o Candido de Figueiredo (4.^a Edição).

Espojeiro: no Brasil este vocabulo tem também a significação peculiar de pequeno cercado em torno da casa; o mesmo que espojadouro, empregando-o neste sentido Alberto Rangel, à pag. 51 do seu "D. Pedro I e a Marquesa de Santos". No nordeste é ainda empregado no sentido de roçado pequeno, conforme vemos à pag. 204 do "O Paveara" de Rodolpho Theophilo: "Qualquer espojeiro lá (na Amazonia) dava mais futuro do que uma lavra de quinhentos pastos aqui (no Ceará)".

Espraiado: expansão de um rio, alargamento do seu leito, quasi sempre de pouca profundidade e margens arenosas. Lê-se, à pag. 23 da "A Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruz: "Foi só o tempo de carregar nos forquilhões e metter a garitê entre as caenaranas (hervas) de um *espraiado*". Amadeu Amaral regista o termo com um sentido diferente: "ribeirão que corre em leito raso, geralmente de arcia".

Esse: "ou, mais raro, *curva em esse*, nome das curvas reversas sem espaço intermediario em recta, e que se encontram a miúdo nas estradas de rodagem construidas sem as indispensaveis condições técnicas" (Informação de Sud Mennucci, em carta de 2 de Fevereiro de 1930).

Estalada: a respeito deste regionalismo escreveu-nos Antonio Lopes, do "Instituto de Historia e Geografia do Maranhão", em carta de 26 de Março de 1928: "Para a cobertura das casas a *pindoba* (folha de *babassú*) tem de ser *estalada* primeiro, isto é, abre-se previamente a folha cortada antes de estar aberta e *chlorophyllada*. A operação é demorada quando feita por poucas pessoas, pois a coberta de uma casa consome muitos feixes de *pindoba*. Por isso o caboclo convida os vizinhos para o ajudarem. O trabalho faz-se pelas noites claras e entre anedotas, risos e *casos* contados, animando-se o pessoal com os *agrados*, entre os quaes, naturalmente figura alguma *euchaça*. A *estalada* é essa *função*. É uma das replicas maranhenses ao *mutirão* do sul".

Estaleiro: termo usado no nordeste, segundo referem Beaurepaire-Rohan, Juvenal Galeno, Rodolpho Garcia e Teschauer, para designar um leito de paus sobre forquilhas de 6 a 8 metros de altura, no qual se põem a secar o milho, a carne, etc. É uma especie de *girau*. No Rio Grande do Sul, segundo informe do General Borges Fortes, é uma armação de madeira dentro da mata onde se ajeitam os troncos abatidos para serra-los, ou melhor, adaptalos nos transportes.

Estância: termo rio-grandense do sul, que apelida o estabelecimento rural onde se cultiva a terra e principalmente se atende à criação do gado vacum e cavalari. Romaguera Corrêa escreve: "certa extensão mais ou menos consideravel de campo, onde ha a casa, residencia do proprietario, curraes, *mangueiras*, animaes,

etc. E' nas *estancias* que se executam todos os variados serviços da industria pastoril e onde se têm crendo essas viris gerações rio-grandenses, que, tanto na guerra como nas asperas lidas camponezas, ostentam um vigor, sobriedade, abnegação e valor invejáveis. . . " As *estancias* do Rio Grande do Sul correspondem às *fazendas* do norte do Brazil. Callage informa que o nome *fazenda* se vai adotando no Rio Grande do Sul. Nas Republicas Platinas a palavra *estancia* tem o mesmo sentido. O termo *estancia*, doutrina o sabio A. Taunay, à pag. 282 do VI Vol. de sua "Historia Geral das Bandeiras Paulistas", "é um castelhanismo infiltrado no Rio Grande do Sul. O raio de divulgação da palavra e seus derivados abrange apenas talvez, além do Rio Grande do Sul, o planalto catarinense. No Rio de Janeiro *estancieiro* é o dono de um lenheiro. Em Minas Gerais, de ha alguns anos, costumam chamar *estancias* às estações hidrominerais. Talvez esteja a palavra algum tanto aclimada em Mato Grosso, para cujo sul houve forte corrente imigratoria de rio-grandenses".

Estancieiro: proprietario de uma *estancia*. No Rio de Janeiro é o dono de um lenheiro. segundo lemos em A. Taunay, à pag. 282 do Tomo VI da "Historia Geral das Bandeiras Paulistas".

Estanciola: *estancia* pequena, com criação resumida, de pouca importancia. Romaguera nota que *estanciola* não é sinónimo de *chacara*, como disse Cesimbra Jacques, cuja opinião foi perfilhada por Beaurepaire-Rohan.

Esteciaria: termo que corresponde ao vocabulo italiano *palafitti*, designativo das habitações lacustres prehistoricas da Europa. No Maranhão, os ribeirinhos do lago Cajari, perto da vila Penalva, chamam *esteiaria* a uns vestígios de moradias lacustres dos caboclos abrigenes. Estudou-os Raynundo Lopes, em 1919, publicando a respeito um trabalho no "Boletim do Museu Nacional" (Vol. 1 N.º 2. Janeiro de 1924), no qual afirma ter visto os referidos vestígios, graças a uma sêca que fez baixar consideravelmente as aguas do lago. Apresentou-nos elle a antiga habitação "com seus milhares de esteios, numa perspectiva bellissima, impressionante, esportando com os seus troncos negros, como se fosse immensa floresta morta, á face argentada das aguas". Volta o illustrado cientista a tratar do assunto em o "O Jornal" de 27 de Novembro de 1927, no qual diz que o termo *esteiaria* está consagrado nos circulos scientificos brasileiros, falando de novas *esteiarias*, ou *esteiames* como também designa, em outros sitios do Maranhão e escreve: "A aldeia — jazida palafitica ou lacustre como a *esteiaria* do Cajari, a primeira que observei em 1919 fica em pleno rio e, com o canal deste de permcio, defronta a ponta da "Estrella" oposta á bocaina do Parauá; está coberta de agua, mesmo no Dezembro adusto em que a visitamos. Mas num fundo de cerca de metro, embora a escassez do tempo, ás

apalpadelas, na lama cheia de estrepes, sempre em tais pontos se colhe uma massa de fragmentos de cerâmica e pedra que, se nem sempre enfeitam coleções, identificam suficientemente as jazidas". Informa-nos Jorge Hurley que, no Pará, especialmente no litoral atlântico, ha as meruadas dos currais de pesca e das feitorias dos pescadores, abandonados, identicos à esteiaria do lago Cajari, no Maranhão.

Esteira: assim se designam, no nordeste, os vaqueiros que guardam os flancos de uma boiada nas travessias do sertão. "Com satisfação acompanha Mané Chique-Chique um pedaço de gado, leguas e leguas, para as feiras. Na frente, montado a cavallo, vae o *guia*, *aboiando* para acalmar os bois, gritando ê... ê... Guardando os flancos vão outros dois cavalleiros, os *esteiras*, e atrás segue outro, o *tangerino*, animando os bois com gritos curtos e estridentes" (Ildefonso Albano, Livro citado).

Estercos de trovão: no livro citado de Alfredo Brandão (Viçosa de Alagôas), à pag. 198, encontramos este termo, como designação dada pelos matutos à mica ou malacaçeta que, após os aguaceiros das trovoadas, lavada pelas aguas do enxurro e brilhando ao sol, parece ter sido depositada recentemente nos terrenos.

Estêro: termo castelhano, equivalente no português *esteiro*, usado na região que entesta com a Argentina e o Paraguai, com o significado peculiar de terreno baixo e pantanoso, perto dos rios, lagos ou lagoas, ou em suas imediações, total ou parcialmente coberto de plantas aquaticas. É' uma especie de *bankado*. Em Portugal, *esteiro* é braço de rio ou de mar, mui estreito, que se mete pela terra, ou rodeia e ilha algum sitio, e talvez fica em seco com a vasante (Antonio de Moraes. "Dicionario" — 2.^a Ed. 1813). Vergara Martin, em seu "Dicionario" citado, regista as varias accepções regionais americanas deste vocabulo: no Chile significa arroio, riachinho; no Equador, o leito seco de um rio; na Venezuela, *aguaçal*, brejo.

Estirão: trecho rectilíneo do curso de um rio ou parte do curso em que ele se desenvolve numa longa recta. É' termo muito usado na Amazônia, em Mato Grosso e Goiaz. Severiano da Fonseca, na sua valiosa obra citada, à pag. 181 do 2.^o vol., escreve: "Chamam *estirões* aos grandes trechos em que o rio desliza numa recta: aqui raras vezes são maiores de uma milha... em quarenta minutos estavamos no *estirão* da *jangadinha*". No Mato Grosso, em algumas zonas, como no vale do Sepotuba, chamam ao curso rectilíneo do rio — *jurados*.

Estiva: paus ou varas atravessados por sobre um rincho ou pequeno rio, formando uma ponte tosea e pouco segura não raras vezes. Termo geral. Candido de Figueiredo regista-o como brasileirismo, dando-lhe a seguinte definição: "Revestimento feito de paus roliços ou varas, para formar o suporte da terra

nas pontes, tem como dar passagem nos terrenos alagadiços. V. Cherment diz: "madeira, ramos, plantas arbustivas collocadas através d'um atoleiro ou *terêterê* para ser possível transpô-lo".

Estivado: registado por Gastão Cruls no "Elucidario" anexo ao seu livro "A Amazonia que eu vi" como especie de estiva, propriamente, o revestimento feito por paus roliços ou varas sobre um terreno acidentado. E' por meio dessas estivas que se vencem o pedregais das cachoeiras.

Estrada: além do seu significado usual no linguajar dos dois povos que falaram o português, o vocabulo *estrada* tem, na Amazonia, uma significação peculiar. Ali, o a que se chama *estrada* "não é outra coisa mais do que um "pique", isto é, um caminho mais estreito ainda do que uma vereda, e a cujo trilho ficam mais ou menos de cento e quarenta a cento e sessenta seringueiras, chamadas *madieras*. Ha duas especies de *estradas*: a *estrada a raso* e a *estrada enrolada*. A primeira é a que segue uma direcção sempre para a frente; a segunda é a que perfaz o numero determinado de *madieras*, num certo espaço, aqui e ali, sem obedecer a uma ordem regular. A abertura de uma estrada é feita pelo *malteiro*, acompanhado do *taqueiro* (Vide estes termos).

Estrada do fio: nome que, nos sertões brasileiros, o povo dá às estradas telegraficas ou que acompanham a linha telegrafica.

Estrada-mestra: assim se chama, no Brasil, a principal estrada pública de uma região. No Norte, é mais frequente a denominação de *estrada real*, a qual também se usa em Portugal, segundo Domingos Vieira.

Estrada real: designação comum no norte do país para designar a estrada principal da região. Outrora, *estrada real* queria dizer a estrada que o rei havia mandado fazer, ou que, escapando ao dominio privado, ficava sob a administração do governo do rei. Segundo informa o Prof. Alcide Jubé, de Goiaz, ainda se usa no-se Estado a expressão *estrada real* para designar as estradas que se acham sob o dominio e as que são construidas pelo Estado. No Mato Grosso se diz *estrada realina* (de rei): assim vimos empregado na "A Cavallada" de José Mesquita, à pag. 43: "Amarrrou o cavallo a um incurão em frente á sua casa e poz-se a andar, descuidado, até a estrada realina que passava uns vinte passos adiante, ao entrar da cidade". Nos tempos do Imperio as estradas públicas se dividiam em estradas imperiaes e gerais e em estradas provinciaes: as primeiras eram as que conduziam da capital às fronteiras, aos portos e emporios de comércio ou as que comunicavam a capital com cidades menos consideraves e as que, sem partir da capital, estabeleciam comunicações entre as principais cidades do interior. Provinciais eram as que estabeleciam comunicações entre as cidades de uma provincia ou de provincias limitrofes. Aos caminhos que ligavam partes de um mesmo municipio ou os municipios entre si, chamavam vici-

nois (Pereira do Rego — Elementes de Direito Administrativo Brasileiro — 1860).

Estrada salineira: denominação que, em Goiaz, se dava à *estrada mestra* ou *real*, por motivo de ser a preferida pelos carreiros que transportavam sal para o sertão. Era a mais larga e a mais trafegada não só por cavaleiros, mas também por infantés (Informação do Prof. Alcide Jubé, do Liceu de Goyaz, em carta de 6 de Janeiro de 1930). Na "Informação Goyana" de Junho de 1930, lemos, à pag. 88, o seguinte trecho do Cel. Henrique Silva, seu fundador e diretor: "Quem melhor descreveu (referiu-se o autor a Bernardo Guimarães) os nossos característicos carros de bois — cantantes, maorejantes, numa toada melancolica, ao sol e sob o pó subtil das estradas salineiras, nos chapadões de Goyaz e Minas?" "Por intermedio de duas estradas se vai de Tres Lagoas a Santa Rita do Araguaia: uma é destinada a automoveis e corta por sobre o espigão divisor das bacias do Paraná, Paraguai e Araguaia; outra, a denominada *capeteira* ou *salineira*, segue pelos vales do mesmo espigão, procurando naturalmente as zonas onde ha checoiras de agua e melhores pastagens, necessarias ao sustento dos bois dos carros" (Hernando R. da Silva. — Garimpos de Matto Grosso — Pag. 111).

Estradona: também *estradão*, vocabulos correntios no linguajar dos sertanejos do Nordeste. Ouvimo-lo varias vezes nos sertões do Bahia, designando estradas de grande largura. A ellas se refere Luetzelburg (à pag. 36 do Vol. I de seu trabalho citado): "A estrada que, em virtude de sua largura consideravel de 30 metros, tem a denominação de *estradona*, passava por um povoado de apenas quatro moradias, de nome Buritisinho". Os sertanejos também dizem *estradão* como refere Valdomiro Silveira, no seguinte passo de seu conto — "Perto do Fogo": "Voçês tudos sabem que eu afundei p'ros centros de Guayaes, que fui um sertanista couro nagua, tocador de boiadas e de tropas, e *vaqueano* desses *estradoes* de meu Deus". E no livro de Dias Ferreira — "A Marcha da Coluna Prestes" (1928), lemos: "Afimal, após longos dias passados no seio das matas, a coluna alcançou a 7 de Março o *estradão* que serve de divisa entre o Estado do Paraná e o de Santa Catharina e de comunicação entre Barração e Palmas".

Estreito: assim se designa em quasi todo o Brasil o trecho de um rio em que a sua largura normal se reduz de repente até a um decimo e menos. Afranio Peixoto, o primeiro a nos indicar a falha na "Onomastica", informa que, no rio Pardo da Bahia, entre Jacarandá e Caravieiras, ha um *estreito*. Exemplo flagrante desse acidente se encontra no rio Uruguai, abaixo de Marcelino Ramos, no denominado *Estreito do Uruguai*. E', diz o Pe. Geraldo Pauwells, um dos fenômenos mais curiosos do Brasil inteiro. "Fica 22 kms. a jusante de Marcelino Ramos. Ahi o rio que mede uns 400 a 450 metros de largura, de repente se contrae

para as dimensões de um arroio e, como num funil, se precipita por uma cachoeira para dentro de um canal profundíssimo, talhado em rochas dinbasicas, cuja largura varia de 10 a 20 metros e que mede 8 kms. de extensão. Como que prorompendo numa fúria de gigante, as águas volumosas do rio, sentindo-se forçadas a se conterem neste esquadro estreitíssimo, e rugindo raivosas ao encontro dos paredões alcantilados, precipitam-se por este descommunal sorvedouro, revoltas até o fundo, sob um fragor infernal, abafando o rugido do tigre, com enorme velocidade e força tal que o tronco mais possante que cue inteiro no estreito, delle sae feito em pedaços; apenas os trilhos da ponte de Marcelino Ramos, que desabara numa enchente extraordinária, conseguiram atravessal-o, dando logo abaixo delle na praia. Num ponto o canal é duma largura tão diminuta que no verão, depois de não ter chovido durante quinze dias, fica reduzido a 50 cms., de modo que o viajante, tendo um pé em Santa Catharina, outro no Rio Grande do Sul, pode gozar do prazer de de xar correr debaixo de si toda a massa de águas do Uruguai" (Guia do Estado de Santa Catharina. Pag. 44). Análogo ao que os espanhóis chamam *rabión* (Vergara Martín).

Exquisito: registado por Macedo Soares e Rodolpho Garcia com a significação de trilho difícil, apertado, escabroso; caminho estreito e aspero. Termo do Paraná.

Extravio: o mesmo que *desperdiço*.

F

Fabrico: registado por Tesehauer como termo amazônico designativo de período seco, durante o qual se corta e faz a borracha. No "Elucidario" anexo à "A Amazonia que eu vi", de Gastão Cruz, encontramos o mesmo vocabulo com o sentido de safra, colheita; tempo de apanha ou extração dos produtos vegetais. Diz-se, acrescenta o mesmo autor — 'o fabrico da castanha, da borracha...' Peregrino Junior em suas "Historias da Amazonia" (1936), escreve "época secca durante a qual se corta e prepara a borracha".

Facão: termo usado em Minas Gerais, Mato Grosso e Bahia para designar uma elevação central e longitudinal nas estradas, dificultando sobretudo a passagem dos veículos. À pag. 769, das "Narrativas e Memorias" do Eng. Alvaro da Silveira, 2.^o vol., encontramos o seguinte passo: "Aquelle que estava um pouco afastado, vinha, guiado pela voz do companheiro, reunir-se ao grupo que seguia, nas trevas, um caminho cheio de buracos e facões escorregadios". Num artigo do General Malan publicado na "Revista Militar Brasileira" de Julho a Dezembro de 1926, à pag. 375, lemos: "Dahi em diante começaram os atrazos... As rodas do auto encaixam, por vezes, nos fundos sulcos da velha e abandonada estrada carreteira. Empoleira-se o Ford sobre o facão intermedio e a tripulação tem de forçar em arrancal-o".

Faiscador: assim é designada, nas regiões auríferas de Minas Gerais, a pessoa que se ocupa da lavagem das substâncias auríferas nas margens e no álveo dos regatos das torrentes. É a definição que encontramos à pag. 41 da "Revista do Archivo Publico Mineiro" — Anno XX 1924. Em uma carta de 1839 transcrita na mesma "Revista" e pagina, lemos: "Os lucros consideraveis que os faiscadores tiravam do solo banhado pela torrente do Soccorro deram uma reputação de riqueza a este logar".

Faisqueira: termo de uso nas regiões diamantíferas do Brasil que, segundo Afranio Peixoto, designa a pequena lavra para

experimentar se a região tem diamantes. À pag. 97 da "Paulistica" de Paulo Prado, lemos: "Os bandos pioneiros de S. Paulo e Taubaté espalhavam-se pelas immensas faisqueiras onde pintava o ouro, e explorados os rios e correços, excavada a terra, aos olhos cupidos dos paulistas, repentinamente, brilhavam como um sonho de pedras preciosas...". E à pag. 196 do "O Brasil Tragico" de Sylvio Floreal: "Os desafortados calcorreadores do sertão ao *lamburrearem* (achar uma pedra grande e perfeita), logo ás primeiras *fisqueiras*, sentiram-se como que electrizados por um entusiasmo heroico".

Falhidão: lugar do cafezal em que morreram diversas arvores. Informação de A. Taunay.

Farinhada: térmo do norte, que designa o fabrico da farinha de mandioca. Ninguem disse melhor deste fabrico que João do Norte na "Terra de Sol", à pag. 69: "*A casa de farinha é um vasto telheiro sustido por columnas de madeira ou alvenaria. A mandioca, entulhada no meio da casa, é, communmente, raspada por mulheres, sentadas ao chão, armadas de quicés (facas pequenas). Uma raspa a raiz até o meio, outra acaba de raspa-la. Quando apostam para ver quem vence em ligeireza na raspagem, chamam jogar capote. Raspada a mandioca, ralana num caitetú de lata (ralo cilindrico) preso a uma especie de mesa com bordas, o cevador, e accionado pela polia do rélho de uma grande roda que chã irritante, langida por dois homens robustos, nós da cintura para cima, untados de suor, com musculos que reluzem, como tendões de bronze, no esforço. Em algumas fazendas move-o uma belandeira, grande roda puxada por bois ou burros. Aquella papa de mandioca ralada, a massa vai então para a prensa, enorme armação de madeiras rijas, o braço ou parte superior de pau d'arco empennado, as virgens, madeiros de sustentamento, de aroeira; tudo de grande força e de grande rusticidade". (Na Bahia, não raro, ela é espremida no *tipiti* ou *tipiti*, especie de cesto cilindrico). "A mandioca, encartuchada em folhas de carnaúba e depositada numa parte funda, uma especie de caixa, armada na boca da prensa, é espremida sob um grosso e pesado *chaprão* (corruptela de pranchão), empurrado por um *brinquete*, um tóro curto de forte madeira. O braço da prensa, abaixando-se vagarosamente por meio de um alto *parajuso* (*fuso* da linguagem sertaneja) feito de grosso cerne, movido pelo *prencheiro*, pesa no *brinquete*, que vai empurrando o *chaprão* sobre a massa. Por baixo da prensa, de uma fincha, escorre a *manipueira* esverdinhada — o sumo venenoso da mandioca triturada e espremda. Depois de impressada, a massa é peneirada no cocho e torrada num grande forno de alvenaria, com as fendas dos tijolos largos mal tapados a barro. Mexe-a com uma longa vara um mestiço indolente, o *fornheiro*, mascando o *mapinguim* (fumo), resmungando em voz baixa versos tóscos do sertão..."*

Henrique Jorge Hurley, do Pará, observa que o processo empregado na farinhaada difere em tudo do que se usa no nordeste, descrito por João do Norte. João do Norte descreve o preparo da farinha seca e a que se faz no Pará é a farinha d'água, trabalhada com a mandioca mole. E acrescenta: "O processo para o preparo da farinha d'água é o seguinte: Arrancada a mandioca é ela posta dentro dum pôco, onde fica durar e cinco dias até amolecer. Daí é retirada para a casa de farinha onde, facilmente, lhe despena a casca, pondo, depois, a massa dentro dum tyyty que a enxuga. Do tyyty escorre o tucupy (manipueira), excelente caldo para ferver ou ensopar o peixe moqueado, o pato e a paca assados. A massa sahida do tyyty é expurgada dos talas na masseira, onde é crivada nas urupêmas e daí levada ao forno em que se transforma em farinha. Com o tucupy e a tapióca (goma) prepara-se o tucicã, excelente mingão apimentado e condimentado com jambú, camarão com ensacas ou postas de bacú moqueado".

Farrafaiado: assim se diz, no sertão ocidental da Bahia, do trecho de mato onde as árvores se encontram de salto em salto. Referido por Amphitophio de Castro em seu romance "Felizardo".

Farrapiada: expressão recente com que se designam os feitos dos farrapos de 1835. Referido pelo General Borges Fortes.

Farrapo: nome depreciante no tempo de sua criação como alcunha com que os legalistas ou imperialistas apelidavam os revolucionarios rio-grandenses do sul de 1835 a 1845. Com toda a razão escreve Callage que o apelido que depois se perpetuou através das coxilhas gaúchas, entre as numerosas lutas que se deflagraram no pampa, tornou-se como verdadeira legenda de gloria e de heroismo — Vale recordar as alcunhas depreciativas com que se mimoseavam os partidos adversos: os revolucionarios eram os *farrapos*, *farrapilhas*, *exultadas*, *anarquistas*, *pês de cabra*, *sacripuntas*, *fuás*; os legalistas eram: *cumelos*, *caranivás*, *corcundas*, *galegos*, *carimbotos*, *pês de chumbo*. A alcunha de *farrapos* ou *farrapilhas* era alusiva à falta, vezes sensível, de fardamento para as tropas republicanas. Derivadas de *farrapo* são as palavras: *farrapada*, o conjunto, o exercito revolucionario e *farrapo* — o partido republicano de Piratinim.

Farrapilha: o mesmo que *farrapo*, republicanos de 1835 no Rio Grande do Sul, não raro também chamados *anarquistas*, *pês de cabra* (alusão aos mestiços pelos legalistas que eram os *caranivás*, também designados *absolutistas*, *pês de chumbo*, etc.

Fava: regionalismo das zonas diamantíferas, empregado pelos garimpeiros para designar os satellites do diamante, que se apresentam sob a forma de seixos rolados fosfatados; pardacentos e

duros, no dizer de Gorceix e Hussak. As *javas* pardacentas são chamadas *bagageiras* (Everardo Backheuser "Glossario do Termos Geologicos e Petrographicos"). Vide *satelite*.

Favelas: termo de uso mais corrente no Distrito Federal, designando agrupamentos de tugurios malsãos, segundo o Eng. F. S. F. de Britto num artigo publicado no "O Jornal" (Rio de Janeiro) de 14 de Junho de 1927. É ainda o mesmo autor que nos diz que os cariocas assim chamam a taes agrupamentos, "por lhes ter impressionado o que se vê ou se diz da povoação do morro da Favela, no Rio de Janeiro". No caso vertente o nome proprio se torna apelativo, com o mesmo sentido das *caizas de fósforos* de Santos e dos *mocambos* de Recife. Em um numero antecedente do mesmo "O Jornal", o de 10 de Junho de 1927, encontramos o termo empregado por Belisario Penna no artigo — "Apparencia e Realidade Brasileira", no seguinte passo: "Ao lado disso, porém, contrastando com esse progresso, lá (o autor refere-se à capital de Pernambuco) se encontram os imensos mocambos, as favelas de Recife, costringindo a cidade num circulo de immundicies". Num interessante artigo publicado no "O Estado de S. Paulo", edição de 14 de Novembro de 1928, sobre "O Problema das Favelas", lemos os seguintes periodos, dignos de registro aqui: "Onde é que você mora? Moro no morro, sim senhor. — Era sufficiente a indicação. Os habitantes das *Favelas* nunca os designam por este nome que consideram pejovativo. Dizem simplesmente residir *no morro*, sem especificar em qual dos muitos que se povoam de casebres dentro do Rio".

Faxina: o mesmo que *fazinal*.

Faxinal: também grafado *fachinal*, termo de uso de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, no sentido de campo de pastagem entremeado de arvoredos esguio. (Teschauer). Romaguera ensina que, no Rio Grande do Sul, também se chama *faxina*, *faxinal*, ao lugar onde tem muita lenha miúda ou hervas de certa altura ou grossura. Entretanto o General Borges Fortes informa que *faxinal* no Rio Grande é uma entrada alongada de campo que penetra a floresta — uma especie de península de campo. Lemos à pag. 67 da "Geographia do Brasil" de Delgado de Carvalho que, no Paraná, chamam de *faxinal* a um tipo de *cerrodão*.

Fechação: registado no "Vocabulario" anexo à "Passanga" de Peregrino Junior, com o significado de *rodéo*, ato de reunir o gado em determinado local.

Fechado: registado por Leonardo Motta (Os Cantadores) e por Candido de Figueiredo, termo nordestino, empregado para designar um terreno de mato denso, cerrado.

Fêcho: também escripto *feixo*, termo goiano, que significa "ruptura das serras pelos rios, que aí correm apertadamente ou por

baixo das arestas vivas das rochas, que deixam apenas uma abertura à superfície às mais das vezes de 2 a 3 metros de largura. É o mesmo que *funil, rasgão*" (Henrique Silva — A Informação Goyana).

Feital: registado por C. Teschauer, com o sentido de terra cansada. Empregou-o José de Alencar no seguinte trecho: "Fronteiro ao palmar ficava um grande *feital* que se prolongava até a orla da mata" ("Rev. da Acad. Bras.").

Feitoria: registado por V. Chermont como termo da Amazônia, com dupla significação: de espaço roçado e limpo no mato, onde o pessoal empregado em qualquer trabalho pernoita, guarda os mantimentos, a roupa e mais objetos de uso; e também no sentido de lugar onde se salga o peixe, à margem do rio ou lago, fazendo-se habitualmente na *feitoria* um *tijupar* (palhoça). No "Vocabulario" apenso à "A Amazônia Misteriosa" de Gastão Cruls, lê-se que a feitoria é uma pequena habitação à margem de rio ou lago, onde vivem os pescadores. Com este sentido e recorda Roquette Pinto, no seguinte trecho dos "Seixos R' lados", à pag. 85: "O seringueiro cuiabano rasga a floresta; perde-se no meio dos índios, sukando com seu trilho novas regiões. Surge no meio da mata a *feitoria*, que é só um rancho mal aprumado, á beira de um arroio". Entretanto Anísio Jobim no seu trabalho "Mannacapuru" à pag. 26, escreve: "A pesca do pirarocú, quando feita em grande escala, tem o nome de *feitoria*".

Ferra: acto da marcação dos gados. Termo usado em todo o nordeste, sendo acto festivo, no qual tomam parte dezenas de sertanejos da região, zona ou *ribeira*, como se diz no Ceará. É interessante o estudo que sobre as "Marcas de Gado usadas no Ceará" publicou Silvio Julio em seu volume "Terra e Povo do Ceará", entre paginas 163 e 194.

Ferragem: dizer garimpeiro de referência a um mineral ferruginoso que se encontra nos cascalhos diamantíferos. Vimo-lo citado à pag 374 das "Memorias do Districto Diamantino" de Felício dos Santos e dicionarizado por Everardo Beckheuser como satellite do diamante, o rutilio, ainda dito pelos mineradores *agulha*.

Fervedouro: encontramos-lo em A. Taunay com o sentido de lugar onde o cascalho diamantifero deve ser lavrado. Em Goiás, segundo informe do Prof. Alcide Jubé, chamam *fervidor* a uma queda d'agua no meio de um rio formando com algumas pedras um poço inítil perigoso, mercê do movimento das aguas.

Fieis: nome especial de um dos três grupos religiosos da cidade de Joazeiro, onde imperava o Pe. Cicero: os *fiéis* são os que em devoção ingenua se constituem servos incondicionais do chefe

supreino, do *padrinho*. Era a gente fanática do famigerado chefe religioso.

Filantropico: alcunha dada a um dos partidos políticos que se organizaram no Pará, logo após a abdicação de D. Pedro I. Os *filantropicos* ou *federalistas* se opunham aos *caramurus* ou *restauradores*. Estas alcunhas foram substituídas após a morte do ex-imperador do Brasil (21-9-1834) pelas de *cabanos* ou *vinagres* contra os *bicudos*, *marinheiros*, *maçons* ou ainda *pés de chumbo*. Basílio de Magalhães em sua erudita Conferência sobre a "Cabanagem", realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 13 de Maio de 1936, escreveu: "Da abdicação de D. Pedro I resultou para a nossa provincia do extremo-norte nova e ainda mais intensa agitação politica, que lhe penetrou até ao amago das camadas sociais. Ao espirito nativista sobrepoz-se o halo do federalismo. E' o periodo das agremiações partidarias. Da "Sociedade Patriótica, Instructiva e Philantropica", fundada então em Belém pelo Conego Baptista Campos, promanou a denominação de *philantropicos*, dada alli aos liberais brasileiros, transmudada logo em *federalistas* e, por fim, em *cabanos* ou *vinagres*. Aos portugueses applicavam os seus adversarios as etiquetas politicas de *caramurus* ou *restauradores*, trocados depois da morte de D. Pedro I, pelas de *bicudos* ou *marinheiros*, e, ainda, em certas celebrações populares, pelas de *maçons* e *pés de chumbo*".

Fim d'aguas: locução que, na Amazônia, designa o ultimo termo da cheia dos rios, quando as aguas se aproximam do seu nível de estiagem. "O Itucuman descia o Purús, num fim d'aguas, sob negros presagios para a tripulação" ("O Gororoba" — Lauro Palhano, pag. 192).

Firme: designação dada na Amazônia nos terreros mais altos que se erguem em meio dos *igapús* ensopados e facilmente inundáveis na época das cheias. São, em meio do alagadiço immenso, pontos de grande valor paleogeográfico. Sinónimo de *teso*.

Fogaça: termo das Lavras Diamantinas da Bahia, que nomeia uma formação propria dos terrenos que contém diamantes.

Fogão: segundo Rodolpho Garcia, em Mato Grosso, assim se denomina um terreno onde apparecem grandes grupos de poaias (*Psychotria ipecaacuana*). Informou-nos Pandiá Calogeras que no sul também se chama *fogão* aos trechos limitados de terra em melhores condições para o cultivo, abonando-o com o seguinte exemplo: "Tal fazenda é pobre, só tem alguns *fogões* de terra de planta". E' frase que se ouve a miúdo diz o notavel brasileiro. — Com isto concorda A. Taunay que escreve: "nome que na Matta mineira serve para designar tratos de terras fertcis". Romaguera e Callage informam que, no Rio Grande do Sul, é o lugar nos galpões das estâncias, onde se faz o fogo para o chur-

rasco (carne sangrenta assada no espeto) e para o *chimarrão* (mate-chimarrão, mate amargo, isto é, preparado sem açúcar), ponto de reunião de tropeiros e peões. Emprega-se também no sentido de *pagos, querença*.

Fogo-morto: assim se diz, no norte do Brasil, de um engenho de açúcar que deixa de funcionar por algum tempo. A expressão *fogo-morto* é portuguesa do século 12, talvez depois: assim se dizia que a cabana ou o casal estava deserto, ermo, apagada a chama da lareira, de *fogo-morto* (Pinheiro Chagas). Engenho de *fogo-morto* é expressão demasiado sugestiva: ouçamos a palavra de José Lins do Rego, à pag. 117, de seu "*Menino de Engenho*": "É nada é mais triste do que um engenho de *fogo morto*. Uma desolação de fim de vida, de ruína, que dá à paisagem rural uma melancolia de cemitério abandonado. Na bagaceira crescendo, o matapasto de cobrir gente, o melão entrando pelas fornalhas, os moradores fugindo para outros engenhos, tudo deixando para um canto, e até os bois de carro vendidos para dar de comer aos seus donos".

Formação: segundo informa o Dr. Felício dos Santos em suas "*Memórias do Distrito Diamantino*", pag. 126, em nota, "o mineiro chama *formação* a certos minerais, que quando se encontram no cascalho indicam existência do diamante". E à pag. 371, escreve: "As águas pluviais foram segregando grande parte das terras e outras matérias estranhas mais leves que os diamantes e formações; aquellas correram para baixo e estes foram depositados sobre as rochas núas". E. Hussak pensa que o termo *formação* seja uma corruptela de *informação* (Vide esta palavra).

Forquêta: termo geral que designa o ponto de reunião de dois rios, o lugar de confluência, em ângulo agudo, quando se afila a terra que entre eles medeia, ao geito de península aberta. Nas Republicas Platinas, principalmente no Uruguai, usa-se a palavra *forquêta* com a mesma significação.

Forquilha: registado por Gastão Cruz, designativo de individuo que manéja a *forquilha* durante um percurso fluvial. A *forquilha* é uma longa vara aforquilhada em uma das extremidades, que serve para propulsionar a canôa, tomando um ponto de apoio na margem do rio. É termo amazonense.

Frevô d'agua: corruptela caipira de fervor, fervedouro, lugar do rio onde a correnteza das águas é grande e elas correm espumantes. Termo do nordeste, em especial do Ceará.

Freteiro: termo cearense que designa um dos vaqueiros ou campeiros encarregados de conduzir uma boiada através das estradas sertanejas; assim se chama ao que vai na frente, *aboindo*, cantando pelos ermos em fóra a toda melancolia do *aboiado*. Ao que longe a gadaria, no coice da boiada, se chama *langerino*.

Friagem: nome que, na Amazônia, tem um curioso fenômeno meteorológico, caracterizado por uma queda brusca de temperatura sob a influência de ventos frios dos Andes. De feito, em certas épocas do ano, principalmente nos meses de Junho a Setembro, estando o ar fortemente aquecido e com tendência ascensional pronunciada, dá-se um abaixamento brusco da temperatura, o que dura três a quatro dias, vezes até semanas. O coronel Cunha Gomes, que explorou o rio Javari até os seus manadeiros, nas raias do Brasil e Perú, teve oportunidade de apreciar o fenômeno, notando que o termômetro que marcava na média 26° C. diminuiu até 17° C., anunciando-se a *friagem*, segundo a sua observação, por uma queda barométrica bastante rápida, extraordinária elevação da temperatura e saturação quasi completa do ar. Da *friagem*, no territorio do Acre, diz Mario Guedes, que a observou: "está a temperatura, mais ou menos, a trinta grãos. Pouco a pouco se vae manifestando um vento brando, que augmenta gradativamente, sem jamais assumir grandes propoções. O céu carregase de densas nuvens pardacentas, e como que prestes a desabar num pé d'agua de boras seguidas. Mas nada de chuva, sequer um chuveio. A columna thermométrica baixa dos trinta grãos em que estava, a vinte, a dezoito, a quinze, ou menos ainda". "Assim decorrem dois ou mais dias sob essa crosta de nuvens, tristes e pesadas, sem que se veja o sol, até que aos poucos, paulatinamente, a natureza retoma o seu curso normal". Ouçamos a prosa inequalavel de Euclides da Cunha a respeito: "Muitas vezes, em plena enchente, em Abril ou Maio, no correr de um dia calmoso e claro, dentro da atmosphera ardente do Amazonas se diffundem lufadas frigidissimas do sul. E' como uma bafagem enregelada do polo... O thermometro desce, então, logo, numa queda unica e forte, de improviso. Estabelece-se por alguns dias uma situação insuportavel. Os *regatões* espertos que espreitados pela ganancia se avantajam até alli, e os proprios selvícolas enrijados pela adaptação, acolhem-se aos *tejuapús*, tiritantes, abeirados das fogueiras. Cessam os trabalhos. Abre-se um novo hiatus nas actividades. Despovoam-se aquellas grandes solidões alagadas; morrem os peixes nos rios, enregelados; morrem as aves nas mattas silenciosas, ou imigram; esvasiam-se os ninhos; as proprias feras desaparecem, encafurnadas nas tocas mais profundas; e aquella natureza maravilhosa do Equador, toda remodelada pela reacção esplendida dos soes, patenteia um simulacro crudelissimo de desolamento polar e lugubre". E' o tempo da *friagem*, "quando se não anda nos ermos, quando se não rema nos *igarapés*, nem se corta seringa nas *estradas*" (Vide "A Friagem" de Raymundo Moraes, na sua ardorosa "Planície Amazonica").

Fula: era primeiramente o nome de um grupo de negros, oriundos da Africa (Guiné), de cabelos encarapinhados e de côr

mais ou menos bronzada. Hoje o termo *fula* é aplicado em alguns Estados (Minas, Bahia, Alagoas) para designar o mestiço de negro e mulato, também chamado *pardo* ou *cabra*. Registrou-o Nelson de Senna.

Fundão: lugar ermo e longinquo, afastado. Em Portugal significa lugar situado ao fundo de um monte ou de uma eminência, segundo Candido de Figueiredo. No sentido brasileiro, vemos-lo no seguinte trecho das "Tropas e Boiadas" de Carvalho Ramos, à pag. 22: "E, não raro, chiava um carro vilarejo dos *fundões* remotos, ao passo tardo e hierático dos bois patriarchaes, nostálgico e lamuriendo à distancia, como uma dessas cigarras cinzentas de areia, chirreando suas desditas no tronco rugoso de uma lixeira dos cerrados, á hora do crepúsculo, pelas queimadas fumarentas e asfixiantes de agosto..." À pag. 111 de "Mixungos" de Valdomiro Silveira, lemos: "O pobete, que andava corre-correntulo esses *fundões* bravos do sertão e matto, não conhecia pessoa alguma no Oleo". Também no Norte: "Um dia esse tipo que sonhava lhe anareceu na figura varonil do Estevam Nunes, filho de um fazendeiro rico dali perto, possuidor de gado solto do riacho do Caxingó aos *fundões* frescos do Capivary". (Gustavo Barroso — "Praias e Varzeas". Pag. 89).

Fundo: registado por Valdomiro Silveira, com a significação de *cafundó*, lugar afastado. No nordeste ha a expressão *fundos do pasto* para designar os terrenos mais retirados onde se criam os burbatoões à lei da natureza (José Americo de Almeida — "A Parahyba e seus Problemas" — 1.^a Ed. pag. 537). Nas zonas diamantinas da Bahia e de Goiaz chamam *fundos* aos detritos de diamantes ou diamantes de inferior qualidade. É o diamante ou carbonado fóra de qualquer classificação pela inferioridade absoluta de peso ou qualidade. Neste sentido, empregou-o Alberto Rabello à pag. 46 dos seus "Contos do Norte". Lemos na "A Informação Goyana" de Dezembro de 1928 o seguinte trecho: "Os diamantes desclassificados pela cor escura suja ou coberta de crosta que lhe tira o brilho, são chamados *terra* ou *fundos*, ou ainda *mélé*" (Artigo de Christiano Machado — "As Golcondas do Brasil").

Funi: sinônimo de *rasgão* e *fêcho*, termo da potâmica da Bahia e de Goiaz, que indica a ruptura de serras pelos rios que as atravessam em gargantas apertadas, não raro por baixo das arestas vivas das rochas que apenas deixam uma abertura à superficie de dois ou três metros de largura. Segundo lemos na "A Informação Goyana" os *funis*, *rasgões* e *fêchos* mais característicos são encontrados no vale do Tocantins. Do funi do rio Maranhão, na sua confluência com o Verde, dá-nos uma sugestiva descrição o Engenheiro Militar Dr. Alipio Gama. A proposito de *funil*, escreveu-nos o Dr. Antonio Lopes, de S. Luiz do Maranhão: "Funi é sorvedoiro d'agua nos rebojes das ca-

choeiras. Na cachoeira de Itaboca (Tocantins) os rebojos formam funis como o Bacuri em que a diferença do rebordo da água ao fundo do sorvedouro é de 5 metros. A velocidade da força centrípeta é calculada em 30 a 40 kilometros por hora. Estamos em presença de uma denominação que não só se define, mas localiza, permanentemente, accidentes geograficos: aqui se diz o *Funil do Bacuri*, o *Funil do Inferno*, etc."

Furado: este termo tem varias accepções no Brasil, variando estas de região a região. Na Bahia, zona de Ilhéos, e em S. Paulo, segundo informa Rodolpho Garcia, é um canal natural que une dois rios ou que corta uma grande curva fluvial. Em Mato Grosso, tem o sentido de *estirê*, trecho rectilíneo de um rio. Em Goiaz, consoante o dizer de Henrique Silva, assim se chamam às clareiras abertas nas matas virgens, quer pelo fogo, quer pelos dendroclimas; fazendo-se uma roça para plantações no mato grosso de Goiaz, logo que são colhidos os cereais, o capim gordura ou o jaraguá invadem o terreno e assim se formam os *furados* de jaraguá, de catingueiro, etc. Luetzelburg, no seu "Estudo Botanico do Nordeste", escreve que "*furados* são ilhotas cu claros, oriundos das queimadas, cercados de mata original; são pequenos trechos, dentro das matas altas, sem a menor vegetação anterior dos paus alterosos (Vide *capucim furada*). E Affonso Taunay, citando uma informação particular do sul da Bahia, regista para *furado* o sentido de descontinuidade de chuvas.

Furna: além de ser empregado no Brasil no sentido vernaculo — cova, caverna, antro, lapa — tem este vocabulo sentido regional, peculiar ao Paraná, ou seja forma de *carijo* com fogo feito à distancia como o do *barbaquá*, segundo escreve Romario Martins. E nerescente que a furna é sempre collocada de encontro a morro ou elevação de terreno sobre o qual se apoia, citando ainda a definição de José Amaral: *carijo* metido numa ampla escavação feita na encosta de um monte de terra. No recôncavo da Bahia, segundo ouvimos, emprega o povo a palavra *furna* no sentido de lugar retirado e esconso, sitio exquisito.

Furo: accidente hidrográfico da Amazônia que apelida uma comunicação natural entre dois rios ou entre um rio e um lago. Os furos amazonenses, com os demais accidentes hidrográficos dessa terra prodigiosa, entreteem a mais enramada teia potâmica que se conhece no globo. "A região de Breves, no baixo Amazonas, é cortada em todos os sentidos por esses canais labyrintho extraordinario de mil fios liquidos, entre um flanco do Marajó e as rechans levantinas do continente, tecido pelo trabalho dinamico do rio" (Raymundo de Moraes — Na Planície Amazonica). Beaurepaire-Rohan define o *furo* como sendo um estreito entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme. A *furo* da Amazônia se chama, na Bahia e em outros Estados — *furado*.

G

Gaiola: dição amazônica, de uso também no Maranhão e Piauí (rio Parnaíba), que designa os pequenos vapores que navegam nos rios, pondo em comunicação as cidades, as vilas, os povoados e os *buracões* sitos à margem dos mesmos. Como brasileirismo, é substantivo do genero masculino. O *gaiola*, diz Raymundo de Moraes, que estudou a sua influência na vida amazonense, "é o bonde, o carro, a locomotiva" da imensidade do vale. "Veio da *ubá* indígena, através de cem feitios, ao navio regional de hoje, elegante, forte, veloz, manobreiro, com fabrica de gelo, luz electrica, dois mastros, pequeno calado. Da elevada superstrutura, desenvolvidas obras mortas, dois, três convezes, camarotes nas amuradas, adveio-lhe o appellido ironico e pittoresco de *gaiola* (Vide Raymundo Moraes — "Na Planicie Amazonica", a descrição viva e eloquente do *gaiola*, de sua forma, de seu aspecto "anarchico e cigano", do seu dominio na "desmedida planicie equatorial"). Muito recentemente, aos *gaiolas* mais amplos e de mais conforto, dão o nome de *vaticanos*.

Gafonha: iêrmo cearense, alcunha dada aos soldados das policias estaduais.

Gaiteiro: registado no vocabulário de Rodolpho Garcia que assim define: "logar nas embocaduras dos rios, periodicamente alagado, onde cresce uma vegetação caracteristica, na qual se encontra em abundancia o caranguejo, vulgarmente chamado *aratiú* (*Grapsus cruentatus*, Latr.). Aquella sociedade vegetal é constituída por um grupo de especies conhecidas pelo nome de mangues. Uma dellas (*Rhizophora mangle*, Linn.) despede grandes raizes adventicias, por onde costumam subir os *aratiús* em quantidade consideravel durante o fluxo da maré; como essas raizes se chamam *gaitas* em virtude da forma que apresentam, vem dahi o nome de *gaiteiro* a tal especie de mangue e por extensão ao lugar onde mais se encontram". Octavio Brandão (Canaes e Lagôas, pag. 166) escreve *gaiteiras*: "Ainda nos principios do seculo XIX, quem queria passar pelo hoje Canal de Seriba, tinha de esperar as grandes marés para então ir nave-

gando, seguindo o leito de um regato, ou melhor, cambôa, situada entre *gaiteiras* enormes”.

Gajão: palavra usada em grande parte do Brasil, já registada por Beaurepaire-Rohan e Candido de Figueiredo. O primeiro diz: “título obsequioso de que usam os ciganos para com as pessoas estranhas à sua raça. Meu *gajão* equivale a meu sennor ou cousa semelhante”. O segundo repete a lição supra e lhe regista o sentido figurado: “sujeito linorio, arteiro, espertalhão”. É provavelmente aumentativo de *gajo*, derivado de *gachó*, vocabulo usado pelos ciganos da Espanha. A respeito deste termo escreveu-nos Pandiá Calogeras, que lhe notou a falta na 3.^a edição da “Onomastica”: “É trato costumeiro dos nossos pretensos ciganos ao se dirigirem a extranhos. *Vamos barganhar este macho, gajão*, dirá um vendedor cigano. A seu respeito conviria acrescentar que os nossos ciganos, em sua maioria, são muito bons brasileiros natos, e só excepcionalmente contêm elementos orientaes. A propria linguagem que usam é ecmo que calão para se reconhecerem e distinguirem, no que toca ao elemento não cigano proprio. Claro que me não refiro aos legitimos e verdadeiros ciganos, cuja lingua ainda hoje é problema não completamente solvido”.

Galegrda: nome pelo qual eram alcunhados os imperiais na revolução republicana do Rio Grande do Sul em 1835, em natural represalia aos epitetos de *farrapada* e *farrapos* com que foram erismados os revolucionarios.

Galego: era a alcunha dada pelos republicanos de 1835 (Rio Grande do Sul) aos imperiais ou *caranuris*. Como termo geral, é também alcunha depreciativa dos portugueses no Brasil, nome este surgido “em varios periodos das nossas agitações politicas e conflitos nativistas”. Sinônimo de *maroto*, *mondrongo*, *pé-de-chumbo*, *labrego*, *chumbinho*, *portuga*, *mascate*, *novato*, *marinheiro*, *cupé*, *embcaba*, *boaba*, *jaleco*, *supatão*, *bicudo*, *japona*, *marabuto*, *parrudo*, *puça*, *zelis*.

Galo enfeitado: alcunha nordestina dos soldados das policia: estaduais, referida por Catullo Cearense.

Galpão: varanda, alpendre, apendice das estâncias, onde dormem e vivem os peães nas horas de folga e onde se faz o *fogão* para o *churrasco* e o *chimarrão*. É nesse toseco recinto que se reúnem os *gaúchos* para as histórias de suas façanhas nos *campos encoxilhados*, dos seus *entreveros* e *causos* de antanho. Este vocabulo é de origem azteca, segundo Zorob. Rodrigues. Os platinos dizem *galpón*. Vide o livro de Darcy Azambuja — No Galpão — Contos Gaúchescos, 2.^a ed. 1925: “Lá fora, no *galpão*, à beira do fogo, os peães também, matutando, contavam os rudes “casos”.

Gambôa: o mesmo que *cambôa*. Em S. Paulo assim se chamam aos lugares dos leitos dos rios em que se remansam as aguas, dando a impressão de lagos tranquilos e quietos. É fenômeno muito comum no rio Juqueriquerê: a foz do rio Claro no precedente forma uma verdadeira *gambôa*. Teschauer regista o vocabulo com a significação de cêrca feita de ramagens ou de pedras sobrepostas, sem argamassa, que dá vazão às aguas, porém não permite a passagem do peixe. O mesmo diz Theodoro Sampaio que lhe dá a etimologia — *caá-mbo* — o fêcho ou cinta de ramagens.

Gancla: agrimensor pratico que anda pelos sertões afora medindo terras; individuo que não sendo formado realiza trabalhos de campo próprios de engenheiro; "especie de curandeiro da engenharia" na frase de Veiga Miranda em seu holo conto "Os dois crimes do agrimensor". Regista-o Carlos Teschauer em seu "Novo Dicionario", 2.^a ed., onde se lê: "individuo que faz as vezes de engenheiro sem ser diplomado", abouando-o com a seguinte frase de Affonso Taunay: "A turma conta um engenheiro e dois ganclas, antigos niveladores..." Candido de Figueiredo regista o termo como regionalismo do Minho com a significação de "individuo boçal, lorpa".

Gancheiro: individuo que trabalha com gancho à prôa da canôa, na Amazônia, e gancho é o croque que ele usa, peça rustica e toda de madeira. "Tornando-se o rio muito largo os *gancheiros* passaram a trabalhar de varejão". (A. Taunay — "Lexico de Lacunas").

Gangorra: na Paraíba, segundo informações de Rodrigues de Carvalho, à pag. 219 do seu "Cancioneiro do Norte", assim se designa o engenho de madeira usado pelos pequenos lavradores fabricantes de rapadura. No nordeste, principalmente no Piauí e Ceará, *gangorra* é uma espécie de curral, em geral junto a uma cacimba ou aguada, onde se prendem animais bravios. Neste sentido, já registado por Beaurepaire-Rohan e outros dicionaristas. Exemplo de seu emprego nesta significação é a seguinte estrofe do "O Rabicho da Geralda", tão conhecido no nordeste:

*"Desci por uma vereda
E disse: esta me socorra;
Quando quiz cuidar em mim
Estava numa gangorra"*

Gangorra é ainda brasileirismo quando apelida certo aparelho para divertimento de jovens, chamado em Portugal — *arreburrinho*, no Ceará e outras provincias do norte — *João-Galamarte*, em Pernambuco — *jungalamarte* e em Minas Gerais — *zangaburrinha* (Beaurepaire-Rohan).

Gapira: vide *guapira*.

Gapô: vide *igapó*. Em S. Paulo, diz-se *gapô* um trecho alagadiço de mata, por efeito da enchente dos rios: é o que ensina A. Taunay.

Gapuiador: termo amazonense, que designa o pescador de baixios, ao acaso da sorte. Teschauer regista *gapuia* como modo de pescar, atravessando o riacho com estacas cravadas a prumo. Peregrino Junior escreveu um dos seus belos contos sob o título - - "O Gapuiador", e registou o termo no "Vocabulário" apenso.

Garçeiro: em português assim se nomeia o caçador de garças, conhecidíssimas aves pernaltas aquáticas, de plumas belas e caras. No vale do famoso Opara dos caboclos, hoje rio S. Francisco, segundo informa o Dr. Otto Philocon num artigo publicado no "Diário de Notícias" da capital baiana, edição de 15 de Outubro de 1927, o termo *garçeiro* designa lagõa de vegetação abundante, cerrada, de acesso difícil, onde vivem milhares de garças. Tais sítios constituem riqueza inestimável para os seus proprietários, os quaes mandam fazer a colheita das preciosas plumas em certas e determinadas épocas, proibindo ademais que, em certo raio, sejam alvejadas as ditas aves.

Garganta: como acidente orográfico é o ponto mais baixo em que se pode transpor uma serra e donde partem vales opostos; como acidente potâmico, é sinónimo de *cañon*, *fanil*, *brechão*. Termo geral do Brasil.

Garimpeiro: explorador de metais e pedras preciosas; trabalhador nas lavras de diamantes de Bahia, Minas, Goiás e Mato Grosso; falcador. E' esta a significação do vocabulo hoje em dia. Ontrota, porém, em Minas Gerais, assim se chamava ao que furtivamente catava diamantes nos distritos em que era prohibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço legal da mineração. O *garimpeiro* era, então, lenos em Teschauer, "um produto das circunstancias especialíssimas, em que foram exploradas as jazidas diamantinas nos tempos coloniaes, quando o confisco dos bens e o degrado para Angola puniam os homens livres". (Leia-se a descrição do antigo *garimpeiro* em Minas Gerais nas "Memorias do Districto Diamantino" do Dr. Felicio dos Santos, pag. 58). Saint-Hilaire diz que o nome de *garimpeiro* não é mais do que a corruptela de *grinpeiro*, nome que deram a esses foragidos e aventureiros, em allusão à *grimpa* das serras, onde se occultavam. Efectivamente se dizia, de primeiro, *grinpeiro*, como se pode verificar em varios passos das "Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia" de Ignacio Accioli, Vol. I, pags. 273 e seguintes: "Era então (governo de D. Fernando José de Portugal — 1778-1800), flagellado o sertão do rio de S. Francisco por um grande numero de celerades, que reunidos em bandos, debaixo da denominação de *grinpeiros*, praticavam atrocidades revoltantes..." Aos mesmos se refere o bacharel João Manoel Peixoto de Araujo, or-

vidor de Jacobina, numa informação dada em Lisboa aos 12 de Junho de 1797, na qual se lê: "Este entendendo, talvez com razão, que a riqueza, o respeito, e despotismo de José Alves Brandão, não só tinham feito assassinar seu irmão, mas roubado, culpado, e expatriado a elle, e que os mesmos obstarião a justificar-se, não lhe sendo possível achar provas, e correndo risco a sua vida, traçou a sua vingança conforme as circunstancias, e foi ao Distrito de Minas Gerais; onde se ajustou com maior quantidade de facinorosos, dos que alli vivem de extrahir diamantes a furto, por isso chamados vulgarmente *grimppeiros*, de que eram cabeças, e os mais terriveis, tres irmãos, conhecidos pelos *vira-saias* para virem com elle matar o dito Brandão..." Antonio Olyntho, em trabalho lido no Instituto Historico Brasileiro em 6 de Agosto de 1918, estuda a origem do vocabulo, dizendo vir de *grimpna*, por onde subiam os desgraçados trabalhadores das minas. Primeiro *grimppeiros*, mineradores furtivos do diamante e do ouro, depois *garimppeiros*. Esta origem do vocabulo, acrescenta o illustre engenheiro, que se encontra ainda nas lendas de Diamantina, parece mais natural do que a que lhe dá Moraes, que a faz provir de *aripeiro*. De *garimppeiro* veio *garimpo* que foi sempre considerado como exploração clandestina do diamante e por extração do ouro. O neologismo é verdadeiramente brasileiro. Ouvimos no interior da Bahia o nome *garimppeiro* designando os operarios de construção de estradas de ferro.

Garimpo: termo usado nas regiões diamantíferas do Brasil para designar as minas de diamantes e carbonados, os lugares em que ocorrem estas duas grandes riquezas do sub-solo brasileiro ou onde existem explorações diamantinas e também auríferas. De antes, nos tempos coloniais, *garimpo* era a mineração furtiva, a exploração clandestina do diamante e do ouro, maxime após o ano de 1740, quando se iniciaram os rigores das autoridades contra os *garimppeiros* do Tijuco, em Minas Gerais. Os trabalhadores das Lavras Diamantinas da Bahia pronunciam *guarimpo*. Segundo lemos no livro de Dias Ferreira "A Marcha da Colunna Prestes" à pag. 218, em Goiás, o nome *garimpo* indica as povoações fundadas e habitadas por garimppeiros, certamente nos lugares em que são explorados diamantes.

Garóa: também grafado *garúa*, termo geral, de origem peruana no sentir de Beaufort-Rohan, que significa chuvisqueiro, chuva fraca e miúda, fina e persistente. Vergara Martin regista *garúa* como termo da America do Sul, designativo de chuva miúda, que cãe brandamente à maneira de neve. À *garóa* se refere o Dr. Henrique Morize, à pag. 49 de sua preciosa "Contribuição ao Estudo do Clima do Brasil": "Entre os tipos de chuva que se observam em S. Paulo, merece destaque a celebre *garóa*, semelhante ao russo de Petropolis, e que se produz especialmente nos mezes de inverno. Trata-se de um neveiro grosso

e frio, que se precipita sob fôrma de finissima e penetrante chuva. A quantidade d'agua que resulta de *garôa* é muito pequena, entretanto ella introduz forte humidade no ar, enquanto dura".

Garril: termo pernambucano e provavelmente nordestino, usado pelos *cangaceiros*, designativo de obstaculo propositadamente feito numa estrada para impedir o transito de vehiculos ou cavalleiros, e constituido por uma arvore tombada sobre a mesma. Devemo-lo à informação do Dr. Mario Melo, operosissimo Secretario Perpetuo do "Instituto Archeologico, Historico e Geographico Pernambucano", o qual nos enviou a seguinte nota, publicada no "Diario de Pernambuco" de 27 de Dezembro de 1927: "Quando transpunham um mau trecho, entre Rio Formoso e Serinhaem, na curva de um outeiro o automovel parou e o motorista disse com certo ar de espanto: "garril". Era uma arvore tombada sobre o caminho, a impedir o transito. Fazia-se necessario que todos descessem para remove-la. O motorista, porém, estava assombrado e explicou que, no sertão, quando os *cangaceiros* querem assaltar viandantes, cortam uma arvore e a lançam no meio da estrada para, enquanto se trata distraidamente da remoção, dar-se o assalto de surpresa, tomada a frente e a retaguarda. Chama-se a isso *garril*".

Garrocira: nome com que os pescadores alagoanos designam o vento sul (Octavio Brandão. Canaes e Lagôas. Pag. 241).

Gauchada: grande numero de gaúchos; também se emprega no sentido de fazanha de *gaúcho*. Ao linguajar, aos costumes e habitos do *gaúcho*, à sua maneira de ser, conjunto de cousas que define o ambiente gaúcho, diz Callage, se designa pelo nome de *gaúchismo*. Alcides Maya usa *gaucheria* à pag. 28 da "Alma Barbara". Nota A. Taunay que ás vezes se emprega *gauchismo* no sentido de *caudilhismo*. Leia-se estes termos no "Vocabulario Sul-Rio-Grandense" de Luiz Carlos de Moraes.

Gaúcho: designação generica do filho do Rio Grande do Sul; mais propriamente é o camponês do mesmo Estado "typo representativo da vida acidentada das *cozilhas*". A respeito de *gaúcho*, escreveu Roque Callage em seu precioso "Vocabulario Gaúcho" — (Porto Alegre, 1926), transcrevendo em parte a opinião de Romaguera Corrêa: "Por *gaúchos* eram conhecidos alguns bandos de indios guerreiros e cavalleiros que habitavam grande parte da Republica Argentina e que, obrigados a mudar frequentemente de sitio, por causa dos antigos ataques dos seus inimigos, não tinham habitação certa. Mais tarde applicou-se aquella denominação aos restos, já mui esparsos e anniquilados pelas guerras, dos indigenas que existiam na Republica Oriental e Rio Grande do Sul, os quaes extremamente valentes e cavalleiros, tinham

os mesmos instintos e costumes da vida errante e vadia daqueles, cuja denominação receberam). Hoje, porém, applica-se este termo aos indivíduos da campanha que montam com garbo, elegancia especial e que são bons cavalleiros. Com o tempo, porém, o *gaúcho* foi tomando outro aspecto e uma expressão muito especial. Hoje, o *gaúcho*, o *guasca*, o nosso camponez, enfim, é o *typo* representativo da vida accidentada das *coxilhas*, da existência patriarchal das nossas fazendas ou estancias onde se perpetuam costumes e habitos *gnúchos*. O *gaúcho* é a expressão typica do valor e da coragem, e, identificado com o seu companheiro inseparavel — o cavallo — elle symboliza nas galopadas pela planura a figura mythologica do centauro". Por *gaúchos* conclue o douto vocabularista, se têm hoje, com orgulho, todos os filhos do Rio Grande do Sul. Quanto à etimologia do vocabulo, têm apparecido varias opiniões: o Prof. Abeille, de Buenos Aires, pensa ser derivado da voz araucania *cahu* ou *cachú* — amigo, camarada, que por um processo fonetico mui admissivel chegou a transformar-se em *gaúcho*; Vicente Rossi, devotado folclorista transplatino, em seu livro — "El Gaucho" — publicado em 1921, em Cordoba, contesta vantajosamente este aviso, e argumenta que é no idioma guarani que se deve buscar a origem da palavra, que na história platina "era simbolo de guerra". Para Vicente Rossi, o guerreiro nomada charrúa era chamado *huachu*: "leis e inflexões de evolução fonetica, segundo a lição dos linguistas e a prova achada nos idiomas autóctones, fizeram que a palavra *huachu* passasse pelas transformações de *huacha*, mais tarde *guacha*, e finalmente *gaúcho*". É este mesmo escritor quem fez a apologia dos "centauros de bronze", que se fazem livres — *huachos* — em pelejas inexoraveis na época da redenção platina, estudando em paginas eloquentes a genese charrúa do *gaúcho* e o atavismo que prevalece no *gaúcho* evolucionado: "altivez civica, rebeldia sem dobrez, valer e audacia a toda a prova".

Gelero: na "Onomastica" registamos este vocabulo como alcunha designativa de pescador portuguez na Amazônia, em especial na costa do Pará, com o abono de Nelson de Senna. Comentando o verbete, escreveu-nos Henrique Jorge Hurley, cuja competencia em assuntos paraenses é sobejamente conhecida e applaudida: "Está em equívoco Nelson de Senna. *Gelero* não é pescador, mas, geralmente, o individuo de naturalidade portuguesa que vai comprar o peixe, sobre aguas, nos Municipios de S. Caetano, Odivellas, Curuçá e Marapanim, na Costa do Salgado, nos braços de mar, rios, furos e igarapés desses Municipios, congelando-o em caixas zincadas, para revender, com duzentos por cento de lucro, em Belém, capital do Estado. *Geleros* são o piloto (patrão) e os tripulantes sem distincção". Chama-se, no Pará, *geleira* à embarcação (grande canôa), que usam para transportar, no gelo, o peixe adquirido.

Gente de baixo: designação pela qual eram conhecidos, de primeiro, os portugueses em Cuiabá. Encontramo-la num artigo de Henrique Silva — "Folk-Lore do Brasil Central" — publicado no "Almanaque Brasileiro Garnier" de 1911, à pag. 413.

Gerais: vide *campos gerais*. Luetzelburg, à pag. 94 do 3.º Vol. do seu "Estudo Botânico do Nordeste", escreve que a denominação baiana de *gerais* se aplica às regiões extensas de carraço, de flora *Vellozia-Lychnophora-Eriocaulon-Vochysia*, da região serrana central, no alto rio de Contas ou Bromado, e que é também adotado para designar grandes extensões de caráter uniforme e constante, das diversas vegetações como sejam: catinga, carraço, campinas e também palmares. Beaurepaire-Rohan diz que, no Piauí e Ceará, assim se nomeiam os lugares longínquos, ermos e invios, onde não costuma penetrar gente. Em Goiás, escreve o prof. Alcide Jubá, *este têmpo tem duas significações: a primeira é de campos com vegetação rasteira em grande extensão; a segunda é de acidente orográfico como seja a cadeia conhecida pelo nome de Serra das Divisões*. Arthur Neiva chama *gerais* aos campos extensos e deshabitados "formados por magníficas terras completamente desaproveitadas".

Gerais: ou *ventos gerais*, nome por que são conhecidos em todo o Maranhão os alizeos do nordeste, que sopram durante a estação da seca ou verão, de Julho a Setembro ou Outubro. Informação de Antonio Lopes, do Instituto do Maranhão. V. Chermont diz que, no Pará, chama-se *geral* ao vento nordeste, que sopra da ilha de Marajó e nos estuários dos rios Pará e Amazonas.

Geral: Beaurepaire-Rohan informa que assim se diz, na Paraíba o Rio Grande do Norte, de um lugar coberto de mato; "meu roçado, dantes tão cultivado, é hoje um geral".

Geralista: nome que, não raro, dão aos naturais de Minas Gerais, o mesmo que *mineiro*, chamados pelos litorâneos, em giros expressivos - *baetas, peludos, biribas* (esta referida por Aug. Saint-Hilaire em sua "Viagem às nascentes do S. Francisco". Ed. Brasileira. Pag. 229).

Gereré: vide *jereré*.

Geriumm: alcunha dada aos filhos do Rio Grande do Norte, nada encerrando de deprimente, em alusão à grande quantidade de abobora amarela, espécie de cucurbitacea, alimento de todas as classes sociais. É nome de origem tupica, corr. *uyro-mú* — a abobora (Baptista Caetano). A grafia deste vocabulo é muito variada — *Giriumm, Yirimú, Jirimú, Jirimum, Juriumú, Juriumm*, e Gabriel Soares escreveu *Gerumú*.

Gibreiro: nome que, no Pará, se dá ao trabalhador braçal (Glossário anexo ao "O Gororoba" do Lauro Palhano) "Os trabalha-

dores do porto e avulsos — *gibreiros* — eram os menos aqui-nhoados, pela inconstancia do trabalho..." (Opus. cit. pag. 109).

Giráu: corruptela de *yi-ráu* — suspenso d'agua, segundo Theodoro Sampaio. Encontra-se também grafado — *girão*, *jiráu*, *jirá*. Significa armação de varas sobre estacas ou forquilhas que serve para leito dos matutos ou para deposito de mantimentos e objetos nas casas sertanejas. Valdomiro Silveira define: armação feita com varas e troncos, para dormida no mato, ou para servir de espéra na caçada de céva (Vocabulário apenso ao livro "Nas Serras e nas Furnas"). V. Chermont fala de *casa de giráu*, a que é edificada no alagadiço, e Mario Guedes de uma especie de *giráu*, formado por uns três paus em roda da seringueira, no alto, para o qual o *seringueiro* sobe por meio de uma escada, que não passa de um pau dentado, indispensavel para que possa galgar a parte superior da árvore, embutindo lá a *tigela* ou *cadilho*. A esta espécie de *giráu* se dá, na Amazônia, o nome de *mutá*.

Giria: na Amazônia, segundo informa Gastão Cruz, no seu livro "A Amazonia que eu vi" — "Obidos-Tumucumaque", significa interprete, individuo que conhece dialetos indígenas.

Goapira: também *guapira* e *gapira*, oriundo do tupi, de *gua-apira* — começo do vale, cabeceiras, nascentes. Termo usado em S. Paulo para designar o inicio de um vale, de uma grota, a cabeceira do vale.

Godemes: alcunha pitoresca, até depreciativa, dada aos ingleses no Brasil. Machado de Assis, à pag. 92 de "Braz Cubas" empregou *godeme* e assim o regista Teschauer. Anota Pereira da Costa que esta alcunha vem talvez de 1810, quando os ingleses começaram o seu estabelecimento no Brasil em virtude da abertura dos nossos portos ao commercio das nações amigas em 1808.

Goibal: terreno coberto de goiabeiras, mirtaceas que vicejam em quasi todo o Brasil e cujos frutos se prestam a um dos mais apreciados doces nacionais.

Golfo (1): além do sentido comum da nomenclatura geografica geral — larga reentrancia marinha, e de apelidar uma planta ninfacea — *golfão*, nenúfar ou lírio de agua, tem esta palavra, segundo informação de Pandiá Calogeras, no Triangulo Mineiro e em Goiaz, o significado de "canal estreito, erodido nas rochas marginaes, por onde se precipitam em cachões as aguas profundas e tumultuosas do rio constrangido entre paredões de pedra" (Carta de 20-1-228).

Golfo (2): nome que, na região diamantina do rio das Garças, em Mato Grosso, tem o deposito diamantifero do leito profundo dos rios. Vimo-lo assim referido por Hermanno Ribeiro da Silva, em seu trabalho "Através de Matto Grosso", publicado em varios numeros do "Diario Popular" de S. Paulo (Novembro

de 1931). "Reside a unica difficuldade em delimita-la (a posse) nos leitos profundos e volumosos, a que distinguem pela denominação geral de *golfos*, donde o cascalho é retirado por meio de mergulhadores, revestidos de escaphandros". (Diario Popular de 5-11-1931).

Gordural: grande extensão plantada de capim gordura ou catin-gueiro. Assim o define Valdomiro Silveira em seu livro "Nas Serras e nas Furnas", onde lemos, à pag. 161: "O gordural anexo tava amassado do principio a fim, como na passage duma tropa fomenta ou dum gadão catuzado, que precisa de invernar".

Gorgulho: nome que se dá no norte do Brasil aos bancos de areia e cascalho que fazem a obstrução da foz de um rio. Segundo Saint-Hilaire, na sua "Viagem ás nascentes do rio de S. Francisco", *gorgulho* em Minas Gerais qualifica os fragmentos da rocha, ainda angulosos, no meio dos quais se encontra o ouro nas explorações de minérios denominados *lavras de grapiúara*. Evarado Backheuser escreve que *gorgulho* é o deposito sedimentario diamantifero. Na "A Amazonia Mysteriosa" de Gastão Cruis, encontramos *gorgulho* com a significação de pedra miúda de que se formam ás vezes os leitos dos rios.

Gororoba: Carlos Teichauer em seu "Novo Dicionario Nacional", 2.^a edição, regista este termo com a significação, no Ceará, de sujeito, individuo, com sentido pejorativo, abonando-o com uma citação de Catullo Ceatense. Entretanto Lauro Palhano no seu livro "O Gororoba" (1930), escreve, à pag. 40: "As cousas indefinidas, sem cor, sem forma ou consistencia, mixto de gelatina e grude; ao frouxo, ao timido, ao covarde, á flacidez de lesma e do uruá; ao pormenor que Victor Hugo achou horripilante no polvo: — Ser molle — chamam no Pará — *Gororoba*. Gororobas são dest'arte, no Pará, os lentos, os somnolentos, os inertes, os derreados, os bambos".

Gorutubano: apelido que, em Minas Gerais, se dá aos mestiços de caboclos, em geral vaqueiros dos sertões nortistas de Jahiba. Registado por Nelson de Senna. Este nome vem da zona do Gorutuba, (Grão-Mogol), terra riquissima em forrageiras, onde se distendem prados relvosos de grande riqueza.

Gramádo: terreno plantado de grama, quer destinado à pastagem, quer à ornamentação dos jardins publicos ou particulares.

Grameal: termo do nordeste, que indica uma formação vegetal identica ao *carrasco*, porém, com a diferença geral, que lhe faltam por completo a flora herbacea e sub-arbustiva do solo e as árvores de porte mais elevado e troncos desenvolvidos. O aspecto geral da vegetação do *grameal* é comparavel, diz Luetzelburg, de quem tiramos este conceito, a um bambual fechado e

baixo ou um extenso tabual. O *gramcal* não é pois mais do que um *carrasco* privado das suas arvores e em grande parte de seus arbustos. A denominação *grameal*, continua o sabio botânico, dada pelos sertanejos, não é de todo errada, pois que applicam o termo grama para significar a graminacea sapé (*imperata brasiliensis*, Trin.).

Grapiúna: empregado por Afranio Peixoto em "Maria Bonita", alcunha que, aos moradores da capital, dão os sertanejos da Bahia. O proprio Afranio Peixoto, em nota que nos enviou, escreveu que é o habitante do litoral, termo depreciativo que aos do sul da Bahia dão os sertanejos deste Estado. Ainda no Estado da Bahia o nome *grapiúna* é dado aos naturais da Itabúna (prospera cidade do Sul), pelos filhos de Conquista, que fica no sertão.

Gravata de couro: nome pitoresco da praça de pret, soldado raso. Registrou-o A. Taunay.

Gravatatal: termo usado pelos sertanejos do nordeste e também em Mato Grosso, para nomear os terrenos em que crescem, em profusão, as bromélias, a que eles chamam, genericamente, *gravatás*. Às vezes dão o nome de *carriatais*: vide este termo. "O macharrão (onça-macho) tinha entrado por um gravatatal fechada, onde não era possível descobrir-lhe a batida". (Viagens e Caçadas em Mato Grosso pelo Commandante Pereira da Cunha - Pag. 161).

Graviana: registado por Teschauer que o colheu no "Mané Chique-Chique" de Ildelfonso Albano, com o sentido de brisa que sopra da terra para o mar, o terrial. "Ea breve, firme e serena, tangida pelo terrial, a *graviana*, desliza a "Santa Maria" sobre o banzeiro, em busca do banco de peixe".

Grilagem: derivado de grilo (vide este termo), designativo, em certas zonas do sul do Brasil, do fenómeno social consistente num conjunto de manobras espertas usadas pelos grileiros (vide esta palavra) para a falsificação de titulos da propriedade territorial, dando origem a duvidas e controversias a respeito de sua legitimidade. Surgiu em S. Paulo justamente na fase inicial de sua economia agraria, estendendo-se hoje em dia pelo Paraná, Mato Grosso, nordeste de Minas Gerais, justamente nas regiões em que a recente penetração e occupação da terra e a existencia de grandes áreas de terrenos desoccupados não permitiram ainda a consolidação definitiva do conceito da propriedade do solo. Constitue, sem duvida, a *grilagem* séria e insidiosa ameaça à tranquillidade da propriedade territorial, assunto este que merece toda a atenção dos governos. Em sua edição de 5 de Janeiro de 1928 o "O Jornal" do Rio de Janeiro publicou penderoso editorial sob o titulo - - "Os Grillos", no qual analisa a ação perniciososa dos grileiros, que não satisfeitos de operarem nos longinquos sertões, avançavam atrevidamente até os suburbios da propria capital do Estado de S. Paulo. São deste artigo os seguin-

tes periodos: "O atrevimento do "grillo" e a engenhosidade de seus methodos envolvem essa modalidade de crime em um colorido pittoresco. Houve "grillos" que inventaram métricas especiaes, em que uma oscillação calculada dava á caligraphia ondulações e irregularidades que serviam de prova dos tremores da mão antiga e envelhecida a que se lhe attribuia. Processos chemicos imprimiam ás escripturas falsas e aos talões de impostos, igualmente falsos, o colorido amarellado e a textura quebradiça do velho papel. Ás vezes uma imprevidencia compromettia o exito dessas rigorosas applicações da sciencia ao crime. Assim, uma vez, o advogado de um "grillo", que gesticulando numa audiencia, tendo em mão a escriptura em que se apoiavam as pretensões do seu cliente, ficou tão surprehendido como o juiz ao ver denunciada pelo sol que filtrava através do papel, uma marca dagua com as armas da República, que era um tanto difficil explicar em um documento que se suppunha lavrado em 1846. Ao lado dos seus aspectos pittorescos a *grillagem* apresenta faces gravissimas, constituindo mesmo um dos males cuja urgente e severa represão é imposta por grandes interesses nacionaes".

Grileiro: térmo corrente no oeste de S. Paulo, que qualifica o individuo, quasi sempre o advogado ou agente que falsifica papeis ou titulos de propriedade territorial, que arranja *grilos*. Desse tipo peculiarissimo na penetração civilizadora no *far-west* da Paulicéa nos dá viva idéa Monteiro Lobato, ás pags. 12 e 18 da sua "Onda Verde": "O grileiro é um *schinista*. Envelhece papeis, resuscita sellos do Imperio, inventa guias de impostos, crea genealogias, ensina a escrever a velhos urumbevas que morreram analphabeticos, embaça juizes, suborna escrivães e, novo Jehovah, tira a terra do nada. Envelhecer um titulo falso, *enverdadeiral-o*, é toda uma sciencia. Mas conseguem-no. Dão-lhe a cõr, o tom, o cheiro da velhice, e fazem-no muitas vezes mais authenticos do que os reaes". E' que o esperto manipulador das terras *grilentas* ou *engriladas* "falsifica firmas, papeis, sellos; falsifica rios e montanhas; falsifica arvores e marcos; falsifica juizes e cartorios, falsifica o fiel da balança de Themis; falsifica o ceo, a terra e as aguas; falsifica Deus e o Diabo. Mas vence. Divididas as glebas em lotes, vendem-nas os grileiros á legião de colonos que os seguem como urubús — pelo cheiro da carniça. Cinco, dez annos depois, a flor do café branqueia a zona e a incorpora ao patrimonio da riqueza nacional". Oliveira Vianna, o maior sociologo do Brasil atual, na sua admiravel "Evolução do Povo Brasileiro", poz em luz as funções essenciaes que, em nossa obra de conquista civilizadora da terra, exercem o *lugreiro* e o *grileiro* (Op. cit., pag. 99).

Grilo: propriedade territorial legalizada por meio de um titulo falso. Vide na "Onda Verde" de Monteiro Lobato, como se fazem os *grilos* na maromba da alquinnia forense (Entre pags. 15 e 26). Assis Chateaubriand definiu o *grilo* como sendo nem mais

nem menos que a falsificação de um título de domínio ("O Jornal" de 25-10-27). "Não o permitiu, porém, a rendosa industria do *grillo*. Lá ás tantas, quando o municipio se povoava e se enriquecia, surgem, como sempre, fanigerados documentos de posse e começam as longas, intermináveis demandas, que, como o governo fecha os olhos e as tolera e as bendiz até, se procrastinam insolúveis, á custa do interesse geral e do futuro das localidades. O Estado, senhor das terras devolutas, de que abre mão, é, afinal, directa ou indirectamente, o *grilleiro-mór* (Brenno Ferraz — "Cidades Mortas" — Pag. 111).

Gringo: alcunha generalizada no Brasil e applicada aos castelhanos e platinos. Pereira da Costa, anota que, na guerra do Paraguai, a nossa gente chamava gringos aos orientais e argentinos. Não raro *gringo* é applicado a qualquer estrangeiro. No Rio Grande do Sul, informa o Dr. Oswaldo Vergara (Problemas de Português) a palavra *gringo* é empregada especialmente para designar um italiano de categoria inferior: assim também o é em Santa Catarina, segundo informe do Pe. Geraldo Pauwells. Em Pernambuco é o estrangeiro que vende a prestações (Mario Melo): o mesmo na Bahia. Vem de molde recordar que os acreanos assim alcunhavam os bolivianos no tempo da guerra de Placido de Castro (Aurêlio Pinheiro. "Gleba Tumultuaria"). De *gringo* derivam *gringalhada*, *gringada* — reunião de *gringos*.

Grota: terreno em plano inclinado na intersecção de duas montanhas (Beaurepaire-Rohan); vale pequeno e fundo. Termo geral de muito uso em todo o Brasil. E' seguramente alteração de gruta.

Grotão: aumentativo de grota. A. Taunay escreve: "depressão profunda entre montanhas de lombadas muito alcantiladas". "Luzia foi subindo após elles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira, dahi em diante cavada na aresta das rochas talhadas, a prumo, sobre o *grotão* profundo" (Domingos Olympio Luzia Homem — Pag. 274).

"E' o Brasil destemeroso das vaqueijadas

Que nos *grotões*, em coleras, explode.

O Brasil que chora na voz do aboio nas quebradas,

E dança na espiral do laço que sacode."

Do "O Meu Brasil" de Olegario Matiano.

Groteiro: nome dos sertanejos em Minas Gerais, maxime dos que moram nas bôbocas e brenhas do Mucuri e Itaumbacuri. O mesmo que *rocceiro*. Registado por Nelson de Senna.

Grana: termo das Lavras Diamantinas na Bahia, que designa uma escavação profunda feita pelos garimpeiros nos terrenos diamantíferos; também significa as escavações produzidas pelas aguas nas ribanceiras de certos rios, como informa Taunay. Do

que seja *gruna* nas Lavras da Bahia nos informou o inteligente sertanejo Manoel Affonso da Cruz, morador e conhecedor da região: "a gruna é um fesso na terra ou em rochas, onde os *gruneiros*, de rastos, vezes por dentro d'agua, penetram e aí trabalham, dia e noite, à luz de candeias de azeite. Das *grunas* ele retirava os cascalhos em sacos de fazenda. Ha *grunas* em que os *grunciros* descem, vencendo as maiores dificuldades e sujeitando-se às maiores contingencias, cêrca de 100 metros e da por diante trabalham, ora deitados, ora de cócoras, na extensão de um quilômetro, perfurando-se às vezes o solo para que possa entrar o ar".

Grunado: rio subterraneo nas Lavras Diamantinas da Bahia
Sinonímia: *escondido — agua sumida* (Vide o primeiro termo)

Gruneiro: trabalhador das *grunas* na exploração e escavação de cascalho. "Terminou o *grunciro* a narrativa entre os *garimpeiros* atentos" (Alberto Rabello "Contos do Norte". Pag. 54). A diferença que ha entre *gruneiro* e *garimpeiro* é que aquele garimpa nas *grunas* (Vide este termo). O garimpo tanto é na gruna como nas *catas*, ao ar livre — Termos de uso nas Lavras Diamantinas da Bahia.

Grunha: termo que vimos registado na "Porandaba Amazonense" de Barbosa Rodrigues, com a tradução de concavidade nas terras, às vezes bem espaçosas.

Grupiára: também *gupiára* e *guapiára*, termo do Brasil central que denomina deposito diamantifero nas cristas e encostas dos altos e morros. Nas Lavras Diamantinas baianas se diz *gupiára* a mina rasa da serra. Saint-Hilaire define como um cascalho aurifero superficial. E em Barbosa Rodrigues encontramos o termo com um sentido inteiramente diferente: espaço de terreno entre os montes e os taboleiros, onde o campo, em geral, cresce muito, devido à humidade. O mesmo autor fala de sua etimologia indigena, literalmente sendo — campo que cresce alto. Theodoro Sampaio dá a seguinte origem: *curú-piara* - a jazida de cascalhos, a lavra do cascalho diamantino, na encosta dos morros e nos altos, à margem das torrentes.

Guabirú: nome depreciativo de um dos partidos politicos na provincia de Pernambuco, no meiado do seculo XIX; os *guabirús*, *baronistas* ou *miguelistas* eram os conservadores, adversarios dos *praieiros* ou *liberais*. Foram estes dois grupos politicos que se bateram na chamada guerra *praieira* em 1819. O nome *guabirú* é tupi: de *gua-bir-u*, o que devora mantimentos, o rato, segundo Theodoro Sampaio. Daí a justa frase de Alfredo de Carvalho: "os liberaes houveram recurso a um epitheto que quadrava a primor com a indole das retalições partidarias". E' do tempo esta quadra registada por Pereira da Costa:

"Machado que corta lenha,
Tambem corta mulungú
Praieiro que tem vergonha,
Não fala com guabirú."

Guaiíba: nome que, em alguns Estados do Sul, dão aos pantanos profundos. Do tupi — *gua-y-be*, na enseada, ou bahia, diz Theodoro Sampaio; ensinam outros — de *guá-tale* e *ahyba-mau*, ruim.

Guajirú: termo registado por Pereira da Costa, com o sentido de mulato da cor da fruta indigena deste nome ou seja de um vermelho escuro vivo lustroso. Guajirú é uma rosacea descrita por Marcgraf com o nome de *guagerú*.

Guapáua: segundo nos informou Henrique Jorge Hurley, em carta de 20 de Dezembro de 1929, em Macapá e no Amapá, até onde chegam os campos gerais da Guiana oriental, é comum em vez de beira-campo; de *gua-cariga* e *yáua* — acabado, isto é, onde o campo acaba e começa a mata de caapéna, caraúba, genipapo, tucumã e paricá. Também *guapá*.

Guaranázal: bosque ou reunião de guaranazeiros ou guaranás, planta da familia das Sapindaceas, que cresce na margem direita do Amazonas, especialmente no vale do Tapajós. É a "*Paulinea sorbilis*" de von Martius, anteriormente chamada "*Paulinea cupara*" por Humboldt e Kunth. "Em geral o guaranázal deve soffrer duas limpezas annuaes; a primeira, a terceiro no mez de Abril e a segunda á entrada para ser mais completa, no mez de Julho, justamente na época em que as primeiras flores commecam a despontar" (Apud "*Redempção*" n.º XIV, Revista de Manáos, no artigo "*O Guaraná*" de Luciano Antony). Neste artigo está descrito todo o trabalho de preparação do guaraná, de efeitos medicinaes bastantemente conhecidos, desde a plantação, apanha, decocção, torração, pilação, até a fabricação dos pães e posterior encaixotamento para a exportação.

Guaraniana: nome proposto por Hermann von Yhering para uma das subdivisões da provincia zoogeográfica do Brasil, por elle chamada *Tupiana*. Esta sub-provincia abrange as terras que se estendem do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Guarda-peito: o mesmo que *capanga*.

Guariba: nome que se dá nos negros em certas partes do Brasil; registado por C. Teschauer.

Guarimpe: segundo Rodolpho Garcia, que o regista, é o talude vertical, regularizado a bico de picareta, nos cortes das estradas, quando se pretende conserva los em caixão. É termo usado em Pernambuco.

Guarirobal: termo muito de uso em Goiás, designativo de baixada que sempre produz *guariroba*. A *guariroba* é uma palmeira que

vegeta no Brasil central e cujo palmito ligeiramente amargo é muito apreciado e constitue um apetitoso prato. É a "cocos oleracea" de Martius.

Guasca: apelido dos filhos do Rio Grande do Sul; o mesmo que *gaúcho*. Romaguera ensina que "baseado no facto dos filhos do Rio Grande, em geral se dedicaram á industria pastoril, em cujos variados trabalhos usam sempre cordas de couro chamadas *guas-cas*, dão-lhes os filhos do norte aquella denominação". De primeiro, *guasca* era o camponio, o *caipira rio-grandense*; hoje, é o *rio-grandense em geral*. Se foi um vocabulo pejorativo, escreve Callage, é agora um verdadeiro titulo de orgulho. "Nessas provas aparentemente isoladas, de extrema defensão das tropas retirantes, brilhava salvedor o orgulho *guasca*" (Alcides Maya — "Alma Barbara" — Pag. 97).

Guascaria: termo de uso no Rio Grande do Sul, designativo de reunião, grupo de *guas-cas* ou *gaúchos*, e também de casa que negocia em *guas-cas* (cordas de couro). No primeiro sentido, empregou-o Roque Callage, no seu "Quêro-Quêro", à pag. 78: Porque serenada esta, a *guascaria* *guápa* demandava aos lares humildes, retomando o habitual trabalho pastoril".

Guassú: Theodoro Sampaio e Candido de Figueiredo escrevem *guassú*. É um adjetivo tupi que significa amplo, largo, grosso, grande. É de uso frequente quando se quer distinguir certos accidentes maiores que os outros: os menores distinguem-se pelo vocabulo *mirim*. Theodoro Sampaio ensina que, não raro, *guassú* se altera em *uassú*, *oassú*, *açú* e *uçú*.

Guenhen de mundo: no vocabulário apenso ao livro de Horacio Nogueira — "Na Trilha do Grillo", encontramos esta expressão com o sentido de "logar muito distante do povoado, no fundo do sertão". É usada pelos caboclos sertanejos, e o autor acima regista-a na seguinte frase de seu livro, à pag. 188, attribuida a um *caipira*: "Só o senão que tem esta bocaina, é tá nestes *guenhen de mundo*: fóra essa tortura, é um caso aberto". A pag. 218 de "Mixuangos" de Valdomiro Silveira encontramos a expressão *guanhã de terra*, com o mesmo sentido: "Andei de mão em mão, feito bandeira do Divino, mas os beijos que me deram pr'esse *guanhã de terra* não me deixaram marca nenhuma".

Guita: apelido *gaúcho* de soldado de policia, já registado por Callage.

Gunga-muixie: termo usado em S. Paulo, com o significado de maioral, chefe, manda-chuva. Vim-o empregado por Valdomiro Silveira em seu livro "Nas Serras e nas Furnas", do qual faz parte um "Conto" sob esse titulo. Também se diz o *gunga*. (Op. cit. pag. 240).

Gungunhana: apelido de negro. Informa A. Taunay que é uma alusão à côr do famoso regulo aprisionado pelo comandante português Mousinho de Albuquerque.

Gupiára: o mesmo que *grupiára*.

Guritas: assim se designam, no Rio Grande do Sul, os altos e imponentes cêrros da serra de Caçapava, de formas esquisitas e caprichosas, que ao de longe semelham templos, castelos e guaritas de soldados. E', sem duvida, corruptela de *guarita*, conhecido termo português. A palavra *gurita* ainda é empregada no interior da Bahia para designar a egua velha. Antigamente usavam o nome *guritão* para nomear um bonê de couro usado pelos milicianos. Piá do Sul, poeta rio-grandense, cantou as *guritas* de Caçapava a pag. 136 e 137 do seu livro "Gauchismos e Gauchadas" (2.^a edição), onde lemos

*"A dous dias da fronteira,
Guritas desassombradas,
Sois da Patria Brasileira
Sentinellas aranzadas.*

*Quem nas Guritas o luro
Dos nossos pagos não viu,
Não é completo gaúcho,
Todo o orgulho não sentiu".*

Registado por Callage.

Gurunga: vide *ingurunga*.

H

Habilitado: é "assim chamado no Estado de Mato Grosso e no alto Paraná, ao empreiteiro da elaboração da herba mate", o qual "mantem a seu serviço certo numero de *peões* ou trabalhadores, sendo responsável pelas suas dividas ou *antecipos* perante o *patrão*" (Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio — Maio 1928). Tratando da Companhia Mate-Larangeira, Luiz Amaral, do "Instituto de Chimica Agricola", refere-se aos denominados *habilitados* no seguinte passo: "Além dos empregados mensalistas e diaristas, tem a Companhia os chamados *habilitados*. Estes ultimos são uma especie de sub-arrendatarios de herbas. Trabalham por conta propria e têm assegurada a collocação de sua safra". (Boletim do Ministerio de Agricultura, Janeiro-Março — 1937).

Hamadriada: também *hamadrias*, designação dada pelo grande von Martius a uma das zonas em que subdividiu o Brasil do ponto de vista fitogeográfico, a que abrange a região das catingas do nordeste, chamada por Oscar Drude — *sertão-catinga*.

Henriques: nome dado aos soldados negros e mulatos que compunham o "Terço de Henrique Dias", estabelecido nas capitania do Brasil, após a guerra hollandesa, em homenagem ao bravo guerreiro Henrique Dias. Não ha quem desconheça os serviços inestimaveis prestados por esse negro glorioso na guerra contra os batavos, em Pernambuco. Logo após a sua morte, em 1662, o governo da metropole, no reconhecimento de sua gloria, estabeleceu em cada capitania o denominado "Terço de Henrique Dias", simplificado mais tarde em "Terço dos Henriques" (J. Miralles — Historia Militar do Brasil).

Herval: campo em que cresce abundantemente a erva-mate (alguns já escrevem *ervamate*) ou congonha (nome guarani e vulgarmente usado), cuja exploração é, depois da borracha, a mais importante industria extrativa vegetal do Brasil. E' termo peculiar ao sul do Brasil e a Mato Grosso. Nenhuma região brasileira possui mais vastos *herveaes* que o Paraná: na zona de Ser-

ra-Acima existem florestas nativas desta preciosa ilicinacea, chamada por De Candolle — *Ilex paraguayensis*. Extraído o mate, vai para os *carijos* (giráus) ou *barbaquês*, onde as folhas e os ramos são secados, depois para a *cuncha* (espaço cercado de tabuas), onde é triturado a golpes de clavas de madeira, e depois fragmentado ou moído nas fabricas. E' preciosa a leitura do capitulo referente à inesgotavel mina verde que é a erva-mate ou simplesmente *erva*, como se diz na região produtora, do livro do jesuita C. Teschauer — "Avifauna e Flora nos Costumes, Superstições e Lendas Brasileiras e Americanas", pag. 180.

Hervateiro. este terno, muito do uso no sul do país, é empregado para designar ora o negociante de mate, ora o individuo que se dedica ou quasi vive da colheita e preparação da erva-mate. Romario Martins diz: o que trabalha em erva mate. Nos hervaes do oeste do Paraná, no Paraguai e em Misiones da Argentina ha o termo *mineiro* para o trabalhador em herval, porque lá denominam *mina* a zona de concentração de erva mate, o herval.

Hiléa: termo erudito, dado por Alexandre Humboldt à região botânica das selvas da Amazônia, que occupa a maior parte da cintura hidrográfica do rio-mar. E' a zona equatorial de Wappaeus, cujo clima quente e humido favorece sobremodo a exuberancia da vegetação; é a mata virgem que cobre a imensa planície amazônica e que abrange as duas secções conhecidas pelos nomes de *caa-igapó* — mata que beira os rios e *caa-été* — ou "mata verdadeira" das planicies. Este mesmo nome de Hiléa (*Hyléa*) foi proposto por H. e R. von Yhering e accito por Delgado de Carvalho (Geographia do Brasil — Tomo I — Pag. 68), para designar uma das três provincias zoogeográficas em que se pode dividir o Brasil, a que abrange as matas ininterruptas da Amazônia, por sua vez subdividida em *Hiléa ocidental* e *Hiléa oriental*, formada pelas bacias inferiores dos rios Tapajóz, Xingú, e Tocantins e a costa sul paraense. O grande geobotanico Ruhlé que estudou a floresta pluvial equatorial da Amazônia dividiu-a em duas zonas: Amazônia Inferior ou distrito oriental e Amazônia Média e Superior ou distrito ocidental. A *Hiléa* de Humboldt foi chamada por Barboza Rodrigues — Amazonina.

Igaci: segundo nos informou H. Jorge Hurley, este vocabulo é usado pelosOMBÉS de referencia ao canal principal de um rio: De *ig-agua* e *cy-mãe*. Este termo, pondera o illustre geografo, pode substituir perfeitamente o vocabulo germanico *thalwegue*, empregado na tecnologia hidrográfica. Os caboclos dizem que a *boiúna* (cobra preta) e a *boiassú* (cobra grande) são também mãe do rio.

Igapó: termo da Amazônia, que apelida a floresta inundada por ocasião das enchentes dos rios, a mata que beira os cursos d'agua. Verdadeiro alagadiço ou baixada marginal onde se represa e espalha o excedente das aguas dos rios, o *igapó*, não raro, após a inundação se transforma em um brejal ematagado. Os habitantes da Amazônia distinguem nos terrenos da imensa bacia três graus a que chamam *igapó*, *vargem* e *terra firme*. O *igapó*, diz Keller, é a aluvião mais moderna na margem convexa, cuja altura não é superior a 4 e 5 metros acima das aguas baixas e que, portanto, com as aguas médias principia a ser inundada. "O caracter da vegetação é bem pronunciado, produzindo afóra do capim, chamado canarana nos barrancos e alguns arvoredos baixos de madeira branca e molle, a embaúba (cocropia) e a seringa (ficus elastica)." Segundo uns vem a palavra do tupi *yg-agua* e *pó-conter*; Barbosa Rodrigues e Theodoro Sampaio fazem-na derivada de *yapó-agua* estagnada ou repousada sob a mata, *alagadiço*, *pantano*. Escrevem às vezes *gapó*. Foi J. Huber quem melhor caracterizou o *igapó*. O indigena, diz elle, designa, pelo nome de *igapó*, uma mata onde a agua fica estagnada ou retida durante muito tempo, isto é, os trechos da mata com drenagem insufficiente. E, por isso, os trechos pantanosos da terra firme são também chamados *igapós*. Henrique Jorge Hurley nota que em *neengatú* se diz apenas que é *igapó* o terreno alagado cujas aguas banham as sapopemas das arvores. Para o selvagem de origem tupi-guorani, *igapó* é o nome dado aos brejos, às varzeas que se enchem d'agua dos rios e conservam as aguas pluviais.

Igapozal: sucessão de igapós. Empregado por Alberto Rangel no seguinte passo das "Sombras N'Água" — "Talvez, olhando para o mar, cujas brizas lhe haviam de bafejar a fronte larga, fecundando-a de altos pensamentos, elle reflectisse no meio de tornar efficaz na sua diocese, no igapozal da Amazonia, os esforços generosos da assistencia espiritual ás suas ovelhas..." (Pags. 66 e 67).

Igarapé: etimologicamente significa trilha de canôa: de *ygara*-canôa e *apé*-caminho. Termo da Amazônia que nomeia os rios pequenos ou riachos sómente navegados pelas canôas (*igara*, *igaratim*, *igarité*, *ubá*, *montaria*). Os igarapés têm o aspecto de esteiros ou braços de rio que penetram em direitura ao interior das terras. É uma formação hidrológica peculiar às terras do *fluviorum rex*. Na "Onomastica" registamos que Rodolpho Garcia informara que, no litoral do Maranhão e do Piauí, chamam igarapé o que nos outros Estados se denomina *cambôa* ou *gambôa*: em carta que nos escreveu, Antonio Lopes, Secretario do Instituto de História e Geografia do Maranhão, faz sentir que a palavra *igarapé* não tem no seu Estado a significação de *cambôa*. É sempre braço de rio entrando na costa.

Igariteiro: termo muito usado na Amazônia para designar canoeiro, o que dirige uma canôa. É um derivado de *igarité*, canôa de um só madeiro. Numa Conferencia feita em Belo Horizonte por Affonso Arinos e publicada na Revista do Instituto do Ceará, encontramos o seguinte trecho: "Nós tivemos a felicissima circumstancia de não usar, em tão vasto dominio, de lingua ou dialecto que não seja a lingua portuguesa comprehendida pelo *igariteiro* do Amazonas ou pelo gnúcho do Sul".

Igupá: Rodolpho Garcia, que o regista, dá-lhe como significado no nordeste, onde é ouvido, de brejo ou lagoeiro formado pelas aguas pluviais. Do tupy *y* ou *yg*-agua e *upá*-pouso, jazida.

Ilha: nome que, na ilha de Marajó e também na bacia do Rio Branco, na Amazônia, crisma um grupo frondoso de altas arvores em meio dos campos. O vocabulo é demasiado persuasivo e apropriado pela semellança do aspecto que esses grupos arboreos têm com as ilhas arborizadas, em meio da caudal do Amazonas. É também usado com o mesmo sentido em algumas zonas de Mato Grosso e do Maranhão. De referencia a este Estado escreveu Raynundo Lopes em o N.º 42 do "Boletim do Ministerio do Trabalho, Industria e Comercio", que as ilhas "ou são pedaços destacadados de terras firmes, ou tezos isolados, ou restingas de campo, ou mesmo simples moitas de arvoredo". Na Argentina, informa Vergara Martin, que assim se nomeia um bosque isolado de curta extensão, que não está junto a rio ou outra massa de agua.

Ilha de casca: registado por A. Taunay, designativo, em certas regiões, dos sambaquis (vide este vocabulo).

Ilha de terra firme: locução amazonense que traduz uma elevação de terreno, geralmente poupada durante as enchentes. "A caça escasseava, refugiada ao longe, nas ilhas de terra firme, e a fartura do peixe não era nada ante a vastidão da massa líquida que o furtava aos ardis do pescador mais paciente" (Gastão Cruis — A Amazonia Misteriosa, pag. 295). No "O Torrão Maranhense" de Raynundo Lopes, vimos que o termo *ilha* é empregado em varios sentidos. "Varios termos locais exprimem as circunstancias da modelagem aluvial. As *ilhas*, ou são pedaços destacados dos *firmeis*, ou tocos isolados, ou restingas de campos, ou mesmo simples moitas de arvoredo".

Imbuava: também *imbuaba*, o mesmo que *emboaba*. (Vide este termo).

Impueira: o mesmo que *ipueira*. Informa Barbosa Rodrigues que, em Minas Gerais, as *impueiras* são as margens de rios, baixas e alagadiças.

Indiada: nêem da accepção de raça ou conjunto de índios, segundo Callage, no Rio Grande do Sul, se diz no sentido de *gauchada*, grupo de gaúchos; "a indiada lá dos pagos é o mesmo que dizer a *gauchada* lá de fora". Nos "Contos Gauchescos" de Simões Lopes Netto, à pag. 93, lê-se: "Tudo isto é indiada coronilha (forte, disposta) criada a apoio, churrasco e matte amargo". E Darcy Azambuja, no "Gulpão", pag. 45, da 2.^a ed., escreve: "Toda a *indiada* na quietura de antes da boia, olhando as brasas e de agua na bocca com o cheiro do charque gordo".

Índio: no Rio Grande do Sul, este nome não se applica ao indígena, *tapuia* ou *bugre*, diz Callage, e sim ao peão gaúcho, em geral, ao empregado de estância.

Inferno-verde: denominação literaria da Amazônia, da grande baixada que se distende dos arredores de Nauta, no Perú, às plagas do Atlantico, entre as *sojraldas* dos planaltos brasileiro e guiano, caracterizada pela uniformidade golpeante de um "mar de verdura". Em 1908, appareceu com este titulo um livro admiravel de "Scenas e scenarios do Amazonas": escrevera-o o espirito fulgurante de Alberto Rangel. "Surprehendente, original, extravagante", o volume empolgou a atenção do país, e, de logo, se inscreveu entre os maiores da literatura regional brasileira, até porque, como disse Euclydes da Cunha, que o prefaciou, era "uma grande voz, pairando, commovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringaes que as mattas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores illusorias da esperança...". Daí por diante a denominação entrou a ser repetida em jornais, revistas e livros, até de caráter científico, nacionais e estrangeiros (Vide a citação de G. Capus e D. Bois. (Verb. Ouro-negro). Citemos em abono o seguinte periodo do Afrânio Peixoto, à pag. 310 da "Poeira da Estrada": "A prova

é que esses mesmos tabaréus inertes dos sertões, levados á Amazonia, contra águas desatadas, miasmas infinitos, provações sem conta, numa epopeia de esforço e conquista como nenhum outro homem seria capaz de fazer, nos desbravam e adquirem o "Inferno-Verde" para a civilização nacional". O nome é, de feito, adequado: acomodou-se á propria ao largo vale incomparavel, "ultima pagina, ainda a escrever-se, do Genesis". Vale a apostrofe que o engenheiro de Alberto Rangel dirigiu "á matta, esposada com o rio: Inferno... Inferno... verde". Não houve ccho, que apanhasse e devolvesse as palavras de fel dos labios do Vencido. A terra ambiente com ellas ganhava um distico e um ferrete: — Inferno verde!... Inferno é o Amazonas... inferno verde do explorador moderno, vandalo inquieto, com a imagem amada das terras d'onde veio, carinhosamente resguardada na alma, ansiada de gaixão por dominar a terra virgem, que barbaramente violenta". "Mas enfim, o inferno verde, si é uma gehenna de torturas, é a mansão de uma esperança, terra prometida ás raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, intelligencia e providas de dinheiro..."; terra que um pobre jesuita vaticinou, "na escuridão fria de um ergastulo, que seria *delicias dos homens, regido da vida e inveja do mundo...*, "valle fecundissimo — reino das Aguas correntes, horto das Orchideas e Palmeiras, imperio da Siphonia elastica!..." (Trechos do "Inferno Verde" de Alberto Rangel, entre pags. 338 e 342). Vale recordar que, ao definir a região amazônica, nem todos a crismam de *Inferno Verde*, que a concepção profetica do Pe. Antonio Vieira denominou — o quinto Imperio do mundo —, sinão que, "entre arroubos de exaltado otimismo" a julgam o *paraizo verde*. Assim a designa Raymundo Moraes (Araujo Lima "O Reino das Naiades").

Influência: termo que, nas regiões diamantíferas do Brasil (Bahia, Goiaz e Mato Grosso), designa o lugar em que são descobertas minas de diamantes e carbonados que determinam serviço intenso e produtivo; talvez originario de *afinencia*, em allusão aos numerosos aventureiros que enxarciam para os lugares onde apparece a pedraria. De referencia ao seu uso na Bahia comprova-o o seguinte passo dos "Contos do Norte" de Alberto Rabello: "ponto de um garimpo que está dando muito diamante"; com relação a Mato Grosso atesta-o Hermanno Silva á pag. 130 de seu livro "Garimpos de Matto Grosso": "E tanto é verdade a asserção, que, faz alguns annos sómente, lá partiram os nomades garimpeiros em demanda do rio Aquidauana, na zona sul do Estado, onde havia grande *influencia*, termo da gíria local que quer dizer serviço intenso e produtivo..."

Informação: registado por Afranio Peivoto, indicador de "formações minerologicas que denunciam ouro ou o diamante: aliás a corruptela parece mais expressiva, porque esse satellites ou "cativos" como lhes chamam os mineiros, informam da preseça do

minerio que se procura". Pelo mesmo Afranio Peixoto empregado na "Bugrinha" pags. 108 e 150. Em notas com que me distinguíu o ilustre Pandiá Calogeras escreveu que o termo comum em mineração é *formações* e que cativos não são toda a *formação*, mas algumas especies delas. Temos lido em varias fontes que *informação* é um conjunto de minerios e materiais calcareos que assinalam a existencia do diamante. Quando a *informação* se alonga no leito do rio, o que torna difficil precisar a localização do diamante, dão-lhe o nome de *comprido*; é o que noticia Christiano de Castro na "A Informação Goyana" de Dezembro de 1908. Por fim, Everardo Backheuser em seu "Glossario", diz que, no Brasil, os garimpeiros de diamantes denominam *formação* ou *informação* ao conjunto de mineriais caracteristicos que acompanham em regra aquella pedra preciosa. E cita a opiniao de Hussak para quem a palavra *formação* é corruptela de *informação*.

Ingutunga: termo empregado na Bahia, para assinalar um terreno muito acidentado, com subidas e descidas íngremes, por entre morros e serrotes, de transitio difficil. Registado por Beaurepaire-Rohan, que aliás não cita a *forma* muito frequente — *gurunga*.

Inhamum: registado por Paulino Nogueira, designativo do sertão que se estende desde as cabeceiras do Jaguaribe até Ipatú, e compreende Tauá, Arneiroz e Cococi. Significa etimologicamente *irmão do diabo*, vindo-lhe este nome, segundo Barba Alardo, da tribo jucú, que habitava essas paragens.

Itaipaba: também *itaipava*, o mesmo que *itaipaba* ou *itaipava* (vide *itaipaba*).

Invernada: termo do sul do Brasil, designativo da parte do campo de uma estância, mais ou menos bem resguardada, com boas pastagens, onde, principalmente no inverno, se deixa o gado que se destina à engorda. Callage e Romaguera informam que existem também *invernadas* para outros misteres como, por exemplo, para cruzamento de raças e para desterneirar vacas. Valdomiro Silveira diz simplesmente: "pasto de larga extensão, para descanso e engorda de animaes". No sentido de chuvas copiosas e prolongadas, não é termo proprio do Brasil: registam-no assim todos os Dicionários da lingua portuguesa.

Invernador: também *invernista*, derivado de *invernada* (vide este vocabulo) designativo da pessoa que se entrega tão só à engorda de animais para o talho. A pag. 82 do precioso "Guia de Santa Catharina" lemos: "... e que já estão distantes os criadores dos *invernadores*, applicando-se estes sómente à engorda de animaes para o talho". O termo é mais comum no Rio Grande do Sul: Roque Callage em seu "Vocabulario" diz que o fazendeiro ou criador que em seu campo recebe gados para *invernar*, os

que inverna por conta própria. Nos termos da chamada Lei do Renjustamento Economico (Dec. 24233 de 12 de Maio de 1934) *invernador* é aquele que se entrega à invernagem do gado.

Inverno listrado: expressão sertaneja do nordeste, cuja significação se deduz das seguintes palavras de José Americo de Almeida: "A variedade physiographica da Parahyba correspondem cinco zonas climaticas: o littoral, a caatinga, o brejo, o cariry e o alto sertão. Não ha correspondencia do periodo chuvoso entre essas zonas. Pode acontecer que una esteja inundada e a outra se ache abrasada na secca. Foram chuvas serodias e saltadas. E' o que o sertanejo chama *inverno listrado*, com estendões de verdura aqui e borrões de paisagem morta acolá" ("Como o Nordeste se esvasia" — Artigo publicado no "O Jornal" do Rio de Janeiro, edição de 5 de Outubro de 1928).

Ipú: termo tupi, de uso no Ceará, que indica terreno humido e fresco, adjacente aos serrotes, e que se desenvolve em vales ou varzeas. Tais terrenos são em geral de cor escura, ricos em humus, muito férteis. Paulino Nogueira diz que é terreno de um barro preto, *massapé*, que tem muito humus ou decomposição vegetal e animal, que as aguas acarretam das serras, e por isto muito substancioso, humedecido pelas correntes, que destas descem e correm para alguma extensão. De *ig-agua* e *po* ou *pu-mão* ou seja — mão dagua, fonte, banhado.

Ipuada: registado por C. Teschauer, como termo baiano, designativo de choça, choupana. Nunez o vimos empregado. Será corruptela de *caputaba*?

Ipuan: termo usado por alguns escritores amazonenses e pelo povo como sinônimo de ilha. De *ig* — agua e *puan* — redonda. Informação do escritor paraense Jorge Hurley, em Carta de 4-6-930.

Ipuassú: *ipú* grande, de longa extensão (Vide *ipú*).

Ipuca: registado por Barbosa Rodrigues — *ypuca*, dando-lhe a significação de *furo* no *igapó*.

Ipuera: também grafado *ipuera*, *ypocira*, *ypueira*, *ipocira*, palavra tupica, formada de *ipú* — banhado, lagôa e *uera* — que foi: lugar onde houve agua (J. Hurley). Assim se chama, no Nordeste principalmente, aos lagoeiros formados pelo transbordamento dos rios nos baixos marginaes, onde as aguas se conservam durante alguns meses e são geralmente piscosas. As vezes o rio se comunica com as ipueiras por estreitos canais. Paulino Nogueira define: "lagôa rasa e alongada no meio das varzeas, formada pelo inverno, e que desaparece, arrebado este. J. Galeno diz que é o lugar do campo, que se crche de agua no inverno, conservando-a por alguns mezes. Em Goiaz assim chamam às lagôas pequenas. No Pará se diz *puera*: vide este termo. No Maranhão, segundo Antonio Lopes, *ipueira* é qualquer *paúl*.

Irmão do pico: à pag. 67 do livro de Mario Melo, "Archipelago de Fernando de Noronha", lemos os seguintes períodos: "Antigamente se chamavam *irmãos do Pico* os conchmados a galés perpétuas. Como o grande rochedo, dali não sahiriam mais. Hoje se consideram *irmãos do Pico* os que estão na ilha ha algum tempo. O chefe da "Compagnie Télégraphique Sud-Américaine", que alli reside ha oito annos e constituiu familia, declarou-nos ser *irmão do Pico*. "O Pico é um dos alterosos morros que se alevantam na ilha de Fernando de Noronha, com 332 metros de altitude, absolutamente inacessivel e visto a cêrca de 30 milhas de distancia. Descreveu-o o notavel geologo J. C. Branner em sua "Geologia de Fernando de Noronha".

Itaberaba: vocabulo tupi, composto de *itá-beraba* — pedra que resplandece, pedra refulgente, cristal (Theodoro Sampaio), com que nos tempos heroicos das *banáciras* os *sectaristas* designavam as minas fabulosas e rebrilhantes, cuja miragem os arrastava às ermas paragens da *serlania* virgem. O consagrado escritor baiano Xavier Marques empregou-o no seguinte passo: "Foi de facto *El-Dorado* o que por alli andaram buscando em afoitas entradas, nem sempre vans, os emissarios dos primeiros governadores da colonia, os transviados do segredo de Roberio Dias, e com muito mais audacia e exito os bandeirantes paulistas do seculo XVII, cujas ranchurias, quando não atinavam com as fulgurantes *itaberabas*, matrizes do ouro, do diamante, das esmeraldas e saphiras, descobriam, como descobriram, a equivalente fartura das fazendas de gado" ("Rio e Valle do S. Francisco". "Kosmos". Anno II. N.º 7. Julho 1905). "Para o animo exaltado e ambicioso desses *soldados-colonos*, a sombria montanha talvez fosse a defesa criada pela natureza, o difficilimo passo conduzindo ao paiz encantado dos dorados, das minas de ouro, prata e das *itaberabas*, de cristaes e esmeraldas — lendas que embalsamaram durante seculos a tumultuosa imaginação dos aventureiros deste canto do Novo Mundo" (Paulo Prado "Paulistica". Pag. 4).

Itabirito: registado no vocabulario de Rodolpho Garcia, de onde tiramos as linhas que se seguem: "termo usado por especialistas sobre a Geologia do Brasil para designar uma rocha schisto-granulada, a que se associa em proporção mais ou menos elevada o hematito laminar, e contendo accessorariamente ouro puro, talco, chlorito e actinoto. Constitue entre outros um deposito de 300 metros de espessura, em parte visivelmente estratificado, na serra da Piedade, perto de Sabará, em Minas Geraes. Etym: tupy, *itabira* (do nome do pico), composto de *itá* — pedra, *bir* — levantar-se, pedra que se levanta, serro empinado (Sampaio 1914, p. 229), e *ito*, suffixo de origem grega, que indica procedencia ou derivação, ou immediata relação com a pessoa ou coisa designada pelo thema a que está ligado; em Mineralogia indica

particularmente espécies minerais e, por extensão, rochas em que uma dellas predomina. Termo geral". Os itabiritos, diz Delgado de Carvalho, em sua "Geographia do Brasil", são rochas formadas de óxidos de ferro, o oligisto, a canga e o magnetito, abundantes em Minas Gerais.

Itacoatiara: termo amazônico que designa inscrição rupestre, gravura ou pintura nas superfícies de rochedos e paredes de cavernas. Literalmente significa pedra pintada, pedra escrita. Vem do tupi — *ita* — *catiara* — a pedra escrita, a inscrição da pedra, o letreiro da pedra (Theodoro Sampaio. Op. Cit. Page. 124 e 229). À pag. 145 da "Amazonia que eu vi" de Gastão Cruls, lemos: "Aliás, esses petroglifos (itacoatiaras dos selvícolas) são bastante frequentes por aqui, e, mais acima, ainda os encontraremos na Cachoeira do Resplendor cujo nome lhe vem justamente dos símbolos que ornaram alguns lagos de uma das suas margens. Muito se tem discutido sobre a origem dessas inscrições rupestres, espalhadas por muitos pontos do Brasil, conforme se verifica da interessante monografia que sobre o assunto escreveu o Dr. Luciano Jacques de Moraes, geólogo da Inspeção Federal de Obras contra as Secas".

Itacolomito: também registado no vocabulário de Rodolpho Garcia: termo usado pelos geólogos para designar um quartzito do Brasil, de cor clara, constituído por pequenos e finos grãos de quartzo e de ferro micáceo, talco e clorito. É importante elemento da formação aurífera do Brasil. Eschwege, Gorceix, Braner e Roquette Pinto consideram-no como a rocha matriz do diamante brasileiro. "Engastado nella principalmente, é que a gemma se encontra a maior parte das vezes; e quando o diamante se acha nas correntes, foi ainda assim arrancado do seu ninho de *Itacolomito* pela acção das aguas" (Roquette Pinto. Elementos de Mineralogia). É palavra de origem tupica, de *ita* — pedra e *curumi* — menino, logo -- menino de pedra, o filho da pedra, alusão ao pico de Itacolomi, em Minas Gerais, que é formado de um grande bloco recho, tendo junto um outro menor, como se fossem mãe e filho; o mais, o sufixo grego *ito*, de que já se falou.

Itacuruba: lugar cheio de pedregulhos e seixos miúdos. Do tupi *ita* — pedra e *curú* — fragmento. Registado por Tschauer que o abona com o seguinte passo de João Ribeiro: "... pela primeira vez no Brasil ali se fundiu o ferro, nos toscos fornos primitivos e com o pobre minério de Itacuruba".

Itacurumbi: o mesmo que *itacuruba*.

Itaimbê: o mesmo que *itumbé* (Vide este termo).

Itaipaha: também *itai-pava*, *intaipaba*, *intaipava*, *entaipaba*, termo que geralmente designa Recife que atravessa um rio da margem a margem, formando-se então correntezas ou *corcôivas* ou

como escreveu o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria — baixios de pedrarias ("Diario da Viagem da Cidade de S. Paulo á Praça N. S. dos Prazeres do rio Iguatemy em 1774-1775). Em Goiaz, informa Couto de Magalhães, chamam *itaipaba*; Castelnau diz que, no Amazonas, se ouve *entaipaba*. Ao mesmo acidente se nomeia, no Pará, travessão (Vide este termo). Definindo-o, escreve sumariamente Teschauer: "banco de cascalho ou travessão de pedras miúdas no leito dos rios. Tratando do rio Grajahú, no interior do Maranhão, diz Carlota Carvalho, à pag. 70 do seu livro "O Sertão": "Bipartindo a cidade, o rio deflue, em sensível declive, por successivos *ita ia pava*, que a brevidade da pronuncia modifica em *itaipavas*, desnivelamentos que desaparecem na cheia hibernal e cuja correnteza é vencida pelo impulso de varas no verão". As *itaipabas* são chamadas pelos indios do Maranhão *itai-ahóós* segundo Fróes de Abreu, à pag. 24 de seu livro "O Côco Babassú e o Problema do Combustivel". O velho mestre João Ribeiro ensinou-me que o termo vernaculo é *alpondra* — uma serie de pedras que permitem a passagem a seco em pequenos cursos d'agua.

Itambé: termo peculiar aos Estados do Sul e a Mato Grosso, também dito *itaímbé*, que nomeia monte agudo e escarpado ou despenhadeiro, precipicio cortante, desfiladeiro de pedra. Em Mato Grosso, também se diz *tromba*, e se ouve ainda *taimbé*. Vem do tupi — *ita* — pedra e *aimbé* — aspera, afiada, pontecaguda, logo pedra afiada ou em ponta. Na "Campanha do Contestado", lê-se: "... caminhos apertados entre mattas e altos paredões de pedra ou de terra, de forte relevo e grandes quebras, recortados transversal e longitudinalmente por profundos *itaímbés*. Parece que, no Rio Grande do Sul, este termo tem sentido um pouco diferente, pois que, segunda informação de Callage, *itaímbé* é barranqueira alta à borda dos arroios, formando no fundo, em baixo, verdadeiro precipicio. O Padre Geraldo Pauwells escreveu-nos: "é escarpa rochosa tão íngreme que não pode ser galgada; os famosos *taimbés* do planalto sul-brasileiro (litoral de Santa Catarina e Rio Grande) são paredões gigantescos de arenitos e diabase, de ás vezes centenas de metros, a prumo".

Itaóca: termo de origem tupica, que designa caverna, furna, lapa, literalmente — casa de pedra. Encontramo-lo empregado pelo Visconde de Porto Seguro numa carta ao Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, a respeito das inscrições lapidares no sertão da Paraíba, primeiramente vistas pelo naturalista holandês Elias Herckman, do tempo de Mauricio de Nassau. Esta carta é datada de Vienna, aos 23 de Setembro de 1874, e está publicada no Tomo 55 da "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro". Eis o periodo da referencia: "Com effeito assevera o proprio autor dos *Dialogos*, que varias pessoas, incluindo um

seu amigo Je credito, lhe haviam contado, que, andando o capitão-mór Feliciano Coelho em perseguição dos Índios Potiguares para essas bandas, alguns dos seus soldados, descendo pelo leito do Arasoagipe (sem duvida o actual Araçagi, affluente do Mamanguape), que então nem corria, e mostrava apenas algumas pôças d'agua, toparam, á beira occidental do seu leito, em 29 de Dezembro de 1598, com uma especie de caverna ou *itaóca* formada de trez grandes pedras, dentro da qual se podiam abrigar umas quinze pessoas".

Itapeba: ou *itapeva*, recife de pedra que corre paralelamente á margem do rio. Assim sendo, *itaipaba* é uma especie de barra-gem transversal e *itapeva* é um recife longitudinal. Deriva do tupi *ita*-pedra e *peba*-chata — pedra plana, logeado. Termo do norte do Brasil, principalmente do Maranhão.

Itapeccerica: registado por Teschauer e Rodolpho Garcia. O primeiro escreve que, nos Estados de Espirito Santo, S. Paulo e Santa Catarina, significa lage escorregadia que aparece no litoral destes Estados; o segundo, que lhe dá como área os Estados de Espirito Santo e Santa Catarina, ensina que é monto ou cabeço de formação granítica, de encostas lisas e escorregadias. Concordam os dois autores quanto á etimologia: de *ita*-pedra, *peba*-chata e *ceric*-escorregadia, lisa, loge — lage escorregadia, lisa.

Itapicuin: registado por A. J. de Sampaio em seu volume "Nomes Vulgares de Plantas da Amazonia", definindo nome vulgar dos monticulos de termitideos terricolos, nos campos de terra firme.

Itararé: vocabulo de origem tupica, de *ita-raré* — pedra escavada, conduto subterraneo, segundo Theodoro Sampaio, que designa o curso subterraneo de um rio através de rochas calcareas. O segundo affluente do Paranapanema em extensão, por isso que é subterraneo em alguns trechos do seu percurso, recebeu o nome de Itararé: o substantivo comum tornou-se neste caso um nome proprio. Em Minas Geraes e Goiaz, o mesmo accidente toma a designação de *sumidouro*, no sul da Bahia — *escondido* e *agua sumida* (Ilhéos), e no oeste deste mesmo Estado — *grunudo*. O termo *itararé*, que se vê também escrito *tararé*, é peculiar ao sul do Brasil.

Itaúna: registado por Everardo Backheuser em seu "Glossario", "nome dado em algumas regiões do Brasil ás pedras pretas, como por exemplo, o basalto, diabasio, diorito, etc".

Itororó: occorrem as corruptelas *lororó* e *chororó*; vocabulo que, em Mato Grosso, nomeia pequenos saltos ou cachoeiras. É uma voz guaraní, onomatopáica, que, literalmente, significa enxurrada. Na Bahia já ouvimos *chorró*.

"*Cantam-te as glórias as mcigas avcsinhas das florestas
e e itororó das aguas que se esbatem,
a saltar pedra a pedra a cachoeira
gemendo maravilhosas...*"

(João Severiano da Fonseca — Estrofes em homenagem ao seu irmão morto no combate de Itororó em 6 de Dezembro de 1868, Major Eduardo da Fonseca).

Itoupava: ou *itupava*, como regista Beaurepaire-Rohan, termo do sul do Brasil, que apelida a queda d'agua rasteira, a *corredeira*. Na "Campanha do Contestado" de Assumpção, lê-se: "Dahi em diante ha uma serie de *itoupavas* produzindo tão fortes choques que impedem a navegação. Corruptela de *itu-cachoeira* e *peba-rasa* — a cachoeira rasa, a corredeira. Theodoro Sampaio, à pag. 118 do seu "O Tupy na Geographia Nacional", escreve que no salto ou catavata os tupis denominavam *Ytû*; a cachoeira com agua impetuosa *itupera* ou *ycirica...*" *Itupata* e *itupata* são formas alteradas de *itupera*.

Itupeba: também *itupera*, o mesmo que *itoupava* ou mais comumente *itupava*.

Jaboticabal: bosque de jaboticabeiras (*Eugenia cauliflora*), árvores da família das mirtáceas, abundantes na zona das matas brasileiras. “A’ nossa direita estende-se, aformosando o valle, um jaboticabal tão esplendoroso em viço, talhe, elegancia e belleza das arvôres, que só em mui rros sitios tive a feliz dita de admirar outros semelhantes no coração da selva serlareja” (Horacio Nogueira. “Na Trilha do Grillo”. Pags. 34 e 35).

Jacaré: segundo informação de Sud Mennucci, assim se designa em S. Paulo e noutros Estados do Brasil, a peça movel para desvios dos trilhos nas estradas de ferro ou companhias de tramways.

Jacobinas: termo usado no sertão da Bahia para designar terrenos improprios à agricultura e cuja vegetação é de mato baixo, em geral cerrado e espinheiro. É uma forma alterada de *jacuabina*, na grafia e na significação.

Jacuabina: nome que se dava antigamente ao sertão nufifero da Bahia, como nos ensina Theodoro Sampaio, que o faz derivado do tupi *ya-cua-pina* — onde ha cascalho limpo, ou despido, isto é, jazidas de cascalho descoberto.

Jacumaúba: termo do norte do Brasil, sobretudo da Amazônia, hoje um tanto desusado, designativo de piloto de canôa, o homem do jacumã, que é a pôra da canôa e, por extensão, o remo largo que o piloto manobra a guisa de leme. Diz-se também *jacumaiba*.

Jacutinga: segundo Theodoro Sampaio, este termo designa, em Minas Gerais em terras da mineração do ouro, uma formação especial aurifera, rocha friavel, argilosa, de grã muito fina, composta de litomarga misturada com uma porção variavel de pallhetas de ferro oligisto, e de quartzo arenoides, constituindo camadas ou veias entre estratos de itabirito. A rocha argilosa, continúa o mesmo mestre, é muito manchada de preto relinto e às vezes atravessada por zonas escuras, na massa amarelada. Rodolpho Garcia diz apenas que é o nome de uma rocha friavel

argilosa que serve de jazida ao ouro e que se encontra nas regiões auríferas, provindo o nome, talvez, da semelhança da coloração da rocha com a da ave homônima, uma galinácea (*cumana jacutinga*, Epix). O Prof. A. Soares escreveu: "O *itabirito* é uma rocha quartzítica, existente nos arredores de Ouro Preto, algumas vezes de natureza aurífera, e constituindo um excelente minério de ferro, vulgarmente denominado *jacutinga*, quando reduzido a areias".

Jaguçada: reunião de *jaguços*, *jaguçaria*.

Jaguço: apelativo, num sentido geral, de valentão, turbulento de feira, sinônimo de *peito-largo*, *capanga*, *curimbaba*; por extensão, os habitantes do litoral assim apelidam os sertanejos do nordeste, em especial os da Bahia. Particularmente, porém, o termo crismou o grupo de rebeldes de Canudos, povoação do nordeste da Bahia, à beira do Itapiranga ou Vasa-Barreis, onde se honziam os fanáticos de Antonio Conselheiro, valentes matutos baianos, desgarrados numa *catanga* nordestina que, por volta de 1897, produziram o mais formidável episódio do fanatismo dos sertões brasileiros. Sobre eles ha a epopéia d'"Os Sertões" de Euclides da Cunha, um dos maiores livros da lingua portuguesa. Têm os jaguços algo de semelhança com os *cangaceiros* de Pernambuco ao Ceará. "Porque o *cangaceiro* da Parahyba e Pernambuco é um producto identico, com diverso nome. Distingue-o do jaguço, talvez, a nullissima variante da arma predilecta: a *parahyba* de lamina rígida e longa supplanta a fama tradicional do clavinote de *borra de sino*. As duas sociedades irmãs tiveram, entretanto, longo afastamento que as isolou uma da outra. Os *cangaceiros* nas incursões para o sul, e os *jaguços* nas incursões para o norte, defrontavam-se, sem se unirem, separados pelo vallado em declive de Paulo Afonso. A insurreição da comarca de Monte Santo in ligal-os. A campanha de Canudos despontou da convergencia espontanea de todas estas forças, dispersas e perdidas nos sertões" (Euclides da Cunha, "Os Sertões", pag. 223). Ambos têm na *catanga* impenetravel e hispida, diz Oliveira Vianna, a sua blindagem mobil e aggressiva, "alliada incorruptivel do sertanejo em revolta". De feito, escreve Euclides, elas, as *catingas*, "entram tambem de certo modo na luta. Armaem-se para o combate; aggridem. Traçam-se impenetraveis, ante o forasteiro, mas abrem-se nullivias, para o matuto que alli nasceu e cresceu". Quanto à origem do termo Tesehauer regista a seguinte opinião: "*jaguço* não é mais do que adulteração popular da palavra portuguesa, de origem africana, *zarguncho* ou *zaguncho*, arma de guerra usada pelos cafres".

Jaleco: uma das muitas alcunhas dos portugueses no Brasil, registada por Taunay.

Jangadeiro: dono ou patrão de uma jangada, o tripulante da jangada, que é uma embarcação feita com paus amarrados entre si, ao jeito de balsa, destinada sobretudo à pesca e característica do norte do Brasil, da Bahia ao Maranhão. Juvenal Galeno, em suas "Lendas e Canções Populares", dá uma minudente descrição da *jangada* brasileira. A propósito da origem da palavra *jangada*, Paulino Nogueira, dissentindo da maioria dos competentes, afirma a sua filiação indígena: o que é fato, porém, é que o nome *jangada*, apelativo de uma espécie de embarcação, já era conhecido na Ásia e na Europa antes do descobrimento do Brasil. Todavia a *jangada* de Portugal é de diferente aplicação.

Japara: termo do sul da Bahia, designativo de terreno arenoso à beira-mar, alagado no inverno. Conhecemo-lo através de uma informação do Dr. Ruy Penalva, fazendeiro e morador no Município de Ilhéos e grande conhecedor de regionalismos. Diz-se também *opaba*.

Japona: segundo Taunay, é uma das alcunhas dadas aos portugueses no Brasil.

Jaraguá: nome de uma gramínea muito resistente, nativa de Goiás e Mato Grosso e hoje muito espalhada em Minas Gerais e outros Estados; é considerada uma das melhores forragens do Brasil. Por extensão, diz-se em Goiás *jaraguá* o campo do referido capim (Informação do Prof. Alcide Jubé).

Jarazal: termo peculiar à Amazônia, que indica o terreno abundante ou coberto da palmeira jará (*Leopoldinia pulehra*-Martius). Gastão Cruz, na "A Amazonia Misteriosa", emprega-o no seguinte trecho: "Em pouco, vimos nitidamente a figura de Mallila, escaneada num dos galhos da folhuda ingazeira que dominava o *jarazal* da margem esquerda" (Pag. 307).

Jaribára: termo pernambucano que nomeia galhadas de árvores abatidas que ficam presas às ramagens de outras e cobertas de trepadeiras e epífitas. Registrado no vocabulário de Rodolpho Garcia. Ouvimos no norte da Bahia — *juibára*.

Jauarizal: bosque de jauaris (*Astrocaryum jauary*. Mart.), empregado por A. J. de Sampaio à pag. 96 da sua "A Flora do Rio Cuminá".

Jazida: registrado por C. Teschauer, com a significação de depósito natural de minérios, filão, mina. Everardo Backheuser escreve: "lugar onde abundam metaes ou pedra de valor industrial. As jazidas podem ser tanto sedimentares como eruptivas. Jazida é, pois, quer um veio, quer depósitos aluvionais. As jazidas mineiras apresentam-se portanto sob as mais variadas formas geológicas, mas são só exploradas quando os produtos nellas contidos são susceptíveis de venda lucrativa". E'

térmo muito frequente no linguajar dos mineralogistas e dos mineradores. Com este sentido não o registam os Dicionários Portuguezes, que attribuem esta mesma significação ao vocábulo *jazigo* (Candido de Figueiredo, Caldas Aulete e Fr. Domingos Vieira).

Jebára: o mesmo que *jaribára*.

Jeca: térmo geral do Brasil, designativo de roceiro, *caboclo* do interior, *matuto*, *caipira*, simplificação de *Jeca-Tatú* (Vide este térmo).

Jeca-Tatú: nome com que Monteiro Lobato, brilhante escritor de S. Paulo, descrevendo o *piraquara* do Paraíba do Sul, procurou retratar um dos tipos característicos do interior brasileiro — o *caboclo* acorçado sempre, indiferente, soturno, moderado, "sombrio urupé de pau podre", que "não fala, não canta, não ri, não ama", unico ser que "não vive" no "meio de tanta vida" da natureza brasileira, "tão rica de formas e cores". Graças ao renome do autor e, principalmente, à vulgarização que lhe deu a maior cabeça do Brasil — Ruy Barbosa, numa "Conferencia" politica, o nome obteve direito de cidade no linguajar comum e foi repetido de bôca em bôca, do Rio Grande ao Amazonas, dicionarizando-o de logo alguns vocabularistas. Simplificaram-no depois em *jeca* e o térmo como sinônimo de *matuto*, ficou de pe: não assim a imagem do escritor paulista, por demasiado generalizada. Vem de molde recordar que no *Jeca-Tatú* de Monteiro Lobato se opoz sem demora, em brado vingador, o *Maué Chique-Chique* de Ildefonso Albano — o *caboclo* valioso do norte, "sobrio, resistente, tenaz e rude, forte e destemido", que se formou "na escola aspera do sofrimento", "raça forte e fecunda", que é "a rocha viva da nacionalidade".

Jeque: registado por Taunay, com a significação de peça componente dos desvios das linhas ferreas. Usado em Pernambuco.

Jereré: Rodolpho Garcia que o regista, dá-lhe como sentido — chuva miúda e persistente, especie de *garôa*. E explica: "no tupi, certo aparelho para pesca do camarão, usado nos Estados do nordeste, tem o nome de *jereré*, de *yeré* — voltar, virar ou melhor de seu frequentativo *yeré-re* - revirar, vir de continuo, como cai essa chuva". O térmo é muito usado na Bahia, no sertão occidental, no sentido de *garôa*. Segundo informação de Carlos Salles, conhecedor da zona referida, "tal *garôa* cai sempre no tempo frio, no inverno, animando o sertanejo porque diminue a evaporação das lagôas, conservando também por mais tempo as aguadas e refrescando o terreno". Já o vimos grafado *gereré* — instrumento de pesca. E mais: Tranquilino Torres em sua monografia sobre o "Município de Victoria da Conquista" publicada na "Revista do Instituto Geographico e Historico da

Bahia" N.º 12 — Pag. 164, escreve que o clima do Município é bastante frio, e muito variavel, e por estar muito proximo das matas ha sempre uma chuva miúda, vulgarmente conhecida por *gercré*.

Judeu: termo que, no Brasil, tem três accepções peculiares. Primeiro, é a que lhe attribue Nelson de Senra como designativo de qualquer bando ou leva de individuos do oriente, sinónimo ás vezes de cigano, enquanto A. Taunay informa que, no Amazonas, judeu é apelido que se dá aos sírios. Segundo, é o que vem referido à pag. 125 das "Memorias do Districto Diamantino", quando o seu illustre autor trata da operação do *cercó* dos ricos para a mineração do diamante: "o dia da tapagem do tronco e para o mineiro um dia de festa, de alegria, de esperanças. E' obra que não pode ser interrompida: deve ser feita de um jacto; e por isto, para esse fim, já se tem preparado de antemão tudo o que é preciso. Dado um signal, cada trabalhador se colloca no seu posto, e se começa a tapagem do tronco: uns entram n'agua para dirigirem o trabalho, enquanto outros lançam pedras, terras, gorgulho, arêa, e enormes feixes de faxina e capim com pedras dentro: estes feixes, em linguagem de mineração chamam-se *judeus*". Terceiro, foi a alcunha dada aos liberais de Santa Catarina pelos conservadores, que eram denominados *cristãos*. (Oswaldo Cabral "Santa Catharina" — Pag. 210).

Jundú: denominação que, em alguns Estados do Sul, S. Paulo por exemplo, os naturais dão a uma zona adjacente à praia propriamente dita, invadida por uma vegetação "caracterizada por suas curiosas adaptações xerófitas e esclerófitas". Löfgren estudou como botânico os *jundús* de S. Paulo e aqui transcrevemos um resumo do que disse: "O aspecto dessa formação é exactamente o mesmo de um *cerradão* com suas arvores baixas, contorcidas e espaçadas e grande percentagem de vegetação arbustiva e herbacea. Mas o que aqui difere especialmente é a grande quantidade de epiphytas que faltam, quasi totalmente, nos *cerrados* campestres. O *jundú* ou *nhundú* característico acha-se por detraz das dunas das praias e parece ás vezes substituir o mangue, cujo dominio venceu". João Vampré diz que o *jundú* nada mais é de que um esforço da mata virgem para se apoderar do terreno conquistado ao mar, o que efetivamente tem alcançado, porém, com perda completa de seu caracter de mata virgem, pois teve que adaptar-se ás condições novas, tão diversas das terras de onde se origina. (Jornal do Comercio de 25-11-1934). Theodoro Sampaio, à pag. 109 de seu livro citado, escreve que o vocabulo *jundú* é uma corruptela de *akú-tu* que quer dizer — campo sujo, alterado para *inhuntu* e mais tarde para *jundú*. O termo já entrou na literatura pela mão de João Phoca, à pag. 45 de "Os caixaras": "Do meio do *jundú*, que parecia uma immensa cabeleira verde,

aparada de pouco, erguiam-se, semelhantes a pennachos de capacetes guerreiros, as plumas brancas das uvás". Rodolpho Garcia regista *nhundú*, o mesmo que *jundú*, usado no Rio Grande do Norte e Ceará, o que é contraditado quanto ao Ceará por José Luiz de Castro.

Jupiá: registado por Beaurepaire-Rohan e Rodolpho Garcia com a significação de remoinho ou voragem que se forma no meio dos rios, o qual constitue serio perigo às pequenas embarcações que neles navegam. Beaurepaire-Rohan cita o seguinte trecho da "Memoria" de Silva Braga, intitulada "A Bandeira Anhanguera a Goyaz em 1772": "A minha canôa se viu perdida, porque, sahida das pedras, deu em um *jupiá*, donde depois de dezeseite ou dezoito voltas que nelle deu, a mesma violencia da agua a lançou fóra". Derivado do tupi *y-upiá* — o que é contrario. De uso na Amazônia e em Mato Grosso.

Juremal: bosque de juremas, leguminosas do Brasil. "Liberato andou mais um pouco e deixando a estrada, metteu-se no juremal, indo postar-se no topo de um pequeno morro..." (Pedro Baptista — "Cangaceiros do Nordeste" — Pag. 198).

Jurubebal: registado por Pereira da Costa, significando "grandes e espessas touceiras da solanacea jurubeba, de abundante e espontanea vegetação e de preconizadas virtudes medicinais, na frase de Almeida Pinto. Do Dr. Franklin Tavora é o seguinte trecho: "Á roda da casa nascera um *jurubebal* espesso, em cujo fechado poderiam esconder-se muitos homens".

Jurujuba: alcunha dada aos sequazes do partido federal, surgido nos primeiros dias do governo regencial, um dos promotores das famosas *rusgas*, revoltas que acabaram às mãos energicas do Padre Feijó; chamavam-lhes também *farroupilhas*. Teschauer, registando o vocabulo, informa que este nome foi uma alcunha dada aos franceses pelos indigenas. O vocabulo *jurujuba* é tupi e, segundo Theodoro Sampaio, é corruptela de *yurú-yuba*, peçoço amarello ou ruivo; bôca ruiva; barba ruiva ou loura.

Jussaral: térmo mais comum no norte do Brasil, designativo de bosque de jussaras, palmeira crismada por von Martius — *Euterpe edulis*. Deste belo exemplar das palmeiras brasileiras escreveu J. E. Wappæus em sua "Geographia Physica do Brasil": "A palmeira jussara, cujos brotos tambem fornecem o palmito, e da qual na Bahia os indigenas preparam o cavim, encontra-se no matto virgem do littoral até a bahia de Paranguá, posto que em menos abundancia do que no valle do Amazonas. O seu tronco liso, esbelto, branco, coroadado pelo verde broto do palmito, estende o pennacho de folhas elegantes, que se assemelham a pennas de avestruz".



Kalin: alcunha de cigana no Brasil. Registrado por Teschauer, que cita Mello Moraes, no seguinte passo: "Quando em transito alguma Kalin (cigana) dá á luz, depois dos cuidados imediatos, a mãe selvagem mete num sacco... o recém-nascido, monta a cavallo..."

Kalon: apelido de cigano no Brasil. E' ainda de Mello Moraes o seguinte trecho: "Em viagem, os kalons (ciganos do Brasil) abandonam os invalidos e os doentes".

Kejemes: no sul da Bahia, entre os Patachós, mais ou menos mansos e que habitam o territorio entre Cachoeirinha, Municipio de Belmonte e o Salto Grande de Jequitinhonha e daí para o norte até Ilhéos, assim chamam aos ranchos, *malocas* ou aldeias dos caboclos. Informe colhido no livro de Afonso Marques Monteiro — "Belmonte e a sua Historia" Bahia — 1918 — Entre pags. 205 e 208. Em Nelson de Senra (Revista do Arquivo Publico Mineiro) encontramos a mesma palavra grafada *quijemes*.

L

Laccira: brasileirismo registado por Teesbauer e Candido de Figueiredo, abonado por Valdomiro Silveira, que assim o define no "Vocabulario" apenso ao livro — "Nas Serras e nas Furnas" — latada, enramado. "Perto do pé de farinha secca, já muito cansado e aborrecido com a *bracga* que caia, o Vá-s'embra sentou-se, amparado da agua por uma laccira de maracujás do mato". (Livro cit. pag. 45).

Lacre: termo fitogeográfico do nordeste, especialmente do Ceará, que designa uma especie de *capucira* de mato xerófilo, alto, ralo, do tipo dos agrestes, característico e original da serra do Araripe. A respeito dessa vegetação, escreveu Philipp von Luetzelburg, em seu livro citado, 3.º vol., pag. 30, o seguinte: "No Estado do Ceará, nas encostas septentrionaes da serra do Araripe, proximo ao cume, composto de arenito, deparou-se-nos uma vegetação exquisita, composta de arbustos baixos, densos, muito trançados e bem desenvolvidos, cercandó os agrestes no alto. Esta vegetação arborea, na qualidade de matto ralo e alto, somente existente no cume a Leste da serra, completamente chato, é composta de uma associação de arvores de porte altivo, com troncos rectos do typo dos agrestes verdadeiros, a cuja classificação phytogeographica pertence. Mais para o Oeste, em direcção ao Estado do Piauhý, esta vegetação perde pouco a pouco o caracter arboreo, baixando, até tomar o typo, de caatinga, com uma vegetação intermediaria do caracter do carrasco. Nas encostas proximas á orla Leste circunda a vegetação arbustiva uma vegetação exquisita, composta de arbustos baixos, densos, com forte ramificação, rica de folhagem pequena, coberta de pellulos sedosos ou de uma camada gommosa que dá ás folhas o aspecto lucido brilhante do *lacre*, donde sem duvida provém o termo dado a esta vegetação". "O *lacre* que cinge os agrestes no cume da serra tem uma largura de dez a vinte kilometros, correndo tanto na parte Norte como ao lado Sul e finda justamente alli, onde os agrestes desapparecem, introduzindo-se nelles uma vegetação *suja* de carrasco, que finalmente

se transforma em catinga, invadindo o Oeste da serra em direção ao Piauí". No Brasil, ainda dão o nome de *lacre* a um satélite do diamante: é o jaspe vermelho (Everardo Backheuser).

Lacimal: termo geral do Brasil, com o significado de olho d'água, minadouro, fonte. O mesmo que *lagrimal*. "Deste ribeirão começa uma subida íngreme escorregadiça, onde se notam bonitos *lacrimacs* e soberbos specimens de vegetação elevada" (Visconde de Taunay — "Marcha das Forças". Pag. 43).

Ladeira de subida: assim, diz Rodolpho Garcia, são denominadas as depressões situadas na escarpa leste da serra de Ibiapaba, no Estado do Ceará. Tais são as ladeiras do Tubarão, de S. Pedro, do Ribeiro da Mina, etc.

Lá-de-dentro: registrado por J. Romaguera Corrêa, que ensina assim dizerem os habitantes da fronteira do Rio Grande do Sul quando se referem ao norte do Estado e à região do litoral; os habitantes dessas zonas são — *lá de dentro*.

Lá-de-fôra: são os da *campanha* ou os das fronteiras, diz Romaguera.

Ladino: nome dado ao africano já instruído na língua portuguesa, religião e serviço doméstico ou do campo, para o distinguir do *negro novo*, o recentemente chegado, e a que se dava o nome de *boçal*. Nota Pereira da Costa, de quem transcrevemos as palavras acima, que também ao índio em iguais condições se dava o mesmo qualificativo. Ladino é corruptela de *latino*, equivalente a letrado, culto, inteligente: segundo Gonçalves Viana o termo ladino foi originariamente aplicado em Portugal e na Espanha ao mouro bilingue, e portanto inteligente, que além do seu árabe, ou berbere, falava o romance da península, que nos séculos VIII e IX se chamava *latino*.

Lagamal: termo usado no nordeste da Bahia para designar os trechos do curso de um rio onde se remansam as águas nas enchentes. No Município de Valença (Bahia) e vizinhos nomeia uma aberta entre mangues, quando é espaçosa, segundo informação do Dr. Queiroz Couto.

Lagamar: registrado por Nelson de Senna, com o sentido de inundação fluvial pelas margens dos rios. Termo empregado no sertão de Minas Gerais. Candido de Figueiredo registra com os seguintes sentidos: cova no fundo de um rio ou do mar; parte abrigada de um porto ou baía; lagôa de água salgada (4.^a ed. 1925).

Lageado: os vocabularistas do Rio Grande do Sul mencionam este termo como designativo de arroio ou *sanga*, cujo leito é pedregoso, que corre sobre lages; o Marechal Gabriel Botafogo nos informou que já também se usa no sentido de zona do campo coberta de pedras de grande tamanho. Em Pernambuco e

Bahia este nome é aposto ao afloramento de granito e quartzo, mais ou menos extenso e plano. Sinônimo de *lageiro*.

Lageiro: termo pernambucano, empregado no sentido de *lagçada*, vasto afloramento de rocha mais ou menos plano. Rodolpho Garcia informa que os habitantes da zona da mata dizem mais comumente *lagido*, que é lidino português, ao passo que os sertanejos só dizem *lageiro*. O mesmo temos observado na Bahia.

Lagem: termo usado nos Estados do norte, que designa trecho de um rio obstruído por grande quantidade de pedras; registam-no Rodolpho Garcia e Tesehauer. À pag. 137 do "O Torrião Maranhense" de Raymundo Lopes, lê-se que *lagens* são bancos de rocha que atravessam os rios. E mais: "Foi preciso fazer saltar é dynamite a Lagem Grande do Mearim, para franquear a navegação. Na carta de Saint Armand, contam-se 7 *lagens* no Baixo Grajaú e 3 no baixo Mearim".

Lagôa: além do sentido comum, nos Estados do nordeste, se emprega esta palavra para designar uma certa quantidade de água armazenada em conchas de mais de 20 metros. Quando a profundidade é grande e o comprimento excede em muito a largura se chama na mesma região *ipuêira* ou *ipuêra* (Neiva e Penna, 1916).

Lagoão: registado por Callage, com a significação de lagôa grande e funda que se forma no curso dos arroios e sangas. Com este sentido é termo de uso no R. Grande do Sul. "Fôra um domingo, o dia escolhido para essa alcearia campestre, um domingo dourado de luz, em que parecia mais verde o campo e mais espelhenta a água das sangas e dos lagoões (Roque Callage — "Quêro-Quêro" — Pag. 79). Também o empregou Mario de Andrade, à pag. 275 do "Mucunaima" "Arrancou uma montanha de timbó de assaéu de tingui de cunambi, todas essas plantas e envenenou para sempre o lagoão".

Lagrimal: o mesmo que *lacrimal*. "De feito duas laranjeiras, que havia na tapera, junto do *lagrimal*, pareciam ter pendidas as copas, e encrespavam as folhas húmidas". "Perto do pouso corre um *lagrimal*, além do qual se acha a fazenda da Alegria, pertencente ao Tenente Diogo..." (Visconde de Taunay — "Marcha das Forças" — Pag. 41).

Lagna: em certos rios da Amazônia assim se chama a um espraçamento ou expansão de rio. Registado por Gastão Cruis e por êle empregado na "A Amazonia Misteriosa".

Lamão: assim chamam aos alenãos os camponeses do Rio Grande do Sul. "Depois que appareceram uns *lamões* e uns ingleses, melados, que compravam o cabelo: por isso ás vezes se cerdeava; mas elles pagavam uma tuta e meia" (Simões Lopes Netto — Contos Gauchescos... Pag. 78).

Lamarão: em Pernambuco e Paraíba nomeia uma lagôa formada nas depressões do terreno durante o tempo das chuvas. Como tal empregado por Coelho Netto em "Vesperal", pag. 173. Registrado neste sentido por Teschauer. Ainda porém, em Pernambuco, no Recife, chamam *Lamarão* ao trecho de mar fora dos arrecifes, onde ancoravam os transatlânticos, antes da terminação das obras do seu importante porto.

Lambedor: termo usado no sertão da Bahia para designar terreno salgado e alagadiço. Vimo-lo citado por Leonardo Motta, à pag. 114 do seu livro — "No tempo de Lampeão", no seguinte trecho: "Adiante, mecê topa com uma panella de lambedor...".

Lançante: termo de uso no sul do Brasil, registado por Callage e Romaguera, designativo de um forte declive num cêrro ou numa coxilha. Afonso Arinos empregou-o no seguinte passo do "Pelo Sertão": "Nas roturas das rochas, pelas brechas dos lançantes escorrem teimosos fios d'agua, que vão delindo a rigidez dos blocos e filtrando-lhas no imo a furia com que arremettem uns contra os outros". E Cornelio Pires na "Mixórdia", à pag. 76: "Ao longo, no lançante de uma ligeira collina, surgia garboso e escurreto, no seu macho pinhão, num galope de tres pés o noivo de Vicentina". Em português ha, referida por Fr. Domingos Vieira e Caldas Aulete, a locução adverbial - ao lançante —, com o significado de aleantiladamente, em declive. H. Jorge Huiley informa-nos o seguinte linguajar paraense: "E' uso dizer e no litoral do Pará que as marés estão lançando na lua nova e na lua cheia. As aguas crescem tres dias antes e tres dias depois dessas fases lunares, porque são lançantes d'aguas vivas ou de aguas grandes."

Lapa: além do sentido comum a Portugal e ao Brasil (cavidade em rochedo, gruta, etc.), tem este vocabulo no Brasil o sentido peculiar de parte do chão de uma mina em exploração, chamando-se *capa* a que forma o têto da mesma, e *pés direitos* as partes laterais. Everardo Backheuser, em cujo "Glossario" colhemos esta informação, acrescenta que *lapa* e *capa* correspondem aos termos francezes *loit* e *mur*.

Laranjeiro: segundo informação do Dr. Arthur Neiva, então Director do Instituto Biologico de S. Paulo, assim se designa, nesse Estado, o plantador de laranjas. Candido de Figueiredo regista o termo como regionalismo açoriano com a significação de homem que se emprega em encaixotar laranjas para embarque.

Larga: o campo sem divisas do interior brasileiro. E' frequente entre sertanejos a expressão "criar na larga", isto é, sem cêrcas divisorias, na plena comunidade da terra. Encontramo-lo referido nos livros de Hermano R. da Silva — "Nos Sertões do Araguaya" e "Garimpos de Matto Grosso". À pag. 58 des-

te ultimo ha o seguinte periodo: "Como habitantes conta-se na estancia o velho administrador, e sua mulher e o filho casado, que reside no *retiro* distante, que é um arranchamento feito para a *necessaria* vigilancia do gado, cuja existencia decorre na *larga*, sem o controle das cercas".

Latacho: alcunha depreciativa dos italianos em Minas Gerais e noutros Estados, registada por A. Taunay: o mesmo que *carcumano* e *macarrone*.

Latada: assim se denominam, no sertão da Bahia e de outros Estados para o norte, os espaços cobertos de palhas ou folhas de palmeiras onde se abrigam os fiéis nas *santas missões* que, de quando em quando, sacerdetes de algumas ordens religiosas pregam nas cidades, vilas e lugarejos. As igrejas do interior, em geral pequenas, não podem conter todas as pessoas que afluem a essas predicas religiosas, razão por que é de mister levantar em frente aos templos abrigos provisórios, denominados *latadas*. Assim também se chamam às mesmas coberturas junto aos barracões de feira dos povoados do interior, onde se abrigam os pequenos mercadores com os seus produtos expostos à venda. Quando, por volta de 1897-1898, descobriram no sul do Piauí (no sitio da Cana-brava no Municipio de S'implicio Mendes) a *manicoba*, a rendosa extração do latex atraiu grande numero de aventureiros e trabalhadores, até de outros Estados: então surgiram por toda a parte as chamadas *feiras da manicoba*, que se realizavam em simples *latadas*, onde se reuniam extratores e compradores de barracha (O Piauí no Centenario de sua Independencia. 4.º vol. Pag. 239).

Lavadeira: termo que apelida a cava ou bacia, onde, no terreno, se lava o cascalho por meio de bateias. Regionalismo das Lavras Diamantinas. "Por toda a parte se improvisavam regatos, arrumavam-se calhas, preparavam-se *lavadeiras*, construam-se *canôas*, onde o cascalho rico seria atirado". (Alberto Rabello "Contos do Norte". Pag. 49).

Lavagem: na zona das Lavras Diamantinas da Bahia assim chamam os garimpeiros a um amontado de pedras soltas, denunciadoras de que, no local e recentemente, trabalharam na exploração diamantina. A *lavagem* antiga diz-se *montucira* (Vide este termo). "Por isto taes *lavagens* têm sido revolvidas vezes sem conta, na esperanza de um *bamburrio* (Achado de valor, que excede em muito no comum). "Ha por a'li umas *lavagens* que podiam ser repassadas" (Alberto Rabello — "Contos do Norte" — Pags. 17 e 47).

Lavra: além de indicar terreno de mineração, lugar em que se extrai o ouro ou o diamante, este vocabulo designa, no Rio Grande do Sul, a lavoura do algodão. Neste sentido regista-o Teschauer. No primeiro, Everardo Backheuser regista em seu

"Glossario" o verbo *lavar* — explorar minas e acrescenta: "Donde *lavra*, lugar onde se faz a exploração, isto é, a mina propriamente dita.

Lavrita: denominação brasileira do carbonado, também chamado *carbeto*, ou diamante negro, corpo opaco, que se apresenta em fragmentos com estrutura cristalina, às vezes de aspecto poroso e mais duro que o diamante branco cristalizado e do que o *bort* (diamante branco amorfo), não podendo ser lapidado. Tal nome foi proposto em 1904 na Escola Politécnica da Bahia pelo Prof. Souza Carneiro (Riquezas Mineradas do Estado da Bahia), e é oriundo de Lavras, topônimo da região diamantífera do centro baiano, onde o diamante negro ocorre em abundância. É a Bahia o principal fornecedor da *lavrita* aos mercados mundiais. Everardo Backhouser não regista este termo em seu "Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos". Registam-no Ruy de Lima e Waldemiro Potech em seu livro citado.

Lavrado: termo marajoára, registado por V. Chermont, designativo de um campo muito extenso, sem árvores, nem arbustos. Entre os campos do rio Branco (Amazonas), diz Sylvio Torres ("Doenças dos Animacs no Alto Rio Branco". Revista do Departamento Nacional de Produção Animal. Ano I. N.º 2, 3 e 4), "há os chamados *lavrados* que são campos extensos de nível ou suavemente ondulados sem vegetação arborecente ou com raras arvores". A pag. 28 da "Gleba Tumultuaria" de Aurelio Pinheiro, lemos: "Antonio Moura lidava nas campeadas com outros vaqueiros, atravessando serras e lavrados, numa liberdade de nomada galopando no seu deserto". *Lavrados*, em Minas Gerais, são os terrenos de cascalho, outrora revolvidos para a lavra do ouro de aluvião. Desses terrenos há largas extensões nas margens do rio das Velhas, tributario do S. Francisco.

Lavrador: vocabulo de uso corrente em Portugal e no Brasil no sentido de agricultor, homem que *lavra*, cultiva as terras (Constancia). No nordeste do Brasil, da Bahia ao Ceará, tem, porém, sentido peculiar, anotado pelos vocabularistas Rodolpho Garcia e Pereira da Costa. Este enreuve o seguinte: "concessionario de um limitado tracto de terra nos engenhos de assucar, para o cultivo da canna, correndo a moagem por conta do proprietario da fabrica, mediante uma acordada percentagem sobre o assucar que produzir a colheita do anno, e ainda o mel resultante. O lavrador é um simples occupante, sem o onus de renda ou fôro, levanta a sua casa de moradia, e cultiva tambem uma pequena lavoura de cereaes, sem mais os encargos de vantagens ao senhorio, como na da canna. Lavrador primitivamente era o proprio senhor ou proprietario do engenho, como se vê do Cap. 34 do "Regimento dos Provedores da Fazenda Real das Capitancias do Brasil", dado em Almeirim a 17 de Dezembro de 1548. "Tempos depois, os proprietarios da fabrica, em geral

abastados, ocupando na colonia elevadas posições, passaram a ser chamados senhores de engenhos, ficando o qualificativo de lavrador para o morador nas suas terras e plantador de canna, o que já era vulgar nos primeiros annos do seculo XVIII, como assim o refere um chronista de meados do mesmo seculo, Fr. Manoel Calado: "Morava na Varzea do Capiberibe um homem honrado, lavrador de cannas, chamado Manoel Felippe Soares, o qual vendo andar no seu pasto um cavallo estranho, e sem dono, seis ou sete dias, mandou o tomar, e preso em uma corda o levou a João Fernandes Vieira, que era o *senhor do engenho*, em cuja terra elle tinha o seu *partido*". Esta mesma distincção consta tambem documentadamente, e já de então, como se vê da Provisão Régia de 15 de Janeiro de 1683 determinando que os *senhores de engenho* e os *lavradores de suas terras* não fossem executados nas fabricas dos seus engenhos e fazendas, mas sim sobre as suas *rendas*". Aos lavradores se refere abundantemente em seu livro "Cultura e Opulencia do Brasil" o benemerito Antonil (Capítulos II e III).

Légua: antiga medida itineraria portugueza, official no Brasil até 1 de Janeiro de 1874 (de accôrdo com a lei de 26 de Junho de 1862, que tornou obrigatorio no Brasil o sistema metrico, a contar daquela data), ainda hoje muito usada no sertão brasileiro, onde predomina a chamada légua geometrica, equivalente a 6 quilômetros ("Anuario do Observatorio Nacional do Rio de Janeiro para o anno de 1927 — Pag. 296). O sertanejo calcula pois as distancias em léguas, mas o faz do modo mais arbitrario, estirando-as ou encurtando-as ao sabor de sua imaginação sem medida. Caracteriza-a, não raro, por expressões ora sugestivas, ora incongruentes, mas sempre típicas de sua aguda percepção: aqui e ali surgem as léguas discricionarias, denominadas *légua de beijo* (Bahia e Sergipe); *légua de casco de cavallo*, *légua de filho*, *légua de poldrinho*, *légua de correço a correço*, todas estas de uso em Goiaz, segundo o informe do Prof. Alcide Jubé, do Liceu Goiano. A *légua de beijo* é antes uma expressão que serve para indicar uma distancia muito mais extensa do que a légua comum: a *légua de casco de cavallo* é uma medida arbitraria, que os sertanejos regulam pela marcha dos animais, em certo praso de tempo, por sua vez regulado pelo sol; a *légua de filho* é uma expressão sertaneja para indicar que esta é maior que a légua legal (Ex. — Da fazenda de A á de B tem uma *légua de filho*, isto é, 7, 8, 9, ou 10 quilômetros); a *légua de poldrinho* designa, em alguns lugares de Goiaz, o mesmo que *légua de filho*; a *légua de correço a correço* é, diz o Prof. Jubé, uma medida discricionaria, usada pelas viajantes do sertão, para designar as distancias de certo correço a outro, quando entre elles mecleiam mais ou menos seis mil metros.

Lençóis: assim se chama na costa maranhense a uma serie de dunas que se prolongam desde o golfo do Maranhão até a foz do

Parnaíba. É sabido que o litoral deste Estado nortista é dividido em duas secções perfeitamente distintas: o litoral de oeste, do Gurupi ao golfo, e o litoral dos *Lençóis*, do golfo aos limites do Piauí. A secção dos chamados *lençóis* compreende uma tira de costa aberta, uniforme, sem enseadas capazes, arenosa em extremo, onde se desenvolvem a perder de vista arciais alvos e, não raro, despidos de todo e qualquer revestimento vegetal. O nome de *lençóis* lembra, diz Raymundo Lopes em seu "O Território Maranhense", pag. 175, "a indefinida extensão desolada e desnuda, que se estende a leste do golfo do Maranhão, como o primeiro trecho da arida costa do nordeste, ondeando em carnalúbas e morros de areia até a extremidade continental de S. Roque". Os *lençóis* dividem-se em grandes e pequenos, separando-os a foz do rio Preguiça. "Os *Lençóis Grandes* são de areia brilhante, semelhando roupas estendidas na praia e os *Pequenos*, assim chamados por serem mais baixos que os outros, são densas que apresentam a espaços grupos de arvores" (Conrado Heck — Costas do Brasil 1.^a parte — Pag. 87).

Lenhateiro: encontramos este termo na descrição que, da região de Guaira (Capistrano de Abreu, A. Taunay, Pandiá Calogeras, Theodoro Sampaio preferem a forma antiga-Guayrá), fez o ilustrado general brasileiro Malan na "Revista Militar Brasileira" (Vol. XXV7 — Julho a Setembro de 1927, pag. 298). Assim escrevem o eminente militar: "A navegação do Paraná é precária à noite: com 7 horas e meia de marcha, fundamos em frente ao porto João Francisco. Verificamos, ao amanhecer de 8, constituir esse atracadouro uma simples aberta na mata, num barranco de 4 a 5 m. onde, sob a guarda de um cabo do exército, permanecia um depósito provisório, em ranchos de *lenhateiros*. O porto dista 5 leguas da fazenda de Joaquim Nogueira". Parece que o termo é regionalismo do oeste paranaense por isso que o não vimos citado pelos dicionaristas da lingua, que apenas registam *lenhador* e *lenheiro*, como designativos do que colhe ou corta lenha nos matos, do rachador de lenha.

Lenheiro: em português é sinônimo de lenhador, cortador ou rachador de lenha. Entretanto, no Brasil, diz-se lenheiro o lugar onde se junta lenha. Na Bahia e em Sergipe, no lado dos engenhos de açúcar, ha sempre um grande lenheiro, onde se apinha a lenha trazida dos matos para servir de combustível. Roque Callage, na 2.^a Edição de seu "Vocabulário Gaúcho", regista a palavra *lenheira*, com o sentido de lugar no mato de onde se tira a lenha.

Letreiros: assim se designam no nordeste e centro do Brasil as figurações rupestres, gravuras e pinturas nas superfícies dos rochedos e paredes de cavernas (Luciano Jacques de Moraes — Inscrições Rupestres no Brasil. Public. da Inspectoria de Obras contra as Sêcas N. 64. Serie I. D.). Têm também o nome de

pinturas, pedras lavradas, pedras riscadas (Minas Gerais), *pedras pintadas cu itacoatiaras* (Amazonas), denominações estas que lhes dão os sertanejos. A respeito dessas inscrições rupes-tres ha varias teorias, não se podendo, no estado actual dos nos-sos conhecimentos, estabelecer conclusões definitivas.

Levada: Candido de Figueiredo regista este termo como brasilei-rismo no norte, no sentido de colina, elevação de terreno. No interior da Bahia, tem a significação especial de rego que con-duz alguns pluviais para os tanques, empregando-se também, em todo o Brasil, no sentido em que é usado em Portugal.

Libombo: segundo Rodolpho Garcia, assim é designada uma leva de sertanejos que emigram anualmente em busca de trabalho na zona da mata, ou sul, como eles chamam. E' termo nordes-tino.

Licurizal: bosque de licurizeiros, palmeira denominada por Mar-tius *Cocos coronata* — que vegeta em grandes extensões dos Estados da Bahia, Sergipe e outros do norte do paiz. Palmeiras das mais populares da Bahia, da qual se aproveitam as folhas, o tronco, os frutos, por muito tempo desprezada pelos governos e particulares, começa a se tornar planta econômica como produ-tora de oleos e de cêra. A respeito do licurizeiro publicou Gre-gorio Bondar, Consultor Técnico do Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia, excelente artigo no "Diário Oficial" do Estado (14 de Agosto de 1938). Deste artigo extrainos os se-guintes periodos abonadores do vocabulo: "A concessão do pri-villegio sobre a extração da cêra do licuri provocou um clamor da parte de muitos proprietarios de *licurizais*. "Os *licurizais* eram destruidos nas fazendas, por não terem valor, apenas inu-tilizando o terreno. Hoje temos a esperança de fundar nesta palmeira uma grande riqueza para o sertão".

Ligeiro: termo da Amazônia, que indica o reinador das *igaritês*, *montarias*, *ubás* e demais pequenas embarcações indigenas.

Limpa: assim se designa, no norte do Brasil, o ato de mondar ou cortar ervas daninhas em terreno cultivado. "Manejando a enxada o pobre homem trabalhava de sol a sol, antoando de vez em quando a sua copla, ao som da ferramenta, ajudado muitas vezes da mulher e dos filhos na *limpa*, na planiação ou na co-lheita, até a hora em que voltava á choça... (Prologo da Pri-meira Edição das "Lendas e Canções Populares "de Juvenal Galeno"). No trabalho agricola, diz ainda este mesmo escritor, *limpar* é capinar com a enxada (Liv. cit. Pag. 615).

Limpado: terreno limpo de mato. Registado por Macedo Soares que o abona com o seguinte trecho extraido da "Revista do Insti-tuto Historico Brasileiro" (1847. Itiner. pelo Rio Verde etc.): "Perto do rancho estavam dois *limpados*, partindo o ultimo a ruma O.S.O., largo caminho feito a ferro cortante".

Limpo: "trecho de terreno desprovido naturalmente de vegetação" (Catalto Cearense, no vocabulário apenso ao canto "Piedade Cruel"). Em Portugal se diz *limpa* (Candido de Figueiredo).

Linguará: brasileirismo registado por Candido de Figueiredo (4.^a Edição), designativo de pessoa que serve de interprete dos brancos ou civilizados perante os *bugres* e vice-versa. Encontramo-lo empregado por Alcides Maya, à pag. 82, da "Alma Barbara", no seguinte periodo: "Meu avô, bubre *linguará*, morren de velho, com os colmilhos gastos e os o'ho: que nem retovo de bolas".

Linguêta: em Pernambuco é usado no sentido de rampa natural que se inclina para o mar ou para o rio. Assim o registou Candido de Figueiredo (4.^a edição). Mario Melo, do Instituto Archeologico, escreve: "com este nome se apelida em Pernambuco a parte sueste do isthmo de Olinda — *lingua de terra* que a comprime a principio entre o Beberibe e o Atlantico, na parte norte, e entre o Capiberibe e o Bebeibe, na parte sul".

Linha: nas regiões auríferas e diamantíferas da Bahia, segundo informação do Eng. M. Macambyra Monte-Flores, concededor da zora e dos serviços, assim chamam ao afloramento das rochas auríferas ou diamantíferas. Sinônimo de veia, filão. E' frequente ouvir-se: "linha do diamante; linha do ouro".

Linha do sertão: registou-o Rodolpho Garcia, que o define como sendo a linha dos funões nas sesmarias, e explica: as primeiras sesmarias concedidas no Brasil eram situadas no litoral, onde se lhes designava a testada, correndo os funões para o sertão. E' termo geral.

Lânheira: brasileirismo de Goiaz, designativo de caminho estreito, verêda, picada. "Certa ocasião perguntamos a um delles o caminho a seguir para uma habitação fora da estrada real. — *Você ségue essa lânheira* (caminho estreito, trilho em Minas), *assim que acaba passa um riacho, larga um morador, depois quebra á mão direita, entra num chapadão que desce, é ali mesmo* (Arthur Neiva e Belisario Penna. "Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de noite a Sul de Goiaz". "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz". Ano 1916 — Tomo VIII — Fasc. III).

Lirial: terreno onde crescem lirios. Registado por Tesehauer que cita o seu emprego em uma ode de D. Aquino Correia, Arcebispo de Cuiaba e exímio literato.

Lisos: nome popular de uma das duas agremiações partidarias que se formaram em A'agôns, logo após a Maioridade. O partido *liso* seria mais tarde, diz Craveiro Costa, à pag. 101 do Vol. XV da "Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano", o partido liberal historico. O partido oposto tinha a alcunha de *cabeludo*. Os "lisos" foram dirigidos por José Tavares Bastos e os "cabeludos" por João Lins Vieira Cansação de Sinimbu.

Listario: segundo Saint-Hilaire, assim se chamava no distrito das Minas ao feitor incumbido de registrar o numero e o peso dos diamantes encontrados. Registrado por Beaurepaire-Rohan.

Lithovia: grafado pelo seu autor lithovia. E' criação do Prof. Clodomiro Pereira da Silva: de feito, em tese apresentada ao "Congresso Ferroviario de Campinas" diz o illustre engenheiro: "Ora a palavra *rodovia* nada de especial significa, e sim apenas que o veiculo roda nela: o mesmo que exprime a locução *estrada de rodagem*. Na ferrovia também o veiculo roda: devemos pois distinguir a estrada de acordo com a sua natureza, e deste modo, a denominação para *rodovia* deve ser *lithovia*, isto é, estrada feita com material litoide. Assim as palavras *aquavias*, *ferrovias* devem designar estradas caracterizadas pela superficie de suporte, piso ou rolamento. Assim, na *lithovia* o caracteristico está no revestimento, sempre feito com material litoide, mesmo para as simplesmente abertas em terreno natural, sem qualquer mescla de materiais; sobre ele rolam os veiculos. Nas ferrovias, rolam os veiculos sobre os trilhos. Em ambas os veiculos rolam ou rodam sempre, e, no sentido proprio, ambas são *rodovias*" (Boletim da Inspeçõa Federal das Estradas. N.º 4. Ano 1936. Png. 8). *Vide rodovia*.

Logrador: nos Estados do nordeste, da Bahia ao Maranhão, dá-se este nome a uma parte da fazenda de criação de gado vacum em lugar afastado, no qual se fazem currais, aguadas, etc. e onde vai o vaqueiro tratar do gado e principalmente dos animais feridos (Juvenal Galeno). E' corruptela de logradouro ou logradouro. Afranio Peixoto na sua coletânea de brasileirismos, cita este vocabulo e diz: "logradouro, malhada e pasto adequados à criação do gado", empregando-o na "Bugrinha".

Lomba: segundo informação que tivemos a felicidade de ouvir do venerando geografo Barão Homem de Mello, este vocabulo, no Rio Grande do Sul, designa a declividade dos pequenos morros e das coxilhas baixas. Diz-se também *lombada*. Registrando-o, escreveu M. Soares: "os nossos classicos sertanistas empregam *lomba* no sentido de chapada com declive pouco sensível. "Aparecendo hoje ás 7 horas e meia da manhã, defronte do posto, em um nito, alguns (índios); e porque logo se percebeu que outros cautelosamente se encobriram por detraz da *lomba*, ordenei a minha gente, que curiosamente se alvoroçava a ve-los, se não movessem das barracas e ranchos onde estava." (Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro — 1875 — Descob. dos Campos de Guaruava).

Loraço: alcunha dos alemães em Minas Gerais, segundo informam Nelson de Senna e A. Taunay.

Lordaça: à pag. 171 dos "Poemas Bravios", Catullo Cearense registra esta dição que, no Ceará, designa estrangeiro em geral.

Taunay registou *lordaço* como brasileirismo de Goiás, no sentido de rico, opulento.

Lufada: em português *lufada* significa rajada do vento (Candido de Figueiredo); na região central de Mato Grosso designa fenómeno identico ao que, na Amazônia e em S. Paulo, tem o nome de *piracua* e na Bahia *curso*. Assim descreve a *lufada* Ernesto Vinhaes em seu livro "Feras do Pantanal", a pags. 78: "Principiou por um rumor surdo, que foi crescendo até atingir a tonalidade de forte e incessante ribombar. O som vinha do S. Lourenço e um dos praticos, a quem perguntei o que significava, conduziu-me á margem, apontando para as aguas em turbilhão. A formidavel massa líquida, numa fila longa, cujo extremo a vista não alcançava, parecia ferver. As aguas barrentas espumavam, formando um lençol amarello, de onde despontavam corpos de peixes de todo o tamanho, cujas escamas, de colorido dourado e prateado, reflectiam os raios brilhantes do sol. A *lufada* é o exodo dos peixes do Pantanal, como ás enbeceiras dos grandes cursos d'agua. Todos os annos entre Maio e Junho, se verifica esse phenomeno". "A *lufada* no seu inicio e no fim, dá logar a uma industria mais rendosa e facil. As margens dos rios, em toda a extensão e intervalos de algumas centenas de metros, fica postada gente aparelhada para pescar grandes quantidades. As rédes são lançadas á passagem dos peixes de qualidade preferida e retiradas abarretadas pelos pescadores, que os transformam em azeite. Enchem-se, assim, dezenas e dezenas de barris de azeite, cuja maior percentagem é exportada para a Argentina, soando de Corumbá, via Paraguay e Uruguay" (Livro citado. Pags. 78 a 80). Com este sentido ainda não o vimos registado em qualquer glossário.

Luzia: alcunha do partido liberal no tempo do Imperio, a qual lhe adveiu do facto de ter sido o mesmo partido derrotado no arrabal de Santa Luzia, na revolta mineira de 1842.



Macacheiral: plantação ou roça de alpinu que, na Amazônia, se denomina *macachêra* ou *macacheira*. Vim-o empregado numa comunicação de B. M. Muniz à Revista "Chacaras e Quintaes" no seguinte lanço: "O pobre do tapuio (caberlo do Amazonas) tinha razão. Seu *macacheiral* e batalal todo *fussado* e os cri-tetús eram perdularios: tanto comiam como estragavam". (Cha. Qui. n.º de Abril de 1927. Pag. 497).

Macaco: alcunha que, no nordeste do Brasil, os sertanejos dão aos soldados das policías estaduais, semelhante a outras como sejam — *cachimbo*, *gafonha*, *galo-enfeitado*, *mata-cachorro*, *me-ganha*, *morengo*, *pilão*; *núlico* no Rio Grande do Sul, etc. O termo *macaco* é empregado no sertão da Bahia para designar o ajudante de vaqueiro e no Triangulo Mineiro, segundo informe de Pandiú Calogeras, designa os galhos, sêcos ou não, que caem dos arvores sobre os viandantes. Neste sentido, que é também de uso no Rio Grande do Sul, conforme nos informa o General Berges Fortes, registou-o A. Taunay.

Maçacó: vide *maceió*.

Macambiral: terreno onde abunda e predomina a *macambira*, bromeliácea fibrosa, cujo rizoma serve para alimentar o gado e até as pessoas no tempo das sêcas ou da *mugrém*. As suas folhas são longas, ericulas de espinhos e formam um balbo a que o povo chama *cabeça de macambira*: é a parte alimenticia, da qual a população retira uma fecula sucedanea da farinha da mandioca. "Por toda a parte a *macambira* (*Bromelia laciniosa*-Mart.), bromeliacea terrestre de caule, extremamente abundante e em certos logares formando por isso o *macambiral* de grande utilidade nas sêcas, pois os rizomas servem de alimentação para homem e animais" (Arthur Neiva e B. Penna — "Viagem científica" citada anteriormente. Pag. 78).

Macaqueiro: no vale do Jequitinhonha, segundo Arnaldo Vianna, e noutras partes do Sul da Bahia, assim se designam os trabalhadores rurais da lavoura de cacau. Identica a informação do

Dr. Felipe Saboia, que acrescenta: "principalmente o de saço ás costas, que muda de patrão a todo o momento".

Macarrone: alcunha dos italianos em varios Estados do Brasil, como Bahia e Minas Gerais; identica a *carcamano* e *latacho*.

Macega: em Portugal, *macega* designa a erva daninha que aparece nas searas. No Brasil, este vocabulo tem algumas variantes de sentido: no Rio Grande do Sul, segundo Romaguera e Callage, indica arbusto rasteiro que geralmente cresce nos campos de inferior qualidade, donde chamar-se *campo maceguento* ao em que existe muita macega, em geral de pessima qualidade; noutros Estados do Sul dão tal nome, ensina Beurepaire-Rohan, ao capim dos campos, quando está sêco e tão crescido que forma um maceio de altura superior à metade de um homem, tornando-se, destarte, de transitio difficil; Amadeu Amaral diz simplesmente capinzal do campo e assim é, no nordeste, de referencia ao capim alto. E' termo moente e corrente nos escritores regionalistas do Brasil.

Macegal: grande extensão de terreno coberto de *macega*. A pag. 101 do "O Vaqueano" de Apollinario Porto Alegre, encontramos o seguinte verso de um guasca:

*Vem-me tudo na memoria:
As tronqueiras e o curral,
A estancia com seus poteiras,
O vargado e o macegal!*

Macció: termo do nordeste, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, que, segundo Beurepaire-Rohan, significa lagoeiro que se forma no litoral, por efeito das aguas do mar nas grandes marés e também das aguas de chuva. Segundo o mesmo autor, em sua "Chorographia da Provincia da Parahyba", publicada no vol. 3 da "Revista do Inst. Hist. e Geog. Parahybano", chama-se na Paraíba às lagoas de pequenas dimensões que resultam da accumulção de aguas, a pouca distancia do mar — *macció*. Os *macciós* equivalen ás *capungas* do Ceará, ao sul de Fortaleza.

Machadeiro: voz muito de uso nos Estados do Sul, registada por Teschauer, que nomeia os individuos encarregados da derruba das florestas. Na "Campanha do Contestado", já citada, lê-se à pag. 330: "...os machadeiros com um vigor inexcrcivel derubaram as grossas arvores com uma pasmosa facilidade."

Machadinho: vide *seringueiro*. *Machadinho*, diz Lauro Palhano em seu "Marupíara", é o termo vulgar, tomado frequentemente como sinónimo de *seringueiro* (Pag. 42).

Macumba: registado por A. Taunay, designação de um rito espiritualista, mixto de catolicismo, feilicismo africano e superstições tupis que, no Rio de Janeiro e em São Paulo, conta adeptos assás numerosos. A pag. 83 dos "Novos Estudos Afro-Brasileiros".

Camara Cascudo diz que *Macumba* é o nome que substituiu o *candomblé* e mais: "Ha poucos annos não corria este vocabulo. Nina e Manoel Quirino não falam nelle e Jacques Raymundo não o recolheu. Entretanto é vulgarisadissimo e a região de sua influencia é vasta e segura. *Macumba* é usada significando a cerimonia fetichista, o rito liturgico e não o feitiço em si. *Macumbeira* é o pagé da macumba. Tratando este autor da sinonímia da macumba, feitiço, cita — *payclança, candomblé, mandinga, muamba, pussanga, catimbó* — este o sinónimo típico de feitiço. Por seu turno A. Teunay registou em sua coletanea (Revista de Lingua Portugueza n.º 30) varios termos usados na macumba: *cixau* - espirito da floresta, *gibokan* - adepto feminino, *macumbeira* - adepto da macumba, *mironga* - doutrina sagrada do mesmo rito, *ogan* - acolito, *orixé* - santo, *oxala* - ente supremo, *ogan* - espirito da raça branca encarnado em S. Jorge, *poé* - espirito da floresta, *pombagura* - outro espirito da floresta, *quimbe-alina*, *saravá* interjeição depreciativa, *sougororo* - genero de chocallas utilizados nas cerimonia: sagradas, *ranqó* - espirito da raça branca encarnado em S. Sebastião, *yuananjú* - mãe d'agua, etc. etc.

Madrinheiro: nome que, no sul do país, dão ao rapaz que anda na egua madrinha para regular o tempo da marcha da tropa ou tropilha. Madrinha é a egua (ou guêxa, com *n* mudo, mula) que, tendo ao pescoço uma campainha ou cencerro, precede a tropilha ou quadrilha dos cavalos, mulas e burros, servindo-lhes de guia ao longo das estradas. Acostumados com o som da campainha, os ditos animais dela não se apartam, já nas estradas, já nos campos de pousada. Descrevendo a marcha do Batalhão Catarinense na Campanha do Alto Paraná, o Capitão Mimoso Ruiz escreve: "A tropa de cargueiros do Batalhão que havia sahido do entrincheiramento do Centenario ás primeiras horas da manhã com destino a Formigas, afim de abastecer-se de generos e munição, viu-se imprevisamente atacada ao chegar aquêlle povoado. Ella era composta de 13 cargueiros, sendo guiada pelo madrinheiro Pedro Bailles, de 14 annos, e commandada pelo Sargento Avellino Henneneriklo da Rocha..." (Folha Nava" — de Florianopolis. Ed. de 17 de Março de 1928).

Mãe da mata: expressão corrente entre os mateiros amazônicos, designativa de um duende da floresta, que preside aos destinos da flora e da fauna que a habitam: é o *caçá* selvagem, que os portuguezes transformaram em *saci* (Informação de Henrique Jorge Hurley).

Mãe do fogo: segundo nos informa Henrique Jorge Hurley, assim se designa, na Amazônia, um tronco seco de madeira branca, como taperibá, ciruba ou ariqueana, que conserva o fogo durante muitos dias, choramingando um longo fio de *tatatinga* (fumaça) entre as *itacurías*. A mãe do fogo ainda é muito usada nas

cosinhas do interior do Pará, onde lhe chamam *tátumanha*, vocabulo tupi - quichua corruptelado; de *tatá* — fogo — tupi e *nama* — mãe — quichua.

Mãe do rio: assim chamam os sertanejos da Bahia e de outros Estados ao leito do rio até a extrema das margens, quando o mesmo, transbordando, alaga as varzeas ribeirinhas e "entra pelos matos". É o a que em potanologia se nomeia - leito menor, álveo, calha em que normalmente corre o rio. As extensões alagadas pelo transbordamento dão os sertanejos o nome geral de *représas*. Colhem-lo no sertão de nascença. O Prof. Alcide Jubé, de Goiaz, informa que a expressão *mãe do rio* denomina em sua terra o braço maior de um rio, quando este é o verdadeiro curso das suas aguas. Jorge Hurley também informa que *mãe do rio* no Pará é o mesmo que na Bahia. No "Dicionario de Voces y Términos Geograficos" de Vergara Martin (Madrid 1926), encontramos a palavra *madre* para designar o "terreno por onde ordinariamente correm as aguas de um rio ou arroio e comprende o espaço que occupam as aguas em suas correntes". Sinónimo de *álveo*, *cauce*, *lecho*. O mesmo vocabularista regista a expressão *madre vieja de un rio*, a qual nomeia o leito de um rio, abandonado pelas aguas que somente o occupam nas grandes cheias. Daí, sem dúvida, o argentinismo *madrejón*, laguna mais ou menos permanente, formada pelo transbordamento de um rio ou arroio.

Magrém: no nordeste, assim apelidam os *caipiras* à estação secca, á estiagem prolongada, ao tempo da fome, resultante do verão inclemente. Lemos em Euclides da Cunha, à pag. 47 d'"Os Sertões": "...refrondam os maryseiros raros — mysteriosas arvores que presagiam a volta das chuvas e das épocas anheladas do verde e o termo da *magrém* — quando, em pleno flagellar da secca, lhes porejam na casca resequida dos troncos algumas gottas d'agua...".

Mair: nome que os indigenas brasileiros davam aos franceses. Theodoro Sampaio diz que "o vocabulo *mair* é forma contracta de *mbac-ira*, que exprime — coisa apertada, ente separado, que vive distante, o solitario. Esse appellido davam os indios aos franceses e hespanhoes, não só por procederem de longe, como porque os equiparavam pelas suas qualidades e superioridade aos seus feiticeiros, chamados *pagés* ou *carahybas*, os quaes levavam vida solitaria no recesso das mattas, nas cavernas das montanhas distantes. O *pagé* era portanto um solitario (*mair*, *mbai*)". De *mair*, acrescenta o douto indianologo, derivam *mairapé* - - caminho dos franceses, *mairy* — as povoações dos franceses.

Major-gonçalo: apelido de uma rebelião que houve no Ceará, no vale do Jaguaribe, entre os anos de 1840 e 1845. Refere-o J. Brigido em seu trabalho "Homens e Factos do Ceará", à pag.

133: "O epilogo de toda a desordens foi a jacquerie, conhecida por *major-gonçalo*, que teve o seu começo em S. Bernardo, e se irradiou pelas terras vizinhas. Bandos de malfazejos protegidos pelas autoridades, assaltavam as casas dos amigos de Alencar, os esbordoavam cruelmente, e os matavam ás vezes, como aconteceu, em Cascavel, ao chefe do Partido decahido, major José Simões Branquinho".

Maleiro: a pag. 297 do seu volume "Garimpos de Matto Grosso" refere Hernando Ribeiro da Silva que este vocabulo é empregado em Mato Grosso (zona diamantifera) para designar os filhos da Bahia. "Demais... os fazendeiros cariabanos são inimigos dos filhos da Bahia, chegando a negar-lhes até a agua e apelidando-os de *maleiros*, porque trazem o sacco de roupa ás costas".

Malhada: termo que tem, no nosso conhecimento, quatro variantes de sentido. Na Amazônia, segundo V. Chermont, é o espaço onde habitualmente se reúne o gado para ser trabalhado ou lugar onde o gado costuma pernoitar em lotes; no nordeste, significa lugar sombrio em que o gado vacum se abriga da soalheira ou "se deita a ruminar nas horas quentes do dia" e Gustavo Barroso, à pag. 13 dos "Heróis e Bandidos", ensina que "malhar é a acção do gado reunir-se e deitar-se para ruminar, repousadamente, em lugar sombrio e agradável, empregando-se por extensão no sentido de estadar, demorar, viver"; na Bahia, além deste sentido, emprega-se também para designar uma plantação de fumo de pequeno porte ou extensão, o sitio de uma plantação de capim de corte (Município de Valença), e também área gramada à frente da casa, nas fazendas de criar da zona das catingas; finalmente Philipp von Luetzelburg refere o significado de *malhada* nos sertões do sul do Piauí e, em seu livro citado, escreve: "*malhadas* são baixas com humidade, pertencentes á vegetação dos agrestes, especialmente ricas em palmeiras. Aparecem nos valles dos rios Gurgueia e Parnahyba; a vegetação tem muita semelhança com os agrestes. Constituem-nas arvores de grande viço, troncos elevados, e copas largas e frondosas". Dentre as palmeiras que nelas crescem podemos mencionar: buriti, buritirana, bacaba, catolé e tucum. Caracterizando as *malhadas* do sul piauiense, ainda diz Luetzelburg, que elas são zonas "hemimegathermicas, com vegetação typica dos agrestes quanto á arborea, e typica do carrasco ou das campinas, quanto á arbustiva, sendo o solo menos humido, coberto de rica flora herbáceo-graminosa do typo dos campos humidos".

Malhador: termo usado em Goiaz com o sentido de lugar plano e sombrio onde o gado se deita para ruminar e descansar durante o dia ou a noite. Teschauer regista-o como sendo também de uso no Rio Grande do Sul.

Maloca: é termo geral da Amazônia que, segundo Beaurepaire-Rohan, vem do araucano, ao passo que Theodoro Sampaio, tão

sabio nessas provincias, o deriva do tupi como corruptela de *mâr-oca* — a casa de guerra. Significa aldeia, ranchada de indios, selvagens ou mansos ao mando dos seus chefes chamados *morubichabas, tubichanas, tuchanas*. "Vocês sabem como é uma velha *maloca*: uma sala de barro batido, ás vezes redondo, ás vezes quadrada, com uma grossa estaca no centro, de onde partem todas as redes, formando os raios de uma roda gigantesca. Pelos cantos e enfiados veem-se objectos de uso: *tipitís, aturás* flechas, arpões etc." (Aurelio Pinheiro — "Gleba Tumultuaria". Pag. 176). J. Ignez Bejar (Artigo no "Correio da Manhã" de 11/8/1935) escreve: "o termo *maloca* tem as seguintes significações: casa com morada para varias familias ou casa forte dos guerreiros ou ainda agrupamento de varias casas, constituídos no perimetro de um grande circulo, com caminhos convergentes ao centro, onde ha um grande claro, que é o terreiro das danças". No Ceará, a palavra *maloca* designa coisa muito diferente, ou seja, magote de gado que os vaqueiros ajuntam e levam para os *rodios* ou currais: neste sentido registou-a A. Taunay. Também se emprega no sentido de bando de gente de pouca confiança, *maloca* de desordeiros, de ciganos, de bandidos.

Maloca de peixe: na região do *Sulgado* do Pará, *maloca* equivale a *caráume*. Henrique Jorge Hurley informa ter ouvido muitas vezes esta frase: "apanhei esta noite cinco pacotes de peixe (tainha, cangatá e guiriséca) na tarrafiação, porque acertei com as *malocas do peixe*". Talvez também lugar em que o peixe se reúne.

Maloca de seringueiras: assim se denomina na Amazônia um sitio na floresta, onde se encontram juntas algumas seringueiras: "Antes do mais, é bom notar que as seringueiras na Amazônia não ficam sempre perto uma das outras. Dá-se o caso, ás vezes, de uma seringueira ficar distante de outra duzentos e mais metros. Quando se reúnem em um mesmo lugar algumas destas arvores, dá-se a isso o nome de *maloca de seringueiras* ou *maloca* simplesmente". (Mário Guedes — "Os Seringaes". Pag. 105).

Malungo: primeiramente *marungo*, registado por Candido de Figueiredo e Teschauer como termo com que reciprocamente se designavam os negros que, no mesmo navio, saíam da Africa. "Indaguei por que motivo chamava aos escravos *malungos*. — Ern o termo afetuoso — respondeu-me — que entre si se davam, na sua lingua barbara, os que vinham sofrendo no mesmo barco e que, quasi sempre, nunca mais se viam na terra do exilio e do cativoiro" (Gustavo Barroso — "Malungos" — Artigo publicado na "A Tarde" da Bahia, de 13-8-930). Após a extinção do trafico, o termo *malungo* foi perdendo a sua original razão de ser. Entretanto, não raro se encontra empregado no sentido de parceiro, igual, camarada, da mesma condição, da mesma laia, (Pereira da Costa). Refere ainda Teschauer que, no Ceará, é

empregado no sentido de demónio, atestando-o com uma passagem de Catullo Crearense.

Mambembe: registado por Valdomiro Silveira e Teschauer no sentido de lugar afastado e soturno, ermo. Empregado pelo primeiro à pag. 149 de seu livro "Os Caboclos" e à pag. 164 de "Nas Serras e nas Furnas". Na Bahia *mambembe* é usado com a significação de cousa ruim, imprestável.

Mambira: sinónimo de homem do campo, rustico, *caipira*, *tabaréu*, *matuto*; pessoa do interior, que não mora nas cidades, que não sabe caminhar, nem vestir-se. É termo de uso no Rio Grande do Sul, registado por Callage e Romaguera. Pode ser corruptela de *membira* — filho de mulher selvagem, portanto homem do mato.

Mameluco: ou *mamaluco*, como ainda se ouve no interior do Brasil é o nome dado aos mestiços provindos da mistura do indio com o branco. É o mesmo a que chamam no Mexico — *mestiços*; *cholos* na Bolivia, Perú e Equador. De primeiro, a voz *mamaluco* era a unica usada para denotar esse mestiço euro-americano: assim é que se lê nos antigos cronistas, como sejam Gandavo (1576), Frei Vicente do Salvador (1627), Simão de Vasconcellos (1662), etc. Mais tarde é que se principiou a escrever e dizer *mameluco*. A respeito da origem deste vocabulo ha duas correntes antagonicas. Beaurepaire-Rohan e recentemente Basilio de Magalhães, além de outros, pensam que é de procedencia arabe, originando-se de *mamluk*, supino ou participio de *malaka*. A isso nos impede, diz o ultimo e notavel escritor, "tanto a significação de *mamluk*, que quer dizer o governado, o possuido, equipolente ao *servus* do latim, como o facto de existir tal appellativo em nossa lingua, muito antes que os portuguezes tivessem ouvido qualquer phonema do *abanken*. A prosodia *mamaluco* explica-se facilmente pelo phenomeno da alliteração, corollario da chamada lei do menor esforço, commum na linguagem popular". Outros acham que o vocabulo é de origem tupyca, tendo sido a alteração *mameluco* o que levou muita gente a confundir um puro brasileiro: mo com o vocabulo que por muito tempo nomeou no Egypto uma guarda dos sultões aibitas — a dos *mamelucos*. Theodoro Sampaio refuta vantajosamente, ao nosso aviso, tal opinião. Ha, com effeito, diz o mestre bahiano, "no tupy o vocabulo *mamá-ruca*, que se decompõe em *mamá* - - misturar, dobrar, abraçar, e *ruca* ou *yruca*, que quer dizer tirar. O appellido historico, pois, se traduz — tirado da mistura, ou de procedencia mixta. Não é mister grande esforço para se explicar como de *mamá-ruca* se fez *mamaluco* (ainda hoje assim o pronuncia o homem do sertão), segundo o escreveram os primeiros historiadores e depois *mameluco*, como em geral se adoptou". A etimologia dada por Theodoro Sampaio concorda com as opiniões de Baptista Caetano, Almeida No-

gueira, Montoya e Affonso Taunay. Informa Nelson de Senna que os *mamelucos*, mestiços mais claros, de côr niens abaçanada, e com aparência de raça européia, também foram chamados em Minas Gerais pela alcunha *brancarãos* ou *brancarâmas* (hibridismo luso-tupí, significando — o falso branco. Ainda algumas palavras: José Verissimo escreveu que, no Pará, o *mameluco* provém da mistura do sangue branco com o curiboea (vide este termo), sendo portanto o *quarteirão* de sangue branco. Maregraff escreveu que, no Brasil de seu tempo, no Brasil seiscentista, se chamavam *mamelucos* os filhos de europeu e africano: entretanto, esses mestiços euro-africanos sempre foram designados pelo nome de *mulatos*. No Ceará, ao descendente de indio e branco se chama *tapuia*. Tudo isso vem em abono à nossa assertiva anterior de que a nomenclatura dos cruzamentos operados no Brasil pelas três raças, que entraram na formação do povo brasileiro, é profundamente arbitraria e confusa.

Mancha: regionalismo paranaense, registado no "Vocabulario do Hervateiro" de Romario Martins, que designa concentração mais ou menos abundante de ervaes num dado terreno. (Hex-Mate". Pag. 137).

Manchão: mancha no terreno, onde o diamante de aluvião jaz enterrado. Assim define Sylvio Floreal no seu "O Brasil Tragico" (S. Paulo — 1923). A pag. 195 deste livro encontramos o seguinte passo: "Era a visão sublime, radiante, intrusivamente seductora, da copiosa fortuna de ninguém que coruscava nas sinuosidades das *gruquêras* que margeiam os recostos dos rios e nos *manchões* das encostas e dos terraplenos, onde os diamantes, carreados no dorso das alluviões invasoras, originadas de remotas erupções telluricas acompanhadas de avalanches e tremendissimas enxurradas que revolveram o fundo das aguas, ali encailharam...". Outros trechos do mesmo livro repetem este regionalismo, como sejam os das pags. 197, 223, 254, 263, 264, 265, 274, 280, etc.

Manda-chuva: brasileiroismo registado por Candido de Figueiredo e outros vocabularistas, que significa pessoa de alta importancia de alto relevo social; mais propriamente chefe politico, no interior. Usado geralmente no Brasil.

Mandembe: dito por alguns *mandengo*, apelida local de difficil acesso, cheio de mato cerrado. Devemo-lo à informação de Urbino Vianna, devotado cultor das cousas brasileiras. E' de uso em Minas e Goiaz.

Mandi: localismo do sul de S. Paulo, designativo de homem rustico, do campo, sinônimo de caipira. Vimo-lo registado à pag. 123 do livro de Cornelio Pires — "As Estramboticas Aventuras de Joaquim Bentinho" e à pag. 34 das "Patacoadas".

Mandioca: registado por Afranio Peixoto, que informa ser o nome vulgar, no sertão da Bahia, de um dos antigos partidos políticos da Monarquia, os conservadores. Os adeptos eram os *mandiocas*.

Mandiocal: terreno plantado de mandioca, roça de mandioca — a conhecida e utilíssima euforbiacea (*Jatropha manihot* ou *manihot utilissima*). “Esse homem chamava-se Luiz Bóde ou Luiz Vinheis, era de bom parecer e de bom coração, e assegurava saber orações extraordinárias para curar doenças de gente, sarna de cachorro, bicheiras de animais, pestes de gado, pragas de *mandiocal*...” (Gustavo Barroso — “Através dos Folk-Lores” Pag. 91). No Pará, diz-se *manival*.

Mandiola: termo usado pelo povo da capital da Bahia, com o sentido de revolução, revolta, barulho (Informação de Arthur Neiva).

Mandioqueiro: *tabaréu*, *caipira*, homem da roça: muito de uso em Minas Gerais.

Mandraqueiro: nome que, nos sertões do Sul do Brasil, principalmente, se dá nos bruxos e feiticeiros. Empregou-o Eurico Branco Ribeiro à pag. 107 do seu livro “A Sombra dos Pinheirões”: “Fez-se mandraqueiro para melhor tirar vingança e, a salvo de qualquer suspeita, agia sorrateiramente”. Souza Pinto regista-o no norte de Minas com o mesmo sentido. (Alm. Garnier. 1912. Pag. 417). Em S. Paulo diz-se mais comumente *caborgeiro*. No nordeste da Bahia se diz feitiço — *mandruca* e o feiticeiro — *mandraqueiro*.

Mané-chique-chique: alcunha literaria com que Ildefonso Albano crismou o sertanejo nordestino ou melhor o brasileiro agreste, legítimo representante da resistencia matuta, em contraposição ao *Jeca Tatú* (vide este termo) de Monteiro Lobato. A alcunha de *Mané-chique-chique*, disse Mario de Alencar que prefaciou o livro comovente e vingador de Ildefonso Albano, vale a outra de *Jeca-Tatú*, senão é mais rica na expressão do simbolo. O *chique-chique*, explica o autor, é um cardo da patria de Mané. Nasce e prospera em qualquer terreno, bom, mediocre, ou ruim, mas sobrio, resistente, tenaz e rude prefere a todos a pedra nua, a rocha dura. Alli, onde parece impossivel a vida, onde qualquer planta estiolaria e outra semente encontraria a morte. alli elle se firma, alli encontra seus elementos de vida: a atmosfera clara e limpida, cheia de luz e batida pelos ventos geraes; a agua, que cae dos céos e sempoça encima da pedra, e a humidade, que sinfiltra na rocha; para alimento, algum detrito vegetal, que o vento lhe traga, e os productos mineraes, que seu proprio esforço vai buscar nas fissuras da rocha. Si lhe falta o alimento, gasta as reservas; si a agua sevapora, as raizes penetrantes se enfiam por uma brecha na rocha dura e vão buscar a *lympha* vivificadora, onde ella estiver. O *chique-chique*

nunca perde a sua roupagem verde, quer no inverno diluvial, quer na secca a mais tremenda. Filha extraordinariamente; corte-lhe o caule em dezenas de pedaços: de cada um, qualquer que seja o tamanho e a posição, em que caia, nasce uma nova planta. Depois de uma secca brotam com mais exuberancia os rebentes, parecendo que a natureza se apressa em preencher os claros que abriu. Saiba tratá-lo, elle lhe apresentará a face macia; não o leve com goito, elle se defenderá com os espinhos. Dê-lhe trato, entive-o com cuidado, desaparecerão os espinhos. Modesto e despretencioso, não passa de chique-chique, desprezado e vilipendiado; mas, nos momentos difficeis, nas secças devastadoras, todos correm a elle, alimento saboroso, tanto para os animaes, como para os homens. Assim tambem o homonymo Mané Chique-Chique: nasce e prospera em qualquer terra. Mas sobrio, resistente, tenaz, rude, prefere a tolas a região arida e pedregosa, em que nasceu... Modesto e despretencioso não passa de sextanejo, desprezado e vilipendiado, mas, nos momentos difficeis, nas guerras sangrentas, recorrein a elle, valente soldado e bravo marujo..." (Ildefonso Albano — "Jeca Tatú e Mané Chique-chique" — 2.ª ed. Pag. 7 e 8). A alcunha foi admiravel de representação. Usam-na hoje escritores regionalistas com o sentido acima indicado. Assim o fez, por exemplo, Cassiano Ricardo, o cantor sinfonico e moderno das paisagens e dos homens brasileiros, em artigo publicado no "Correio Paulistano" de 3-7-928, sob o titulo: "A poesia dos cafesaes". "O seringueiro pegando a onça, o mané chique-chique saltando os rios roncado, o guasca riscando a coxilha com as patas do seu pingo fegoso, o paulista metendo o tacão da bota bandeirante no peito do mataréo, são essas figuras que hão de povoar a terra-virgem da nossa poesia..."

Manga: regionalismo brasileiro, que se veste de varias accepções. Da Bahia ao Ceará, abrangendo terras de Minas e Goiaz, tem o sentido de pastagem cercada, onde se guarda o gado: neste sentido emprega-o Xavier Marques à pag. 358 de "As Voltas da Estrada": "Mané á de sol. O gado solto devorava o capim melado dos pastos nativos. As mangas, nos longes da planície, cobriam o massapé atoladiço e fecundo de uma pellucia verde-mar, em que se embutiam os espelhos d'agua dos bebedouros faiscantes". No Piauí tem o termo *manga* o sentido de pastio mais amplo, onde se põe o gado em certos periodos. Antonio Lopes informa que, no Maranhão, designa "duas Fúhas paralellas de cerca que se constroem á beira dos rios e igarapés em logares proprios para o embarque ou travessia do gado, impellindo-se entre ellas o gado que assim se encaminha até o rio, evitando-se que *dispare* pelas cercanias á vista das aguas". Candido de Figueiredo regista que, na Amazônia, assim se chama a um ramal da estrada de seringueiras. Callage e Romaguera dão-lhe o significado, no Rio Grande do Sul,

de "cerca de pedra ou pau, que, começando á entrada da mangueira, ou curral, estende-se até uma certa distancia, servindo por dispensar a presença de pessoas neste logar, para auxiliar a entrada do gado na mesma mangueira ou curral", dizendo ainda Romaguera que, nesta accepção, é de procedencia platina. Ainda em certas regiões da Bahia e de Goiaz, o nome de *Manga* é applicado ás pastagens naturais proprias para a engorda dos gados.

Mangabal: terreno coberto de mangabeivas (*Hancornia Speciosa*) que nele crescem espontaneamente. O nordeste do Brasil é a região dos mangabais. "Na sua esteira, entraram criadores, atraídos pela superioridade dos campos despovoados, entraram seringueiros a cujos golpes se dessangravam extensos mangabais com borracha valiosa. (V. Corrêa Filho. "Na Região dos Diamantes". *Journal do Commercio* — 19-8-1928).

Mangal: V. Chermon registou-o, dando-lhe a significação de floresta de mangue (*Rhizophora mangle*). Mais verdadeiramente podemos definir com F. Raja Gabaglia — "As fronteiras do Brasil", pag. 85, "um agrupamento formado por muitas das plantas denominadas mangue; por extensão é o nome colectivo de diversas especies vegetaes que crescem nos terrenos chamados *Mangues* ou *Manguesal*". E' formação identica á dos *patelaviers* dos francezes.

Mangericão: termo usado pelos jagadeiros do Rio Grande do Norte e pelos *Yacumábas* (pilotos) das canoas que navegam a corta paracuse, de Viscu a Belém, para designar o mato rasteiro que desponta no horizonte. Deveas o conhecimento deste brasileiro a Henrique Jorge Hurley, que nos escreveu a respeito: "Certa vez viajava eu de Bragança ao Gurupy, quando ao sabirmos da ilha Apehú, perguntei ao yacumába onde ficava a ponta de Sumaca e o caboclo disse-me, apontando para o sul — é aquelle *mangericãozinho* que mal se vê rez á água — Esse vocabulo exprime o mesmo no nordeste porque, em 1913, ouvi-o na praia Muriú, no Rio Grande do Norte, quando em jagada dali fui ao cabo de S. Roque, na sua ponta extrema".

Mangrullo: registado por Teschauer, designativo de balisa que indica um baixio. E' termo de uso no Rio Grande do Sul.

Mangueira: No Rio Grande do Sul assim chamam aos currais grandes de pedras ou de madeiras, junto ao edificio das estâncias, onde são metidos os animais, afim de marca-las e para outros misteres; como tal é de origem platina. Em S. Paulo, diz Joaquim Gil Pinheiro (Os Costumes da Roça ou as Memorias de M'boy), é "curral onde recolhem os animaes para tratar e dar-lhes de comer num eccio (calha aberta num pau roliço) que serve de mangedoura".

Mangueirão: curral muito grande, para o encerro de tropas e animais. "Campeiro destemido, o moço tinha fama no sertão de

corajoso até a temeridade. Muito vez nos reboliços dos *mangueirões* apinhados, enfrentou arremessos de touros escarvantes, quando verificava o gado para a marcação". (Amando Calaby. "Sapezas e Tiguéras". Pag. 178).

Mangueiro: curral pequeno. Termo geral do Brasil, empregado por Valdomiro Silveira, à pag. 14 d'"Os Caboclos": "A Juruty, porém, não se lhe dava daquelles mêdos. Crescêra a par de Bellarmino, com elle brincara o *sarupango* (divertimento das crianças em roda e com canto) e o *que-pau-é-este* (brinquedo de crianças), perseguira os ninhos de tico-tico, pelo piquete da grama-seda, trepára aos arvoredos, montára nos poldros e nos garrotes, armára juquiás de taquara-pôca, em cujos filhos muita rolinho e muita pomba-caseavel entrou para nunca mais sahir, repontara o gadinho para o *mangueiro*, curara o gôgo das chunbangas..." Segundo Nelson de Senna e Alcide Jubé, em Minas Gerais e em Goiaz, *mangueiro* e *mangueira* designam às vezes, nos sertões, os pequenos pastos onde se encurrala o gado, o que na Bahia se chama *malhada* — area gramada à frente da casa da fazenda de cria.

Mangues: este termo denomina, na costa do Brasil, lugares lamacentos, não só no litoral, mas também nas margens dos estuários dos rios, onde vegetam os bosques de essencias chamada genericamente *mangue*, "exquisitas representações do mundo vegetal", na phrase de A. W. Sellin, pertencentes aos generos *rhizophora*, *avicennia*, *laguncularia*, etc. Entre as variedades de mangue sobrelava notar a conhecida pelo nome de *mangue vermelho*, *mangue de pendão*, *rei dos mangues*, *ratimbó* (*Rhizophora mangle*), que fornece resistente madeira, "que não apodrece, não dá de si, não verga".

Manguesal: o mesmo que *mangal*.

Maniçoba: terreno onde cresce e viceja abundantemente a maniçoba (*Manihot piuhysensis* ou *Manihot glaziovii*), já em estado selvagem, já resultante da cultura. De primeiro, só havia *maniçobas* nativos: depois de 1897 começaram a incrementar a cultura desta preciosa planta. E' a maniçoba uma arvore da familia das euforbiaceas, elegante, menos agreste que a mangabeira, que vegeta nativamente nas *catingas* da Bahia, no Ceará e no sul do Piauí, onde a denominam, às vezes, *mandioca brava*. Fornece latex, variavel segundo os terrenos e variedades, fabricando-se dele uma borracha excelente para a vulcanização. Infelizmente, os processos, até agora praticados, na extração do latex, são *retrogrados* e *selvagens*, enchendo os *maniçobeiros* a casca da arvore de incisões, de varios tamanhos e aspectos, sendo uma das mais comuns a que tem a forma de T, por elles denominada — *espinha de peixe*; não raro, sacrificam para sempre a arvore.

Maniçobeiro: assim se designam os extratores do latex da maniçoba, semelhantes aos *mangabeiros* e *seringueiros*. São todos eles sobrios sertanejos do nordeste, que levam uma vida miserável no amago das *catingas*, aranchados às vezes nas grutas, (como as que ficam na serra do Brejo e na Salgada do Piauí), de sol a sol, varejando a terra à cata das *mandiocas bravas*. Ha, nas regiões dos *maniçobais*, os *barracões* de maniçoba, como os ha da seringa na Amazônia; ao padrão do *inferno verde* corresponde o *barracista* do *maniçobal*; e até não falta n gente pobre escravizada ao solerte dono do *barracão*, a relembrar em plena *catunga* nordestina os curiosíssimos aspectos da vida dos servos dos *seringais*.

Manival: vide *mandiocat*.

Mano-Juca: regionalismo gaúcho, que, segundo Callage e Romaguera, designa camponês, pessoa que vive fóra da cidade, *tuburu*. Já é um tanto desusado.

Manso: (1) alemba de *seringueiro* veterano, já habituado ao trabalho da extração da borracha. "De novo, na barraca cuidaram das necessidades do estomago, e não sahiram mais porque estavam avisados que chegaria á tarde um *manso*, enviado por Salvatierra para ensinar-lhes o processo da extração da borracha". (Rodolpho Theophilo. "O Paroára". Pag. 315).

Manso: (2) regionalismo empregado pelo Visconde de Taunay, que o colheu no linguajar do povo, designativo de trecho de rio em que as aguas parecem paradas. É o mesmo que *remanso* e *manso do rio*, expressão usada em Goiaz. No Amazonas, aos lugares dos rios cheios, em que as canoas que neles navegam encontram um *remanso*, de modo que, ainda mesmo que os seus tripulantes deixem de remar, não descem, ou não são levadas pela correnteza, chamam — dia santo: é um verdadeiro *manso do rio* (Mario Guedes. "Os Seringaes". Pag. 150). "Ha no Tieté um grande *manso*, a montante do salto de Itapura" (A. Taunay).

Marabá: é vocabulo tupi que significa filho de pai incognito, desconhecido. H. Jorge Hurley abona esta opinião com os seguintes trechos colhidos no Livro III das "Chronicas da Companhia de Jesus do Estado do Brasil". n.º 27, Pag. 19: "Tinha certa velha enterrado vivo um filho de sua nôra a que chamam *Marabá* (quer dizer de mistura) aborrecível entre esta gente e era que o pario a India em poder do marido, tendo sido gerado por outro, com quem fóra casada primeiro: e não era parto adulterino, como cuidou o Pad. Paternina acima citado. Foi Joseph avisado do caso depois de passada mais de meia hora; e indo ao lugar, desenterrou-o, batizou-o vivo e são, e entregou-o a mulher segura para que o criasse" Roberto Southey à pag. 412 do vol. I de sua "Historia do Brasil", diz que *marabá* significa fruto mixto e duvidoso. Hurley informa que, na

Amazônia, *marabá* significa *filho daservas*, ou mais gentilmente como dizem os cabanos de Curuçá — *filho da fortuna*, o que não procede de casal legitimamente constituído. Nas "Notas" à XV Carta de Anchieta (Publicação da Academia Brasileira de Letras) lemos uma citação de Simão de Vasconcellos que diz ser criança nascida "de duas sementes", isto é, de mistura. Em Theodoro Sampaio encontramos a opinião de que *marabá* é filho de francês com mulher índia, dizendo Nelson de Senna, por seu turno, ser o renegado, filho da índia com o prisioneiro inimigo, seja este de qualquer raça.

Marabuto: alcunha depreciativa dos portugueses. Pereira da Costa transcreve o seguinte período do jornal pernambucano "O Azorrague" n. 5, de 1845: "A sucia baronista, que levou ao tumulo o estrangeirismo de Pernambuco, defensora de quanto *marabuto* aqui aponta".

Maracatiãra: nome que, em certas regiões da Amazônia, dão aos comandantes de navio. Registado no "Lexico de Lacunas" de A. Taunay.

Maragato: alcunha dada aos rebeldes que, em 1893, tomaram armas contra o partido dominante no Rio Grande do Sul, chefiado pelo glorioso republicano Julio Prates de Castilhos. Depois, foi aplicada aos federalistas, isto é, aos partidarios dos ideais politicos do Cons. Gaspar da Silveira Martius. São muito frequentes no Rio Grande os derivados: *maragutada* — os rebeldes de 1893 a 1895; *maragatico*, *maragutagem*, *maragatismo*; *maragatjar* — fazer politica favoravel aos *maragatos*. Remagueria Corrêa explica a origem do vocabulo: "dos maragalos de Maragateria, comarca hespanhola da provincia de Leon, cujos habitantes são individuos de costumes condemnaveis, que vivem a rapinar, a roubar sobretudo animaes, especie de ciganos; e como os rebeldes em suas correrias e incursões se apoderassem de todos os animaes que encontravam, os republicanos ou legalistas lhes deram tal alcunha, retribuida com outras não meros pejorativas". Maragato, diz o Dr. Oswaldo Vergara, de Porto Alegre, é o nome que se dá aos federalistas e, especialmente, aos revolucionarios que, em opposição ao governo republicano riograndense, tomaram parte na guerra civil que assolou o Estado de 1893 a 1895. Vide o que a respeito de Maragato escreveu o venerado mestre João Ribeiro, entre pags. 123 e 125 de sua preciosa "A Língua Nacional".

Marajó: termo paraense muito usado em Belém, que designa o vento que, à tarde, agita as aguas da baía de Guajará e ao mesmo tempo refresca a cidade. Em Belém, é corrente a expressão — 'cubiu o *marajó*', e assim é chamado por soprar dos lados da grande ilha.

Marajoára: além de apelar os filhos da imensa ilha da foz do Amazonas (de Marajó e *ara*, sufixo indígena que significa habitante, morador, natural de, equivalente à terminação *-ense* do português), esta voz designa o vento nordeste que sopra rijo nas florestas da antiga Joanes. Os marajoáras chamam ao marajoára — o *geral*.

Marambaia: nome dado ao marítimo que não tem grande amor à profissão e prefere viver em terra a estar embarcado. Registado no "Lexico de Lacunas" de A. Taunay. O registro de Teschauer é tão só no sentido de namorador marinho, abstando-o com um trecho de G. Penalva.

Maranduba: registado por C. Teschauer com o sentido de história de guerra, ou também de viagem, abonando-o com o seguinte passo de José de Alencar, à pag. 126 do "Ubirajara": "Ninguém interrompeu a maranduba de guerra. É palavra de origem tupi — corruptela de *mara* — batalha e *uheng* — falar muito — falar muito de guerra.

Maraúrito: registado por Everardo Backheuser, (maraunito) "variedade de turfa terciária, de côr clara, muito rica em matérias volatéis, a qual ocorre em Maraú (Bahia). Nome proposto por Gonzaga de Campos". As jazidas deste combustível ocupam grande extensão e se acham próximas do oceano, o que constitue grande vantagem. Foi no ano de 1895 que illustres técnicos estudaram tais jazidas, havendo então uma tentativa de exploração industrial.

Marcação: termo usado no Rio Grande do Sul para designar o ato de marcar os gados e também a época e o lugar em que se faz esse serviço. Registam-no todos os dicionaristas de termos gaúchos — Romaguera, Callage, Teschauer e Luiz Carlos de Moraes, este o mais extenso no descrever o fato campestre. É o que no norte, da Bahia ao Amazonas, se denomina *férva*.

Maré: de Beaurepaire-Rohan transcreve-nos a definição deste regionalismo paraense. "Nas viagens fluviaes em que se faz sentir a acção do fluxo e refluxo do mar, designam-se por maré a distancia itineraria de um ponto a outro. Tendo, por exemplo, de subir ou descer um rio, aproveita-se, no primeiro caso, da enchente, e, no segundo, da vasante, e viaja-se até que cesse o fluxo ou refluxo, parando então á espera de outra maré, e assim ir e voltar, até attingir o ponto a que se destina. Assim, pois, quando se diz que entro o sitio tal e tal ha uma, duas ou mais marés, dá-se uma idéia do tempo que se gasta em vencer essa distancia".

Mar estanhado: locução usada pelos barqueiros e pescadores da baía de Todos os Santos para designar o mar toldado e escuro, já pelas correntezas, já por estar o ceu encoberto. Interessan-

te também é a expressão — *mar relancioso* — no sentido de agitado, cheio de ondas (Informação de Arthur Noiva).

Marezia: assim chamam, na região do Araguaia, às ondas encapelladas que se formam em certos trechos do belo e majestoso rio, entre os Estados de Mato Grosso e Goiás. O Dr. Florencio do Lago, no "Relatório dos Estudos da Comissão Exploradora dos Rios Tocantins e Araguaya em 1871", escreveu: "Em outros pontos as águas apertadas entre as paredes dos bancos com declives mais ou menos consideráveis, tomam direcções proximamente rectilíneas e formam em seu alargamento, quando a secção do rio muda, e a jusante dos bancos, intumescências que produzem ondas encapelladas, conhecidas por *marézias*. Muitas vezes chegam a alagar os barcos, mal haja qualquer des-cuido em sua marcha ou direcção". No Maranhão, segundo in-forma de Antonio Lopes, significa *banzeiro*, ondas, quer nos rios, quer na costa.

Margem: os *seringais* da Amazônia dividem-se em duas partes perfeitamente distintas: a *margem* e o *centro*. A *margem* é o lugar, à beira do rio, onde se assenta o *barracão*, a casa matriz do *seringal*, a residência do *patrão*. Aí começam os *varadouros*, caminhos que vão ter ao interior do *seringal*, nos *centros* (vide esta palavra), como eles dizem, e, às vezes também, estradas de seringa. São os *comboios*, tropas de burros, que poem em comunicação *margem* e *centro*.

Maribondo: ou *marimbondo*, alcunha dos sediciosos pernambucanos que, em 1852, perturbaram a paz no interior da provincia de Pernambuco, em protesto à execução do Dec. imperial de 18 de Junho de 1851, que estabeleceu nas paróquias o registo de nascimentos e obitos. Para a ignorante população do interior, tal lei era para a escravização dos filhos do norte. Surgiu a rebeldia em Pau d'Alho, irradiando-se por varios outros pontos da provincia e até na Paraíba, onde o levante foi denominado — *ronco da abelha*. O governo dominou facilmente a rebelião, graças às tropas enviadas contra os revoltosos e, principalmente, à palavra do frade capuchinho Cactano de Messina, missionario querido de toda a população. Foi também alcunha que os brasileiros receberam dos lusos ao tempo da Independencia.

Marimbú: regionalismo baiano, que significa terra enbrejada à margem dos rios, muito de uso na bacia de S. Francisco. "Vencendo a vastidão dos taboalheiros, os valles e as montanhas, a vista encontrava na magestade serena da distancia, ora o espelho sereno de um lago perdido nos *marimbús* do Santo Antonio (rio), ora uma fita delgada de rio, muito ao longe, serpendo" (Alberto Rabello "Contos do Norte". Pag. 28). Cç-

sar Zama, escritor baiano estudando a vida marcial de Aníbal, general cartaginês, usou deste termo no seguinte passo: "Logo que terminou a descida o general cartaginês, sem hesitar, mette-se pelos pantanos e marimbús do Arno, obrigando o seu exército a marchar durante quatro dias e quatro noites por dentro da lama e do lodo..." (Historia dos Tres Grandes Capitães da Antiguidade". Pag. 40).

Marinha: denominação que os paraenses dão ao littoral, em opposição à serra e aos campos do interior. Registado no vocabulário de Rodolpho Garcia.

Marinheiro: alcunha depreciativa dos portugueses em alguns Estados, principalmente do Norte. Segundo Coriolano de Medeiros o termo *marinheiro* é o nome dado no interior da Paraíba aos negociantes em grosso das capitais ("O Barracão". Pag. 107).

Marmeleiral: bosque de marmeleiros. "Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as varzeas, a caatinga, o *marmeleiral* esquelético, era tudo uma synchronia de borralho" (Rachel de Queiroz — "O Quinze" pag. 30).

Marô'a: registou o Rodolpho Garcia com o mesmo sentido de *banzeiro*. Encontramo-lo apenas referido nos "Canaes e Lagoas" de Octavio Brandão, como sinônimo de *banzeiro* e *cavaleiro*, isto é, onda impetuosa.

Maromba: registado por Teschauer, com um duplo sentido. No nordeste, *maromba* é sinônimo de manada de bois, magote; na Amazônia, é o estrado que os habitantes das margens de certos rios constroem para nele se refugiarem durante as inundações. Parece, porém, que estes abrigos são mais próprios para o gado com o mesmo objetivo. É o que deduzimos da leitura dos escritores regionais da Amazônia. Em Raymundo Moraes, livro citado, lemos à pag. 93: "A fim de atenuar a desgraça (na inundação) armam-se as *marombas* para o gado. largos girnos de achas grossas e resistentes, sobre os quaes a manada sobe e espera a estiada". "É o diluvio. As *marombas* foram atingidas. Com as pernas mergulhadas semanas e semanas consecutivas, com os cascos descollados e o couro rachado, caem mortos os bezerras e as vitellas, as novilhas e os garotes. Os fazendeiros e aggregados que se acham nas immedições, com as bagagens embarcadas em canoas e batelões, esperançados de que o desastre não fosse tamanho, mudam-se temporariamente para os firmes longínquos e transportam, nas suas pequenas arcas de Noé, as rezes que escapam". Segundo Lauro Palhano, *maromba* também significa jaungda, geralmente de imbaúbas, para transporte de gado (rio Purús).

Marôto: alcunha depreciativa dos portugueses no Brasil, sobretudo na Bahia, desde o tempo da Independência. Marôto, dizem Fr. João de Souza e Fr. José de Santo Antonio, é palavra de origem arabe, significando insolente, imorigerado. ("Vestígios da língua arabica em Portugal"). Entretanto Fr. Francisco de S. Luiz no seu "Glossario de Vocabulos Portuguezes derivados das linguas orientais excepto a Arabe", diz o seguinte: "nome de desprezo, que se dá aos rapazes malcriados, mal ensinados, descortezes, ociosos, vadios..." Bluteau no "Suplemento" diz que tanto este termo como os outros semelhantes nomes — *marrucha, marrufa, marão*, se pôdem derivar do hebraico *marod* e *marodim*, que também significam homem pobre, pedinte, vagabundo. E' para registrar-se que ao tempo da Independência, quando acêsa ia a guerra na Bahia, a alcunha de *marôto* era empregada até em documentos officiaes, como faz prova o seguinte trecho de um Officio, datado de 22 de Fevereiro de 1823, e dirigido pelo General Labatut, que comandava as tropas brasileiras em torno da cidade do Salvador, à Junta do Governo de Pernambuco: "No combate de 15 de Fevereiro soffreram os marôtos a bravura dos pernambucanos de mistura com outros seus irmãos de armas".

Marreta: nome de um partido politico do Estado do Ceará, no periodo republicano. A respeito desta alcunha enviou-nos Mario Melo, do Instituto Pernambucano, a seguinte retificação, que reproduzimos na integra: "O termo é pernambucano e surgiu em 1911. Quando estava no auge a propaganda da candidatura Dantas Barreto ao governo do Estado, foram ouvidas no interior do quartel de policia vozes que soavam como vivas a Dantas Barreto. Houve fóra grande aglomeração de partidarios deste, que julgaram uma adhesão da policia á sua causa. No dia seguinte o Comandante explicou que apenas os soldados festejavam o anniversario de um hipotetico cabo Marretta e as vozes que foram ouvidas fóra do quartel eram vivas á mãe de Marreta. Logo começaram a denominar marrettas, depreciativamente, os partidarios da situação dominante contra a qual se levantaram os dantistas. Como a queda da olygarchia cearense foi consequencia do movimento de Pernambuco o termo estendeu-se até o Ceará, applicando-se aos aciolistas". Ainda mais lemos num artigo de Pandiá Calogeras publicado no "O Jornal" de 17 de Março de 1928, o nome de marretta como sendo alcunha depreciativa dada pelos brasileiros aos portugueses nos tempos da Independência. Eis o trecho: "Dahi os appellidos pitorescos com que denominam estes ultimos: *galegos, marrettas, pés de chumbo*, dirá o brasileiro, filho de portugueses, dos patricios de seus paes".

Marroeiro: individuo pratico em domar touros. Registado por A. Taunay e empregado bastas vezes por Gustavo Barroso ("Terra de Sol") e Catullo Cearense.

*"Distante soam gritos de aboiador.
Canta o fogo-pagou
E, vestidos de couro, acultam marruciros,
bronzcos, firmes na sella, os herocs altanciros,
— Ecô, marruá! Ecô...*

(Eurico de Goes. "A Troia Negra". Episódio do poema "Os Sertanistas" — "Na "Feira Literaria" de Março, 1928).

Marrões: alcunha dos conservadores na vila de Chique-Chique e sertões do S. Francisco. No tempo da monarquia, de 1860 em diante, lutas politicas acirradas entre eles e os liberais, alcunhados *Pedras*, e ainda os famigerados *Lundões*, tornavam então famosos tais grupos sertanejos. Em 1822 o Dr. João dos Reis de Souza Dantas, Presidente da Provincia da Bahia, em seu Relatório (Pag. 8) escrevia: "O que, porem, desde já não padere duvida é que a segurança de vida e de propriedade correu grave risco n'aquellas regiões, — o que parece repetição das antigas lutas entre *Marrões* e *Pedras*, que ha mais de 20 annos flagellaram as margens do S. Francisco".

Marumbis: lagoas cheias de tabúas, segundo Horacio William em seus "Estudos Geologicos na Chapada Diamantina" — Bahia — 1930. Talvez alteração de *marimbú*. (Vide este termo).

Mascates: nome que figura na História do Brasil desde 1710 quando houve em Pernambuco a *guerra dos Mascates* entre brasileiros e portugueses. Estes eram por menosprezo denominados *mascates* pelos brasileiros que em maioria moravam em Olinda, ao passo que os portugueses predominavam em Recife. Os lusos eram, em geral, negociantes, ambulantes ou não, de humilde nascimento e que tinham vindo do reino pobres, entiquecendo-se pelo trabalho. Daí o apelido pejorativo de *mascates*, que englobava todos os moradores de Recife.

Massapé: solo residuario formado pela decomposição dos calcareos cretaceos, constituindo uma argila compacta, anegrada e de extrema fertilidade. Rodolpho Garcia muito bem resalta a diferença de pronuncia entre es Estados do norte e os do sul: nestes se diz *massapé*, naqueles *massapê*. Amadeu Amaral, registando-o em S. Paulo, escreve que é uma argila resultante da decomposição de rochas graniticas, muito boa para a cultura do café. Na Bahia, é admiravel para a cultura de cara, encontrando-se principalmente nas terras do Municipio de Santo Amaro e vizinhos. Rica em humus, a terra do massapé é demasiado gorda, pegajosa, muito aderente aos pés, amassando-se, donde o nome que lhe apuseram. Antonil já se referia em sua "Cultura e Opulencia do Brasil" à fertilidade dos *massapés* "terras negras, e fortes, são as mais excellentes para a planta da canna" (Cap. I do Livro 2.º). Finalmente vale registrar que as dificuldades que tal terreno apresenta à locação das es-

tradas de ferro fizeram surgir o cognome — “os desmoralizadores da engenharia brasileira”.

Massiço: antes *maciço* (forma preferível), registado no vocabulário de Rodolpho Garcia, de cuja opinião discordamos. *Maciço* é palavra da nomenclatura geral geográfica, encontrando-se em quasi todos os compendios e dicionários portuguezes com o mesmo sentido. Na “Iniciação Geographica” de Domingos de Figueiredo, publicada em 1924, para citar apenas um autor luso, encontra-se, à pag. 24: “As montanhas que se encontram dispostas com irregularidades, próximas umas das outras e formando compactas massas de elevações recebem a designação de *maciços*”.

Mata: é dição lusa empregada no Brasil no mesmo sentido que em Portugal. Entretanto, tem ainda a significação peculiar de uma das zonas geográficas, em que se dividem Pernambuco e os Estados vizinhos, entre a praia e o *agreste*, caracterizada pela fertilidade do solo, exuberancia e grande porte da vegetação: é por excellencia a zona açucareira. E’ o que diz Rodolpho Garcia, o qual acrescenta que, em Minas Gerais, é a região cafeeira, confinante com os Estados de Espirito Santo e Rio de Janeiro. No Brasil, é frequente em livros e na linguagem fada ouvir-se a expressão — *mata virgem*, a respeito da qual escreveu Luetzelburg nas ultimas paginas do 2.º vol. do seu valiosissimo trabalho, tantas vezes citado, trechos de alta relevancia. Dele são os seguintes: “A matta virgem é a vegetação que se formou sobre o solo alluvial, relativamente recente, trazido pelos rios ou pelas chuvas vindas das proximas montanhas”. “Os componentes das mattas virgens pertencem a diversas familias e sempre se apresentam com forte mistura. Nunca se deparam grupos das mesmas especies em conjunto. A mistura é de tal maneira embaralhada, que no mesmo trecho se encontram representantes de diversas familias”. A *mata-virgem* abrange uma enorme área do nosso Brasil: ao longo do litoral, ela se prolonga por cerca de 3.500 quilômetros, daí introduzindo-se para o oeste ao longo dos vales e das beiras dos rios. Constitue a *mata-virgem* brasileira uma das mais exuberantes manifestações da vida vegetal do Planeta.

Mata-burro: registado por A. Taunay com o sentido de ponte de traves espaçadas para impedir a passagem de animais. O illustre Padre Camillo Torrend S. J., eminente Professor, em communicação que fez ao “Instituto Geografico e Histórico da Bahia”, de uma “Excursão a Goiaz”, publicada na sua “Revista”, n.º 52 — 1926, pag. 272, disse a respeito: “Para impedir que os tropeiros se utilizem da mesma passagem, com enormes prejuizos da estrada, em certas distancias, collocam-se *mata-burros*, isto é, uma especie de trilho de madeira que permita aos auto-

moveis transpor um corrego ou uma simples excavação artificial feita no chão, de maneira porém que a passagem seja inacessível aos quadrúpedes. Na Estrada que vai de Bomfim a Goiás, entre Anápolis e Pirenópolis, existe um *mata-burro*, que é talvez o *record* das pontes desse genero. Tem cerca de 60 metros, atravessando o Capivary e suas margens pantanosas". O Prof. Alcide Jubé assim define mata-burro: "ponte especial feita nas estradas que atravessam pastos cercados por valados. Sua construção pode ser de pequenas traves de madeira com intervalos; ou então de duas bicas de madeira em linhas paralelas e equidistantes, com bitola para um automovel. O seu fim é deixar passar o veiculo e vedar a passagem a qualquer animal que estiver no pasto. O seu aparecimento remonta à entrada do automovel em Goiás (Carta de 26 de Outubro 1919). Rodolpho Garcia diz significar largo e profundo dreno sêco, escavado na base dos *córtes*, para evitar a entrada de animais nos mesmos.

Matacão: termo geral, que Rodolpho Garcia assim conceitua: "Grande bloco de rocha massiça como seja o granito, gneiss e outras. Ha tempos se levantou a hypothese de que esses blocos haviam sido espalhados pelo Brasil pelos geleiros durante a epoca glacial — um periodo frio que se sabe ter existido nas regiões mais proximas dos polos. Entretanto estudos posteriores, devidos especialmente ao sabio Branner, mostraram que elles se originaram, proximo, ou no proprio sitio onde ora se encontram, pelos processos de esfoliação e decomposição". Explicam sufficientemente o fenomeno os professores Ruy de Lima e Waldemiro Potsch à pag. 219 da 2.^a edição de seus "Elementos de Mineralogia e Geologia": "O aquecimento da rocha durante as horas de maxima insolação e o resfriamento brusco posterior pelo aguaceiro causa um fendilhamento da parte superficial, fendilhamento esse que se vae pouco a pouco aprofundando até desintegrar completamente a massa rochosa, transformando-a em blocos arredondados e esfoliados ou *matacões*". Os *matacões* são analogos aos *boulders* (enormes pedras soltas), blocos de decomposição. São exemplares notaveis de *matacões* os que occorrem nas ilhas d'Agua e de Paquetá na baía do Rio de Janeiro, na entrada do Porto de Vitória, no Espirito Santo, e em muitas regiões do país".

Mata-cachorro: alcunha que os sertanejos dão aos soldados das policias estaduais (Vide *macaco*).

Mataria: termo geral, empregado no sentido de grande extensão de mata, às vezes de conjunto de plantas agrestes.

Mata-virgem: vide *mata*.

Mateiro: termo geral que designa o explorador de matas, norteando-se por elas sem bussola, quasi por instinto. Na Amazônia, porém, este vocabulo tem uma accepção toda peculiar.

De feito, nos *seringais* amazonenses, o pessoal que os trabalha se compõe das seguintes criaturas — o *patrão*, que é o dono, e os seus subalternos e empregados. Estes são: o gerente, os caixeiros, os *homens do campo*, os *cambociros*, os *matteiros*, os *seringueiros*, os *aviados*. Os *matteiros* são os indivíduos, que, conhecendo a mata perfeitamente, em todos os seus segredos e acidentés, têm por officio a abertura das *estradas de seringa* e a fiscalização das mesmas. Vem de molde transcrever aqui a pagina de Mario Guedes, n.º "Os Seringaes" referente a esse tipo da Amazônia no exercicio da sua função de abridor de veredas: "A abertura de uma estrada effectua-se do seguinte modo: seguem para a mata o *matteiro* e o *seringueiro*, que então se chama *toqueiro*. O *matteiro* penetra na mata. Desde que descrebre uma *seringueira*, bate a *sapopema* (raizes que se desenvolvem com o tronco da arvore formando divisoes em redor delle: batendo-se nellas produz-se um som que echôa fortemente na mata, reboando, de maneira que o ruido alcança grandes distancias), ou por outra avisa de viva voz ao *toqueiro*, que fica á espera do signal, enquanto o outro descobre a *seringueira*, de braços cruzados, sentado ao tronco ou ao *tôco* de alguma arvore. Dahi o nome de *toqueiro*. Dado o signal, o *matteiro* do lado, onde se acha, e o *toqueiro* do seu, começam a abrir a *estrada*, até se encontrarem os dois. E, assim, continuam até perfazer o numero determinado de *madeiras* (*seringueiras*) a uma *estrada*, o qual orça, mais ou menos, por cem a cento e cincoenta". Quando entre uma *seringueira* e a outra, na *estrada*, a distancia é tal que não deixa ouvir o echo da *sapopema*, usa o *matteiro* de um tiro de rifle para que o ouça o *toqueiro*. Aberta a *estrada*, ao *matteiro* ainda incumbe levar os *novos seringueiros* aos *centros* e depris fiscalizar o trabalho, isto é, verificar como o *seringueiro* golpeia as arvores, se estraga as *madeiras*, se usa certos processos prohibidos para obter mais leite, como sejam: tirar *choboque* (pedaço da casca da arvore), roubar um *golpe* (que é um talho a mais na arreação), fazer *tatiú* (cortar a *seringueira* na raiz), praticar o *arrôcho* (amarrar a *seringueira*, eintando-a, para que del a escorra mais latex), etc., etc. Todas estas noções colhemos no livro citado de Mario Guedes. No interior da Bahia, chama-se *matteiro* ao morador da zona da mata, oposto ao *catingueiro*, que é o habitante das *catungas*. Vemo-lo ainda empregado no sentido de *caipira*, *tabaréu*.

Mata: na linguagem comum emprega-se esta palavra para designar o campo em contraposição á cidade, sinónimo de *roça* (Vide esta palavra).

Mato bromado ou brumado: o mesmo que *brumado*.

Mato-grosso: termo com que, não raras vezes, se designam as matas. Em Goiaz, diz Rodolpho Garcia, assim se chama a uma

imensa faixa florestal, que corre entre Pirenópolis e a cidade de Goiaz, de cerca de 100 kilometros de largura por 400 de comprimento, constituindo uma grande parte da bacia de Araguaia. "Na Informação Goyana" de Janeiro de 1927, encontramos o seguinte trecho de referencia ao *mato-grosso* de Goiaz: "Ao pé do Planalto Central, de Anapolis a Curalinho e de Jaraguá até Campinhos, existe com o nome de *Mato-grosso de Goiaz* uma marcha de terra rôxa, superior a 30.000 kilometros quadrados e melhor que a de Ribeirão Preto (S. Paulo). Nesta zona o café produz três ou quatro vezes com abundancia". (De uma entrevista do Eng.º Luiz Schnoor). Henrique Silva calculava a área desta região em 100.000 quilômetros quadrados e a ela se refere Saint-Hilaire em sua "Viagem pela Província de Goiaz".

Matombo: termo regional, usado no norte, para designar sulco na terra ou elevação de terra entre sulcos. Registado por Teschauer que o abona com uma cita de M. Benício, a pag. 71 do seu livro "O rei dos jagunços": "Nos terrenos arenosos, viam-se milhares de *matombos*, gretando o talo tenro das mandiocas e outras com estacas de diversos tamanhos". E acrescenta o grande vocabularista, que *matombo* também é *cora*, em que se planta de estaca e mandioca; dito também *matumbo*.

Matupá: é, na Amazônia, o nome vulgar do capim aquático que vinga à beira dos lagos e rios, e por extensão, grandes touças de capim desenraizado das margens que, flutuando, deslisam na veia da agua, por ocasião das enchentes. V. Chermont que o regista acrescenta que o *matupá* é composto, em geral, de canaranas e orelha de veado. É o mesmo que *piriantan* ou *periantan*. Peregrino Junior, no "Vocabulário" anexo às suas "Historias da Amazonia", escreveu sobre esta palavra o seguinte: "Barranco, *periyentã*, capim em touças desenraizado das margens que flutua á mercê das correntezas dos rios. Iha flutuante de canaranas, mururés, paus secos, cheia de flor e de lama, em cujos garranchos verdes viajam os passaros de canto sonoro, as aves de plumagem colorida, as serpentes de veneno traiçoeiro, e que desce nas enchentes ao sabor das correntes, nos rios e igarapés da Amazonia". Por seu turno Araujo Lima à pag. 117 de sua "Amazonia" diz: "especie de terreno ficticio tecido pelas camadas de capim superpostas, em cujas malhas fica retido o sedimento".

Maturrango: registado pelos vocabularistas gaúchos com o sentido de mau cavaleiro. É palavra de origem platina, segundo informa Pablo Cabrera na "Revista de la Universidad Nacional de Cordoba" (Mayo-Junio de 1927 — Pag. 75). Teschauer que a regista, cita em abono o seguinte trecho de A. Varela: "A partida de *maturrangos* ainda sobrevivente, composta quasi toda de portugueses, desertores do corpo de dragões, teve parecida sorte". No Rio Grande do Sul, *maturrango* é sinônimo de *baiano*.

Ocorre também *maturrengo*, registado por Luiz Carlos de Moraes, que escreveu: "o que monta mal; o que não entende do serviço de campo em lida com o gado ou cavalos". Daí *maturangada* ou *maturrengada*.

Matuto: *taburén, caipira*. De matuto derivam *matutece* — maneiras ou atos próprios de matutos, *matutada* — grupo de matutos.

Mazombo: termo um tanto desusado que, em certos pontos do nosso país, designava o individuo nascido no Brasil, de pais estrangeiros, especialmente de portugueses. Era sobretudo corrente em Pernambuco. Beaurepaire-Roban acreditava na sua origem africana: Baptista Caetano inclinava-se pela etimologia tupi. "Além desses traços que tão bem as caracterizam, as primitivas entradas de caça ao indio que irradiaram em todas as direções do país, tinham sem duvida desde o seu inicio um cunho francamente guerreiro, sob a ferrea disciplina dos capitães commandando os filhos de quatorze annos arriba, *manaluços* ou *mazombos*, ou soldados reinões, armados de espingarda, espadas e espadolas, e escravos indios de arco e flecha (Paulo Prado. "Paulistica". Pag. 54 e 55). Finalmente são de Warnhagen as seguintes palavras: "Os descendentes dos primeiros colonizadores começaram a designar com a expressão africana de *mazombo* aos filhos dos chegados da Europa, reservando o termo português *crioulo* para os filhos dos africanos no Brasil".

Mazorca: registado como brasileirismo por C. Teschauer, A. Tau-nay e Candido de Figueiredo (4.^a ed.), com o significado de desorde-m, tumulto, perturbação da ordem. O vocabulo veio do Prata com este sentido. Vide o que a respeito de sua origem escreveu P. A. Pinto na "Revista de Filologia Portuguesa, Num. 11, pags. 95 e 96. De mazorca se formou *mazorqueiro*, autor da *mazorca*, anarquista, sedicioso.

Medição: no sudoeste baiano a palavra medição designa o ato de mandar-se medir um trecho de terras devolutas, pertencentes ao Estado. Por extensão o vocabulo designa as proprias terras demarcadas. Frequente o dizer: "Eu tenho uma *medição* no Gongogi (afluente do Contas, na Bahia).

Meganha: alcunha de soldado de policia, de uso no Rio de Janeiro. Num artigo do General Lobo Vianna publicado no "O Jornal" de 12 de Fevereiro de 1928, lemos os seguintes periodos: "E se porventura agentes policiaes procuravam intervir, pondo termo ás *brincadeiras*, então o rôlo estourava. E os *meganhas* em geral saíam de peor partido. Apanhavam".

Meia-cara: nome que se dava ao escravo africano importado por contrabando, não custando senão a despesa do transporte. Era o negro que vinha, por dize-lo, de graça, de *meia-cara*. Regis-tou-o Pereira da Costa, em seu "Vocabulario Pernambucano".

Meia-praça: registado por Afranio Peixoto que o define — mineiro que recebe mantimentos de outrem e trabalha para si e seu fornecedor. Empregou-o na "Bugrinha". *Meia-praça*, escreveu-nos Alberto Rabello, é o garimpeiro que trabalha com as provisões fornecidas por outrem, e que fica obrigado a dividir a importância do apurado na mineração. Empregou-o à pag. 27 dos "Contos do Norte": "E se era para gastar em um dia, para cobrir de seda o corpo das mulheres que vinham do S. Francisco acompanhando osromeiros na faseinação de sua opulencia, melhor seria ficar parado, fiseando aqui e acolá, ou enganando os patrões numa *meia-praça* sem fim".

Meio do mundo: expressão do norte do Brasil, corrente entre os sertanejos, para designar lugar deserto, ermo e longinquo. "Com geito, soube depois que fugira de casa na vespera, para evitar os máus tratos da madrasta, e estava perdida neste *meio do mundo*" (Gastão Cruis. "Ao Umbalo da Rêde". Pag. 19).

Meio-Norte: denominação proposta pelo illustre cientista maranhense Raymundo Lopes e já usada pela gente do Extremo-Norte, para designar, em geral, as regiões septentrionais aquém da Amazônia. Raymundo Lopes faz sentir que "annexos o Maranhão e a Piauí no Nordeste, como se tem feito nos melhores compendios (Saïd-Ali, Savio, Delgado Carvalho) e ainda em manuais como os de Réclus e Pierre Denis, além de antididactico reunindo sete Estados num só grupo), é anti-cientifico. Os territorios: desses dois Estados tem mais afinidades com os contraes (Goiaz, Mato Grosso), sendo que o territorio maranhense tem, pela posição litoranea, maior e mais complexa faixa transicional" ("Boletim do Museu Nacional" Vol. VII — N.º 3, pag. 185).

Mela: encontramos-lo registado no "Lexico de Lacunas" de A. Taunay, designando, no Maranhão, os oasis dos campos talados pelas sécas.

Melado: em Mato Grosso, segundo o Visconde de Taunay ("Innocencia"), designa o homem louro. Registou-o A. Taunay.

Melador: termo usado nos gerais do nordeste para designar o tirador de mel nas matas. "O *melador*, quando sai a *melar*, no dizer local, extrái o mel derrubando a arvore; por esse processo pode-se imaginar que gráu de incapacidade possui o sertanejo. Não se pense que o mel faça parte da alimentação como coisa superflua; ao contrario, nos *gerais*, e em grande zona de Goiaz o mel, com um pouco de farinha e alguns côcos, constitue a refeição ordinaria; fóra disto é a excepção" (A. Neiva e B. Penna — "Viagem científica pelo Norte da Bahia, etc.", "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz — Ano 1916 — Tomo VIII — Fasciculo III — Pag. 116). Refere-o também, na Amazônia, Gastão Cruis, que lhe dá a seguinte definição: individuo que sabe achar as abelheiras e extrahir o seu mel (Elucidario annexo á "A Ama-

zona que eu vi", pag. 333). No Vol. XIII da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", à pag. 321, lemos em nota a seguinte observação: "Chamam os sertanejos melar o ir ao mato colher mel (O R)".

Melancia: alcunha que, no Rio Grande do Sul, era aplicada, durante a revolta de 1923, aos indivíduos que exteriormente se diziam governistas, sendo, entretanto, no íntimo, revoltosos. Alusão flagrante ao fruto da conhecidíssima cucurbitácea verde ou verde amarelo por fóra e vermelho por dentro. Informação do Dr. Lyceio Schreiner.

Mêlê: sinônimo de *fundo* (vide este termo), *terra*, usado na zona diamantina de Goiás. Vio-lo empregado por Christiano Machado em seu artigo "As golcondas do Brasil", publicado na "Informação Govana" de Dezembro de 1928.

Mendubis: termo das Lavras Diamantinas da Bahia, de que usam os *garimpeiros*, para nomear os conglomerados que se acumulam em grandes depósitos na zona diamantífera, resultante da erosão do itaculunite pelas águas dos mares antiquíssimos que banhavam a sobredita região. É esta a hipótese do Padre Camillo Torrend, que os viu em grande quantidade numa das margens do rio Piabas, entre Mucambo e Mucugê, e num outeiro a cerca de uma legua de Ventura, no caminho que vai para Mundo Novo (Bahia). (Pela Terra Diamantina. 1925-1926). O Eng. Macambyra Monte-Flores explica a origem da palavra dizendo que, efetivamente, os seixos de quartzo, quartzito, arenito e jaspes, empastados no cimento quartzítico, assemelham-se aos frutos da leguminosa chamada amendoim, que o povo chama mendubi ou mendobini. Também se diz na região das Lavras — *pedra de mendubi*.

Méringue: registado por Taunay e Nelson de Senna, alcunha dos franceses em Minas Gerais.

Mesa: segundo Gastão Cruz, o mesmo que *comédia*. *Mesa de loutra:* local em que esses animais se reúnem para fazer os repastos e onde quasi sempre se encontram muitas escamas e espinhas de peixe (Elucidario annexo à "A Amazonia que eu vi", pag. 333).

Michanga: *matuto, tabaréu, caipira*. Termo usado no linguajar dos pescadores da costa norte do Rio Grande do Sul, registado por Dante de Laytano em excelente memoria apresentada ao "Segundo Congresso de Historia e Geographia Sul Rio-Grandense" (Annaes, Vol. III, Pag. 256). A palavra, diz o autor, é tupi guaraní: *michi*, o mesmo que *mirim, minimi* — pouco, pequeno. *Michanga*, como *matuto*, traz a ideia de pouco, pequeno, ruim, insignificante, ordinario.

Miguelista: nome que também se dava ao partido conservador ou *gubirni* em Pernambuco, contrario ao liberal ou *praieiro* (1843). Era ainda chamado *baronista* por causa do Barão, depois Conde da Boa Vista, que exercera na provincia o cargo de Presidente.

Milico: regionalismo gaúcho, designativo de soldado policial, miliciano. Registado por Callage e Romaguera. Vimo-lo empregado por Alcides Maya, à pag. 117 da "Alma Barbara", no seguinte passo: "Nós, amigo Luna, vamos dar uma boa lição ao Padilha e um exemplo nos milicos".

Mimoso: denominação dos famosos campos de criação de gado vacum no Piauí, caracterizados por uma graminça denominada *mimoso*. A respeito deles escreveu Luetzelburg: "Entre os agrestes ao norte do Estado do Piauí e a catinga do sul se introduz á meia altura do Estado o estreito cinto quasi exclusivamente de *mimoso*. Este cinto mimoso é o limite phitogeographico, natural e exacto entre a *catinga* e os *agrestes*. Separa a região secca dos serrotes de arenito ao sul do Piauí da zona septentrional, rica de carnaúbaes, como tambem as zonas ricas de maniçobaes, districtos mais pobres. A zona do mimoso é pobre em arvores altas, imperando allí, mais ou menos com 90% da vegetação, as leguminosas; os 10% restantes cabem ás euforbiaceas, cactaceas e carnaúbas". Pereira da Costa define: "denominação das regiões sertanejas caracterizadas por sua situação em terrenos baixos e planos, de clima secco e quente, mas temperado e sobremaneira agradável no começo do verão e durante a estação hibernica e abundantemente produzindo o algodão, de optima qualidade, canna de assucar aproveitada na fabricação da aguardente e rapadura, cereais e legumes".

Mina: além dos sentidos comuns, é esta palavra empregada no sul do Brasil (Paraná e Mato Grosso) para designar as "concentrações espontaneas da erva mate no recesso das matas virgens", segundo refere o Inspector Agricola Federal Antonio de Arruda Camara, em artigo publicado no "Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio" de Maio de 1928. Do mesmo autor são as seguintes palavras referentes ao descobrimento dos hervaes nativos e desconhecidos em meio da sertania virgen: "Distingue-se nessas expedições o caboclo que revive as façanhas dos seus antepassados indios. Embora inconstante e nomade é um trabalhador de difficil substituição porque ninguem como elle resistiria á vida rude e penosa, ás fadigas e privações inevitaveis na difficil e longa jornada através da floresta... até que a altaneira fronde da araucaria prenuncie a proxima e almojada descoberta. Aos dois ou aos tres, armados com o necessario para a caça e abertura de picadas, providos de mate e escassa reserva de alimentos, exploram a matta em todos os sentidos durante o dia e á noite, vencidos pelo cansaço, repousam tranquillos... Assim, desprendidos e corajosos, embrenham-se cada

vez mais até que os bons fados os levem ao termino almejado. E' o premio reservado pela virgem Caa-Jari — protectora dos herveas — aos seus sobrios, fortes e destemidos *descobridores*".

Minadouro: *olho d'agua*, fonte natural, quasi sempre nascente de um ribeirão ou correjo ou fundo de uma grotta. Diz-se também *minador*. "Com que dor vi o Poço Azul, tão cheio de *minadores* e *mattagacs*, outr'ora, e hoje, descampado e esteril, com as barreiras rubras em forma de amphitatro!" (O. Brandão — Canaes e Lagôas. Pag. 176).

Mineiro: além dos sentidos comuns que tem este vocabulo, assim se designa no Alto Paraná e em Mato Grosso, o descobridor dos hervaes nativos inexplorados ou virgens, *em ser*, como dizem nessas sertanias. Referido por Arruda Camara no seu artigo sobre a erva mate, publicado no "Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, numero de Maio de 1928. Francisco Leite Alves Costa, em seu valioso trabalho sobre o Mate ("Exploração, Industria e Importação"), diz que *mineiro* se chama ao operario que extrae a erva-mate, o qual colhe, em media, 12 arreas por dia (Pag. 10). E' o trabalhador que faz a colheita do mate ou a poda da erva-mate, ou ainda que faz erva, ou seja o que corta os ramos que tem muitas folhas e os empilha em lugar limpo para a primeira fase do seu beneficiamento (Pag. 7). Romario Martins, no seu livro citado, diz: "o descobridor, o trabalhador em herva, considerada *mina* a concentração de Herva-Mate".

Minhocal: termo mato-grossense, assim definido pelo Major Amílcar Botelho de Magalhães nas suas "Impressões da Comissão Rondon", pag. 130: "Os *minhocacs* são terrenos que, durante a secca, adquirem a dureza e a consistencia das terras argilosas, mas que logo após molhados pelas primeiras chuvas, na época das aguas, como que se desmancham, formando atoleiros perigosos. Neste estado é impossivel transpor-os qualquer viatura, cavalleiro ou pedestre". "Observe-se, de passagem, que nem sempre é facil o andar nos campos. Não raro o seu terreno se accidenta de *minhocacs* e *brocotós*, que obrigam o viandante a verdadeira *gymastica* de pernas (Gastão Cruis "Entrevista concedida à "Folha do Norte" em 21-1-1929). E à pag. 238 de sua "A Amazonia que eu vi", o mesmo Gastão Cruis escreve: "Outro obice á marcha nos campos são os chamados *minhocacs*, zonas talvez alagadas no inverno, em que o terreno se encosora erigido de pequenos torres de argilla arroxeadas e extremamente dura. Por elles bastante frequentes por aqui, é preciso andar aos saltos, escolhendo caminho sobre os cocorutos".

Minuano: nome de um vento frio e sêco, vindo do sudoeste, e que sopra violentamente no inverno. E' oriundo dos Andes, e, por passar na região primitivamente habitada pelos amerindios Mi-

nuanos tomou esta designação. Segundo alguns o nome provém da sua fereza, semelhante à dos Minuanos, destemidos selvícolas. Segundo Callage, "esse vento é quasi sempre signal de bom tempo, pois só costuma soprar depois de muitas chuvas e temporaes nos mezes de julho e agosto. Recebido de frente, nas coxilhas e escampados, o *minuano* é navalhante, cruelmente frio. O gaúcho recebe-o, porém, com satisfação, adivinhando nele duros dias de inverno, mas de tempo firme e secco. O *minuano* é hoje um symbolo do Rio Grande, um admiravel preparador de resistencias". Entretanto, temos uma informação do Prof. Alberto Rodrigues, de Pelotas, de que o *minuano* já é hoje raro, tão mudado está o clima do Rio Grande do Sul. Procedente dos Andes, as suas primeiras rajadas, segundo o mesmo informante, sopram em Maio, ao entrar do inverno. "Entre um e outro havia, entretanto, uma differença desse tamanho, na resistencia physica, na maneira como era recebido o saudavel minuano das quebradas, alma errante das velhas energias da raça que por ali anda assoprando destemor ao homem, encorajando-o e fortalecendo-o para a luta" (Roque Callage "Quêro-Quêro", pag. 113).

Minuano sujo: além do vento minuano propriamente dito, ha o que designam por este nome, que é aquele que traz consigo uma impertinente chuva fina e miúda, contra a qual, diz o Pe. Geraldo Pauwells, nesse informante, meia duzia de guarda-chuvas não protegem. Lemos também uma referencia ao *minuano sujo* num artigo sob o titulo "O malto protector dos animaes", publicado na edição do "Correio do Povo" de Porto Alegre de 26 de Janeiro de 1928: "Este é o quadro que se apresenta na campanha nos dias em que o *minuano sujo* fustiga, com a sua chuva glacial, semelhante á sarivada fina, os animaes que não podem fazer outra coisa senão aguental-a, inermes e estoicos em sua paciencia. Um pouco melhor torna-se a situação para o gado, quando o *minuano claro* varre os campos, apesar de o gado nesses dias, ainda assim soffrer muito com o frio secco". Vê-se nesta citação que o gaúcho distingue o *minuano sujo* e o *minuano claro*, sendo que este parece ser o proprio minuano, vento frio e secco, como o caracterizam todos os vocabularistas do Rio Grande.

Miracan-uêra: também *miracangoêra* (necropole ou cemiterio), palavra indigena que designa grandes accumulações de urnas funerarias, contendo ou não ossadas humanas e vasilhames ou outros utensilios da primitiva industria dos caboclos e que se encontraram nas ilhas da foz do Amazonas e outros pontos do Pará, vezes soterradas, vezes constituindo eminencias e colinas artificiais. Chamaram-lhes os primeiros estudiosos da nossa paleo-etnologia *aterros sepulcrais* ou simplesmente *aterros*: o saocio arqueologo brasileiro Ferreira Penna denominou-os *ceramios*. *Miracan-uêra* significa literalmente ossada de gente antiga.

Mirim: vocabulo tupi, que significa pequeno, breve, miúdo, vezes alterado em *mirim*, *mirimim*, *miri*. Muito frequentemente entra na composição de nomes proprios de lugares, lagoas, rios e cidades.

Mirinzal: mato composto especialmente da planta chamada mirim, segundo o registo de Beaurepaire-Rohan. Teschauer regista-o como matagal (terreno coberto de plantas bravas), composto especialmente da planta chamada *mirim*.

Miritizal: o mesmo que *buritizal*: terreno onde crescem as palmeiras miritis (*Mauritia flexuosa*. Mart.). Citado por P. C. Hochne do Instituto Biologico de S. Paulo.

Missioneiro: registado por Moreira Pinto, Jayme de Seguiet e Candido de Figueiredo, designativo de indigena ou habitante das regiões onde se estabeleceram as sete reduções, à margem esquerda do Uruguai. E' termo frequente no Rio Grande do Sul. Usado também como adjetivo que qualifica tudo o que é relativo às Missões, como por exemplo — *região missioneira*, que é o territorio chamado das Sete Missões (S. Angelo, S. João Baptista, S. Nicoláu, S. Luiz de Gonzaga, S. Miguel, S. Lourenço, S. Francisco de Borja), todas fundadas pelos jesuitas espanhóis.

Misters: alcunha galhofeira dada aos ingleses em algumas partes do Brasil: o mesmo que *godemes*.

Moamba: termo registado por Beaurepaire-Rohan, que escreve *moamba*, designativo, no Ceará e em outras provincias do norte, de velhacaria, fraude, negocio illicito que consiste em comprar e vender objetos furtados. Na Bahia, é restritamente empregado no sentido de contrabando, usando-o frequentemente a imprensa diaria. No "Vocabulario Indigena em uso na Provincia do Ceará" de Paulino Nogueira, lemos o seguinte: "palavra que appareceu entre os retirantes no periodo da ultima sêcca, de 1877 a 1879, e generalisou-se extraordinariamente com a significação de velhacada, furto, esperteza — Ety.: Em Ives e Capello, "Viagens de Benguella á terra de Iáca", T. 1.º, pag. 11 e 69, encontra-se a estampa de uma especie de cesta comprida, usada n'Africa pelos naturaes para as suas viagens, como a nossa *maca*, chamada *Mu-humba*. Mas não é neste sentido innocente que se deve tomar o vocabulo do uso cearense. Sua etymologia vem do verbo *moang*, que faz no particípio *moã-hab* o que faz sombra, o que resguarda, o que apprehende. O mesmo verbo encontra-se com a significação apropriada na Rel. da Miss. do Padre Vieira, Cap. 13: Igreja de *moanga* — Igreja falsa, *morandubas dos Aburés*, patranhas dos Padres. *Morandubas* também vem do mesmo verbo *moang*, de que *moã-hab* é uma variação, corrompida facilmente em *moamba* como no texto. Em Martius, Pag. 65, *moanga* também significa fingimento". Segundo lemos no livro de Dias Ferreira — "A Marcha da Colunna Prestes", em nota, à pag. 204, o nome *moamba*, durante a campanha da mesma colunna revolucionaria, que percorreu quasi cinco mil leguas dos ser-

tões brasileiros, designava mochila e, genericamente, todos os objetos de uso de cada soldado.

Moambeiro: também registado por Beurepaire-Rohan, apelido de pessoa que faz negócios ilícitos comprando e vendendo objetos furtados. É acrescenta o venerando vocabularista: "Este nome era especialmente applicado áquelles que, durante a ultima secca do Ceará (1877-1880), tiravam proveito da sua posição para se locupletarem, desviando do seu destino os generos alimenticios e outros recursos, que o governo mandava ás victimas daquella calamidade". Ampliou-se depois o sentido do vocabulo. Encontramo-lo empregado à pag. 131 da "Casa de Maribondos" de Gustavo Barroso: "O Silvino Parede, criador na Ribeira do Canindé, era tido e havido por toda a gente como o maior moambeiro do mundo". Na Bahia, é sinónimo de contrabandista.

Mobica: africanismo que, no tempo da escravadao, era muito usado na Bahia, para nomear os individuos que obtinhau a sua alforria, que se tornavam libertos. Do quimbundo *mubika* escravo ou liberto, segundo Jaques Raimundo (Livro citado).

Mocamáus: antigo termo do norte, que designava os negros fugidos que viviam nas matas, refugiados em mocambos ou quilombos. Registado por Beurepaire-Rohan.

Mocambeiro: escravo fugido, sinónimo de *mocamáus*; por extensão era também o malfeitor que se refugiava em *mocambos*. No primeiro sentido empregou-o Euclydes da Cunha, à pag. 91 do "Os Setões" (2.^a Ed.). "Palmares, com seus trinta mil mocambeiros, distava afinal poucas leguas da costa".

Mocambo: também grafado *mucambo*, choça ou esconderijo em que, de primeiro, se abrigavam os negros que fugiam das fazendas e cidades, e, neste sentido, é o mesmo que *quilombo*. Bem ensinava o mestre João Ribeiro, à pag. 144 da "A Lingua Nacional", que *mucambos* eram "sociedades de mateiros e salteadores no Brasil, o mesmo que *quilombo*". Da Bahia ao Ceará, designa hoje uma *touceira* de mato em que se esconde o gado, donde *mocambeiro* para nomear o gado que costuma esconder-se:

*"Eu vou-me ás campinas por entre mocambos
Saltando os bananacs não torço a correr,
Assim campeando, meu gado visito,
Sorrindo aos perigos, sem nunca temer.*

(Juvenal Galeno "Lendas e Canções Populares". 2.^a Ed. Pag. 47). Em varios Estados do Norte ainda se denomina *mocambo* ou *mocambinho* a choça ou rancho, quer para habitação, quer para abrigo dos que cuidam das roças ou lavouras. "Ella ficara no seu *mocambo*, por traz da igrejinha, entre um roçado de milho e es mandacarus fortes, vendo, do alto, numa ampulheta de amargums, os amanheceres e os entardeceres que lhe assegura-

vam um dia de menos no mundo... (Mario Sette — "Sombras de Baraunas" — Pag. 80). A respeito dos *mocambos* do Nordeste são de utilíssima leitura as monografias de Gilberto Freyre "Sobrados e Mocambos" e "Mocambos do Nordeste", esta publicação do "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional". Dentro de Recife ou de Salvador os *mocambos* são como as *javelas* do Rio de Janeiro.

Mocororó: nome que, nas minas de Assuruá, na Bahia, dão a certas formações dos terrenos diamantinos, caracterizadas pelo limonite concrecionado. No Ceará, segundo informa Leonardo Motta, tem este nome uma bebida fermentada, feita de suco de cajú.

Moozal: termo do nordeste, especialmente do Ceará, que nomeia os lugares em que se apresentam altas paredes de rochas esburacadas, em cujas luras habitam os roedores chamados *mocós*, espécie de preá. Na "Terra de Sol", de Gustavo Barroso, lemos à pag. 40: "A herva brota até das fendas dos diques toscos de pegmatite, nas *coroadas* e nos *mocozacs* das serras".

Mofumbal: o mesmo que *mofumbo*, lugar escuso, esconderijo. "Os brasileiros occultaram-se no proprio leito do rio que estava secco, em consequencia da falta de chuvas. Nem todos, porém: muitos se esconderam nos *mofumbacs* das ribanceiras". (O Piauí no Centenario de sua Independencia. III vol. Pag. 173). (Vide adiante *mofumbo*).

Mofumbo: para Rodolpho Garcia é lugar escuso, esconderijo. Daí o verbo — *mofumbar* — muito usado no nordeste com a significação de occultar, como refere Catullo Ceurense nos "Poemas Bravios", pag. 238. O nome vem de uma planta trepadeira que, enrolilhando-se, forma verdadeiros esconderijos, onde se acoitam certos animais.

Moleques: ouvimos este designativo no curso de uma comunicação scientifica feita ao "Instituto Geographico e Historico da Bahia" pelo insigne naturalista Pe. Canillo Torrend, S. J. O termo é goiano e popular. A pedido nosso assim escreveu o ilustre mestre: "O nome de "moleque" é dado propriamente a um morro, o mais alto de todos, isolado, a cerca de uma légua dos Geraes, em S. Domingos, e por isso é chamado tambem "moleque de S. Domingos". "No caminho de S. Domingos para o Boqueirão de S. Vicente, por onde se faz a subida á serra dos Geraes, apparecem muitos morros analogos, porém, não já isolados, mais identificados com os Geraes pela base, ou pela segunda metade inferior. Por analogia o povo que percorre aqueles descampados lhes applica o nome que propriamente pertence ao de S. Domingos".

Moloca: termo ceurense, referido por Catullo e que designa um trecho de mata.

Monarca: segundo informa Callage é sinônimo de gaúcho na sua mais alta significação, pois *monarca* se refere exclusivamente ao que monta com garbo e elegância. E acrescenta Romaguera que, efetivamente, o *gaúcho monarca*, com seus trajes e armas característicos, montado em seu garboso *bagual* (cavalo recentemente domado), no alto de uma *coxilha*, se julga o dominador da natureza, compenetra-se do seu valor, julga-se o mais forte, o mais poderoso de seus semelhantes. Beaurepaire-Rohan traduz: homem de campo, vestido como tal e carregado de armas. Alcides Maya no seu bellissimo vol. "Alma Barbara" escreveu um conto sob o título — Monarchas —, entre pags. 23 e 39. (Ed. de 1922), onde traceja o "typo altaneiro de um antigo monarcha das coxilhas".

Monção: vide *bandeira*. Assim se chamavam no tempo das *bandeiras* e *entradas* as expedições que desciam o Tietê, partindo de Araryaguaba, hoje Porto Feliz, ruino dos sertões. "Era alli que se transportavam por terra sobre grossos rolos e puxades por numerosas juntas de bois as grandes e pesadas canoas que serviam para navegação e formavam, quando reunidas, o que se chamava uma *monção*". (Visconde de Taunay. "Visões do Sertão", pag. 41). "Estava prestes a partida. O guia era mestre, os pilotos praticos, os remadores e proeiros vigorosos. Na sua canoa, protegido por um toldo, e em cuja pôpa tremulava levemente a bandeira portugueza, já Rodrigo Cesar estava acomodado. Salvas de mosquetes, aclamações da multidão enchem os ares. Desamarra! gritaram. E, num impulso vigoroso de remos, ajudada pela correnteza do rio, a *monção* deslizou pelas aguas do Tietê". (Washington Luis "Contribuição para a Historia da Capitania de S. Paulo. Governo de Rodrigo Cesar Menezes"). "As *monções*, grandes agremiações setecentistas, que pelo Anhemby demandavam as minas cuyabanas, nunca passaram de viagens periodicas, de modo que não podem ser invocadas como typo de organização comunitaria, ou testemunha, ao menos, de um resto que della poderia ter ficado. Eram comboios, que demandavam as regiões auríferas; os quaes chegando ao seu destino se desmembravam, tomando cada qual escoteiramente o seu rumo para os afluviões, onde exerciam os seus labores" (Alfredo Ellis. "Raça de Gigantes". 1926. Pag. 288). E Affonso Taunay, em sua "Collectanea de Falhas" (Rio de Janeiro — 1926), escreve: "esquadilha de batelões que outr'ora navegavam nos rios de S. Paulo e Matto Grosso". Entretanto Barbosa de Sá escreve que se designava no seculo XVIII pelo nome de *monções* as expedições empreendidas annualmente por todos os bandeirantes de uma mesma villa ou localidade para as minas de ouro de Cuyabá e do Guaporé. João Vampré explica da seguinte forma a origem do nome em artigo publicado no "Jornal do Commercio" de 15-4-1934: "A arte nautica vulgarizou entre outras expressões a palavra *monção*, que era o tempo e correr do ven-

to mais proprio e oportuno para as navegações de longo curso. O termo generalizou-se entre os navegantes e mesmo entre os que jornadaavam em terra. Sabemos pela Historia do Brasil que os nossos bandeirantes partiam na monção, que vinha a ser a epocha mais propicia ás longas investidas pelo sertão. Parece mesmo que o vocabulo passou a designar a propria expedição já reunida e organizada no momento de partir; é o que se depreende das expressões usuais, *monções reunidas*, *monção particular*, etc".

Monção de povoado: designação que, em Mato Grosso, nos tempos coloniais, davam às *monções* paulistas, que faziam as heroicas navegações para o oeste brasileiro. De povoado — significa — da terra povoada que era a terra piratiningana. Encontramo-la num trabalho intitulado "Subsidios para o Historico da Mineração em Matto Grosso", publicado na "Revista do Instituto Historico" do mesmo Estado (Ano VII N.º XIV — 1925): "Ao longe, á beira do Cuiabá, as roças halizavam a região conquistada, a montante e a jusante do porto geral, onde as *monções de povoado* finalizavam a sua perigosa travessia, e no qual traziam tambem os roceiros ribeirinhos os productos de sua lavoura, que os intermediarios transportavam em carros até o centro do arraial". Vemo-la ainda frequentemente empregada na obra de Joseph Barbosa de Sá — "Relação das Povoações de Cuyabá e Matto Grosso de seus principios thê os presentes tempos" ("Anais da Bibliotheca Nacional Vol. XXIII). Neste trabalho deparam-se-nos as expressões *monção de povoado* e *monção para povoado*. Finalmente Severiano da Fonseca, à pag. 122 do 1.º Vol. de sua "Viagem ao redor do Brasil" escreve que *monção de povoado* era "o nome que se dava ás frotas que faziam o commercio com S. Paulo. Tiravam a denominação da quadra melhor para a navegação, quer pela estação do anno, quer pelo ajuntamento de maior numero de canoas para fazerem em mais segurança a viagem".

Monchão: assim se denomina, nas zonas d'amantíferas, o veio da terra firme, onde se encontram depositos de diamantes. No livro de Hermano da Silva, "Garinpos de Matto Grosso", pag. 143, lemos o seguinte periodo: "Tanto sejam as explorações nos veios de terra firme ou *monções*; nas encostas solapadas das barrancas dos rios, ou *grupicaras*; nos travessões e razos dos cursos d'agua — sempre é facil discriminar os contornos da posse temporaria". Não nos furtamos no prazer de para aqui transcrever a sugestiva descrição que o mesmo escritor faz da exploração diamantina no rio das Garças, constante de seu artigo no "Diario Popular", de 21 de Novembro de 1931". "O processo de extrahir o cascalho diamantifero obriga-os á pesadissima labuta braçal, que começa nas estafantes excavações, quer sejam no sólo enxuto, nas barrancas, nos razos ou nas pro-

fundidades dos rios, e termina na cançativa apuração por meio dos ralos e das bateias. Providos de enxadões, cavadeiras, alavancas e pás, lá estão elles nos "monchões", os veios em secco, removendo a primeira camada de terra e os *emburrados* como appellidam as grandes pedras que requerem enorme foyça a fim de ser alçadas das *casas* ou perfurações. Trata-se de elementos estéreis que são abandonados fóra dos fossos e cuja espessura varia conforme o lugar, chegando a conter para mais de dois metros. Surge em seguida o verdadeiro cascalho, indicado pela cor amarella-avermelhada, pelas granulações e pela gomma que contem. Retiram-no até apparecer a piçarra impermeavel, que por semelhante particularidade não permite a passagem dos diamantes, naturalmente compellidos ao fundo por sua propria densidade. Transportado para as *lavadeiras* em *carumbés*, especie de gamellas de pau, e em *sarrões* — saccos de couro, vae passar agora pelos ralos sacudidos á flor da agua, abandonando assim a gomma e as areias grossas. E após a separação das pedras maiores está prompto o residuo que irá para a *bateia*, bacia em figura de cone, feita de timbury, por ser madeira leve, e de 3 a 4 palmos de diametro. O encarregado da *bateia* imprime-lhe um movimento rythmado de rotação de cuja pratica depende não se perderem as pedras preciosas que desastadamente podem ganhar a tangente. Com esse movimento os diamantes, por causa do seu peso, depositam-se ao fundo, chamado *pião*, e assim tambem acontece ás suas fórmas. Ainda com a ajuda da agua, o garimpeiro com pericia aproveita os volteios da bateia a fim de resumir o cascalho em *esmeril*, areia fina, que finalmente passará pela *dercadeira* apuração, designada por *escripta*, pois a procura dos diamantes é então feita com os dedos á maneira de quem está escrevendo. Ha ainda o *repasse*, complemento e prova da ultima operação. Ahi ficam em linhas geraes todas as phases por que transcorrem as explorações do cobiçado minério no tocante ás pesquisas dos *monchões*".

Mondongo: registado por V. Chermont, como termo peculiar á ilha de Marajó, designativo de extenso balseado entremearo de *aninguis*, de solo afôfado e atolento, de vegetação pujante e cerrada, difficil de romper-se, coberto durante o inverno de quatro a oito palmos d'agua e que só seca e endurece nas ultimas semanas do verão. Os *mondongos*, diz Raja Gabaglia, livro citado, são campos baixos, atolentos, submersos durante o inverno. Rodolpho Garcia estende a sua área geografica a todo o Baixo Amazonas. Quando as baixas occupam grande extensão das campinas e são eicias de atoleiros, de ordinario occultos sob a espessura de plantas palustres, o povo as denomina *mondongos*; dá-se, porém, este nome a um extensissimo pantanal que, distando da costa norte 10 a 12 milhas, prolonga-se de oeste a este desde as cabeceiras do rio Cururú até mui

perto da costa oriental. Contém em seu seio atoleiros formidáveis, algumas lagoas pequenos, diversas ilhas e sobretudo infinitas plantas palustres, principalmente *Aringas* (*Caladium arborescens*) por entre as quaes se arrastam milhões de reptis que tornam perigosa a aproximação áquellas solidões" (Ferreira Penna).

Mondrongo: alcunha depreciativa dos portugueses em Minas Geraes, Bahia e outros Estados.

Monge: "assim se chamam no sertão sul-brasileiro áquelles individuos que, quer por fanatismo, quer por calculo, se segregam da sociedade, levando, pelo menos, na apparencia, vida mais austera, correspondendo mais ou menos aos *beatos* do nordeste"; é definição do notavel sabedor de cousas brasileiras P. Geraldo J. Pauwels S. J. A respeito merece especial leitura o seu trabalho "Contribuição para o estudo do fanatismo no sertão sul-brasileiro" publicado na "Revista de Philologia e de Historia", Tomo II, 1933, Fasc. II, entre pags. 186 e 211. Neste trabalho, o ilustrado mestre recorda principalmente o *monge* João Maria, que perambulou por muitos anos os sertões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e deu causa á tristemente celebre Campanha dos fanaticos de 1913 a 1915. "Não admira que o exemplo de João Maria fizesse proliferar naquelles sertões a curiosa casta dos *monges*" (Artigo cit. pag. 199). Apellidam-n'os ás vezes de *santos*.

Munjôlo: termo peculiar ao sul do Brasil, designativo de um primitivo aparelho movido por agua, destinado a pilar o milho e o primeiro que se applicou ao descascamento do café. Escrevem alguns *munjôlo* e Amadeu Amaral ensina que *munjôlo* é forma corrente entre a gente culta. Segundo o parecer de Visconde de Porto Seguro o "probo e paciente instrumento" é de origem chinesa, "emigrando para Portugal com es bronzes e os xarões, as sedas de Xangái e de Nanquim. Mas foi no Brasil que se acclimou, a porto de nem lhe encontrar guarida o nome nos grandes lexicos portuguezes de antanho" (A. Tamay). Alberto Rangel escreveu a respeito do *munjôlo* uma pagina admiravel sob o titulo — "A almanjarra de Brás Cubas", primeiro capitulo do seu "Quando o Brasil amanheca". Para Alberto Rangel, o "*munjôlo* representa o sul do país, do mesmo modo que a *bolandeira* o norte. Definindo por si só a habitabilidade da terra, elle é o emblema da banda da patria onde existem a agua permanente e o desnivel forte". Decompondo-o em suas diferentes partes, escreve o notavel poligrafo: "A baste *marruaz* oscilla na *tranqueta* ou *cavilha* da *virgem* ou *pusmado*. Ajuda-a na descambada do balanço o contrapeso do *macaco*. A agua preenche a cavidade do *cocho*, que a rejeita para o receptaculo nomeado *inferno*. A *mão*, firme no *malhetado* da *nunhêca*, tomba a estrondar, pulverizando o cereal

no bojo do *pilão*. Afim de se deter o *monjôlo* no movimento alternativo especam-no com a *estronca*. Ali está toda a nomenclatura e a manobra da alavanca do primeiro genero, que tem uma ducha por potencia, e dança em batecum de bumbo o seu passo de marcha cadenciada e soturna". Accrescentemos à nomenclatura acima o termo registado por A. Taunay: "á manobra alternativa, *gangorra*, de sua haste dá-se em alguns municipios do Oeste de S. Paulo o nome pittoresco de *coximpim*, dizendo-se por exemplo: *está meio em falso o coximpim deste monjôlo; é preciso accerta-lo*". Os escritores regionalistas frequentemente se referem ao "martellão de pau rombo, certoiro, indesregavel e sonoro". Exemplifiquemos: "Fôra as pancadas monotonas do monjôlo soavam entristecedoramente; e figuram-se-me as de um pendulo invertido, que marcasse um recuo mysterioso do tempo, batendo todos os segundos atrazados de um seculo desaparecido" (Euclides da Cunha, "Numa Volta do Passado" — Apud "Kosmos"). "Do lado de rio vinha o ruido secco, compassado, monotono e triste do monjollo" (João Licio — "Bom Viver" — Pag. 62). "O baque de um monjolo, precedido do *chuá* da agua do seu corho no *inferno* rimpou isochrono por trás de um bambua), rente ao acude, que parecia um pedaço de espelho perdido entre a verdura" (Amândo Caiuby — "Sapezas e Tiguéras" — Pag. 246). Vide a respeito do *monjôlo* o artigo de A. Taunay no "Jornal do Commercio" (Ed. de 6 10-933), sob o titulo: "Velhas Machinas".

Montueira: localismo das Lavras Diamantinas da Bahia, designativo de aglomeração de pedras soltas, que denunciam o trabalho de antigas *catas*, onde apenas se procurava o diamante. Encontramo-lo em varios passos dos "Coatos do Norte" de Alberto Rabello, dos quais transcrevemos os dois seguintes: "A terra prolongava-se até a margem sinuosa do rio S. José, coberta de *montueiras*, antigas *lavagens* abandonadas pelos primeiros exploradores, que lograram a ventura daquelle serviço *virgem e facil*" (Pag. 16). "Um anno depois, este menino enriqueceu, repassando umas *lavagens* nas *montueiras* velhas de Mucugê" (Pag. 52). Certamente alteração de *montueira*, palavra que, com o mesmo sentido, já tem sido ouvida por alguns observadores.

Morcego: alcunha de soldado de policia nos Estados do Norte. Registou-o Pereira da Costa.

Morgadista: nome dado em Pernambuco aos partidarios do Morgado do Cabo Francisco Pais Barreto, depois Marquês do Recife, no periodo revolucionario de 1824. Cita Pereira da Costa o seguinte trecho de A. J. de Mello: "Eis dous partidos na provincia: o *Morgadista*, que adôta por Constituição o Projecto desta que o Imperador offerencia, e o *Carvalhista* que o regeita, e quer a Assembléa soberana constituinte".

Morizal: formação vegetal peculiar à Amazônia, "constituída nos campos das varzeas pela aglomeração da *Paspalum fasciculatum*, chamada vulgarmente moriz, associada a outras espécies. São em regra, porém, parcamente representadas as Gramineas e Ciperaceas e predominam quasi sempre, pelo menos em numero de individuos, senão em variedade de espécies, as Eriocaulaceas (*Paepalanthus*) e Xiridaceas (*Xiris*)". (Olympio da Fonseca. No "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil". Pag. 217).

Morredor: Também *morredouro*, registado por Teschauer com o significado de méta, ponto de chegada nas corridas de parelhinhos, no Pavaná; em São Paulo, segundo refere Valdomiro Silveira em seu livro "Nas Serras e nas Furnas", significa lugar onde a caça difficilmente pode escapar com vida.

Morro-de-chapéu: o mesmo que *cuscuzcuro*, usado no sul do país. Na Bahia e em Minas Gerais, principalmente, o povo chama *morro de chapéu* a certos cimões que apresentam saliências em forma de abas de chapéu. Daí o nome da cidade de Morro do Chapéu, no Estado da Bahia, edificada a alguns quilômetros de distancia de um desses morros, cuja aba desmoronou em 1894. A rocha que os constitue é, em geral, o itacolumito. Entretanto, lemos à pag. 319 da "Historia Media de Minas Geraes" de Diogo L. A. P. de Vasconcellos, que "Morro do Chapéu é corrupção do indigena *chá* — ver e *pé* — caminho. Queria dizer morro de ver o caminho, isto é, de onde os bandeirantes, sertanistas ou indios, se orientavam em rumo de qualquer parte do sertão".

Morro-pelado: denominação amazônica registada por A. J. de Sampaio em seu trabalho "Nomes Vulgares de Plantas da Amazonia". E' deste botânico a seguinte definição: "morrote com canga e escassa vegetação arborea ou sem ella".

Morrote: pequeno morro. "A zona é de morrotes, com grande abundancia de castanheiros" (A. J. de Sampaio em sua "A Flora do Rio Cuminá", pag. 88) "Em todo o horizonte verificam-se numerosos os *morrotes* que são uma segurança de abrigo nas grandes cheias" (Liv. cit. Pag. 137).

Morubixaba: nome das chefes das tribus indigenas do Brasil. Escreve-se também: *morobixaba*, encontrando-se as variantes *muruzaba*, *moromuzaba*. O mesmo que *tuxana*, *cioraca*, *cacique*. H. Jorge Hurley, em artigo publicado no "O Paiz" de 4-8-929, sob o titulo "O Pagé", diserteia perfeitamente sobre o chefe das tribus indigenas: "O *tuchana*, o *pagé*, e o *morubixaba* governavam os selvagens brasileiros. O *tuchana* era o executivo e o judiciario ás vezes. Administrava a caça, a pesca e a ligeira lavoura, mas sob as previsões do *Pagé*. O *morubixaba* era o chefe militar, aclamado para a guerra. Esta função era tran-

sitoria e quem a desempenhava deveria ter, além de valor pessoal comprovado, a força do tapir (anta), a ligeireza do jaguar (onça), a vista da ariranha, a astúcia do caiarara (macaco), a paciência do jaboty, o sangue frio da ay (preguiça), a coragem do yapacamim (gavião) e o linguajar do papagaio, para animar seus homens na luta. Não decidia o combate offensivo, porem, sem annuencia do pagé. Dessa rudimentar organização social dos selvagens do Brasil destaca-se a figura principal do *pagé*, o mago das eras prehistoricas, o qual tinha um mysterioso poder legislativo, absoluto, nas tabas dos primitivos americanos".

Mosquito: denominação das Lavras Diamantinas da Bahia e Minas Gerais, applicada aos diamantes miúdos, do tamanho de mosquitos. Emprega-o Afranio Peixoto, à pag. 185, da "Maria Bonita". Em Minas Gerais, dizia-se, de primeiro, *olho de mosquito* o diamante de tamanho e peso insignificantes. Segundo informa o Dr. Felício dos Santos nas suas "Memorias", à pag. 28, tal nome se encontra nas sentenças proferidas pelos juizes, contra os que violaram as ordens prohibitivas da metropole, relativas á extração dos diamantes, por quem não fosse autorizado.

Messoró: denominação que, na cidade e Município de Sousa, no Estado da Paraíba, dão a um vento periodico que sopra das bandas do norte. A origem do nome é do facto de ficar nessa direção a cidade rio-grandense do norte chamada Mossoró. Vimo-la referida por José Americo de Almeida no seu livro — "A Parahyba e seus Problemas".

Movongo: termo do nordeste da Bahia, onde muitas vezes o ouvimos pronunciado, designativo de baixão fundo, entre elevações íngremes.

Mucama: velho termo dos tempos da escravaria negra do Brasil, designativo de escrava que se empregava em serviços domesticos, ou melhor, que ajudava a senhora nos misteres domesticos. João Ribeiro à pag. 144 da "A Lingua Nacional" escreve: "Mucamas (mulheres africanas) eram as escravas de cama, denominação portugueza que passou á lingua de Angola com o sordido costume dos harens de escravas, introduzidos pelos senhores brancos". Beaurepaire-Rohan define: escrava predilecta e moça, que servia ao lado de sua senhora e a acompanhava aos passeios. Era vulgar no Brasil a forma *mucamba* e, em Pernambuco, se dizia, consoante o informe de Beaurepaire-Rohan, *mumbanda*. E' controvertida a origem deste vocabulo: segundo uns ele deriva do tupi — *mocambuara* — ama de leite; ligam-no outros, como Capello e Ivens ao bundo — *mimbanda* — mulher; V. Chermont bate fé em que é americano, originando-se de *mu* — fazer e *camb* — seios, donde etimologicamente mulher cujos seios despontam, nubil, e acresenta que

o termo africano equivalente é *mombanda*. Aurelio Domingues no seu livro "O Ultimo Tyndarida", à pag. 120, escreve estes belos trechos: "O senhor-moço tinha o seu moleque, seu pagem; a senhora moça tinha a sua negrinha, sua mucama. Escravos, serviam ás necessidades e curvavam-se aos caprichos dos senhores. O moleque fazia, de quatro pés o cavallo para o senhorzinho montar e fustigar á vontade; trazia o ás costas, de *macaquinho*, conduzia-o, pela mão, para toda parte, — bebia tambem um pouco de oleo de ricino, a *mezinha ruim*, que o senhor era obrigado a tomar nas doenças. Numa palavra, servia-o e divertia-o, e era-lhe util e alegre. A mucama dava banho na senhora-moça, mudava-lhe as roupas, penteava-a, cortava-lhe as unhas, dava-lhe cafusés, fazia-lhe guarda, ao pé da cama, cochilando, até sinhá dormir... Não viesse alguma visagem, algum mal-assombrado, fazer medo, tirar o somno á sinhá... Acabavam sendo confidentes: - - o moleque, do senhor-moço, a mucama, da senhora-moça".

Mucuará: termo paraense, empregado para designar terra alagadiça.

Mucufa: termo registado por Valdomiro Silveira no sentido de *caipira, tapiocano, tabaréu*. Á pag. 113 de seu livro "Mixuangos" lemos: "Quem sabe si, no fim da prosa, não teria enbida para lhe perguntar da sorte de um *mucufa* como elle, que quizesse ser namorado ou noivo." Teschauer já havia registado o termo, citando A. Taunny, dando-lhe, porem, o significado de traste velho e imprestavel. E Pereira da Costa registou em Pernambuco *mucufa* — pessoa medrosa; soldado fraco que tem medo de enfrentar um desordeiro; casa ordinaria, porca, imunda.

Mucunãs: designação de numeroso grupo de bandoleiros e facinoras que infestaram o interior da Provincia da Bahia por volta de 1826 a 1829. Segundo informa o Dr. Braz do Amaral, em sua "Historia da Bahia do Imperio á Republica", contra eles foram enviadas tropas sob o comando do sargento-mór José Antonio da Silva Castro, que os bateu nos arredores de Maracás, fugindo os que sobreviveram para os distritos septentrionais da Provincia de Minas Gerais.

Mucuoça: dição paraense, registada por Beaurepaire-Rohan, com o significado de cêrca ligeiramente construida nos riachos por meio de paus fincados a prumo, ramos de aningas e tujoco, afim de paralisar um tanto a corrente e dar lugar à pesca chamada - - *do gapuia*. E' palavra de origem tupica.

Mucureca: barraca, choça. E' termo usado por certas tribus indígenas do oeste paraense, sinônimo de *toldo*. Encontramo-lo referido à pag. 44 do livro de Silveira Netto — "Do Guayrá aos Saltos do Iguaçu".

Mudador: registado por Callage e Teschauer que define — lugar nas estâncias, protegido por pedras, arroios e matas, onde costumam reunir os cavalos por falta de curral, com o fim de soltar os montados, substituindo-os por descansados.

Muiúna: remoinho produzido no Amazonas e seus afluentes occidentais, por ocasião das enchentes, pela ação da água sobre a extrema curvatura das margens. Enquanto dura o fenómeno, acrescenta Rodolpho Garcia, que registou este vocabulo, o rio se torna infranqueavel, pois a enorme voragem que se forma absorve tudo quanto está ao seu alcance. Jorge Hurley pondera que Rodolpho Garcia registou imperfeitamente este túrno que é tupi e não quichua. E mais: muito usados na Amazônia são os nomes *buína* e *muiúna*, traduzindo ambos o duende mitologico amazônico da cobra preta, que derruba os barrancos dos rios, que se tornam por isso de difficil navegação. Muiúna nada tem de quichua: é tupi”.

Mumbança: vide *mucama*.

Mumbava: registado na “Selecta Caipira” de Cornelio Pires, a pags. 1 e 17, com a significação de agregado, individuo ao serviço de um fazendeiro. “Inteligentes e preguiçosos, velhacos e manhosos, barganhadores como os ciganos, desleixados, sujos e esmulambados, dão tulo por um encosto de mumbata ou de capanga: são valentes, brigadores e ladroses de cavallo...” No Sul de S. Paulo, segundo A. Taunay, se diz *arumbava* o parasita e cortesão.

Mundão: registado por Valdomiro Silveira, com o significado de grande extensão de terra. No Nordeste é mais usado com o sentido de lugar muito longe, distante. José Americo põe na boca de um retirante que a outros contava a sua odisséia, as seguintes frases: “A gente são por este mundão sem saber pra onde vai. Quanto mais anda, menos quer chegar. Porque, se fica, está de muda e tem pena de fiçar. E enquanto anda, pensa que vai voltar”. (A Bagaceira” — Pag. 58).

Mundaréu: dição frequente entre os sertanejos do Brasil central e meridional no sentido de mundo grande, *mundão*, larga extensão de terras. A pag. 132 do livro de Horacio Nogueira — “Na Trilha do Grillo”, lê-se: “Assim terás um juizo nítido sobre este mundaréu de sertão”.

Mundêu: além de designar uma especie de armadilha para apanhar caça, Beaurepaire-Rohan regista o sentido de casa velha, arruinada, que ameaça cair. Escreve-se também *mundê*, *mondê*, *mondên*. Vem do tupi — *mô-ndé* — o que envolve, o laço, segundo Theodoro Sampaio.

Mundo: além do sentido proprio, este vocabulo é empregado, no linguajar sertanejo, no sentido de espaço de terra em que se

nasce ou onde se mora (o meu mundo), mais usualmente no plural (Vide mundos). "E acordei também com vontade de ver de novo as catingas e as serras do meu mundo" (Peregrino Junior "Histórias da Amazonia". Pag. 95). Segundo informe de Mario Melo no seu valioso estudo sobre o "Arquipélago de Fernando de Noronha", os presidiarios de Fernando de Noronha denominam *mundo* a terra firme, o continente que lhes fica à distancia de 250 quilômetros. Num artigo de Gastão Penalva, republicado no "O Imparcial" da Bahia, lemos de referencia aos condenados: "Vão quasi todos cantar. E' uma toada nostalgica do mundo (continente)".

Mundos: regionalismo nordestino, já registado por Teschauer, para designar o lugar onde a gente nasce ou vive. Abona-o o notavel filólogo com um trecho de Gastão Cruz ("Ao embalo da Rêde" — pag. 206): "Lá para os meus mundos". À pag. 42 do "O ultimo Tyndarida" de Aurelio Domingues, se lê: "Eu mesmo, se me casasse, só me casava com mulher lá dos meus mundos. E Lauro Palhano, à pag. 149 do "O Gororoba: "Era a mais linda tentação daquelles mundos".

Mundrungueiro: regionalismo nordestino designativo de feiticeiro. Ao feitiço chamam *mundrunga*. Citados por Leonardo Motta à pag. 263 do seu "Sertão Alegre". No Sul do Brasil se diz *mandraqueiro* (Vide esta palavra).

Mundurú: no Ceará, refere Leonardo Motta, significa monticulo. Alteração de murundú (Vide esta palavra).

Mupeúa: também *mupeua*, registado por V. Chermont, que diz significar canal raso nos baixos ou nas praias extensas, navegavel por vigilengas ou igarités de pequeno calado, durante a preamar, e sêco ou com poucos decimetros de profundidade, na baixamar.

Mupororóca: nome pelo qual os indigenas também chamam a *pororoca* — (Vide este termo).

Muricizal: terreno coberto de muricis, plantas da familia das Malpighiaceas, cujos frutos macerados em agua fria com açúcar se convertem em um alimento a que, no Ceará, chamam *cambica*, segundo Beaupreire-Rohan. Paulino Nogueira observa que o muricizeiro medra de preferencia nas terras arenosas, como praias e taboleiros. Vimos empregado *muricizal* por Carlota Carvalho, no seu livro "O Sertão", à pag. 251, no seguinte passo: "Pequeno intervallo separa a Tauhiri grande da pavorosa Itabeca (Tocantins). Este intervallo é o *Muricizal* — vastas e multiformes praias, cuja alvura é salpicada de ilhas de verdura em que abunda o *Murici* de uma especie que os fructos, machucados á mão e dissolvidos em agua, constituem o que em brasileiro chamamos *semberéba*, *tiquara*, emulsão que,

temperada com assucar, é saborosa e à qual juntamos farinha de puba".

Muritzal: o mesmo que buritzal (Vide este termo).

Murumuzal: registado por Tesehauer como grupo de certa especie de palmeiras, abonando-o com um trecho de Alberto Rangel: "O Cazuza aconselhou, apontando o murumuzal à vista ("Sombras Nigua").

Murundú: palavra de origem tupi, que segundo Theodoro Sampaio, é corruptela de *mo-r-undú* — montículo, cone de terra, e neste sentido é empregado nos Estados do Sul. E Rodolpho Garcia, que a regista, cita a sua occorrença mais de uma vez nos autos de uma ação de demarcação de terras, processada no juizo municipal de Araruama (Rio de Janeiro), a qual vem transcrita no "Tratado Juridico-pratico de Medição e Demarcação de Terras" de Macedo Soares, à pag. 339. Entretanto a sua área geografica é mais vasta. Na Bahia, no Ceará e Estados intermedios, é usado este vocabulo. Na Bahia ouviu-o Horacio E. Williams na chapada Diamantina, traduzindo-o por *cupius*. (Estudos Geologicos. Pag. 7). Lindolpho Gomes, citado por Leonardo Motta, à pag. 263 de seu "Sertão Alegre" regista *murundú*, com o significado de montículo, partilhando a opinião de Macedo Soares para quem *murundú* deriva de *mulundú*, vocabulo angolense que significa monte. A respeito deste termo escreveu judiciosas considerações José Luiz de Castro, na "Revista do Instituto do Ceará (1929), nas quaes allude à forma *morundú*, também usada desde longos anos.

Mururé: infusão da Amazônia, que forma ilhotas flutuantes nos lagos e nos rios, ali deslizando ao sopro dos ventos, aqui descendo ao sabor da corrente, no periodo das cheias. "O mururé deslizando nos lagos, ao sabor das brisas, no violaceo da flor e no molde campanulado, no esmaecido dos bordos e no aranhol das raizes, tudo ao estranho, impenetravel hieroglypho silvestre ao advena, conta mil cousas ao caboelo, arguto Champollion da matta amazonica" (Raymundo Moraes. "Na Planicie Amazonica" Pag. 38). Vicente Chermont regista *mururé* e *mureré*, com o mesmo significado, ensinando que a ultima forma é mais usada no Baixo Amazonas e é mais correcta do ponto de vista etimologico — *mu-reré*.

Mussiú: alcunha facêta dos francezes em Minas Geraes, registada por Nelson de Senna. Interessante é referir que o vocabulo *missiú* é usado na Venezuela como apelido de todo o estrangeiro que fala mal o espanhol: é o que nos informa Lisandro Alvarado em seu livro "Glosarios del Bajo Español en Venezuela".

Musulmís: nome pelo qual os malês, muçulmanos brasileiros, cognominavam os correligionarios. Registado por Tesehauer e A. Taunay.

Mussununga: ou mais propriamente *terras de mussununga*. Assim se chamam na Bahia nos "terrenos siliceos, ás vezes de sílica pulverizada, geralmente humidos, onde a decomposição do humus se fez muito lentamente graças á grande acidez do solo. Nestes solos a vegetação é composta de criptogamos vasculares (fétos), ciperaceas, algumas palmeiras, ás vezes aroides, como aringa, etc." (Gregório Bondar. "Diário Oficial da Bahia", de 6-2-931). Regista-o *Beaurepaire-Rohan*, com o significado de terreno fúfo, arenoso e humido.

Mutá: termo amazonense, que significa armação de madeira para o seringueiro poder golpear a arvore mais alto: também na Amazônia assim se chama a uma especie de palanque sobre o qual se espéra a caça no mato ou o peixe á beira daqua. Teschauer regista as formas *muta* e *mutá* (Vide giráu). Escreveu-nos a respeito Jorge Hurley: Na Amazônia chama-se *mutá* ou *mutá* ao *giran* que se tece ao pé de uma arvore para nele esperar a cotia, a paca, o caetitú e o voador. O Padre Tas'evin em seu "Vocabulário" publicado na "Revista do Museu Paulista", Tomo XIII, regista *mutá* — cavalete, ardaime onde se fica á espreita durante a caçada: *mita-mutá* — a escada".

Mutirão: vide *muxirão*. "Toda a redondeza falou no caso e sobre elle, Joaquim Piaba fez uma versalhada que se repetia em cantigas, nos citos e mutirões..." (José Sizenando. "Alma Rustica". Pag. 10).

Muxirão: registado por quasi todos os vocabularistas brasileiros no sentido de concurso gratuito de muitos trabalhadores para algum serviço, ou como disse Amadeu Amaral — "reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola — roçada, plantio, colheita, terminando sempre em festa, com jantar ou ceia, dansas e descantes". Numerosa sinonímia apresenta este termo: assim é que, no Rio Grande do Sul, se diz também *pickurum*, *pickirão*, *ajutorio*; em partes de Minas — *mutirão* e *bandeira*; na Bahia e em Sergipe — *batalhão*, *adjutorio*; no sueste da Bahia — *boi de cora*; em S. Paulo — *côrte*; em Pernambuco — *adjunto*; na Paraíba — *bandeira*; no Pará — *potirou*, *pixirum*, *mutirum*. Ha duvidas quanto á etimologia do vocabulo muxirão, sendo provavel derivar-se do guarani — *potyrom* que, segundo Montoya, significa pôr mãos á obra. Theodoro Sampaio deriva-o do tupi — *pickirú* — o socorro, o auxilio, a ajuda, o que bem concorda com essa junção de esforços dos sertanejos do Brasil. No Amazonas diz-se *ajuri* -- a reunião e *ajuricaba* -- o trabalho confraternizado e o tempo para esse fim. Era pratica dos amerindios, chamada pelos quichuas — *minga* (Padre Gusman) e pelos caboclos do Oiapoque — *makuré*.

Muxungo: sinônimo de *caipira*, *tabaréu*, *mucifo* etc., usado sobretudo na zona de Campos dos Goitacazes Valdomiro Silveira

grafa *mizungos*, e com este título publicou, em 1937, succulento livro de contos (Ed. Livraria José Olympio — Rio de Janeiro). Neste livro, à pag. 8, lemos o seguinte período: "Tres felizes na tulha, a Maria, o Josephino e o sol. Mas quem, mais que todos, devia estar bastante concho e muito cheio de si, era justamente o derradeiro dos tres, por sentir que em poucos instantes abalaria o coração e fazia correr a galope o sangue dos dois *mizungos* apaixonados".

Napéa: nome dado por von Martius à região fitogeográfica que compreende os terrenos dos bosques de araucária, do sul do Brasil.

Narandiba: registado por Teschauer, que não indica a área geográfica, designativo de laranjal, terreno coberto de laranjeiras, Theodoro Sampaio pensa que *naran* é corruptela do vocabulo português — laranja.

Natural: o povo nordestino substantiva algumas vezes este vocabulo e o emprega no sentido de terra natal, sitio do nascimento de alguém. Exemplo disso é a trova recolhida pelo illustre folclorista Rodrigues de Carvalho e publicada à pag. 273 de seu "Cancioneiro do Norte":

*Citadinho de quem anda
Fôra do seu natural:
Se um dia passa bem,
Tres e quatro passa mal.*

Já Afranio Peixoto havia registado a mesma trova com a variante apenas do primeiro verso: "Triste vida de quem anda", etc. Leonardo Motta, à pag. 294 dos "Cantadores" registou o seguinte:

*Deixei o meu natural
A pocira do meu chão...*

No sertão do nordeste baiano ouvimos algumas vezes entre *tabaréus* a pergunta: "Onde é o seu natural?" "Qual é o seu natural?". Interessante é registrar-se que, em João de Barros (Decadas), encontramos varios passos em que o famoso historiografo emprega *natureza* por patria: "Como gente estrangeira, que nam fazia mais do que comprar e vender e tornr-se a sua *natureza*". (II-1-2). "Cavalleiro de sua pessoa, e mui usado nas cousas do mar, cuja *natureza* era numia comarca a que os Parsecos chamam Cordistam: e por razam da *natureza* tinha por *appellido* Cor, *appellido* da patria" (II-II-6).

Navio: nome de uma zona do Estado de Pernambuco, oriundo do Riacho do Navio, tributário do Pagehú, afluente do S. Francisco. É o Navio berço famigerado dos mais terríveis cangaceiros nordestinos. Situada entre os confins dos Municípios de Flores, Vila Bela, Jatobá e Floresta, estende-se por cerca de 50 léguas de leste a oeste, entre as margens do Moxotó e do Pagehú. A sua população é escassa, notando-se entre outros povoados a Vila do Riacho do Navio, Betânia, São Caetano, Nazareth, etc. Vide o livro de Erico de Almeida: "Lampeão. Sua historia" (Paraíba, 1926), no qual a zona do Navio é cognominada paraíso dos cangaceiros. Esta zona é também chamada — *Sertão do Pagehú*.

Neblina: também *nebrina*. É o termo português que designa nevoeiro, nuvem mais ou menos espessa que ocupa a parte mais baixa da atmosfera, enturvando em parte a sua transparencia; o mesmo que névoa, cerração, bruma. Conhece-se o proloquio: *A neblina, da agua, é mudrinha, e do sol vizinha*. Talvez pelo fato de, quando é muito espessa e baixa, resolver-se em chuva de pouca duração, o sertanejo do Brasil, não raro, denomina qualquer churvinha fina — *neblina*. Muitas vezes ouvimos da boca dos tabaréus do nordeste baiano as frases: "deu uma *neblina* ou *nebrina*; *neblinou* esta noite; está *neblinando*. No "Dicionario Pratico Illustrado" de Jayme de Seguíer 2.^a ed. 1927, está registado o verbo *neblinar*, como brasileiroismo, e no sentido de chuveisco, já foi empregado por Gustavo Barroso, à pag. 16 da "Terra de Sol": "Nas luctas, quando bandido ou rebelde, esquiva-se e negaceta, é impalpavel, é quasi invisivel; apparece, some-se, ataca bruscamente, desaparece ainda mais depressa: tem um quê do seu clima, do seu céu, da sua atmosfera, onde as nuvens de chuva passam borrifando *neblinas* e apagam-se além do horizonte mais ligeiras do que surgiram, como por encanto". Arthur Neiva em sua "Viagem científica pelo Norte da Bahia, etc", "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz", ano 1916 Tomo VIII. Fac. III, à pag. 75, refere que no sul do Piauí, municipio de S. Raymundo Nonato, chamam *neblina* a um rapido aguaceiro.

Negro: além da comum significação de individuo da raça preta ou africana, teve este termo, nos primordios do Brasil, sentido mais amplo, abrangendo individuos de outras raças. Lucio de Azevedo em suas "Epoas de Portugal Economico", à pag. 159, refere que negros chamavam os portugueses não somente aos africanos, mas a qualquer de raça diferente, baço de tez — etiopes, indios, chinos e americanos — cujos braços passavam a fazer na metropole o trabalho dos que a empresa belica arrebatava. Com efeito, no Brasil, sobretudo nas cartas dos jesuitas, Nobrega o primeiro, encontramos o apelativo de *negro* applicado aos *brasis* ou *indios*. O sabio Taunay escreveu no "Jornal do

- Commercio" de 26-1-1936: "Negros chamavam os antigos portugueses a todos os aborígenes da Africa e da America. No Brasil estabeleceu-se logo a distincão corrente entre *negros do gentio da terra e negros do gentio de Guiné*".
- Nlundú: vide *jundú*. Usado no Ceará segundo A. Taunay.
- Ninho de geada: registado por Valdomiro Silveira e Teschauer, com a significação de lugar em que a geada cai todos os anos fortemente. Empregado pelo primeiro n' "Os Cabanos", pag. 37.
- Noitão: os sertanejos brasileiros do nordeste usam este aumentativo para exprimirem alta noite, horas mortas da noite. A pag. 240 da "A Bagaceira" de José Americo, lemos os seguintes períodos: "Corria, de muito, no sitio a versão de um *malassombrado*. As lavadeiras sabiam de tudo: — E' uma visagem que anda de noitão acceirando a sertaneja...".
- Nordestino: designativo dos filhos do nordeste brasileiro, da Bahia ao Piauí. Muito frequentemente usado pelos escritores regionalistas como adjetivo, significando — relativo ao nordeste. Regista-o como tal C. Teschauer, que o abona com duas citações.
- Nortense: assim se chamam, no sul de Goiaz, aos individuos oriundos do norte do mesmo Estado (Informação do Prof. Alcide Jubé).
- Nartista: além do seu significado comum relativo a tudo o que é do Norte do país, teve esta palavra, no tempo da monarchia, accepção especial, servindo para designar o adepto do partido conservador no Rio Grande do Norte. No estudo de Nestor Lima a respeito dos "Municípios do Rio Grande do Norte", publicado na "Revista" de seu Instituto, vols. XXV-XXVI, 1928-1929, à pag. 146, lemos este trecho referente às lutas partidarias do Município de Assú: "Os conservadores ou *nortistas* haviam sahido victoriosos no primeiro pleito, e, diz o Coronel Estevam Moura, 1.º Vice-Presidente da Provincia na Falla de 7 de Setembro de 1841, puzeram em acção os meios licitos e illicitos para veneela de novo". O partido liberal denominava-se *sulista*.
- Noruega: termo usado nos Estados do sul, que nomeia a encosta meridional das serras, por isso mesmo constituindo terrenos sombrios e humidos. A estes se opoem os terrenos soalheiros, onde sempre bate o sol. Monteiro Lobato, à pag. 211 da 3.ª ed. dos *Urupês*, escreve: "Depois, como atravessavamos um sombrio pedaço de caminho, com baranco acma, avencas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquillo: Sabes o que é uma face *noruega*? Cá tens uma. Não bate o sol, muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou fructos. Sempre esta frialdade humida". O eminente mestre João Ribeiro, em seu delicioso livro "Curiosidades Verbaes", à pag. 62, assim escreve: "Os nossos lavradores

chamam noruega, ao terreno que não é *soalheiro* e apanha pouco sol. *Noruegas* são baixadas, grotas, húmidas, que servem a poucas plantas. A palavra veio de Portugal, mas lá é desconhecida agora. Nos tempos clássicos (século XVI) foi empregada discretamente, e um poeta burlesco, Antonio Prestes, chamava noruega a um sujeito *nocturno* e que poucas vezes era visto de dia". A. Taunay informa que, em S. Paulo, o vocabulo *noruega* designa um vento frio e aspero, provavelmente uma alusão ao clima frio da Noruega e cita a seguinte frase: "Nestes campos sopra ás vezes uma noruega glacial".

Noruegal: terrenos de *noruega* ou de encosta; terreno pouco batido pelo sol. Afonso Taunay escreveu: "Esta fazenda é um *noruegal*".

Novato: alcunha que, no periodo colonial, davam aos portugueses no extremo sul do Brasil, segundo informa Nelson de Sena, idêntica a *eupês*, *marinheiros*, *galegos*, *mascates*, etc. etc.

Novena: castigo aplicado aos escravos, o qual consistia em açoites durante nove dias seguidos. Havia o *rosario* que durava quinze dias e o *terço* de três dias. À pag. 242 dos "Cangaceiros do Nordeste" de Pedro Baptista, lemos: "Outros foram novenados e barbaramente mutilados" (Informação do autor).

O

Obrageiros: termo que, no oeste do Paraná, maxime na zona de foz do Iguassú, designa os extratores de madeira. Encontramo-lo à pag. 19 da Revista "A Bandeira", órgão dos "Bandeirantes do Brasil" (Ano I - - Numero 3 e 4 — Setembro e Outubro de 1927), num artigo do Capm. Arthur Joaquim Pamphiro — "Os Saltos do Iguassú" — onde se lê: "Nesta região, marginal ao rio Paraná, compreendida entre Posadas e Porto Mendez, chamada pelos Argentinos — o Alto Paraná, — só duas industrias existem: a extração da madeira de construção e a extração e o preparo de herva mate. Nisto se ocupam varias empresas que povoam espaçadamente as margens deshabitadas do Paraná. Essas empresas, porém, tem que desbravar a floresta virgem, já para estabelecer as suas habitações, já para abrir trilhos hoje, estradas amanhã, por onde transitarão em busca do rio, o escoadouro natural, não só as tóras de madeira, como os sacos de herva mate, toscamente preparada ou melhor — *canchcada*, como por lá chamam. Esta luta com a natureza bravia, em que triunfa o homem, exige porém organismos fortes, afeitos ao trabalho braçal e ás privações de toda ordem, e especimens humanos nestas condições vão os chefes das empresas, lá chamados — *obrageros* — procurar no Paraguai".

Obrages: termo que, no Paraná, designa os lugares do corte e preparo da madeira. Citado no livro de Silveira Netto. — "Do Guayrá aos Saltos de Iguassú", pag. 63. Ao mesmo se refere Lima Figueiredo em seu precioso volume "Fronteiras do Brasil", Rio, 1936, à pag. 121: "A matta está sendo devastada sem piedade e os ricos proprietários das *obrages* não executam sequer uma obra de caracter permanente. Parece que o lema abi é: *ganhar la plata e dar o fóra*".

Obrigaçào: vide *candomblé*.

Oca: moradia dos caboclos, choça dos bugres. É' vocabulo tupí, muito conhecido, que, não raro, se usa nos sertões como sinônimo de *cabana*, *tajupar*.

Oco do mundo: expressão corrente entre os sertanejos do nordeste para designar terras longinquoas, regiões afastadas, longe, bem longe. Idefonso Albano no "Mané Chique-Chique", pag. 9, tracejando os horizontes do sertanejo nordestino, escreveu: "A locomotiva não lhe causa *sobroço*; a agua do mar — o *açude badejo* — já elle provou; já tem navegado por toda a parte, correu o *oco do mundo*". Domingos Olympio, à pag. 274, de "Luzia Homem": "Ora, ora, ora! Eu conheço o *oco do mundo*". E Cornelio Pires, à pag. 69 de "Mixórdia", demonstrativo de que a expressão é também usada pelos caipiras de S. Paulo: "Chico Gabriê, o supricante que eu matei, é fio destas banda e foi lá, naquelles *oco do mundo* só prá tirar meu socêgo".

Ogô: termo das regiões auríferas da Bahia e Minas Gerais, designativo de um mineral formado em parte por granulos de zirconita de mistura com maior quantidade de monazita, que lhe dá uma coloração amarela, semelhante à do ouro. Ocorre, sobretudo, no leito dos rios que regam as regiões auríferas. Segundo Rodolpho Garcia, é termo de origem africana, provavelmente *yoruba*, onde significa dinheiro, riqueza.

Olheiral: cones de pequena altura variavel, onde se abrem dezenas de orificios de um formigueiro subterraneo. A pag. 48 do livro de Oliveira e Souza — "Piraquaras", lemos o seguinte trecho: "Clúbila vivia, socegadoamente, lá na sua casinha de barro e palmito, no meio da macega, cercada de um vasto olheiral de formigas saúvas, retirada do convívio humano e..." Também se diz e emprega *olheiro*: "O declive é grande, de modo que a acção do insecticida pode ser diminuida, em parte mais ou menos consideravel, por escapamentos de conductos e *olheiros* collocados na parte inferior" (Artigo no "O Jornal" de 3 de Dezembro de 1927. "A Solução de um Grave Problema nacional"). Em S. Paulo chama-se a entrada principal de um formigueiro — *corneta*.

Olheiro: segundo ensina A. Taunay, assim se chama a galeria de entrada da toca da paca. Vide *olheiral*.

Olho d'agua: termo geral que significa manancial, minadouro, fonte natural, lugar nos campos ou nas matas, onde surge uma nascente de agua perene. No mesmo sentido, segundo Aulete e Candido de Figueiredo, se usa em Portugal. Na Argentina diz-se *ojo de agua* a fonte.

Olho de boi: expressão que vimos referida por Gastão Penalva, no seu volume "Gente do Mar", no seguinte trecho: "Por isso o marinheiro teme os terriveis vendavaes que o acomettem como castigos de Deus. Tem pavor ás nuvens negras, cumulus e nimbus que se acastellam no horizonte pejudadas d'agua; logo a leguas do ameaçador *olho de boi* — uma pequena esphera cinza, que surge além no azul do céu, e a pouco e pouco vae-se

avolumando, augmentando de raio, enchendo o espaço inteiro, despeneando afinal no oceano encapellado, num furacão destruidor e implacavel". Segundo informe de Arthur Neiva *olho de boi* é o nome que os maritimos da baía de Todos os Santos dão ao Arco-Iris incompleto. Em Santa Catarina dá-se o nome de *olho de boi* a uma especie de marmore de grandes manchas. Finalmente, vale referido, que *olho de boi* se designavam os sêlos mais antigos do Brasil, os da primeira emissão em 1843 (Taupay).

Olho de cabra: nome dado aos sêlos da segunda emissão brasileira feita em 1845. Registrado por A. Taunay, que cita a seguinte frase: "Os olhos de cabra de 180, 300 e 600 réis valem hoje quinhentos mil réis".

Olho de fogo: denominação popular dos individuos albinos, registando-a Teschauer.

Olho de mosquito: vide *mosquito*.

Opaba: registado por Teschauer, como regionalismo do sul da Bahia, com o significado de terreno arenoso à beira mar, afogado no inverno. Diz-se também *japára*.

Oréade: denominação dada por von Martius a uma das divisões do dominio floral brasileiro, que comprehende a região campestre, incluindo os campos do interior do país sem distincção de categorias.

Ostreira: o mesmo que *sambaqui* (Vide esta palavra).

Ouro-negro: nome pelo qual se designa às vezes a borracha extraída da seringueira. "Sua producção, sempre crescente, como crescente a sua valorização, fizeram deste Estado (Amazonas) um centro de grandes negocios, base dessa prosperidade que transformou Manaus, de obscura, em magnificente, enquanto durou a porfia da procura do *ouro negro* pelos paizes em que se fundou e desenvolveu sua manufatura" (Agnello Bittencourt. "Chorographia do Estado do Amazonas" 1925. Pag. 122). "L'Hevea est originaire du bassin de l'Amazonie, pays de l'Or noir", auquel ses forêts vierges redoutables ont valu encore le nom d'"Enfer vert"... (G. Capus et D. Bois. "Les Produits Coloniaux" Paris. 1912, Pag. 420).

P

Pacoca: trecho do leito de um rio, abaixo das cachoeiras, onde as águas são agitadas e remoinhoras. Empregado por A. Taunay no seguinte passo: "Abaixo da cachoeira ha uma pacoca de correnteza tão forte que não ha nadador que alli se aventure". No Municipio de Piracicaba, S. Paulo, segundo informa Sud Mennucci, dá-se a este fenômeno o nome de *vai-vém*: "Ha um salto dentro da cidade que é cortada pelo rio que lhe dá o nome. Por isso, é costume dizer-se que quem cae no *vai-vém*, não volta mais".

Pacote: vocabulo muito usado pelos pescadores do litoral paraense, designativo de um grupo de cincoenta peixes. "Os *galheiros* namam aos pescadores de São Caetano de Odivelas, Curuçá e Maranhim, até onde chegam com sua navegação, 168000, 188000, 208000 e 228000 pelo *pacote* de tainha e 500 réis, 18000 e 18500 pelo *pacotinho* de *pratiacurva* (filhotes de tainha). (H. Jorge Hurley — Carta de 25 de Dezembro de 1929).

Pacotilha: termo usado no Rio Grande do Sul com o sentido de quadrilha de bandidos. Encontramo-lo registado no "Lexico de Laeunas" de A. Taunay. Não o vimos, porém, nos vocabulários gaúchos de Romaguera Corrêa, Roque Callage e Luiz Carlos de Moraes.

Pacoval: termo usado no norte, sinônimo de *bananal*, *bananeiral*, plantação de bananeiras. Este vocabulo vem de *pacoba*, *pacova*, nome tupi da banana, donde também se formou *pacoveira*, designação comum das musáceas. Entre os varios accidentes que, no Pará, têm o nome de Pacoval, merece referida a ilha do lago Arari, na ilha Marajó, o qual tirou o seu batismo da grande quantidade de musáceas que ali cresciam. "Ao lado do bananal ou *pacoval*, dos limoeiros, laranjeiras, e mais arvores de espinho, ha quasi sempre um pedaço de vinha ou uma latada de parreiras (Alcantara Machado. "Vida e morte do bandeirante". Pag. 46).

Pagé: também dito *carahiba*, grafado ainda *pajé* e *païô*, nome tupi, designativo daqueles que entre os indígenas viviam no recesso das florestas, nas cavernas das montanhas, solitários, misto de feiticeiros, curandeiros, sacerdotes, até profetas. Atualmente o nome de *pajé* é aplicado também a curandeiro no interior da Amazônia, deste se ocupando José Carvalho a pags. 30 e 31 do seu livro - "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará". H. Jorge Hurley publicou interessante estudo sobre o *pajé*, no qual informa que, entre os indígenas era o sacerdote de Tupan, feiticeiro, medico e *medikm*, cujo instrumento sagrado era o *maracá*. Vide a palavra *marabizaba*.

Pago: nenhum vocabularista disse melhor a respeito do sentido deste termo rio-grandense do sul, do que Roque Callage, de quem transcrevemos o seguinte: "lugar onde se nasceu; o rincão, a querencia, o povoado, o municipio onde alguém mora ou de onde é natural. Este vocabulo é um dos mais usados na vida campestre do Rio Grande. Elle resume para o gaúcho um pedaço afeiçoado e querido da terra que o viu nascer. Não ha *quadrilha*, não ha poesia do cancionero crioulo que não tenha a palavra *pogo*, ora reflectindo saudades, ora exaltando heroísmos e grandezas, tudo o que dignifica e eleva o coração e o sentimento do homem nativo. Não ha tambem palavra como essa que tão apropriadamente traduza a nostalgia do camponio rio-grandense. *Lá nos meus pagos...* e nesse expressar vae todo um retrospecto á vida passada no torrão natalicio". Em geral, é empregada no plural e assim aparece em todos os Dicionários; usa-se, porém, no singular e ha hoje na literatura rio-grandense um livro intitulado "No Pago" (Clemenciano Barnasque. Porto Alegre. 2.^a ed. 1926). Não concordamos com a etimologia fantasiosa de Callage, que deriva de *plaga*, por corruptela; *pago* vem do latim *pagus* — aldeia, lugar nos campos.

Pai Luis: registado no vocabulário apenso à "Lyra Rustica" de Rodolpho Theophilo com os seguintes dizeres: "ervas e arbustos que nascem nrs capoeiras e roçados novos durante a estação invernosá. Como vamos de limpa? Não se pode augmentar, este anno pai Luiz está como nunca". Também Leonardo Motta regista esta expressão à pag. 233 do seu "Sertão Alegre", escrevendo: "Matto que invade a roça e deteriora as plantações do agricultor descuidado ou preguiçoso".

Paio: nome que, nos Estados do Sul, os lavradores dão ao compartimento ou dependencia da casa de morada onde collocam o milho e outros cereais, e no norte, segundo o registo de Beaurepaire-Rohan, é a casa onde se arrecadam quaisquer productos da lavoura. Usa-se ainda no Brasil com o mesmo sentido de Portugal. À pag. 5 do livro de Joaquim Gil Pinheiro "Os Costumes da Roça ou as Memorias de Mboy", lemos: "Os ro-

ceiros fazem nas roças, distantes de suas moradas, rusticos ranchos ou cabanas cobertas de sapé, a que chamam de *paioes*, para guardarem o milho e estacionarem durante a colheita e limpa da mesma". Nas Lavras Diamantinas da Bahia o termo *paioel* designa monte de cascalho acumulado para a operação da lavagem. "Quando o *metal* fugia do infeliz, podia moirer em serviço rico de fama, porque, muitas vezes, lavando o cascalho do mesmo *paioel*, o companheiro *pegava*, e o outro, o *caipora*, nem um mosquito". (Alberto Rabello. "Contos do Norte". Pag. 26).

Pajonal: nome castelhano de uma variedade de campo no Rio Grande do Sul, registado por Teschauer, a qual aparece na região trapeana e ocupa em geral os lugares baixos e de terrenos humidos. Num trabalho do Dr. Francisco Simch, intitulado "Os campos do Estado" (Revista do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul — III e IV trimestres de 1925, pag. 151 encontramos este termo no seguinte periodo: "Estes ultimos grupos pertencem propriamente ao grupo de transição e conhecem-se pelo nome de *curisal*, *pajonal*, etc. O General Borges Fortes informa que significa banhado extenso, pantanal.

Palha: o mesmo que *tiguêra*. Usado em Minas Gerais.

Palhada: termo corrente em Minas Gerais, com o mesmo sentido de *tiguêra* (Vide este termo). *Palhada*, diz Aldo Delfino, à pag. 17 de seu livro "Terras sem dono" é "o lugar, em que depois da colheita, fica a palha das searas. Ali, logo que o capim cresce, soltam o gado, para aproveitar a restolhada".

Palhal: nome que os canoeiros da Amazônia septentrional dão aos grupos de palmeiras em meio das matas. Registado por A. J. de Sampaio em sua "A Flora do Rio Cumina", Pag. 168. Em seu trabalho "Nomes Vulgares de Plantas da Amazonia" diz: formação de palmeiras.

Palmares: este termo é usado geralmente no Brasil no mesmo sentido de Portugal. Entretanto, com este nome, distingue-se hoje uma das divisões geo botanicas do nordeste, segundo o naturalista Luetzelburg, que, em seu livro citado, diz: "Os palmares constituem originalidade da vegetação nordestina, altos e densos, geralmente puros e de uma só especie de palmeira, de natureza xerophila ou hygrophila. Outros existem com mistura de tres ou quatro especies diferentes, sempre em companhia de arvores de porte alto". Dentre as palmeiras que vegetam nessa região, sobrepõem a carnaúba (*Copernicia caribica*), a buriti (*Mauritia vinifera*), a buritirana (*Mauritia armata*), a bacaba (*Oenocarpus distichus*), a babassú (*Cocos bbaçú*), etc., etc. Tais zonas se desenvolvem na Bahia (S. Francisco), Piauí, Maranhão e menos no Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe.

Pampa: rome que, nas Republicas Platinas, se dá às planícies extensas cobertas de um tapete vegetal de nutritivas forragens, campos nativos que os fizeram, desde os tempos coloniais, a região criadora por excelência. O termo é de uso corrente no Rio Grande do Sul, onde, segundo diz o botânico sueco Lindemann, está o limite septentrional dessas ubérrimas pastagens. Lafone Quevedo em seu "Tesoro de catamarqueñismos" dá o significado de "campo abierto sin estorbo; Garcilaso de la Vega dá-lhe simplesmente o de campo. É palavra de origem *quichua* - *pamba* ou *bamba* — terra plana (Gustavo Lemos — "Glotologia Ecuatoriana"; Granada — "Vocabulario Rioplatense"). Diz-se nos Estados Platinos a *pampa*; no Rio Grande do Sul — o *pampa*. "A mór belleza do pampa é o horizonte que fôge e chama (Alcides Maya "Alma Barbara" — Pag. 134).

Pampeiro: termo de uso no Rio Grande do Sul, designativo do vento que sopra de sudoeste na direção dos *pampas* argentinos, donde lhe vem o nome. É um vento frio, sêco, violento quasi sempre, cuja ação na atmosfera é purificadora, e que atinge até a costa sul do Brasil. A sua maior intensidade é nos meses de inverno (Luiz Carlos de Moraes). É de Alberto Ramos ("Elegias e Epigramas"), citado por Piá do Sul (Gaúchismos e gauchadas), a seguinte quadra:

"Mas o som que prefiro, o som que mais me agrada,
é nos pagoa do sul o grito do pampeiro,
e o choro do violão nas noites de internada,
ao lume do fojão, no rancho do tropeiro".

Na Argentina se diz *pampeiro* o vento que, no Rio da Prata, sopra de entre o oeste e sudoeste e *pamperado* — o vento *pampeiro* forte e continuado (Granada).

Panasco: termo que, no sudoeste piauiense, designa uma zona de vegetação semelhante à do *lacre* (vide esta palavra) e que aparece entre a região dos *agrestes* verdadeiros e a do *currasco* ou *catingu*. É feição característica dos *agrestes*. Ao *panasco* se refere Luetzelburg, a pags. 31 e 93 do III volume de seu trabalho citado.

Pancada (1): termo usado na Amazônia com o sentido de salto ou cachocira a pique, nos rios. No Pará é notavel a *pancada* do Sabão, no rio Xingú. Na "Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruls, lemos à pag. 28: "Tivemos de fazer uma variação para fugir de duas *pancadas* que eram intransponíveis". No sul da Bahia usa-se com o mesmo sentido.

Pancada (2): segundo lemos em Valdomiro Silveira, assim se chama em S. Paulo à chuva passageira. "Naquelle dia, o primeiro destes meus trabalhos, tinha caído uma *pancada*, coisa de

pouco mais ou menos, e tudo quanto era folha tava c'uma côr linda e lustrosa, que dava alegria e enthusiasmo".

Pancada do mar: expressão com que os cearenses designam a praia. Registada por Leonardo Motta, à pag. 269 do seu "Sertão Alegre" abonando-a com a seguinte proposição: "A guerra do Juazeiro começou no sertão, mas foi acabar na *pancada do mar*".

Panela: na bacia do S. Francisco emprega-se este termo no sentido de póço de grande profundidade, onde as aguas formam remoinhos perigosos à navegação. É acidente comum nas vizinhanças das cachoeiras e corredeiras. Halfeld, celebre explorador do rio S. Francisco, fala constantemente de suas *panelas*. Assim, por exemplo, descrevendo o grande rio no trecho de 314 léguas (a partir de Pirapóra, em Minas), diz que a cachoeira da Vargem Redonda apresenta algumas *panelas* ou redemoinhos junto aos rochedos negros da margem direita, que põem em perigo as canoas que se aproximam. Durval de Aguiar em suas "Descrições Praticas da Provincia da Bahia", pag. 63, escreve: "As taes *panellas*, especialmente, que são largos poços de enorme profundidade, tragam facilmente uma embarcação pelo menor descuido, desde que, presa da correnteza, formando redemoinhos, é levada a rodar na direção das aguas, até ser mergulhada e absorvida no grande sorvedeiro com a tripulação e carga, pois que é difficilissimo poder transpôr a força das aguas". Remagueira regista o vocabulo com a mesma significação no Rio Grande do Sul. É o mesmo a que, na Amazônia, chamam *caldeirão* e os espanhois — *pitancón* e *pita* (Vergara Martin).

Pantanal: uma das zonas em que, geofisicamente, se divide o Estado de Mato Grosso, na baixada por onde flue o rio Paraguai. Segundo o Dr. Arrojado Lisboa, o *pantanal* comprehendê não só as terras baixas, mas também as elevações e os morros nelas espalhadas, como que formando ilhas e peninsulas. E, a respeito, acrescenta: "o solo do *pantanal* é argiloso ou arenoso, nua, livre das inundações, é solido e secco em sua maior extensão, e cobrindo-se de um tapete de gramineas verdes e tenras, transforma-se em pastagens naturaes, reputadas as melhores do Brasil tropical. Comquanto seja zona principalmente de campos, essa parte da baixada paraguaya comporta uma grande variedade botanica e encerra muitas formações vegetativas. Nenhuma outra região do paiz comporta tão grande numero de termos locais para significar agrupamento de certas variedades vegetaes, sendo notavel a propensão para certas arvores constituirem *habitat* isolado. Assim *carandunsol*, *paratadal*, *pixval*, *buritisaí*, *acurisaí*, *pirisaí*, *pajonal*, *espinhal*, etc., são termos locais que designam paisagens differentes, caracterizadas pela predominancia ou agrupamentos de certos vegetaes".

Pantaneiro: com este nome se designa uma variedade de gado vacuno proprio do pantanal de Mato Grosso, registando-o Candido de Figueiredo. Encontramo-lo, porém, empregado no sentido de creador da mesma região, fazendeiro, num artigo de A. de P. Leonardo Pereira, publicado no "O Jornal" de 23 de Setembro de 1928, no seguinte passo: "O pantanal mattogrossense não tem rival. E quando o *pantaneiro* em lugar de deixar seu rebanho ao léo do tempo, com um inverno excessivamente frio de tres a oito grãos abaixo de zero, causado pelo degelo dos Andes, muito terá feito em prol de sua industria...".

Papa-areia: alcunha dada aos habitantes da lagôa dos Patos, no Rio Grande do Sul, pelos filhos da cidade de Pelotas, por eles denominados — *papa-cebo*.

Papa-arroz: alcunha dada aos maranhenses pelos piauienses que, por seu turno, são apelidados *capa-garrote* e *espiga*. Citados por Leonardo Motta à pag. 199 do seu "Sertão Alegre".

Papa-cebo: alcunha jocôsa que os habitantes das margens da lagôa dos Patos dão aos pelotenses; certamente por motivo das charqueadas (Cornelio Pires — "Meu Samburá" — pag. 22).

Papa-chibê: apelido burlesco que dão aos paraenses e amazonenses. A proposito de *chibê*, tambem grafado *chibe* e *xibê*, escreveu-nos Jorge Hurley, em carta de 19 de Julho de 1929, o seguinte: "Segundo Vicente Chernmont de Miranda, no "Glossario Paraense" pag. 26, traduz o vinho composto de farinha d'agua e agua fria. O Dr. Miranda dá duas etymologias ao vocabulo. Sou contrario a ambas. *Chibê* é uma corruptela tupi que pode vir de *caribê*, que é o mingau de cariman ou farinha branca fina. Tambem ha esta outra versão: *Xibê* — comida de fortuna, feita com farinha e agua. *Fortuna*, ahi, deve ser entendido como emergencia, eventual, improviso. Vide "Vocabulario da Lingua Tupy" do Padre C. Tastevin, pag. 12. O que é certo é que *Chibe* ou *Xibê* é termo de origem autochtona (tupi), vulgar na Amazonia, por que nomina um refresco usadissimo em toda a Amazonia, não só pelos roceiros e caçadores, como pelos que viajam e têm difficuldade em fazer fogo para preparar uma bebida quente".

Papa-mamão: epiteito dado pelos habitantes de Recife aos de Olinda, em Pernambuco, segundo refere Pereira da Costa. Na Bahia assim se alcunham os moradores do Distrito de Santo Antonio da Cidade de Salvador.

Papamel: alcunha dada em Alagoas e Pernambuco a bandos de insurrectos negros que lutavam juntamente com os cabanos das "Pancas". Vimo-la registada na "Conferencia" que Basilio de Magalhães realizou no Instituto Histórico e Geographico Brasileiro a respeito da guerra civil do Pará, conhecida pelo nome

de "Cabanagem". Assim se expressou o eminente Mestre: Provavelmente o epitheto menospresante de cabanos partiu dos soldados da legalidade, que os combatiam, e proveio, certamente, de serem os rebeldes daquela região simples roceiros, moradores em cabanas ou ranchos de sapé. E, como prova do influxo da analogia nessas designações fortuitas, basta dizer que a um contingente dos mesmos insurrectos, formado de negros, escravos fugidos, deu-se a alcunha (até hoje sem assento em nossos lexicos de brasileirismos) de *papameis*, porque dos favos das abelhas era que tiravam, nos mattos, o melhor da sua alimentação". Em artigo publicado no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, edição de 28 de Outubro de 1935, sob o titulo "Caudilhos e Bandidos do Nordeste", Carlos Pontes refere-se ao chefe do grupo guerreiro *papa-mel*, nos seguintes trechos: "Nos seus dominios (refere-se o autor a Vicente Ferreira Tavares Coutinho, conhecido por Vicente de Paula que, durante muitos annos, dominou como rei as matas do Jacuipe em Alagôas) havia de tudo: negros fugidos que formavam as legiões sinistras, conhecidas popularmente por *papa-mel*...". "Implacavel para com os inimigos contra os quais lançava os *papa-meis*...". Registou o apelido Pereira da Costa em seu "Vocabulario Pernambucano".

Papanduva: tracto de terreno coberto de papanduva, nome que tem, em Santa Catarina, uma especie de capim muito alto. Informação do Padre Geraldo Pauwells, do Ginasio de Santa Catarina.

Paparia: lugar onde ha muitos papulos ou individuos atacados de papo ou bocio, molestia comum em Goiaz. A pag. 215 da "Viagem Cientifica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiaz" pelos Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna, lemos: "Todos esses habitantes papulos informaram-nos que a vila de Peixe é uma grande *paparia*".

Paperi: também *papiri*. Vide *tapiri*. É a barraquinha do *seringueiro*, erguida no centro, de caracter mais ou menos provisório (Louro Palhano -- "Marupiara" -- Pag. 247).

Paquetiro: embarcação dos paquetes do rio S. Francisco (curso baiano), pequenas embarcações ao jeito de saveiros que navegam no mesmo rio. A esses paquetes chamam também no S. Francisco -- *leobas*. (Informação local).

Paradouro: no Rio Grande do Sul tem a accepção restrita de lugar certo, perto das casas ou das *mangueiras* das *estâncias*, onde o gado passa a noite. Alcides Maya empregou-o neste passo das suas "Ruínas Vivas", á pag. 189: "O gado, impedido de sair como dantes, transpondo as lindas para espalhar-se através dos prados pascigosos, definhava agora em chavascas grossos e sujos, cobertos de *cola* de sorro, atolado no inverno, espasmado de verão nos *paradouros* sem pasto".

Paraíba: trecho de um rio que não pode ser navegado. Vem este vocabulo do tupi *pará* — rio, caudal e *ahyba* — ruim, imprestavel, propriamente inavegavel. E' termo usado de preferencia nos Estados do sul.

Parajás: o mesmo que *pirajás*, definidos por Gastão Penalva "chuvas sagueiras, nuvens do estio que passaram, e tombam no mar como um pranto rapido do céu choramingas" (Gente de mar". Aos parajás se referiu o illustrado Almirante Raul Tavares, em trabalho lido na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro ("Revista". Tomo XLI — 2.º semestre), dizendo que são as chuvas rapidas, assim chamadas porque, com a mesma rapidez que cáem, passam".

Paraná: ou *Paraná-mirim*, termo da Amazônia, que apelida uma das obras mais caprichosas da "engenharia cyclopica do Amazonas" como aprouve dizer da sua dinamica potente o espirito brilhante de Raymundo Moraes. Tais são os braços menores, mais ou menos caudalosos, em que se dividem os rios amazônicos, em virtude de ilhas que neles se formam. São uma espécie de canais laterais, em tão grande quantidade no Rio-Mar que, juntos aos lagos marginaes, às ilhas numerosas, aos furos, permitiriam navegar desde o oceano até os confins do país, sem nunca penetrar na madre, como de uma feita escreveu o sabio Capistrano de Abreu. O *paraná-mirim* ao contrario do furo, "volve sempre ao leito principal de onde se esgalhou".

Paranapauã: assim se designam na bacia do rio Cuminá, affluente do rio Trombetas ou Oriximina, grandes bandos de borboletas. Registou-o o sabio botânico brasileiro A. J. de Sampaio em sua "A Flora do rio Cuminá" publicada no vol. XXXV dos "Arquivos do Museu Nacional".

Paranista: Valdonairo Silveira ("Os Caboeiros") emprega esta palavra para designar os filhos do Estado do Paraná, os paranaenses. Regista-o Candido de Figueiredo (4.ª ed.) com o mesmo significado.

Pararaca: termo de uso principalmente em S. Paulo e Minas, registado por Valdomiro Silveira, para designar o lugar, nos rios, em que a agua passa rapida sobre pedregulhos, estrondando. Nelson de Senna cita as *pararacas* dos rios Sapucaí-Grande e Patanaíba, em Minas Gerais. As *pararacas* correspondem às *corredeiras*, *corridas*, *carreiras*, ou, segundo a expressão suggestiva dos mineiros, às *aguas puladeiras*. Segundo Jorge Hurley o vocabulo *pararaca* traduz-se por *chifres d'agua*, aguas que sobem e pulam, superpondo-se em "chifres", na concepção selvagem, ao nivel do rio. Vem de *pará-mar*; rio, agua; *ra*-desinencia; e *aca*-chifre.

Paratudal: termo de uso em Mato Grosso e na Amazônia, ali peculiar à região do pantanal, aqui ao norte da grande planície, para designar o terreno coberto pelas árvores chamadas *paratudo*, que toçam de ouro na florescência, formando extensas manchas de rara beleza. A. J. do Sampaio (A Flora do Rio Cumirá) diz que, ao norte da Amazônia, são campos cerrados com dominância do *paratudo* (Tecoma caraiba. Mart.).

Parazeiro: nome que dão os habitantes da região tocantina, em geral maranhenses e goianos, de Alcobaça para cima, aos filhos do Pará, aos paraenses. Encontramos esta referência à pag. 164 do volume de Ignacio Baptista de Moura — "De Belém a S. João do Araguaya".

Pardavasco: assim se chama na Bahia, em Goiás e em alguns Estados do Sul ao individuo resultante do cruzamento do negro com o mulato. Às vezes designa apenas um pardo escuro ou carregado. Não tem razão Candido de Figueiredo quando diz que é mestiço de negro e indio: este é o *cafús*, *curibóca*, *cabaré*.

Pardo: Jayme de Séguier regista a palavra *pardo* como substantivo com a significação de mulato e Candido de Figueiredo, que só a regista como adjetivo, diz: "que tem cor intermédia a preto-branco". Entretanto, na Bahia, *pardo* é um tipo de mestiço, isto é, o filho do branco com o mulato ou vice-versa. O pardo já é produto de um subcruzamento. Refere esta significação o Dr. J. B. de Sá Oliveira, em seu interessante opusculo "Evolução Psychica dos Bahianos", à pag. 24, onde se lê: "Anatomicamente os brancos da Bahia estão entre os pardos e os descendentes directos dos portuguezes não mestiçados". Em nota desta pagina e da pagina 56 define pardo o "filho de branco com mulato, ou de individuo proximo àquella especie".

Parcdão: termo usado em Mato Grosso para designar ribanceira elevada de um rio, muitas vezes talhada a pique. Severiano da Fonseca ("Viagem ao redor do Brasil". 2.º vol. Pag. 163), escreve: "dão o nome de *parcdões* às orlas do rio quando elevadas e abruptas qualquer que seja a rocha que a forme". Segundo informa Coriolano de Medeiros o termo *parcdão*, na Paraíba, é usado no sentido de cordão de recifes no fundo do mar ("O Barração". 1930 — Pag. 108).

Parelho: termo do sul, campo que se distende plano, sem ondulações. A formação identica no Paraná se denomina *chato*, segundo Rodolpho Garcia.

Pari: termo geral, designativo de estacada feita nos rios, apoiada por dois grossos varões que atravessam a corrente de um barranco a outro e em geral para apanhar peixes. — Registado por Teschauer, que acrescenta que os lugares mais proprios para os *parís*, são as corredeiras.

Parnaibano: além de apellidar os filhos do Município piauiense de Parnaíba, este nome se applica ao vento geral que sopra rijo em certa época do ano, ao longo do curso inferior do rio Parnaíba. "Só quando as aguas debaixo da pressão do vento geral, denominado ali — *Parnaibano* — tomam outra vez um curso mais regular, restabelece-se o canal" (Relatorio acerca da exploração do rio Parnaíba, por ordem da Presidencia da Provincia do Piahy pelo Engenheiro em comissão do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dout).

Paraára: nome que designa o cearense ou nordestino que emigra para a Amazônia, voltando depois à terra natal. Rodolpho Theophilo, um dos maiores espiritos do Ceará, escreveu um bello e comovedor romance sob este titulo, no qual narra, ao vivo, "scenas da vida cearense e amazonica". Flage'ado pelas sêcas, que, de quando em quando, martirizam a terra dos "verdes mares bravios", o cearense emigra para a Amazônia, lá realizando a obra formidavel de *brocar* as selvas impenetraveis da grandiosa baixada. Atraído pelas falsas promessas dos *agenciadores* dos proprietarios de seringais, o sobrio sertanejo parte para Manaus e daí para os centros e vae colonizando a planicie distensa, onde correm o Amazonas e os seus tributarios. Realza um estupendo trabalho de exploração de terras ignotas, formando uma "população tropical, audaciosa, energica e genuinamente brasileira — que, de uma feita, culminou na conquista do Acre". E' este o fenomeno de emigração interna mais relevante do Brasil. Idéssonso Albano gravou numa das paginas do "Mané Chique-Chique" a imagem da moderna epopéia do cearense, "escrita com tinta de sangue, mas em letras de ouro". Deriva do tupi: a dição *oára* denota frequencia, estado, naturalidade; por isso se diz *Maraió-oára*, o da ilha de Marajó, *Pará-oára*, o do Pará: é o que informa o Cel. de engenheiros Francisco Raymundo Corrêa de Faria, grande conhecedor do tupi. Em observação ao que registamos na "Onomastica", escreveu-nos H. J. Hurley: "Na baixada amazonica, *Paraára* significa o mesmo que paraense, isto é, filho do Pará, como *Cametá-oára* o que nasceu em Cametá; *Marajoára*, o filho da ilha de Marajó, etc. No nordeste é que ha o costume de chamar ao nordestense que vem da Amazônia *paraára* na accepção pejorativa e errada de falso paraense, quando deviam chamar — *parúrãna*".

Parrudo: alcunha depreciativa applicada aos portuguezes. Registrou-a Pereira da Costa que a abona com os seguintes passos: "Angola, o degredo dos *parrudos* criminosos" (America Illustrada — 1872); Chico era celebre *parrudo* da rua da Gloria... (A Derrota n.º 16 de 1888).

Partido: registado por Beaurepaire-Rohan, com o sentido de certa extensão de terreno plantado de cana de açúcar. O termo é

usado nos Estados produtores de açúcar. Neste sentido já era usado no tempo colonial como regista Antonil (verdadeiramente João Antonio Andreoni S. J. conforme descobriu Capistrano de Abreu e reassegura A. Taunay) no seu preciosíssimo livro "Cultura e Opulencia do Brasil... "São de Antonil os seguintes passos que colhemos entre muitos: "Dos senhores dependem os lavradores que tem *partidos* arrendados em terras do mesmo engenho, como os cidadãos dos fidalgos"; "pois taes são na verdade quando se desentranhão para trazerem os seus *partidos* bem plantados e limpos com grande emolumento do engenho"; "Sobre todos porém os que se devem haver com maior respeito para com o senhor de engenho, são os lavradores, que têm *partidos* obrigados á sua moenda"; "Por isso he necessario comprar cada anno algumas peças (escravos) e reparti-las pelos *partidos*, roças, serrarias e barcas".

Passador de gado: assim chamavam no Nordeste aos homens que eram encarregados de levar as boiadas do sertão para as feiras onde eram vendidas, sobretudo para as de Pedras de Fogo, em Pernambuco, que se tornou famosa pela soma de negócios ali realizados. Pereira da Costa define: condutor de boiada das fazendas de criação para o seu destino por conta do fazendeiro, acompanhado pelos aboiadores e tangerinos. É um tipo mais ou menos desaparecido, graças ás vias de comunicação mais rapidas que se vão estabelecendo. João do Norte escreveu a respeito deste tipo uma das belas paginas de sua "Terra de Sol". No S. Francisco baiano o termo *passador* designava o vaqueiro ou *camarada* que guiava a boiada na travessia a nado de um rio. Vale transcrito o seguinte trecho de Capistrano de Abreu em seu livro "Caminhos antigos e povoamento do Brasil", a pags. 81 e 82: "No tempo do intrepido Frei Martin já se realizara uma invenção que agiu de modo extraordinario sobre a nossa historia e a modelou em parte. Um genio anonimo, tunu'o que nunca será conhecido nem visitado, inventou o meio de passar o gado nos rios caudalosos. Na passagem de alguns rios, informa Antonil Andreoni no seu livro sobre a "Cultura e Opulencia do Brasil", um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra ás rezes o vão por onde hão de passar".

Passageiro: regionalismo gaúcho que apelida o patrão de balsa ou canoa para a travessia dos rios que não dão vau. "Esse serviço é de grande utilidade; graças á extrema habilidade do passageiro, as diligencias, e outros carros pesados, são transportados de uma para outra margem, sobre uma balsa ou duas canoas, a despeito da correnteza dos rios". (Lassance Canha — "O Rio Grande do Sul". Pag. 402). Romaguera Corrêa, registando-o no seu "Vocabulario Sul Rio-Grandense", acrescenta ter ouvido empregar varias vezes — *passairo*.

Passo: termo do Rio Grande do Sul, registado por Callage e Roniaguera, designativo de lugar de passagem habitual no rio ou arroio, onde atravessam os viajantes, quer embarcados, quer a cavallo ou a *belapé*. No norte do país se chama passagem, termo português, como se pode ver nos Dicionários da Língua. Darcy Azambuja, à pag. 33 do seu "No Galpão", usa da palavra *passo* com o sentido indicado: "A estrada pesada, com a lama vermelha, peguenta como grude; os passos cheios e o minuano enregelado assobianco na palha da carreta, e semanas inteiras de cêo de chumbo a escorrer em chuvaradas". Em Mato Grosso e na bacia do Paraná a palavra *passo* tem o sentido de remoinho, voragem que se forma em curvas fluviais. No livro de João de Talma — "Da Fornalha de Nabucodonosor...", à pag. 110, ha o seguinte trecho: "Apertados num canal de rochas vulcanicas, de quando em quando, rasgando com a quilha, num impeto, um remoinho voraginoso, que aqui chamam "*Paso*", iamos contemplando de um lado a costa paraguaya e do outro a do Brasil". Com este mesmo sentido encontramos em varios trechos do livro "Viagens e Caçadas em Matto Grosso" do Commandante Pereira da Cunha, pag. 88, 89 e 90.

Pastizal: argentinismo que, no Rio Grande do Sul, é usado para designar lugar onde ha muito pasto; pascigo de boa e abundante forragem. Encontramo-lo em varios escritores rio-grandenses, como sejam Alcides Maya, à pag. 26 da "Alma Barbara", Roque Collage, à pag. 79 do "Quêro-Quêro", Simões Lopes Netto, à pag. 14, do seu "Populario-Lendas do Sul". Vergara Martin também regista *pastizal* — terreno abundante em pastos (Dicionario de Voces y Términos Geográficos).

Pastorador: termo do Nordeste que designa os lugares em que se *pastorciam* ou se *pastorejam* (brasileirismo) os animais; pastagem. Também se diz *pastorcio no sul da Bahia*.

Pastorejo: o mesmo que *pastorador*, usado sobretudo no Rio Grande do Sul, conforme ensina Callage. Falando-nos deste termo, escrevem o General Borges Fortes: "Conservar o gado em *pastorejo*, isto é, vigiado pelos piães. Deixar a tropa em *pastorejo*. -- guardada à vista por um grupo de homens para que se não disperse. Pastoreja-se a boiada das carretas durante a sesteada e à tarde".

Patoral: termo usado em Santa Catarina, no sentido de terreno pantanoso e coberto de mangues. Empregou-o Vieira da Rosa, segundo nos informa o eminente Prof. Geraldo Pauwells.

Patrão: vocabulo que, além da commum significação, tem, na Amazônia, o sentido peculiar de chefe do *seringal*, o seu dono e responsavel. O *patrão*, diz Mario Guedes, em seu livro citado, pag. 97, "é, pelo proprio officio, um homem que conhece as mínimas particularidades do serviço, elle que em não poucos casos, começa como simples seringueiro. Nada lhe é estranho; nada

lhe escapa. E' antes do mais, um typo "seleccionado". "De feito, tem mais capacidade de trabalho do que a população em geral do seringa, ou pelo menos, tem melhor comprehensão do que seja trabalho. Além disso, possui uma certa dose de coragem physica, e mesmo moral, fóra do commum. A coragem physica, sobretudo, é exigida, como condição *sine qua*, pela energia que elle se vê obrigado a empregar, em meio de uma população quasi toda masculina, desprendida da familia que esbata e atenua os caprichos e azeitos (mão humor) do homem, num meio, em summa, de *cabras da rêde rasgada* (desbragados), como lá dizem no norte".

Patrias: apelido que se deu aos indios charrúas e a outros filhos das Missões que, em 1816, sob o comando do valoroso caudilho uruguaio Artigas, invadiram o Rio Grande do Sul. Informa Romaguera Corrêa que, na guerra da Cisplatina (1825-1828), assim chamavam aos argentinos e orientais, e que ainda hoje é usado em tom depreciativo de referencia aos platinos. Deste termo derivou-se *patriada*, que significa tropelia ou rebelião infructifera, como a des patrias de 1816. Segundo informação do General Borges Fortes assim se denominavam as forças civis que defenderam a legalidade na revolução de 1893.

Patriotas: designação que era dada pelos portuguezes, *corcundas*, nos tempos da Independencia, aos brasileiros, que desejavam a emancipação do Brasil e a dissolução do Reino Unido. Após a revolução de 1817, em Pernambuco, o termo *patriota* tomou um sentido pejorativo.

Pau de fumo: registado por Cornelio Pires em seu livro "As Estranboticas Aventuras de Joaquim Bentinho", pag. 144, designação pejorativa de negro.

Paulicêa: Beaurepaire-Rohan ensina que é nome poetico do Estado de S. Paulo. Teschauer regista como apelido da cidade capital do Estado.

Paulista: nome dos filhos do Estado de S. Paulo, o qual não seria aqui registado, se não fosse a distincção que fazem entre *paulista* e *paulistano*, este o filho da cidade de S. Paulo, capital do Estado. A homonímia determina, sem duvida, a necessidade de um gentilico diferente para apelar o natural do Estado e o da capital. Vide o que a respeito do gentilico paulista escreveu Afonso de Taunay em sua abundosa "Historia Geral das Bandeiras Paulistas", tomo 1.º, pags. 131 e 132.

Paulistano: natural da cidade de S. Paulo, capital do Estado do mesmo nome. E' o antigo *piratiningano*, como lemos em Beaurepaire-Rohan, assim batisado pelo fato de ficar a cidade de S. Paulo nos famosos campos de Piratininga.

Pau-rodado: segundo lemos no "O Brasil Tragico" de Sylvio Floreal, assim chamam, pitorescamente, em Cuiabá (Mato Grosso).

nos que vem de fóra e procuram fixar residência na mesma cidade. O autor cita lo explica, entre pags. 125 e 126, a origem da alcunha: "Nas aguas desse rio (o Cuyabá) cahem perennemente troncos e galhos de arvores. E os madeirames, ao sabor da correnteza, vão boiando, vão singrando, vão rolando. Nesse rolar perdem as arestas, as frondes e as cascas. E amarellecidos, lívidos, como cadaveres, vão ao sabor de morteante da fuga das aguas, parando aqui, redemoinhando acolá, desfilando ora lentos, ora apressados, encalhando na calma das curvas, ou esgueirando-se pelas corredeiras dos *corixos* e dos *igarapés*. Ao cabo de varios maltratos, depois de uma longa ciganagem por sobre o dorso das aguas que perennemente se avolumam devido a quantidade de afluentes, confluentes e defluentes, passando por peripécias eguais áquellas por que passa um viajante que se propõe aportar na Capital do Estado, os miseros paus proseguem ao acaso. Um dia, aquelle galho ou aquelle tronco completamente desnudado, desganhado e *desnodado*, branco, escorregadio, lizo pelo trabalho persistente dos limos que o começam habitar, encalha inesperadamente num porto. Esse porto é Cuyabá. O Cuyabano agarra neste estadulho lixado pelas aguas e exclama: — Eis aqui um "pau rodado", e passa a appellar de "pau rodado" a todas as caras novas e extranhas que, ao contrario daquelle pau que se tornou rodado, porque descia o rio, tornou-se duplamente rodado, porque para chegar até lá, tiveram que lutar com os arreios do rio abaixo. . . Vimo-lo também empregado por Hernano R. da Silva em seus "Garimpos de Matto Grosso", a pags. 116: "os cuiabanos denominam os alienigenas de *pau rodado*, depreciando-os como individuos de maus costumes e sem valor, como que as inutilidades que são carregadas pelas enxurradas. . .".

Pavuna: registado por Teschauer, com o sentido de vale fundo e escarpado, e como tal empregado pelo Visconde de Taunny no seguinte passo: "Os bandidos atiraram o cadaver pelo barranco abaixo naquella *pavuna* tão funda da estrada real". Explicando a sua etimologia, Theodoro Sampaio diz que é corruptela de *pab-una*, contração de *pabu-una*, a estancia preta, o lugar escuro. Termo do sul.

Peçaça: vocabulo de origem tupica, que, segundo Theodoro Sampaio, se compõe de *pé* e *açaba*, e significa "o porto", o lugar onde vem ter o caminho, a travessia do caminho". E, á pag. 98 do seu "O tupi na Geographia Nacional" (3.^a Ed.) escreve o venerando mestre: Quando os caminhos desciam até o mar ou grandes rios navegaveis, ao extremo desses caminhos, ordinariamente um porto, davam os tupis o nome *apçaçaba*, que quer dizer — sahida ou travessia do caminho, e de que, por corruptela, se fez *peçaça*. . . Encontramo-lo na "Paulistica" de Paulo Prado, a pag. 5, onde se lê: "Outra vereda, deixando a *peçaça* do rio Cubatão, sabia do porto de Santa Cruz, subia a serra também chamada de Cubatão, procurava a passagem do Tutinga. . .".

Eugenio de Castro, em excelente artigo publicado no "Jornal do Commercio" de 12 de Setembro de 1837, fala dos *peças-portos*, que se fossem grandes se chamariam *peçaçuços* e se velhos ou antigos *peçaçugúrus*.

Peador: brasileiro do norte, grafted por alguns *piador*, designativo de lugar, onde se peiam os animais, deixando-os a pastar (Candido de Figueiredo); pastagem, malhada. "Vára levar o seu cavallo ao piador e lá cahira para não mais se levantar". (Prado Ribeiro — "Vida Sertaneja". Bahia, 1927. Pag. 219).

Peão: em português é o individuo que anda a pé. No Brasil, maxime no sul e em Goiaz, vem a ser justamente o contrario, ou seja o campeiro ou *gaúcho*, amansador de cavalos, domador. No Rio Grande do Sul não se emprega somente neste sentido restrito. Consoante a lição de Romaguera e Callage, o termo *peão* applica-se a todos os serviços da estância, empregados no serviço do campo e em outros misteres da fazenda. É o mesmo que *conchucado*. Callage diz mais: *Peão* e o termo empregado em todo o Estado, quer na cidade, quer na campanha, e diz respeito a todo e qualquer empregado de infima categoria. Amadeu Amaral registra *pião*. A pag. 37 de "O Voqueano" narrativa regional de Appolinario Porto Alegre, lemos: "Chamou-o, e não obtendo resposta, mandou seis dos peões ou capangas, que o seguiam, atirarem, fazendo-os incontinenti embarcar".

Peça: antiga denominação de escravo no Brasil. Lemos nos "Dialogos das Grandezas do Brasil": "É necessario que cada engenho tenha 50 peças de escravos bons e 15 ou 20 juntas de bois com seus carros aparelhados".

Pechelinguero: nome que, nos tempos coloniais e nas lavras diamantinas de Minas Gerais, se dava a uma classe de contrabandistas que conseguiam passar os diamantes para fóra da demarcação (linha de limites do distrito diamantino), apesar de quantas medidas fiscalizadoras postas em pratica pelas autoridades, principalmente pela "Intendencia dos Diamantes", criada em 1734. O Dr. Joaquim Felício dos Santos assim os define em suas notáveis "Memorias do Districto Diamantino da Comarca de Serro Frio", à pag. 185: "Entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capanguciros* ou *pechelingueros*: era a dos que faziam o commercio de *capanga*, isto é, os que, com pequenos capitães, compravam aos *garimpeiros* pedras, isoladas ou pequenas partidas para vendel-as aos exportadores".

Pé de chumbo: designação depreciativa dos portugueses nos ultimos tempos coloniais e primeiros anos após a emancipação, equivalente a *gulego*, *moullongo*, *sapatão*, etc.

Pé de pocira: expressão muito comum no Nordeste para designar individuo de baixa condição. Registra-a Coriolano de Medeiros nas "Notas" apensas no seu livro "O Barracão" (Recife. 1930).

Pedra de fígado: designação que, na margem direita do rio Paraíba do Meio (Alagôas), se dá a uma variedade de quartzo de côr avermelhada, tendo um aspecto da viscera que lhe deu o nome (Alfredo Brandão — "Viçosa de Alagôas". Pag. 197).

Pedra de regulação: expressão garimpeira das Lavras Diamantinas da Bahia, empregada por Alberto Rabello à pag. 46 dos "Contos do Norte", o qual nos deu a seguinte definição: "Limite estabelecido para início da maior valorização das pedras. Assim, o carbonado que excede de oito grãos e o diamante que excede de um quilate (4 grãos) têm regulação e gosam de melhor preço que as pedras de peso inferior, embora da mesma qualidade".

Pedra grossa: nome que, no linguajar dos garimpos da Bahia, se dá ao diamante ou carbonado de peso ou valor acima do que habitualmente dá a mineração. "Há por allí umas lavagens que podiam ser repassadas. O coração me diz que allí ha *pedra grossa*. Tenciono lá ir, logo neabado o serviço da grúna" (Alberto Rabello "Contos do Norte" — Pag. 47).

Pedral: têmo usado na Amazônia para designar um amontoado de rochas e pedras que embarçam a navegação. No Maranhão, segundo Antonio Lopes, assim se diz da praia pedregosa nas cachoeiras.

Pedra-larrada: vide *letreiro*.

Pedra morta: denominação que, entre os ribeirinhos do Araguaia, se dá às pedras cobertas de agua quasi ao nivel do rio, sempre perigosas à navegação. Encontramos a expressão numa narrativa publicada no "Correio da Manhã" de 4-10-936, a respeito do acidente que registou a expedição de D. Pedro nos sertões do Brasil (1936).

Pedra-pintada: vide *letreiro*.

Pedraría: o mesmo que *pedral*.

Pedra-riscada: vide *letreiro*.

Pedras: alcunha dos liberais em certa zona do S. Francisco baiano (Chique-Chique e Assuruá), nos tempos da monarquia. No "Relatorio" apresentado pelo chefe de policia da Bahia, a 16 de Novembro de 1878, ao Presidente da Provincia que era, então, o Barão Homem de Mello, lemos o seguinte trecho: "Existem allí (Chique-Chique) dois grupos politicos conhecidos por — Pedras — e outro por — Marrões — os quaes se hostilizara ha muitos annos por odios particulares, que augmentando-se nas epochas eleitoracs, occasionam terriveis acontecimentos".

Pedras coradas: segundo lemos no "Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos" do illustre Prof. da Politécnica do Rio de Janeiro, Everardo Backheuser, assim denominam a região que abrange o distrito mineiro, dos Municipios da Arassuaí, Teofilo Ottoni e Minas Novas, onde são encontradas grandes

jazidas de pedras semi-preciosas coloridas, como topázios, turmalinas, aquamarinas ou águas-marinhas etc. Esta região se prolonga pelas terras vizinhas da Bahia.

Pedreira: além da significação geral de lugar ou rocha donde se extrai pedra, tem este vocabulo, em Santa Catarina, o sentido de trecho muito pedregoso numa estrada. Informação do Pe. Geraldo Pauwells.

Pedregal: o mesmo que *pedral* ou *pedraria*, na Amazônia occidental. Usa-se também no sentido português de lugar em que ha muitas pedras.

Pedrista: nome que, nas Lavras Diamantinas da Bahia, dão ao grande comprador de diamantes. Vimo-lo referido à pag. 68 da "Memoria Historica e Descriptiva do Municipio de S. João do Paraguassú por Gonçalo de Athayde Pereira (Bahia — 1907).

Pé-duro: termo usado no sul da Bahia, especialmente no vale do Jequitinhonha (informação de Arnaldo Vianna), que abrange todo o qualquer trabalhador rural. Às vezes é empregado no sentido translativo de *tabaréu*; homem mal educado.

Peito-largo: o mesmo que *capanga*, *quatro-páns*; valentão a soldo de alguém para tropelias. E' de uso frequente no Nordeste. Rodolpho Theophilo registou-o na "Lyra rustica" com o sentido de comental de confiança e coragem. "No sertão são os *peito largos* ordiçariamente grandes facinoras. Dizia o senheiro do senhorio: não ha remedio senão suportar os seus despotismos, elle tem *peito largo* de entranhas de onça".

Peja: é o término dos trabalhos da safra, o ato da parada do engenho de açúcar. Usado na Bahia e no Nordeste. Vide *Boláda*. Já escrevia o Padre Antonio Vieira em carta de 5 de Agosto de 1684: "A phrase com que no Brasil se declara que os engenhos não moem, é dizer que *pejaram*"... (Cartas do Padre Antonio Vieira - Tomo II — Pag. 133 — Ed. 1854).

Peludo: nome que, nos tempos coloniais, era applicado aos mineiros ou *geralistas*, porque eram, como diz Nelson de Senna, rudes e desconfiados; equivalente a *biribas* e *baétas*. Hoje é alcunha dada aos soldados das forças policiaes pelos cangaceiros chefiados pelo facinoroso Lampião: vimos esta referencia no livro de Dias Ferreira — "A marcha da columna Prestes" à pag. 182".

Pendurado: termo usado em S. Paulo para designar terreno em declive muito forte, muito íngreme. Deu-nos esta informação A. Taunay, que assim exemplifica: "Plantar em *pendurado* é condemnar as arvores a ter curta vida, pois que não havendo o que contenha as águas, dentro em breve pem-se-lhe as raizes à nostra". Provavelmente alteração da antiga palavra portuguesa — *pendorado*, registada por Candido de Figueiredo no seu "Diciona-

rio" (4.^a edição), onde se lê: "Pendorado, adj. Ant. Dizia-se do terreno inclinado ou declive (De pendor).

Penitenciarios: nome dado a um dos grupos religiosos em que se dividia a população da cidade de Juazeiro (Ceará), onde dominava o Padre Cicero Romão Baptista; são, conforme vemos em Luetzelburg, os fanáticos, (similares aos fakires indús), que durante a Páscoa se disciplinam em sacrificio cruento.

Peonada: o conjunto de peões de uma estância. Termo rio-grandense do sul, registado por Callage e Romaguera. "Tudo ia bem na estância; noticias certas das forças não se sabiam; peonada e gado, em paz; era o principal, era tudo" (Rogue Callage. Quêro-Quêro" — Pag. 32.

Perambeira: vide *pirambeira*. "...pela voragem dos seus rastos, como tronco óco, podre e abandonado, perambeira abaixo, aos olhos insondaveis dos conectadores". (Ruy Barbosa. "Queda do Imperio". Introdução. Tomo I. Pag. 10).

Pé-rapado: alcunha depreciativa que os portuguezes deram aos revoltosos de Olinda, na guerra civil de 1710, em Pernambuco, conhecida na História do Brasil pelo nome de Guerra dos Mascates. Segundo um cronista do tempo este nome derivou do facto dos adeptos do partido de Olinda, havendo de tomar armas, punham-se logo descalços e à ligeira (Pereira da Costa). Da Bahia ao Ceará usa-se ainda hoje com o sentido de individuo pobre, de pouco valor; em geral o trabalhador da roça.

Perau: termo usado em todo o Brasil, mas com variantes de sentido. Mais geral é a significação de lugar profundo do mar, rio ou lagôa, proximo a praias ou margens, cujo fundo se não alcança e em que se não toma pé, ou simplesmente depressão do terreno proximo às praias ou margens. No Rio Grande do Sul, segundo Callage e Romaguera, designa precipicio, especie de *ita-imbé*, dando para um rio, arroio, ou mesmo para saugas fundas; barranqueiras de grande altura que formam despenhadeiros perigosos, em certos casos. "Ai! havia dias em que tinha vontade de se atirar de cabeça para baixo, olhos cerrados num dos *peraus* mais feios lá da rança" (Alcides Maya "Alma Barbara" Pag. 92). Afranio Peixoto, registando-o, restringe o sentido a pôço profundo dos rios, onde a agua parece parada e onde, às vezes, ha um torvelinto ou sorvedoiro. No Pará, usam este vocabulo para apellidar uma cova na areia, formada debaixo d'agua pela atrebentação das ondas, bem como, no dizer de V. Chermont, para nomear o canal de um rio (vide *pirau*), lugar onde nao se toma pé. Afirma Paulino Nogueira vir do guarani *iperau* — caminho falso d'agua, fundo, sumidou-ro d'agua. Todavia a etimologia é obscura.

Periantan: também grafado *piriantan*, *periatã*, *peryantans* e até *pariatan* (Taunay), termo usado na Amazônia, que nomeia uma aglomeração de canarana, encostada à margem dos rios, ou por

cles deslizando ao jeito de ilhas flutuantes levadas pela correnteza. Barbosa Rodrigues define: moitas de gramíneas e terra que se soltam das margens e são levadas pela corrente. José Veríssimo tratando desta acidente, informa que às vezes a canarana fica tão basta e emaranhada, que as onças se põem em cima para descer os rios. Outras vezes atravessam-se nos pequenos rios, e, com a terra e páus que a corrente arrasta, formam os chamados *barrancos* tão densos que é preciso muito trabalho de foice e machados para desfazê-los. Assim o viu José Veríssimo no Curupatuba. "Quando o rio transborda, que começa a descer ao som da corrente, na flôr da água, toda a sorte de corpos, de ilhas flutuantes, compostas de gramíneas, de nymphaeas, de galhadas, a gaiivota dá o signal, pois os *pr-siantans*, legitimo nome ao que o sulista chama *barrancos*, servem-lhe de pouso, são o seu barco, o seu transporte" (Raymundo Moraes — "Notas de um jornalista" Pag. 125).

Peris: terrenos que no inverno ficam cobertos d'agua, formando um lago florido, e no verão se transmudam em savana escura, sêca, com *torroçadas*, coberta de juncos sêcos, razão de seu nome, pois que, *peri* ou *piri* é uma gramínea propria do Pará e Maranhão. Entretanto, já lemos que, em Mato Grosso, chamam *peris* às depressões do solo formadas e reprofundadas pelas aguas que se escoam, regando a declividade do solo. "É um ruim pedaço de viagem, através das picadas de mato, dos *perizes* estorroados; depois S. Bento..." (Trecho de Raymundo Lopes, em artigo publicado no "O Jornal" de 27-11-1937, a respeito das palmeiras do Maranhão).

Peroba: sitio em que crescem reunidas as perobas (*Aspidosperma peroba*, F. All.), da familia das apocinaceas, grandes e preciosas árvores, cuja madeira se presta admiravelmente à construção civil. "Sessenta dias consecutivos dentro da mata fechada, sob a copa ramalhuda dos perobacs, compellido a viver na semi-obscureidade da sombra..." (Horacio Nogueira. — "Na Trilha do Grillo". Pag. 31).

Perós: assim afirmam alguns historiôgrafos, chamavam os ameríndios brasileiros aos portugueses, nos tempos coloniais. O insigne mestre João Ribeiro escreveu, a respeito da origem e do uso desta voz e da sua variante *Perotes*, excelente contribuição, recordando os trabalhos de Candido Mendes, o testemunho de estrangeiros que por aqui andaram, as obras de Thevet, Lery, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, Hans Staden ("Os Perós e os Maires").

Perús: alcunha dada aos legalistas pelos revoltosos da Bahia, na guerra civil da Sabinada em 1837. Os legais chamavam aos revoltosos *vaposas* ou *sabinas*.

Pestana de rio: expressão com que os caboclos do sul da República denominam as matas que sombrejam os rios. São as "ma-

tas ciliares" da geografia culta. Vinto-la empregada por Manoel Carrão, à pag. 71 do seu volume "Impressões de Vingem à Foz do Iguassú e Rio Paraná" (Curityba — 1928). A pag. 197 da "A Amazonia que eu vi" de Gastão Cruls, lemos o seguinte trecho: "E' curioso acompanhar aqui de cima a marcha do Parú, colleando para nordeste e tendo o seu alveo debruado ás duas margens por uma faixa de matto, ora mais pujante, ora mais mofina, mas que nunca desaparece. Só agora vejo como é exacto esse nome de *pestana*, com que se fez uso designar o anteparo da vegetação nascido à beira dos rios" "Com o decrecimento das plantas lenhosas de vultoso porte, vingam para Oeste, cada vez mais, os campos paleaceos e os sub-arbustivos, sob forma de *pestanas*, *galerias* ou *matas ciliares* dos rios (João Vampré — "O Tietê na Lenda e na Historia" 4.º artigo publicado no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, ed. de 20-6-1934).

Pia: vocabulo empregado no nordeste bahiano para designar as concavidades nas pedras onde se accumula a agua das chuvas. Ouvimo-lo a varios moradores do sertão.

Piaga: sacerdote entre os ameríndios do Brasil. O mesmo que *pagé*. *Piaga*, diz Theodoro Sampaio, é corruptela de *apiaga*, gerundio supino de *apiac*, o vidente, o que vê no futuro; é o feiticeiro ou pagé do gentio. Entretanto, Candido de Figueiredo escreveu que é "termo erradamente admittido por escriptores brasileiros, como Gonçalves Dias, illudidos por um erro typographico, com que se compôs a palavra *pagé* (Novo Diccionário da Lingua Portuguesa. 4.ª edição). Esta opinião do consagrado filologo é contraditada por Antonio Lopes, polygrafo maranhense, que nos escreveu em 26 de Março de 1928 o seguinte: "Posso affirmar que não houve engano dos escriptores maranhenses, acusados de uma confusão da palavra *pagé* com *piaga*. *Pagé* é legitimo termo popular maranhense, corriqueirissimo, para indicar curandeiro ou feiticeiro. *Paglança* é o officio de *pagé* e tambem se applica aos seus passes, rezas e intrujices ou rezas feitas por qualquer pessoa que exerça o officio. Na avifauna maranhense do littoral ha o *pagé*. Na geographia da costa maritima do Maranhão ha o Furo-Pagé, canal, a ilha do Pagé, denominações, como a da ave, mais antigas do que o uso attribuido por Candido de Figueiredo nos nossos escriptores".

Piassabal: terreno onde viceja em grande porção a piassaba (também piassava ou piassá), palmeira muito abundante no médio e alto Rio Negro do Amazonas e na Bahia, da qual se extrai uma fibra de côr avermelhada, propria para a fabricação de cabos, cordas, vassouras e capachos. Denominada "Leopoldinia Piassaba" por Wallace e "Attaléa Punifera" por von Martius, a piassaba é uma planta nativa do Brasil e da Venezuela. As piassabeiras vivem juntas em associação, contando-se por centenas ou milhares delas. "Ha piassabaes que pela sua densi-

dade e extensão são capazes de produzir mais de cem toneladas; porém o comum é encontrar-se em pequenos ajuntamentos de piassabeiras que produzem de cinco a vinte toneladas. A estes nucleos os extratores denominam *reboladas*, como a certo grupo de castanheiras numa mesma zona" ("Boletim Agrícola" da Sociedade Amazonense de Agricultura de 31 de Julho de 1928 - Pag. 13).

Piassabal mamaipóca: à pag. 19 do "Boletim Agrícola" da Sociedade Amazonense de Agricultura de 31 de Julho de 1928, encontramos esta denominação regional no seguinte trecho, em que se vê o seu significado: "Depois de cortadas, as piassabeiras tornam a dar fibra, e a esta nova fibra chamam *mamaipóca*. Assim, o piassabal, onde ninguém ainda trabalhou é chamado *virgem*; o piassabal cortado é *mamaipóca*. São precisos dez anos para se efetuar novo corte num piassabal já trabalhado, sendo a produção de menos de 10% (Anísio Jobim).

Picada: caminho estreito aberto nas matas e nos campos cerrados, trilho de penetração para o mais íntimo deles. Abrir uma *picada* é operação preliminar para a abertura de qualquer estrada. Quando o trilho é mais largo se denomina *picadão*: ao indivíduo que o faz se chama — *picador* ou *picadeiro*. É termo geral do Brasil. "Navegando o Amazonas e o Madeira, contornando as cachoeiras através de picadas, remontando o Guaporé, varando para o Jaurú e descendo o Paraguai, a artilharia de Coimbra viera trazida por centenas de léguas e através de mil obstáculos, trancada como se achava a navegação directa do ultimo rio, pelos espanhóis" (General Malan "Coimbra, a lendaria" na Revista Militar Brasileira, Janeiro a Março de 1927).

Picadeiro: termo usado da Bahia a Pernambuco para designar o espaço, no interior dos engenhos de açúcar, onde se despejam as canas que vão ser moídas. Nas paginas em que Mario Sette, aplaudido autor da "Senhora de Engenho", descreve o dia da *botada* (inicio anual da moagem), encontramos a seguinte referencia a este brasileirismo: "Tres longos apitos caeheram os arcs... Todos affluiram á casa da moagem. Nos *picadeiros*, carros enguirlandados despejavam feixes de cannas cheirosas".

Picapau: alcunha dada pelos federalistas (maragatos), na revolução de 1893, aos que militavam nas hostes do governo (R. Callage). Informa Romaguera Corrêa que "o feminino de *picapão* é a esquisita palavra — *picapôa* ou *picapaula*, quando se referiam a uma mulher adepta do governo republicano". Informa-nos o Padre Geraldo Pauwells que a origem da designação foi o fato de usarem as tropas do governo de um quepi azul vermelho.

Piçarra: nas Lavras Diamantinas da Bahia, este vocabulo designa terra branca ou lagoado mole, no fundo das *catas*; ha também piçarras amarelas e cinzentas. Noutros sitios o termo *piçarra* designa argila resultante da degradação do gneiss, graças à ação química da agua pluvial (Luciano de Moraes — "Serras e Montanhas do Nordeste" Pags. 13 e 52); argila mixta porosa (Domingos Vandelli. "Annaes da Bibliotheca Nacional". Vol. 20. — Pags. 266-276). Referindo-se à *piçarra* nos terrenos da mineração do ouro, Calogeras escreveu à pag. 113 do 1.º vol. do seu livro citado: "Sob a camada de seixos achavam-se argilas, ou schistes, rochas improductivas de metal, na maioria dos casos, a que chamavam *piçarra*; dahi nasceu o ditado indicador do esgotamento de uma jazida: "deu na *piçarra*". Vide o que diz a respeito deste termo Everardo Backheuser no seu "Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos".

Pichurum: termo usado no Rio Grande do Sul, com a mesma significação de *maricão* (Vide este termo).

Picum: alteração de *apicum*; *cume*, *pico*. Neste sentido usado pelos sertanejos da Bahia. Jorge Hurley informa que, no Pará, designa o caminho que nlaga com as marés da lua.

Pindaíba: no interessante volume de Hermanno Ribeiro da Silva — "Garimpos de Mato Grosso" — encontramos duas vezes este vocabulo com significação regional: a pags. 115 e 260, respectivamente: "Nas campinas, nos cerrados, ou nas esparsas nesgas de mato — *pindaibas*, que compõem a flora do planalto..." "Instala-se o acampamento á vista de farfalhante buritisa que orla uma *pindahiba* (oasis de mato) existente nas cercanias do alto do despenhadeiro". Neste sentido equivale provavelmente a *capão*.

Pindaibal: termo do Brasil central, que designa terrenos de vastas e profusas alas de árvores altas esguias, pertencentes à familia das *xilopias*, peculiares às matas paludosas, como a palmeira *buriti* (*Mauritia vinifera*). A grande abundancia desta palmeira toma o nome de *buritizal* e também *pindaibal*. Encontram-se, em geral, esses grupos nas nascentes dos riachos, onde a declividade é pequena e o terreno favoravel às formações turfosas, ou então à beira dos grandes rios, nos vargedos pantanosos. Tais informoes colhemos no "Relatorio da exploração do Sul de Mato Grosso" do Dr. Arrojado Lisboa, onde ainda se lê: "Um *pindahibal* espesso, com o seu verde carregado, salpicado de palmeiras *buritys*, destacando-se em cinta aparada no tapete de graminaceas de cores desmaiadas, tudo formando ilha, pela depressão de um pequeno valle, no taboleiro raso de ceura do secco, incolor, monotono, sem vida, é um dos quadros mais seductores que pode apresentar a paisagem destes sertões".

Pindobal: também *palmital*, designativo, no norte do Brasil, principalmente no Maranhão, do "floresta de palmeiras de côco de

macaco (babassú), quando ainda não desenvolvidas. Nessa fase tem a palmeira os nomes — pindobeira ou palmitoira, e a sua palha serve para a cobertura de casas. Quando se desenvolve, as suas imensas aglomerações tomam os nomes — *cocal*, *palmeiral*". Palavras de Antonio Lopes, do "Instituto de História e Geographia do Maranhão", em carta de 26 de março de 1928. Pereira da Costa regista o termo com o sentido de floresta da palmeira pindoba (*cocus australis*).

Pindorama: do tupi *pindo-rama* — a região ou o país das palmeiras, contração de *piudorctamo* (Theodoro Sampaio. Op. cit.), nome que, no dizer de Couto de Magalhães, a nação tupi-guarani que habitava toda a costa do Amazonas ao Prata, dava ao nosso Brasil litoraneo. Ao interior, acrescenta o *henemerito general*, não ocupado por eles, chamavam *Tapuïrama*, que significa — região de ranchos ou de aldeias: (O Selvagem — Pag. 271). (Theodoro Sampaio traduz *Tapuïrama* por país dos tapuias ou dos barbaros). De quando em quando, escritores e poetas recordam o nome de Pindorama. Assim, entre os primeiros, Henrique Silva, num artigo sobre o Folclore do Brasil Central.

Pinguela: termo geral, designativo de pau ou tronco que, atravessado de um lado a outro de um rio pequeno, riacho ou correjo, permite a passagem, como ponte. Diz muito bem Afranio Peixoto à pag. 152 da "Fruta do Mato": "Um tronco atirado, de uma a outra margem, fazia de ponte ou pinguela". "Foram despachadas as duas mulheres e, com suas tres praças, atravessou o intrepido rio-grandense o arroio sobre o grosso madeiro que fazia de pinguela" (Visconde de Taunay "Diario do Exercito" 2.º vol. Pag. 150).

Pinguelo: nome que aleunhava os sequazes do partido liberal no sertão da Bahia, nos tempos do Imperio. Vimo-lo registado e empregado por Afranio Peixoto e Gonçalo de Athayde Pereira. ("Memoria Historica e Descriptiva do Municipio de Lençoes" — Bahia 1910).

Pinguruto: termo usado no norte, no sentido de pico, cimo, cume. Ouvimo-lo frequentemente no interior da Bahia. Nos "Canaes e Logôas" de Octavio Brandão encontramos *pingurutas*, no seguinte trecho, à pag. 102: "Onde actualmente só existe um cajueiral tristonho e um araçiral de flores como gottas de sangue, ou então dunas altas e niveas cheias de *pingurutas* donde, afogadas no areal, emergem bombaceas maculando com seus troncos seccos e suas folhas baças a alvora divina, outr'ora era o leite de um brejo marginado de *quixabeiras* e *gagirás*".

Pinheiral: larga extensão de campo onde vegeta o pinheiro do Brasil (*araucaria brasiliensis*). Termo do sul, sobretudo do Paraná. Os castelhanos dizem *pinar*, *pinedo*, *pinçada*.

Pinta: registado por Teschauer, com a significação de amostra de jazida aurifera. Na obra magna de Pandiá Calogeras —

"As Minas do Brasil e sua Legislação", encontramos, à pag. 118 do 1.^o vol. a distinção entre *pinta pobre*, inferior a 5 réis ou 28 miligramas e *pinta rica* — superior a um vintem, ou 112 miligramas, tudo isto por batêada. Este termo já era usado no tempo de Antonil: vide o que ele a respeito escreveu à pag. 249 de sua "Cultura e Opulência do Brasil".

Pinturas: vide *lctreiro*.

Piôca: o mesmo que *tabaréu*, *caipira*, homem da roça. Encontramo-lo empregado pelo Visconde de Taunay. Usa-se também no norte de Minas (P. Souza Pinto). Daí *piocada*, reunião de *piôcas*, *caipirada*.

Piquá: registado por Afranio Peixoto, designativo, na zona diamantifera da Bahia, de cilindro ôco, feito de um gomo de taquara, ou cano grosso de perna, fechado à rocha na extremidade aberta, que serve para guardar diamantes. Candido de Figueiredo regista *picôá* ou *picuá*. Na Amazônia, significa balão, cesta ou saco para guardar roupa ou outros objetos domesticos.

Pique: Candido de Figueiredo regista *pique* como brasileirismo, dizendo que é o ato de picar o mato, para designar a direção dos atalhos chamados *picadas*. A definição não é bem clara. Fazer o *pique* é quasi sempre o trabalho preliminar da abertura de uma picada ou estrada. Chama-se também *pique* ao trilho estreito aberto nas matas, servindo não raro de atalho. É o que se verifica das duas citações que fazemos do livro de Dias Ferreira — "A Marcha da Columna Prestes", a pags. 92 e 108: "Este guia, segundo também se disse, teria sido, não um desertor da columna, mas um indio alli morador e que conhecia todos os *piques* ou atalhos no seio da grande floresta". "Picadas por aqui, da zona do rio Uruguay só existe aquella em que viemos. Do Pepery nem *piques* ha. Em todo caso continuo girando por quanto trilho existe á procura de picadas".

Piqueiro: assim se chama na Amazônia um dos auxiliares do *matcira* na abertura das *catradás*. Achada a primeira seringueira, que deve formar a *bêcz da estrada*, aí ficam o *piqueiro* e o *toqueiro*, até que o *matcira* dê o signal convencionado de haver encontrado outra. Feito isto, segue o *piqueiro* na direcção do sinal, procurando o caminho mais curto e assinalando a passagem com golpes dados nos ramos das outras arvores. O *toqueiro* segue atrás abrindo a estreita trilha que deve ligar as seringueiras (Arthur Orlando. "O Brasil. A Terra e o Homem" Pag. 263).

Piquete: termo peculiar ao sul do Brasil, até Minas e Goiaz, designativo de campo cerrado, com aguada e pastagem, onde se soltam os animais de serviço diario, de prontidão, como os *piquetes* militares. No Rio Grande do Sul, é o mesmo que *potreiro*. Informa-nos o General Borges Fortes: *piqueto* é um pe-

queno poteiro onde os animais ficam à mão para o serviço diário. Assim sendo corresponde à *malhada* do Norte. *Piquete* é também, na construção das estradas, a pequena estaca que marca os alinhamentos; a seu lado fica a *testemunha*, com o numero e a indicação do *piquete*.

Piracema: também *piracé*; no 1.º vol. dos "Arquivos do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal" de S. Paulo se define a *piracema* como a migração anual dos peixes, rio acima na época da reprodução. E Rodolpho von Yhering diz que *piracema*, na significação mais legitima do vocabulo, é o fenómeno da migração dos peixes, com seu aspecto de viagem feita em conjunto, em grandes cardumes (Da "Vida dos peixes" — 1920 — Pag. 109). E' termo geral registado por quasi todos os vocabularistas nacionais. A pag. 137 dos "Seringaes" de Mario Guedes, lemos: "Em certas épocas, apparecem as *piracemas*. A *piracema* é um cardume ambulante. Dahi o povo forma essas expressões a respeito de alguns factos: *Aqui tudo é de piracema* (em abundancia); *onda de piracema* (em grande quantidade)". E' termo de origem tupica, proviudo de *pirá* — peixe e *acem* — sair. Ao mesmo fenomeno se chama no sul da Bahia — *curso* e em Mato Grosso — *lufada* (Vide estes termos).

Piracicaba: registado no vocabulário de Rodolpho Garcia como regionalismo paulista, designativo de lugar que, por acidente natural no leito dos rios, como seja um salto ou queda d'agua, não permite a passagem de peixes, sendo por isso favoravel à pesca. Vem do tupi *pirá* — peixe e *cycaba* — tomada, colheita.

Pirajá: termo usado pelos maritimos no litoral da Bahia e também dos Estados nordestinos para designar aguaceiros repentinos e curtos, acompanhados de ventania. A respeito, escreveu o Dr. Henrique Morize, em sua notavel "Contribuição ao Estudo do Clima do Brasil", 2.ª edição, 1927, pag. 39: "Existe no oceano, na altura dos Abrolhos, curioso phenomeno denominado *pirajá* que consiste no seguinte: estando 3 a 4 decimos do céu encobertos por nuvens esparsas e pequenas, do typo cumulus, com aspecto que no Rio de Janeiro seria de bom tempo, subitamente cahê um aguaceiro fugaz, que algumas vezes dura poucos minutos e se pôde reproduzir com intervallos de sol brilhante. De bordo de um navio, vê-se, a curta distancia, desprender-se de uma daquellas nuvens a chuva que cobre pequena área do mar, ao redor da qual o tempo é excellente". Tratando da floração do eajuairo, Paulino Nogueira, no seu "Vocabulario Indigena em uso na Provincia do Ceará", escreveu: "Floresce em Agosto e Setembro, fructifica em Dezembro e Janeiro. Por isso vêm logo no começo do verão leves aguaceiros chamados *pirajás*". José Feliciano de Castilho na "A Grinalda Ovidiana", que se segue aos "Os Amores de Ovidio Nasão" (Paraphrase por Antonio Feliciano de Castilho), à

pag. 433, fala dos *pirajás* da Bahia, como sendo ventos: "... sem contar uma caterva de ventinhos endêmicos, para uso de cada localidade, como os *pirajás* da Bahia e os *monomocaios* de Moçambique".

Pirambeira: termo regional de Minas Gerais, designativo de ribanceira abrupta, especialmente à beira dos rios; *desbarrancado*; margem alcantilada. Gustavo Barroso empregou-o por extensão no seguinte passo dos "Heróis e Bandidos", à pag. 239: "Durante algum tempo, foi o maior empecilho aos trabalhos de prolongamento da "Great-Western Railway", no sertão de Pernambuco, peor que *pirambeiras* a pique, desfiladeiros pedregosos, rampas abruptas, socacos seculares de granitos e gneiss, alagados, varzeas apauladas". Monteiro Lobato nos "Urupês" à pag. 127 escreve: "Pincaros arriba e *perambeiras* abaixo, a serra do Palmital escurece da mattaria virgem, sombria e húmida. ." Horacio Nogueira, no seu livro "Na Trilha do Grillo", à pag. 50, escreve: "Além, num lombo de serrôte, talvez buscando o bebedouro, o gemido guttural e cavernoso de uma onça — alentado jaguar, o monarca do sertão — reboou na mata, correspondido por outro gaguejo (ronco mascado), além da *pirambeira*".

Pirangueiro: pescador contumaz, que vive sempre à beira do rio ou das lagoas de anzol à mão. Termo usado no sul: diz-se também *pirunheiro*. Rodolpho von Yhering escreve em seu livro citado: "Junto á cachoeira do rio Mogy-Guassú, em Emas, Piras-ununga, ha um pequeno arraial de pescadores — os *pirangueiros*, como se diz nessa zona paulista". No Pará, segundo informa J. Hurley, *pirangueiro* é o que se inicia no comércio com pequena casa, cujo sortimento anda sempre esgotado.

Pirapanema: lugar nos rios em que o peixe é escasso: do tupi — *pirá* — peixe e *panema* — ruim, imprestavel. Registado por Theodoro Sampaio.

Piraquara: alcunha com que se designam os moradores das margens do rio Paraíba do Sul, cuja occupação predileta é a pesca. Depois da vulgarização retumbante dos "Urupês" de Monteiro Lobato, passou a ser aplicado aos habitantes do interior do Brasil, como equivalente a *capiau*, *tabaréu*, *caipira*. Amadeu Aniaral que regista *piracuara*, define: "o habitante das margens do Parahyba". Segundo Theodoro Sampaio, *piraquara* — de *pirá* e *quara* é o buraco do peixe, a loca, confundindo-se muitas vezes com *piraguara* — o comedor do peixe, o pescador. Beaurepaire-Rohan aventu a hipotese de vir do guarani *piraqué* — pele dura e, figuradamente, se applica ao homem porfido, tenaz, teimoso, qualidades estas que cabem perfeitamente aos que se entregam à pesca.

Piraquera: termo amazonense, que traduz a pescaria feita à noite com o auxilio de fochos, usando o pescador sobretudo a fis-

ga. Registado por C. Teschauer, que o abona com um trecho de Gastão Cruls na "Amazonia Misteriosa".

Piratiningano: gentilico que antigamente designava os filhos da cidade de S. Paulo (Beaurepaire-Rohan), pelo fato de ficar a cidade de S. Paulo nos campos de Piratininga. Hoje em dia, porém, já se emprega o termo de referencia aos filhos do Estado de S. Paulo. Menotti del Picchia, no seu comovente testemunho "A Revolução Paulista" (S. Paulo, 1932), à pag. 163, assim o emprega: "Essa campanha (a do ouro) foi a maior prova do desinteresse *bandeirante*. Foi o indice de uma mentalidade superior. Os *paulistas* tem uma alma de ouro. Provas de generosidade desse padrão só raramente se verificam na historia. Talvez nella mesma, com a expressão collectiva que á campanha deram os *piratininganos*, não se registre exemplo igual".

E, à pag. 178: "Foi com sua tenacidade que o *piratiningano* organizou sua colossal lavoura cafeeira, esperando, paciente, os quatro anos necessários á colheita dos primeiros fructos".

Piratinis: cognome pelo qual eram, às vezes designados os republicanos do Rio Grande do Sul (1835-1845), alcunhados *farrapos* ou *farroupillhas* pelos legalistas ou *galegos*. Originou-se o apelido do nome da cidade de Piratini, também grafado Piratinin, que foi a "muito leal e patriótica" sede do governo da Republica Rio-Grandense. Encontramo-lo referido na "Memoria" que, a respeito da guerra farroupillha, escreveu o legionario da mesma Manoel Alves da Silva Caldeira, publicada pela primeira vez na "Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul" (Anno VII — III Trimestre — 1927 — Pags. 376 e 377). Eis um dos trechos: "Netto tinha derrotado a Jeronymo Jacintho com a primeira Brigada e vinha muito ufano pelo triumpho que tinha obtido e chegando elle a Piratiny entregou o officio de Bento Gonçalves no Ministro Almeida para responder e Almeida respondeu o que o Netto quiz, cuja resposta fo. a seguinte: Diga ao Bento que enquanto tivermos mil *piratinys* e dois mil cavallos, a resposta é esta — e bateu nos capos da espada com a mão direita". Nesta mesma "Memoria", vimos empregado com o mesmo sentido o termo *piratynucuses* (Pag. 403).

Piráu: talvez alteração de peráu. O que é fato é que, assim grafada, encontramos esta palavra, como termo da Amazônia, designativo do canal de um rio onde geralmente se apanha muito peixe.

Piri: terreno alagadiço, onde vegeta abundantemente a graminea *piri* (*Cyperus giganteus* — Vahl). Beaurepaire-Rohan informa que, no Maranhão, usam este vocabulo no plural - - *pirizes*; F. Raja Gabaglia diz que é *peris*. Parece que *piri* é o mesmo que *peri*, no plural *peris*, *pirizes*, tudo a indicar a região bre-

josa onde se eria uma especie de junco que dá paina delicada. E' o mesmo que *pirisal*.

Piririca: vocabulo que, em S. Paulo, designa pequena cachoeira, corredeira ou rapido. Encontramo-lo varias vezes citado nos trabalhos da operosa "Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo". Na Amazônia, segundo informa V. Chermont, nomeia as "pequenas ondulações á superficie que, nos rios ou lagos tranquillos, faz o pirarucú e alguns outros peixes e pelas quaes o pescador se guia para arpoal-os. Esse ondular de aguas feito pelo peixe se diz em Thésos — *carujar*, segundo informe do Dr. Ruy Penalva.

Pirizal: termo da Amazônia e de Mato Grosso, designativo de espaço de terreno, alagadiço ou não, onde predomina a vegetação de *piri* ou *peri*, juncal. Vide *piri* e *pantanal*. Raymundo Moraes que o registou em seu livro "O Meu Diccionario de Couas da Amazénia", define: "terreno baixo, humido, recoberto de gramíneas. Brejo, charco. A tabúa, conhecida por *cypercus giganteus* no mundo científico, é o principal elemento vegetal desses trechos alagadiços". Os *pirisais* cobrem os pantanaes do Paraguai, seus afluentes Aquidauana, Taquavi, Itiquira, Cuiabá, etc. (Lima Figueiredo — "As Fronteiras do Brasil").

Pirizes: o mesmo que *piri*, *pirizal*.

Piroaba: também *pyroaba*, como escreveu o Senador Pompeu. Vide *chura de cajú*.

Piroca: vegetação arborea rala, xerófila, nos pedrais de rio. Registado por A. J. de Sampaio em sua "A flora do Rio Cuminá", em varios trechos: essa vegetação dá idea de pequena *catin-ga*, á beira de mata exuberante (Pag. 62); a denominação segundo o General Rondon se estende até Mato Grosso (Pag. 89); semelhante ao *bambuzal* de outras zonas da Amazonia e a *char-ravascal* (Pag. 91).

Piruruca: registado por Beaurepaire-Rohan e Rodolpho Garcia com a significação de saibro grosso e claro, de envolta com pedras miúdas, abundante no leito de alguns correços. Termo mineiro. Á *piruruca* chamam, ás vezes, *cangica* e também *pururuca*.

Pitimboia: Rodolpho Garcia regista-o como termo alagãoano, designativo de terreno sito no litoral, ao alcance dos mares, convenientemente cercado para reter os peixes; curral de pesca. Beaurepaire-Rohan apenas dá o sentido de certo aparelho para auxiliar a pesca dos "amarões, por meio do jereré. Octavio Brandão, em seus "Canaes e Lagóas", a pags. 170 e 186, emprega-o no sentido de curral de pesca.

Piuval: termo usado em Mato Grosso, segundo informação do Dr. Arrojado Lisboa, para designar um dos agrupamentos ve-

getais do pantanal, caracterizado pela piuva (*Tecoma campestris*). (Vide *pantanal*).

Planchada: à pag. 67 do livro de Silveira Netto — "Do Guayrá aos Saltos de Iguassú", lemos: "Os grandes troncos uma vez abatidos são rolados pelas *planchadas*, grandes clareiras abertas á margem do rio, até ao nível d'água, onde se reúnem após formando balsas extensas, como longo estrada sobre a agua, para descerem demandando o porto de Posadas, ao impulso de uma lancha a vapor".

Planço: registado por Macedo Soares no sentido de planície, vargent de extensão não mediocre, nas terras altas ou baixas. É uma grande extensão de terreno mais ou menos plano, sem atenção á altitude, sinão á extensão mais ou menos consideravel do terreno. E em abono cita os seguintes passos colhidos na "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro".-1848 — no cap. "Noticia Geographica da Capitania do Rio Negro": "É um grande, excelente e belo *planço*, com belos pastos e praias de areia branca". "São regadas dos mencionados rios as suas abas e *planços*, pelo que se tornam fecundos para qualquer genero de plantío".

Poaia: nome que, em Mato Grosso, dão á região das matas ricas em ipecacuanha, como por exemplo as que orlam o Sepotuba. A ella se refere o Commandante Pereira da Cunha em seu livro citado, pag. 80.

Poaieiro: designativo dos individuos que se entregam á colheita da poaia ou ipecacuanha, pipaconha ou papaconha, raiz de planta silvestre, em Mato Grosso chamada "raiz de ouro". Ha, entretanto, grande quantidade da mesma rubiacca em Minas Gerais, São Paulo, Goiaz, Amazônia, Bahia e Espirito Santo. A pags. 231 e 232 do livro de Dias Ferreira "A Marcha da Columna Prestes" lemos: "Durante essa penosa travessia pelo seio das florestas, foram encontrados varios acampamentos e ranchos abandonados que pertenceram aos *poaieiros*, homens que se empregam na colheita da poaia ou ipecacuanha para fins medicinaes e se internam nas matas por extensões enormes, assinalando nos troncos das arvores a sua passagem para não se perderem no regresso. Innumeros são os perigos a que se expõem estes destemidos aventureiros, passando longo tempo mettidos para o interior das selvas immensas, em contacto quasi diario com as feras e serpentes, perseguidos pelas pragas dos mosquitos e sujeitos ainda a perderem o rumo e não mais encontrarem os seus ranchos".

Poção: segundo V. Chermont, é o lugar, no feito de um igarapé, rego ou lago, onde a profundidade é maior; dá-lhe também o significado de lagôa. Parece que o illustre vocabularista restringiu demasiado o sentido da palavra na Amazônia. Os *poções* encontram-se nos rios e também nos furos. A pag. 54 do

"Na Planície Amazonica", de Raymundo Moraes, onde ele descreve as 80 milhas dos furos de Breves, lemos: "Os tufos de verdura cintados de gramíneas, de aningas, de mangues, de jarys, tão pequeninos, tão lindos, perdidos nos poções, accendem desejos de ceifal-os para os jarros decorativos das salas". E, à pag. 56, falando da antiga derrota da navegação pelo furo Paranhú, refere o poção dos Macacos, entre Breves e o Aturiá. No vale do Tocantins, segundo Carlota Carvalho, em seu livro "O Sertão" (Pags. 229 e 230) chama-se poção um vasto remanso, onde as aguas do rio têm um momento de quietude, em que parece lago profundo, cujas aguas se movem brandamente em giro circular.

Pombeiro: nome que, no tempo do tráfico dos negros e na Africa, se dava aos encarregados de ir aos sertões africanos buscar a "mercadoria do ebano", como por escarneo se nomeava a sua gente infeliz. O vocabulo passou ao Brasil no tempo em que aqui se praticava também o tráfico dos indigenas. Extinto o condenavel e ilícito comercio, o nome de *pombeiro* passou a denominar, em certas regiões do Brasil, os homens que vão ao enalço de criminosos pelas matas e sertões, especie de espíões que servem para orientar a força publica. Noutras regiões, designa negociante ambulante de certos productos. Em Alagoas, segundo Hildebrando Luna, significa revendedor de peixe, empregando-o no seguinte trecho de seu livro "Marés de Amor", à pag. 87: "Começou a se reunir na praia um mulherio bulhento, para a mercancia do tostão de sardinha, enquanto os *pombeiros* descansando as gauellas, davam palpites sobre o lance." Explica-lhe o sentido no "Elucidario" anexo ao referido livro. O vocabulo é de origem africana, oriundo do radical — *pombe*, que significa mensageiro. Euclides da Cunha empregou-o à pag. 229 do "Os Sertões" (2.^a ed.) com o sentido de positivo, camarada — no seguinte trecho: "Peiores que os *geraes*, onde ficam varios, às vezes, os mais utilidos *pombeiros* sem rumo, desnoiteados pela uniformidade dos planos dilatados, as paisagens succedem-se, uniformes e mais melancolicas mostrando os mais selvagens modelos, engravecidos por uma flora aterradora".

Ponta: (1): termo geral, registado por Moreira Pinto, com o sentido de lugar de um rio onde a passagem é difficil. Diz-se *ponta forte* quando a corrente do rio se torna muito precipitada e, às vezes, com queda notavel, em razão das pedras, ramos de arvores, troncos caídos, que se estendem pelo meio do álveo. Falando de uma *ponta forte* do Araguaia, o explorador Rufino Segurado, de quem tiramos a noção supra, diz: "O rio neste lugar é muito estreito e corre por entre rochedos muito altos o que difficulta o puxar-se os barcos á corda, unico meio de conduzi-los, em consequencia da grande correnteza e muitos *rebojos* que se encontram com muito perigo dos barcos".

Ponta: (2) substantivo que muito correntemente se emprega no Brasil com o sentido de pequena porção de animais. Registam-no Beurepaire-Rohan, que o atribue de uso peculiar ao Rio Grande do Sul, e os vocabularistas *gaúchos*. Todavia é também muito usado no nordeste. Ouvimo-lo varias vezes nos sertões da Bahia. Afranio Peixoto empregou-o na "Bugrinha" à pag. 94 da 2.^a edição: "Papae quer saber se lá chegou uma ponta de gado, da Cravada, que ha duas semanas comprou e não entregaram até agora". E Aurelio Domingues o emprega no seguinte passo de "O Último Tyndárida", à pag. 43: "O que Zé Felipe queria era poder no inverno ir ao sertão, ver a sua *pontinha* de gado que vagava lá pelas terras de um parente afastado". Em um artigo publicado no "Jornal do Comercio" de 25 de Outubro de 1936, sob o titulo "Vida de Tropeiros", A. Taunay escreveu: "Havia tropeiros que efetuavam a viagem sem se deterem onde quer que fosse. Outros, porém levavam as suas *pontas* de tropas ou de boiões chueiras ás 12 vernadas de Lages e Curitibaes, onde permaneciam assás longamente".

Ponta d'agua: termo usado na bacia do S. Francisco, principalmente na Bahia, designativo das grandes correntezas que os rios têm nos lugares em que desenham voltas apertadas e rapidas. No litoral do Pará, segundo Jorge Hurley, assim se chama à reponta da maré, na qual vão, de bubuia, os baixacús, os tralhotos, siris e bagralhões mariscando no tijuco.

Ponta de linha: termo geral do interior do Brasil designativo dos sitios até onde chegam os trilhos das vias ferreas; ultima estação de uma estrada de ferro. À pag. 4 da "Selecta Caiçara" de Cornelio Pires, lemos: "Só o brasileiro é capaz de desbravar os nossos sertões — e para tanto é preciso ser um "forte" — e cultivar as fertilissimas terras, carregando em lombo de burro os productos de suas colheitas para o mercado, para as "pontas de linha", não se deixando vencer pela falta de estradas". Segundo nos informa Sud Mennucci, em S. Paulo, designa-se — *ponta dos trilhos*.

Pontal: extensa e delgada lingua de terra que penetra mar a dentro e é formada pelo material movel da praia, distinguindo-se das demais saliencias do litoral pela formação. *Pontais*, escreveu o grande geologo J. Branner, são praias de construção ou extensas linguas de terra construidas, estendendo-se da costa por dentro da agua. Quando o material moveção da praia — areia, seixos, etc. é varrido ao longo pelas vagas, até alcançar uma curva da costa na direção da terra, o material moveção da praia é depositado na agua morta, na curva da costa. A acumulação destes materiais forma uma extensão delgada da praia que é conhecida pelo nome de *pontal* (Geologia Elementar. 1.^a Ed. Pag. 53). Em carta de 2 de Fevereiro de 1920, escreveu-nos Sud Mennucci: "Em S. Paulo, onde não consta

haja pontais marítimos (pelo menos do conhecimento do publico), conhecem-se muito os *pontais* fluviais, linguas de terra nas confluências dos rios, denominação essa oficial nas cartas topograficas". Consigna este termo no seu "Glossario" o Prof. Everardo Backheuser, que acrescenta à noção de Branner o seguinte: "Os pontaes são ás vezes recurvados para o continente e outras vezes lhe ficam completamente perpendiculares (sendo chamados *agulhas*) e outras vezes ainda se transformam em istmos, quando se formam entre uma ilha e o continente". Segundo informação do Marechal Gabriel Botafogo, no Rio Grande do Sul, assim chamam ás linguas de terra que entram pelas lagoas ou que se encontram nas fozes dos rios.

Pontão: termo que tem, segundo nos escreveu o Padre Geraldo Pauwells, no planalto sul-brasileiro, sentido regional. "E' o contrario de rincão: este é uma lingua de campo que avança mato a dentro; aquelle é uma lingua de mato que se adianta em meio do campo".

Pontas: termo de uso no Rio Grande do Sul, para indicar as nascentes de um rio ou arroio. Beaurepaire-Rohan e Romaguera informam que se lhe dá também o sentido de extremidades superiores de um curso de agua. O termo é, neste sentido, de origem platina: *puntas* na Argentina é o mesmo que cabeteiras, nascentes ou extremidades superiores de um rio ou arroio (Vergara Martin) "Os peores campos são os que marginam os rios Uruguay e Ibiembé e os das *puntas* do arroio Ibirapuitan (Terra Gaúcha — n.º 26).

Ponteiro: no Rio Grande do Sul, assim se chama ao peão tropeiro ou campeiro que marcha à frente da tropa ou do gado para guia-los no caminho a seguir. Nos sertões de S. Paulo e Paraná designa o *picadeiro* da vanguarda, o caboclo que vai à frente da turma penetradora da *sertania* virgem abrindo a *picada* ou trilho. "Seis da tarde. E a foice do *ponteiro* ainda batia firme cortando, cerce, os eipoaes e os arbustos, na abertura da *picada*". (Horacio Nogueira "Na Trilha do Grillo". Pag. 58). Na Paraiíba e em Pernambuco, segundo Coriolano de Medeiros, significa *espião*. ("O Barracão" Pags. 30 e 108).

Ponte seca: é, segundo informe de Sud Meauucci, como se chamam em S. Paulo, aos viadutes sobre precipícios, em cujo fundo normalmente não corre agua.

Popoiro: nome pelo qual se designa o piloto das canoas que navegam os rios do Brasil em geral. "Dois canoeiros (*popoiros*), um piloto (*popoiro*) toda a tripulação. Num celere e uniforme vai-vem, por meio de compridas varas que fincam no alveo do rio, imprimem: os primeiros marcha veloz ao oscitante esquife. Atrás, maneja o piloto, á guiza de leme, largo remo, com o qual orientando o rumo, equilibra e auxilia o impulso" (Af-

fonso Celso — "Vultos e factos" — Impressões do Jequitinhonha — 1882).

- Poperi:** encontramos este vocabulo registado no "Lexico de Lencunas" de A. Taunay, com o significado de barraca provisoria em que os seringueiros da Amazônia defumam o latex após a extração. Talvez alteração de *tapiry* cu *pupiry*, já registados.
- Pororoca:** nome onomatopaico de eufonissimo fenómeno, peculiar a alguns rios da Amazônia, caracterizado por ondas de volume majestoso que, detadas de vertiginosa velocidade ao lado de ruído trovejante e assustador, se enovelam em direcção á montante do rio, devastando tudo que encontram deixando nas margens os sinaes patentes de seu poder destructivo. Barbosa Rodrigues definiu a *pororoca* nestas simples palavras: "encontro das altas marés com a corrente dos rios que, ao passar por baixios, produz arrebenção com estrondo". A *pororoca* manifesta-se nos rios — Amazonas, Araguari, Maiaçaré, Guaniá, Capim, Mojú; também no Mearim do Maranhão. Fenômeno identico observa-se em muitos rios do mundo com designações peculiares: os francezes que o têm no Gironde, Charente, Seine, denominam *mascaret* e *barre*; os ingleses registam-no no Tamisa, Severn e Trent com o nome de *bore* e também no Hughly, uma das fozes do Ganges, na India; os portuguezes o observaram no Hughly e no Megna, braço do Brahmaputra, chamando-lhe *macaréu*; os chinezes eduram-no no Yang-tse-Kiang, com o apelido retumbante de *travão* e aí mesmo os ingleses chamam-lhe *cuger*. Produz-se ainda em rios de Borneo e Samatra; na America do Norte, nos rios Columbia e Colorado. A respeito da *pororoca*, é util a leitura de um artigo do sabio geologo americano John Branner, publicado na revista "Science" de Novembro de 1884, vol. IX, pags. 488-489, sob o titulo "*The pororoca or bore of the Amazon*". O intelligente missionario Abbé Durand fez da *pororoca* uma das mais flagrantes descrições que ainda temos lido: "Então o mar, quebrando a linha que lhe oppoem as aguas do rio, se empina subitamente e as repelle para suas fontes; em seguida invade em cinco minutos toda a embocadura, em vez de subil-a em seis horas. Emfim, uma crista de espuma apparece, ao longe, na direcção do cabo Norte. Adianta-se com a rapidez de uma tromba e cresce, desenrolando-se, até as ribanceiras de Marajó. Barulho surdo parece sair do fundo do oceano; dir-se-ia o trear longinquo do trovão misturado ao ronco descontinuo do furacão. A *pororoca* está apenas a dezena de kilometros. Chega, e este immenso vagalhão de 6 metros de altura calta, quebra-se sobre a Ponta Grossa, pinotôa na planicie e resalta nos ares em mil girandolas de espuma. O Araguary enche-se e transborda. A *pororoca* continúa sua corrida desenfreada por entre as ilhas; apertada, comprimida pelos estreitos, parece redobrar de violen-

cia; salta sobre os baixios, sacode a longa e alva erina que a brisa leva qual nuvem de neve, abate-se e ergue-se com máximo furor sobre os rochedos que parece pulverizar, sobre as ilhas que parece fazer desaparecer. Nada lhe resiste: arvoredos seculares são cortados, torcidas e coladas pelas ondas, entre os rochedos, com pedaços de terras arrancados dos flancos das ilhas e vestidos de forte vegetação. Tres vagalhões, ou melhor, tres muros ou diques gigantescos de agua se succedem deste modo em quinze minutos! São successivamente menos fortes e vão se perder atrás das ilhas, além de Macapá... Compreende-se então a justeza da expressão indigena *pororoca*, magnifica *onomatopéa*, daquellas que só se encontram nas linguas primitivas. As tres primeiras syllabas imitam, com effeito, o estrondo do caminhar do phenomeno, e a ultima exprime o embate violento das grandes vagas quebrando-se nas ribanceiras que devarta". (No livro cit. de R. Gabaglia, pag. 124). O nome *pororoca* é de origem tupica, gerundio-supino de *pororoy*, o que archenta com estronho, estrondante.

Portão: paredão a prumo na barra do rio; termo da zona do S. Francisco, empregado por Theodoro Sampaio, à pag. 27 do seu livro — "O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina": "O canal principal fica ahí (perto da cachoeira de Itaparica) do lado bahiano e tem uma queda de cerca de 8 a 10 metros, entre paredões tallados a prumo que aqui se denominam *portões*".

Porto-sêco: termo da baixada fluminense (Maricá), registado por Taunay, designativo de armazem de grande sortimento de mercadorias, venda de sêcos, molhados e fazendas, uma especie de bazar.

Posteiro: registado por Callage e Romaguera como termo do Rio Grande do Sul, que designa o empregado ou agregado de *estância* que, morando nos limites ou divisas do campo, zela por toda a extensão que lhe fica próxima, cuidando ao mesmo tempo não só do gado, como do *alambardo* (aramado, certa extensão do campo cercado por varios fios de arame). A casa em que mora o posteiro chamam *posto*.

Posto: nome pelo qual se designam, nos Estados do sul, as moradias primitivas nos campos afastados de uma *estância* ou fazenda, quasi sempre só habitada no tempo de tirar o leite e fazer o queijo, segundo informe do Padre Geraldo Pauwells, que nos mandou a seguinte frase: "O morro da Igreja (2.200 metros), ponto mais alto do sul do país, fica no *posto* dos Canhambóras". Roque Callage regista-o no seu "Vocabulario Gaúcho" como sendo a residencia, a morada do *posteiro*. (Vide este termo). Também o regista como brasileirismo Candido de Figueiredo (4.^a edição).

Potirom: voz paraense: vide *muxirão*.

Patreiro: vocabulo usado no Rio Grande do Sul, para designar uma certa extensão de campo adjacente às casas, cercado de arame ou com cêrcas vivas, com pasto e aguada, e que é destinada aos animais dos serviços quotidianos ou dos hospedes dos *estancieiros*. É o mesmo que *piquete* em Minas Gerais e *manga* na Bahia. Ha *potreiros* que se alugam aos viajantes na *campanha*.

Pousada: registado por Callage e Romaguera: aquele diz que, embora palavra portugueza, todavia, no Rio Grande do Sul não tem a ampla significação que tem em Portugal, designando apenas lugar que serve de descanso ou de pouso por uma noite em determinado sitio, no campo ou em casa de moradia. Alcides Maya, à pag. 72 da "Alma Barbara", escreve: "O pessoal da estancia e gente estranha, viajantes de pousada, reunidos debaixo do umbú velho, onde costumam brincar e onde, antigamente, se encilhava..."

Pouso: o mesmo que *pousada*. Em Goiaz, infortna Alcide Jubé, *pouso* "é o lugar onde o viajante descansa depois de certa jornada feita durante o dia; em certos lugares os governos municipais mandam construir casas para os caminheiros e quando não existem tais alojamentos os individuos procuram as fazendas". É nome generalizado no Brasil com este sentido.

Povoação: termo de significação bastantemente conhecida nas provincias da polioграфия, mas que, na Amazônia, nomeia às vezes uma porção de seringueiras reiridas na floresta.

Praça: nome com que os sertanejos de muitos Estados do Brasil criam as cidades ou vilas. "Desenrola as novidades, Poyunga, que hai de novo na praça?" (João Lucio. — "Bom Viver" — Pag. 65). São também muito usados os derivados *praceano* — proprio da cidade ou povoado, que vive na praça, e *praceista* — que mora na cidade, vila ou povoação, e, por extensão, o que é educado, mais civilizado que os moradores do campo. "Invejoso não era; mas quando apparecia alli algum forasteiro, gringo ou *praceista* elle esmerava-se em gauchismo, excedia-se de *a carullo*, chegava a exagerar um pouco, atrevido, provocante, as linhas de sua attitude" (Alcides Maya "Alma Barbara" Pag. 31). Nos sitios diamantinos e atriferos de Minas Gerais, chamava-se de primeiro *praça* ao trabalhador livre ou escravo empregado numa mineração em comuni com outros (J. Felicio dos Santos "Memorias do Districto Diamantino de Serro Frio" Pag. 203).

Pracuíbal: bosque de *pracuibas* (*Mora pracensis* D.) "Essa matta que pertence á varzea do Rio Amazonas assume proporções gigantescas em certos trechos de alluvião mais antigo, somente no alcance das marés mais altas (lançantes da lua): abundam individuos de *pracuiba* vermelha ou branca, conforme a cor variavel da casca, cuja altura excede certamente os 50 metros; a vegetação nesse *pracuíbal* como em toda a *varzea*

do grande rio está porém longe da inesgotável multiplicidade das espécies que observamos na já mencionada matta da *terra firme*". (Relatorios de Adolpho Ducke, na "Rodriguesia" Anno I — n.º 1 — Pag. 18).

Praia (1): no vale do Amazonas, assim se designa qualquer extensão do leito dos rios que formam corôas ou ilhas rasas, as quais ficam a descoberto, quando as aguas baixam consideravelmente. Em Mato Grosso, têm este nome as ribeiras dos rios quando apresentam talude consideravel. O vocabulo *praia*, no Rio Grande do Sul, tem a significação peculiar de *cancha* na charqueada, onde é esartejada a rez. Em Santa Catarina, segundo informe do Pe. Geraldo Pauwells, chama-se *praia* ao leito de um riacho coberto de cascalho e calhaus.

Praia (2): designação de um partido politico constituido em Pernambuco em 1840, sob o programma das ideias liberaes, assim denominado pelo fato de ficar situada na rua da Praia, hoje rua Pedro Afonso, a tipografia do "Diario Novo", seu orgão de publicidade, que appareca em 1842 (Pereira da Costa). Daí o nome de *praieiros* dado nos seus sequazes. Segundo refere Pereira da Costa dando-se em 1848 uma cisão no partido, ficou o grupo dissidente com o nome de *Praia Nova* e com o de *Praia Velha* os antigos liberaes radicais. O partido, após o malogro da revolta *praieira*, foi reorganizado com o titulo de Partido Liberal.

Praia-barreira: vide *restinga*.

Praia de cambão: também chamada *praia de duas cabeças*, sistema formado por duas praias comuns, situadas na mesma margem, e separadas por um pequeno trecho de barranco. É a definição que se encontra no vocabulario apenso à "A Amazonia Mysteriosa" de Gastão Cruis, que emprega este termo, à pag. 17 do mesmo livro: "Ao escurecer, depois de quatro horas de vingança, abicamos numa *praia de cambão*."

Praia de duas cabeças: vide *praia de cambão*.

Praia de tempestade: praia constituida por materiais que as tempestades lançam além do alcance das marés. As *praias de tempestade*, diz F. Raja Gabaglia, à pag. 158 do seu livro citado, "são formadas por materiaes arremessados, além do bante das mais altas marés, pelas ondas das tempestades. Estas praias formam, muitas vezes, atraz de si, lagos de agua doce ou de agua salobra e compell'em os rios perto da embocadura a darem longas voltas, para alcançar o mar. Não raras vezes no littoral, a embocadura do rio acha-se completamente fechada por semelhantes praias: é o *rio tapado*".

Praia de viração: expressão amazonense e goiana, que designa as praias fluviaes onde desovam as tartarugas, assim chamadas porque é nelas que se faz a *viração* das mesmas tartarugas. *Viração* é a captura da tartaruga, termo muito expressivo, por-

que consiste "em imobilizar previamente os quelônios, voltando-se de costas, para passar-lhes depois um fio pelas quatro patas". Couto de Magalhães fala constantemente em seus livros dessas praias no Araguaia. Segundo lemos na "A Informação Coyana" de Dezembro de 1927, as *praias de viração* chamam-se às vezes simplesmente *virações*. (Vide esta palavra).

Praiano: nome que designa os habitantes do litoral, da beira-mar, em opposição aos sertanejos, moradores do sertão. É termo geral. Diz se também *praieiro*.

Praia ordinaria: é, como definiu Rodolpho Carcia, a praia formada pelas areias e outros materiais, que orlam as terras, entre o nível das baixas marés e o ponto extremo onde chegam as vagas comuns. Termo geral.

Praias bravas e moles: também denominadas *grossas*, são as que contêm areias frouxas, tendo forte inclinação para o mar, em geral desertas, sem segurança para as embarcações, onde se anda com dificuldade, a não ser na linha molhada pelas ondas. Dição de S. Paulo.

Praias mansas e duras: em S. Paulo, assim se designam as praias de areias duras, firmes, sem grande inclinação, ótimas para banhos, oferecendo abrigos para as embarcações, constituindo boa estrada natural entre as povoações de beiramar: excelente pista para automoveis, diz o Prof. R. Paes de Barros de Casa Branca (S. Paulo).

Praieiro: o mesmo que *praiano*. Neste sentido, empregou-o Ronald de Carvalho, em artigo publicado no primeiro numero da Revista "A Bandeira": "Com a estrada de rodagem, communicando facilmente o sertão e o littoral, acabará ou ficará sensivelmente diminuido esse desconhecimento entre sertanejos e praieiros, esse alheamento perigoso dos dois grandes elementos da nacionalidade brasileira, origem de tantos e tão repetidos males". O termo *praieiro* é mais conhecido, entretanto, como alcunha dos sequazes do partido liberal em Pernambuco, no regimen monarchico que, em 1849, promoveu uma revolta contra as autoridades constituídas que pertenciam ao partido conservador, alcunhado de *quabirú* ou *miguclista*. A alcunha de *praieiro* vem do fato de ser na rua da Praia, hoje Pedro Afonso, que se achava a redação e tipografia do jornal que defendia os ideais do referido partido.

Prancheiro: nome que, em Mato Grosso, dão aos remadores das *pranchas* (canôas com cobertura de madeira), que se empregam na navegação de alguns rios da bacia do Paraguai. Encontramo-lo empregado num artigo intitulado "Nos Confins do Brasil", publicado no "Jornal do Commercio", da autoria do Dr. Joaquim Tanajura, membro da "Comissão Rondon": "Nas épocas da estiagem, sómente as *pranchas* lhe sulcam as aguas (as do Sep-

tuba), tão escassa é a sua profundidade e tão arriscadas as suas corredeiras, estas, o terror dos *prancheiros* e dos praticos, que já se familiarizaram com o seu conhecimento". As pranchas vingam as corredeiras a custo de *zingas*, que são varas apropriadas que "os prancheiros manejam collocando uma extremidade no fundo do rio e apoiando a outra sobre os musculos peitoraes".

Prato: medida de capacidade para cereais no interior da Bahia. Dicionarizou este vocabulo A. Taunay que o encontrou na "Chapada Diamantina" de Theodoro Sampaio.

Preseiro: individuo que, na fabricação da fatinha de mandioca, manuja a prensa. "O benço da prensa, abaixando vagarosamente por meio de um alto parafuso (cuso na linguagem sertaneja), feito de grosso cerne, movido pelo *preseiro*, pesa no brinquete que vae empurrando o chaprão (corruptela de pranchão) sobre a massa" (Gustavo Barroso).

Pretinha: registado por Affonso Taunay, na sua "Collectanea de Falhas", publicado no N.º 45 da "Revista de Língua Portuguesa", com o sentido de *informação* de diamantes. É termo da zona diamantifera do rio das Garças, no Estado de Mato Grosso.

Pretoassa: assim se chamam os albinos no Brasil. Registado por Teschauer, que cita a seguinte frase tirada do "Marquês de Barbacena" "Os albinos são os que nós, no Brasil, chamamos — *pretoassa*..." Em Goiaz, informa Alcide Jubé, chama-se *negro-aço*.

Primeiras-aguas: expressão com que, no Nordeste, se designam as primeiras chuvas que caem após o verão, em geral nas proximidades do dia de S. José (19 de Março), e daí por diante, época em que se fazem as plantações de milho, cuja colheita se realiza, por seu turno, antes de S. João (24 de Junho). A pag. 242 do 4.º vol. da obra "O Piauí no Centenario da sua Independencia", encontramos o seguinte trecho: "Em geral as *primeiras* aguas, segundo a linguagem local, começam em Novembro: chuvas torrenciaes, destacadas, com fortes descargas electricas: segue-se frequentemente o verão de mez ou mais; depois o inverno, propriamente dito, de Fevereiro a Abril". Numa poesia intitulada "Primeiras Aguas" de Candido Abreu (Bahia, 1822) encontramos a informação de que os sertanejos assim denominam as primeiras chuvas de trovoadas, em Novembro e Dezembro ("Almanach do Diario de Noticias" 1882 — Bahia). Registrando esta expressão regional, escreve Pereira da Costa: "As primeiras chuvas que caem no começo do anno, e tambem chamadas aguas de Janeiro".

Promombó: registado por C. Teschauer em seu "Novo Diccionario Nacional", significando maneira de pescar em noite escura, surprehendendo o pescador com o clarão de facho acceso os peixes que saltando espavoridos caem dentro da canôa. Abonando-o o sabio mestre cita os seguintes periodos da Revista "Chacaras

e Quintaes", n.º de Outubro de 1919: "O promombó é uma maneira de pescar nas noites escuras e consiste no rodar de uma canõa rio abaixo sempre encostada ás ribanceiras; no meio da tosea embarcação um dos pescadores sustenta um facho de luz, enquanto os outros vão batendo as capitivas e galhos d'arvores e arbustos que se debruçam n'agua. Os peixes surpreendidos pelo clarão do facho saltam, espavoridos, cabindo então dentro da canõa, atraídos pela intensidade da luz que os eega". Vem do tupi-guaraní — *trombombó*.

Puça: termo registado por Pereira da Costa, como designação depreciativa dada aos portugueses no periodo das lutas da Independencia Nacional — Abona-o com um trecho de Frei Caneca no "Itinerario" de sua marcha para o Ceará, acompanhando as forças republicanas vencidas da malograda Confederação do Equador — "na manhã de 13 de Dezembro seguiram para ir tomar quartéis na fazenda da Cachoeira, propriedade de um puça".

Puchação: registado por Peregrino Junior no "Passanga", com a significação de tração ou condução de madeira pela floresta. A pag. 129 deste livro de episodios e paisagens da Amazônia, lemos: "Depois, lavraram toscamente a madeira, collocaram-na sobre rolos e empurraram-na lenta e pacientemente por cima da lama resvaladia da picada, até á beira do igarapé. Era a puchação".

Puêra: termo usado no Pará, o mesmo que *ipeira*. V. Chermont, registando-o, informa: "depressão argilosa sêcca e dura no fim do verão, lagõa sêcca". Beaurepaire-Rohan ensina que, no Pará, significa lagõa lamosa, mas enxuta, que a cheia dos rios deixa no meio dos campos, quando chega a vazante. Pequeno palude sêco pelo sol nos campos (J. Velissimo).

Pulguedo: termo usado no Rio Grande do Sul, designativo de agrupamento de ranchos, de casas rusticas, habitações de gente pobre. Vim-o empregado nos seguintes passos do "Quêro-Quêro" de Roque Callage: "Ali do outro lado do Saycan, quasi na curta do rio, era o *pulguedo* do Anastacio: — meia duzia de ranchos perdidos no fundo socegado do campo" (Pag. 37). "Era elle quem mandava naquelle trecho de Santa Maria, pelo *pulguedo* além, até mesmo entre os lenheiros do outro lado" (Pag. 38). "Ao outro dia cedo, ella lá ficou proseando, ainda, á porta do rancho mestre do *pulguedo* (Pag. 42). "A ultima d'elle foi levantar com a Euphrasia na garúpa, e depois de dois mezes de posse pacifica atirar com a infeliz em São Miguel, num *pulguedo* de chinãs e soldados!..." (Pag. 87).

Pulperia: vocabulo hispano-americano, usado no Rio Grande do Sul, designativo de venda, pequena casa de negocio no campo, lugar de reunião dos gaúchos. "Não tinha feitio para andar gaudério, como muitos, vivendo encostado nas pulperias, ou de

estancia em estancia, de galpão em galpão, hoje pousando aqui, amanhã allí, mateando e churrasqueando de arriba" (Roque Callage — "Quêro-Quêro" — Pag. 119). Segundo escreve H. D. em seu precioso "Ensayo de Historia Patria" (do Uruguay), á pag. 258, "pulperia é esquina ou boliche rural; é ao mesmo tempo armazem, tenda, taverna, e casa de jogo".

Portuga: alcunha jocosa dos portuguezes em varias partes do Brasil. Também *portuga* (Pereira da Costa).

Yururuca: o mesmo que *pirurica*.

Yussanga: termo de uso corrente na Amazônia, designativo de feitiçaria, pagelança, remedio, mezinha, beberagem enfeitada ou de mau gosto. Com este nome publicou Peregrino Junior um volume de episodios e paisagens da Amazonia (2.^a ed. 1930. Rio). Ermayo Stradelli regista *Pussanga* como sendo remedio, medicina, feitiço que serve para livrar do efeito de outro feitiço. Segundo Camara Cascudo, para os antigos candomblezeiros baianos e cariocas, os velhos Pai do Santo, a pussanga é o ebô, o efô, ou melhor, o despacho ("Novos Estudos Afro-Brasileiros". Pag. 80).

Putirão: usado em S. Paulo; o mesmo que *muxirão*.

Putirom: usado no Pará; o mesmo que *muxirão*.

Putirom: idem, idem. É o *muxirão* ou *pichurim*. (Callage) do Rio Grande do Sul, o *muxirom* do Paraná e S. Paulo, o *batalhão* da Bahia, etc.



Quadra: termo registado pelos vocabularistas gaúchos; designa medida linear e de superficie. A medida linear tem 132 metros. A medida da área equivale a 17124 metros quadrados segundo informa A. C. Albuquerque Gusmão ("Tabelas de conversões das principaes medidas agrarias usadas no Brasil, em unidades do sistema metrico decimal"). Ainda no Rio Grande do Sul é usada a palavra *quadra* para designar a extensão tomada por base para as carroiras dos parelheiros (132 metros), tão costumeiras entre os *quascas*. À pag. 143 do "No Galpão", de Darcy Azanbuja, lemos: "Era no fundo da estancia. Campo sujo. Pela beira de um banhado estreito, cheio de caraguatás, encordoavam-se coxilhas pontilbadas de vassouras e santa-fé. Do outro lado, a varzea de quadras e quadras, carrasquenta, onde o cupim era praga e os caponetes ralos se succediam". Nos Estados do norte usa-se a *quadra* como medida equivalente a um alqueire mineiro. Ha, ainda no Rio Grande do Sul, a *quadra de sesmaria* (Vide esta expressão).

Quadra de sesmaria: segundo informe do General Borges Fortes é a medida de superficie comum no Rio Grande do Sul, equivalente a uma área de 871200 metros quadrados, ou seja uma quadra (132 metros), por uma légua (6600 metros). A *braça de sesmaria* é a sexagesima parte da *quadra de sesmaria*.

Quadrado: assim se chamam, nas antigas fazendas, ao conjunto das habitações da escravaria. Registado por Teschauer que o abona com um trecho de A. Taunay: "Este *quadrado* consta de miseraveis senzalas".

Quadrilha: localismo do Rio Grande do Sul que, segundo Romaguera, significa "certo numero de cavallos de diversos pêlos acompanhados ou acostumados a uma *egua-madinha*" (egua que com um cinorro no pescoço guia a um determinado numero de cavallos, obrigando estes a acompanhal-a — Callage).

Quadro: registado pelo venerando Rodolpho Theophilo, com a significação de espaço de terreno comprehendido num quadrado cujas faces tem 75 metros. Usado no Ceará.

Quartel paulista: Vide *alqueire de S. Paulo*.

Quebrachal: termo muito usado em Mato Grosso, que nomeia um bosque onde vegeta e predomina o quebracho (*Loxopterigium Lorentzii*, Griseb), árvore que fornece uma admirável madeira, incorruptível e duríssima, ótima para obras hidráulicas, e ainda excelente material tânico para o preparo dos couros. O nome desta anacardiacea vem da sua dureza: quebracho quer dizer — quebra machado.

Quebrada: termo que tem, no Rio Grande do Sul, um sentido peculiar, designativo de "volta de estrada ou do caminho, ao longe; os accidentes das baixadas do campo; volta dos *capões* ou mato ralo; o mesmo que *voltaçada*", segundo informa Callage. "Empenha-se o combate. O Pampa, verde e triste, vibra. O cebo repete, à beira das *quebradas*, o continuo estrugir das armas disparadas pela força imperial contra os tres bravos (Aurelio Porto. "A Epopéa dos Farrapos" na "Terra Gaúcha" — Setembro 1925).

Quebrador: assim se chama, no Pará, aos colheiteiros da castanha, pelo fato de serem encarregados de quebrar os ouriços e extrair as castanhas, conhecidas na Europa pelo nome de noz do Brasil.

Quebradouro: termo geral, designativo da parte da praia onde se dá a arrebenção das ondas. Registado por A. Taunay.

Quebra-quilos: nome dado aos sediciosos que, em 1875, fizeram um movimento contra as autoridades da Paraíba, por motivo da decretação de novos impostos estabelecidos pela Assembléa Provincial e da execução da lei do Imperio de 1 de Janeiro de 1871, que estabeleceu o sistema metrico decimal no Brasil. A revolta — *quebra-quilos* — irrompeu na Paraíba, Municipio de Campina Grande, na serra de Bodopitá, 4 leguas ao sul da cidade e daí se irradiou até pelas provincias vizinhas. Os rebeldes atacavam os povoados, as vilas e cidades e, onde quer que encontrassem os novos pesos, que eram para eles symbolos dos novos impostos, os arrebenavam, incendiando também cartorios e arquivos. Daí a procedencia do apelido.

Quebrança: termo muito usado no linguajar dos maritimos da baía de Todos os Santos para significar a fase das marés quando estas começam a ser pequenas, no curso das quadraturas. É frequente ouvir-se de marujos: "Ananhã a maré entra em quebrança" (Informação de Arthur Neiva).

Quebrar da barra: expressão muito frequente na linguagem dos sertanejos do nordeste, sinónimo de primeiras claridades da

manhã, alta madrugada. Vimo-la empregada na "A Fome. Scenas da Secca do Ceará", de Rodolpho Theophilo e à pag. 32 da "A Bagaceira", de José Americo de Almeida (Vide barra).

Queimada: no sentido de roça ou terreno que se queimou para a sementeira das lavouras é usado equivalentemente no Brasil e em Portugal; é regionalismo, porém, quando indica a parte de uma floresta ou de um campo que se incendia casual ou criminosamente. As *queimadas*, que, às vezes, formam clareiras nas matas, têm estragado grandemente a riqueza florestal do Brasil; facto sabido é que nelas apparecem especies vegetais ainda não conhecidas no lugar. "O gado vaccum fareja de longe as *queimadas*, cuja herva nova elle prefere ao capim maduro".

Queijeiro: termo goiano, sinónimo de *caipira*, *tabaréu*, pessoa do interior, que não mora nas cidades. Registado por Cornelio Pires n.º "As Estramboticas Aventuras de Joaquim Bentinho", à pag. 122.

Querencia: termo gaúcho, de origem castelhana, que a principio designava o lugar em que um animal nascia, se criava, ou se habitava, empregando se hoje, por extensão, à terra de uma pessoa, aos seus lares, penates, sinónimo então de *pagos*. Manoel de Carmo, nos "Cantares de minha Terra", foi quem melhor disse da *querencia*: "lugar onde se cria e vive um animal e ao qual sempre aspira onde quer que esteja e pelo qual relincha de saudade; mais expressivo ainda do que *pagos* (lares); tão expressivo para designar o rincão a que se aspira e pelo qual se chora, como a saudade o é para exprimir a lembrança triste que faz bem". Darcy Azambuja tem "No Galpão" um bellissimo conto em torno da *querencia*, que para o gaúcho é a sua terra, a varzea, a coxilha, a restinga, o rodeio, o arroio, a casa alegre, a paisagem amiga, o pago saudoso, nunca jamais esquecido. O termo *querencia* já se vai usando também no norte: V. Chermont, em 1905, registava-o em seu "Glossario" como neologismo. Bom será que se estenda por toda a longura do Brasil: sentimos nessa palavra um não sei que de subitamente evocador do beijo natal, do canto da terra que nos viu nascer e onde nos embalaram as primeiras trovas de amor, onde se nos abriram as primeiras claridades do sol da Patria e de onde fica para todo o sempre, cada vez maior no tempo e no espaço, a doce saudade dos dias que primeiro vivemos ao léu das visões encantadas da infância.

Quiçassa: grafado por Amadeu Amaral *quiçaca*, termo usado em S. Paulo e no nordeste, para nomear uma terra arida, chão ruim, cuja característica dominante é uma vegetação xerófila, mato baixo e espinhento, especie de "capoeira de paus tortuosos e asperos". Registado por A. Taunay.

Quilombo: palavra quimbunda que significa literalmente acompanhamento. No Brasil o nome *quilombo* foi applicado às habitações clandestinas de escravos que fugiam para o interior das matas

em alguns lugares ermos e distantes das povoações. Não raro tais habitações formavam aglomerações numerosas, sobressaindo na História do Brasil os famigerados Quilombos dos Palmares, em terras do actual Estado de Alagoas. De *quilombo* deriva o vocabulo *quilombóla* — habitante do *quilombo*: Vide esta palavra.

Quilombóla: habitante de *quilombo*, negros fugidos que se refugiavam no ermo das matas ou dos campos. Amadeu Amaral ensina que é termo literario, de que o povo nunca usou, empregando em seu lugar *canhembora* (Vide este termo e *calhambóla*). À pag. 212 do vol. 10 da "Geographia do Brasil", comemorativa do 1.º Centenario da Independencia, lemos a seguinte opinião de Nelson de Senna a respeito da formação deste termo: "Aos indigenas do Brasil foi tomada a expressão *canhimbóra* para designar o "negro fujão", (literalmente, *canhi m-bóra* — "o que tem por habito fugir"). "O nome foi completamente estropiado, na linguagem dos colonos, dando *Canhambóra* e a fórma extravagante — *Calhambóla*; e, como os escravos pretos fugiam para o *quilombo* (nome africano desse arraial ou valhaecouto de captivos negros), veio a se formar o hybridismo africo-tupi *quilombóla*, fusão do termo africano *quilombo* e do suffixo tupi — *póra* ou *bora* (alterado em *bóla*), que significa "morador". Aliás, assim horrivelmente deformado em *Caianbóla*, *Caianbóra*, *Calhambóla* ou *Cavanbóla*, como se achava o termo indigena *Canhambóra*, foi melhor que ficasse prevalecendo o hybridismo *Quilombóla*, aproveitado até na literatura mineira pelo romancista Bernardo Guimarães, na conhecida novela — "Uma lenda de Quilombólas".

Quimbembe: registado por Beaurepaire-Rohan, como termo peculiar a Pernambuco e Estados do nordeste, empregado no sentido de habitação rustica de familia pobre, choça, cubana. E' um africanismo que, no plural, tem também a significação de trastes de pouco valor, badutaques, cacarés.

Quinguingú: termo usado na Paraíba, designativo de pequena cultura agricola. Empregou-o José Americo de Almeida na sua "A Bagaceira", à pag. 183, no seguinte passo: "Lucio exhortava João Troçulho ao trabalho: — Porque não planta um *quinguingú*? — Não se tem fuga, patrãozinho: é no eito todo o dia que Deus dá". Também se emprega *quinguingú* no sentido de intriga, mexerico, segundo nos informou o mesmo autor (Carta de 28-4-928). Candido de Figueiredo (4.ª ed.) regista o brasileiro *quinguingú* com o significado de serviço extraordinario a que os fazendeiros obrigavam os escravos durante uma parte da noite. Neste sentido o registou Pereira da Costa, abonando-o com o seguinte passo de Vicente Ferrer: "O miseravel escravo, quasi nú, mal alimentado, trabalhava no eito de sol a sol, e ainda fazia à noite o *quinguingú*": é assim que grafa a palavra Pereira da Costa. E' vocabulo de origem africana, introduzido no linguajar dos engenhos de açúcar pelos negros africanos.

Quiriba: assim se designam no sertão maranhense os naturais da parte baixa do rio Pindaré. Colhemos este termo no "O Sertão" de Carlota Carvalho, à pag. 269. Num estudo de Raymundo Lopes, publicado no "Boletim do Museu Nacional", Vol. VII, N.º 3, à pag. 184, lemos *queribas* como alcunha dada pelos "Baianos" aos caboclos moradores da Baixada Maranhense (zona de campos, aluviões recentes), descendentes dos colonos e dos catecúmenos.

Quiriri: vocabulo tupi, muito corrente no dizer dos caipiras do Amazonas e Mato Grosso, designativo de silencio noturno, calada da noite. Beaurepaire-Rohan, invocando a lição de José Verissimo, que escreve *Kiriri*, diz ser substantivo que nomeia silencio, calada, socego noturno. Manoel Victor, em seu recente livro "Os dramas da Floresta Virgem" (2.ª ed.), à pag. 105, dá uma ideia mais perfeita do a que os caboclos chamam *quiriri*: "Em Mato Grosso, o silencio de chumbo que acompanha a noite nas proximidades da agua negra tem o nome de *quiriri*, como o chamam os nativos. O *Quiriri* apparece logo à primeira hora com a sua cohorte de espantalhos, de sustos, de surpresas, e não ha cerebro, por mais tranquillo, que o supporte". Theodoro Sampaio, em seu "O Tupi na Geografia Nacional", regista a palavra *quinini*, o mesmo que *quiririri*, empregado não só como substantivo — o silencio, o socego, o repouso, mas também como adjetivo silencioso, calado, taciturno. Assim também o faz Vicente Chermont que lhe dá o significado de solitario, deserto, silencioso, e apresenta o seguinte exemplo: "O lago esta manhã estava *quiriri*: não se enxergava nem peixe boiando, nem passaro pela beira". Angelo Guido, em artigo publicado na "Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul" — II Trimestre do Anno XVII, escreve: "*quiriri* — vocabulo intraduzivel que significa o misterio, a tristeza, a magia indefinida do anoitecer".

Quitanda: africanismo do quimbundo *kitanda*-feira, designativo no norte do Brasil, e em geral nas cidades, de pequenas casas de commercio de frutas e verduras e objetos caseiros; noutros pontos designa coletivamente os doces, bróas, biscoutos, frutas e legumes expostos à venda em tableiros, pelas ruas. Candido de Figueiredo (4.ª edição) ainda regista duas accepções: no norte do Brasil — estabelecimento onde se vende prata; em Minas — pastelaria caseira.

Quitandeiro: individuo que vende ou faz *quitanda*, diz Amadeu Amaral; dono de quitanda, revendedor de frutas, hortaliças, aves, peixe, diz Candido de Figueiredo.



Rabo-de-galo: nome pelo qual os *caipiras* de S. Paulo designam os cirros, que são nuvens brancas, características das altas regiões da atmosfera, numa altura de sete a onze mil metros, constituídas de pequenos cristais de gelo, formando um como véu de filamentos isolados ou de faixas compactas. As suas formas fizeram que os marinheiros ingleses as denominassem *mare s'tail* (rabo de jumento) ou *sea-tress* (cabeleiras do mar). A aparição dos cirros precede de ordinário toda baixa barométrica sensível, e, quando aparecem durante um bom tempo, este bom tempo está sempre comprometido. O fenómeno não é desconhecido pelo *caipira* de S. Paulo. — A pag. 59 do livro de Cornelio Pires — "Patacoadas", lêmos: "A sêca prolongada entristecia a natureza e desanimava os roceiros, que lançavam olhares investigadores e tristes pelo céu muito azul, procurando *rabos de galo* (cirros) prenunciadores de chuva". Este nome é usado pelos espanhóis: assim o vimos no "Diccionario de Voces y Términos Geográficos" de Vergara Martin, que ainda regista os regionalismos *colas de gato* e *parrasco*, este em Pontevedra e na costa de Bayona.

Rabo-de-maré: registado por V. Chermont como termo usado pelos pescadores vigienses (de Vigia, cidade do Pará), para designação de um fenómeno identico à *pororoca*, o qual se observa na costa do Atlantico, desde o cabo Norte até Caiena, na Guiana Francesa, dizendo ainda o mesmo vocabularista que é a tradução dada pelos referidos pescadores ao francês — *rac de marée*. "Somente nos quartos de lua é possível a navegação destas ilhas para o Araguari e Cabo do Norte. Ninguem sabe nem entra no Araguari ou no Piratuba senão nos quartos lunares. Nesta phase lunar não se produzem os terriveis phenomenos: a pororoca que assola as costas, mas só apparece onde ha pequena profundidade e o *rabo de maré* que levanta e sacode a vaga nos lugares profundos" (Carlota Carvalho. "O Sertão". Pag. 297).

Rachão: termo que, em S. Paulo, consoante o registo de A. Taunay, se dá ao trecho de curso de um rio entre paredes abruptas; desfiladouro. Cita a seguinte frase: "O Tieté, entre Cabreúva e

Itú, corre no fundo de um *rachão* de varios quilômetros de margens muito alcantiladas".

Rama: termo que, no Nordeste, designa não só as primeiras folhas que aparecem nas árvores e arbustos após as primeiras chuvas, mas também a folhagem das árvores que se dá ao gado, quando os pastos secam completamente. No primeiro sentido, temos o emprego no seguinte passo da "Terra de Sol", de Gustavo Barroso, à pag. 39: "Dias depois das chuvas, de todos os galhos negros e resequidos, num subito desabrochamento — como um milagre dos ceus — brotam folhinhas verdes, medrosas, transparentes ao sol. E' a *rama*. O gado atira-se a ella gulosa, faminta e avidamente. O capim só nasce depois. Dahi dizer o matuto quando o inverno vai bem: *o gado já come no chão*, o que quer dizer que o gado deixou de comer a rama das árvores e então devora o capim que surge do solo". Na segunda accepção temos exemplo na mesma definição que lhe deu Arrojado Lisboa, em sua "Conferencia" na Biblioteca Nacional, a 23 de Julho de 1913: "Rama, no nordeste, é a folhagem das arvores, dada em alimento ao gado, depois que secam os pastos. O mato transformou-se (com a sêca) em feixes cinzentos de paus resequidos. Nem ha folhas tostadas pelo chão. O vento persistente levava-as em nuvens de pó, descarnando o solo empedrado. Nem ha mais pastagem sêca para o gado. Em Janeiro do anno entrante aviam-se as *cacimbas* nos leitos dos rios e cortava a ultima *rama* para o gado não morrer de fome". E nas "Lendas e Canções Populares" de Juvenal Galeno esta estrofe-retrato:

*"Se é tempo de sêca, que longas fadigas,
Abrindo as cacimbas p'ra o gado beber!
As ramas cortando, que a vez me supplica,
Num berro mais triste que o triste gemer!"*

Ramada: tem esta palavra, no Rio Grande do Sul, um sentido proprio: caramanchão coberto de ramos à frente dos *ranchos* e dos *boliches*, onde descansam os campeiros nas horas de sol ardente, recolhendo ali os seus cavalos, ensilhados ou não, para preservá-los também da soalleira. Registam-no Callenge e Romaguera. "Depois da ceia, repousava das lides do campo animando as cordas (da viola), enquanto cantarolava à soleira da debaixo da ramada" (Alcides Maya. "Alma Barbara". Pag. 29). "No campo a residencia fica em meio de varias cercas com varios portões e porteiras, tendo no lado a *ramada*, que é onde se descenham os animais e se dá abrigo à gente menos fina. Ha a mangueira de taipa alta e o pomar. Num grande galpão ordenham-se as vacas" (Christim Mira "Guia do Estado de Santa Catharina". Pag. 49).

Ranchão: segundo informe do Professor Alcide Jubé do Liceu de Goiaz, assim se chamam, em seu Estado, "a pequenos comedos que a municipalidade de diversos têrmos manda construir

nas imediações da cidade, afim de dar abrigo aos *rocciros*, quando em trabalhos das mesmas”.

Rancharia: grande numero de ranchos; também *arrançamento*. Segundo Macedo Soares é multidão de ranchos, isolados ou em grupos, abertos quasi sempre, onde os viajantes pousam. Equivale mais ou menos ao *aduar* dos beduinos africanos (Vergara Martin) “Acorda os ares a saudosa cantiga dos tropeiros, no poiso, quando a luz da fogueira vacila, e a tropa, perdida nos campos, quebra o silencio com o tilintar dos cinzeiros. A rancharia é à beira da estrada. Sobre duros couros, nas rédes, em torno ao lume, os homens pitam longos cigarros, cantando” (Alberto Rabello — “Contos do Norte”. Pag. 122).

Rancho: termo geral do Brasil, no sentido de cabana, casa rustica, feita de paus e barro, sem compartimentos; casinha de palha à beira da estrada para abrigo de viandantes; choça, coberta de palha, que se faz nas *roças*, para descanso de trabalhadores; morada do camponio pobre; por extensão — casa pobre. E’ denominação corrente no Brasil sertanejo e encontramos-a em quasi todos os escritores regionais. “Amotado é um modo de dizer, porque elle dormia, lá de vez em quando, num *ranchito* de palmito no meio do matto...” (Affonso Arinos. “Peio Sertão” Pag. 161). No Mato Grosso, na região em que a Companhia Mate Laranjeira explora a erva-mate (sul do Estado), denomina-se *ranchito* a sede de cada uma das zonas em que a mesma “Companhia” dividiu a região ervateira. No *ranchito* encontram-se, além do *supceador*, *barbaquá* e *carneador*, casas de estilo rustico, porém elegantes, nas quais residem o administrador e os operarios que trabalham sob as suas ordens (Francisco Leite Costa “O Mate” Pag. 5). Informa ainda o mesmo autor: “Subordinados aos ranchos existentes tantos *ranchitos* quantos forem necessarios, tendo-se em vista a superficie da zona. Cada *ranchito* recebe a erva que é colhida em redor do mesmo, num raio de acção de 1.000 metros aproximadamente”.

Rapadouro: termo mais ou menos de uso em todo o pais e que significa um campo sem pastagem para o gado, que está como que raspado. E’ o mesmo que *campo rapado* do Rio Grande do Sul. “No logar da casa, encontrou um cinzeiro; as roças ficaram em *rapadouro*; os animaes tinham sumido” (José Sizenando. “Alma Rustica”. Pag. 431). “O zaino, mal amillhado, um tanto aplastado da viagem, marchava a trote curto, lerdando despassito no mais, favejando o terreno desconhecido, ainda tão longe do rapadouro da sua querença” (Roque Callage. “Quê-ro-Quê-ro” — Pag. 7). Na Bahia e no nordeste se diz *rapador* o campo com pastagem já meio consumida pelo gado ou com pouca forragem. No sertão da Paraíba, informa-nos José Americo de Almeida, ouve-se frequentemente: “Não solte o cavallo no cercado; amarre no rapador”.

Raposas: alcunha depreciativa dada pelo partido da legalidade aos sequazes da Sabinada, revolta que rebentou na Bahia em 1837, chefiada pelo Dr. Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira. Os rebeldes eram ainda chamados *sabinos* e denominavam os legais — *perús*.

Rasgado: registado por Pereira da Costa, como designação depreciativa dada aos liberais ou praeiros pelo grupo dissidente da *Praia Nova*, que, em represalia, deu á sua gente a de *mulambos* (Vide *Praia*).

Rasgão: termo do Brasil central, designativo do mesmo acidente denominado *fuall*, *fêcho*, constante da abertura que as aguas dos rios fazem nas serras e montanhas, correndo através delias entre barrancas apertadas de vivas arestas (Vide *fuall* e *fêcho*).

Raso: termo muito usado nos sertões da Bahia e Sergipe, com a significação de *capuiva* baixa, onde as arveres e arbustos se entrelaçam de tal modo, que formam uma trama de urdidura inextricavel. Ao longe, os *rasos* semelhantes a infindos planos, onde a vegetação é igual e do mesmo porte.

Rasoura: os *caipiras* de S. Paulo assim designam o logny raso de um rio ou de uma lagõa. Vimo-lo empregado por Valdomiro Silveira, á pag. 39 do seu "Nas Serras e nas Furnas": "C'a vasante do rio, um canal pedrento tinha secado quasi por cheio, a bocca tinha tapado, a capitava apontou outra vez de banda, e na *rasoura*, entre duas pedras, pretejava o lombo de um jabú de sete palmos".

Rebentão: emprega-se este termo no Brasil em dois sentidos: no de ladeira íngreme, *tombador* alcantilado e no de grande e prolongada sêca. Neste é peculiar no Nordeste, empregado por José Americo de Almeida na "A Bagaceira" e registado por Leonardo Motta em "Cantadores". No livro de F. Chagas Baptista "Cantadores e Poetas Populares" (Paraíba - 1929), a pags. 41 e 42, cita o autor dois passos em que é empregada a palavra rebentão no sentido de sêca prolongada:

*"Em qualquer um rebentão
De sêca que possa haver;*

.....
*No ano de sêca enfim
Sempre ha perturbação
Mas, passado o rebentão
Da sêca, vem o inverno.*

Rebentãozal: regista-o Valdomiro Silveira, que o define como grande extensão coberta de rebentão, arbusto dos lugares descultivados.

Rebentona: termo primeiramente usado no sul do Brasil, hoje porém mais ou menos empregado em toda a República, para designar revolta contra as autoridades constituídas, sedição, motim de natureza política. À pag. 104 da narrativa de Apollinário Porto Alegre — "O Vaqueano" —, encontramos o seguinte trecho: "A cavallo, patricios! Temos *rebentona*". Beaurepaire-Rohan registra este termo como peculiar no Rio Grande do Sul e escreve: "negocio grave e duvidoso, que está prestes a se decidir. Diz-se que é uma *rebentona*, ou está para *rebentona* (Coruja). Deriva do castelhano *reventon*, significando arrebatamento, acto de rebentar; e que, além de outras accepções, tem a de aperto grave, circumstancia difficil em que alguem se vê".

Rebocador: além do sentido comum da lingua, assim se chama no Ceará e mais Estados do Nordeste, ao agente dos seringais amazônicos que percorre os sertões e as cidades nordestinas, atrahindo as populações batidas pelas sêcas com a miragem do vale prodigioso, encominhando-as afinal para o "Inferno verde". Vimos referido este termo à pag. 16 do "O Gororoba" de Lauro Palhano.

Rebojo: assim se chama no Pará e em Goiaz ao movimento circular das aguas dos rios que formam sorvedouros ou remoinhos, tendo o povo a superstição de que o *rebojo* é um ser vivo que desperta à passagem das ligeiras *igaras* ou canôas. "No centro está o *rebojo* da Cruz. E' a panella a server. Atirando a agua em varias direções, este *rebojo* força as canôas a seguirem caminhos não desejados" (Carlota Carvalho — "O Sertão" — Pag. 263). E a respeito escreveu-nos Antonio Lopes: "Por extensão *rebojo* é, nas cachoeiras, não só o remoinho occasional, mas também o remoinho permanente, formando ou não *funis* e elevando ás vezes colunas dagua. No *rebojo* do Canal do Inferno, da Cachoeira de Itaboca, no fechar do remoinho a impulsão da agua levanta-se a metros de altura. Diz-se, localizando os accidentes desta natureza — o *rebojo* do Urubú, o *rebojo* do Pôço, para indicar o ponto em que a cachoeira forma o remoinho. Augusto Leverger informa que, em Mato Grosso, *rebojo* significa redemoinho ou contra-corrente produzido pela sinuosidade do rio ou pelos accidentes de seu leito ou das suas margens. *Rebojo* é nas costas do sul do paiz o nome que os marujos dão ao vento sudoeste: nestes mares, diz o Visconde de Taunay, nas "Recordações de Guerra e de Viagem" "são frequentes o *pampeiro*, vento dos *pampas*, ou terras na direção de sul-sudoeste, o *carpinteiro*, vento do alto mar, assim chamado pelos naufragios que produz, fornecendo tabeas dos navios aos *carpinteiros*, vento oeste e o *rebojo*, vento de sudoeste". No sul da Bahia, *rebojo* é prenuncio de mau tempo. Beaurepaire-Rohan ainda ensina: repercussão, desvio, ou mesmo redemoinho de vento, por efeito de um corpo que encontra e lhe altera a primitiva direção.

Rebolada: grupo de árvores, ou de vegetação arbustiva que se destaca em campo ou mata, segundo a definição de Rodolpho Garcia que ainda informa corresponder muitas vezes ao *capão*. É termo de Pernambuco. Vicente Cherniont regista-o, dizendo significar árvores de uma mesma espécie agrupadas em floresta, e dá o seguinte exemplo: "na bocca do Jutuba existe uma boa *rebolada* de ardirobeiras... ; ou ainda: "grupos de arvores, arbustos ou plantas arbustivas isoladas uns dos outros: exemplo — "Neste campo custa o píry a queimar, porque está em *rebolada*". José Americo de Almeida no "Glossario" anexo à "Bagaceira" diz significar na Paraíba pequena cultura agricola: *rebolada* de cana. Citado também por A. J. de Sampaio em sua "A Flora do Rio Cuminá" pag. 185, dizendo que os canoeiros da Amazônia chamam de *rebolada* aos capões de mato.

Reboleira: Aulete consigna este vocabulo com a significação de parte mais basta, onde ha menos claros, de uma seara, prado ou arvoredo. Na região nordeste da Bahia, usam esta palavra para designar as moitas densas e extensas, de forma arredondada, que crescem nos taboleiros e campos. E mais: chamam assim a uma parte da *catunga*, onde a vegetação é mais densa. Ainda se emprega no sentido de porção separada de vegetais de qualquer especie, como por exemplo *reboleira* de capim, *reboleira* de abobora, *reboleira* de quebra-faca, etc. No sul do Brasil tem o sentido de *capão* de mato, o mesmo que *rebolada*. Assim é que "No Galpão" de Darcy Azambuja, à pag. 89, lemos: "O trem corria agora entre reboleiras de arvores, em terreno accidentado e fazia uma curva".

Reboleiro: o mesmo que *reboleira*, voz mais usada no Maranhão. "As palmeiras se destacam, ás vezes, em extensos *reboleiros*, como chamam os naturaes ás moles de carnaúbeiras reunidas em trechos de terrenos, separados entre si por veredas ou tractos de terra, limpos de vegetação rebusta. Avançam como grandes regimentos em fileiras cerradas, não consentindo lhes tome o espaço qualquer outro vegetal não rasteiro" (O Maranhão pelo Dr. Benedicto de Barros e Vasconcellos, pag. 92).

Rechego: termo usado para designar lugar retirado, escondido. Empregado por Coelho Netto (Inverno, pag. 170).

Recôncavo: vocabulo portuguez com a significação de cavidade funda, concavidade (Candido de Figueiredo); o espaço grande de terra que forma uma especie de figura côncava ou semi-circular, a comarca ou terra circunvizinha de uma cidade, cu porto (Fr. Domingos Vieira). No sentido em que o regista Candido de Figueiredo, empregou-o o Visconde de Taunay no seguinte passo: "O rio, ali, desceudo em rapida *corredeira*, morre de repente n'uma bacia, que se abre regularmente no *reconcavo* de barrancos, cortados a pique ("Campanha de Matto Gros-

so. Secnas de Viagem". Pag. 100). No Brasil, desde os tempos coloniais, este termo se emprega para denominar a zona circundante da baía de Todos os Santos, onde hoje se mostram, entre outras, as aglomerações urbanas de Santo Amaro, Cachoeira, São Felix, Maragogipe, etc. Já o primeiro corógrafo que escreveu sobre o Brasil, o celebre Ayres de Casal, dizia em sua "Corografia Brazilica", Tomo II, pag. 110: "O melhor terreno da comarca (da Bahia) he o chamado *Reconcato* com seis até dez leguas de largura em torno da grande enseada de Todos os Santos, onde ha grandes extensões apropriadas para a cultura principalmente das canas de assucar, e tabaco; mercancias que em nenhuma outra provincia do Estado se recolhem em tanta quantidade. O terreno chamado *massapé*, que he negro, e forte, he o melhor para a cultura das canas". E o glorificado batalhador da ciência que foi von Martius, nas suas memoraveis viagens através do Brasil (1817 — 1820), refere-se ao *reconcato* da Bahia nas seguintes linhas: "O maior numero dellas (embarcacões) pertence ás povoações e engenhos da enseada, cujas margens em toda a sua extensão, conjuntamente ás regiões navegaveis dos rios que nella desembocam, são conhecidas sob a denominação de *reconcato*" (Dr. Pirajá da Silva e Dr. Paulo Wolf. "Através da Bahia". Excerptos da obra "Reise in Brasilien" — 1916 — Pag. 37). Os sertanejos e homens do povo dizem: *reconco*. "O *reconcato*, diz o Dr. Borges de Barros ("Esboço Chorographico da Bahia", pag. 12) "estende-se da bahia de Todos os Santos até os seguintes pontos: Araçás, Domingão e João dos Santos no Municipio de Alagoinhas; Ouricanguinhas e Catête no Municipio de Irará; S. José de Itaporocas no Municipio de Feira de Sant'Anna; S. Bernardo no Municipio de Jaguaripe, até no Jequiçá. A zona do *reconcato* abrange 17 municipios. E' uma região fertilissima, onde se acham as fabricas centrais de assucar, de aguas ardentes, fazendas de café, campos e pastagens de gado".

Recosta: usado no Rio Grande do Sul, no sentido de encosta, ladeira ou de terrenos juntos às fraldas de qualquer elevação, como informa Darcy Azambuja que, "No Galpão", à pag. 86, escreve: "A rebentação da primavera vestia de verde as grandes varzeas e pelas *recostas* frescas estendiam-se tapetes de florinhas pallidas".

Recosto: registado por Teschauer com o mesmo sentido de *recosta*, mais usado no norte. Coelho Netto empregou-o no "Sertão" à pag. 369, 2.ª ed.: "Tomou um pau e o seu largo chapéu de palha e poz-se á frente do grupo que foi engrossando pelo caminho. Homens, mulheres, creanças subiram a trilha que lavava á casinha branca, no *recosto* da collina".

Reduto: registado por Beaucepaire-Rohan, como termo de Mato Grosso, que indica um espaço de terreno que fica acima do nivel

das aguas, no tempo das cheias dos rios. Serve de *pouso* aos viajantes.

Refrega: no Pará, segundo informe de V. Chermont, denomina "vento tempestuoso e de pouca duração, ou que sopra por lufadas".

Regatão: em português *regatão* é o que regata, isto é, o que compra e vende por miúdos. No Brasil, o *regatão* é isso mesmo, mas caracteriza um tipo da Amazônia fabulosa. Não ha quem fale do "Inferno Verde" que não refira o *téque-téque* das cidades, o *inascate* bufarinheiro, ali chamado *regatão*. Ele faz na Amazônia, o commercio ambulante que tem de identificar-se com o meio: em vez de fazer-se pelas estradas, faz-se na veia dos rios e na curva dos lagos. O que vende, transporta no bôjo de uma embarcação (*batelão*) de duas a quatro toneladas. Foi a principio português; depois judeu; hoje é arabe ou turco o *inascate* dos rios. Caracterizam-no admiravelmente Raymundo Moraes em seu livro citado, entre as paginas 57 e 65, e José Verissimo no seu belo estudo a respeito das populações indigenas da Amazônia, publicado no Tomo 50 da "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro".

Regio najas: nome proposto por von Martius para designar a região do vale do Amazonas, correspondente "à *Hylia* de Humboldt, à *Gebiet des aequatorialen Brasilens* de Grisebach e à *Provinz des Amazonenstromes* de Adolph Engler e que Oscar Drude mais explicitamente denomina *Região vegetaliva dos rios Orinoco e Amazonas*" (Olympio da Fonseca, Apud "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil", Commeniorativo do Primeiro Centenario da Independencia. — Pag. 212).

Registro: *Callege* e *Romaguera* registam-no como regionalismo gaúcho, designativo, na fronteira, de casas de negocios que vendem por atacado ou em grosso, com sortimento completo de mercadorias. E' termo de origem hispano-americana, nesta accepção.

Rêgo: termo marajoára, que designa os arroios alimentados por aguas pluviais, que correm em campo descoberto e secam durante o verão. Registrado por V. Chermont. Entretanto A. J. de Sampaio no seu trabalho "Nomes Vulgares de Plantas da Amazônia" dá a significação peculiar de nascente de igarapé em campo e cita Huber.

Rêgo dagua: expressão que corresponde exactamente ao que se chama em Portugal — *rêgo*. O sertanejo nordestino, porém, só diz *rêgo dagua* para designar as canalizações que faz das aguas de um rio ou riacho para molhar as suas plantações. Luetzelburg, a pags. 61 e 63 do 2.º vol. do seu trabalho, a elle se refere.

Regressista: registado por Pereira da Costa, como designação dada a uma facção politica em sua maior parte composta de portugueses, constituída com o fim de promover a volta do ex-imperador Pedro I, para formar um novo Imperio no norte do Brasil, deixando no trono portuguez a princeza D. Maria da Gloria, sua filha. Acrescenta o illustre vocabularista: "Divergiam as opiniões sobre o nome que devia ter o novo Imperio, porquanto queriam uns que fosse *Imperio do Amazonas*, outros *Imperio do Equador*, e ainda outros *Imperio da Rio S. Francisco*."

Relheiras: aguas que se entrecrocão no longo das costas do norte do Brasil, do Maranhão ao Pará. Vimo-lo empregado por F. Raja Gabaglia, à pag. 139 do seu livro — "As Fronteiras do Brasil": "Nos fluxos e refluxos das marés, observam-se desde o Pará até a ilha de Sant'Anna, *relheiros* ou *recessas* d'agua, que, vistas a distancia, assemelham-se à arrebentação do mar sobre as praias ou rocheas. Sobrepassam muita cisca e pedaços de madeira que com as oscillações das vagas podem ser tomadas como pontas de pedra e, nas noites escuras, forma-se uma ardençia tão forte que parece ao viajante estar navegando sobre chamas". *Recessa* é palavra genuinamente portugueza no sentido acima. *Relheiro* é regionalismo brasileiro. Candido de Figueiredo regista este vocabulo como regionalismo transmontano, com significação completamente diferente.

Remanso: trecho de um rio, logo após as corredeiras, onde as aguas se espalham num espaço mais ou menos dilatado, tornando-se a corrente quasi nula. É termo dos Estados do sul. Em Goiaz se denomina o mesmo accidente — *manso do rio*. V. Chermont diz que, no Pará, é a correnteza na margem contraria à do canal do rio. Além destas accepções emprega-se no Maranhão para designar todo trecho de rio em que elle se alarga e a sua correnteza normal diminue (Antonio Lopes. Carta de 18 de Março de 1928). Raymundo Moraes em seu "O Meu Dicionario de Couros da Amazonia" diz: "agua dos rios que corre, na beirada, em sentido contrario do caudal, em virtude de pontas de terra, fitas de praias, enseadas, onde o angulo morto provoca uma especie de reflexo fluvial". E à pag. 261 do 2.º vol. da "Viagem ao Redor do Brasil", de João Severiano da Fonseca, lê-se: "É notavel nessas paragens de cachoeiras o movimento das aguas: vê-se o rio dividido em tres zonas: no meio, a *corredeira*, onde a velocidade é enorme, e lateralmente os *remansos* immoveis como agua estagnada; entre estes e aquella uma outra corrente em sentido inverso da do rio, sendo digna de observação tal differença de movimentos em superficie tão unida, e cuja separação é por assim dizer linear".

Repartimento: segundo informação de Jorge Harley significa, no Pará, "lago, transbordante, de vastos *iyapós* marginaes, ou melhor a fusão de dois ou mais rios, num só, no mesmo sitio". "As

2 horas passamos pelo *repartimento* do Jupuúba. Tive ocasião de admirar o grande *igapô* que separa os dois ramos do rio, rematado por uma esplendida varzea aproveitavel para a lavoura". ("Nos Sertões do Gurupy", pag. 21).

Repecho: terreno desigual, cheio de altos e baixos; também ladeira, subida íngreme de um terreno; costa íngreme de um cêrro ou coxilha, como diz Romaguera. É termo castelhano, usado do Paraná ao Rio Grande do Sul, onde também usam o verbo *repechar* — vencer ou subir um cêrro ou ladeira, um coxilhão. À pag. 43 do "No Galpão" lemos: "Longe, pela estrada batida de sol, iam sumindo duas carretas, vencendo o ultimo repecho de quem vae á Boa Vista".

Repiquete: palavra que tem, no Brasil, dois sentidos: na Amazônia é o nome que se dá às enchentes passageiras e rápidas que se observam no início e ainda mais no fim das cheias. É o fenómeno da oscilação do nível fluvial, motivado por camadas de agua que tufam e inflam os rios transitoriamente. Quando se pronunciam no início da estação das enchentes, são anuncios delas. Mario Guedes diz que *repiquete* é o crescimento das aguas do rio, que a espaços se opera intermitentemente no inverno. V. Chermont assim explica o fenómeno: "Nos rios afluentes do Amazonas cuja diferença entre o apice da cheia e a estiagem é consideravel, devido a começarem as chuvas hibernais mais cedo nos planaltos das suas nascentes, as aguas dessas chuvas decem rapidas pelo seu curso medio e inferior, alteando-lhe o nível e conseqüentemente dando-lhes maior profundidade, muitas vezes sem que nessas paragens adivale tenha ainda chovido". Sylvio Fróes, em seu estudo a respeito da "Região do Rio Branco", publicado na "Revista do Departamento Nacional de Produção Animal" (Ano I, N.º 2, 3 e 4, pag. 247), informa que, em pleno verão, costuma dar-se anualmente um grande *repiquete* denominado *hoiussú*. No Nordeste, da Bahia ao Ceará, usa-se o termo *repiquete* para designar uma sêca não generalizada, "pequenas manifestações de sêcas" na frase de José Americo ("A Bagaceira", pag. 136) ou como disse Leonardo Motta nos "Cantadores" — sêca que não tem calamitosas consequencias.

Reponta: termo de uso geral, registado por Candido de Figueiredo como brasileirismo designativo de começo de enchente da maré. Entretanto, no Dicionario de Fr. Domingos Vieira, encontramos este vocabulo como de uso em Portugal, na expressão *a reponta da maré*, que é quando torna a começar a encher. Os espanhóis também possuem o termo *repuntar* com o sentido de começar a maré a encher ou a minguar (Vergara Martin). Em Valdomiro Silveira, lemos à pag. 195 do seu "Mixungos" o seguinte passo: "Aos furados, realmente, não chegavia a agua das *repontas*, senão quando fosse Outubro, e ainda eram primeiros dias de Setembro". Neste sentido *reponta* é o *repiquete* da Amazônia.

Reserva: lugar cercado para o gado, com boa pastagem e aguada abundante. É termo do norte do Brasil, muito empregado na Bahia.

Resêrvo: o mesmo que *reserra*, de uso frequente em Alagoas. Octavio Brandão, em seu livro "Conaas e Lagôas", escreve: "O rio de Giz fica nos Paturaes, um resêrvo (cercado para o gado) lá na Lagôa do Sul". E Alfredo Brandão, à pag. 264 da "Viçosa de Alagoas" diz: "Nestes ultimos annos tem sido muito explorada a colta de garrotes nos resêrvos". O mesmo vocabulo e com o mesmo sentido ouvimos na zona rural de Campos do Rio de Janeiro, equivalente ao que se chama noutros Estados *manga, capincira, solta, reserva*.

Resfriado: Rodolpho Garcia, que o regista, citando Taunay, define: "camada de terra existente sobre lageados". Termo do norte de Minas Gerais e Bahia.

Resolana: também grafado *ressolana*, dição peculiar ao Rio Grande do Sul, com o significado de soalheira forte. Callage, registando-o, recorda o sentir de Romaguera, transcrito por Candido de Figueiredo, dando como tradução de *resolana* — sol agradável e fraco do inverno, o que lhe não parece exato. Segundo informa o illustre vocabularista gaúcho, todas as vezes que ouviu o termo na campanha foi sempre em relação ao forte calor em dias de muito sol no verão. Isto concorda com a noção que imprime ao vocabulo o prefixo intensivo *re*. O vocabulo é de origem castelhana, e, em castelhano, quer dizer soalheira (Novo Dic. Hespanhol-Português do Visc. de Wildick).

Resorjo: dição usada no sul da República, principalmente em Santa Catarina, designativo de *rebojo* ou *torvelinho* das aguas de um rio abaixo dos lugares pedregosos. Registado por Cornelio Pires ("Quem conta um conto...") e Affonso de Taunay ("Collectanea de Falhas" em o n. 15 da Revista de Lingua Portuguesa).

Ressaca: termo geral, registado no vocabulário de Rodolpho Garcia que transcreve as palavras de John Branner em sua "Geologia Elementar", a saber: "A *ressaca* é a volta na direção do mar das aguas que são arremessadas sobre a costa na forma de vagas. A vaga entretante arremessa-se sobre a praia acima do nivel medio d'agua, enquanto a *ressaca* corre na direção do mar debaixo do nivel medio. Estes dois movimentos dão lugar a uma circulação-movimento constante para a terra da agua da superficie e um movimento igualmente constante para o mar da mesma agua abaixo da superficie. A tendencia deste movimento é arrastar com violencia os materiaes miudamente unidos da praia". É um dos fatores de transporte nos mares e oceanos. J. Baptista Coelho (João Phoca) n.º "Os Caiçaras" emprega o augmentativo *ressacão* no seguinte trecho: "A maré

enchia, com força, fervilhando em borbulhas amarelladas, invadindo o lodaçal em *vessações* que faziam fugir os carangueijos”.

Ressaco: segundo informação de Pandiá Calogeras é “como uma funda balsa de campo na orla de um *capão* ou de um mato; também pode ser uma ilha de campo ou uma clareira no meio do campo. Diz-se um *vessaco do campo*. Usa-se no Triângulo Mineiro e em Goiás”.

Restinga: termo usado em todo o Brasil, mas que tem varias accepções. No Rio Grande do Sul, segundo Callage e Romaguera, significa orla de bosque ou mato nas baixadas à beira de arroios ou sangas. “Pelas baixadas e restingas enxutas, rezes e cavallos magros, claudicando, com os olhos cheios de uma grande magua resignada, erravam em busca de pasto e agua”, escreve Darcy Azambuja, à pag. 135 do “No Galpão”. No Pará, segundo Moreira Pinto, é uma estreita e comprida mata que separa dois campos de pastagem, dizendo-se, segundo refere Rodolpho Garcia, “*restinga de areia* para designar uma zona ou cordão de areia no campo, sem vegetação; *restinga de matto*, uma faixa de arvores e arbustos que se prolonga à beira da estrada, ou à margem dos ribeirões; *restinga do campo*, uma cinta delle pelo matto ou banhado a dentro”. Ainda no sul do Brasil assim se denomina a porção de terra arenosa compreendida entre uma lagôa e o mar (por ex. — a flecha de areia que separa a lagôa Mangueira do Oceano, no Rio Grande do Sul), ou qualquer planície arenosa do litoral. No Pará, V. Chermont diz significar “orla de mato abeirando qualquer igarapé ou rio” (o mesmo sentido gaúcho), e tambem “faixa de matto à beira do rio que, com as grandes marés ou com as cheias do inverno, emerge quando o resto do terreno se acha sob a agua”. John Branner, em sua “Geologia Elementar”, escreve, à pag. 53 da 1.^a Ed.: *Restinga* ou *praia barreira* é o nome dado a uma ilha ou península comprida e delgada semelhante a um pontal formado por sedimentos ao longo e paralelo às linhas da costa. As *restingas* são produzidas pelas vagas provenientes do mar fundo arrojando para traz sobre o fundo do mar mais razo os sedimentos transportados da terra pela *vessaca*... Frequentemente acontece que lagoas são formadas atraz das *restingas* e estas no correr do tempo são aterradas com o lodo trazido pelos cursos de agua e eventualmente formam terra firme. A Lagoa dos Patos, Lagoa Mirim e Lagoa Mangueira, e muitos pequenos lagos ao longo da costa do Rio Grande do Sul e tambem os lagos da planície da costa de Santa Catharina, S. Paulo (Ilha Comprida entre Iguape e Cananéa), Rio de Janeiro e Alagoas têm sido circumdados pela formação de barras e *restingas*”. Segundo informa o Dr. Joaquim Felício dos Santos, nas suas citadas “Memorias”, nos distritos auríferos de Minas Gerais, chamavam *restingas* ao rebotalho das terras já lavradas onde a gente pobre ia minerar “em busca de algumas piscas de ouro

que ficavam dos grandes serviços abandonados" (Livro citado, pag. 94). Finalmente segundo lemos num artigo do Engenheiro civil de Minas Alberto Lamego Filho, publicado no "O Jornal" do Rio de Janeiro de 12 de Maio de 1929, sob o titulo "Genese da planície campista" a palavra *restinga* designa as depressões rasas, alagadas umas, secas outras, inflexivelmente rétas, quilômetros a fio, rigorosamente paralelas à linha da costa. E acrescenta o mesmo escritor: "A mysteriosa origem das *restingas*, deve-se a um phenomeno marematico, occorrido em Gargahú em 1926, que saltando a pequena villa, de improviso, privou-a de sua praia". Adolpho Ducke, relatando uma viagem científica que fez ao Territorio do Acre, diz que *restingas* são, nas margens do rio Acre, trechos planos enxutos com solo silico-argiloso nos quais a mata é limpa e bellissima. (Boletim do Ministerio da Agricultura — Abril-Junho de 1934. Pag. 43).

Restinga: usado no Rio Grande do Sul para designar a região de muitas ou longas *restingas*, segundo Callage.

Restingão: em Santa Catarina, assim se chama ao caminho extenso ladeado de matas. Registrado por Teschauer, que cita o seguinte trecho da "Campanha do Contestado": "O percurso de 6 leguas dos Campos dos Pires a Curitibabanos era quasi um só *restingão* com *pequenas intermittencias*".

Retirada: assim se designa no nordeste brasileiro o fenomeno antropico da emigração dos sertanejos que, batidos pelo sol inclemente no tempo das secas prolongadas, procuram lugares propicios, em geral a praia, à beiramar, de onde, não raro, partem para outras regiões nacionais, principalmente para a Amazônia. Os que fazem a retirada chamam-se *retirantes* (Vide esta palavra). Assim também se diz da mudança provisoria do gado de regiões secas, onde, tudo crestado pelo sol, já não existe agua e pasto, para lugares mais frescos e férteis. "Em mezes de rigorosa seca, nos sertoes do norte, falta agua e pastagem ao gado; para salvá-lo o vaqueiro abre cacimbas, corta ramos, e faz *retiradas*, isto é, muda-o para lugar melhor (Juvenal Galeno "Lendas e Canções Populares" 2.^a ed. Pag. 599). Entre sertanejos não é raro ouvir-se a palavra *revolução* empregada com o sentido de *retirada*. Chagas Baptista em seu livro "Cantadores e Poesias Populares", à pag. 38, cita uma estrofe do cantador Bernardo Nogueira na qual elle usa *revolução* no sentido de *retirada*.

Retirante: nome dado no Ceará e mais Estados flagelados pelas secas periodicas aos sertanejos que, nos grupos ou isolados, emigram do interior adusto para o litoral. Desde que se torna impossivel a vida nas regiões queimadas pelo sol implacavel fazem a *retirada*, no expressivo dizer local. "Logo ao alvorecer estes esfomeados, andrajosos, sujos, deixavam os pousos e se derramavam pelas ruas de Fortaleza. Mulheres semi-núas,

escaveiradas, typos de verdadeiro *retirante* com um filho quasi mumia, escanchado ao quadril, esmoavam de casa em casa, apresentando a quem imploravam o mirrado fructo de seu ventre para mais tocar a piedade e mover a compaixão" (Rodolpho Theophilo. "O Paroara": Pag. 478). "O sertanejo, assoberbado de revezes, dobra-se afinal. Passa certo dia, á sua porta, a primeira turma de *retirantes*. Vê-a assembrado, atravessar o terreiro, miseranda, desapparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. E outras. E' o sertão que se esvasia. Não resiste mais. Amatula-se num daquelles bandos, que lá se vão chapadas em fóra, debruando de ossadas as veredas, e lá se vai elle no exodo penosissimo para a costa, para as serras distantes, para quaesquer logares onde o não mate o elemento primordial da vida". (Euelydes da Cunha. "Os Sertões". Pags. 138 e 139). "Ninguein pergunta ao *retirante* donde vem nem para onde vae. E' um homem que foge do seu destino. Corre do fogo para a lama" (José Americo de Almeida - "A Bagaceira". Pag. 45).

Retireiro: registado por A. Taunay, como designativo dos individuos que, num *retiro*, têm sob a sua guarda certo numero de cabeças de gado. Regista-o também Valdomiro Silveira no vocabulário apenso ao livro "Nas Serras e nas Furnas".

Retiro: na ilha de Marajó, segundo V. Chermont, é a fazenda onde existe gado durante certa parte do ano e também barraca na roça ou em lugar retirado da moradia habitual onde existem plantações. Corsoante a informação que nos deu o Marechal Gabriel Botafogo, *retiro*, no Rio Grande do Sul, é fundo de um campo em que se não transita. Em Minas Gerais e Mato Grosso, escrevia Beaurepaire-Rohan, assim se chama a uma casa situada nos fundos de uma fazenda, onde moram homens para vigia-la; é o a que noutros Estados do Sul se chama *posto*. Dias Ferreira diz que, em Mato Grosso, é "a designação dada ás moradas dos agregados das fazendas, cujo encargo é zelar pelo gado e pelo campo: é o mesmo sentido em que a empregou no seu livro "À Guisa de Depoimento sobre a Revolução Brasileira de 1924" o Coronel Juarez Tavora (Pag. 25). Em Minas Gerais é ainda o *rancho do borracheiro* ou *mangabeiro*. No Maranhão, informa Raymundo Lopes, em seu livro citado, à pag. 109, é o *rancho* para guarda do gado hibernado.

Retorcida: empregado no Rio Grande do Sul, para designar as voltas que uma estrada tem, as curvas successivas que apresenta. No Rio Grande do Sul, diz Callage ser mais comum empregar-se no sentido de bailado campestre, variedade de *jundango*.

Revedor: nome que, em certas partes do Brasil, se dá aos lugares de onde mana agua aos poços. Registado por Candido de Figueiredo.

Revença: vale inferior à *barragem dos açudes*, refrescado pela infiltração da água dos mesmos. Estes vales, diz Rodolpho Garcia, primeiro a registrar o termo, são aproveitados durante os períodos das secas para a lavoura. Termo muito de uso nos Estados nordestinos. Encontramo-lo à pag. 286 do trabalho de Thomaz Pompeu de Souza Brasil — "O Ceará no começo do Seculo XX": "As lavras, que nessas longinquoas paragens são subsidiarias e apenas sufficientes para o consumo local, se exceptuarmos o algodão, aliás em reduzida escala pelas difficuldades e carestia do transporte, vegetam ou medram em um e outro sitio abrigado dos ventos seccos, quasi sempre protegido por accidentes do solo, em valles relativamente humidos, apenas refrescados pela revença ou desaguadouro açudal, ou nas vastas ribeirinhas, em corôas de rios, isto é, nas ilhas baixas formadas pelo alluvião". Não é pois, como nos informou José Luiz de Castro, "ao vale que as pessoas cultas chamam *revença*, e sim a propria infiltração. Os rusticos é que indifferentemente dão esse nome a uma e outras cousas. Aliás contra este termo se insurgiu o Engenheiro Eugenio de Souza Brandão, substituindo-o pelo de *revimento*."

Revêso: sinônimo de *manga*, pasto cercado, onde de tempo em tempo, se poem a pastar os animais. À pag. 163 dos "Brejos e Carrascals do Nordeste" de Tejo Limeira encontramos este vocabulo: "Quando deixa de chover, o gado vai devorando o pasto nos *revêsos*, passando de um a outro até ter percorrido todo os campos da propriedade (fazenda). Os *revêsos* são pois campos de uma só fazenda, separados por cêrcas, para revesamento dos gados. Em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, ouvimos para tais pastagens o nome de *resêrvo* — campo para engorda ou descanso do gado vacum."

Ribeira: registado por Beaurepaire-Rohan, como termo corrente nos Estados do nordeste, com a significação de zona rural propria para criação do gado vacum e que comprehende um certo numero de fazendas. Ora a *ribeira* toma o nome do mais importante poveado assente nos seus limites (Rodolpho Garcia), ora se distingue das outras pelo nome do rio que a banha (Beaurepaire-Rohan). Dai os nomes citados por José Americo de Almeida, na sua obra "A Parahyba e seus Problemas": *ribeira do Cariri, do Espinharas, do Piancó, do Rio do Peixe, etc.* "Ainda hoje, diz este mesmo escritor, as rezes são marcadas no lado esquerdo com o ferro da *Ribeira*. A marca do lado direito indica a propriedade". Rodrigues de Carvalho na 2.^a Ed. do seu "Cancioneiro do Norte", à pag. 190, escreve a respeito de *ribeira*: "comprehende não só uma comarca, como uma zona servida por um rio: a *ribeira* do Trahiry, *ribeira* do Piranhas, *ribeira* do Jaguaribe, etc. Além do ferro dos gados ha um carimbo impresso a fogo sobre o animal, indicando a *ribeira*". O vocabulo *ribeira* é genuinamente português e como tal vem

registado em todos os dicionários da lingua. Apenas é brasileiro o sentido que lhe dão os nordestinos.

Ribeirão: além de ser empregado no sentido de riacho de maior curso e volume, tem, no Brasil central, o sentido de terreno apropriado para nele se lavrarem diamantes.

Rieira: sulco produzido nas estradas pelas rodas dos carros. Rodolpho Garcia, que o regista, faz sentir que se encontra no Dicionário de Candido de Figueiredo com a mesma acceção *relheira*, e que, em Baião (Portugal), se diz *rilheira*.

Rigor: nome que, na costa do Município de Ilhéos é, de ha muito tempo correntemente usado, para designar rochedos que se encontram à terra firme e interrompem a linha arenosa das praias. Entre a cidade de Ilhéos e a foz do Itahipe, ao norte, existem três destes recifes em franja, os quaes estão sendo cortados para o estabelecimento da comunicação entre os diferentes trechos da praia. Assim é que o Dr. Mario Pessoa, Intendente Municipal de Ilhéos, em seu "Relatório" de 1927, dá informe completo das obras de engenharia realizadas no "Primeiro Rigor", das que se estavam efetuando no "Segundo Rigor", e das que se projetavam no "Terceiro Rigor", todas com o objectivo da "ligação das praias", nas quais podem transitar facilmente automoveis, graças à sua composição.

Rincão: termo gaúcho, muito frequente no linguajar da *campanha*, oriundo do castelhano *rincón* e correspondente ao português *recanto*. Designa uma parte do campo cercado de acidentes naturais, matos ou rios, onde se deitam a pastar os animais. Macedo Soares (Estudos Lexicographicos) diz apenas que é porção de campo que se mete pelo mato. Informa Callage que, "na linguagem comum, *rincão* significa todo e qualquer trecho da campanha gaúcha, onde haja arroio, capões ou mesmo qualquer mancha de mato". Daí os derivados *rinconista* — o que mora em *rincão*; *rinconar* ou *arrinconar* — pôr os animais num *rincão*, fazer pouso num *recanto* de estrada.

Rio-tapado: termo do litoral de Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte, empregado por J. Branner em sua "Geologia Elemental", como designativo de cursos d'agua que têm a boca ou foz completamente fechada por *praias de tempestade*, isto é, por aquelas cujos materiais são atremessados pelas ondas das tempestades além do alcance das vagas ordinarias (Rodolpho Garcia).

Risco: inferrou-nos Arthur Neiva que, não raras vezes, ouviu de marujos do *recôncavo* da Bahia este vocabulo para significar a linha do horizonte visual ou geográfico.

Roga: é brasileirismo no sentido de campo em contraposição à cidade e de terreno preparado para lavoura, onde se plantou milho, feijão, mandioca. O seu uso é mais ou menos geral no

Brasil. Na Bahia, em sua capital, a Cidade do Salvador, *roça* designa uma chácara junto à cidade, nos arrabaldes, onde se cultivam hortaliças e frutas. As melhores *roças* da capital da Bahia ficam no arrabalde de Brotas.

Roçada: assim também se designa em alguns Estados do norte do Brasil a operação agrícola, que se denomina *broca* ou *cabruçado*, isto é, a que consiste em cortar à foice as pequenas plantas, que podem embaraçar o manejo do machado empregado na derrubada da mata. *Roçada* também chamam ao terreno já desbastado das árvores nativas, em vespuras de receber a sementeira. Neste sentido, empregou João Lucio no seu volume "Bon Vivér", romance de "Costumes Mineiros", à pag. 3: "Traçozeira e forte, a molestia viera tres dias antes, quando elle correra com seus homens a umas roçadas, para apagar o fogo que pulara o aceiro, ameaçando devastar cafezais e matas virgens".

Roçado: além da significação comum, tem este vocabulo em Pernambuco e noutros Estados do Norte, o sentido restrito de terreno plantado de mandioca. Assim não é no Ceará segundo nos informou José Luiz de Castro: "Chama-se *roçado* ao terreno plantado de milho, feijão, arroz, algodão, mandioca e outras culturas proprias do inverno. Pode acontecer mesmo que o terreno não tenha nem um pé de mandioca e nem por isto deixa de ser *roçado*. Diferença existe, sim, na denominação das culturas, pois sómente a mandioca é que é chamada *roça*. Pergunte-se a um sertanejo o que elle tem no seu *roçado* e elle responderá, por ex.: feijão, milho e *roça*, ou então — este ano, o milho e o feijão não deram nada, mas a *roça* está segura". A pag. 112 do trabalho de Roderic Crandall — "Geographia. Geologia, Supprimento d'Agua; Transportes e Açudagem nos Estados Orientaes do Norte do Brasil", lemos o seguinte trecho: "As vasantes actuaes, contudo, segundo foi antes notado, raramente exceedem 150 metros de largura, de cada lado dos leitos dos rios, mas atrás das vasantes fica naquillo a que o povo do Seridó chama *roçados*, que são terrenos mais pobres que as vasantes, têm area muito mnior e só podem ser plantados em annos de chuvas sufficientes".

Rocairo: assim se chamam os homens que trabalham nas *roças*, que vivem cultivando os terrenos de lavoura, e por extensão, sinónimo de *tabaréu*, *caipira*, *matuto*. Não raro se emprega no sentido de pequenos lavradores, como no seguinte passo do vol. 4.º do livro "O Piahy no Centenario de sua Independencia": "O cultivo do algodão é tambem feito por pequenos lavradores — *rocciros* ou *vasanteiros*".

Rocinha: refere V. Chermont que, no Pará, se dá este nome à casa de campo nos arrabaldes da cidade. Equivale às *roças* da cidade do Salvador (Bahia). Raymundo Magalhães no seu "Vocabulario Popular" diz: chácara, pequena quinta (Pará e Amazonas).

Rodeador: termo do nordeste, que designa um certo lugar nos campos onde os vaqueiros reúnem magotes ou pontas de gado para a revista das rezes. São de Euclides da Cunha as seguintes palavras: "Escolhido um lugar mais ou menos central, as mais das vezes uma varzea complanada e limpa, o rodeador, congrega-se a vaqueirania das visinhanças". E J. Pessoa Guerra, à pag. 165 do seu belo livro - "O Vaqueiro do Nordeste", escreve: "Pouco tempo decorrido se ouviam em todas as direcções, na faixa da terra circundante, os gritos alegres dos vaqueiros que trabalhavam e o estalido dos ramos que se partiam nas corridas pela catanga; e logo depois, afluíam ao rodeador grupos de rezes conduzidas por elles que as cercavam e as distribuíam, após, em circulo cujo raio augmentava com as levas de gado vindo".

Rodeio: o mesmo que *rodador*, mais usado no sul, ponto em determinada parte do campo, onde se reúne o gado para "apartar", contar, separar, examinar e curar as rezes" que porventura estejam doentes. As grandes estâncias, diz Callage, têm tantos rodeios quantas invernadas fechadas possuem. Amadeu Amaral regista o termo e lhe dá a seguinte definição: reunião de gado vacum criado em campo, para se marcar, para se fazerem curativos, etc.

Rodovia: neologismo que significa estrada de rodagem, hoje corrente em quasi todo o Brasil. A. Taunay, registando-o na sua "Collectanea de Falhas", publicada em o.º 45 da "Revista de Lingua Portuguesa", informa que foi o mesmo composto pelo Presidente Washington Luis. Na revista "Boas Estradas", n.º 66 de Janeiro de 1927, encontramos também com o mesmo significado a palavra *autovia*, menos comuna. E em entrevista do Dr. Pedro Nolasco ao "Jornal", de 4-9-1928, vimos empregada a expressão *auto-estrada*. De *rodovia* derivam *rodoviação*, *rodoviarismo*, substantivos frequentes no linguajar hodierno, o adjetivo *rodoviario* e até o verbo *rodoviar*, lembrado pela revista "Boas Estradas" — n.º 8 de 1928. Neste mesmo numero, lemos: "Como quer que seja rodovia já tem todos os privilegios de brasilianidade. Resta só decidir entre *rodoviação*, usado em S. Paulo e nos demais Estados do Sul, e *rodoviarismo*, preferido principalmente no Rio de Janeiro e em alguns Estados do Norte (Vido *litovia*)".

Roncador: sinônimo de cachoeira no Maranhão e noutros Estados. A. Taunay abona-o com a seguinte frase: "No tempo das cheias este *roncador* do Rio Grande passa a ser uma corredeira".

Roseteiro: numa dupla accepção se emprega este vocabulo no Rio Grande do Sul, já para designar o campo de ruim qualidade e no qual ha muita roseta, que é uma grama rasteira bastante espinhosa, já para nomear o proprietario de chácaras, porque tendo pouco pasto no seu campo, este fica em pouco tempo re-

duzido à *roseta*, nome que se dá também às pontas do capim seco, depois de muito cutado pelos animais. Regista o primeiro sentido Callage e o segundo Beaurepaire-Rohan; este ainda refere a opinião de Cezimbra, de que o nome de *roseteiro* é dado também ao habitante da parte septentrional do Rio Grande do Sul.

Ruíva: termo usado em S. Paulo para designar o arrebol da manhã ou o fechar da tarde, talvez em alusão à cor avermelhada que tomam as nuvens ao nascer ou ao pôr do sol. Empregou-o Valdomiro Silveira no seguinte passo d'“Os Caboclos”, à pag. 121: “Afinal, depois de padecimentos muito doidos, que não serenavam mais, que se exasperavam á hora da ruíva, aos pios da avezinha malfazeja, resolveu um dia acabar com aquillo”.

Russo: designação dada em Petropolis, cidade do Estado do Rio de Janeiro, a um hidrometeoro, assim descrito pelo dr. Henrique Morize, à pag. 50 da sua esplendida “Contribuição ao Estado do Clima do Brasil (2.^a ed. 1927): “E' tambem frequente a produção de denso nevoeiro, que se vê galgar a serra e caninbar como uma massa rigida, de tal maneira que um minuto depois de chegar a um ponto, os objectos, mesmo abrigados por um telheiro, ficam completamente molhados. Esse phenomeno parece ser o mesmo, embora mais intenso observado em Petropolis sob o nome de russo”.

S

Sabão: rocha semi-decomposta que forma o subsolo de determinadas paragens nordestinas, principalmente no Piauí. Everardo Backhuser regista o termo *pedra sabão*, como variedade de talco chamada *estratita*, empregada como substância isolante das máquinas elétricas, no fabrico dos bicos de gaz e também utilizada como giz nos alfaiates, etc. No oeste de S. Paulo, o termo *sabão* é usado para designar a terra escorregadia, como informa Taunay, que dá o seguinte exemplo: "Com as chuvas ultimas aquelle morro está sabão que é um perigo para os cavaleiros".

Sabinos: vide *rapósas*.

Sacaca: registado por Gastão Cruz na sua "A Amazonia que eu vi", significando feitiçaria: segundo refere o autor, é uma bruxedo de pratica obscura, a respeito do qual não conseguiu uma elucidção precisa.

Sacado: assim se qualificam na Amazônia os lagos marginaes, formados pelos rios no seu divagar constante e perene, onde eles represam o excedente de suas cheias colossais e que funcionam como verdadeiras valvulas de segurança, patenteando um dos aspectos caprichosos da hidraulica do rio-mar. F. Raja Gabaglia, em seu livro citado, diz que o *sacado* é "a volta meandrica dos rios, separada na sua extremidade superior, em geral por um dique amontoado naturalmente pelos sedimentos e vegetação do rio. Quando fica tambem fechada a outra extremidade, o *sacado* apparece absolutamente separado do rio, recebendo deste apenas agua por infiltração: é o que na theoria dos rios se chama *braço morto* ou *lago em ferradura*". Muito instrutivo é o passo seguinte do "Relatorio da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana do Reconhecimento do Alto Furús", escrito pela pena fulgurante de Euclides da Cunha, à pag. 38: "De facto, comparando-se a carta de William Chandless, de 1865, com a nossa, annexa a este relatorio, vê-se que, conservada a orientação geral do rio, soffreram os seus trechos, parceladamente examinados, modificações profundas, ora definidas pelos circos de erosão conhecidos sob os nomes locais, peruano e brasileiro,

de *tipiscas* e *sacados* (*abuiny*, na lingua dos *pamarys*), ora pela intensa degradação das partes concavas onde se aprumam os barrancos coincidindo com os aterros das partes convexas onde se dilatam as praias”.

Saco: varios sentidos tem este termo em diferentes regiões do país. Na Bahia e em Pernambuco é grande corte, em forma de meia lua ou grande circo, que se apresenta nos paredões abruptos dos rebordos escarpados das serras e maciços dos terrenos montanhosos. Em Pernambuco tal formação se mostra a miúdo no maciço constituído pelas serras do Coqueiro, S. José, Catimbão, Quiri d'Alho, a noroeste da vila de Buique. O mais notavel é o *saco* do Brejo, com 6 quilômetros de diametro interno, comprehendendo tres *sacos* interiores: Pingadeira, Caiano e Côcos. Nos Estados do Rio de Janeiro e S. Paulo, *saco* é o nome dado a uma pequena enseada. Empregou-o neste sentido João Puaça, à pag. 145 do seu livro “Os Caiçaras”: “Em sahindo do *saco* vocês apanham o *terralão* que é uma ajuda”. Os espanhóis, designam por *saco* — baía, enseada, entrada do mar na terra, especialmente quando a sua bôca é muito estreita em relação ao fundo (Vergara Martin). Segundo informação do Dr. Mario Campos, prefeito de Araxá (1928), no interior de Minas Gerais, este nome é applicado na designação de certa extensão de campo circulado de matas. É uma ilha de campo no meio da floresta e por conseguinte o inverso de *capão*. Em Goiaz, segundo informe do Professor Alcide Jubé, assim se denomina um arco de circulo descrito por um rio citando como exemplo o *Saco do Urukú*, um dos formadores do Tocantins.

Safra: além da sua comunt accepção de colheita este vocabulo tem, no Rio Grande do Sul, o sentido peculiar de época do ano em que o gado e os demais produtos *pastoris* são vendidos. Registado por Callage e Romaguera.

Saidor: em Santa Catharina, refere Teschauer, significa lugar da praia onde sae o gado do rio, que transpoz. Empregado pelo autor da “Campanha de Contestado”, I, Pag. 193. No Rio Grande do Sul, diz Callage chama-se assim ao lugar de onde saem os cavalos na *cancha* das *carreiras*.

Saidouro: assim se diz, em S. Paulo e noutros Estados, o a que se chama *saidor* em Santa Catarina: é o lugar, à margem de um rio, que oferece boa saída ao gado que atravessa a corrente a nado. Empregado pelo Visconde de Taunay no seguinte trecho: “Não toques a boiada para a agua aqui, porque na outra margem ha só um *saidouro* soffrivel meia legua abaixo”.

Saladeirista: também *saladerista*, de origem castelhana, *charqueador*, proprietario de *saladeiro*. Termo usado no Rio Grande do Sul.

Saladeiro: vide *charqueada*; estabelecimento onde se prepara o *charque* ou carne seca. Escrevem também *saladero*. É termo

gaúcho. "Doze annos a fio exercitára na cancha dos saladeiros a profissão dizimante de carneador" (Callage. "Quéro-Quéro". Pag. 55).

Salamanca: nome que, desde a cordilheira dos Andes até os vales do Uruguai, Paraná e Paraguai, se dá ás cavernas encantadas que, segundo a crendice popular, encetram em suas entranhas consideraveis riquezas de ouro e prata. Segundo o proveccto sabio Pe. Carlos Teschauer, num de cujos trabalhos encontramos a descripção das *salamaucas* (Conferencia feita em Agosto de 1926, no Museu e Archivo Historico do Rio Grande do Sul), a origem deste nome é da cidade de Salamanca, da Espanha, onde existiu uma escola de magia atribuida à influencia dos mouros na península ibérica.

Salão: também designado *torrão*, usado no Territorio do Acre e no Estado de Amazonas, para nomear um baixio de argila vermelha endurecida, a qual se deposita no leito dos rios, embarracando a navegação. Tratando do rio Purús, Raja Gabaglia escreve: "os obstaculos que apresenta á navegação são os laucos da floresta marginal e as massas de terras desmoronadas, que formam baixios faccis de serem removidos e denominados *salões*". E Euclides da Cunha á pag. 41 do "Relatorio" citado, diz: "... enquanto as massas de terras desmoronadas, accumulando-se por sua vez nos trechos em que a corrente dirinue, formam os denominados *salões* sobre que passam as aguas extremamente rasas". Na Bahia assim se chama a uma qualidade de terreno proprio para a cultura do fumo, por exemplo: é um terreno mais duro, que conserva por mais tempo a humidade, a *molha* como dizem os sertanejos, que mais frequentemente pronunciam *selão*. Assim ouvimos no Municipio de Ipirá (Bahia). Na "Cultura e Opulencia do Brasil" de Antonil encontramos o termo *salões* designando "terra vermelha, capaz de poucos córtes (da canna), porque logo enfraquece" (Cap. I do Livro II). Pereira da Costa regista o termo como de uso em Pernambuco, no sentido de terra misturada de argila corada e de ótima producao, dizendo mais que é termo vulgar na zona da mata, estendendo-se, porém, á sertanejn, referindo-se á vetustez do vocabulo já de uso ao tempo de Antonil. Rodolpho Garcia regista-o, dando-lhe como significado "fundo do mar ou do rio, duro, de areia fina; terreno impermeavel por qualquer camada pedregosa", dizendo mais que nesta accepção é termo geral.

Salteiro: registado por Teschauer, que o define: "nome que no Rio Grande do Sul, na região misioneira, dão aos campos em cujo solo ha abundancia de principios salinos. Equivale mais ou menos ao que no norte se denomina *barreira*."

Salmourão: Rodolpho Garcia, que o regista, transcreve a opinião de John Branner em seu livro citado: "solo residuario for

mado de pedregulho, no qual uma parte de feldspato resiste à decomposição e permanece como areia grossa, ou no meio da terra derivada das partes mais decomponíveis de feldspato e de mica". Termo geral, definido simplesmente por Amadeu Amaral, "qualidade de terra pedregulhosa". "Percebiam-se vozes de longe em longe confundidas com o fragor das enxadas naigum *sabnoarão* dos morros, enquanto das baixadas uma cantiga nostálgica subia, a espaços, para o céu sereno" (Amando Cayaby. "Sapesacs e Tiguéras". Pag. 265).

Salta-atrás: nome que, no sertão de Pernambuco, no século XVIII, se dava aos filhos de mamelucos com negras. Alfredo de Carvalho, que registou o termo em suas "Phrases e Palavras", à pag. 41, informa que, sendo os mamelucos filhos de índia com branco, resalta com toda a evidencia que semelhante denominação ou alcunha exprime exactamente a consciencia duma retrogradação no aperfeiçoamento racial. E mais: "Do mesmo parecer era, sem dúvida, o illustre marquez do Lavradio, 8.º vice-rei do Brasil, ao expedir a portaria de 6 de Agosto de 1771, pela qual rebaixou a um indio do posto de capitão-mór por ter se casado com uma negra e assim haver manchado o seu sangue e se mostrado indigno do cargo". "Na America Espanhola, e, sobretudo na Republica do Equador, o termo — *salta-atrás* — é ainda hoje comum para designar certa casta de mestiços de indios e negros". No "Diccionario Etnografico Americano" de Gabriel Vergara Martin encontramos registado — *salto-atrás* — filho de chino e india. E num artigo do Dr. Modesto Chávez Franco publicado na "Revista de las Españas", Anno 1930 — encontramos o termo *torna-atrás*, designativo no Equador do filho de espanhol e albina, sendo a albina por sua vez a filha do espanhol e mourisca. Mourisco é o filho do espanhol e mulata. Vale por illustração recordar os outros mestiços a que se refere o illustre poligrafo equatoriano: "*cambujo* — filho de albarazado com negra; *albarazado* - filho de cambujo e mulata; *cambujo* — produto do *sambayo* e india; *sambayo* — filho de lobo e india; *lobo* - - filho de indio e *torna-atrás*".

Sambajal: lugar onde crescem samambaias, plantas herbáceas ou arborescentes que vicejam no Brasil, repartidas por mais de 800 especies. Encontramos este termo no "Prefacio" escrito por Arthur Neiva para o livro de Navarro de Andrade "O Eucalypto e suas applicações", no seguinte trecho: "Do Rio de Janeiro ás proximidades do Jundiáhi, no lugar denominado Castanho, o viajante poderá se dar conta facilmente, do trem que o conduz do Rio a São Paulo, e dali pela rodovia, no automovel que o leva, que quatro seculos bastaram para fazer substituir, numa extensão aproximada de 600 kilometros por não sabemos quantos de largura, a floresta primitiva por um sapezal ou samambajal quasi ininterruptos". Em Valença e municipios vizinhos (Bahia), é expressão usual.

Sambaquí: palavra de origem tupica, de *tambá* — concha e *quí* — colina, segundo o venerado Mestre Dr. Theodoro Sampaio. Assim se denominam, no Brasil, os montículos de ostras ou colinas conchíferas, que se encontram ao longo da costa, à margem de rios, e até em pontos afastados de aguas (*sambaquis marinhos* ou *costeiros*, *sambaquis fluviais*, *sambaquis centrais*), resultantes da acumulação dos restos de cozinha dos primeiros habitantes do Brasil, que se alimentavam de ostras e mariscos. São verdadeiras montureiras dos indígenas precolombianos que habitaram o nosso país, em meio das quais se encontram restos desse homem primitivo, como sejam fragmentos de louça, instrumentos de pedra, ossos de animais, ossadas humanas, não raro esqueletos inteiros. Os *sambaquis* constituem abundosa fonte para o estudo paleoetnológico do Brasil, pois que todos sabem que, quando o homem cessa de falar e de escrever, recorremos às pedras e aos ossos para que digam alguma coisa a respeito dos nossos avoengos. Os *sambaquis* tem sido muito estudados no Brasil, sobrelevando notar os trabalhos de Carlos Rath, Carlos Wiener, Frederico Hartt, J. B. de Lacerda, Ferreira Penna, Trajano de Moura, Fróes Abreu e tantos outros. Em S. Paulo e Santa Catarina dão a estas colinas o nome de *casquiras*, *concheiras* ou *ostreiras*; noutros pontos do Brasil, chamam-lhes *caieiras*, *calçiras* e *berliqueiras*; no Pará denominam *scrumbi* ou *múas* como nos informou Jorge Huxley ou ainda *múas de scrubis* como temos em Raymundo Moraes. Theodoro Sampaio lembra o nome *casquiros*. À pag. 19 da preciosa monografia do Dr. S. Fróes Abreu "Sambaquis de Inhúba e Laguna" temos o seguinte: "É um belo exemplo de *sambaquí* conico, de estilo peito de mulher, donde a designação tupi *'ambá-ky*, etimologia de *sambaquí*, segundo Baptista Caetano de Almeida Nogueira. Essa etimologia foi aceita durante muito tempo, porém, o Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes respondendo a uma consulta do Professor Everardo Backheuser, insurge-se contra ela e após uma longa justificação apresenta as hipóteses etimológicas: *sambatáqui* deriva de *samanguaiá* (berbigão) e *ibicú* — areia ou *sambanuaia* — *ibicú*, isto é, areia de *samanguaiá* ou *sambanguaiá-acú*, isto é, *samanguaiás* como pó, muito *samanguaiá*. Como quer que seja, *sambaquis* são estações humanas prehistóricas no Brasil, análogas ao que, na Patagônia, tem o nome de *paraderos*, na costa yankee do Pacífico — *conchal*, nos Estados Unidos em geral — *shell-mounds*, e na Escandinávia recebe o apelido rebarbativo de *Kjöekkenmöddings* (literalmente restos de cozinha), que os ingleses verteram para *Kitchenmidden* (resto de cozinha).

Sanfena: designa este termo terreno coberto de sanfeno, planta leguminosa vulgarmente conhecida pelo nome de crista de gallo e que constitue excelente forragem. "No primeiro anno os sanfenas devem ser cuidadosamente cultivados de modo a impedir que as plantas nocivas prejudiquem a cultura" (Artigo

sob o título "Uma boa forrageira", publicado na "A Federação" de Porto Alegre; edição de 1 de Fevereiro de 1928).

Sanga: Callage e Romaguera definem semelhantemente — pequeno arroio ou regato despraiado no mato ou nas canchadas, que seca facilmente. Beaurepaire-Rohan, porém, traduz como sendo "excavação funda produzida no terreno pelas chuvas ou por correntes subterrâneas de água, que, depois de terem minado as terras, fazem-nas esbarrondar". O leito das *sangas* muitas vezes encerra perigosos lamaçais chamados *caudeirões*. É termo usado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde fica a *sanga* do Madeira, escondouro das águas da lagôa do Morro Sombrio, a qual vai desembocar no rio Manipituba, linha raiana entre os dois Estados mais meridionais do Brasil. Quanto à origem desta palavra ha duas opiniões: dizem alguns proceder do tupi *canga* — o que se estende, se dilata, o espraiado, o alagado; Beaurepaire-Rohan e Romaguera consideram-na de origem castelhana, alteração de *zanga*, que exprime o mesmo acidente e que tem o seu equivalente em português — *sanga*. O termo é corrente no falar e no escrever dos *gaúchos*.

Sangão: assim chamam os *gaúchos* à sanga funda e barrancosa. Na Argentina *zanjón* é a sanga abrupta. "E vibra pelo ar, pelas *coxilhas*, pelas *canchadas* e *sangões*, o grito heroico e forte do ferroupilha audaz desafiando a morte (Aurelio Porto. "A Epopéa dos Farrapos").

Sangrador: o mesmo que *sangradouro*, termo de uso em quasi todo o Brasil, registado por Amadeu Amaral, que diz: rego que se abre nos caminhos para desvio de águas pluviais.

Sangradouro: nos Estados do sul, designa um canal natural pelo qual se comunicam dois rios, duas lagôas, ou um rio e uma lagôa; nos do norte, nomeia o canal ou levada que dá vazão ás águas de um açude para que não transbordem (Rodolpho Garcia). No sertão piauiense, segundo notaram Spix e Martins, referidos por Alfredo de Carvalho, o nome *sangradouro* equivale a *boqueirão*, garganta entre serras, como se depreende do seguinte trecho do artigo "Através do Piauí", publicado no 2.º tomo da "Revista do Instituto Geografico e Historico do Piahy", pag. 178: "A proporção que, no dia seguinte, mais se afastavam do rio S. Francisco crescia a desigualdade do terreno, sulcado por extensos *boqueirões* que, na época das enchentes, eram inundados e constituíam os chamados *sangradokros*, ostentando a mesma vegetação marginal dos *alagadiços*, composta de arvores de espinho e de trepadeiras enredadas".

Sangue de tatú: locução adjetiva que se emprega em S. Paulo de referencia a uma qualidade de terra, de coloração roxa viva, consoante Amadeu Amaral e A. Taunay que a registaram.

Santafesal: registado por Callage, designativo de terreno onde ha abundancia de *santa-fé*, planta rio-grandense do sul, muito

util, pois que dá excelente palha para cobrir ranchos e carretas, a qual é chamada nas Republicas platinas — *paja brava*. "O brejo é coberto de *santafésais*, gramineas altas e cortantes que cobrem um homem a cavallo". (Terra Caícha", N.º 10. Set. 1925. Pag. 66).

Sãopaulero: assim chamam, no interior da Bahia, nos sertanejos que vão a S. Paulo derrubar matas e trabalhar nas fazendas de café. Registou-o Affonso Taunay na "Collectanea de Falhas", publicada em o n. 45 da "Revista de Lingua Portuguesa".

Sapata: termo amazônico designativo de massa de cauchó, que se coagula sobre o solo depois de ser sangrada a arvore (Gasão Cruis — "A Amazonia que eu vi", pag. 338).

Sapatão: alcunha depreciativa dos portuguezes em S. Paulo, nos tempos da Independencia. Registado por A. Taunay.

Sapé: nome que, no Paraná, segundo infome de Eurico Branco Ribeiro em seu livro — "A Sembra dos Pinheiros", se dá ao ramo sêco de pinheiro. A pag. 24 deste livro, lemos: "Os pés franzinos evitavam os sapés esparsos pelo chão e o andar esbelto tinha qualquer coisa de divino". No norte do Brasil, *sapé* é o nome de uma graminea (*Saccharum sapé*), de que se fazem fachos e que serve sobretudo para cobertura das cabanas ou choupanas dos matutos. A palavra é de origem tupica, segundo Amadeu Amaral e Theodoro Sampaio, que escreve: "corruptela de *ça-pé*, ver caminho, allumiar".

Sapecadouro: designativo do lugar, em que se faz a sapecação do mnte. Registado por Teschauer que cita o seguinte trecho de Hemeterio Velloso nas "Missões Orientaes": "Depois são conduzidos todos os feixes para um lugar tambem roçado e limpo, na distancia de meio a um kilometro do *caríjo*, que se chama *sapecadouro*, da herva ainda verde".

Sapequeiro: termo usado nos Estados do norte para designar o terreno em que lavrou fogo, sinônimo de *queimada* num de seus sentidos.

Sapezal: também *sapezeiro*, campo de *sapé*, graminea do genero *saccharum*, cuja palha é muito usada na Bahia sertaneja para cobrir as choças dos matutos. E' frequente ouvir-se no sertão baiano: "Tal fazenda tem tantas casas de *sapé*", Manoel Victor em seu livro "Os Dramas da Floresta Virgem" Pag. 225, escreve: "E lá ao longe, muito além, muito ao depois de se ter cansado e se exgotado sob os *sapezais*, ora no campo raso, ora nas furnas, desaguava aos ribombos no velho S. Francisco". *Sapezeiro* foi empregado por Amado Caiuby, à pag. 45 dos seus contos sertanejos "Sapezais e Tiguéras": "Na venda do José Portuguez, na encruzilhada do Serrano, quando o caminho da villa perde os barrancos marginaes e entra no *sapezeiro* da cha-

pada alta, alguns caboclos jogavam truque, naquella fim de tarde domingueira”.

Sapieira: registado por Cornelio Pires, juntamente com *sarapilheira*; sapé e vegetais secos nas capueiras de terra ruim (Vide *sarapicira*).

Sapopema: também grafado *sapopemba*, *sapipema*, *sacupêma*; termo que, no norte, sobretudo na Amazônia, denomina raízes que se desenvolvem com o tronco de muitas árvores, com a forma tabular, originando divisões em redor dele. Afranio Peixoto que escreve *sapopemba* diz que são raízes que se desenvolvem como contrafortes para sustentar as arvores. A. J. de Sampaio escreve: expansão da base do coleto de algumas grandes arvores. As *sapopemas* podem levantar-se até a altura de dois metros sobre o solo. Ensina Theodoro Sampaio que o termo é oriundo do “tupi — *sapu-pêma* — a raiz arquinada, a que se dispõe em forma de parede, tal como as das figueiras bravas ou gameleiras, que não raro se levantam um a dois metros acima do solo como paredes de 20 a 30 centímetros de espessura”. Jorge Hurley diz derivar de *apó-pema* — raiz chata, excrescente, que os seringueiros, à maneira dos *curupiras* lendários, batem para dar sinal aos outros do rumo em que estão no centro da *caá*. Na “Pororoca” de Adauto Fernandes, à pag. 209, lemos *sacupema*: “Nesse mister enfadonho, cheio de torturas deprimentes, elle aproveita-se dos proprias accidentes que o cercam: ora, encobre-se nas *sacupêmas*, por detraz dos troncos, através dos balzeiros enormes; ora, cose-se com os espinhos dos murumurús e tabocas; ora, põe-se de rastros entre as sororocas, deslisando por entre as hastes erectas, ou pulando por cima das grandes arvores caídas já mortas, cobertas de folhas e paul, germinando apuhis, ou parasitas trepadeiras”.

Sapuí: registado por Cornelio Pires, designativo de pequena área de terra cultivada (S. Paulo?).

Saquarema: alcunha do partido conservador no tempo da monarchia, oriundo do nome de uma vila da então provincia do Rio de Janeiro, que se tornou celebre na politica do país. Houve também *saquaremas* no Maranhão em 1839 e 1840 e em S. Paulo.

Saraizal: à pag. 134 do livro de Ignacio Baptista de Moura — “De Belém a S. João do Araguaya”, lemos o seguinte periodo: “Em quasi todas as corredeiras, encontram-se *saraizales*, como chamam certas arvores nascidas e crescidas nas praias e que as aguas de inverno submergem até junto ás ramas, succedendo estas apparecerem, não sei porque motivo, até nos logares de maior correnteza”. E à pag. 206: “Parecia-me incrível que esses *saraizales*, cujos ramos nos ajudavam a puxar a canôa, fossem de elevadas arvores, na estação secca, só atingidos pelas aves de rapina, que faziam ninhos onde agora nós com tanta facilidade tocavamos”.

Sarandí: registado por Teschauer e A. Taunay que o colheram nos trabalhos do Visconde de Taunay, com o sentido de terra maninha, esteril. A. Taunay cita a seguinte frase: "Este campo todo é um *sarandí* que nada pode produzir". Em Luetzelburg lemos que *sarandí* é uma espécie de mato baixo, xerófilo, da zona das catingas, arboreo, ou agrestes ricos de arbustos. O termo é usado em Minas Gerais com o mesmo sentido: ouvimo-lo no falar de mineiros na zona atravessada pela Estrada de Ferro Oeste de Minas, entre Belo Horizonte e Itaúna. No Rio Grande do Sul, informa o General Borges Fortes, "*sarandí* é arbusto da margem e leito seco dos rios. Ha o *sarandí* vermelho que viceja nos rios e o branco, frequente nos banhados. Este é muito procurado para fabricação de palitos feitos à mão". Finalmente à pag. 79 de "*Oeste Paranaense*" de Lima Figueiredo lemos o seguinte trecho: "Passamos pela barra do rio Indio, por um cordão de seis *sarandís* - ilhotas, pedregosas — para chegar no porto de Apipú".

Sarandizal: termo usado no Rio Grande do Sul, designativo, segundo Teschauer, de terreno coberto de *sarandís*. Empregou-o à pag. 69 dos "*Contos Gaúchescos e Lendas do Sul*", Simões Lopes Netto: "Fazia um ponta, tinha um *sarandizal* e logo era uma volta forte, como uma meia lua..." E Darcy Azambuja, à pag. 22 do "*No Galpão*": "Passava o fio da correnteza, embrenharam-se pela picada que serpejava entre os caponetes ilhados, através dos *sarandizais* fechados..." O mesmo que *saranzal*.

Saranzal: lugar coberto de *sarans*, planta arbustiva (*Philantus salicifolia*), que cresce em geral à beira dos rios do sul e do centro do Brasil, nas praias e pedreiras que, nas cheias, se cobrem de águas. Quando os rios enchem formam canais por entre os *sarans*, como diz Rufino Theotônio Segurado, em cujo "*Roteiro de Viagem de Goiás ao Pará*" (publicado no Vol. 10 da Revista do Inst. Histor. e Geog. Brasileiro, pag. 178), encontramos este vocabulo. O *saran*, diz o mesmo explorador, medra abundantemente nas praias e pedrarias de Araguaia. O *saran*, nota Teschauer, é o mesmo *sarandí*. Palavras todas de origem tupi.

Sarapieira: diz-se assim, em S. Paulo, o acumulo de detritos vegetais que atapetam o chão, o solo das florestas. Na "*Onomastica*" havíamos escrito que era termo de uso corrente no Ceará, abonando-o com um trecho de Catullo Cearense, colhido nos "*Poemas Bravios*", à pag. 111. Comentando, José Luiz de Castro diz nunca ter ouvido semelhante vocabulo no Ceará.

Sarapueira: o mesmo que *sarapieira*, segundo Rodolpho Garcia e A. Taunay que o registaram.

Sarará: apelido que, em alguns Estados do Brasil, Bahia por exemplo, dá o povo aos mestiços de côr clara e cabelos ruivos,

mais ou menos encarapinhados; mulato arruivado. Vem o apelido do nome de uma formiga de azas, avermelhada, que enxameia à luz, nos dias de sol depois das chuvas. Theodoro Sampaio diz ser corruptela de *ya-rará* — a formiga solta em quantidade.

Sará sará: designativo, em Goiás, do individuo da côr morena com olhos azues e cabelos castanhos claros e crespos. Informação do Prof. Alcide Jubé (Vide Sarará).

Sarú: expressão usada pelos pescadores do Amazonas para indicar a calada de um lago, a sua perfeita tranquilidade, quando esse estado significa falta de pescado. Gastão Cruis, de quem tiramos a definição supra, à pag. 266 da sua "A Amazonia Misteriosa", escreve: "Às vezes, o lago estava sarú e as suas aguas se encrestavam, batidas por uma brisa ligeira". Quando o lago está sarú o pescador volta *panema* — que cada colheu. Por extensão, emprega-se o termo sarú a tudo, ser ou coisa, que perde as suas qualidades, aptidões, utilidade, como informa V. Chermont. Teschauer explica do modo seguinte a sua origem etimologica: "tupi-guar. corr. *ruí* — manso, calado, silencioso e o relativo *h* (que no tupi do Amazonas é expresso por *ç*) com a euphonia *a*: *h-a-ruí* — *çaruí* — *çarú*, o que é calado, quedo".

Satelite: denominação dada pelo sabio professor Gorceix aos minerais que, geralmente, acompanham o diamante (carbono puro cristalizado), com maior ou menor frequencia, e que se originam da mesma rocha matriz. No Brasil, diz o illustre E. Roquette Pinto, professor do Museu Nacional, "o diamante encontra-se engastado no itacolumito, grés xistoso contendo quartzo regular em leitos separados por laminas de mica misturada com clorito; ou então acha-se no cascalho e nas arcins dos rios. Neste ultimo caso é acompanhado por um grande grupo de minerais, que são seus satelites, na expressão do professor Gorceix. Os mineiros dão a tais satelites nomes diferentes, segundo a variedade a que pertencem. O encontro desses minerais presagia a presença da preciosa pedra". De feito, sempre que iam à procura dos diamantes, ora nos cascalhos dos lugares altos, denominados *gupiáras*, ora nos cascalhos das encostas que se chamavam *gorgulhos*, os *garimpeiros* procuravam primeiramente os satelites, por estes deduzindo o sitio diamantífero. Daí o sugestivo nome proposto por Gorceix e aceito pelos mineralogistas nacionais. Os mais conhecidos satelites do diamante, dos quais nos deu completa noticia o insigne petrógrafo E. Hussak ("Satelites do Diamante"), são apelidados, na linguagem tipica dos *garimpeiros*, do seguinte modo:

Agulhas: óxido de rutilo.

Bagageira: fava pardacenta, seixo rolado fosfatado de côr par-da.

Fava: varios minerais rolados, em geral de terras raras; ("alumina hidratada com acido fosforico e terras raras, cério" — Roquette Pinto).

Feijão preto: jaspe negro; lidita ou lidiana.

Ferragem: o mesmo que *agulha*.

Ferragem azul: octaedrita azul.

Fundinho: rutilo.

Goiazita: fava amarela clara; fosfato basico de alumio e calcio.

Grãosinho: ilménita, ferro titanado da formula (Ti, Fe) 203.

Laere: jaspe vermelho.

Ogô: monazita.

Olho de peixe: calcedonia branca.

Ossô do cavallo: grandes pedaços de quartzo anguloso.

Ovo do pombo: quartzo rolado.

Pingo d'agua: pequeninos pedaços de quartzo hialino, rolados.

Prelinha: turmalina negra.

Sericôia ou *Sericornia*: óxido de titanio; anatásio ou octaedrita (zona de Diamantina).

Sericôia do saltão: xenotímio.

Vidraça: o mesmo que o anterior.

Ha ainda um *satélite* do diamante, em lavras brasileiras, chamado *Gorceixita* — fosfato de aluminio, bário e terras raras do grupo do cério, denominação esta em honra do venerando mestre: assim também a *Hartita* — sulfô-fosfato de aluminio, estroncio e terras raras do cério, em homenagem ao glorioso F. Hartt, que tanto fez pela Geografia e Geologia do Brasil. Outro satélite do diamante é a *Tantalita*, estudado por Hussak, tantalato de ferro; mineral raro.

Saubal: nome que tem o buraco ou toca em que vivem as saúvas ou saúbas, especie de formiga terrível que faz as maiores devastações nas lavouras e nos campos. Empregou o Alberto Rangel no seu "Quando o Brasil amanhecia", à pag. 193: "De que valeria atacar o saubal para deixar viva a tanajura?"

Sauveiro: o mesmo que formigueiro, também dito *saúbal*, registado este por Teschauer em seu "Novo Dictionario Nacional". Origina-se do nome de saúva, nome vulgar de uma formiga conhecida por sua voracidade e força de destruição, também dita *saúba* e *formiga do mandioca* (Bahia e Sergipe). "Todos conhecem a má fama de que gozam os sauveiras ditos *amoados*, isto é, os que, tendo sido mal atacados, voltam à actividade após algum 'empo...' ("Demonstrações de Processos de Combate à Saúva. Publicação do Ministerio da Agricultura — 1936 — Pag. 17).

Sebaça: térmo oriundo das margens do S. Francisco, que hoje se estende por todo o sertão das Lavras Diamantinas da Bahia,

designando a aquisição de objetos alheios à mão armada, consequência inevitável das lutas do sertão. É usado desde os tempos da monarquia, quando houve em Assuruá as famosas lutas entre *Marrões* e *Bundões*. É termo frequente na "imprensa do Estado. Na "A Tarde" n.º 5735 (1928) lemos o seguinte trecho: "Depois da proeza, os assaltantes se retiraram levando os frutos da *sohaça* e deixando estendidos, mortos alguns e feridos muitos, habitantes d'alli que lhes eram desafectos ou lhes oppuzeram resistencia". Origina-se de *sêbo*, gordura. Certamente, informamos o Cel. Gonçalo Athayde, quem exprimir a situação dos individuos atacantes que entram nas lutas magros e pobres e delas saem ricos, fartos e gordos, isto é com *sêbo*. Segundo lemos num artigo de Henrique Silva sobre a "População bovina de Goyaz", publicado na "A Informação Goyanna" de Janeiro de 1929, no norte de Goyaz, ha alguma cousa de parecido com a *sohaça* e que lá chamam *seratas*: será uma corruptela? Eis o trecho: "Além do contrabando intensivo que se faz do gado dos municipios do norte de Goyaz, dá-se mais esta: bandoleiros jagunços, ladrões de cavallos, vindos da Bahia, do Piauhy e Maranhão os invadem, assaltam-lhes as fazendas de criar e arrebanham todas as vezes que encontram. A esses roubos à mão armada dão o nome de *seratas*".

Sebastianista: adepto do sebastianismo, nome que por escarnio foi applicado aos que se conservaram fieis à idéa monarchica, após a proclamação da república no Brasil. Regista-o A. Taunay, que o abona com a seguinte frase: "A revolta de 1893 teria sido sebastianista?".

Sêca d'agua: sugestiva e flagrante metonymia usada pelos sertanejos do nordeste para designar a invernia rigorosa, violenta e prolongada. Encontramo-la referida no seguinte passo da "Alma Sertaneja" de Gustavo Barroso, à pag. 88: "Terra infeliz em que a graça natural do rude sertanejo é a zombaria contra a inclemencia da natureza com que luta. Naquelle agreste sertão, muitas vezes, quando não ha sêca, desabam sobre gados e gentes flagellos mais peiores: pestes, epizootias, invernos tão abundantes e prejudiciaes que se chamam *sêccas de agua*".

Sêco: regionalismo do vale do Tocantins, chamado tão à justa pelo Marquês de Pombal — *corredor do Brasil*. Designa o trecho do leito de um rio onde baixios de areia dificultam a navegação no tempo de verão. Ignacio Baptista de Moura, na descrição de sua viagem "De Belém a S. Joao do Araguaia", refere-se à pag. 265, a varios sêcos do Alto Tocantins, de Praia da Rainha para montante. Tais são os sêcos do Lago Vermelho, o Grande, do Bacabal, o da Corôa, etc. Já registado por Macedo Soares como lugar que fica sêco nas margens do rio, passada a enchente. "Daqui para baixo, já não ha

sêcos, sendo todo o rio um canal". (Rev. Inst. Hist. Brasil. 1818).

Seivo: registado por Teschauer, que lhe dá a significação de campo aberto sem tapume e cita a seguinte frase de um escritor gaúcho: "Repechamos a custo, o ingreme arampadouro... Pleno luar, plena paz. Infundos seivos; baixas gangas..." É antigo vocabulo português, como o registam Candido de Figueiredo e outros.

Selado: termo de Minas Gerais, que designa estirão de planura, à guisa de sela de animal, entre montes alcantilados, por onde se torna facil o transito. Soubemo-lo por inforação do Barão Homem de Mello, que nos referiu o aspecto encantador da magnifica paisagem que se descortina no *selado* distendido na região montuosa entre Ouro Preto e as encostas do Itaculuni.

Senhor de engenho: designação brasileira de proprietario de engenho de açúcar. Já a referia Antonil quando escreve em sua "Cultura e Opulencia do Brasil...": "O ser senhor de coginho é titulo a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado de muitos". Observa Pereira da Costa que a expressão *senhor de engenho* substituiu a palavra *lavrador*, que originariamente teve. O termo *lavrador*, na zona do açúcar, designa o concessionario de um limitado trato de terra para o cultivo da cana, correndo a moagem por conta do proprietario da fabrica, mediante certa percentagem no açúcar. Vide este termo no "Vocabulario Pernambucano" de Pereira da Costa.

Senzala: também *sanzaia*, como se encontra nos antigos escritores (Antonil), vocabulo que denominava, nos ominosos tempos da escravidão, o conjunto dos alojamentos destinados à escravatura. O termo é de origem africana, da lingua *quimbundo*, com a significação de povoação, segundo Serpa Pinto, citado por Beaurepaire-Rohan na morada como disse Fr. Francisco de S. Luiz em seu "Glossario". "Restava ainda a *senzala* dos tempos do cativoiro. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras de meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a *rua*, como elas chamavam a *senzala* (José Lins do Rego "Merino do Engenho" Pag. 85).

Sequeiro: termo do sul da Bahia, que designa trecho de rio abundante em pedras e pouco profundo. Informação do Dr. Ruy Penalva, grande observador e conhecedor do linguajar do sul do Estado. Confirma-o Deolindo Amorim em seu artigo sobre "Cannavieiras" (Município do sul baiano), publicado no "Jornal do Commercio" de 15-11-936: "São imensas as cachoeiras, contadas as maiores e os *sequeiros* (pequenas cachoeiras que não oferecem perigo)". Pequena alteração do sentido em: que o empregam os lusos, isto é, lugar que não é regadio. "Não

despresando o arido *sequeiro* por onde cresce a mandragora (Almeida Garrett "Da Educação". Pag. 171).

Serapilheira: registado e empregado por Valdomiro Silveira n.º "Os Cabeços", com a significação de vegetação rala e rasteira da mata virgem; também são as pequenas raízes das árvores, que surgem à flor da terra. Diz o autor citado que se pronuncia *serapieira*. Notamos uma grande semelhança entre *serapilheira*, *serapieira* (Valdomiro Silveira), *capieira* e *sarapiheira* (Cornelio Pires), *sarapieira* e *sarapeira* (Taunay).

Serenada: o mesmo que *sereno* no sentido de chuva miúda, fina, pouco duradoura. Simões Lopes Netto em seu volume "Lendas do Sul-Populario" (1913) escreve à pag. 67: "Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as azas dos passaros e a cascada das frutas". Candido de Figueiredo regista o termo como sinónimo de serenata — tocata à noite e ao ar livre.

Sereno: além da significação comum de orvalho da tardinha, ao pôr do sol, os sertanejos assim qualificam as chuvas finas e pouco prolongadas. Estamos informados de que é termo de uso geral no Brasil.

Serenos: nome com que se designou, por volta de 1849 a 1850, certa horda de malfeteiros e fanaticos, transformados às vezes em companhias de penitentes, que appareceu no Crato e outros pontos do Cariri, cometendo desatinos, maleficios e depredações. A elles se refere Euclides da Cunha n.º "Os Sertões", pag. 148, aliás exagerando os atos desses desequilibrados, segundo nos informou o venerado mestre cearense Barão de Studart, em resposta à consulta que lhe fizemos a respeito. Todavia, o Dr. P. Théberge, em seu "Esboço Historico da Provincia do Ceará" (Parte Terceira, 1895, Pag. 239), escreve: "Durante o principio do anno de 1850, os negocios correram sem acontecimento notavel na provincia, a não ser a continuação dos roubos e assassinios pelos bandos de facinoras, que já indicamos. No Cariry, e especialmente no Crato, a companhia intitulada dos *Serenos* tornava aquelle termo inhabitavel; tinha ella á sua testa um famigerado Domingos Côxo, membro degenerado de uma familia n.º outro tempo importante, e que alcançou triste celebridade. E' curiosa a origem e denominação d'esta companhia. Tendo apparecido por estes tempos Missionarios que andavam pregando, seguiram a rotina usual... Amedrontaram muito os seus ouvintes; fizeram-n'os ehorar lagrimas de sangue, e os induziram a mortificar a carne por meio da disciplina. Grupos de penitentes, depois de invadirem a matriz do Crato, onde executaram scenas burlescas e sinistras, entraram a percorrer os sítios da freguezia, pedindo e exigindo esmolas. Reuniam-se á noite nos êrmos, onde se exerciam as predicas. Levantavam cruces no meio das estradas... Como a caridade publica não lhes fornecesse meios de subsistencia, á medida de

seus desejos, entraram a extorquil-os; e como lhes succedesse bem, foram tomando gosto a esta vida de rezas e de latrocinio. Os proletarios mal intencionados se reuniram a elles:... Chamaram-se primeiramente companhias de *penitentes*; mas, como suas reuniões se effectuassem sempre durante a noite, o vulgo deu-lhes o nome de *Serenos*". Identica horda de malfeitores foi a dos *Xios*, apparecida pelo mesmo tempo, segundo o Barão de Studart.

Seribeiro: também grafado *siribeiro*, pescador, denominação usada em Alagôas. "Sempre que as vejo, o meu ser — descendente desses *seribeiros* varonis que lutavam contra os *catuleiros* nas lagoas e contra as *maretas* no oceano, quando iam à Barra de Santo Antonio, num baratear de vida estupendo, em gloriosas epopeas anonymas — enche-se para ellas de uma gratidão submissa" (Octavio Brandão — *Canaes e Logos*". pag. 85).

Seridó: nome de uma região floristica do nordeste brasileiro, abrangendo terras dos Estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Define-a Luetzelburg em seu livro citado, vol. III, pags. 90 e 91, como uma zona de solo pedregoso, aspero, coberto de granunaceos duros, com elementos de catinga em grandes espaços. A sua flora é xerófila. Ha o *seridó* da Paraíba, que se alarga entre as serras da Borborema, Viração e Aba e no vale do rio Piranhas, onde ficam os centros — Patos de Espinharas, Santa Luzia de Sabugi, Pedra Lavrada e Pienhí; o *seridó* do Rio Grande do Norte, que se estende pelo sul do Estado, abrangendo uma área muito maior, onde ficam as localidades de Pareias, Jardim, Acari, Gargatheiras, Currais Novos, Caicó, Santa Cruz e outras. O *seridó* é uma zona admiravel para a cultura do algodão, havendo uma variedade com este nome, de renome mundial, em virtude da longa e resistente fibra. Bem é de ver que o nome de *Seridó* se applica não só a uma vegetação propria do nordeste, mas também a zonas dos dois Estados vizinhos, e a uma variedade famosa de algodão, o *ouro branco* do nordeste brasileiro.

Serie de Minas: expressão proposta pelo grande geologo Orville Derby, para designar as rochas brasileiras da era proterozoica, intermedia das eras azoica e paleozoica. "A sua região typica, diz Everardo Backhouser, é na serra do Espinhaço (bacia do rio Doce). Forma no Brasil o sistema alouquiano. E' formada por schistos predominantemente argilosos, quartzitos ferruginosos (itabiritos) e calcareos, todos fortemente laminados. E' tambem encontrada esta *serie* na Bahia, Sergipe, Nordeste e Serra dos Pirineus. E' nella que são encontradas as mais importantes jazidas de ferro, ouro e manganéz no Brasil".

Seringa: nome que nas *churqueadas* de Mato Grosso se dá a um curral de forma afunilada, o qual tem a parte larga voltada para a porteira do curral grande e a estreita para o corredor que recebe um estrado rolante sobre trilhos, onde o desnucador mata com mais firmeza a rês. Encontramo-lo num artigo de A. de P. Leonardo Pereira, publicado no "O Jornal" de 12 de Agosto de 1928, sob o título — "O Pantanal".

Seringal: registam-no os vocabularistas nacionais como sendo o terreno ou a mata em que predomina a seringueira (*Sifonia elastica*, *Hevea brasiliensis*). Este termo, porém, tem outra significação na Amazônia: designa a propriedade, a fazenda, a principal divisão da propriedade territorial da imensa planície. É uma certa extensão de terrenos pertencentes a um indivíduo, onde ha a moradia do proprietário — o *barracão*, as habitações dos empregados e seringueiros — as *barracas*, o campo, onde pastam os animais de serviço e criações miúdas, e, finalmente, os *centros*, onde se alinham as *madeiras*, designativo peculiar das seringueiras. O dono de um *seringal* não é o *seringueiro* como o é da *estância* o *estancieiro* e da fazenda o *fazendeiro*: chama-se *patrão* e *seringalista*. Em geral os seringais se localizam à ourela dos rios e se dividem em *margem* e *centro* (Vide estes termos).

Seringalista: termo usado na Amazônia para designar o dono do seringal, mais comumente o *patrão* (vide esta palavra). Encontramo-lo num radio enviado ao então Governador do Acre pelo Capm Hippolyto de Albuquerque e Silva, do teor seguinte "Acabo receber radio seringalista: região embirense comunicando fuga pessoal abandona propriedades seguindo Purús fim trabalhar extração madeiras acarretando enormes prejuizos ex-patrões que por meu intermedio solicitam urgentes providencias sentido não continue despovoamento seringaes" (Publicado na "A Reforma", periodico da Cidade Seabra, Municipio de Tarauacá, Territorio do Acre. Ed. de 5 de Outubro de 1930).

Seringal-jacarê: assim se chama na Amazônia ao seringal cujas *madeiras* (*seringueiras*) se acham estragadas, troncos todos cortados, rugosos, com diminuta produção de latex, por motivo de muitos anos de *arcação*, de trabalho. Refere-o Mario Guedes à pag. 111 do seu volume citado. "Após alguns annos de trabalho, o tronco (da seringueira) ao alcance do seringueiro, apresenta-se nodoso, trançado de nervuras e exerescencias tais que dificultam o corte e o embutir. Chama-se a este estado *jacaré*, talvez pela semelhança com o dorso daquele anfibio" ("*Marupiatá*" de Lauro Palhano — Pag. 249").

Seringueiro: assim se chama, na Amazonia, no individuo que extrai o latex da seringa, preparando-o para que se torne a borracha. Constitue a "*cellula mater*" da exploração do *caoutchuc*, nome que à borracha davam os amerindios Cambebas ou

Omaguas, e com o qual appareceu em França a sua primeira amostra, por volta de 1736, enviada por La Condamine, que havia sido encarregado pela Academia de Paris de uma exploração científica no Novo Mundo. A quem desejar ter do seringueiro e do seu officio idéia completa recomendamos a instrutiva leitura do livro de Mario Guedes — "Os Seringaes". Resumamo-lo aqui para registo de mais alguns regionalismos da industria extrativa do ouro-negro. Colocados os *seringueiros* nos diferentes centros pelo *mateiro*, quando já não são *freguezes velhos do seringal*, tomam conta das *estradas*. Em Maio ou Junho de cada ano, no inicio do verão, começam a cortar as *madeiras*, a sangrar as árvores, isto é, a golpea-las. Os seus instrumentos de trabalho são: o *machadinho*, de cabo comprido, o *balde*, as *tigelinhas*, a *bacia* e o *buião*. Em primeiro lugar ele *entigela a estrada*, isto é, dispõe ao pé das seringueiras as *tigelinhas* a serem embutidas, e começa no dia seguinte a *cortar a estrada*. Feita a *arreação*, um dia depois começa a recolher no *balde* o leite das *tigelas*, a fazer a *cólha*, a colheita, e depois a fabricação da borracha, que se realiza no *dejmador* ou *fumaceira*, pequeno papiri, isto é, pequena *barraea*. Despeja o leite na *bacia*, acende o *buião*, defuma o leite, fabrica a *pele*, *bola-a*, dando-lhe uma forma arredondada, imprime-lhe sua *marca*, *picada* ou *impressa*, mandando-a afinal pelos *comboios* para a *margem*, onde é entregue ao patrão, que lhe paga o serviço em relação à quantidade do fabrico. Os *seringueiros* são às vezes denominados *machadinhos*, em allusão ao instrumento com que sangram as seringueiras. Não raro se ouve a distincção dos *seringais* pelo numero de *machadinhos* que neles trabalham: ha *seringais* de 50, 100, 200, 300 *machadinhos*. Ainda mais: em certas partes da Amazônia chama-se *apunhador* ao seringueiro.

Sernambi: termo do Pará, o mesmo que *sambaqui*. Vide este vocabulo. No entanto, escreve Raymundo de Moraes à pag. 109 do seu magnifico "Paiz das Pedras Verdes" (Manáos — 1930): "depois da hevea ter ganho o surto commercial que a tornava o primeiro producto de exportação da Planicie, ligou-se o vocabulo *sernamby* de tal forma á gomma elastica, designando o residuo da borracha, o typo inferior da seringa que, se nestas linhas se falosse em *sernamby*, geraria sem duvida confusão entre as eminencias conchiliferas e essa modalidade coagulada de ouro negro. Eis o motivo por que se prefere, para os ostrarios paraenses, a denominação dos seientistas — *sambaquis*".

Serra: afora o sentido comum de montanha, cadeia de montes, tem este termo, no Rio Grande do Sul, o sentido de mata estreita que acompanha as duas margens dos rios ou arroios, segundo referem Teschauer e Rodolpho Garcia. Além disso, consoante informação do Pe. Geraldo Pauwells S. J., o nome *serra* tem no sul, na bôca do povo, outra accepção diferente da que

se encontra nos livros. O povo chama *serra* a qualquer declive ou pendor bastante forte e extenso. Daí, conclue o ilustrado Mestre, centenas de *serras* que, na realidade, não passavam de escarpas de uma chapada ou de talude de um vale fluvial. Verifica-se fato identico no norte.

Serra-abaixo: nome da parte meridional do Estado do Rio de Janeiro, diz Rodolpho Garcia. A expressão é aliás usada nos Estados meridionais do Brasil para designar a região litoranea, apertada entre o Oceano e a Serra do Mar. "Na região litoranea paulista, conhecida vulgarmente pelo nome de *serra-abaixo*, em contraste com a de *serra-acima* dos planaltos, a estreita fita de terras baixas que separa a fralda da serra do Oceano é totalmente formada de depósitos marinhos, cobertos aqui e acolá de aguas pantanosas e cortadas de riachos" (João Vampré - "Aspectos paulistas" — "Jornal do Commercio" de 23-9-934).

Serra-acima: nome da parte septentrional do mesmo Estado do Rio de Janeiro (Rodolpho Garcia). A expressão, porém, se amplia aos Estados do sul do Brasil, para designar a zona dos planaltos.

Serrano: em português, *serrano* é o habitante das serras, o montanhês. No Rio Grande do Sul, porém, designa, conforme referem Callage e Romaguera, o natural da região serrana, do Município de Santa Maria para o norte, propriamente da região de "Cima da Serra", bem como o morador da serra dos Tapes.

Serraria: segundo lemos em Vaidomiro Silveira (Os Caboclos), emprega-se este termo com o sentido regional de grande quantidade de serras, umas em continuação das outras.

Serrote: Candido de Figueiredo regista-o como brasileirismo no sentido de serra pequena. Realmente é moente e corrente no linguajar do povo e nos escritos dos geógrafos e literatos o termo *serrote* para designar uma montanha pouco extensa e baixa. Também *serrota*.

Sertania: registado por Candido de Figueiredo (4.^a Ed.) como brasileirismo designativo dos sertões, da terra "cabo do mundo", que o famoso Pe. Antonio Vieira dissera, em uma de suas cartas, era "largada de Deus e dos homens". De fato, temos encontrado este vocabulo em escritores brasileiros, como sejam Monteiro Lobato e Horacio Nogueira. "E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquella sertania exemplar mais truculento de gameleiro" (Monteiro Lobato — "Urupês", 3.^a Ed. Pag. 129). "Uma vez ainda se desdobra ante nossos olhos, extasiados, a monstruosa sertania, drenada e regada pelo gigantesco rio (Paraná) e seus inumeros tributarios. Eis o sertão dos sertões á nossa vista... Sertão

immenseo Sertão vem fim!... "Temos, portanto, daqui no salto das 7 Quedas, cêrca de cidenta leguas de para, purissima sertania". "Açotado pelas asas do Pamppeiro, que vem zunindo algures atavês da sertania, o rio se arrepia e se enfurece, qual um tigre provocado" (Horacio Nogueira — "Na Trilha do Grillo". Pags. 129 e 119). Usam em S. Paulo a expressão *sertania braba*, no sentido de inculta, desconhecida, bravia. (Corneio Pires — "As Estramboticas Aventuras de Joaquim Bentinho". Pag. 119).

Sertanista: brasileirismo derivado de sertão, designativo dos homens que entravam nos sertões brasileiros, em busca de riquezas, das quais corriam fabulosas notícias, e que inconscientemente concorreram para o devassamento do nosso interior e ampliação da nossa Patria. Sinônimo de *bandeirante*. Por extensão assim se chama ao individuo que conhece ou ainda hoje percorre o sertão. Os antigos paulistas usavam muito deste vocabulo e bem assim do verbo *sertanizar* — percorrer os sertões (A. Taunay). E' este mesmo mestre que diz que *sertanista* data de 1678, abonando o seu parecer com um trecho tirado da Acta da Camara de S. Paulo de 31 de Dezembro do mesmo ano de 1678: "mosso do gentio da terra, bom sertanista" ("Historia Geral das Bandeiras Paulistas" Tomo IV Pag. 376). *Certanista* diziam os espanhóis no fim do seculo XVII: às vezes chamavam simplesmente *certanes*.

Sertão bruto: designação brasileira do sertão sem moradores, inteiramente deshabitado. O Visconde de Taunay empregou-o à pag. 23 da "Innocencia" e à pag. 64 das "Visões do Sertão", onde lemos: "No dia 30 de Junho estavamos no vasto rancho do snr. José Pereira, bom mineiro que nos acolheu optimamente e era o primeiro morador que encontravamos á sahida do *sertão bruto* de Camapoan e á entrada do de Sant'Anna do Paranahyba, um pouco mais habitado". A expressão é hoje comum entre os escritores brasileiros: "Era a luta incerta e longa, que sem descontinuar, mantinhani contra o *sertão bruto*..." (Edmundo Amaral — "Justiça Bandeirante". Conto publicado na "Feira Literaria" de Abril de 1928). Horacio Nogueira, em um conto "O Preto Benedicto" (Feira Literaria), usa da expressão "sertão bravo de matu virgem" para designar o *sertão bruto*. E finalmente à pag. 43 do "Martim-cererê" de Cassiano Ricardo, lemos:

"E o rasto de cada gigante

Era uma estrada que se abria

Como um listao de sangue matinal no verde absoluto do *sertão bruto*".

Sertão de gravatá: nome que os matutos da Bahia dão a uma extensão de terra coberta da bromeliacea chamada gravatá (*Bilbergia Porteana*, Brogn). Vimo-lo registado no livro de Am-

philophio de Castro — "*Felizardo*" (Bahia, 1927), como expressão corrente no linguajar dos cattingueiros do médio Paratigi, no Município de Canisúo (Bahia).

Sertão de pedra: denominação que os riograndenses do Norte dão à zona além do vale do Ceará-mirim, por ser muito pedregoso o solo daí em diante. Vimo-la referida por Dias Martins, à pag. 54 de seu trabalho "Questionários do Rio Grande do Norte", onde ainda se lê o seguinte trecho: "Perto de Lages encontram-se as primeiras terras do *sertão de pedra*, próprias para a criação, nas quaes vegeta o capim panaseo, admiravel forragem dessa região, caracterizada pela macambira, que cresce nas aberturas das pedras".

Serviço: nome que, nas zonas de mineração, sobretudo de diamantes, se dá aos lugares onde pela maior ou menor quantidade de formações ou indícios, haja possibilidade de ser encontrada a preciosa pedra. "Demarcado por qualquer processo, um *serviço*, ninguém tem o direito de nele tocar, ainda mesmo avente o dono por tempo indeterminado" ("A Informação Goyana" de Agosto de 1928 — Pag. 4). Aug. Saint-Hilaire refere-se ao sentido regional desta palavra à pag. 255 do Tomo I de sua "Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco e pela Provincia de Goyaz (Ed. Brasileira), escrevendo: chamam *serviços* aos lugares onde, para a extração dos diamantes, se estabelece uma *tropa*, nome dado a uma reunião de escravos, dirigidos por homens livres".

Sesmaria: os vocabularistas portuguezes e brasileiros registam este vocabulo no sentido de "porção de terras, ou matos maninhos e bravos pertencentes ao Rei, que nunca foram lavrados, nem aproveitados e que se concediam a sesmeiros, que os rompam, lavrem e semeem, para que haja abundancia de mantimentos". Esta definição é dada por João Teixeira Coelho, Dor, da Relação do Porto em sua "Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais". (1780). No Rio Grande do Sul a palavra *sesmaria* é empregada no sentido de medida agraria, também chamada *sesmaria de campo*, correspondente a uma extensão de três léguas quadradas ou a 13.068 hectares. Assim o registaram Callage e Romaguera. Teschauer, Beurepaire-Rohan e Rodolpho Garcia registam a légua de *sesmaria*, medida itineraria equivalente a 3.000 braças ou a 6.600 metros.

Sesteada: definido por Callage como "pontos no ar livre na campanha, quasi sempre na encosta de um capão ou á beira de arroios, onde carreteiros, tropeiros ou viandantes a cavallo descansam ao meio dia por occasião de longas viajadas". Á pag. 11 dos "Contos Gaúchescos e Lendas do Sul" de Simões Lopes Netto, lemos: "Olhe, ali, na restinga, á sombra daquella mesma reboleira de matto, que está nos vendo, na beira do passo,

desensilhei; e estendido nas pellegrs, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma *sestcada* mortuada”.

Setembrizada: registado por Pereira da Costa que escreve: “os motins na cidade do Recife nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 1831”. “Temos visto crises ameaçadoras em Pernambuco, como a Abrilada, a Setembrizada, a Cabanada” (O Correio — n.º 4 de 1843).

Simão: nome que os pescadores de Alagôas dão ao vento sul, que sopra violento e frio nas costas do Estado. Encontramo-lo no livro de Octávio Brandão — “Canaes e Lagêas”, à pag. 241. Será corruptela de *simum*? — note-se, porém, que o *simum* é um vento quente, abafadiço.

Sirga: encontramos este vocabulo com a significação peculiar de lugar em que se puxam as canoas por meio de cabos. Tal a definição que vimos à pag. 934 do Tomo XVI da “Revista do Museu Paulista”, em trabalho escrito por Hercules Florence, desenhista da Comissão que, sob a chefia do conselheiro da Rússia Barão Jorge Henrique de Langsdorff, andou pelo interior do Brasil, entre os anos de 1825 a 1829, de Porto Feliz em S. Paulo a Colabá em Mato Grosso. Nesse trabalho vemos varias cachoeiras denominadas *sirgas*: tais a Sirga da Capoeira, do Mato, Jupia, do Campo, etc., todas no Rio Pardo, afluente do Paraná, pelo lado mato-grossense.

Siriubal: também grafado *scriubal*, *scriubal*; um dos grupos da vegetação de mangues da Guiana Brasileira, no qual predomina a *siriuba* ou mangue amarelo, acompanhado do mangue racemoso, tabeas, aingas, e inajá e, às vezes, o assaí. O outro aspecto da vegetação dos mangues guianos é o *mangal* que já definimos. *Siriubal* vem do tupi: *siri-ibu* — árvore dos siris ou *scriuba* — lugar dos siris.

Sitiano: termo do Pará. E’ assim que se chama, em Belém e nas sedes dos municípios, ao individuo do interior, “vestido a *mambembe* (ordinario, desharmonioso) e andando á *membeca* (mole, fraco, molongó). Em vez de *caipira* ou *abaquára*, diz-se apenas que é um sitiano; é do sitio” (Informação de H. J. Hurley).

Sitiante: o morador ou proprietario de chácara (Teschauer); o proprietario da pequena lavoura (Cornelio Pires); ou *sitiêro*, proprietario de sitio (Amadeu Amaral). Valentim Magalhães escreveu *sifeiro* (“Bric-a-brac” — 1896. Pag. 177). Nas “Populações meridionais do Brasil”, de Oliveira Vianna, entre pags. 134 e 136, encontramos varios periodos em que se acham caracterizados os *sitiantes*, “pequenos proprietarios”, “possuidores de sitios”, os quais constituem “os elementos superiores da plebe”. Também se diz *situante* (“Vida Capietaba” — n.º 244. Setembro 1930).

Sítio: termo usado no Brasil para designar um estabelecimento agrícola destinado à pequena lavoura, nas vizinhanças das cidades e vilas (do Rio de Janeiro a Pernambuco) e, de um modo geral, casa rustica, com granja, roça, pequena lavoura. Amadeu Amaral, registando-o, escreve: "propriedade rural menor que a fazenda; o campo, a roça por opposição á cidade: "Gosto mais do sítio do que da praça". Em alguns Estados do Brasil se diz *situaçõ*.

Sitióca: termo muito de uso no Brasil, designativo de pequeno sítio, fazendola, granja de pouco valor. Encontramo-lo empregado a pag. 45, 102, 106, 111, 186 e 283 dos "Sapezaes e Tiguéras" de Amando Caiuby. Registado na 4.^a Edição do "Diccionário" de Candido de Figueiredo.

Situação: o mesmo que *sítio*. No Ceará, segundo informa Leonardo Motta, é uma pequena fazenda de criação. A expressão — o casco da situação quer dizer o terreno da fazenda.

Situacionismo: termo de uso frequente na linguagem politica da República, pelo qual se designa a situação politica dominante. Registado por A. Taunay e Teschauer e encontradiço nos discursos politicos do glorioso Ruy Barbosa.

Situacionista: neologismo brasileiro, designativo de sequaz do partido politico que está dominando, adepto da situação politica que governa.

Solheiro: assim se diz, nos Estados do sul, do terreno exposto ao sol nascente, oposto ao de noruega, ou, como diz Redolpho Garcia: "terreno que occupa as vertentes septentrionaes das montanhas no hemispherio austral, e que se contrapõe aos terrenos de noruega, sombrios, frescos, e até frios, e pouco idoneos para certas culturas. Teschauer ensina que, em Portugal, é qualquer lugar accessivel ao sol e cita o seguinte periodo que encontrou numa monografia a respeito do café (Theod. Pekkolt, pag. 15, Rio, 1884): "O cafeeiro prospera de preferencia nas collinas e mesmo sobre as montanhas, do lado exposto ao sol nascente, que é chamado *solheiro*".

Sobrado: designação da casa do senhor de engenho, principalmente no Recôncavo da Bahia, sinônimo de *casa grande* em Pernambuco e S. Paulo. Registou-a em primeira mão José Wanderley Pinho em seu livro "Coteçipe e seu tempo — Primeira Parte. Pag. 121. Vide *casa-grande*.

Socavão: em certas zonas de Goiaz, assim se nomeia um lugar retirado, esconderijo; também se diz de um terreno cheio de lapas, buracos. Candido de Figueiredo regista-o como *bracileirismo*, significando grande socava, lapa, esconderijo, abrigo. O Visconde de Taunay dá-lhe a significação de buracos ou lugares retirados, empregando-o à pag. 19 da "Innocencia", no seguinte passo: "Ha doze annos que moro nestes *socavões*, e, palavra

de honra, até ao presente não me tenho arrependido. Na minha situação ha fartura e louvado seja! nunca passei necessidade...". Na accepção de buracos ou lapas, empregou-o Afonso Arinos no trecho seguinte do "O Mestre de Campo" (Apud "Kosmos", n. 2. Fevereiro, 1904): "Por esse tempo, o Senado da Camara de Villa Real tinha de combinar com a vereança de Villa Nova da Rainha os concertos da estrada, que se esboronara com as chuvas, cavando panellas, ou rasgando cavões tremendos".

Sofralda: têrmo de S. Paulo, designativo de aba de serra ou monte, na parte inferior. À pag. 138 d'"Os Caboclos" de Valdomiro Silveira, temos: "A geada grande, que apenas esportou um talhão de maragogipe do morro, coisa de dois mil nês, estendeu-se ao longo das lombadas e sofraldas, queimou até a raiz a força dos cafezaes do capitão Romualdo".

Solacs: a parte da pedra ou rocha que, no alto do morro ou serra, começa a encurvar-se para o declive (Valdomiro Silveira — "Os Caboclos").

Solama: brasileirismo muito corrente nos sertões, que significa sol forte e ardente; grande claridade, grande calor do sol dizem Teschauer e Candido de Figueiredo. Também se diz *solina* e *solão*, equivalente ao castelharo *solazo*. Encontramo-lo à pag. 10 d' "Os Caboclos" de Valdomiro Silveira: "Óta! solama bruta — ia dizendo o Chico Picapau, sózinho, pela estrada vermelha, ao pino do dia".

Solão: usado no interior do Brasil com o sentido de sol muito ardente, reverberante, que esquenta demasiado, sol de rachar. O mesmo que *solama* e *solina*. 'Adonde é que você vai, criatura, co este solão qué tá fervendo!' (Valdomiro Silveira "Os Caboclos". Pag. 15). Registou-o A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas".

Solapão: registado por A. Taunay no seu "Lexico de Lacunas", designativo de cavidade feita por erosão nas ribanceiras dos rios. Aumentativo de *solapa* ou *solapa* como se diz no Brasil amazônico.

Solapo: registado por V. Chermout que o define: "cavidade na margem abarrancada de um rio ou de um igarapé por baixo das raizes das arvores, onde o peixe se conserva durante as horas calidas". Vergara Martin regista este têrmo como usado na Espanha, na provincia de Segovia, no sentido de abrigo. Com este mesmo significado foi registado por A. Taunay o vocabulo *solapão*.

Sol das almas: expressão goiana, o mesmo que *mita* (vide esta palavra). Informação do Prof. Alcide Jubé em carta de 26-10-929.

Solina: o mesmo que *solama* e *solão*; grande calor do sol; soa-lheira. Registam-no Candido de Figueiredo (4.^a edição) e Ro-quo Callage (Vocabulário Gaúcho). "Aqui seştearam os en-caimados andantes em dias de *solina*" (Vicça Pires — "Que-rencia" — Pag. 11). "Angelo, si não tinha ainda o traço dos anos, trazia o sinal mais duro da fazenda, a mascara rude do campo, do sol, da chuva, como si sobre ele passassem as enxur-radas, ou se crestassem suleos que se abrissem á *solina* e ao bo-chorno tropical" (Nestor Duarte — "Gado Humano" 1936 — Pag. 188).

Sôlta: também *solta*, termo usado nos Estados do norte, para designar um terreno de pastagem ubertosa onde se deita o ga-do para engordar ou refazer-se. Observamos nos sertões da Bahia uma certa distinção entre *sôlta* e *solta*: *sôlta* se diz quando o pasto é cercado; *solta* quando a pastagem é aberta, sem cêrea, às vezes muito afastada da moradia dos donos ou vaqueiros. A *solta* proxima da casa do encarregado da fazenda ou do proprietario recebe o nome peculiar de *logrador*.

Soroca: termo de S. Paulo, que designa rasgão ou desmorona-mento de terras, arriatadas por força da infiltração da agua no sub-solo, desagregando as camadas inferiores e determinando a queda das superiores. Quando os desmoronamentos assumem grandes proporções, tomam o nome de *sorocabuça*. Taes ras-gões são encontradises principalmente, nos municipios de So-rocaba e Franca. Também em Mariana, no grande morro fron-teiro á cidade, na margem direita do correjo do Seminario, ao sul da Igreja de Sant'Anna, ha uma enorme *soroca*. O termo é, provavelmente, uma alteração de *vossoroca* ou *bossoroca*. Deve-mo-lo á informação oral do venerando e saudoso Barão Homem de Mello.

Suburgo: registado por A. Taunay, com o sentido de aldeia sem movimento. E' termo usado em Cachoeira de Mariana, prova-velmente corruptela de subúrbio.

Sujeito: dição com que os sertanejos designavam os escravos no tempo em que havia a escravidão no Brasil. Informação do Sr. Felicio Lyra, de Pernambuco, citada no "Brasil Virgem" de Nestor Diogenes.

Sojo: designação regional mineira, dada á certa formação flo-ristica: é a vegetação que sobrevem, de pronto á derrubada de uma floresta primaria ou secundaria. (Contribuição ao Estudo da Flora Brasileira por Honorio Monteiro Filho: "Boletim do Minis-terio da Agricultura". Julho - Setembro — 1934).

Suleiro: Candido de Figueiredo (4.^a Ed.) regista este termo como brasileiro, designativo do habitante dos Estados do sul por opposição a nortista, filho ou habitante do norte do país. "Mas do sul voltavam todos. O cacau e o café só acolhiam os famintos

nas épocas da safra. Depois fôra com elles, como aos restos de um animal servido. O salario era maior. O dinheiro cortia farto, mas não viajava de volta com o *sulcero* (Nestor Duarte, "Gado Humano". Pag. 227).

Sulino: designação às vezes dada aos brasileiros dos Estados meridionais. O mesmo que *sulista*, registado como brasileirismo por Candido de Figueiredo: individuo, natural do sul do Brasil. C. Teschauer regista-o como adjetivo e diz: (neol) meridional. "Em tal conceito era tido o importante organo *sulino* fora de suas fronteiras..." (Ann. indic. d. R. Gr. d. S. 1920, pag. 196)".

Sulista: vide *sulino* e *sulcero*. Nome que, no Rio Grande do Norte, no tempo da Monarquia, se dava em alguns Municipios, ao Partido Liberal em contraposição a *Nortista*, apelido dos Conservadores. (Vide a palavra *nortista*).

Sumidouro: o mesmo que *itararé*, *escondido*, *gruvado*, curso subterraneo das aguas de um rio através de rochas calcareas. Termo de Minas Gerais, Goiaz e outros Estados. Dos *sumidouros* disse John Branner em sua "Geologia Elementar", à pag. 116, da edição de 1915: "os *sumidouros* formam-se especialmente em regiões de rochas calcareas, pela solução subterranea e renovação da materia pelas aguas. Às vezes são formados pelos desmoronamentos dos tectos das cavernas, mas pela maior parte são as partes exteriores dos buracos ou tocas compridas, pelas quais as aguas escapam. Quando alargadas, as partes exteriores desses cursos apresentam uma forma mais ou menos semelhante à de um funil, pelo qual a agua pode entrar. Muitas vezes os *sumidouros* tornam-se lagos pequenos". Dos *sumidouros* de Minas Gerais trata Alvaro da Silveira no vol. II das suas "Memorias Chorographicas", à pag. 445, especialmente daquelle em cujas vizinhanças Fernão Dias Paes Leme fundou o primeiro centro civilizado nas terras mineiras. E escreve: "Na base desse rochedo calcareo é que desaparece o volumoso ribeirão, que corta a vargem mais ou menos ao meio, seguindo uma direcção approximadamente normal á face do penhasco. A uns cinco metros aquem da base da parede vertical o ribeirão, introduzindo-se por entre pedras que não nos mostram grande afastamento entre si, começa o seu curso subterraneo, que pode ser calculado em 4 ou 5 kilometros... Segundo está averiguado, o ribeirão do Sumidouro vae surgir na margem direita do rio das Velhas, no lugar denominado "Olhos d'Agua", passando por debaixo do leito desse rio, visto estar o Sumidouro a cerca de 5 kilometros da margem esquerda". Segundo nota A. J. de Sampaio, ha varias localidades no Brasil, denominadas *sumidouro*, em virtude de em algumas partes desaparecer de repente um curso d'agua, que resurge adiante, depois de um canal subterraneo.

Suruge: assim chamam em Minas Gerais, segundo lomos à pag. 160 do vol. X da "Geographia do Brasil", (já citada) aos montículos de barro construídos pelos termitas ou cupins. "Dos insectos damnhinhos aos campos e lavouras de Minas é preciso salientar os terríveis *termitas* ou *cupins*, que estragam enormes extensões de terrenos, nos pastos e roças, com seus *suruges*, ou cocurútos de barro, em forma cônica, dentro dos quaes se aloja o *Termes cumulans* ou formiga branca", vulgarmente conhecida por *cupim*" (Nelson de Senna).

Suta: terno goiano que soubenos por informe do illustre Professor do Liceu de Goiaz Alcide Jubé, do qual transcrevemos as palavras: "é um ajuntamento de certo numero de individuos que, alta noite, vão á casa de um fazendeiro que necessita de qualquer serviço rapido; e cantando desde esse momento até o amanhecer dirigem-se todos ao serviço, trabalhando todo o dia. Voltam para casa ao pôr do sol, cantando sempre, dirigindo-se então para um telheiro onde jantam. Pindo o jantar faz-se uma reza tirada pelo mais pratico, seguindo-se cantigas e danças, que se prolongam até alta madrugada. Geralmente a Suta tem inicio em uma sexta-feira e termina no domingo. O tratamento do pessoal é por conta do fazendeiro que recebeu os serviços. O que caracteriza a Suta é a *surruva*" (Carta de 26 de Outubro de 1929) (Vide a palavra *Traição*).

T

Taba: ou *táua*, conhecida e decantada voz tupica que designava os aldeamentos ou arraiais dos ameríndios do Brasil. Entra este vocabulo na formação de muitos nomes deste Dicionário, e ainda hoje, de vez em vez, se emprega *taba* no sentido de povoado.

Tabaiacú: denominação que, segundo Rodolpho Garcia, se dá em Pernambuco, a diversos recifes das suas costas, de forma alongada, regularmente orientados, porém com fracas sinuosidades. Vem do tupi — *itú*-pedra e *baiaicú*-nome de um peixe venenoso, que se infla ao calor do sol, logo — *pedra dos baiaicis*. Pereira da Costa escreve: "recifes submersos, fundo de pedras, lages soltas ou esparceadas no mar, que ficam a certa distancia do littoral, como, nomeadamente entre nós, os que correm de norte a sul, desde Ponta de Pedra até Tamandaré, e tambem conhecidos com o nome de *tacis*".

Tabaréu: termo usado na Bahia e noutros Estados para designar o homem do mato, que não mora na cidade, sinónimo de *caipira*, *capian*, *matuto*, e quantas outras vezes que apelidam os filhos do interior. Entre os cronistas coloniais encontramos o termo *tabaréu* empregado por Antonil, no seguinte passo da sua "Cultura e Opulência do Brasil", Cap. X, pag. 98 da Ed. de A. Taunay: "Ter os filhos sempre consigo no engenho, he crea-los *tabareos*, que nas conversações não saberão falar de outra coisa mais do que do cão, do cavallo, e do boi". Beaurepaire-Rohan, tratando da etimologia da palavra *tabaréu*, diz que é vocabulo portuguez que significa soldado bisonho, acanhado, mal exercitado. Theodoro Sampaio, porém, deriva-o do tupi — *taba-ré* a aldeia diferente, e à pag. 138 do seu livro citado, escreve: "Aos moradores da aldeia denominavam-se *Tabayara*, aos da cidade *Mairyára*, cidadão; aos de aldeia diferente *Tabaré*, donde, sem duvida, procede o nome *tabaréu*, usado entre os bahianos para designar um homem rustico ou matuto". O feminino de *tabaréu* é *tabaréa*.

Tabatinga: corruptela do tupi *taná-tinça* — barro branco, o barreiro de argila branca; também *tobatanga*, segundo Theodoro Sampaio. Amadeu Amaral, registando-o, define: "terra branca azulada, que se emprega no fabrico de louça rustica e de pelotas de bodoque". A argila amarela chamavam os tupis *taná* ou *taguá* e a vermelha ou corada *tapitango*. Em Goiaz, diz o Prof. Alcide Jubé, é terra argilosa de cores variegadas — rosa, amarela, azul, cinzenta, conhecida pelos pedreiros pelo nome generico de *oca*.

Tablada: termo gaúcho, que designa o lugar onde se reúnem tropeiros e *saladeiristas* para tratar da compra e venda de gado; é uma especie de feira, onde se fazem negocios exclusivamente pastoris. Segundo informa Callage e Romaguera, no Rio Grande do Sul, só existe a *tablada de Pelotas*. O primeiro assegura ter ouvido em alguns pontos do Estado dizer-se *tablada* no sentido de charqueada. Romaguera, estudando a origem do vocabulo, diz que é uma alteração de *tablado* — estrado ou palanque, pois que existe no *galpão* ou alpendre um grande estrado onde se reúnem os charqueadores, tropeiros, comissarios, para tratar de suas compras e vendas. "O dinheiro ganho entregava-o a armeiros de Pelotas, quando acompanhava às *tabladas* as tropas da estancia, e era de ve-lo à volta, carregado de pólvora e de chumbo" (Alcides Maya — "Alma Barbará" — Pag. 59).

Taboca: segundo informação de Ruy Penalva, é termo empregado no sul da Bahia para designar casa ou venda de pequeno negocio, o mesmo a que chamam em algumas zonas da Bahia — *biboca*. Pelo fato de em sitio interior das matas do Municipio de Ilhéos, à margem do rio Cachoeira, se terem criado varias vendôlas (*tabocas*) que sapriam os penetradores do territorio no afan de estabelecerem roças de cacau, surgiu um verdadeiro povoado, que recebeu do povo o nome de Tabocas (reunião de vendas). Este povoado creceu, prosperou e a lei n.º 629, de 13 de Setembro de 1906, o elevou à categoria de vila e municipio com o nome de Itabuna, pouco tempo depois promovido á de cidade, hoje dentre as mais prosperas da Bahia. "Toda *taboca* é estreita" dizem os matutos querendo significar o pequeno volume dos negocios de cada *taboqueiro* (Vide este termo). Também se emprega no sertão da Bahia (Condeúba). Registou-o A. Tau-nay em sua "Collectanea de Fallas".

Tabocal: terreno coberto por tabocas, especie de bambú espinhoso. Beaurepaire-Rohan e Rodolpho Garcia dizem que é o mesmo que *taquaral*. "Val de Palmas, lindo nome nascido talvez desses mirrados cragoatás, que são palmeiras abortadas ou desses tabocaes, que se curvam, espalmadas as ramas — é uma grande fazenda" (Brenno Ferraz — "Cidades Vivas" — Pag. 68).

Taboleiro: palavra que tem, no Brasil, varias accepções nos domínios da geografia e sobre cujo emprego ha um tanto de arbitrio

entre os próprios geógrafos. No Nordeste, da Bahia ao Ceará, assim se denominam as planícies extensas ou planaltos ondulados em regiões de serras de altura mediana, de solo duro, arenoso ou pedregoso, coberto de relva dura, ordinariamente formando toças e raramente ilhotas arenosas de vegetação raquítica (Luetzelburg). O sertanejo nordestino distingue o *taboleiro coberto do cerrado*. O primeiro é uma região ondulada, coberta de capim, com vegetação arborea e arbustiva baixa, em grupos distanciados. O *taboleiro cerrado* apresenta vegetação mais densa, com arvores baixas, troncos curtos e irregulares, solo coberto de relva. Barbosa Rodrigues chama *taboleiro* ao campo sobre o planalto ou rechano. Segundo o Dr. Ernesto Ukle, botânico da Comissão que, sob a chefia do eminente Dr. L. Cruls, fez em 1892, a exploração da zona da futura capital da República, no planalto central (Goiás), os *taboleiros* são *cobertos e descobertos*; nos primeiros predominam os arbustos desenhados e o solo se cobre de relva; nos segundos predomina a vegetação das gramíneas. Aos *taboleiros cobertos e descobertos* se refere Aug. de Saint-Hilaire dizendo que os *taboleiros descobertos* não apresentam mais do que ervas e arbustículos e os *cobertos* oferecem no meio dos pastos, arvores tortuosas e enfezadas. No sertão do S. Francisco, os sertanejos chamam *taboleiro* a um trecho de terra de poucas arvores e quasi nenhum arbusto. Na Amazônia *taboleiro* indica um banco de areia que se forma em meio da corrente e que na vazante aparece ao jeito de insua. Destes *taboleiros* de areia da Amazônia fala Raymundo de Moraes em seu volume "Cartas da Floresta" (1927), entre pags. 95 e 101. Aqui transcrevemos um de seus passos mais característicos: "É quando começa a vida intensa dos *taboleiros*, que isolados no largo, constituídos de areia fina e alva, principiam a surgir como colinas encantadas, no meio dos rios. Nús de arvoredo, sem um fio de capim, sem uma palma, sem uma folha, que lhes quebre a serena quietude, lembram enormes tumbas de gigantes inhumados na caudal". E linhas adiante o encantador paisagista do Amazonas descreve o trabalho da feitura dos ninhos pelas gaiivotas, pelos quelônios, pitiús, tracajás, tartarugas, para a desova anual. É interessante a opinião do geólogo Ralph Sopper, da Inspectoria de Obras contra as Secas, que, a respeito da origem da palavra *taboleiro*, escreve: "A palavra *taboleiro* é de origem persa e vem de *tablia*, de que os latinos fizeram *tabula* e os portugueses *tabola* e depois *taboleiro*, que significa uma taboa cujas bordas são levantadas; sua acepção hoje, porém, é mais lata e significa em geografia e topografia, qualquer lugar plano separado de outro ou de outros por degraus ou por elevações sucessivas. São planícies de ordinario aridas, quasi sempre quentes, e mais ou menos elevadas, que se sucedem como vastos degraus de uma escada, ricas de vegetação gramínea, sendo além disto abundantes em sinantércas e em mangabeiras e outras apocináceas, bem como em cajuciros, aca-

cias spinescentes, algumas palmeiras, etc.". Rodolpho Garcia refere que, em Minas Gerais, chamam *taboleiro* ao planalto de montículos pouco elevados e separados entre si por meio de vales estreitos.

Taboqueiro: é assim chamado no interior da Bahia, sobretudo na zona da mata, o negociante em pequena escala, o que compra ao negociante maior para revender aos lavradores da redondeza; o dono de uma *taboca* (Vide este termo). "O comerciante dito forte, o graxista do interior faz grandes compras na capital; vende ao pequeno negociante, ao que tem uma vendôla, uma *taboca*, o *taboqueiro*; revende este ao trabalhador, ao *mateiro*, ao pequeno lavrador" (Informação de Carlos Sailes).

Tacis: o mesmo que *tabaiacús*. Termo peculiar a Pernambuco, o qual, segundo Rodolpho Garcia, que o regista, nomeia os recifes submersos existentes ao sul da costa do mesmo Estado. É de procedência tupi: de *ita-pedra* e *aci-cortado*, separada. O vocabulo, diz Pereira da Costa, é corruptela de *ita-acir* — pedra pontuda. "Chegando nos tacis, tirei a chumbada da pinambada, isquicia, botei nagua e puehei um pirã".

Tacuris: registado por Tesehauer, como termo do Rio Grande do Sul, designando montículos de terra feitos de uma especie de formiga.

Tacurú: denominação dos Estados do sul e de Mato Grosso que designa montículos de terra fôfa, vezes até de dois metros de altura, encontradiços de preferencia nos campos ruins, alagadiços e banhados. Registado por Teschauer. Os *tacurús*, não raro, abrangem largas extensões de quilômetros quadrados e neste caso se dizem *tacuruzal*.

Tacuruzal: larga extensão de terreno coberta de *tacurús*. À pag. 213 dos "Contos Gaúchescos e Lendas do Sul" de Simões Lopes Netto, encontramos o seguinte trecho: "Os campos foram inundados; as lagoas subiram e se largaram em fitas coleando pelos *tacurusas* e banhados, que se juntaram, todos, num...".

Taguá: vide *tandá*.

Taimbé: vide *itambé*. Em reforço à opinião de Callage, escrita nas ultimas linhas do termo *itambé*, devo aqui registrar, que, das notas particulares que me foram fornecidas pelo Marechal Dr. Gabriel Botafogo, consta que *taimbé*, o mesmo que *itaimbé*, *itambé*, ou ainda *tabimbé*, é, no Rio Grande do Sul, um terreno de difficil transito a cavallo, cheio de buracos, fossos, etc. Nas baixadas das canchadas são comuns os *taimbés*.

Taiobal: terreno coberto de taiobas ou jaios, da familia das aráceas.

Taioca: também assim se chama, no norte, ao *cafús* (vide este termo), mestiço afro-americano. O nome origina-se de uma

formiga de cor pardo-avermelhada, muito nociva às plantações do nordeste. A pag. 18 da "A Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruls, encontramos o seguinte trecho: "É verdade que elle tambem não gosta dos casusos, aos quaes chama *taiocas*..."

Tajupar: registado por Callage que lhe dá a significação de palhoça, choupana, rancho, e acrescenta que é vocabulo de origem guarani e não é termo popular, empregando-o apenas os escritores regionalistas do Rio Grande do Sul (Vide *tajupar*).

Talaveira: regista-o Romaguera Corrêa, de quem transevevemos abaixo a procedencia do termo. Alcuha dada nos portuguezes no Rio Grande do Sul, hoje uma tanto desusada. "No tempo em que o nosso paiz era colonia portugueza havia uma legião portugueza (no começo deste seculo) commandada pelo general Lecor, cujos soldados eram denominados — *talaveiras*, e dahi veio o chamar-se — *talaveira*, ao que é natural de Portugal, ou ao que, como os d'este paiz, não são muito peritos nas lides camponezas". Talaveira é uma cidade espanhola e até hoje não se sabe bem a razão da alcuha.

Talhado: grande *talhado*, trecho do curso de um rio entre paredes verticaes. Vimo-lo empregado na "A Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruls, à pag. 29: "Depois de um largo trecho de barrancos e talhados, conseguimos abier numa praia espaçosa, onde aguardarentos a passagem do anno".

Talhado: assim se designa, em certas partes do Brasil norte e centro, o mesmo accidente que a nomenclatura universal denomina *cañon*, isto é, garganta em meio da qual corre um rio, trecho de seu curso em que corre entre ribanceiras íngremes, alcantiladas, vezes a pique. O mais notavel *talhado* ou *cañon* do Brasil é o do rio S. Francisco e depois o *talhado* do Portão, por onde correm as aguas do Maranhão, um dos esgalhamentos superiores do Tocantins, em Goiaz. No nordeste, porém, o termo *talhado* é empregado no sentido de aba pedregosa das terras, como informa Leonardo Motta, à pag. 388 dos "Cantadores" e se lê em varios volumes de Gustavo Barroso, como por exemplo a pags. 77 e 106 do "Tição do Inferno" e 1 e 11 da "Mula sem Cabeça". Neste ultimo lemos: "Depois desse, os tiros se succederam de dez em dez minutos, de quarto em quarto de hora, regularmente, todos ao pé do grande talhado da Maçaroca, ribanceira de granito esbranquiçado, que era como um rasgão no manto verde da montanha".

Tambo: termo hispano-americano, muito de uso no Rio Grande do Sul, para designar estabulo ou estabelecimento nas cidades, onde são ordenhadas as vacas leiteiras, para a venda imediata do leite aos consumidores presentes, ou para as freguezias. Registam-no Callage e Romaguera. Usado também no Alto Purús e Amazonia Ocidental. *Tambo* é palavra quichua — *tampu* — pbuso, albergue (Gustavo Lemos — "Glotologia Ecuatoriana").

Tambociras: terno alagôano que apêlida os aguaceiros acompanhados de trovão e relampago, que costumam cair em Outubro de cada ano. Vimo-lo referido por Octavio Brandão nos "Canções e Lagoas", à pag. 234. No nordeste emprega-se a palavra *tambocira* para designar fruto mal nascido, péco. ".....

*Sei que a terra não é ruim,
Que eu não planto em capocira
Tudo tirou tambocira
Planta arroz, nasce capim.*

(Rodrigues de Carvalho "Cancioneiro do Norte" — 2.^a Ed. Pag. 112).

Tangedor-saltamoita: nome que, nos sertões do oeste baiano, se dá ao condutor das boiadas que vinja a pé, indicando-as; auxiliares dos vaqueiros propriamente ditos. Usa uma pequena agulhada e anda, invariavelmente, de alpercatas, para evitar os espinhos do mato. "A musica de uma viola, vibrada junto a si por um *tangedor saltamoita* que voltava da entrega do gado, fez-lhe recordar os dias de festa na aldeia". (Alberto Rabello "Contos do Norte" — Pag. 176).

Tangerino: assim se designam no nordeste os individuos, vaqueiros ou não, a pé ou a cavallo, que tangem o gado das boiadas enviadas para as feiras ou para novas fazendas. Do tangerino fala Ildefonso Albano, à pag. 28 de seu "Jeca-Tatú e Mané Chique-Chique": "Com sacelificação acompanha Mané Chique-Chique um *pedaço de gado*, leguas e leguas, para as feiras. Na frente, montado a cavallo, vai o *guia*, aboiando para acalmar os bois, gritando é...é... guardando o flanco, vão dois outros cavalheiros, os *esteiras* e atrás segue outro, o *tangerino*, animando os bois com gritos curtos e estridentes. Assim percorrem sertões, serras e taboleiros" "Lento, um comboio move-se na estrada, cantam os *tangerinos* a toada guerreira do Tigre do Sertão..." (Do "Catimbó" de Ascenso Ferreira).

Tanque: além de ser empregado no sentido comum português, este vocabulo designa no nordeste, da Bahia ao Maranhão, açude, grande reservatorio de aguas nas fazendas ou nos campos, feitos pela mão do homem, para a quadra das sêcas (Luciano J. de Moraes. — "Serras e Montanhas do Nordeste". Pag. 51).

Tapagem: palavra que, em geral, se emprega em todo o Brasil no sentido de *barragem* de terra com que se represam rios, riachos e *igayapés* para conservar o peixe, armazenar agua para o gado irrigar terras de em torno, etc. No litoral maranhense, segundo nos informa Antonio Lopes, é curral de pescar, feito de varas.

Tapankuana: também *tapankuno* (Alfredo Ellis), *tapankuna*, *tapakuva*, designativo dos negros filhos da Africa que moravam no Brasil; são os pretos civilizados. Regista-o Tesehauer, que

o abona com um trecho de Alberto Rangel, e lhe dá origem tupica: de *tapuy-una-o* barbaro preto, o contrario de *tapuitinga* ou gente branca, nome às vezes applicado à gente europcia (Alcantara Machado — "Vida e Morte do Bandeirante. Pag. 187). Deste mesmo escritor é o seguinte passo: "De maior resistencia physica e maior passividade que os brancos são os africanos. Dahi o facto de estarem sujeitos a direitos de entrada muito onerosos, o preço enorme que atingem. *Tapanhunos* — assim lhes chamam os documentos colonias (Pag. 186)".

Tapanhoeanga: vide *canga*. Diz-se também, em Minas Gerais, segundo Alvaro da Silveira, *tapiocanga*, alteração de *tapanhoeanga* que, em tupi, significa — cabeça de negro, allusão à forma arredondada dos blocos que lembram, ao mesmo tempo, a carapinha do negro.

Tapejara: também ocorre *tapijara*, vocabulo de uso geral no Brasil, que designa o individuo que é pratico e conhecedor dos caminhos, ou de uma região, motivo por que serve de guia a outrem. É mais ou menos equivalente ao *vaqueano* do sul. Segundo informa Dante de Laytano ocorre no Rio Grande do Sul, entre os pescadores da costa norte, o termo *tapijara*, com o sentido de bom condutor, fiel no leme. "Meu pai era filho do indio mais crú das costas de Ibiuhy e, como *tapejara*, no seu tempo, não tinha parceiro, nem aqui, nem em Cima da Serra". (Alcides Maya — "Alma Barbara". Pag. 81). Já o vimos empregado como adjetivo num artigo de Henrique Silva, publicando no "Journal de Commercio", intitulado "As Mil e Uma Noites do Sertão": "Tambea, nas invias trilhas *tapejaras* daquelles sertões se vão apagando os rastos deixados pelos bandeirantes masculinos de outrora".

Tapera: conhecido termo de uso geral no Brasil e até nas repúblicas platinas, de procedencia tupica: *tab* — aldeia e *era* — que foi, extinta, donde a tradução literal — aldeia extinta, povoação de outrora (Theodoro Sampaio). Assim costumavam denominar os amerindios do Brasil e terras convizinhas do sul as aldeias que a tribo abandonava, já quando vencida nas lutas com as confinantes, já em busca de melhor pescado, caça mais abundante, vida mais segura ou mais facil. Desde o seculo XVI, entrou no linguajar dos conquistadores, dos negros e dos mestiços, a corruptela *tapera* para designar não só a aldeia, a *maloca* abandonada, mas também uma casa, choça, rancho, qualquer habitação do campo arruinada, abandonada, de regra em lugar ermo e soturno. Por extensão, ao depois, começou-se a chamar *tapera* ao estabelecimento rural completamente abandonado e em ruinas, no dizer de Beaurepaire-Rohan. Em nossas viagens pelos sertões da Bahia já ouvimos chamar *tapera* a uma vila ou arraial em grande e visível decadencia. Precisamente, pois, o exato sentido de *tapera* é o de casa, no campo, arruinada e abandonada. Bela imagem do conio so forma uma *tapera* dá-

nos Darcy Azambuja, à pag. 166 do seu "No Galpão": "A propriedade tocou a um parente longe, que arrendou o campo e não se importa com a casa. Hoje, quem passa na estrada, vê que ella se vai arruinando aos poucos, fechada, sem abrigar mais ninguém. O banco de páu desapareceu, a latada de madre-silva cabiu, cabiram as cercas de sarrafo, no telhado ha um grande rombo. As chuvas e os ventos derrubaram o tecto, primeiro, depois uma parede, e as portas, as janellas... E lentamente a casa ir-se-á tornando tapera. — que é uma cidade perdida no campo". Não é menos eloquente a seguinte estrofe de D. Aquino Corrêa, eminente prelado de Cuiabá, tirada do seu poemeto "A Tapera", que lemos na "Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso".

— *Aqui do homem quasi nada restal
Qual innumero exercito, a ilresta
Invadiu-lhe a mansão!
Desta hoje, no verdor da capoeira,
Só negreja o esqueleto de arceira,
O bronze do sertão.* —

Tapicuéim: segundo nos informa Antonio Lopes, assim chamam, no Maranhão, ao ninho de formigas, de forma conica e com um metro ou pouco mais de altura.

Tapiocanga: vide *tapanhocanga* e *canga*. Alvaro da Silveira, falando a respeito das aguas minerais de Serra Negra, à pag. 722 do seu livro "Narrativas e Memorias", 2.^o volume, escreve: "Esta tapiocanga, umas vezes, é escura, outras vezes, é vermelha, e outras, enfim, amarella deocre, pois neste caso, é formada, em grande parte, de limonite. Mesmo no largo da Matriz do Carmo do Paranahyba, o solo apresenta a tapiocanga, assira como nas encostas dos correjes do Paraiso, Cortume, Olho d'Agua, S. Bartholomeu e outros".

Tapiocano: o mesmo que *tabarém*, *caipira*, *capiau*. Segundo Beaurepaire-Rohan era de uso no Rio de Janeiro e representa uma allusão ao fabrico da tapioca, de que se occupam os filhos do interior. Entretanto, a etimologia mais accitavel é *tape yoca* e o suffixo *ano*; primeiramente foi *tape-yoca*, por corruptela — *tapioca*, o procedente da aldeia, da *taba*. Segundo informa Souza Pinto o vocabulo *tapiocano* é usado também no norte de Minas e Valdomiro Silveira estende a sua área até S. Paulo.

Tapicocas: designação de uma numerosa quadrilha de ladrões e assassinos que infectaram a provincia do Ceará em 1846 e 1847, sem temer das autoridades; grupo de *cangaeciros* terriveis. Referida por P. Théberge (Livro citado).

Tapiri: termo de uso na Amazônia, designativo de pequena choça coberta de palmas colocadas sobre paus, para resguardar as pessoas das intemperies; Gastão Cruls define-o como uma pe-

ouena cobertura de palha sobre travessas escoradas por quatro paus. É destarte uma especie de barraca. Alberto Rangel, no seu admiravel "Inferno Verde", escreve *taperi* e, à pag. 316 lemos: "O *taperi* é o digno traço de união dessas duas operações, que resumem a devastação caucheira. Ele é o unico elemento fixo, posto que com a fragil consistência da teia de uma aranha, ou da casa duma tatuçaba". No Acre, chamam *papiri de barro* ou *taperi de barro* à sepultura. Aparece este vocabulo com formas diferentes: *taperi* escreveram Francisco Pereira, Anisio Jobim, Alberto Rangel; *papiris* grafaram Mario Guedes, Euclydes da Cunha e Lauro Palhano; *itapiri* registou Francisco Pereira de Lima em varios passos do seu "Folklore Acreano".

Tapuiada: à pag. 31 da 2.^a Ed. do livro "Através da Bahia", conjunto de excertos da obra de von Spix e von Martius — "Reise in Brasilien" de Pirajá da Silva, encontramos o seguinte periodo: "Entre elles raramente se encontra um branco de pura origem européa, muitos são mulatos; outros demonstram pela cor mais clara do rosto e pelos cabelos lisos a origem mixta de indigenas e brancos e, como tivessem herdado, muitas vezes, a indolencia e morosidade de seus pais indigenas, são frequentemente apelidados, por desdém, de *tapuyada* (de *Tapuya*, indios), objeto de desprezo dos vizinhos".

Tapuiza: nome que, nos sertões do Gurupi, entre o Pará e o Maranhão, se dá ao rancho ligeiro, choça improvisada por caçadores ou exploradores. Vimo-lo empregado por Jorge Hurley no seu interessante opusculo "Nos Sertões do Gurupy", a pags. 16 e 24: "A uma ordem minha, transnuitada aos indios pelos *tuchávas* Germano e Travado, os terçados se movimentaram: uns, na limpeza da área onde devia ser levantada a tapuiza e outros tirando frechaes, varas e palhas". "Edificamos uma choça debaixo da chuva. Pernoitamos acocorados, em roda das fogueiras que, nessa noite de farto inverno, foram armadas dentro da propria *tapuiza* (rancho ligeiro) onde nos abrigamos".

Tapuio: também *tapuyo*, vocabulo de origem tupi, corruptela de *tapuy-ú* - o gentio barbaro come, onde vive o gentio, segundo Theodoro Sampaio. É um dos termos de significação mais varia no Brasil. No Brasil pre-cabralino assim chamavam os tupis aos gentios inimigos, que, em geral, viviam no interior, na *Tapuyrama* ou *Tapuyretama* — a região dos barbaros ou dos *tapuyas*. Iniciada a colonização pelos portuguezes, começaram estes a designar *tapuias*, indiferentemente, a todos os amerindios. Depois, com os primeiros estudos sérios da nossa etnografia indigena, o nome passou a designar um certo grupo de hordas ou tribus de indigenas. O glorificado von Martius, tomando por base da classificação etnográfica a lingua — seguro caminho proseguido pelos sabios estrangeiros que têm estudado os nossos aborigenes — considerou os *tapuias* num dos grupos da sua chave ordenadora, no grupo *gê* ou *cran*. Paul

Ehrenreich, que, em 1904, reviu a classificação de den Steinen, reduzindo-a a três grupos em toda a America do Sul, já não fala no grupo *gê*, os *tapuias* dos antigos escritores. Mas Rodolpho Garcia, no vigoroso ensaio sobre a etnografia brasileira publicado no "Dicionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, comemorativo do Primeiro Centenario da Independencia", insiste em mostrar a necessidade de se admitir a existencia da familia dos *Gês*, pela sua importancia histórica e vasta disseminação dentro do territorio brasileiro: e a esta familia pertence o grosso dos *tapuias*. Isto, nos dominios da etnografia, na linguagem dos estudiosos e dos sabios. Na linguagem comum, frequentemente vemos empregar a palavra *tapuio* como apelido generico dos selvagens bravios do Brasil, sinônimo, portanto, de *hyre*. E' o que se lê no Vocabulário anexo ao "Atravez do Brasil" de O. Bilac e M. Bomfim. Já no Amazonas dão este nome aos *caboclos* mansos e, não raro, estendem à generalidade dos mestiços. Arthur Orlando no seu "Brasil. A Terra e o Homem", à pag. 95, trata especialmente do *tapuio* amazonense e diz que é o "descendente puro do indio que foi forçado a assimilar linguas, costumes, instituições, tudo diferente do meio social de sua raça", e à pag. 96, lhe traça os caracteres somaticos do seguinte jeito: "pelle acobreada, nariz chato e largo nas extremidades, testa curta, maçãs do rosto salientes, poréu menores que as do Mogol, cabellos pretos, lisos e duros, barba quasi nulla, labios grossos, dentes alvos, orelhas miudas, olhar fixo, mãos e pés pequenos, dedos curtos e grossos". Em terras do Pará, diz Vicente Chermont, assim se apelida o "indio manso já meio civilizado, que vive entre a população sertaneja" e, por extensão, o "caboclo rude e ignorante". No sertão da Bahia ouvimos muitas vezes o nome de *tapuio* ou *tapuia* ser aplicado aos mestiços em geral, de cor trigueira e cabellos lisos e pretos.

Tapunhunacanga: também *tapanhoacanga* (Branner), *tapanhiscanga* (Antonil), *tapiocanga* (Alvaro da Silveira). Segundo Rodolpho Garcia, que o regista, é uma formação constituída por uma crosta negra de hidrato de ferro, cheia de concreções ócas do mesmo hidrato, tendo as paredes interiores cobertas de cristalizações de identica substancia. Do tupi *tupúina* — o negro e *canga* — cabeça: cabeça de negro. Na "Cultura e Opulencia do Brasil" de Antonil (Ed. Traunay), lemos ao fim do capitulo XIV o seguinte: "Também se acha muitas vezes huna disposição de desmonte que se chama *tapanhiscanga*, que vale o mesmo que cabeça de negro, pelo toçume das pedras, tão duro, que só a poder de ferro se desmancha: e não he máu sinal; porque muitas vezes e cascalho que fica em baixo dá ouro".

Tapurú: Pandiá Calogeras diz ter ouvido chamar-se assim, em Mato Grosso, aos cupins, não muito elevados, situados nos *fachões* dos trilhos, pseudo-estradas, percorridas pelos Fords.

Tapururuca: registado por Cornelio Pires, que lhe dá o significado de *piçarra*, terra em estado quasi de pedras quebradiças.

Taquaral: bosque, reboleira de taquaras, nome vulgar de varias especies indigenas de bambusáceas. E' termo do sul do país, equivalente mais ou menos a *tabocal* no norte. "A trilha, entaliscada entre fileiras de rchedos altos, seguia ora por baixo de taquaras, ora por entre densos matagaes (Visconde de Taunay — "Campanha de Matto Grosso. Scenas de Viagem", Pag. 85).

Tarefa: medida agraria, ainda hoje usada no interior da Bahia equivalente a 900 braças quadradas ou 4356 metros quadrados. Beaurepaire-Rohan enganou-se dizendo que se applica somente à medição de terras com destino à cultura da cana de açúcar. Na Bahia applica-se tal medida a todas as culturas e até às pastagens. Em Sergipe e Alagoas dão à *tarefa* o valor de 3.052 metros quadrados e no Ceará o de 3.630. No Pará a *tarefa* é constituída por 25 x 25 braças de um partido de cana de açúcar ou de roça de mandioca (J. Hurley).

Taturana: os vocabulários brasileiros (Beaurepaire-Rohan, Amadeu Amaral e outros) registam este vocabulo com a significação de "lagarta cujo contacto produz irritação na pele, com forte ardor". Entretanto, no "Lexico de Lacunas" de A. Taunay, encontramos o vocabulo *taturana* como designativo de individuo ruivo e albino, abonando-o o notavel escritor com a seguinte frase: "A familia V... é quasi toda taturana. Que cabellos vermelhos, que pelle de aço!"

Tauá: alteração do tupi *tauá* — amarelo, nome de uma argila amarelada, empregada na industria da louça de barro fabricada no interior do país. Não sabemos em que se firmou Gastão Cruis para dizer que *tauá* é argila vermelha carregada de óxido de ferro: à argila vermelha ou corada os caboclos chamavam *tapitança* (Th. Sampaio. Op. cit. Pag. 121).

Taurí: termo amazonense, registado por Peregrino Junior em suas "Historias da Amazonia", com o sentido de pequena palhoça das roças, *seriungais* e *feitorias*.

Taurí: vocabulo indigena, pelo qual os caboclos "designam certas extensões do Tocantins em que este rio se divide em muitos canaes formando um labirinto entre ilhas e pedraes. Significa multipla divisão, pluralidade de canaes e associa uma idéa de perigo ou dificuldade" (Carlota Carvalho — "O Sertão" — Pag. 244). Esta mesma escritora fala de três *tauris* no Tocantins, da maior das quais escreve: "Esta *Tau Iri* tem 76 kilometros de comprimento e nesta extensão o rio desce de nivel

mais de 80 metros por muitos e sucessivos desnivelamentos, mas em parte nenhuma ha queda, verdadeiramente cachoeira ou catarata. O que ha são inclinações do leito causando correntezas veloces, que terminam em remoinho, a que chamam *rebójo*, cousa pavorosa e de grande perigo, porque pode engulir o barco”.

Taura: registado no “Vocabulario” de Callage, com o significado de “homem valente, arrojado, destemido; pessoa que está sempre disposta a tudo”. “Bati estradas de sol a sol; toquei tropas p’ras xarqueadas de todo este Rio Grande de Deus; fui *taura* de respeito nos serviços de capacão e marcação;...” (Roque Callage — “Quéro-Quéro” — Pag. 104).

Tavôca: restinga de mata *carrascal*. “O novo varadouro terá oito a nove leguas; atravessei neste pequeno trajecto umas pequenas restingas de mata *carrascal* a que chamam *tavôca*, que se encontra muitas vezes nos campos cobertos da serra de Maracajú para o lado do rio Paraguay” (Itinerario de Joaquim Francisco Lopes in “Revista do Instituto Historico Geographico Brasileiro, Vol. XIII, pag. 323).

Taxizal: bosque de taxizeiros, plantas mimnecófilas da Amazônia. “E de olhos fitos na poente fimbria; seu 2.º, esse Amazonas já foi seringal, hoje é *taxizal*, pau que não serve a ninguem, só tem formigas!” (“O Gororoba” de Lauro Palhano, pag. 193).

Tejuco: vide *tijuco*.

Tejupar: occorrem também as formas *tajupar* (Callage), *tojupá* (José Verissimo, Rodolpho Theophilo, Eurico de Góes), *tijupar* (Alberto Range), Alcides Maya), *tijupá* (Beaurepaire-Rohan), *tujupar* (Baena, Miguel Calmon). E’ termo geral que applica a cabana ou palhoça de duas aguas ou vertentes que tocam ao chão, em geral tapadas de palha. Segundo Theodoro Sampaio é corruptela de *teji-u-paba* — a rancharia, a estancia onde vive o povo. Antonio Lopes ensina que a forma que mais se aproxima da origem e mais corrente no interior do Maranhão é *tijupá*.

Tejupaba: o mesmo que *tejupar*. Empregado por Octavio Brandão nos “Canaes e Lagoas”, à pag. 172: “... levantou uma *tejupaba*; quatro esteios e quatro palmas a cobri-los. Nem teve a coragem de envarar e, depois, tapar o *envarado*”. Occorrem também as grafias — *tijupaba*, *tei-jupaba* (Teschauer).

Tembé: registado por Teschauer, que lhe dá o significado de despenhadeiro e o abona com o seguinte passo de Alfredo d’Esmergnolle Tauanay: “Cavallo e cavalleiro rolaram neste *tembé*, indo parar no abysmo”. E’ vocabulo de origem tupi, que significa segundo Theodoro Sampaio, beirada, margem, beira. A respeito de *tembé*, ou *també* como grafam alguns, H. J. Hurley, escreveu-nos: “Os atuais selvagens *tembés* do Alto Guamá e Alto Gurupí eram, segundo informo do *tuchana* Quintino Felipe dos

Santos, da aldeia S. José da Cachoeira Grande, do Guamá, os antigos *tembéquaras*: beijos furados, que lembram os *nambiquaras*: orelhas furadas da Rondonia. Depois que desprezaram o costume de furar o beijo passaram a se chamar *tembé*. Assim *tembé* é sinônimo de borda, margem elevada, beira de abismo e também de beijo de gente".

Tembeseira: o mesmo que *tembé* ou *tembê*. À pag. 213 do livro de Horacio Nogueira — "Na Trilha do Grillo" (S. Paulo 1927). lemos os seguintes períodos: "Os termos *tembé*, *tembéséra*, tão conhecidos e usados pelos sertanejos de S. Paulo, para significar precipício de pedreira, é corrupção do vocabulo indigena *itá* — pedra, e *imbé* — despenhadeiro, abysmo. *Ita-imbé* ou *taimbé* quer dizer, portanto, em bom caingangue: — paredão de pedra dependurado em precipício vertiginoso, dando origem a um despenhadeiro ou abysmo. Essa é, ao menos, a melhor etymologia da palavra que pudemos colher entre os nossos patricios lá das selvas". E, à pag. 63 do mesmo livro, escreve o autor: "O tronco millenario, qual gigante ferido mortalmente, estralou, treneu e oscillou: então, tombando, lá se foi, remendo fragorosamente, *tembéseira* abaixo, no fundo do grotão!".

Tenda: nome que, nos engenhos de açúcar, designa a parte onde ficam os tachos, registando-o neste sentido Cornelio Pires. No norte do Brasil, da Bahia a Pernambuco, se emprega de preferencia para designar officina de ferreiro, sapateiro, etc.

Teque-teque: termo usado na Amazônia, designativo de mascato, vendedor ambulante, regatão. Registrado por Tesehauer.

Têrê-têrê: termo do Pará, que nomeia os terrenos atolentos, fôfos, de mondongos e praias lodosas, segundo V. Chermont. E' palavra de origem tupi, do frequentativo *terê-virado*, revirado, em alusão à natureza do terreno (Rodolpho Garcia). E' solo de areia gulosa diz Peregrino Junior.

Terreiro: vide *candomblé*, *xangô*. Palavra portugueza que, na Bahia e Pernambuco, tem sentido peculiar, ainda não registado nos vocabulários. Em seu livro "Religiões Negras", Edson Carneiro escreve à pag. 63: "Na Bahia, as praticas religiosas dos negros se realizam em grandes barracões de arquitetura primitiva, chamadas terreiros ou, mais comumente, *candomblés*. Estes *terreiros* situam-se nos pontos mais afastados da Cidade, de preferencia nos bairros proletarios — Caminho do Rio Vermelho, Estrada da Liberdade, Fazenda Garcia, Brotas, Federação, Amaralina, Bate-Folha, São Caetano, Cabeceiras da Ponte etc. Nos suburbios principalmente em Parafuso". Pedro Cavalcanti, em seu estudo "As seitas africanas do Recife", publicado no precioso volume "Estudos Afro-Brasileiros", à pag. 243, escreve: "A maioria das seitas africanas do Recife está localizada na zona marginal às linhas de Beberibe e Campe Grande, arrabaldes pobres da cidade. Encruzilhada, Agua Fria,

Arruda, Chapéu de Sol, Fundão, por todos estes lugares se encontram *terreiros*. *Terreiros* do culto nagô, do culto gêgê, do culto xambá, com predominância do culto nagô". Daí as expressões *pai do terreiro* (chefe), *mãe do terreiro*, *filho do terreiro*. Chefe de *terreiro* é chamado *babalorixá*.

Terra apurada: vide *apurada*.

Terra caída: termo *amazonense* que, segundo John Branner, designa os "desmoronamentos causados durante a enchente pelos rios que solapam as suas ribanceiras argilosas, as quaes, estando molhadas, molles, e sem arrimo, escorregam para dentro dos rios arrastando as florestas que os margeam". Segundo W. Bates, sabio naturalista que peregrinou, estudando, na imensa planície, "terra caída é o desmoronamento que repetidamente se dá nos altos barrancos de terra da margem do Amazonas, quasi sempre na enchente. Embarcações de vulto são ás vezes esmagadas por esta avalanche de terra e arvores. Acompanham este phenomeno os estrondos e roncãr surdo de trovão. Tres milhas de margem foram uma vez arrancadas, grandes blocos de floresta tendo arvores collossaes de 200 pés de altura como dançando cahem finalmente n'agua num baque tremendo". "Numa só noite (29 de Junho de 1866) as terras caídas da margem esquerda do Amazonas desmoronaram numa linha continua de cincoenta leguas" escreveu Euclides da Cunha, à pag. 17 da "A' Marjem da Historia" (Edição de 1909). Aí também, à pag. 45, lemos os seguintes passos admiraveis: "Ás vezes é um lanço unido, de quilometros, de *barrreira*, que lhe cai de uma vez e de subito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sobre o leito, uma floresta inteira. O fato é vulgarissimo. Conhecem-n'o todos os que por ali andam. Não raro o viajante, á noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo apoz o fragor indescriivel de miriades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assulto fulminante de um cataclismo e um *desabamento da terra*". Raja Gabaglia, à pag. 104 de seu livro citado, escreve: "A corrente fluvial desgasta e desloca os terrenos molles e incoherentes do Baixo Amazonas, solapa as ribanceiras argilosas e desmorona os barrancos que escorregam para o alveo do rio, arrastando consigo as florestas que os cobriam: são as *terras caídas*".

Terra de planta: expressão de uso geral no Brasil, que serve para designar os terrenos proprios e destinados à agricultura, distinguindo-os dos que se reservam para a criação do gado. À pag. 126 do "Guia do Estado de Santa Catharina" (1927) lemos o seguinte periodo: "As suas florestas, densas e homogeenas, em grande parte ainda por explorar, os heruaes riquissimos, muitos ainda em ser, as campinas serranas, onde se acimatária o gado mais fino e exigente, as suas *terras de planta*, abertas à experimentação de todas as culturas da zona temperada, apro-

sentam possibilidades magnificas e que estão a seduzir a energia indormida da sua gente e a reclamar o impulso encorajador dos poderes publicos...

Terra lavada: designativo que, no Piauí têm as terras fôfas, frouxas. Informação do Dr. Astrolabio Passos, falecido Diretor da extinta Universidade de Manaus. Candido de Figueiredo (4.^o edição) regista o verbo *fazar* como brasileirismo e com o significado de gorar, ter resultado negativo.

Terra-firme: ou simplesmente *fírmes*, têrmos da Amazônia, que nomeiam os terrenos altos, onde não chegam as aguas das enchentes. Registado por Gastão Cruis e Teschauer.

Terra-fresca: denominação peculiar ao nordeste para os terrenos molhados, humidos, sitios quasi sempre à beira dos rios e dos açudes. À pag. 292 do livro "O Piauí no Centenario da sua Independencia", 3.^o vol., encontramos: "Nos afamadas ribeirões Solidão, Brejo, Urucú, Tinguís, Angico, Cardoso e no immenso Prata, (Município de Jeromenha), predomina o solo argiloso que os naturaes chamam — *terra-fresca*".

Terralão: têrmo paulista designativo do *terral*, brisa que sopra da terra para o mar. Empregado por Vicente de Carvalho no vol. 1 das "Paginas Soltas", à pag. 20. "E' bom levar a vela, João — aconselhou mestre Ignacio. Em sabindo do sacco, vocês apanham o *terralão*, que é uma ajuda". (João Phoca. "Os Caiçaras". Pag. 46).

Terra-preta: na Amazônia, assim se designa "o terreno em que se encontram fragmentos de ceramica indigena e onde deve ter sido antigo aldeamento selvicola" (Elucidario anexo à "A Amazonia que eu vi" de Gastão Cruis). À pag. 44 do mesmo livro, lemos: "Toda a região do Tronibetas parece ser riquissima desses vestigios de civilizações extintas e com o nome de *terra preta* são apontados os locais, alguns trabalhados pelo Dr. Barbosa, em que se podem fazer excavações na quasi certeza de encontrar *ceretas*". (Vide este vocabulo).

Terra-roxa: designação que têm, em S. Paulo e noutros Estados das bacias do Paraguai e Uruguai, as terras formadas pela decomposição *in situ* das rochas eruptivas (diabase e porfirite) que se encontram em baixo (John Branner — "Geol. Elem." Pag. 17). E' o terreno preferido para a cultura do cafeeiro. "No maciço da *terra róxa* — produto originario da decomposição da rocha de ferro — o maciço do paulistanismo, cerne do velho tronco de Araritaguba e Itú, em sua perfeita constituição etnica (Brenno Ferraz — "Cidades Vivas" — Pag. 125). "O cafeeiro achou na *terra róxa* o solo mais proprio (Delgado de Carvalho — "Geografia do Brasil" 1.^o vol. Pag. 147. Vide E. Backheuser no seu "Glossario".

Terra-safada: termo do sul, designativo de terreno improdutivo, cansado, esgotado. Registrado no Cornelio Pires e Amadeu Amaral.

Terras grandes: encontramos esta expressão n' "Os Sertões" de Euclides da Cunha, à pag. 230, com a seguinte nota: "*Terras grandes* — phrase vaga com que os matutos designam o littoral que não conhecem. Com ella abrangem o Rio de Janeiro, a Bahia, Roma e Jerusalém — que idealisam proximas umas de outras, e muito afastadas do sertão. E' o resto do mundo, a civilização inteira, que temem e evitam".

Terreno concertado: registado por Nelson de Senna ("Revista de Língua Portuguesa". N.º 37. Pag. 85), como termo peculiar no oeste de Minas Gerais, região da "Mata da Corda", designativo de terreno levemente ondulado ou pouco acidentado.

Terreno undante: termo do sul, registado por Teschauer com o sentido de terra acidentada, ondulada, cheia de altos e baixos. Abona-o o insigne vocabularista com o seguinte passo que encontrou na "Campanha do Contestado". II, pag. 84: "... encontramos num *terreno undante* como o de quasi todo o Contestado: ligeiras e aridas chapadas, logo em seguida mattas succedendo mattas, depois os profundos côrtes formando valles...".

Terroada: vide *torroada*.

Teso: registado por V. Chermont como termo marajoára, que designa a parte elevada do campo que alaga durante as enchentes dos rios. Assim sendo é equivalente a *firme*, e não é restrito à grande ilha da foz amazônica. Encontramo-lo referido por varios escritores da Amazônia. V. Chermont escreve que são sinônimos de *teso* — *ilha, alto, escalvado*. "*Teso* é o termo oposto á baixa; todo o terreno que durante as inundações emerge é *teso*. *Ilha* é o *teso* de menores dimensões. Um *teso* pode ser formado por diversas *ilhas*, separadas umas das outras por pequenos regos ou baixas. *Alto* é o terreno, nas fazendas de campos baixos, menos elevados do que a *ilha*, ou o *teso*, o qual entre Fevereiro e Maio, é coberto por meio a um palmo d'agua. *Escalvado* é o alto rodeado de plantas frutificas como o *piry*, a *aninea*, a *partasana*". Esta nomenclatura é peculiar à ilha de Marajó. O termo é também empregado no Maranhão, no sentido de partes do campo sobreestantes à inundação. (Raymundo Lopes — "O Torrão Maranhense". Pag. 148). Gastão Cruls define: "elevação do terreno onde não chega a agua das enchentes" (A Amazônia que eu vi. pag. 339). No Rio Grande do Sul, diz o General Borges Fortes, designa "o terreno mais alto que fica bem junto à barranca dos rios. E' o ultimo a ser inundado". Macedo Soares dá a significação de morro ingreme, levantado quasi a pique.

Têlêcuêra: registado por Beaurepaire-Rohan, que lhe dá como significado, em S. Paulo, o de certas depressões de terreno, que

serviram de leite ao rio Paraíba do Sul e estão hoje cobertas de vegetação.

Tiguêra: também *tigocra* (Valdomiro Silveira e Teschauer), termo do sul, de S. Paulo até a região de Cima da Serra no Rio Grande do Sul, designativo de terras de roças, nas quais, após a colheita das plantações, vingam plantas esporádicas e se põem a pastar os animais. Macedo Soares define: roça que foi, roça velha. Amadeu Amaral diz simplesmente — lugar onde houve roça, depois da colheita. Valdomiro Silveira escreve: canavial, arrozal, milho ou planta de produção periódica, depois do corte ou colheita. Parece que, de primeiro, só designava a roça de milho, e isto pela sua origem etimológica, contração do tupi *abatiguêra* - milharal extinto, estendendo-se depois a denominar toda a terra em que houve qualquer plantação. Interessante é a opinião de Cornelio Pires, o querido poeta caipira: "Tiguêra é roça de milho depois de colhida. Talvez venha do tupi-guarani: *abati-milho* e *coôra-ossos*; pois as canas do milho dão impressão de ossos. Ossos de milharal". Amando Caiuby escreve à pag. 75 dos seus "Sapezas e Tiguêras": "Uma tiguêra de milho marginava a estrada, fechada outrora como um túnel pela mata exuberante".

Tijucada: derivado de *tijuco*, grande quantidade de lama, lameiro. Termo geral.

Tijucal: também *tujucal*, *lameiro*, *lodaçal*. Registrado por Teschauer.

Tijuco: termo geral do Brasil, empregado no sentido de brejo cheio de lama, sobretudo se esta é de cor escura; pantano, lodo, atoleiro, lameiro. É de origem tupi e, segundo Theodoro Sampaio, é "corruptela de *ty-yuc*-líquido corrupto ou podre, lama, brejo; no tp.g. *Tuyü*". Ocorre também *tujuco*. É de todo interesse a leitura do capítulo intitulado "Tijuco" da obra de Friedrich Katzer — "Geologia do Estado do Pará". — publicado no "Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi de História Natural e Etnografia". Vol IX, 1933, entre pag. 57 e 63.

Tijucopaya: também *tijucopaya*, registrado por Teschauer — o lamaçal, o tremedal. Empregado por Alberto Rangel no seguinte passo: "Multiplicam-se as barracas desengonçadas na estacaria que as deservasa, nos *tijucopayas*".

Tijupar: o mesmo que *tijupá*, *tejupá* e *tejupar* (vide este vocabulo). Registrado por Teschauer.

Tijueira: grande quantidade de tijuco, tremedal extenso. O mesmo que *tijucada*. "O zumbido geral corria sobre as ramas, atenuava-se nelas, tremia devagar pelos calices agitados, lançava-se até as varzeas, espalhando-se no raso das *tijueiras*" (Valdomiro Silveira "Nas Serras e nas Furnas". Pag. 205).

Tingais: nome que, segundo idéia recentíssima, designa os filhos do Paraná, os parangenses. Na "Gazeta do Povo", órgão da

imprensa curitibana, edição de 8 de Novembro de 1932, Romario Martins, sabido estudioso da terra e da gente paranaenses, lançou aos quatro ventos a idéia de que fóra lembrado pelo Major França Gomes, de se adotar a alcunha de *Tinguis* para designar os filhos do Estado do Paraná, como *bandeirantes* designa os de S. Paulo, *gaúchos* os do Rio Grande do Sul, *barrigas-verdes*, os de Santa Catarina, etc. O nome *Tinguis* provem do primeiro povo que habitou as terras do primeiro planalto — diz Romario Martins. De feito, esta tribu indígena, ao tempo do desbravamento, habitava os prolongados campos de Curitiba. A denominação provinha, diz ainda Romario Martins, de um característico físico — o nariz leptorrinico — nariz afilado. “Era gente de paz e de guerra, laboriosa e sedentaria, amante da beleza natural da terra. Suas habitações eram subterrâneas como as dos Guianazes, tendo á entrada um toldo de abrigo contra as intemperies”. Romario Martins, no artigo citado, aplaude sem reservas a designação. E a imprensa paranaense adotou-a e vai vulgarizando, entre aplausos, a alcunha nacionalista. Ainda em Novembro appareceu a “Confederação dos Tinguis” — centro de ação cívica do Paraná — a “Marcha dos Tinguis”, o “Tango Tingui”, o “Jazz-Band Tingui”, etc.

Tipacoêma: termo paraense que designa parada da maré no fim da vazante, quando esta coincide com o amanhecer. Baixamar matutina diz V. Chermont. De origem tupi: de *typá* — o fim ou extremo da agua, a baixamar e coema -- manhã.

Tipisca: registado na coletanea de Rodolpho Garcia com os seguintes dizeres: “lagûa formada em época da enchente, no Amazonas e seus afluentes occidentaes, de um lado pela sinuosidade do leito fluvial e de outro pelo impulso da agua que tende a correr rectamente, transformando em lençóes d’agua as curvas forçadas que as margens offerecem”. O nome é mais peruano que brasileiro (Vide *sacado*).

Tiradeira: no vale do Jequitinhonha e zona cacaueira da Bahia assim se designam as mulheres que, com os dedos revestidos de panos — *deadeiras* —, são encarregadas da retirada das amendoas dos frutos do cacauero. Informação de Arnaldo Vianna que diz ainda, sendo homem o encarregado deste serviço, se nomeia *tirador*.

Tirador de cipó: nome que, nos sertões de S. Paulo, significava negro fujão. Refere-o Valdomiro Silveira em seu livro “Nas Serras e nas Furnas”, à pag. 19: “Autão você? tá com muito dó desse resto de bacalhau, desse *tirador de cipo* que me acaba de dar um prejuizo tão grande?”

Tiririca: registando este vocabulo no seu “Glossario Paraense” Vicente Chermont de Miranda escreve: “Curioso phenomeno no rio Pará, até agora inexplicado. Desde a foz de um pequeno igarapé perto do igarapé Caracará, na costa sul da ilha de

Marajó, até ao meio do largo rio na direcção aproximadamente da ponta de Collares existe uma agitação constante das aguas com ondas desencontradas e mais alterçadas do que no resto do rio. A zona da *tiririca* é estreita, cerca de 200 a 300 metros, com uma extensão de 7 kilometros mais ou menos. Mesmo quando o rio está calmo em toda a sua superficie, o trecho da *tiririca* mostra-se agitado. E' provavel que esse phenomeno provenha de algum comprido recife assaz profundamente situado, onde a velocidade da maré produza correntes ascendentes".

Tirirical: lugar cheio de *tiriricas*; planta ciperacea do Brasil, grandemente prejudicial à lavoura.

Tôa (De): locução adverbial correnteia no rio S. Francisco para designar a navegação que se faz quando as embarcações são levadas pela correnteza, rio abaixo (*cabeça abaixo* no expressivo dizer dos matutos), quasi dispensando o trabalho dos marujos que se limitam a dar, de longe em longe, algumas remadas. "A viagem de regresso é rapida e sem o menor esforço, pois quasi sempre as embarcações andam *de tôa*, levadas pela correnteza, sendo apenas auxiliadas por algumas espaçadas remadas, para despertar as tripulações, as quaes, com a ociosidade da descida, bem compensam o risco e cruéis fadigas da subida" (Durval de Aguiar — "Descripções Praticas do Provincia da Bahia. Pag. 18 — Identicas referencias às pags. 25 e 47). Em todos os Dicionários da lingua, que consultamos, não vimos registada esta locução que parece exclusiva dos ribeirinhos e barqueiros do grande rio brasileiro. Em portuguez *tôa* é termo marinho que significa corda, cabo ou sirga com que uma embarcação reboca outra, sendo frequente a locução *à tôa* — a esmo, sem governo, ao acaso, impensadamente. Nada disto, porém, ha na viagem *de tôa* no rio S. Francisco e seus afluentes. As embarcações não andam à sirga, nem dispensam o leme para regular a direcção da singradura.

Tobatinga: o mesmo que *tabatinga*.

Tobós: termo que designa, na região diamantifera do Araguaia e seus tributarios, os diamantes grandes. Vimo-lo empregado por Hermano R. da Silva a pags. 171 de seu volume "Garimpos de Mato Grosso".

Tocador: assim chamam, em Minas e Goiaz, aos individuos que tangerem ou guiam um lote de animais de carga, companheiros dos tropeiros. Aug. Saint-Hilaire em sua "Viagem ás nascentes do S. Francisco..." escreve que o *tocador* é o encarregado de conduzir os muares sob a inspecção do almocreve principal ou *arroteiro*: é ele que os faz avançar e os dirige quando em marcha. Equivalente a *tangerino* do Nordeste; no Rio Grande do Sul é o *campeiro* que toca os animais ou gado em marcha (Callage) "Por ahi passaram tropas mineiras d'aíém Paranhíba — rijos

tocadores palmilhando as alpercatas de couro crú pela extensão ardente e arenosa das estradas poentas, ladeadas ás vezes de barrancos escarpados e esfarinhentos de pedra-canga, por cujas erosões vincadas, medrava tenaz o *catigueiro* parasitário dos morrotes". (H. Carvalho Ramos — "Tropas e Boiadas". Pag. 21).

Toldo: palavra hispano-americana, usada no Paraná e extremo sul do Brasil, para designar aldeia, *maloca*, *taba de caboclos*, já meio civilizados. Beaurepaire-Rohan regista o termo escrevendo: "é termo da America Meridional hespanhola, significando barraca, choça ambulante, que serve de habitação aos índios. Tanto basta para reconhecer-se que o vocabulo *Toldo*, com a significação de *aldéa*, nos veiu das republicas platinas". "Vivia, então, a pouca distancia do toldo, o *pagé* Mboi, que, por seus avançados conhecimentos des mysterios do futuro e por sua grande sabedoria nos conselhos que dava a quantos o procuravam, havia conquistado a admiração e o respeito de todos os índios,..." (Eurico Branco Ribeiro — "A Sombra dos Pinheirões". Pag. 66).

Tombada: termo usado nos Estados do Sul para designar quebrada de montanhas; vertente. Registado por A. Taunay.

Tombador: também *tombadouro*, segundo o registo de Macedo Soares; encosta íngreme de uma serra ou colina, até de uma chapada. Termo de uso na Bahia e Estados do norte. O Engenheiro Alexandre Goes, em Relatório apresentado ao Governo da Bahia em 20 de Julho de 1908, escreveu, à pag. 26, que a verdadeira diferença entre serra e *tombador* é a seguinte: "a serra eleva a sua aresta acima de um plano, tendo desaguas á direita e á esquerda; o *tombador* liga um plano superior a outro inferior, tendo desagua de um lado só e como que serve de muralha de sustentação ás terras de uma chapada". Amadeu Amaral, que o registou em S. Paulo, dá-lhe como significado: "lugar onde ha queda de agua; essa mesma queda". Leonardo Mota, que o mesmo fez no Ceará, informa que são terrenos altos e ordinariamente pedregosos e Juvenal Galeno diz que é terreno desigual, escarvado, cheio de barrocas (Livro citado, pag. 604).

Tombadores: Beaurepaire-Rohan que regista *tombador* com o sentido acima dito, também dicionarizou *tombadores*, na accepção de ondulações do terreno, mais ou menos escarpados, cheios de barrocas. Penso que a palavra *tombadores* é apenas o plural de *tombador* (alteração de *tombadouro*), com o mesmo significado: pelo menos sempre assim ouvimos empregado no norte da Bahia e, em nenhum escritor do nordeste, encontramos semelhante sentido especial.

Tombão: mar agitado. Voz corrente entre os pescadores da ilha de Bom Jesus do arquipélago da baía de Todos os Santos. Informação de Arthur Neiva.

Tomba-las-aguas: o mesmo que *trumba-las-aguas* (vide este termo), de uso no Maranhão e em Pernambuco. Neste Estado, no distrito de Itapissuma do Município de Igarassú, em frente a Itamaracá, assim chamam ao encontro de duas marés que entram no canal de Itamaracá, o mesmo a que no tempo da colonização chamavam Rio de Santa Cruz. "Navegando-se no canal apanha-se a maré num sentido até certo ponto e em sentido contrario noutro... Onde elas se encontram tem o nome *tomba-las-aguas* (Informação de Mario Melo).

Tombo: nome que, em Minas Gerais e outros Estados, se dá às cachoeiras altas, volumosas, em queda vertical; sinónimo de *paucada, salto*. Registado por Nelson de Senna.

Topatinga: denominação dada pelos indigenas aos holandeses ao tempo da invasão batava, corruptela de *toba-ting*, cara branca ou rosto palido. Encontramo-lo num trabalho de Alfredo Carvalho "Os holandezes no Rio Grande do Norte" — 1625-1654 — publicado na "Revista do Inst. Hist. e Geog. do Rio G. do Norte, vol. IV — n.º 1, pag. 123. Alfredo de Carvalho colheu este nome na obra de Joannes de Laet — "Annaes da Companhia das Indias Occidentaes".

Toqueiro: vide *mateiro*. No belo volume de Lauro Palhano — "Marupiára" — encontramos à pag. 280 o seguinte conceito sobre *toqueiro*: "seringueiro que vende a borracha ao patrão. O artigo (produto) é então embarcado por conta daquele. O *toqueiro* é considerado como um meio empregado. E' quem, geralmente, toma parte nas diligencias e serviços pagos a dia".

Torcedor: nome que, de primeiro, se applicava a um engenho destinado a extrair o suco da cana. À pag. 524 d'"A Parahyba e seus Problemas", de J. Americo de Almeida, lemos: "As feiras constituiram-se em centro de convergencia do commercio dos sertões mais remotos, á procura de cereaes e da rapadura fabricada com toscos *torcedores* que extrahiam uma insignificante porcentagem do succo da canna".

Toró: designação dada pelos habitantes dos Municipios situados na serra do Mar, no Estado do Rio de Janeiro, à chuva miúda, à *garóa*. Registado por A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas".

Tororoma: termo do norte do Brasil, que designa uma corrente fluvial ruidosa e forte. Regista-o Candido de Figueiredo (4.ª Ed.).

Torra: termo usado nas Lavras Diamantinas da Bahia, para designar carbonado de inferior qualidade. Informação do Eng.º

Macambyra Monte Flores. Usa-se também em Goiaz. Vide *Fundo e Mélé*.

Torrão: vide *salão*.

Torreame: encontramos-lo nos "Cantadores" de Leonardo Motta, com o sentido de grossas nuvens acasteladas. Assim diz o autor citado, à pag. 333: "Quem vê a carregação dos núveoiro, quem vê os *torrcame*, diz que a chuva vem *annêzo*". Termo cearense.

Torroada: no Pará, designa as terras altas, cheias de bons seringais: "a ilha Bacuri no Tocantins é rica em *torroadas*". No Maranhão, segundo Beaurepaire-Rohan, assim chamam "às fendas que aparecem nos terrenos argilosos e alagadiços depois de secos, e que tornam difíceis e perigosos os caminhos. Confirma esta versão Antonio Lopes, profundo conhecedor do Estado do Maranhão, acrescentando, porém, que nas torroadas do Maranhão não ha vegetação, mesmo aereocaca. "Depois o igapó imenso, fofigante, de onde fugiu o pantano, para ficar a aridez da *torroada*, terra que a enchente visita e despreza, floresta labirintica das araribas emaranhadas (Raymundo Lopes — "A riqueza dos Palmares do Maranhão etc." — Artigo no "O Jornal" de 27-11-1927). A pag. 131 do profundo estudo de F. Raja Gabaglia "As Fronteiras do Brasil", lemos: "Nos campos argilosos e alagadiços ha uma formação especial que dificulta o andar e o correr aos cavalos empregados nos serviços pastoris; são as *torroadas*, que se apresentam sob tres aspectos. No primeiro, ao qual pertence verdadeiramente a denominação supra, os campos ficam cheios de montículos de 20 centímetros de altura, cobertos por pequenas touças de capim. Esta forma, conforme os estudos do Dr. Vicente Chermont, é devida ao trabalho das minhocas (*lombrius communis*); aparece tambem na Mexiana. No segundo aspecto, o terreno argiloso oferece-se todo cheio de fendas profundas e em virtude da dissecação do terreno pela fortissima ação do sol; e no terceiro, cheio de depressões devidas ao passo do gado nos terrenos argilosos amolecidos no inverno e secos e endurecidos no verão".

Traição: vimos referido este termo com significação regional numa carta escrita pelo Padre José Noronha, missionario salesiano em Santa Rita do Araguaia do Estado de Mato Grosso. E como tal não o regista nenhum vocabulário brasileiro. Aqui transcrevemos alguns trechos da referida missiva, publicada no conhecido "Boletim Salesiano" de Maio-Junho de 1933. "No intuito de auxiliar um vizinho em sua roça, um fazendeiro congrega sua gente, convida os amigos, e, para tornar a coisa mais poetica, assalta-o alta noite, obrigando-o a recebê-lo com toda a comitiva, que no dia seguinte o livrará do aspecto em que se achava por falta de braços". E' o a que se chama noutros lugares do Brasil *mutirão*, *muzirão*, *puchirão*, *bandeira*, *batalhão*, *ajutorio*, etc., etc., todos já registados. E' a reunião de roceiros

para ajuda de um vizinho nalgum trabalho agrícola, apenas com a surpresa do ataque vespertal à casa do amigo que se quer auxiliar. Este de nada é prevenido: assaltam-lhe a casa os trabalhadores a horas mortas da noite antecedente ao trabalho. Eis como descreve a cena que presenciou o Padre José Noronha: "Já tinha dormido um bom sono, quando ouve-se lá fóra o tilintar da viola e uma voz aguda de um preto velho, conhecido cantador da redondeza, o Juvenal. Cantava uma intimação solene que pôs em reboliço e confusão toda aquella casa. Uns a saltarem das rêdes, outros a tropeçarem nos companheiros, procurando abrir a porta, outros a se estremunharem atordoados, as crianças a berrarem, os cães a ganírem, as mulheres esforçando-se por acender e alimentar as candeias de sebo com torcida de algodão, a correrem para a cozinha; enfim, o fim do mundo em miniatura. Dai a pouco a casa encheu-se de gente, estrondavam as gargalhadas de aticção e o cativa a estalar no assoalho com seu canto monotonico, seguido de sapateado rebobante e repique de palmas. O Sr. Amadcu triunfara. A *traição* surtira ótímadamente e alcançara o effeito desejado — o susto; enquanto o *atraído* antegozava o resultado — a *roça feita*". Após o trabalho realizado, voltam todos à casa do *atraído*, jantam e divertem-se durante toda a noite e nisse está, escreve o Padre José Noronha, o ponto culminante da *traição*.

Tramba-las-aguas: termo empregado no litoral de S. Paulo para designar o lugar de encontro de duas marés, em um canal que tenha duas saídas para o mar. Ao mesino acidente chamam no Maranhão e em Pernambuco *tonba-las-aguas*. Talvez corruptela de *entrambas-aguas*, expressão castelhana que designa lugar onde se misturam as aguas de dois rios, confluência, ainda chamada *ambas-mestas* (Vergara Martín. Livro citado).

Tranqueira: registado por Cornelio Pires, com o sentido de *coivaras* velhas em meio da *capueira*, impedindo o transitio. Nos velhos roteiros seiscentistas, diz-nos Pandiá Calogeras, o termo equivalia a *perceira*, tapume, havendo entre estes termos diferenças construtivas, mas o fim é conum: vedar uma passagem.

Transcurrel: registado por Callage, "pequeno curral ao lado do curralão ou da mungueira onde se deixam os animaes oreilhanos, (que ainda não foram assinalados), a serem marcados".

Travessão: palavra que tem varias accepções no Brasil. No Pará e em Goiaz, designa uma especie de recife que vai de uma a outra margem do rio, dividido, porém, em varias secções, em que se formam canais mais ou menos profundos, por onde passam as canoas. No Maranhão, é banco de areia que atravessa um rio em toda a sua largura, tornando-o vadeavel, equivalente ao que os russos chamam em seus rios *pérékaty*. Na Bahia e Estados vizinhos, chama-se *travessão* a uma cerca que separa os terrenos de criação dos de lavoura, afim de impedir a invasão do gado nas plantações. Em S. Paulo, diz Affonso Taunay

("Rev. de Língua Portug.". N.º 30, pag. 227), é o tapume que na catinga e sertão separa a zona de criação da de plantio. São extensas cercas, de leguas de extensão, entremeadas de valados, feitas de pau roliço, plantas de espinhos, estabelecidas mediante lei votada pelas municipalidades e aprovadas pelo Congresso Estadual". No "Vocabulario" apenas à "A Amazonia Misteriosa" de Gastão Cruls, encontramos: "travessão — queda d'água; pedras que encachoeiram as águas de um rio".

Trem: nas Lavras Diamantinas da Bahia, assim designam os garimpeiros o carbonato ou diamante, segundo nos informou o Engenheiro de Minas Macambyra Monte-Flores, conhecedor da região. "Achei um trem equivale a — achei um carbonato ou diamante". Nelson de Sena regista *trem* com o sentido peculiar em Minas Gerais, e dizemos nós, na Bahia também, de *trem de ferro*, que em todo o Brasil designa o que em Portugal se diz *corboio* (*Viajar de trem* é o mesmo que dizer — viajar de trem de ferro).

Tremedal: termo maranhense que designa a vegetação flutuante que cobre grandes extensões dos rios, e como tal, sinónimo de balseado (Beaurepaire-Rehan). Em todo o Brasil é usada esta palavra com o mesmo sentido de Portugal — pantano, lameiro, lodaçal.

Tremembé: termo usado no sul, para designar lugar apaulado, alagadiço, bacia lamosa, não raso coberta de vegetação aquática. É o mesmo que terra *brejosa*, *tremedal*. É palavra de procedência tupica, corruptela, diz Theodoro Sampaio, de *tiri-membé*, contração de *ty-riri-membé* — a água que se escôa molemente.

Trepada: termo usado no Rio Grande do Sul, que nomeia lugar íngreme, subida, elevação do terreno. Romaguera Corrêa cita a seguinte frase: "Naquelle logar temos forte trepada a galgar". É o que noutros pontos do Brasil se designa — *Judeira-esperta*.

Treze-de-Maio: denominação pejorativa às vezes aplicada aos negros, em alusão à data em que, no Brasil, se aboliu a escravidão. Empregado por Cornelio Pires, à pag. 262 das "Conversas ao pé do Fogo" e por José Lucio à pag. 280 do "Bom Viver".

Trezidela: é o nome de um arrabalde da cidade de Caxias do Maranhão, situado na margem esquerda do rio Itapicuru, fronteiro ao Porto Grande da mesma cidade, à qual se liga por uma ponte. O Dr. Justo Jansca Ferreira, ilustre geógrafo maranhense, pensa que o nome é de procedência indígena, significando — *do outro lado*; Gonçalves Dias, o maior dos filhos do Maranhão, sustentava que o nome era corruptela de Tres Aldeias, o que parece ter alguma razão de ser, ante o primitivo nome de Caxias — S. José das Aldeias Altas. Cesar Augusto Marques, em seu "Diccionario Historico-Geographico da Provincia do Maranhão" (1870), informa que havia na margem es-

querda do Itapicurú, defronte de Caxias, a aldeia de Aldeias Altas, habitada por índios mansos da nação Guanáre, contendo 600 arcos e que, em 1757, de ordem do rei de Portugal, tomou conta da administração temporal o Capitão mandante Manoel Pereira Taborde que, ao investir-se no cargo, mudou o nome do lugar para *Trizidela*. Ainda no Maranhão se encontram outros povoados com esse nome, como o que fica fronteiro a S. Luiz de Gonzaga, à beira do Mearim (Justo Jansen — "Fragmentos para a Chorographia do Maranhão". 1901. Pags. 17 e 54). Entretanto no belo livro de Raymundo Lopes, tantas vezes citado no correr deste trabalho, à pag. 197, encontramos o nome *Treizidela* empregado como substantivo apelativo, com a significação de povoações da outra banda do rio. Eis o seu trecho: "Algumas cidades e villas do Itapicurú têm outro aspecto característico; as *treizidelas* ou povoações d'outra banda, também observáveis em alguns outros rios brasileiros". Confirmou-nos isto o seu illustre irmão Antonio Lopes, em carta de 18 de Março de 1928, onde escreveu: "nao fez mais do que seguir o uso do povo, que a todo o lugar defronte de uma povoação ribeirinha dá o nome de *treizidella*".

Trilheira: termo usado em Goiaz, empregado por Henrique Silva e registado por A. Taunay, significando trilho muito acentuado na mata virgem.

Tripa de pinto: denominação dada a certo trecho, de algumas léguas de extensão, do rio Grande, o maior dos afluentes do S. Francisco na Bahia (cerca de 500 quilômetros), no qual os meandros ou *voltas* se succedem proximo; uns dos outros ou "em que as curvas de raio curto se verificam a pequenas distancias umas das outras, em grande numero, oferecendo assim problema difficilimo à pericia dos praticos no timão dos navios" — (Informação do Dr. Otto Philocreon no "Diario de Noticias" de 15 de Outubro de 1927).

Tromba: termo de Mato Grosso, que apelida as saliencias do arazú ou planalto na baixada do Paraguai, as quais tomam a revezes o aspecto de grandes pontas ou cabos que se projectam pela planicie. Há grande numero desses accidentes nas cabeceiras do Aquidauana; equivale mais ou menos a *itambé*. Rodolpho Garcia, citando Taunay, diz que, em S. Paulo, significa "desfiladeiro aberto pelas aguas, resultando de uma grande erosão". "Divisei, porém, no prolongar dos montes as *trombas* numerosas, isto é, as aberturas ou passagens, como se foram brechas feitas a talho, e para melhor guardar a disposição delas tomei o meu lapis e desenhei o perfil da terra fronteira a nós com as suas interrupções, os seus alcantis, e as suas linhas de estratificação bem expostas." (Theodoro Sampaio — "O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina" — S. Paulo — 1906 — Pag. 165). Pandiá Calogeras, a respeito deste regionalismo, escreveu-nos: "Em Minas Gerais denomina tam-

bém morros isolados (tromba d'Anta, por exemplo). Não é uma *itambé*, que é unilateral como declive. Também se diz, em Minas, de um forte aguaceiro equivalente a uma bomba: *cahiu uma tromba d'agua*".

Tronco: tórmo de mineração (vide *côrco*).

Tronqueira: tórmo paraense designativo de margem de rio em que se vêem varios troncos de arvores caídas, cobertas de cipós e parasitos floridos. De um roçado mal queimado dizem: — *aquilo é uma verdadeira tronqueira; uma tronqueirada* (Informação de H. J. Hurley).

Tropa: em varios Estados do Brasil este vocabulo designa uma caravana de animais de carga que levam mercadorias de uns para outros pontos. As tropas são os mais expeditos meios de comunicação nas terras do sertão brasileiro, onde não ha rios navegaveis ou estradas de ferro. Na Amazônia chamam *carroão*. "O caipira é um obscuro e é um forte! Eil-o tangendo suas tropas cargueiras, emboeiradas ou cobertas de lama, pelos caminhos tortuosos e esburacados, furando matas virgens, galgando montanhas asperas, vadeando rios revólto e pestiferos, afrontando pantanos e *atoladas*, atravessando campos e campos, vencendo dezenas de léguas a pé ou arreado e molengão sobre o burro *manicudo*, ao monotono *helém-helém* do sino nondurado ao *pepoco da madrinha ruana!*" (Cornelio Pires — "Selecta Caipira". — Pag. 4). No Rio Grande do Sul, segundo Callage e Romaguera Corrêa, é um grande numero de gado vacum em marcha de um ponto para outro, quasi sempre, porém, para as charqueadas. Lá tambem usam o augmentativo *tronão* e os diminutivos *troninha*, *tropazinha*, *tronita*. Podem ser as tropas também de ocos, de mulas, de gado de eria. Na descrição da viagem que fez ás nascentes do Rio S. Francisco, Aug. Saint-Hilaire informa que o nome de *tropa* se empregava no distrito diamantino no sentido de reunião de escravos dirigidos por empregados livres e prestos á extracção de diamantes em lugares a que chamavam *servicos* (Livro citado — Tomo I. Ed. Brasileira — Pag. 255).

Tropa de barro: o mesmo que *tropa de cachimbo*.

Tropa de cachimbo: expressão do nordeste, designativa de tropas irregulares, compostas de civis, também chamadas *tropas de barro*. Encontramos estas duas denominações no livro de Erico de Almeida "Lampeão. Sua Historia", à pag. 15.

Tropa de linha: nome que ainda hoje designa no nordeste, o exercito, em contraposição ás policias ou milicias estaduais. A pag. 26 dos "Beatos e Cangaceiros" de Xavier de Oliveira, lêmos: "No Nordeste, principalmente, onde o exército, a *tropa de linha*, como lá é chamado, é, com razão, tido e havido como inimigo do povo, ininúgo e perseguidor, seria de um grande alcance essa medida".

Tropeirada: os tropeiros em geral, grande numero deles.

Tropeiro: individuo que se occupa em conduzir tropas, vezes como empresario de transportes, outras tantas como simples campeiro, chefe de outros *tocadores*. No Rio Grande do Sul, assim se apelidam também as pessoas que se occupam em comprar e vender tropas de gado, de mulas ou de eguas. "Cruzavam tropeiros da terra, gente seca e escorreita, incitando aos estalos asperos dos rechos e pirahys compridos de trança fina, o trote leve da burrada, que se detinha por momentos a relouçar a babugem das margens — guizalhentas as cabeçadas, — com carregamento de cristal de rocha, surrões preciosos de bom fumo goyano, os malotes ajouçados de sola sertaneja, para as divisas estaduais do grande rio" (Hugo de Carvalho Ramos — "Tropas e Boiadas" Pag. 22). "O tropeiro foi um dos mais fortes elementos da vida e do progresso de todos quantos trabalharam para a grandeza e a unidade do Brasil. Eram elles que recebiam mercadorias em pontos diversos e que as traziam para o commercio entrefidos com o seu lote, com a sua lida, com os seus cantares pauderos e nostalgicos e que iam dessa maneira, inconscientemente, tecendo o elo da solidariedade nacional. Partiam de todos os pontos de produção, choutando a sua tropa, que cadenciava o passo pelo retinir dos guizes da besta deanteira, e, atravessando os desolados chapadões do planalto, em demanda do porto de Santos, encordeavam os lotes por esta estrada descendo e subindo asperezas desta serra, como formigas em carregação, parecendo de apparecer ao volume e ao peso das cargas, que, em movimento, davam a impressão de ir arrastando as alimarias". (Julio Prestes. Discurso na inauguração do rancho de Paranapiacaba).

Tropilha: regionalismo gaúcho, já registado por Calhaz e Romaguera. O primeiro informa: "certo numero de cavallos do mesmo pêlo que acompanham uma *egua-madrinha*". "Depois duma batida de dez horas campeando a tropilha dos malacaras p'ra apartar um potro" (João Fontoura — Nas Coxilhas — pag. 117). Romaguera diz que é uma "porção de cavalos (de dez a vinte e tantos) de mesmo pêlo ou côr e que acompanham uma *egua-madrinha*. *Tropilha de vermelhos, tropilha de gateados, etc.* E' o contrario de *quadilha*. Nos "Gauchismos e Gauchadas" de Piá do Sul, encontramos o seguinte quarteto:

*"E o domador gaúcho, o rei de todo o pago,
Que tem por sceptro o recho e por throno a cochilha,
Cujo nome se diz ante cada tropilha
Que urrocinou, domou, ú força ou com afago".*

Troz-troz: designação dada pelos sertanejos da Bahia a uma chuva rapida e grossa. Informação local.

Tuaiã: termo amazonense registado por Peregrino Junior no "Vocabulario" anexo às suas "Historias da Amazonia": a região mais longinqua dos seringais do alto Xingú, para lá de Altamir-

ra; rio acima; longe, distante. "Enchi com as peles do meu selo uma canôa que ia descer o rio, e tratei de deixar quanto antes aquelle *tuaiá*" (Liv. citado. Pag. 96).

Tubarão: nome que os habitantes do recôncavo da Bahia dão aos serrotes altos (Informação de Arthur Neiva).

Tubixaba: o mesmo que *tezaua*. Figuradamente é empregado com a significação de chefe, tiranete. Theodoro Sampaio escreve à pag. 161 do seu livro citado: "O chefe ou principal, no regime patriarcal em que viviam, era o *Tubixaba*, no guarani *Tu-bichá*, que quer dizer *pac vigilante, attento*, ou o *primeiro alerta*. Em algumas tribus, por influencia dialectal se dizia *Tuchaba*, cu *Tucháua*, em outras, *Tubirecha*, *Tubireçá*, *Ti-bireçá*, *Tybyreçá*".

Tucuri: o mesmo que *tacurú*, empregado às vezes no Rio Grande do Sul.

Tucuruva: termo usado em S. Paulo pelos caipiras para designar os *cupiras* (vide esta palavra), quando são abandonados pelas formigas que os constroem. Vim-o empregado neste sentido no trabalho de Marciano dos Santos — "A Dança de São Gonçalo", publicado na "Revista do Arquivo Municipal" de S. Paulo, vol. XXXIII (Março de 1937). Eis o passo referido: "Aguardam a manhã do dia da função para cozerem a carne nos originaes fogões que improvisam com as moradas das termilas, formigas brancas que ha em abundancia pelos campos sem cultivo. Enquanto as formigas habitam essas casas que medem até metro e meio de altura, os caipiras as nomeiam de *cupiras*, e quando ellas os abandonam, de *tucuruvas*. Essa habitação com o tempo torna-se duríssima e o cultivador que queira destrui-la só o consegue depois de penoso trabalho. E é com esses solidos *tucuruvas* que o *caipira* prepara o focão destinado a cozinhar os alimentos para a ceia da função (cerimonia religiosa) de São Gonçalo". Carlos Teschauer em seu "Novo Diccionario Nacional" regista *tacuruva* — pedras que sustentam a panela, trempe. —, *tacurús* — usado em S. Paulo — pedras que servem de trempe ou suporte de panelas em cozinha improvisada — e *tacuriba* — S. Paulo — trempe formada de três pedras soltas — afere-se de *itacuruba* — pedaço de pedra — tupi-guar.

Tujuco: vide *tijuco*.

Tujupar: o mesmo que *tijupar*.

Tupiana: designação proposta por Hermann von Ihering para apellar a região zoogeográfica que abrange o litoral e suas matas, por seu turno subdividida em *Tupinambarana* e *Guarantana* (Delgado de Carvalho) (Vide estes termos).

Tupinambá: no livro de Valdomiro Silveira — "Nas Serras e nas Furnas", à pag. 62, encontramos este vocabulo com a significação de chefe, *manda-chuva*, *ganga-muquize*. "Mas ser tu-

pinambá sempre tem seus encantos, embora o que manda não veja, em roda de si, para cumprir ordens, mais que um punhado de *tapiocanos* de olhar assarapantado e andar indeciso de embarcação”.

Tupinambarana: nome dado por Hermann von Yhering a uma das sub-provincias da região zoogeográfica por ele mesmo chamada *Tupiana*, a qual abrange as terras da Bahia ao Rio de Janeiro e, para o sul, toda a serra abaixo. Encontramos o nome *Tupinambarana* em Delgado de Carvalho (Livro citado).

Turco: nome que, em Minas Gerais, dão aos arabes e sirios, segundo o registo de Nelson de Senna. Assim também em outros Estados e até no Rio de Janeiro.

Tutamqué: registado por Leonardo Motta, à pag. 282 do “Ser-tão Alegre”, com o sentido de senhor poderoso e arrogante, *manda-chuva, danga*.

Tuxaua: também *tubixaba*, chefe de tribo indigena, na Amazônia, maioral de *maloca*. Equivalente aos conhecidos termos — *morobixaba, muruzana, murumuzaua, cacique, curaca*. Em Alfredo Brandão encontramos a forma *mburubichás*. Figuradamente dão o nome de *tuxaua* ao individuo influente no lugar que habita (Beaurepaire-Rohan). O Padre Carlos Teschauer escreve *luxava* e também *morobixaba* (“Vida e Obras do Veneravel Roque Gonzalez de Santa Cruz”. 2.^a Ed. Pag. 16). Nas “Reminiscencias da Fronteira” do General Dionisio Cerqueira, frequentemente lemos *tuichaua* (Rio — 1928).

Uaiúu: também *uaiô* — registado por José Verissimo, que escreveu: “chamam assim o estado em que, em virtude de um repiquete (prenúncio da enchente ou parada da vasante), de uma suspensão momentânea do curso natural da água, o peixe começa a morrer em certos igarapés de pecca como o Parú (pequeno afluente da margem direita do Trombetas)”. Parece, continúa o illustre mestre, que o indígena o attribue, e quizá com razão, a qualquer alteração das águas, pois o nome que lhe dá quer dizer água má, má ou ruim, de *y* — água e *aiua* — má, ruim, maligna (“Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.” — Tomo 50 — 1887 — Pag. 346). A respeito escreveu Gastão Cruls em sua “Amazonia que eu vi”, à pag. 121: “Em certo ponto remansoso do rio, uma porção de peixes que surdiam á tona d’água e ahí ficavam largo tempo de focinho de fóra. Os canoeiros assignalam o facto dizendo que os peixes (são quasi sempre curimatãs) estão de *uaiúu* ou *uaiô*, isto é, estão de beijo inchado e vem respirar fóra d’água. Será que as águas, por muito estagnadas e demais ricas em detritos organicos não lhes forneçam oxygenio indispensavel?”

Uarumázal: bosque de uarumás, planta comum nas terras do Gurupí. Encontramos este vocabulo no seguinte passo do opusculo de Jorge Hurley — “Nos Sertões do Gurupy: “Pelos 6½ da manhã puzemo-nos em marcha abrindo a picada num denso *uarumázal*”.

Uapê: também grafado *uapê*, reunião de plantas aquaticas nos rios da Amazônia, de varias especies de ninfeáceas. À pag. 290 da “A Amazonia Myteriosa” de Gastão Cruls, encontramos o seguinte passo: “A natureza parecia magnetizada aos effluvios do plenilunio e aquella água redonda, dormindo no quiriri (silencio, mudez da natureza á noite), entre a fragrancia dos uapês em flor, era bem o lago Yacyuarú ou Espelho da Lua”.

Uauassuzal: regiões da Amazônia onde se verifica a associação da palmeira uauassú (*orbignia speciosa*, Barb. Rod.). Escreve Adolpho Ducke: “No uauassuzal do Rio Branco encontrei frequentemente e em estado indubitavelmente selvagem o ca-

caueiro verdadeiro que parece ahí atingir o limite oriental de sua distribuição espontanea ao norte do Amazonas" (Rodrigue-sia. Anno I. n.º 1. Pag. 26).

Umbaúbal: também *imbaúbal* (Adolpho Ducke) — bosque de umbaúbas ou imbaúbas (cecropias). "A folhagem pouco densa do umbaúbal que, na frase justa de Huber, é a formação por excellencia dos terrenos de aluvião recentes, pouca sombra produz e permite uma franca iluminação das camadas vegetativas inferiores, nas quais pela primeira vez vão apparecer as essencias florestais propriamente ditas" (Olympio da Fonseca — "Dic. Hist. Geog. e Ethnog. do Brasil, pag. 219).

Umbuzal: também *imbuzal*, bosque de umbuzeiros ou imbuzeiros (Spondias tuberosa, Arruda), anacardiacea admiravel do nordeste, ou, como dizia Euclides da Cunha, a arvore sagrada do sertão. "Socia fiel das rapidas horas felizes e longos dias amareos dos vaqueiros. Representa o mais frizante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais alentado e alto — e veiu descahindo, pouco a pouco, numa intercadencia de estios flammivonos e invernos torrenciais, modificando-se á feição do meio, desinvolvendo, até se preparar para a resistencia e reagindo, por fim, desafiando as seccas duradouras, sustentando-se nas quadras miseraveis mercê da energia vital que economisa nas estações beneficis das reservas guardadas em grande copia nas raizes. E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquelle tracto do sertão, tão estéril que nelle escaseiam os carrahubas tão providencialmente espalhados nos que o convizinham até ao Ceará, estaria despovoado. O umbú é para o desventurado matoto que alli vive o mesmo que a *mauritia* para os garaunos dos llanos. Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelacados parecem de proposito feitos para a armação das rêdes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os fruetos de sabor exquisito para o preparo da *umbuzada* tradicional". (Euclides da Cunha — "Os Sertões" — Pags. 46 e 47). As flores, as folhas e os frutos são forragens superiores para o gado bovino. Conveni não confundir o umbú nordestino com outra arvore do mesmo nome que vicia no sul do país, do Paraná ao Rio Grande, da familia das Fitolacáceas (Fitolaca diodica, L), chamada às vezes, no Paraná — Maria-Mole. É arvore tradicional do Rio Grande do Sul, cantada pelos poetas e prosadores regionalistas. "O velho umbú do paco", eis uma frase toda cheia de evocações para o *naúcho* (Vide o capitulo — O Umbú — entre pags. 177 e 180 do precioso livro do P. C. Teschauer. — "Avifauna e Flora, etc." Ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1925).

Umirizal: bosque de *umiris*, planta meliácea do Brasil (Amazônia). "Pernoitamos no sopé dum cerro á margem direita do

rio Jacaré, afluente do Castanho. Armamos as redes num umirysal" (General Dionisio Cerqueira — "Reminiscencias da Fronteira" Pag. 55).

Urubú: assim se designa, nas regiões diamantíferas de Goiaz "uma pequena mancha negra resultante da cristalização imperfeita do diamante, o que lhe tira quasi o valor. O *urubú* é a fealdade da pedra" (Informação do Prof. Alcide Jubê).

Urumbeva: vocabulo não registado em nenhum dos "Dicionários" de regionalismos que conhecemos. Por intermedio do eminente Dr. Affonso de E. Taunay, tivemos noticia de que a sua significação no oeste de S. Paulo é de individuo papalvo, *credulo, facil de ser enganado, facilmente engrilavel*, isto é, de ser vítima do *grileiro*. Parece que o empregou neste sentido Monteiro Lobato, à pag. 18 da "A Onda Verde", onde se lê: "O *grileiro* é um alchimista. Envelhece panéis, resuscita sellos do Imperio, inventa guias de impostos, crea genealogias, ensina a escrever a velho *urumberas* que morreram analphabatos, embaraça juizes, suborna escrivães e, novo Jehovah, tira a terra do nada". Parece que, por extensão, se emprega com o sentido de *tabareu, caipira*. Tal é o que se deduz dos seguintes trechos do livro de Oliveira e Souza — "Piraquaras" "Os *urumbevas* acharam justíssima a *falação*, enthusiasmaram-se até com a *sabeça do coronel*". "Na curva do algodoad havia um grupo de homens. Rumon para lá. Foi Deus que quiz — disse o *caipira*, lugubre. Helmutz estava morto. Eh, sa Marva! Corage! Essas *peringonça* de familia... Foi os irmão de sa Marva que mataram o coitado... Ella nem dava velo *urumbeva*. Seu espirito vagava muito longe..." (Pags. 24 e 126).

Usina: palavra franceza, definitivamente incorporada ao lexico brasileiro, que nomeia as grandes e aperfeccionadas fabricas de açúcar, antes chamadas *engenhos centrais*, e também os estabelecimentos de industria metalurgica (Usina de cana, Usina de açúcar, Usina de ferro). Refere Nelson de Senna que também se applica a fabricas de aguardente e alcool e a qualquer estabelecimento de beneficiar o café. Quanto ás primeiras o nome comumente usado é *destilaria*. E a respeito da segunda escreveunos Sud Mennucci que as maquinas para beneficio do café nunca se chamaram *usinas* em S. Paulo, nomeando-se simplesmente maquinas de café; *usina* somente se emprega de referencia a fabricas de açúcar, metalurgicas e geradoras de electricidade. Assim também o é na Bahia e Estados vizinhos (Vide *engenho*).

Usineiro: proprietario de *usina* ou *engenho central*, de uso em todos os Estados que fabricam açúcar.

V

Vaivém: vide *pacoca*.

Vala: termo usado em Minas Gerais e no Espírito Santo, designativo do "leito de certos rios, cujas águas secam normalmente em determinada estação do ano, de ordinario de Maio a Setembro". Regista-o Podolpho Garcia.

Vão: termo principalmente usado no planalto goiano para designar depressão ou vale profundo por onde correm os rios, como sejam o vão do Paranan, o vão dos Angicos e outros. O Dr. Arrojado Lisboa, na sua já citada "Conferencia" na Biblioteca Nacional (1913), fala dos vãos do Piauí e diz: "Os rios em geral cortam profundamente os estratos e correm intermináveis em *apertados* ou *vãos*". Entretanto, parece que o sentido proprio da palavra vão, no sul do Piauí, é despenhadeiro em meio dos *taboleiros* tão característicos da morfologia piauíense. Por lá andou em excursão demorada o illustrado botânico Philipp von Luetzelburg que, à pag. 20 do 1.º vol. de seu notavel trabalho, tantas vezes citado, escreve: "Os *taboleiros*, geralmente de arenitos sedimentarios, cahem abruptamente para o interior do Estado, e demonstram com exactidão erosões e formando despenhadeiros que cortam, em grande profundidade, os *taboleiros*, apenas alguns metros de largo e algumas dezenas de metros de profundidade. Nesses despenhadeiros abruptos, se notam diversas cavernas ou furnas, contendo arenitos salitrosos, sal propriamente dito, e camadas sedimentares notaveis... Existencia de sulcos gigantescos em condições identicas constatei tambem na minha tentativa de travessia da serra, ou melhor, Caapada do Bom Jesus do rio Gurgueia, nos *Vãos dos Pimenteiros*, do Calháo e do Faria. E' no sul do Piauby que os taes despenhadeiros são conhecidos sob a denominação de *Vãos*, os quaes, em virtude das innumeraras cavernas ou furnas que nelles existem, têm grande influencia na superstição da população, tornando-se portanto quasi que impossivel conseguir um guia para percorrer aquellas cavernas". E, à pag. 22, acrescenta: "Extensos *manicobacs* existiam nos desfiladeiros íngremes do Vão do Correia, Vão de

S. Lourenço, Vão do Deserto...". O Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, medico higienista das duas Comissões do Planalto Central, escreveu: "Ha uma forma interessante de transição dos chapadões para os valles dos grandes rios, a que o povo, em geral, dá o nome de *vãos*...". "Do alto do Chapadão do Sarandy de cerca de 1200 metros de altitude, entre o Sobradinho e Planaltina, olhando para noroeste ou para o norte, a vista acompanha o *Vão dos Angicos*, em seu aspecto grandioso, em muitas dezenas de kilometros, completamente revestido de *Covóis*, na vertente frondeira ao observador, produzindo á grande distancia em que se olha, impressão identica a de uma superficie rugosa, com symetria na justaposição das saliencias de admiravel uniformidade de altura, inclinações e contornos" (Apud "A Informação Goyana" de Junho de 1927).

Vapor: nome que os *tubaricus* nordestinos dão ao trem de ferro, ao comboio da ferrovia. Registrado no Ceará por Leonardo Motta ("Cantadores". Pag. 389). "A villa regorgitava em festa. Camponicos com os seus trajcs domingoceros, ahí haviam accorrido não somente pela missa lendaria do natal, como tambem pela novidade da chegada do vapor (Alfredo Brandão — "Viçosa de Alagoas". Pag. 117). É mais frequente a expressão *vapor de terra*.

Vapor de terra: expressão do sertanejo para denominar o trem de ferro. "Elle nunca sahira da ribeira, senão para ir ás festas da cidade mais proxima ou ás feiras concorridas das duas ou três pequenas villas e povoações des arredores. Numa dellas vira o trem de ferro, o *vapor-de-terra*. E de quando a quando se surprebendia a si mesmo imaginando como deveria ser o vapor-do-mar, que seus paes já lhe tinham descripto, mas que não podia comprehendper perfeitamente". (Gustavo Barroso — "Mula sem Cabeça". Pag. 15). "Não custou vender uns garrotes e uns alqueires de farinha, tocar para Maranguape e tomar o *vapor-de-terra* até a Capital". (Alberto Rangel — "Inferno Verde" Pag. 61). "A repressão é nesse extenso territorio um problema de facil transporte. É tão manifesta a função social do trem de ferro que o sertanejo confessa: "*Onde chega o vapor do terra desapparecc o cangaço*" (J. Americo de Almeida — "A Parahyba e seus Problemas" Pag. 500).

Vaqueano: o mesmo que *tapejara*; pessoa pratica em guiar os viajantes pelos caminhos, estradas e atalhos de regiões pouco conhecidos, sabendo orientar-se em noites escuras. É termo mais usado nos Estados do sul, embora já se empregue no norte, onde não raro se houve *baqueano*. No Rio Grande do Sul, usa-se tambem o termo *vaqueanaço*, superlativo de *vaqueano*, individuo que conhece muito bem todos os caminhos e lugares (Collage). Figuradamente se emprega no sentido de homem perito, habilitado em qualquer coisa, em qualquer industria ou occupação. Amadeu Amaral, registrando-o, definiu: "individuo

que conhece minuciosamente determinada porção de territorio". E' vocabulo usado nas republicas hispano-americanas e, segundo Beaurepaire-Rohan, vem do radical *baquia*, termo com que os espanhóis designaram, depois da conquista do Mexico, os velhos soldados que nela haviam tomado parte. "Nada que revele alli se acharem, sob alguns pedregulhos amontoados, os restos de quem personifica o nosso Vaqueano, o cortador de palmitos, o pioneiro da penetração do nosso oeste" (Artigo do General Malan na "Revista Militar Brasileira" de Julho a Dezembro de 1926. Pag. 377). "O vaqueano é uma entidade singular, á parte; o proprio gaúcho, o monarcha da coxilha, admira-o; o gaúcho que conhece seus campos nataes como a choça em que nasceu. O vaqueano tem como que uma bussola em si que o anortên; mais que uma bussola; o nauta sulca a superficie lisa dos mares, os escolhos que os emparcelam estão bolsados já nas cartas do roteiro; o vaqueano trilha, salta, nada, abaixa-se, anda a pé, avança recto, obliqua pelas estradas, barrancas, esteiros, fachinaes, fragosidades, estepes, e matas virgens que accidentam sua terra natal; rão tem roteiro a que consulte senão a sua memoria" (Luiz Alves Leite de Oliveira Bello "Os Farrapos" — Pag. 30).

Vaqueijada: termo nordestino, também usado no extremo norte e centro-oeste do Brasil, designativo do acto pelo qual os vaqueiros campeiam (procuram) o gado que se acha espalhado pelos matos em fóra, nas catungas e nos campos, reunindo-o nos *rodeadores*, para daí o levarem para os currais (grandes cercados de pau-a-pique) das fazendas, onde praticam as varias operações da industria pastoril — apartação, fevra, capação, etc. Gustavo Barroso, Pessoa Guerra e Euelydes da Cunha descreveram picturalmente essa grande festa da rude sociedade dos vaqueiros. O ultimo, á pag. 125 d' "Os Sertões", traçou os seguintes trechos cintilantes: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na *vaqueijada*, trabalho que consiste essencialmente no reunir e discriminar depois os gados de diferentes fazendas convizinhas, que por alli vivem em comum, misturados, em um compaseo unico e enorme, sem cercas e sem vallos. Realizam-na de Junho a Julho. Escolhido um lugar mais ou menos central, ás mais das vezes uma varzea complanada e limpa, o *rodeador*, congrega-se a *vaqueirama* das vizinhanças. Concertant nos dispositivos da empreza. Distribuem-se as funções que a cada um caberão na lide. E para logo, irradiantes pela superficie dilatada da arena, arremettom com as catungas que a envolvem os encourados athleticos. O quadro tem a movimentação selvagem e assombrosa de uma corrida de tartaros. Desapparecem em minutos os sertanejos, perdendo-se no mattagal cerrado. O *rodeio* permanece por algum tempo deserto... De repente estruge ao lado um estridulo tropel de cascos sobre pedras, um estrepito de galhos estalando, um estalar de chifres embatendo; tufa nos ares, em novellos, uma nu-

vem de pé; rompe, a subitas, na clareira, embolada, uma ponta de gado; e, logo após, sobre o cavallo que estaca esbarrado, o vaqueiro, teso nos estribos... Traz apenas exigua parte do rebanho. Entrega-a aos companheiros que alli ficam, de estreira; e volve em galope desabalado, renovando a pesquisa. Enquanto outros repontam além, mais outros, successivamente, por toda a banda, por todo o ambito do rodeio, que se anima, e tumultua em disparadas: bois ás marradas ou escavando o chão, cavallos curveteando, confundidos e embaralhados sobre os plaiuos vibrantes num prolongado rumor de terremoto. Aos lados, na cantinga, os menos felizes se agitam ás voltas com os marruãs recalceitrantes. O touro largado ou o garrote vadio em geral refoge á revista. Afunda nas gahadas. Segue-o o vaqueiro. Cose-se-lhe no rastro. Vai com elle ás ultimas bibocas. Não o larga; até que surja o ensejo para um acto decisivo: alcançar repentinamente o fugitivo, de arranco; cahir logo para o lado da sella, suspenso num estribo e uma das mãos presas ás crinas do cavallo; agarrar com a outra a cauda do boi em disparada e com um repellão fortissimo, de banda, derrihal-o pesadamente em terra... Põe-lhe depois a peia ou a mascara de couro, levando-o jugulado ou vendado para o rodeador... Depois, ao findar do dia, a ultima tarefa: centam as cabeças reunidas. Apartam-nas. Separam-se, seguindo cada um para a sua fazenda tangendo por deante as vezes respectivas. E pelas ermos echoam melancolicamente as notas do aboiado... E agora Gustavo Barroso, que mais precisamente conta a nota final da vaqueijada: "Dividido todo o gado, a um signal do cabeça de campo (vaqueiro chefe), os vaqueiros de cada fazenda torem os gados de suas entregas (porção de gado sob a fiscalização de um vaqueiro). Um vai á frente, aboiando. E' o guia. Cercando o gado, quasi na frente, seguem os cabeceiras ou dcanteiras; ao meio, os estceiras; mais atraz os costaneiras, e por fim, na rectagorda, os do couce. E, assim, ao lento e tristonho aboiar do guia, echoando ao longe nas penedias das devêsas, rompe a cabishaixa boiada pelo caminho tortuoso e poento, rumando á fazenda proxima... A toada plangente do aboiar, dizem os vaqueiros, tem a propriedade de humanizar (amansar) o gado, tornando-o triste e scismarento. Ás vezes até lhe escorrem dos grandes olhos baixos e grossos lagrimas vagarosas..."

Vaqueijador: estrada, caminho, trilho aberto nos matos e catingas do nordeste, por onde os vaqueiros conduzem o gado dos pastos nativos para os currais, rodeadores, ou de umas para outras fazendas. A pag. 49 do "O Vaqueiro do Nordeste" de Pessoa Guerra, encontramos: "Deccemos devagar pelo vaqueijador da serra do Macaco e se tinha tomado caminho da Vertente, pela vereda que leva o gado á bebida...". V. Chermont regista este vocabulo como termo marajoára, com o seguinte sentido: "estrada, caminho, passagem, varadoura aberto a bra-

ço atravez qualquer matto que separa duas campinas, ou que medeia entre o campo e a margem de um rio". No interior da Bahia, assim nomeiam a larga picada, aberta para os campos, nas fazendas de criação (Amphilphio de Castro). Com o mesmo sentido no Maranhão.

Vaquirama: também *vaqueirada*, reunião de vaqueiros.

Varação: transporte de embarcações por terra, nos trechos cauchoeirados dos rios. "A varação das canoas, do Rio Feio para o Rio Verde, é feita por esta estrada (A. Taunay — *Le-Nico de Lacunas*)".

Varador: assim se diz no Maranhão o a que chamam na Amazônia *varadouro*. Foi o que nos informou Antonio Lopes, que escreveu: "lugar por onde as canoas *varam* de um igarapé ou lago para outro igarapé muito próximo, empurradas pelo sêo, e braços. Nos campos da baixada maranhense é também empregado para designar caminho curto ou bocaina aberta no matto e comunicando dous campos" (Carta de 26-3-928).

Varadouro: encontramos para este vocabulo um triplice sentido no Brasil. Primeiro, segundo Angra, citado na coletânea de Rodolpho Garcia, é o lugar baixo e de pouca agua, fundo de lodo ou de areia, à borda do mar, onde se abrigam e encaham embarcações, até de grande porte. Na Amazônia, é caminho pelo qual se arrasta a canoa para fugir aos accidentes da corrente (Castão Cruz), ou "veredas ou trechos rapidamente abertos e que têm por objecto passar de um rio para outro em curtissimo tempo". E' o que escreveu Euclides da Cunha no seu "Reiatorio de Reconhecimento do Alto Purús", onde acrescentou: "As vezes encurtam grandes distancias, communicando secções de um mesmo rio. O *varadouro* deve oferecer a vantagem, pelo menos na região que temos andado, de ter o seu declive suave e plano, de modo que permite ao caucheiro trasladar-se com embarcações e carga. Tal succede com o do Cujar. O viajante que o atravessa, passa das aguas do Ucayale para as do Purús, e vice-versa, e continúa navegando na mesma embarcação que passou por este isthmo". V. Chermont ainda consigna a significação, no Pará, de canal que comunica um lago com um rio ou atalho de um rio que, atravessando a varzea submersa, encurta o caminho. Mario Guedes, grande conhecedor da Amazônia, informa que o "varadouro é um caminho aberto no seio da mata ligando com o centro e vice-versa. Os *varadouros* comunicam a *margem dos seringaes* com o centro e vice-versa. São em geral pouco largos, às vezes muito extensos, cortados por igarapés, sobre os quais se constroem pontes de paxiuba. Neles transitam os comboios". Também é esse o sentido em que o empregam em Mato Grosso. No "Esboço da Viagem feita pelo Sr. de Langsdorff, no interior do Brasil, de Setembro de 1825 até Março de 1829", escrito por Hercules Florence (Revista do Museu Paulista — Tomo XVI), lemos à pag.

920: "Era a primeira grande cascata que eu ia ver. Apres-sei-me pois, com outros, a ir desfructar esse espectáculo, cuja belleza nos fôra encarecida. Mettemo-nos por um caminho aberto na matta, no qual havia, de dois em dois passos, troncos roliços atravessados e deixados por nossos predecessores de viagem, afim que as canoas pudessem ser arrastadas por terra, visto como a transposição por agua é impossivel. Chamam-se esses caminhos — *varadouros*".

Varêdas: no "O Sertão" de Carlota Carvalho, encontramos este vocabulo com um sentido todo peculiar, no seguinte trecho em que descreve o rio Mearim do Maranhão: "Começa como todos os outros num brejo de buritizeiros, que se inicia cerca de 4 a 5 kilometros no N. da nascente do rio Farinha, outro brejo de buritizeiros, ladeados de humidas varêdas (areia que mina agua)".

Vareiro: registado por A. Taunay que diz significar o individuo que impole uma canoa a vara. E' o *zingador* dos mato-groscenses. "Semi-nús, tendo apenas entre a cintura e a côxa, um calção de zurte ou de estôpa, molambo que os mendigos recusariam, resto de uma calça ou de um sacco, a musculatura à mostra, o vareiro é o paria solitario e heroico daquellas paragens" (Humberto de Campos — "Memorias Inacabadas").

Varejista: negociante retalhista, que vende a retalho ou por miúdo. Comércio varejista é o comércio a retalho. Registaram-no A. Taunay e Candido de Figueiredo. Ha no Brasil, nas capitais dos seus Estados, varias associações dos negociantes varejistas.

Varejo: nome que, no Brasil, designa o comércio a retalho. Registaram-no como *brasileirismo* A. Taunay em seu "Lexico de Lacunas" e Candido de Figueiredo na 4.^a Ed. do seu abundoso "Dicionario"; aquelle dizendo — venda a retalho e este — transação de mercadorias a varas ou a retalho. Em Portugal, o significado da palavra *varejo* ou *varejadura* é completamente diferente. Todavia, usa-se em Portugal o verbo *varejar* com o sentido de medir às varas (a fazenda) (Caldas Aulete).

Vargedo: em S. Paulo, tem esta palavra o sentido peculiar de vargem ou varzea *extensa*, grande, ampla. Registado por A. Taunay.

Vargins: termo maranhense, empregado por Carlota Carvalho no seu "O Sertão", designativo de extensões de argila em que vicejam, nos *baizões*, ervas tenras e capins". Confirma-o Antonio Lopes, do Instituto de Historia e Geographia do Maranhão.

Varjão: o mesmo que *vargedo*, usado no nordeste. Registado no "Dicionário de Brasileirismos da Academia Brasileira de Letras": "Margeando o rio, os varjões — predilecta vivenda dos cervos que zhi vivem em manadas — são recortados do capões

de matto, restingas e carrasceas, macéguas e quiçôças, nesgas de capim mimoso e extensas banhados que na mór parte, são marchetados de lagoas onde pullulam sucureys e jacarés, de mistura com aves pernaltas e palmipedes de diversas especies (Horacio Nogueira — "Na Trilha do Grillo" Pag. 137).

Varjota: varzea ou vargem pequena. Muito usado na Bahia e Estados vizinhos. "Desceamos o outro lado do cêtro, que dava sobre estreito e alongado valle, despido de arvorêdo, verdadeira varjota alcalifada de junco, orlada de sabiás pequeninas" (Gustavo Barroso. — "Alma Sertaneja". Pag. 15).

Varole: nome que, nos sertões do Paraná e Mato Grosso, dão aos hervais novos que se reservam para futuras colheitas. Refere-o o agrônomo Arruda Camara no seu estudo a respeito da erva mate, publicado no "Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio" de Maio de 1928, pag. 633, registado também no "Vocabulario do Hervateiro" de Romario Martins à pag. 142 de seu precioso "Illex Mate".

Varzea: e as variantes *vargem*, *varge* (mais comuns), *vargoa*, *varia*, palavras todas portuguezas, que designam terra chã, planície, campina cultivada, sentido em que também as empregamos no Brasil. Todavia, têm uma acceção peculiar no nosso país, applicando-se principal e peculiarmente aos terrenos baixos e planos que marginam os rios e ribeirões, em geral de solo aluvial fertilissimo. É precisamente a planície de inundação de um curso dagua, isto é, a parte do vale que a agua das cheias ou crescidas recobre. O fuzarêu do nordeste, intorno Leonardo Motta, só diz *vage*. Luetzelburg fala, em seu livro citado, à pag. 21 do 1.º vol., da região das varzeas da bacia do Gurgucia no Piauí. "Penetramos assim nas regiões das varzeas: baixadas mais ou menos extensas, com bons lenções dagua, compostas de belos grupos com abundante formação dos agrestes, muito apropriada para a cultura dos cereais, especialmente, porém, adequada para o reflorestamento".

Vassoural: terreno em que crescem plantas chamadas *vassouras*. Registado por Teschauer, que, em abono, cita a seguinte frase colhida na "Campanha do Contestado": "No dia seguinte as duas columnas avançaram para o reducto, por entre o espesso *vassoural* que em grande distancia cerca Perdizes". "Ao meio do vargado, lá estava ainda o vestigio: a terra quasi sem vegetação, coberta de *vassoural* ralo, amarellado, pasto de porcos" (Aldo Delfino — "Terras sem dono" — Pag. 20).

Vaticano: vide *gaiola*. Vocabulo que, na Amazônia, tem o sentido peculiar de paquete fluvial de grande porte. A respeito escreveu Raymundo Moraes no seu "Dicionario de Cousas da Amazonia": "Gaiolas de 900 a 1.000 toneladas, construidos na Hollanda, que ao presente traiegam na Amazonia. São os maiores navios fluviaes do momento. Confortaveis, camarotes o ca-

marinhas telados, machinas sobre o convés, tres toldas, bõa mesa, elles representam a projecção sempre ascendente da grande empresa de navegação chamada Companhia do Amazonas. Movidos por duas helices, embora de pouca marcha — oito a nove milhas — poucas embarcações offerecem commodidades iguaes, tão amplos, arejados, limpos se mostram em todos os departamentos. De noite, illuminados á luz electrica, parecem palacios fluctuantes, advindo-lhes certamente dessa impressõ, que deixam, o nome de *Vaticanos*.

Vau: é palavra portugueza, que designa o lugar do rio onde a agua é pouco funda, de sorte que se pode passar a pé ou a cavallo. Aparecem, porém, no sertão do Brasil, certas expressões regionais, como sejam, em Goiaz, as seguintes, que nos foram explicadas pelo Prof. Alcide Juhé: *váu de orelha*, *váu de cauda*, *váu a pés enrutos*. “O *váu de orelha* é a passagem que, através de um rio, só é possível com o animal a nado, dizendo-se de orelha por serem as orelhas as partes mais visiveis do animal quando a nadar; o *váu de cauda* é menos profundo e se diz assim quando o animal atravessando o rio as aguas só atingem a cauda ou até a barriga; o *váu a pés enrutos* é uma variedade dos *váus* para indicar aquele que, facilmente, pode ser atravessado, sem se pisar na agua, isto é, pulando-se de pedra em pedra, quando ellas existem fora do nivel das aguas, o que é muito comum nos arroios e carregos de pequena largura” (Carta de 5-1-930).

Vazanteiro: agricultor de *vazantes*, roceiro que planta nas margens ou leitos secos dos rios, das lagoas, dos açudes. Deles fala Dias Martins no seu livro “A Produção das nossas Terras,” à pag. 65: “Depois da primeira colheita, as sócas do arrozal produzem ainda uma e duas colheitas, o que torna o seu rendimento grande, em relação á área cultivada, como succede nas culturas á margem da lagoa Iguatú, um dos maiores productores de arroz do Estado, (Ceará) com um perimetro de duas e meia leguas, cultivado intensamente por cerca de 200 *vazanteiros*”.

Vazantes: tórmo que, no nordeste, da Bahia ao Piauí e Maranhão, designa os terrenos baixos e humidos, os largos vales ao longo dos rios do interior, as baixas proximas ás aguadas e lagoas em geral, todas as terras baixas e planas, alagadas, temporariamente, quando recebem as aguas das enchentes dos rios. O solo das *vazantes* é constituído por forte camada de areia ou lama endurecida, depositadas pelas enchentes. Na “Memoria sobre a Capitania do Ceará no ano de 1816 escrita pelo Dr. Joao Antonio Rodrigues de Carvalho e dada a lume no vol. XXIV das “Publicações do Archivo Nacional (1929), lemos o seguinte: “Esta falta (a de plantações) he geral, e só pelas margens do Jaguaribe até ao Icó ha algumas plantações de melancias, meloens, aboboras nos lugares que o rio allaga, e deixa nateiros chamados *vazantes*”. Nellas o sertanejo espalha, á medida que

as águas recuam as sementeiras de suas lavouras, geralmente fumo, cana, arroz, milho, aboboras, etc. A respeito desta cultura, diz Arojado Lisboa na sua "Conferencia" citada: "Cultura de *vazante* é cousa que ninguém entende no Sul. A lavoura de *vazante* emprega um processo de rega inteiramente peculiar ao Nordeste e desconhecido em todas as outras partes do mundo. É a cultura que o sertanejo faz no leito dos rios e nas margens dos açudes, á medida que o nível d'água vai baixando, onde se aproveita não só a humidade profunda do terreno, mas ainda o limo fertilisante que fica depositado com o recuo das águas. Os rios correm de tres a cinco mezes no anno. Feito isto, seccam na superficie, mas conservam por bastante tempo um lençol d'água subterranea que caminha, que se escôa, renovando até a agua dos poços e dos talhados. Tambem no açude, quando a agua se retira da superficie, ainda continúa em profundidade mantendo o nivel do reservatorio. Pois é no proprio leito do rio e no fundo do açude que o sertanejo faz a sua cultura de legumes, a sua plantação annual, que deve estar terminada no inverno, antes da descida da corrente ou da subida d'água na represa... A maioria da população é de vaqueiros e de lavradores rudimentares. Estes, mesmo assim, são os unicos que, no Brasil, inventaram um processo racional e scientifico de lavoura, o de *vazante*". Luetzelburg, estudando a botanica nordestina, fala da vegetação das *vazantes*, que define: "vegetação arborea nas baixadas dos valles dos rios ou nos cursos secundarios, ou nas regiões alagadas da zona semi-arida. As arvores são componentes dos agrestes, com viço mais forte, devido á grande humidade subterranea do solo. Neste solo se desenvolve uma rica flora de relva, misturada de cyperaceas, palmeiras rasteiras e plantas ephemeras, provenientes das enchentes, as quaes desaparecem por completo quando as águas terminam". El cita as *vazantes* do Paraguassú, Preto e Femeas, na Bahia, do Gurgueia e Parnaíba, das lagoas Parnagoá e Nazareth no Piauí, a grande *vazante* do rio Piranhas, perto de Sousa, na Paraíba do Norte, e a do baixo rio Paraíba. Fala ainda o notavel naturalista dos *baixios*, como sub-especie das *vazantes*, isto é, *vazantes* cercadas de serras e ao tempo das chuvas reservatorios de águas naturais. Rodolpho Garcia informa que, em Mato Grosso, chamam *vazantes* ao campo alagado pelas águas das chuvas.

Veio do rio: assim se designa, em Goiaz, segundo nos informou o Prof. Alcide Jubé, o meio do rio, a linha mediana de seu leito, o talvegue. Em Portugal e no Brasil, é de uso írequente a expressão *veio d'agua* (registada por Caldas Aulcete), designativo do trecho do álveo fluvial em que a agua corre com mais força. Em Goiaz, segundo acrescenta o mesmo informante, ha a palavra *veiro* para designar o individuo que tem a servidão das águas fluviais que banham as suas propriedades até o meio do rio".

Vento de baixo: termo que, no oeste da Amazônia, designa o vento leste, que sopra da foz do grande rio. A pag. 267 da "A Amazonia Mysterosa" de Gastão Cruls, lemos: "E elle apontava-me a margem fronteira, onde o vento de baixo começava a ziziar entre as franças do matupá". No sertão da Bahia, não raro, assim designam o vento que sopra do sul (Informação local). A. J. de Saupaio em sua "A Flora do Cuminá" refere-se frequentes vezes ao vento de baixo, briza agradável assim chamada pelos canoeiros da região.

Veranico de Janeiro: assim se designa, em Goiaz, o periodo de estiagem de cerca de vinte dias, entre as chuvas de Dezembro e de Fevereiro. Refere-a Arthur Neiva em sua "Viagem Científica pelo norte da Bahia etc." (Memorias citadas), no seguinte passo: "Em Goiaz, chove geralmente de Setembro ou Outubro a Dezembro; deste mês em diante, isto é, em espaço de cerca de vinte dias, na interrupção que dizem nunca faltar e que é conhecida por *veranico de Janeiro*; passado este prazo, chove então copiosamente até Março".

Veredeiro: Aloysio de Carvalho, velho jornalista baiano, na sua apreciação da "Onomastica", publicada na "A Tarde" de 28-12-1927, notou a falta deste termo que, provavelmente, colheu no "O Indigena Brasileiro" de Benedicto Propheta (1926). De feito à pag. 149, lemos: "Certo, o piauiense do sudoeste com o baiano do nordeste, adstritos à zona das *veredas*, atraídos pela generosidade de um tracto de terra singular no resistir ás intempéries climaticas e na exuberância prodigiosa do solo, ali se estabeleceram e se afeioaram, conjugando esforços, congraçando elementos, associando-se em familias, irmanando-se na sorte, vivendo realmente como irmãos, resultando daí um tipo uniforme nos caractéres morais e fisieos que o distinguem e denunciam em toda a parte: — o *veredeiro*, gentilico honroso, sinonimo de trabalhador, fiel e abastado de factos celeiros. Enquanto o ribeirinho se nutre da esperança encarada através da volta do anzol, gastando a maior parte da existencia entre o rio (onde aliás o peixe não falha) e o roçado minuscuro que tambem lhe não nega a raiz da *macaxera* para o repasto frugal e diario, o *veredeiro* vive de amanhar a terra, cavando-a, recavando-a, sulcando-a em leiras, irrigando-a em regatos colcantes, semeando, replantando, recolhendo as messes convertendo as economias na respectiva criação que lhe mantem a relativa independencia, passando assim feliz e contentado".

Verde: nome pelo qual os sertanejos nordestinos e também os de Goiaz (Arthur Neiva), designam a estação das chuvas. A pag. 47 d'"Os Sertões" de Euclides da Cunha, ha o seguinte passo: "... refrendam os *maryseiros* raros — mysteriosas arvores que presagiam a volta das chuvas e das epochas anheladas do *verde* e o termo da *magrem* — quando, em pleno flagellar da secca, lhes porejam na casca resequida dos troncos algumas gottas

d'agua..." No recente volume de Prado Ribeiro — "Vida Sertaneja — Usos e Costumes do Sertão Bahiano" (Bahia, 1927), ha um capitulo intitulado "O Verde", entre as pags. 23 e 26, do qual transcrevemos os seguintes periodos: "A chuva para o sertanejo tem um poder de fascinação, extraordinario. Quando chove todos estão contentes. Parece que ha qualquer coisa de sobrenatural que lhes vem do céu, mandada por Deus. E' o verde, o verde que faz as arvores secas cobrirem-se de folhagem, a terra abrazada cobrir-se de relva, os animaes sedentos saciarem-se nos caldeirões; as aves cantarem cheias de alegria e uma brisa fresca e agradável soprar sobre os campos. Toda gente agora trabalha com ardor e com vontade. E' o inicio da producção animal... E' o verde, o verde que abre, como nas arvores, rebentos novos, nas almas angustiadas. E' o sertão que se enche de flores e de vida, de alegrias e esperanças, reverdecendo os campos e os corações de seus filhos flagellados". Informou-nos Pandiá Calogeras que, em Minas, assim se diz das pastagens que nascem após a queima da manga dos campos e as primeiras aguas: "A boiada espera as verdes para viajar", dir-nos-á um boiadeiro de Sant'Ana do Paranaíba e de Goiaz ou do Triangulo.

Vereda: segundo o Dr. Arrojado Lisboa, este termo é empregado nas regiões centrais do Brasil para designar agrupamento de matas cercadas de campo, com pindaibas e buritis, em tiras pelos cerrados. No nordeste, o sentido é diferente: assignala-o Luetzelburg em seu livro citado, a pags. 32 e 94 do 3.º vol., onde lemos: "regiões providas de maior abundancia d'agua na zona caatingal, entre as montanhas e os valles dos rios, nas quaes a vegetação é uma mistura dos agrestes e da caatinga. As veredas estão localizadas num solo arenoso, alluvial, com relva dura, e grameaceas em tocos; gozam de geral estima entre os sertanejos como pasto precioso para o gado. São característicos das regiões limitrophes dos Estados da Bahia e do Piauhy, especialmente ao sul das lagoas lendarias, entre S. Raymundo Nonato, Bom Jesus do rio Gurgueia e rio S. Francisco". No oeste do Estado da Bahia, entre os rios Preto, Grande e S. Francisco se estendem grandes veredas. No Municipio de Conquista, Estado da Bahia, o povo dá o nome de veredas às planicies que se desenrolam nas bandas do sul (Durval Vieira de Aguiar — Descrições Praticas da Provincia da Bahia — Bahia, 1888. Pag. 198). Benedicto Propheta que, em 1923, fez longa excursão pelos sertões da Bahia, Piauí e Goiaz, à pag. 223 do seu livro "O Indigena Brasileiro", informa que em Goiaz se denomina vereda "uma varzea ao longo da margem de um rio, ou uma clareira em qualquer parte onde haja vegetação rasteira". Em outras partes do sertão do Nordeste não se applica a denominação de veredas, apenas os naturais dos Estados da Bahia e do Piauí adotam este termo, onde muitos lugares e povoações conservam o nome, por exemplo Vereda Grande, Vereda Pequena. No

"Oeste Paranaense" de Figueiredo Lima, à pag. 45, encontramos o uso da expressão de *verêda* ligada à potâmica. Assim no seguinte trecho: "Os habitantes costumam dizer que esses rios de regimen torrencial sobem e descem de *verêda* (de repente, logo após uma chuvarada, rapidamente). Além do significado usual e vernáculo de caminho estreito, senda, que nós empregamos também, em alguns Estados, assim se chama ao caminho de atalho que encurta o tempo de percurso. Talvez daí venha a locução — *de verêda* — que significa logo, imediatamente, depressa. É frequente, no Rio Grande do Sul, a frase: "Vá e volte *de verêda* — isto é, sem demora". Registemos ainda que, em geral, o sertanejo só diz *vareda*. (Vide esta palavra).

Vigilengo: pescadores do Pará que pescam na *vigilenga*, embarcação característica da costa paraense. O nome *vigilenga* vem de Vigia, de onde saíram os primeiros modelos, segundo Raimundo Moraes. "Os *vigilengos* são arroçados e destemidos. Josino Cardoso, ousado tripulante da já hoje histórica "Juruna", salvando da morte os aviadores argentinos Duggau e Olivero, fez obra de heroísmo e ao mesmo passo de solidariedade continental mais relevante do que os protocolos das duas chancelarias sul-americanas". (Araújo Lima — "Amazonia — A Terra e o Homem" Rio — 1933 — Pag. 114). "Os *vigilengos* gozam de justo renome pela pericia e intrepidez com que enfrentam os perigosos mares do Cabo Norte até Cayenna onde pescam sobretudo a *guriúba* para extração do *grude* (Adolpho Ducke — Relatórios na "Rodriguesia" Ano I. N.º 1 — Pag. 61).

Vinagrista: nome dos sequazes de Francisco Vinagre, um dos caudilhos das revoltas que perturbaram a paz no Pará no período regencial, de 1835 a 1837.

Vindouro: registrado por Valdomiro Silveira com o sentido de "pessoa que veio de outra localidade; a que não é natural da povoação e nella se acha de novo" ("Os Caboclos". Pag. 230). "O paiol, o munjolo, as promias senzalas estavam á disposição dos vindouros" (Valdomiro Silveira — "Nas Serras e nas Furnas". Pag. 16).

Viração: (1) além do sentido comum de brisa que sopra, durante o dia, do mar para a terra, tem este vocabulo no sul do país e na parte oriental do planalto sul-brasiliciró, segundo informe que recebemos do Pe. Geraldo Pauwells, professor do Ginasio de Florianopolis, o sentido de cerração que ali ocorre frequentemente, durante o verão, de meio dia em diante. A respeito escreveu o illustre geografo: "É a chamada *viração*, isto é, uma cerração que ocorre, durante o verão principalmente, de tarde pelas 2 às 4 horas. Tão densa é que às vezes desaparece nella o vaqueano que vae adiante do viajor. A sua causa são as correntes aereas verticenis que se originam com a forte insolação dos campos da serra e atraem as nuvens do litoral. Quem a tais horas viaja ao longo da borda do planalto, sente primeiro

soprar um vento frio das bandas do litoral, o qual cresce sempre mais de violencia e afinal obriga a segurar bem o chapéu; em brève assomam na borda do planalto, através dos seus recortes, farrapos de nuvens que avançam rapidamente e mais e mais se avolumam, até envolverem tudo num espesso manto que, às vezes, só uns dez a quinze quilômetros para o interior se dissolve pela evaporação. Não precisa ser provado que esta *viração* é um fenómeno sobre incomodo, também perigoso; pois esconde ao viajante não só a estrada, já em si às vezes difficil de discriminar, senão igualmente os precipícios e pntanos, e é capaz de desorienta-lo completamente; por isso quem é surpreendido pela *viração* e não é bom vaqueano, não tem outro remedio sinão munir-se de paciencia e, parado no lugar em que se acha, esperar pela vitória do sol, mesmo que desta forma não possa alcançar em tempo uma pousada. Conforme informações de moradores, rolaria, às vezes, até o gado pelos *tambés* abaixo, durante a *viração*. O mesmo fenómeno meteorologico, embora menos forte, encontramos nos campos em redor das cabeceiras do rio Negro. (Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul — Anno IX — I e II Trimestres — 1929 — Pag. 283).

Viração (2): além do sentido comum, tanto em Portugal como no Brasil, de vento brando e fresco, mais especialmente — brisa que sopra durante o dia do mar para a terra — tem esta palavra, na Amazônia e em Goiaz, o significado regional de acto de colocar as tartarugas de pernas para o ar, afim de prende-las, e, por extensão, o sitio onde costumam desovar esses grandes quelônios. É o que se diz também — *praia de viração* (vide este termo). Assim é que o vimos empregado num artigo de Escagnolle Doria, publicado na "A Informação Goyana", de Dezembro de 1927, nos seguintes trechos: "Os sitios onde as tartarugas abundam são conhecidos por *virações*. As posturas de Setembro a Outubro de cada anno atraem ás *virações* numerosas canoas pejadas de gente". Também em Alagoas: "Iamos á *viração* das tartarugas, que de tempos em tempos, em dias de lua cheia e epochas previstas pelos pescadores, sobem a praia para a postura" (Hildebrando de Lima — "Marés de Amor", pag. 108).

Virada de rio: assim se designavam, em Minas Gerais, nos rios auríferos, os canais laterais abertos pelos mineradores para desvio do curso normal das aguas, afim de que se pudesse tirar todo o cascalho do leito. Das *viradas de rio*, fala o eminente Pandiá Calogeras, à pag. 114 do 1.º vol. do seu notavel trabalho "As Minas do Brasil e Sua Legislação", de onde transcrevemos os trechos seguintes: "Para augmentar a quantidade de depositos ricos, lembraram-se os mineiros de provocar a sua formação por meio de barragens transversaes no leito, diminuindo a velocidade dos correços e, por conseguinte, sua capacidade de transporte. Por mais que se procurasse melhorá-lo, este processo dentro em breve se mostrou incapaz na lavagem de cascalhos mais

profundos, recobertos por uma camada d'água maior, ou apinhados sob detritos estereis que os mascaravam. Desenvolveu-se então o systema dos canaes lateraes, as *viradas de rio*, pelo qual um açude tosco de troncos de arvores, ramos, pedras o terra represava as aguas, desviando-as para um canal aberto na margem. Enquanto o leito ficava a secco podiam os escravos e mais trabalhadores carregar o cascalho em *carumbés* e amontoal os forõ do alcance das aguas normaes".

Virador: (1) registado e empregado por Cornelio Pires, como sendo o ponto do curso de um rio de onde voltam os canoeiros.

Virador: (2) também *girador*, termo que serve para designar os triangulos de reversão das estradas de ferro, proprios para fazer as locomotivas mudarem de direção em sentido oposto. O nome estendeu-se, com mais razão, aos estrados moveis, que executam a mesma manobra e que estão sendo generalizados em todas as companhias. (Informação de Sud Mennucci, em carta de 2-2-930).

Vira-saias: nome de certo grupo dos bandeireros que, com o apellido geral de *grimpceiros*, infestaram o sertão do rio S. Francisco, praticando toda a sorte de crimes, no tempo da administração de D. Fernando José de Portugal (1788-1800), que os mandou perseguir por tropas rennidas de Minas, S. Paulo e Goiaz. Vimo-lo referido nas "Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia" de Ignacio Accioli, vol. III, pag. 30: "Entre aquelles celerados havia uma secção, distinta pela denominação de *vira-saias*, e a sua principal opposição foi nas immediações da villa de S. José da Carunhanha..." (Ed. Braz. do Amaral). Aos *vira-saias* se refere o Pe. Raphael Galanti, à pag. 376 do Tomo III do seu abundoso "Compendio de Historia do Brasil".

Vizindario: termo gaúcho, designativo de "pessõas da vizinhança, moradores das proximidades de um determinado lugar". Romaguera Corrêa abona-o com a seguinte frase: "E' composto de excellente gente o visindario do nosso districto". "Ao relatar ao visindario do pago a origem de todos aquelles estrupicios, não faltava quem logo lhe aclarasse a razão do succedido". (Roque Callage — "Quêro-Quêro". Fag. 72).

Volta: termo usado principalmente na Amazõnia, mas também ouvido em outros Estados da República, para indicar as curvas, sinuosidades ou meandros dos rios. Conhecem os naturais da Amazõnia as *voltas rapidas* e as *voltas fechadas*. *Rapida* é a *volta* delineada de abrupto, inopinadamente; *fechada* é a *volta* que se fórma com maior desfôgo, envolvendo um istmo não raro muito alongado. Ao mesmo acidente se chama no vizinho Perú — *vuelta*. Os portuguezes chamam — *meandros* ou *ambages* e os espanhóis *meandros* ou *tornos*.

Volta do M.: segundo Rodolpho Garcia que o regista, dá-se este nome às "linhas diagonaes que descreve o rio Doce, no Estado de Minas Geraes, ao despehar-se na cachoeira do Inferno". Conhecemos em Minas as sinuosas corredeiras do M (eme), que formam verdadeira cachoeira, cujo nome vem, segundo Nelson de Senna, da lettra M, regularmente esculpida pela natureza sobre uma grande pedra — o lajão do M, que fica na margem direita do rio Doce. Esta cachoeira está situada entre a cachoeira das Mortes e o cachoeirao de Sant'Anna.

Volteada: termo do Rio Grande do Sul, que tem alguma equivalencia com a *vaquejada* do norte, pois designa o acto de apanhar o gado bravo ou mesmo *alçado* (o que não vai ao *rodeio* e curral); *amentado* do norte). É o conceito de Romaguera Corrêa, confirmado por Beaurepaire-Rohan. Segundo ensina Callage, é empregado no sentido de emboscada, cilada armada numa volta de capão ou mato, e neste sentido vemos-lo grafado à pag. 182 dos "Contos Gauchescos..." de Simões Lopes Netto: "Entre a roça e um braço de banhado, que havia, formava-se uma rincónada mui boa para volteada: e foi nisso que o gury pensou".

Volteador: assim se designa em Goiaz o individuo que tange o gado das boiadas, não o deixando nunca abrir em forma de leque, o que muito prejudica a marcha (Informação do Prof. Alcide Jubé).

Vossoroca: também *bossoroca*, menos frequente, porém mais do accordo com a etimologia, que, segundo Theodoro Sampaio, é tipica de *ibi* — terra e *soroca* — rasgão, a terra rasgada, fendida. Assim chamam, em S. Paulo, aos desmoronamentos produzidos pela escavação das aguas subterraneas ou das aguas pluviais sobre a camada terrosa bastante espessa e permeavel de que é dotada a região campestre do Estado. De tais fossos e abysmos ou desbarrancados, que às vezes atingem a quasi cem metros de profundidade, fala o caudoso botânico Alberto Löffgren, no Boletim N.º 5 da "Comissão Geografica e Geologica" do mesmo Estado. Valdomiro Silveira regista *bossoroca*, que define: "excavação profunda e continuada nos terrenos arenosos.

X

Xangô: o mesmo que *terreiro, candomblé*, termo africano que, segundo ensina Arthur Ramos, dos maiores sabedores de cousas de negros no Brasil, por extensão, designa o local das cerimônias feiticistas em Alagoas e Pernambuco. Primitivamente xangô é um orixá ou santo feiticista que os iorubanos transportaram para o Brasil, entre outros orixás de sua religião.

Xérecê: termo maranhense, designativo, segundo informa Antonio Lopes, de chuva miúda, fina e contínua. É voz onomatópica. (Carta de 18 de Março de 1928).

Xibaro: termo usado no Paraná, segundo lemos num trabalho de Romário Martins, publicado no "Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná", Vol. 3.^o, Fasc. 1.^o, designativo de mestiço resultante do cabaré e do negro.

Xibios: registado por Teschauer, termo de Mato Grosso, que nomeia diamantes pequenos que servem para instrumentos de cortar vidro. Abona-o o notável vocabularista com o seguinte trecho extraído da "Revista Nacional" de S. Paulo: "E sempre nessa posição começa a lhe pedir *xibios* e com tal graça e insistência que ele emocionado cede..." Svlvio Florcal escreve *chibio* — diamante pequeno, registando-o à pag. 264 do seu "O Brasil Trajico": "E proseguem, porque se não encontram grandes pedras, aparecem os *olhos de mosquitos*, os *chibios* e a *suburra* reverberante composta de detritos de diamantes que eles denominam de *fundos*". Aos diamantes pequenos, informa Hermano da Silva (Garimpos de Mato Grosso) chamam *chibio, olho de mosquito e farinha* (Pag. 161).

Xios: vide *screnos*.

Xiririca: termo usado em S. Paulo, que significa *corredeira*, água muito rápida, veloz e sussurrante, de um rio. Equivalente à *corredeira, corrida, carreira* e ao que os hispano-americanos chamam *correntadas* e os russos *porogui*. É termo de origem tupica, significando literalmente *espuma*.

Xixi: também xixizi, termo nordestino, designativo de chuva miúda, fina. Ouvimo-lo muitas vezes no linguajar dos sertanijos do nordeste da Bahia. Regista-o José Americo de Almeida, à pag. 201 de sua apreciada "A Bagaccira": "Chuviscava. Uma chuvinha miúda, conta-gota, antipathica, como toda impertinencia pequenina. O xixi intoleravel". Pereira da Costa registou em Pernambuco xi-xi-xi. E' o a que no Piauí se chama *arença de mulher* e também no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Z

Zagaieiro: assim se chama em Mato Grosso e noutros Estados ao homem que, armado de *zagaia*, acompanha nas caçadas de onças o atirador e o defende. Chama-se *zagaia*, informa o Comandante Pereira da Cunha, em seu livro "Viagens e Caçadas em Mato Grosso", pag. 31, "a uma lança cujo ferro, forte e afiado, regula ter perto de trinta centímetros de comprido sobre oito na maior largura, e cujo cabo, de madeira de lei, bastante grosso, regula dar á lança um comprimento total de cerca de dois metros".

Zamboada: termo muito usado em Mato Grosso, que designa o lugar, no mato, em que se acumulam e enredam galhadas de árvores, paus podres, cipós e lianas, formando moitas cerradas, geralmente procuradas pelos animais silvestres para descanso ou esconderijo. Semelhante ao que, na Bahia, se chama *burara*. Encontramo-lo num "Conto" de Francisco Mendes — "No Pouso" —, publicado na "Revista do Centro Matogrossense de Letras", Anno III, Janeiro a Junho de 1924, n.º 5, à pag. 55: "Eu andava beradiando o rio na esperança de encontrar algum veado deitado por debaixo das *zamboadas*".

Zelação: nome que os sertanejos nordestinos dão ás estrellas cadentes. Afranio Peixoto registou-o nas "Trovas Populares Brasileiras (1919) à pag. 71 — Trova 149.

*Correu no céu, uma estrella;
Deus te salve! zelação!
Corresse eu para os teus braços
Junto do teu coração.*

"Antes de entrar, o Jôca relanceou a vista pelo espaço onde se penduravam as gottas de luz dos astros. Uma estrella correu. Todos a avistaram. Deus te guie, zelação! exclamou a sertaneja e, virando-se para os tres homens: — Fizeram algum voto?" (Gustavo Barroso — "Mula sem Cabeça". Pag. 18). Este mesmo escritor, em nota ao mesmo passo, diz que *zelação* é corruptela sertaneja de *exalação*. De feito, *exalação* é vocabulo português que, às vezes, é empregado no sentido de luz rápida, luz meteorica, conforme regista Fr. Domingos Vieira em

seu "Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa". Os sertanejos dizem, às vezes, *exalação*: confirma-o o próprio Gustavo Barroso, à pag. 380 do "Ao som da Viola", magnífico estudo de folclore nacional, onde vemos eitados os seguintes versos:

*A onça era tão ligcira
Como a luz da exalação!*

Trata-se de uma crendice vulgarizada em todo o Brasil. Osvaldo Orico, em seu precioso "Vocabulário de Crendices Amazonicas" informa a sua existencia na imensa baixada.

Zelis: designação depreciativa dos portugueses: "Seu Zelis, um robusto filho da ilha da Madeira, não se dando bem lá pela sua terra, veio para o Brasil" (A. Pimenta n. 10 de 1901). Registrado por Pereira da Costa.

Zé-povinho: termo, hoje generalizado no Brasil, com o qual se designam as classes inferiores da sociedade. Diz-se também *arraia-múida*, o *povilêu*. Regista-o Teschauer que o acredita com um passo colhido no livro de Ernesto Mattos "Coisas de meu Tempo". Na imprensa diaria é frequente o seu emprego. São de Medeiros e Albuquerque os seguintes periodos: "A "Bagaceira" (romance de José Americo de Almeida) parece ser a onda de retirantes das sêcas. E' a plebe, a ralé, o *zé-povinho* miudo que o flagelo tange dos seus lares e atira pelas estradas, rolando, mendigando agasalho e alimento" (Jornal do Commercio de 25-3-1926).

Zorra: à margem brasileira do Parará, no trecho barrancoso entre a Foz de Iguassú e Porto Guairá que fica acima dos famosos Saltos do Guairá (impropriamente denominados das Sete Quedas), assim se chama a um pequeno carro sobre trilhos, que serve para conduzir pessoas e cargas da beira do rio ao alto da barranca. A ele se refere Arthur J. Pamphiro em seu artigo "Os Saltos do Guairá", publicado na "A Bandeira" (Órgão dos Bandeirantes do Brasil), numero de Janeiro-Fevereiro de 1928: "A barranca em Porto Mendes tem de alto 88 metros. Apresenta-se negra, desnuda, hostil, quasi vertical. Nesse porto como em todos os outros semelhantes para se ir da margem do rio ao alto da barranca foi construido um caminho de ferro, em plano inclinado. Nelle corre um pequeno carro puxado por um cabo movido por um guincho. Por esse vehiculo — a *zorra* — sobem e descem não só passageiros como tambem os saccos de herva. O plano inclinado de Mendes para 88 metros de alto tem 165 metros de desenvolvimento". "Nos portos de menor movimento ha "zorras" puxadas por volantes, á mão; existem tambem bicas que se prestam apenas para o embarque de lenha ou de saccos de matte". (Cesar Martinez — "Sertões do Iguassú". — Pag. 118).

Zumbi: segundo informa Beaurepaire-Rohan, que se arrima em Meira, assim chamam em alguns Estados do norte a um lugar crmo. tristonho, sem meios de comunicação. Candido de Figueiredo registra o nome *zumbi* com a significação de "ente fantástico que, segundo a crença popular, vagueia dentro das casas a horas mortas". repetindo a lição de Beaurepaire-Rohan. Na História do Brasil, é bem conhecido o nome *Zumbi*, título do chefe supremo do famoso *quilombo* das Palmares, em terras do atual Estado de Alagoas. Alfredo Brandão, versando largamente a história desse ajuntamento de negros fugidos, à pag. 27 do seu livro "Viçosa de Alagoas", informa que, nas "Consultas do Conselho Ultramarino e nas Ordens Reaes", o nome *Zumbi* é alterado em *Zuambi*, *Dambi* e *Zombé*". Parece que o nome pessoal desse famigerado chefe de mocambos era *Ganga-Zumba*, que significa Senhor Grande, o qual *Lumbáta* aparece alterado em *Gangassuna*, *Garizumba*.

Zungú: termo do sul do Brasil, que designa uma casa dividida em pequenos compartimentos que se alugam, mediante diminuta paga, à gente baixa e ordinária; é uma espécie de cortiço. É o a que, em Pernambuco e no Pará, chamam *calogi* (Beaurepaire-Rohan). A pag. 218 da "Treva" de Coelho Netto, encontramos empregado este vocabulo, no seguinte trecho: "Melchior carregou o sobrecenho, fitando o grupo estarrecido das negras e irrompeu, de repente, ameaçador, numa voz trovejante: "que mandava passar toda a canalha a relho. Não queria *zungús* em casa..." "A macumba se rezava lá no Mangue no *zungú* da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famosa e cantadeira ao violão" (Mario de Andrade — "Macunaima" — Pag. 88). Também se usa muito no sentido de desordem, conflito mais barulhento do que grave (Pandiá Calogeras).

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 118 — São Paulo, em Agosto de 1939.